OS
SERTÕES
EUCLIDES DA CUNHA
EDIÇÃO CRÍTICA E ORGANIZAÇÃO
Walnice Nogueira Galvão

OS SERTÕES
Campanha de Canudos

OS SERTÕES

SOBRE OS SERTÕES

VARIANTES E COMENTÁRIOS

Euclides da Cunha

OS SERTÕES

Campanha de Canudos

EDIÇÃO CRÍTICA E ORGANIZAÇÃO

Walnice Nogueira Galvão

Dedico esta edição crítica à memória de José Calasans e Oswaldo Galotti
W.N.G.

Não sei se já aí chegaram notícias da *Reforma Orthographica*... (Aí deixo, nestes maiúsculos e nestes *hh*, o meu espanto e a minha intransigência etimológica!) [...] Há ali coisas inviáveis: a exclusão do *y*, tão expressivo na sua forma de âncora a ligar-nos com a civilização antiga, e a eliminação completa do *k*, do hierático *k* (*kapa* como dizemos cabalisticamente na álgebra)... Como poderei eu, rude engenheiro, entender o *quilômetro*, sem o *k*, o empertigado *k*, com as suas duas pernas de infatigável caminhante, a dominar distâncias? *Quilômetro*, recorda-me *kilometro* singularmente esmagado ou reduzido; alguma coisa como um relíssimo decímetro, ou grosseira polegada. Mas decretou a enormidade; e terei, doravante, de submeter-me aos ditames dos mestres.

Euclides da Cunha, carta a Domício da Gama, Rio de Janeiro, 15/08/1907

NOTA PRELIMINAR

Escrito nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante, este livro, que a princípio se resumia à história da campanha de Canudos, perdeu toda a atualidade, remorada a sua publicação em virtude de causas que temos por escusado apontar.

Demos-lhe, por isto, outra feição, tornando apenas variante de assunto geral o tema, a princípio dominante, que o sugeriu.

Intentamos esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil. E fazemo-lo porque a sua instabilidade de complexos de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tornam talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra.

O *jagunço* destemeroso, o *tabaréu* ingênuo e o *caipira* simplório, serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas.

Primeiros efeitos de variados cruzamentos, destinavam-se talvez à formação dos princípios imediatos de uma grande raça. Faltou-lhes, porém, uma situação de parada ou equilíbrio, que lhes não permite mais a velocidade adquirida pela marcha dos povos neste século. Retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo.

A civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável "força motriz da História" que Gumplowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes.

A campanha de Canudos tem por isto a significação inegável de um primeiro assalto, em luta talvez longa. Nem enfraquece o asserto o termo-la realizado nós, filhos do mesmo solo, porque, etnologicamente indefinidos, sem tradições nacionais uniformes, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa, e armados pela indústria alemã – tivemos na ação um papel singular de mercenários inconscientes. Além disto, mal unidos àqueles extraordinários patrícios pelo solo em parte desconhecido, deles de todo nos separa uma coordenada histórica – o tempo.

Aquela campanha lembra um refluxo para o passado.

E foi, na significação integral da palavra, um crime.

Denunciemo-lo.

E tanto quanto o permitir a firmeza do nosso espírito, façamos jus ao admirável conceito de Taine sobre o narrador sincero que encara a História como ela o merece:

... il s'irrite contre les demi-vérités qui sont des demi-faussetés, contre les auteurs qui n'altèrent ni une date, ni une généalogie, mais dénaturent les sentiments et les moeurs, qui gardent le dessin des événements et en changent la couleur, qui copient les faits et défigurent l'âme: il veut sentir en barbare, parmi les barbares, et, parmi les anciens, en ancien.

Euclides da Cunha, São Paulo, 1901

A
T E R R A

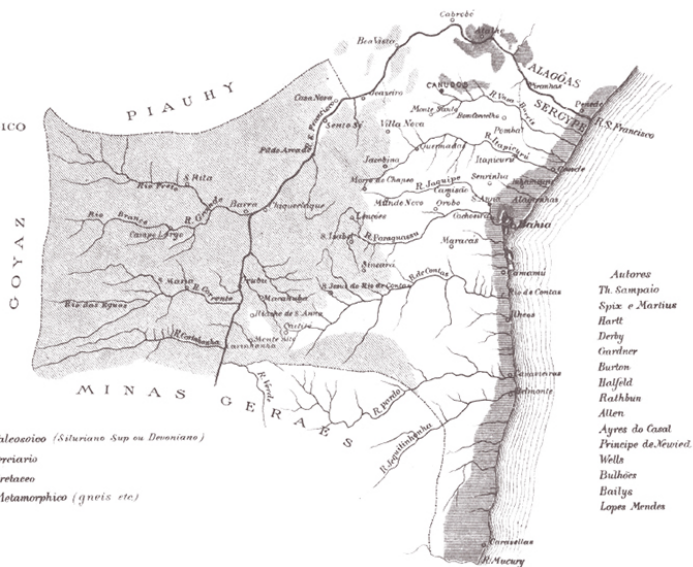
I PRELIMINARES. A entrada do sertão. *Terra ignota*. Em caminho para Monte Santo. Primeiras impressões. Um sonho de geólogo.

II Golpe de vista do alto de Monte Santo. Do alto da Favela.

III O clima. Higrômetros singulares.

IV As secas. Hipóteses sobre a sua gênese. As caatingas.

V Uma categoria geográfica que Hegel não citou. Como se faz um deserto. Como se extingue o deserto. O martírio secular da terra.

Esboço Geologico
PIAUHY
GOYAZ
MINAS GERAES
ALAGÔAS
SERGYPE
CANUDOS
Bahia
R. S. Francisco
Terreno Paleosoico (Siluriano Sup ou Devoniano)
Terreno Terciario
Terreno Cretaceo
Terreno Metamorphico (gneis etc)
Autores
Th. Sampaio
Spix e Martius
Hartt
Derby
Gardner
Burton
Halfeld
Rathbun
Allen
Ayres do Casal
Principe de Newied
Wells
Bulhões
Bailys
Lopes Mendes

I

O planalto central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras marítimas, distendidas do Rio Grande a Minas. Mas ao derivar para as terras setentrionais diminui gradualmente de altitude, ao mesmo tempo que descamba para a costa oriental em andares, ou repetidos socalcos, que o despem da primitiva grandeza afastando-o consideravelmente para o interior.

De sorte que quem o contorna, seguindo para o norte, observa notáveis mudanças de relevos: a princípio o traço contínuo e dominante das montanhas, precintando-o, com destaque saliente, sobre a linha projetante das praias; depois, no segmento de orla marítima entre o Rio de Janeiro e o Espírito Santo, um aparelho litoral revolto, feito da envergadura desarticulada das serras, riçado de cumeadas e corroído de angras, e escancelando-se em baías, e repartindo-se em ilhas, e desagregando-se em recifes desnudos, à maneira de escombros do conflito secular que ali se trava entre os mares e a terra; em seguida, transposto o 15° paralelo, a atenuação de todos os acidentes – serranias que se arredondam e suavizam as linhas dos taludes, fracionadas em morros de encostas indistintas no horizonte que se amplia; até que em plena faixa costeira da Bahia, o olhar, livre dos anteparos de serras que até lá o repulsam e abreviam, se dilata em cheio para o ocidente, mergulhando no âmago da terra amplíssima lentamente emergindo num ondear longínquo de chapadas...

Este *facies* geográfico resume a morfogenia do grande maciço continental.

Demonstra-o análise mais íntima feita por um corte meridiano qualquer, acompanhando a bacia do São Francisco.

Vê-se, de fato, que três formações geognósticas díspares, de idades mal determinadas, aí se substituem, ou se entrelaçam, em estratificações discordantes, formando o predomínio exclusivo de umas, ou a combinação de todas, os traços variáveis da fisionomia da terra. Surgem primeiro as possantes massas gnaissegraníticas, que a partir do extremo sul se encurvam em desmedido anfiteatro, alteando as paisagens admiráveis que tanto encantam e iludem as vistas inexpertas dos forasteiros. A princípio abeiradas do mar progridem em sucessivas cadeias, sem rebentos laterais, até às raias do litoral paulista, feito dilatado muro de arrimo sustentando as formações sedimentárias do interior. A terra sobranceia o oceano, dominante, do fastígio das escarpas; e quem a alcança, como quem vinga a rampa de um majestoso palco, justifica todos os exageros descritivos – do gongorismo de Rocha Pita às extravagâncias geniais de Buckle – que fazem deste país região privilegiada,

onde a natureza armou a sua mais portentosa oficina.

É que, de feito, sob o tríplice aspecto astronômico, topográfico e geológico – nenhuma se afigura tão afeiçoada à Vida.

Transmontadas as serras, sob a linha fulgurante do trópico, veem-se, estirados para o ocidente e norte, extensos chapadões cuja urdidura de camadas horizontais de grés argiloso, intercaladas de emersões calcárias, ou diques de rochas eruptivas básicas, do mesmo passo lhes explica a exuberância sem par e as áreas complanadas e vastas. A terra atrai irresistivelmente o homem, arrebatando-o na própria correnteza dos rios que, do Iguaçu ao Tietê, traçando originalíssima rede hidrográfica, correm da costa para os sertões, como se nascessem nos mares e canalizassem as suas energias eternas para os recessos das matas opulentas. Rasgam facilmente aqueles estratos em traçados uniformes, sem talvegues deprimidos, e dão ao conjunto dos terrenos até além do Paraná a feição de largos plainos ondulados, desmedidos.

Entretanto, para leste a natureza é diversa.

Estereografa-se, duramente, nas placas rígidas dos afloramentos gnáissicos; e o talude dos planaltos dobra-se no socalco da Mantiqueira, onde se encaixa o Paraíba, ou desfaz-se em rebentos que, após apontoarem as alturas de píncaros centralizados pelo Itatiaia, levam até ao âmago de Minas as paisagens alpestres do litoral. Mas ao penetrar-se este estado nota-se, malgrado o tumultuar das serranias, lenta descensão geral para o norte. Como nos altos chapadões de São Paulo e do Paraná, todas as caudais revelam este pendor insensível com derivarem em leitos contorcidos e vencendo, contrafeitas, o antagonismo permanente das montanhas: o rio Grande rompe, rasgando-a com a força viva da corrente, a serra da Canastra, e, norteados pela meridiana, abrem-se adiante os fundos vales de erosão do rio das Velhas e do São Francisco. Ao mesmo tempo, transpostas as sublevações que vão de Barbacena a Ouro Preto, as formações primitivas desaparecem, mesmo nas maiores eminências, e jazem soto-postas a complexas séries de xistos metamórficos, infiltrados de veeiros fartos, nas paragens lendárias do ouro.

A mudança estrutural origina quadros naturais mais imponentes que os da borda marítima. A região continua alpestre. O caráter das rochas, exposto nas abas dos cerros de quartzito, ou nas grimpas em que se empilham as placas do itacolomito avassalando as alturas, aviva todos os acidentes, desde os maciços que vão de Ouro Branco a Sabará, à zona diamantina expandindo-se para nordeste nas chapadas que se desenrolam nivelando-se às cimas da serra do Espinhaço; e esta, apesar da sugestiva denominação de Eschwege, mal sobressai, entre aquelas lombadas definidoras de uma situação dominante. Dali descem, acachoantes, para o levante, tombando em catadupas ou saltando *travessões* sucessivos, todos os rios que do Jequitinhonha ao Doce procuram os terraços inferiores do planalto arrimados à serra dos Aimorés; e volvem águas remansadas para o poente os que se destinam à bacia de captação do São Francisco, em cujo vale, depois de percorridas ao sul as interessantes formações calcárias do rio das Velhas, salpintadas de lagos, solapadas de

sumidouros e ribeirões subterrâneos, onde se abrem as cavernas do homem pré-histórico de Lund, se acentuam outras transições na contextura superficial do solo.

De fato, as camadas anteriores que vimos superpostas às rochas graníticas decaem, por sua vez, soto-pondo-se a outras, mais modernas, de espessos estratos de grés.

Novo horizonte geológico reponta com um traço original e interessante. Mal estudado embora, caracteriza-o notável significação orográfica porque as cordilheiras dominantes do Sul ali se extinguem, soterradas, numa inumação estupenda, pelos possantes estratos mais recentes, que as circundam. A terra, porém, permanece elevada, alongando-se em planuras amplas, ou avultando em falsas montanhas, de denudação, descendo em aclives fortes, mas tendo os dorsos alargados em plainos inscritos num horizonte de nível, apenas apontoado a leste pelos vértices dos albardões distantes, que perlongam a costa.

Verifica-se, assim, a tendência para um aplainamento geral.

Porque neste coincidir das terras altas do interior e a depressão das formações arqueanas, a região montanhosa de Minas se vai prendendo, sem ressaltos, à extensa zona dos *tabuleiros* do Norte.

A serra do Grão-Mogol, raiando as lindes da Bahia, é o primeiro espécimen dessas esplêndidas chapadas imitando cordilheiras, que tanto perturbam aos geógrafos descuidados; e as demais que a convizinham, da do Cabral mais próxima, à da Mata da Corda alongando-se para Goiás, modelam-se de maneira idêntica. Os sulcos de erosão que as retalham são cortes geológicos expressivos. Ostentam em plano vertical, sucedendo-se a partir da base, as mesmas rochas que vimos se substituírem em alongado roteiro pela superfície: embaixo os rebentos graníticos decaídos pelo fundo dos vales, em cômoros esparsos; a meia encosta, inclinadas, as placas xistosas mais recentes; no alto, sobrepujando-as, ou circuitando-lhes os flancos em vales monoclínicos, os lençóis de grés, predominantes e oferecendo aos agentes meteóricos plasticidade admirável aos mais caprichosos modelos. Sem linhas de cumeadas, as maiores serranias nada mais são que planuras altas, extensas rechãs terminando de chofre em encostas abruptas, na molduragem golpeante do regime torrencial sobre o terreno permeável e móvel. Caindo por ali há séculos as fortes enxurradas, derivando a princípio em linhas divagantes de drenagem, foram pouco a pouco reprofundando-as, talhando-as em quebradas que se fizeram *canyons*, e se fizeram vales em declive, até orlarem de escarpamentos e despenhadeiros aqueles plainos soerguidos. E consoante a resistência dos materiais trabalhados variaram nos aspectos: aqui apontam, rijamente, sobre as áreas de nível, os últimos fragmentos das rochas enterradas, desvendando-se em fraguedos que mal relembram, na altura, o antiquíssimo "Himalaia brasileiro", desbarrancado, em desintegração contínua, por todo o curso das idades; adiante, mais caprichosos, se escalonam em alinhamentos incorretos de *menires* colossais, ou em círculos enormes,

recordando na disposição dos grandes blocos superpostos, em rimas, muramentos desmantelados de ciclópicos coliseus em ruínas; ou então, pelos visos das escarpas, oblíquos e sobranceando as planuras que, interopostos, ladeiam, lembram aduelas desconformes, restos da monstruosa abóbada da antiga cordilheira, desabada...

Mas desaparecem de todo em vários pontos.

Estiram-se então planuras vastas. Galgando-as pelos taludes, que as soerguem dando-lhes a aparência exata de tabuleiros suspensos, topam-se, a centenas de metros, extensas áreas ampliando-se, boleadas, pelos quadrantes, numa prolongação indefinida, de mares. É a paragem formosíssima dos *campos gerais*, expandida em chapadões ondulantes – grandes tablados onde campeia a sociedade rude dos *vaqueiros*...

Atravessemo-la.

Adiante, a partir de Monte Alto, estas conformações naturais se bipartem: no rumo firme do norte a série do grés figura-se progredir até ao *platô* arenoso do Açuruá, associando-se ao calcário que aviva as paisagens na orla do grande rio, prendendo-as às linhas dos cerros talhados em diáclase, tão bem expressos no perfil fantástico do Bom Jesus da Lapa; enquanto para nordeste, graças a degradações intensas (porque a serra Geral segue por ali como anteparo aos alísios, condensando-os em diluvianos aguaceiros) se desvendam, ressurgindo, as formações antigas.

Desenterram-se as montanhas.

Reponta a região diamantina, na Bahia, revivendo inteiramente a de Minas, como um desdobramento ou antes um prolongamento, porque é a mesma formação mineira rasgando, afinal, os lençóis de grés, e alteando-se com os mesmos contornos alpestres e perturbados, nos alcantis que irradiam da Tromba ou avultam para o norte nos xistos huronianos das cadeias paralelas de Sincorá.

Deste ponto em diante, porém, o eixo da serra Geral se fragmenta, indefinido. Desfaz-se. A cordilheira eriça-se de contrafortes e talhados de onde saltam, acachoando, em despenhos, para o levante, as nascentes do Paraguaçu, e um dédalo de serranias tortuosas, pouco elevadas mas inúmeras, cruza-se embaralhadamente sobre o largo dos *gerais*, cobrindo-os. Transmuda-se o caráter topográfico, retratando o desapoderado embater dos elementos, que ali reagem há milênios entre montanhas derruídas, e a queda, até então gradativa, dos planaltos, começa a derivar em desnivelamentos consideráveis. Revela-os o São Francisco, no vivo infletir com que torce para o levante, indicando do mesmo passo a transformação geral da região.

Esta é mais deprimida e mais revolta.

Cai para os terraços inferiores, entre um tumultuar de morros, incoerentemente esparsos. Último rebento da serra principal, a da Itiúba reúne-lhe alguns galhos indecisos, fundindo as expansões setentrionais das da Furna, Cocais e Sincorá. Alteia-se um momento, mas descai logo para todos os

rumos: para o norte, originando a corredeira de quatrocentos quilômetros a jusante do Sobradinho; para o sul, em segmentos dispersos que vão até além do Monte Santo; e para leste, passando sob as chapadas de Jeremoabo, até se desvendar no salto prodigioso de Paulo Afonso.

E o observador que seguindo este itinerário deixa as paragens em que se revezam, em contraste belíssimo, a amplitude dos gerais e o fastígio das montanhas, ao atingir aquele ponto estaca surpreendido…

Está sobre um socalco do maciço continental, ao norte.

Demarca-o de uma banda, abrangendo dois quadrantes, em semicírculo, o rio de São Francisco; e de outra, encurvando também para sudeste, numa normal à direção primitiva, o curso flexuoso do Itapicuruaçu. Segundo a mediana, correndo quase paralelo entre aqueles, com o mesmo descambar expressivo para a costa, vê-se o traço de um outro rio, o Vaza-Barris, o *Irapiranga* dos tapuias, cujo trecho de Jeremoabo para as cabeceiras é uma fantasia de cartógrafo. De fato, no estupendo degrau, por onde descem para o mar ou para jusante de Paulo Afonso as rampas esbarrancadas do planalto, não há situações de equilíbrio para uma rede hidrográfica normal. Ali reina a drenagem caótica das torrentes, imprimindo naquele recanto da Bahia *facies* excepcional e selvagem.

Abordando-o, compreende-se que até hoje escasseiem sobre tão grande trato de território, que quase abarcaria a Holanda (9°11'– 10°20' de lat. e 4° – 3°, de long. O.R.J.), notícias exatas ou pormenorizadas. As nossas melhores cartas enfeixando informes escassos, lá têm um claro expressivo, um hiato, *Terra ignota*, em que se aventura o rabisco de um rio problemático ou idealização de uma corda de serras.

É que transpondo o Itapicuru, pelo lado do sul, as mais avançadas turmas de povoadores estacaram em vilarejos minúsculos – Maçacará, Cumbe ou Bom Conselho – entre os quais o decaído Monte Santo tem visos de cidade: transmontada a Itiúba, a sudoeste, disseminaram-se pelos povoados que a abeiram acompanhando insignificantes cursos de água, ou pelas raras fazendas de gado, estremados todos por uma tapera obscura – Uauá; ao norte e a leste pararam às margens do São Francisco, entre Capim Grosso e Santo Antonio da Glória.

Apenas naquele último rumo se avantajou uma vila secular, Jeremoabo, balizando o máximo esforço de penetração em tais lugares, evitados sempre pelas vagas humanas, que vinham do litoral baiano procurando o interior.

Uma ou outra o cortou, rápida, fugindo, sem deixar traços.

Nenhuma lá se fixou. Não se podia fixar. O estranho território, a menos de quarenta léguas da antiga metrópole, predestinava-se a atravessar absolutamente esquecido os quatrocentos anos da nossa história. Porque

enquanto as bandeiras do sul lhe paravam à beira e envesgando, depois, pelos flancos da Itiúba, se lançavam para Pernambuco e Piauí até ao Maranhão, as do levante, repelidas pela barreira intransponível de Paulo Afonso, iam procurar no Paraguaçu e rios que lhe demoram ao sul, linhas de acesso mais praticáveis. Deixavam-no de permeio, inabordável, ignoto.

É que mesmo trilhando o último daqueles rumos, adstritas a itinerário menos longo, as salteava impressionadoramente o aspecto estranho da terra, repontando em transições imprevistas.

Deixando a orla marítima e seguindo em cheio para o ocidente, tinham, transcorridas poucas léguas, amolentada ou desinfluída a atração das *entradas* aventurosas, e extinta a miragem do litoral opulento. Logo a partir de Camaçari as formações antigas cobrem-se de escassas manchas terciárias, alternando com exíguas bacias cretáceas, revestidas do terreno arenoso de Alagoinhas que mal esgarçam, a leste, as emersões calcárias de Inhambupe. A vegetação em roda transmuda-se, copiando estas alternativas com a precisão de um decalque. Rarefazem-se as matas, ou empobrecem. Extinguem-se, por fim, depois de lançarem rebentos esparsos pelo topo das serranias; e estas mesmo, aqui e ali, cada vez mais raras, ilham-se ou avançam em promontório nas planuras desnudas dos campos, onde uma flora característica – arbustos flexuosos entressachados de bromélias rubras – prepondera exclusiva em largas áreas, mal dominada pela vegetação vigorosa irradiante da Pojuca sobre o *massapé* feraz das camadas cretáceas decompostas.

Deste lugar em diante, reaparecem os terrenos terciários esterilizadores, sobre os mais antigos que, entretanto, depois, dominam em toda a zona centralizada em Serrinha. Os morros do Lopes e do Lajedo aprumam-se, à maneira de disformes pirâmides de blocos arredondados e lisos; e os que se sucedem, beirando de um e outro lado as abas das serras da Saúde e da Itiúba, até Vila Nova da Rainha e Juazeiro, copiam-lhes os mesmos contornos das encostas estaladas, exumando a ossatura partida das montanhas.

O observador tem a impressão de seguir torneando a truncadura malgradada da borda de um planalto.

Calca, de fato, estrada três vezes secular, histórica vereda por onde avançavam os rudes sertanistas nas suas excursões para o interior.

Não a alteraram nunca.

Não a variou, mais tarde, a civilização, justapondo aos rastros do *bandeirante* os trilhos de uma via férrea.

Porque o caminho em cuja longura de cem léguas, da Bahia ao Juazeiro, se entroncam numerosíssimos desvios para o poente e para o sul, jamais comportou, a partir de seu trecho médio, variante apreciável para leste e para o norte.

Calcando-o, em demanda do Piauí, Pernambuco, Maranhão e Pará, os povoadores, consoante vários destinos, dividiam-se em Serrinha. E progredindo para Juazeiro, ou volvendo à direita, pela estrada real do Bom

Conselho que desde o século XVII os levava a Santo Antonio da Glória e Pernambuco – uns e outros contorneavam sempre, evitando-a sempre, a paragem sinistra e desolada, subtraindo-se a uma travessia torturante.

De sorte que aquelas duas linhas de penetração, que vão interferir o São Francisco em pontos afastados – Juazeiro e Santo Antonio da Glória – formavam, desde aqueles tempos, as lindes de um deserto.

No entanto quem se abalança a atravessá-lo, partindo de Queimadas para nordeste, não se surpreende a princípio. Recurvo em meandros, o Itapicuru alenta vegetação vivaz; e as barrancas pedregosas do Jacurici debruam-se de pequenas matas. O terreno, areento e chão, permite travessia desafogada e rápida. Aos lados do caminho ondulam tabuleiros rasos. A pedra, aflorando em lajedos horizontais, mal movimenta o solo, esgarçando a tênue capa das areias que o revestem.

Veem-se, porém, depois, lugares que se vão tornando crescentemente áridos.

Varada a estreita faixa de cerrados, que perlongam aquele último rio, está-se em pleno *agreste*, no dizer expressivo dos matutos: arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos de onde irrompem, solitários, *cereus* rígidos e silentes, dando ao conjunto a aparência de uma margem de deserto. E o *facies* daquele sertão inóspito vai-se esboçando, lenta e impressionadoramente...

Galga-se uma ondulação qualquer – e ele se desvenda ou se deixa adivinhar, ao longe, no quadro tristonho de um horizonte monótono em que se esbate, uniforme, sem um traço diversamente colorido, o pardo requeimado das *caatingas*.

Intercorrem ainda paragens menos estéreis, e nos trechos em que se operou a decomposição *in situ* do granito, originando algumas manchas argilosas, as copas virentes dos ouricurizeiros circuitam – parênteses breves abertos na aridez geral – as bordas das *ipueiras*. Estas lagoas mortas, segundo a bela etimologia indígena, demarcam obrigatória escala ao caminhante. Associando-se às cacimbas e *caldeirões*, em que se abre a pedra, são-lhe recurso único na viagem penosíssima. Verdadeiros oásis, têm, contudo, não raro, um aspecto lúgubre: localizadas em depressões, entre colinas nuas, envoltas pelos *mandacarus* despidos e tristes, como espectros de árvores; ou num colo de chapada, recortando-se com destaque no chão poento e pardo, graças à placa verde-negra das algas unicelulares que as revestem.

Algumas denotam um esforço dos filhos do sertão. Encontram-se, orlando-as, erguidos como represas entre as encostas, toscos muramentos de pedra seca. Lembram monumentos de uma sociedade obscura. Patrimônio comum dos que por ali se agitam nas aperturas do clima feroz, vêm, em geral, de

remoto passado. Delinearam-nos os que se afoitaram primeiro com as vicissitudes de uma entrada naquelas bandas. E persistem indestrutíveis, porque o *sertanejo*, por mais escoteiro que siga, jamais deixa de levar uma pedra que calce as suas junturas vacilantes.

Mas transpostos estes pontos – imperfeita cópia das barragens romanas remanescentes na Tunísia, – entra-se outra vez nos areais exsicados. E avançando célere, sobretudo nos trechos em que se sucedem pequenas ondulações todas da mesma forma e do mesmo modo dispostas, o viajante mais rápido tem a sensação da imobilidade. Patenteiam-se-lhe, uniformes, os mesmos quadros, num horizonte invariável que se afasta à medida que ele avança. Raras vezes, como no povoado minúsculo de Cansanção, larga emersão de terreno fértil se recama de vegetação virente.

Despontam vivendas pobres; algumas desertas pela retirada dos vaqueiros que a seca espavoriu; em ruínas, outras; agravando todas, no aspecto paupérrimo, o traço melancólico das paisagens...

Nas cercanias de Quirinquinquá, porém, começa a movimentar-se o solo. O pequeno sítio ali erecto, alevanta-se já sobre alta expansão granítica, e atentando-se para o norte divisa-se região diversa – riçada de vales e serranias, perdendo-se ao longe em grimpas fugitivas. A serra de Monte Santo com um perfil de todo oposto aos redondos contornos que lhe desenhou o ilustre Martius, empina-se, a pique, na frente, em possante dique de quartzito branco, de azulados tons, em relevo sobre a massa gnáissica que constitui toda a base do solo. Dominante sobre a várzea que se estende para sudeste, com a linha de cumeadas quase retilínea, o seu enorme paredão, vincado pelas linhas dos estratos, expostas pela erosão eólia, afigura-se cortina de muralha monumental. Termina em crista altíssima, extremando-lhe o desenvolvimento no rumo de 13° NE, a cavaleiro da vila que se lhe erige no sopé. Centraliza um horizonte vasto. Observa-se, então, que atenuados para o sul e leste, os acidentes predominantes da terra progridem avassalando os quadrantes do norte.

O sítio do Caldeirão, três léguas adiante, ergue-se à margem dessa sublevação metamórfica; e alcançando-o, e transpondo-o, entra-se, afinal, em cheio, no sertão adusto...

É uma paragem impressionadora.

As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos. O regime torrencial dos climas excessivos, sobrevindo, de súbito, depois das insolações demoradas, e embatendo naqueles pendores, expôs há muito, arrebatando-lhes para longe todos os elementos degradados, as séries mais antigas daqueles últimos rebentos das montanhas: todas as variedades cristalinas, e os

quartzitos ásperos, e as *filades* e calcários, revezando-se ou entrelaçando-se, repontando duramente a cada passo, mal cobertos por uma flora tolhiça – dispondo-se em cenários em que ressalta, predominantemente, o aspecto atormentado das paisagens.

Porque o que estas denunciam – no enterroado do chão, no desmantelo dos cerros quase desnudos, no contorcido dos leitos secos dos ribeirões efêmeros, no constrito das gargantas e no quase convulsivo de uma flora decídua embaralhada em esgalhos – é de algum modo o martírio da terra, brutalmente golpeada pelos elementos variáveis, distribuídos por todas as modalidades climáticas. De um lado a extrema secura dos ares, no estio, facilitando pela irradiação noturna a perda instantânea do calor absorvido pelas rochas expostas às soalheiras, impõe-lhes a alternativa de alturas e quedas termométricas repentinas; e daí um jogar de dilatações e contrações que as disjunge, abrindo-as segundo os planos de menor resistência. De outro, as chuvas que fecham, de improviso, os ciclos adurentes das secas, precipitam estas reações demoradas.

As forças que trabalham a terra atacam-na na contextura íntima e na superfície, sem intervalos na ação demolidora, substituindo-se, com intercadência invariável, nas duas estações únicas da região.

Dissociam-na nos verões queimosos; degradam-na nos invernos torrenciais. Vão do desequilíbrio molecular, agindo surdamente, à dinâmica portentosa das tormentas. Ligam-se e completam-se. E consoante o preponderar de uma e outra, ou o entrelaçamento de ambas, modificam-se os aspectos naturais. As mesmas assomadas gnáissicas caprichosamente cindidas em planos quase geométricos, à maneira de silhares, que surgem em numerosos pontos, dando, às vezes, a ilusão de encontrar-se, de repente, naqueles ermos vazios, majestosas ruinarias de castelos – adiante se cercam de fraguedos, em desordem, mal seguros sobre as bases estreitas, em ângulo de queda, incumbentes e instáveis, feito *loggans* oscilantes, ou grandes desmoronamentos de *dólmens*; e mais longe desaparecem sob acervos de blocos, com a imagem perfeita desses “mares de pedra” tão característicos dos lugares onde imperam os regimes excessivos. Pelas abas dos cerros, que tumultuam em roda – restos de velhíssimas chapadas corroídas – se derramam ora em alinhamentos relembrando velhos caminhos de geleiras, ora esparsos a esmo, espessos lastros de seixos e lajens fraturadas, delatando idênticas violências. As arestas dos fragmentos, onde persistem ainda cimentados ao quartzo os cristais de feldspato, são novos atestados desses efeitos físicos e mecânicos que despedaçando as rochas, sem que se decomponham os seus elementos formadores, se avantajaram ao vagar dos agentes químicos em função dos fatos meteorológicos normais.

Deste modo se tem a cada passo, em todos os pontos, um lineamento incisivo de rudeza extrema. Atenuando-o em parte, deparam-se várzeas deprimidas, sedes de antigos lagos, extintos agora em ipueiras apauladas, que demarcam os pousos dos vaqueiros. Recortam-nas, no entanto, abertos em

caixão, os leitos as mais das vezes secos de ribeirões que só se enchem nas breves estações das chuvas. Obstruídos, na maioria, de espessos lastros de blocos entre os quais, fora das enchentes súbitas, defluem tênues fios de água, são uma reprodução completa dos *uedes* que marginam o Saara. Despontam-lhes, em geral normais às barrancas, estratos de um talcoxisto azul-escuro em placas brunidas reverberando a luz em fulgurar metálico – e sobre elas, cobrindo extensas áreas, camadas menos resistentes de argila vermelha, cindidas de veios de quartzo, interceptando-lhes, discordantes, os planos estratigráficos. Estas últimas formações, silurianas talvez, cobrem de todo as demais à medida que se caminha para NE e apropriam-se a contornos mais corretos. Esclarecem a gênese dos tabuleiros rasos, que se desatam, cobertos de uma vegetação resistente, de mangabeiras, até Jeremoabo.

Para o norte, porém, inclinam-se mais fortemente as camadas. Sucedem-se cômoros despidos, de pendores resvalantes, descaindo em quebradas onde enxurram torrentes periódicas, solapando-os; e pelos seus topos divisam-se, alinhadas em fileiras, destacadas em lâminas, as mesmas infiltrações quartzosas, expostas pela decomposição dos xistos em que se embebem.

À luz crua dos dias sertanejos aqueles cerros aspérrimos rebrilham, estonteadoramente – ofuscantes, num irradiar ardentíssimo...

As erosões constantes quebram, porém, a continuidade destes estratos que ademais, noutros pontos, desaparecem sob as formações calcárias. Mas o conjunto pouco se transmuda. A feição ruiniforme destas, casa-se bem à dos outros acidentes. E nos trechos em que elas se estiram, planas, pelo solo, desabrigadas de todo ante a acidez corrosiva dos aguaceiros tempestuosos, crivam-se, escarificadas, de cavidades circulares e acanaladuras fundas, diminutas mas inúmeras, tangenciando-se em quinas de rebordos cortantes, em pontas e duríssimos estrepes que impossibilitam as marchas.

Deste modo, por qualquer vereda, sucedem-se acidentes pouco elevados mas abruptos, pelos quais tornejam os caminhos, quando não se justapõem por muitas léguas aos leitos vazios dos ribeirões esgotados. E por mais inexperto que seja o observador – ao deixar as perspectivas majestosas, que se desdobram ao Sul, trocando-as pelos cenários emocionantes daquela natureza torturada, tem a impressão persistente de calcar o fundo recém-sublevado de um mar extinto, tendo ainda estereotipada naquelas camadas rígidas a agitação das ondas e das voragens...

É uma sugestão empolgante.

Vai-se de boa sombra com um naturalista algo romântico[1] imaginando-se que por ali turbilhonaram, largo tempo, na idade terciária, as vagas e as correntes.

Porque, a despeito da escassez de dados permitindo uma dessas profecias

retrospectivas, no dizer elegante de Huxley, capaz de esboçar a situação daquela zona em idades remotas, todos os caracteres que sumariamos reforçam a concepção aventurosa.

Alentam-na ainda: o estranho desnudamento da terra; os alinhamentos notáveis em que jazem os materiais fraturados, orlando, em verdadeiras curvas de nível, os flancos de serranias; as escarpas dos tabuleiros terminando em taludes a prumo, que recordam falésias; e até certo ponto, os restos da fauna pliocena, que fazem dos caldeirões enormes ossuários de mastodontes, cheios de vértebras desconjuntadas e partidas, como se ali a vida fosse, de chofre, salteada e extinta pelas energias revoltas de um cataclismo.

Há também a presunção derivada de situação anterior, exposta em dados positivos. As pesquisas de Fred. Hartt, de fato, estabelecem, nas terras circunjacentes a Paulo Afonso, a existência de inegáveis bacias cretáceas; e sendo os fósseis que as definem idênticos aos encontrados no Peru e México, e contemporâneos dos que Agassiz descobriu no Panamá – todos estes elementos se acolchetam no deduzir-se que vasto oceano cretáceo rolou as suas ondas sobre as terras fronteiras das duas Américas, ligando o Atlântico ao Pacífico. Cobria, assim, grande parte dos estados setentrionais brasileiros, indo bater contra os terraços superiores dos planaltos, onde extensos depósitos sedimentários, denunciam idade mais antiga, o paleozoico médio.

Então, destacadas das grandes ilhas emergentes, as grimpas mais altas das nossas cordilheiras mal apontavam ao norte, na solidão imensa das águas...

Não existiam os Andes, e o Amazonas, largo canal entre as altiplanuras das Guianas e as do continente, separava-as, ilhadas. Para as bandas do sul o maciço de Goiás – o mais antigo do mundo – segundo a bela dedução de Gerber, o de Minas e parte do planalto paulista, onde fulgurava, em plena atividade, o vulcão de Caldas, constituíam o núcleo do continente futuro...

Porque se operava lentamente uma sublevação geral: as massas graníticas alteavam-se ao norte arrastando o conjunto geral das terras numa rotação vagarosa em torno de um eixo, imaginado por Em. Liais entre os chapadões de Barbacena e a Bolívia. Simultaneamente, ao abrir-se a época terciária, se realiza o fato prodigioso do alevantamento dos Andes; novas terras afloram nas águas; tranca-se, num extremo, o canal amazônico, transmudando-se no maior dos rios; ampliam-se os arquipélagos esparsos, e ganglionam-se em istmos, e fundem-se; arredondam-se, maiores, os contornos das costas; e integra-se, lentamente, a América.

Então os terrenos da extrema setentrional da Bahia, que se resumiam nos cachopos de quartzito de Monte Santo e visos da Itiúba, esparsos pelas águas, avolumaram-se, num ascender contínuo. Mas nesse vagaroso altear-se, enquanto as regiões mais altas, recém-desvendadas, se salpintavam de lagos, toda a parte média daquela escarpa permanecia imersa. Uma corrente impetuosa, de que é forma decaída a atual da nossa costa, enlaçava-a. E embatendo-a longamente, enquanto o resto do país, ao sul, se erigia já constituído, e corroendo-a, e triturando-a, remoinhando para oeste e

arrebatando todos os materiais desagregados, modelava aquele recanto da Bahia até que ele emergisse de todo, seguindo o movimento geral das terras, feito informe amontoado de montanhas derruídas.

O regime desértico ali se firmou, então, em flagrante antagonismo com as disposições geográficas: sobre uma escarpa, onde nada recorda as depressões sem escoamento dos desertos clássicos.

Acredita-se que a região incipiente ainda está preparando-se para a Vida: o líquen ainda ataca a pedra, fecundando a terra. E lutando tenazmente com o flagelar do clima, uma flora de resistência rara por ali entretece a trama das raízes, obstando, em parte, que as torrentes arrebatem todos os princípios exsolvidos – acumulando-os pouco a pouco na conquista da paragem desolada cujos contornos suaviza – sem impedir, contudo, nos estios longos, as insolações inclementes e as águas selvagens, degradando o solo.

Daí a impressão dolorosa que nos domina ao atravessarmos aquele ignoto trecho de sertão – quase um deserto – quer se aperte entre as dobras de serranias nuas ou se estire, monotonamente, em descampados grandes...

II

Do alto da serra de Monte Santo atentando-se para a região, estendida em torno num raio de quinze léguas, nota-se, como num mapa em relevo, a sua conformação orográfica. E vê-se que as cordas de serras ao invés de se alongarem para o nascente, medianas aos traçados do Vaza-Barris e Itapicuru, formando-lhes o *divortium aquarum*, progridem para o norte.

Mostram-no as serras Grande e do Atanásio, correndo, e a princípio distintas, uma para NO e outra para N e fundindo-se na do Acaru, onde abrolham os mananciais intermitentes do Bendegó e seus tributários efêmeros. Unificadas, aliam-se às de Caraíbas e do Lopes e nestas de novo se embebem, formando-se as massas do Cambaio, de onde irradiam as pequenas cadeias do Coxomongó e Calumbi, e para o noroeste os píncaros torreantes do Caipã. Obediente à mesma tendência, a do Aracati, lançando-se a NO, à borda dos tabuleiros de Jeremoabo, progride, descontínua, naquele rumo e, depois de entalhada pelo Vaza-Barris em Cocorobó, inflete para o poente, repartindo-se nas da Canabrava e Poço de Cima, que a prolongam. Todas traçam, afinal, elíptica curva fechada ao sul por um morro, o da Favela, em torno de larga planura ondeante onde se erigia o arraial de Canudos – e daí para o norte de novo se dispersam e descaem até acabarem em chapadas altas à borda do São Francisco.

Deste modo, no ascender para o norte, procurando o chapadão que o Parnaíba escava, aquele talude dos planaltos parece dobrar-se num ressalto, perturbando toda a área de drenagem do São Francisco abaixo da confluência do Patamoté, num traçado de torrentes sem nome, inapreciáveis na mais favorável escala, e impondo ao Vaza-Barris um curso torturoso do qual ele se liberta em Jeremoabo, ao infletir para a costa.

Este é um rio sem afluentes. Falta-lhe conformidade com o declive da terra. Os seus pequenos tributários, o Bendegó e Caraíbas, volvendo águas transitórias, dentro dos leitos rudemente escavados, não traduzem as depressões do solo. Têm a existência fugitiva das estações chuvosas. São, antes, canais de esgotamento, abertos a esmo pelos enxurros – ou correntes velozes que, adstritas aos relevos topográficos mais próximos, estão, não raro, em desarmonia com as disposições orográficas gerais. São rios que sobem. Enchem-se de súbito; transbordam; reprofundam os leitos, anulando o obstáculo do declive geral do solo; rolam por alguns dias para o rio principal; e desaparecem, volvendo ao primitivo aspecto de valos em torcicolos, cheios de pedras, e secos.

O próprio Vaza-Barris, rio sem nascentes em cujo leito viçam gramíneas e pastam os rebanhos, não teria o traçado atual se corrente perene lhe

assegurasse um perfil de equilíbrio, através de esforço contínuo e longo. A sua função como agente geológico é revolucionária. As mais das vezes *cortado*, fracionando-se em gânglios estagnados, ou seco, à maneira de larga estrada poenta e tortuosa, quando cresce, *empanzinado*, nas cheias, captando as águas selvagens que estrepitam nos pendores, volve por algumas semanas águas barrentas e revoltas, extinguindo-se logo em esgotamento completo, vazando, como o indica o dizer português, substituindo-lhe com vantagem a antiga denominação indígena. É uma onda tombando das vertentes da Itiúba, multiplicando a energia da corrente no apertado dos desfiladeiros, e correndo veloz entre barrancos, ou entalada em serras, até Jeremoabo.

Vimos como a natureza, em roda, lhe imita o regime brutal – calcando-o em terreno agro, sem os cenários opulentos das serras e dos tabuleiros ou dos sem-fins das chapadas – mas feito um misto em que tais disposições naturais se baralham, em confusão pasmosa: planícies que de perto revelam séries de cômoros, retalhados de algares; morros que o contraste das várzeas faz de grande altura e estão poucas dezenas de metros sobre o solo, e tabuleiros que em sendo percorridos mostram a acidentação caótica de boqueirões escancelados e brutos. Nada mais dos belos efeitos das denudações lentas, no remodelar os pendores, no desapertar os horizontes e no desatar – amplíssimos – os gerais pelo teso das cordilheiras, dando aos quadros naturais a encantadora grandeza de perspectivas em que o céu e a terra se fundem em difusão longínqua e surpreendedora de cores...

Entretanto, inesperado quadro esperava o viandante que subia, depois desta travessia em que supõe pisar escombros de terremotos, as ondulações mais próximas de Canudos.

Galgava o topo da Favela. Volvia em volta o olhar, para abranger de um lance o conjunto da terra. – E nada mais divisava recordando-lhe os cenários contemplados. Tinha na frente a antítese do que vira. Ali estavam os mesmos acidentes e o mesmo chão, embaixo, fundamente revolto, sob o indumento áspero dos pedregais e caatingas estonadas... Mas a reunião de tantos traços incorretos e duros – arregoados divagantes de algares, sulcos de despenhadeiros, socavas de bocainas, criava-lhe perspectiva inteiramente nova. E quase compreendia que os matutos crendeiros, de imaginativa ingênua, acreditassem que "ali era o céu...".

O arraial, adiante e embaixo, erigia-se no mesmo solo perturbado. Mas vistos daquele ponto, de permeio a distância suavizando-lhes as encostas e aplainando-os – todos os serrotes breves e inúmeros, projetando-se em plano inferior e estendendo-se, uniformes, pelos quadrantes, davam-lhe a ilusão de uma planície ondulante e grande.

Em roda uma elipse majestosa de montanhas...

A Canabrava, a nordeste, de perfil abaulado e simples; a do Poço de Cima, próxima, mais íngreme e alta; a de Cocorobó, no levante, ondulando em seladas, dispersa em esporões; as vertentes retilíneas do Calumbi ao sul; as grimpas do Cambaio, no correr para o poente; e, para o norte, os contornos

agitados do Caipã – ligam-se e articulam-se no infletir gradual traçando, fechada, a curva desmedida.

Vendo ao longe, quase de nível, trancando-lhe o horizonte, aquelas grimpas altaneiras, o observador tinha a impressão alentadora de se achar sobre platô elevadíssimo, páramo incomparável repousando sobre as serras.

Na planície rugada, embaixo, mal se lobrigavam os pequenos cursos d'água, divagando, serpeantes...

Um único se distinguia, o Vaza-Barris. Atravessava-a, torcendo-se em meandros. Presa numa dessas voltas via-se uma depressão maior, circundada de colinas... E atulhando-a, enchendo-a toda de confusos tetos incontáveis, um acervo enorme de casebres...

III

Dos breves apontamentos indicados resulta que os caracteres geológicos e topográficos, a par dos demais agentes físicos, mutuam naqueles lugares as influências características de modo a não se poder afirmar qual o preponderante.

Se, por um lado, as condições genéticas reagem fortemente sobre os últimos, estes, por sua vez, contribuíram para o agravamento daquelas; – e todas persistem nas influências recíprocas. Deste perene conflito feito num círculo vicioso indefinido, ressalta a significação mesológica do local. Não há abrangê-la em todas as modalidades. Escasseiam-nos as observações mais comuns, mercê da proverbial indiferença com que nos volvemos às coisas desta terra, com uma inércia cômoda de mendigos fartos.

Nenhum pioneiro da ciência suportou ainda as agruras daquele rincão sertanejo, em prazo suficiente para o definir.

Martius por lá passou, com a mira essencial de observar o aerólito, que tombara à margem do Bendegó e era já, desde 1810, conhecido nas academias europeias, graças a F. Mornay e Wollaston. Rompendo, porém, a região selvagem, *desertus australis* como a batizou, mal atentou para a terra recamada de uma flora extravagante, *silva horrida* no seu latim alarmado. Os que o antecederam e sucederam, palmilharam, ferretoados da canícula, as mesmas trilhas rápidas, de quem foge. De sorte que sempre evitado, aquele sertão, até hoje desconhecido ainda o será por muito tempo.

O que se segue são vagas conjecturas. Atravessamo-lo no prelúdio de um estio ardente e, vendo-o apenas nessa quadra, vimo-lo sob o pior aspecto. O que escrevemos tem o traço defeituoso dessa impressão isolada, desfavorecida, ademais, por um meio contraposto à serenidade do pensamento, tolhido pelas emoções da guerra. Além disto os dados de um termômetro único e de um aneroide suspeito, misérrimo arsenal científico com que ali lidamos, nem mesmo vagos lineamentos darão de climas que divergem segundo as menores disposições topográficas, criando aspectos díspares entre lugares limítrofes. O de Monte Santo, por exemplo, que é, ao primeiro comparar, muito superior ao de Queimadas, diverge do dos lugares que lhe demoram ao norte, sem a continuidade que era lícito prever de sua situação intermédia. A proximidade das massas montanhosas torna-o estável, lembrando um regime marítimo em pleno continente: escala térmica oscilando em amplitudes insignificantes; firmamento onde a transparência dos ares é completa e a limpidez inalterável: e ventos reinantes, o SE no inverno e o NE no estio – alternando-se com rigorismo raro. Mas está insulado. Para qualquer das bandas, deixa-o o viajante num dia de viagem. Se vai para o norte,

salteiam-no transições fortíssimas: a temperatura aumenta; carrega-se o azul dos céus; embaciam-se os ares: e as ventanias rolam desorientadamente de todos os quadrantes – ante a tiragem intensa dos terrenos desabrigados, que dali por diante se estiram. Ao mesmo tempo espelha-se o regime excessivo: o termômetro oscila em graus disparatados passando, já em outubro, dos dias com 35° à sombra para as madrugadas frias.

No ascender do verão acentua-se o desequilíbrio. – Crescem a um tempo as máximas e as mínimas, até que no fastígio das secas transcorram as horas num intermitir inaturável de dias queimosos e noites enregeladas.

A terra desnuda tendo contrapostas, em permanente conflito, as capacidades emissiva e absorvente dos materiais que a formam, do mesmo passo armazena os ardores das soalheiras e deles se esgota, de improviso. Insola-se e enregela-se, em 24 horas. Fere-a o Sol e ela absorve-lhe os raios, e multiplica-os e reflete-os, e refrata-os, num reverberar ofuscante: pelo topo dos cerros, pelo esbarrancado das encostas, incendeiam-se as acendalhas da sílica fraturada, rebrilhantes, numa trama vibrátil de centelhas; a atmosfera junto ao chão vibra num ondular vivíssimo de bocas de fornalha em que se pressente visível, no expandir das colunas aquecidas, a efervescência dos ares; e o dia, incomparável no fulgor, fulmina a natureza silenciosa, em cujo seio se abate, imóvel, na quietude de um longo espasmo, a galhada sem folhas da flora sucumbida.

Desce a noite, sem crepúsculo, de chofre – um salto da treva por cima de uma franja vermelha do poente – e todo este calor se perde no espaço numa irradiação intensíssima, caindo a temperatura de súbito, numa queda única, assombrosa...

Ocorrem, todavia, variantes cruéis. Propelidas pelo nordeste, espessas nuvens, tufando em cúmulus, pairam ao entardecer sobre as areias incendidas. Desaparece o Sol e a coluna mercurial permanece imóvel, ou, de preferência, sobe. A noite sobrevém em fogo; a terra irradia como um Sol escuro, porque se sente uma dolorosa impressão de faúlhas invisíveis; mas toda a ardência reflui sobre ela, recambiada pelas nuvens. O barômetro cai, como nas proximidades das tormentas; e mal se respira no bochorno inaturável em que toda a adustão golfada pela soalheira se concentra numa hora única da noite.

Por um contraste explicável, este fato jamais sucede nos paroxismos estivais das secas, que prevalece a intercadência de dias esbraseados e noites frigidíssimas, agravando todas as angústias dos martirizados sertanejos.

Copiando o mesmo singular desequilíbrio das forças que trabalham a terra, os ventos ali chegam, em geral, turbilhonando revoltos, em rebojos largos. E, nos meses em que se acentua, o nordeste grava em tudo sinais que lhe recordam o rumo.

Estas agitações dos ares desaparecem, entretanto, por longos meses, reinando calmarias pesadas – ares imóveis sob a placidez luminosa dos dias causticantes. Imperceptíveis exercem-se, então, as correntes ascensionais dos vapores aquecidos sugando à terra a umidade exígua; e quando se prolongam,

esboçando o prelúdio entristecedor da seca, a secura da atmosfera atinge a graus anormalíssimos.

Não a observamos através do rigorismo de processos clássicos, mas graças a higrômetros inesperados e bizarros.

Percorrendo certa vez, nos fins de setembro, as cercanias de Canudos, fugindo à monotonia de um canhoneio frouxo de tiros espaçados e soturnos, encontramos, no descer de uma encosta, anfiteatro irregular, onde as colinas se dispunham circulando um vale único. Pequenos arbustos, icozeiros virentes viçando em tufos intermeados de *palmatórias* de flores rutilantes, davam ao lugar a aparência exata de algum velho jardim em abandono. Ao lado uma árvore única, uma quixabeira alta, sobranceando a vegetação franzina.

O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão e protegido por ela – braços largamente abertos, face volvida para os céus – um soldado descansava.

Descansava... havia três meses.

Morrera no assalto de 18 de julho. A coronha da Mannlicher estrondada, o cinturão e o boné jogados a uma banda, e a farda em tiras, diziam que sucumbira em luta corpo a corpo com adversário possante. Caíra, certo, derreando-se à violenta pancada que lhe sulcara a fronte, manchada de uma

escara preta. E ao enterrar-se, dias depois, os mortos, não fora percebido. Não compartira, por isto, a vala comum de menos de um côvado de fundo em que eram jogados, formando pela última vez juntos, os companheiros abatidos na batalha. O destino que o removera do lar desprotegido fizera-lhe afinal uma concessão: livrara-o da promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante; e deixara-o ali há três meses – braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luares claros, para as estrelas fulgurantes...

E estava intacto. Murchara apenas. Mumificara conservando os traços fisionômicos, de modo a incutir a ilusão exata de um lutador cansado, retemperando-se em tranquilo sono, à sombra daquela árvore benfazeja. Nem um verme – o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria – lhe maculara os tecidos. Volvia ao turbilhão da vida sem decomposição repugnante, numa exaustão imperceptível. Era um aparelho revelando de modo absoluto, mas sugestivo, a secura extrema dos ares.

Os cavalos mortos naquele mesmo dia, semelhavam espécimes empalhados, de museus. O pescoço apenas mais alongado e fino, as pernas ressequidas e o arcabouço engelhado e duro.

À entrada do acampamento, em Canudos, um deles, sobre todos, se destacava impressionadoramente. Fora a montada de um valente, o alferes Wanderley; e abatera-se, morto juntamente com o cavaleiro. Ao resvalar, porém, estrebuchando malferido, pela rampa íngreme, quedou, adiante, a meia encosta, entalado entre fraguedos. Ficou quase em pé, com as patas dianteiras firmes num ressalto da pedra... E ali estacou feito um animal fantástico, aprumado sobre a ladeira, num quase curvetear, no último arremesso da carga paralisada, com todas as aparências de vida, sobretudo quando, ao passarem as rajadas ríspidas do nordeste, se lhe agitavam as longas crinas ondulantes...

Quando aquelas lufadas, caindo a súbitas, se compunham com as colunas ascendentes, em remoinhos turbilhonantes, à maneira de minúsculos ciclones, sentia-se, maior, a exsicação do ambiente adusto: cada partícula de areia suspensa do solo gretado e duro, irradiava em todos os sentidos, feito um foco calorífico, a surda combustão da terra.

Fora disto – nas longas calmarias, fenômenos óticos bizarros.

Do topo da Favela, se a prumo dardejava o Sol e a atmosfera estagnada imobilizava a natureza em torno, atentando-se para os descampados, ao longe, não se distinguia o solo.

O olhar fascinado perturbava-se no desequilíbrio das camadas desigualmente aquecidas, parecendo varar através de um prisma desmedido e intáctil, e não distinguia a base das montanhas, como que suspensas. Então, ao norte da Canabrava, numa enorme expansão dos plainos perturbados, via-se um ondular estonteador; estranho palpitar de vagas longínquas; a ilusão maravilhosa de um seio de mar, largo, irisado, sobre que caísse, e refrangesse, e ressaltasse a luz esparsa em cintilações ofuscantes...

IV

O sertão de Canudos é um índice sumariando a fisiografia dos sertões do Norte. Resume-os, enfeixa os seus aspectos predominantes numa escala reduzida. É-lhes de algum modo uma zona central comum.

De fato, a inflexão peninsular estremada pelo cabo de São Roque, faz que para ele convirjam as lindes interiores de seis estados – Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí – que o tocam ou demoram distantes poucas léguas.

Desse modo é natural que as vicissitudes climáticas daqueles nele se exercitem com a mesma intensidade, nomeadamente em sua manifestação mais incisiva, definida numa palavra que é o terror máximo dos rudes patrícios que por ali se agitam, a seca.

Escusamo-nos de longamente a estudar, averbando o desbarate dos mais robustos espíritos no aprofundar-lhe a gênese, tateantes ao través de sem-número de agentes complexos e fugitivos. Indiquemos, porém, inscrita num traçado de números inflexíveis, esta fatalidade inexorável.

De fato, os seus ciclos – porque o são no rigorismo técnico do termo – abrem-se e encerram-se com um ritmo tão notável, que recordam o desdobramento de uma lei natural, ainda ignorada.

Revelou-o, pela primeira vez, o senador Tomás Pompeu, traçando um quadro por si mesmo bastante eloquente, em que os aparecimentos das secas, no século passado e atual, se defrontam em paralelismo singular, sendo de presumir que ligeiras discrepâncias indiquem apenas defeitos de observação ou desvios na tradição oral que as registrou.

De qualquer modo ressalta à simples contemplação uma coincidência repetida bastante para que se remova a intrusão do acaso.

Assim, para citarmos apenas as maiores, as secas de 1710-1711, 1723-1727, 1736-1737, 1744-1745, 1777-1778, do século XVIII, se justapõem às de 1808-1809, 1824-1825, 1835-1837, 1844-1845, 1877-1879, do atual.

Esta coincidência, espelhando-se quase invariável, como se surgisse do decalque de uma quadra sobre outra, acentua-se ainda na identidade das quadras remansadas e longas que, em ambas, atreguaram a progressão dos estragos.

De fato, sendo, no século passado, o maior interregno de 32 anos (1745--1777), houve no nosso outro absolutamente igual e, o que é sobremaneira notável, com a correspondência exatíssima das datas (1845-1877). Continuando num exame mais íntimo do quadro, destacam-se novos dados fixos e positivos, aparecendo com um rigorismo de incógnitas que se desvendam. Observa-se, então, uma cadência raro perturbada na marcha do

flagelo, intercortado de intervalos pouco díspares entre 9 e 12 anos, e sucedendo-se de maneira a permitirem previsões seguras sobre a sua irrupção.

Entretanto, apesar desta simplicidade extrema nos resultados imediatos, o problema, que se pode traduzir na fórmula aritmética mais simples, permanece insolúvel.

Impressionado pela razão desta progressão raro alterada, e fixando-a um tanto forçadamente em onze anos, um naturalista, o barão de Capanema, teve o pensamento de rastrear nos fatos extraterrestres, tão característicos pelos períodos invioláveis em que se sucedem, a sua origem remota. E encontrou na regularidade com que repontam e se extinguem, intermitentemente, as manchas da fotosfera solar, um símile completo.

De fato, aqueles núcleos obscuros, alguns mais vastos que a Terra, negrejando dentro da cercadura fulgurante das fáculas, lentamente derivando à feição da rotação do Sol, têm, entre o máximo e o mínimo da intensidade, um período que pode variar de nove a doze anos. E como desde muito a intuição genial de Herschel lhes descobrira o influxo apreciável na dosagem de calor emitido para a Terra, a correlação surgia inabalável, neste estear-se em dados geométricos e físicos acolchetando-se num efeito único.

Restava equiparar o mínimo das manchas, anteparo à irradiação do grande astro, ao fastígio das secas no planeta torturado – de modo a patentear, cômpares, os períodos de umas e outras.

Falhou neste ponto, em que pese a sua forma atraentíssima, a teoria planeada: raramente coincidem as datas do paroxismo estival, no Norte, com as daquele.

O malogro desta tentativa, entretanto, denuncia menos a desvalia de uma aproximação imposta rigorosamente por circunstâncias tão notáveis, do que o exclusivismo de atentar-se para uma causa única. Porque a questão, com a complexidade imanente aos fatos concretos, se atém, de preferência, a razões secundárias, mais próximas e enérgicas, e estas, em modalidades progredindo, contínuas, da natureza do solo à disposição geográfica, só serão definitivamente sistematizadas quando extensa série de observações permitir a definição dos agentes preponderantes do clima sertanejo.

Como quer que seja, o penoso regime dos estados do Norte está em função de agentes desordenados e fugitivos, sem leis ainda definidas, sujeitas às perturbações locais, derivadas da natureza da terra, e a reações mais amplas, promanadas das disposições geográficas. Daí as correntes aéreas que o desequilibram e variam.

Determina-o em grande parte, e talvez de modo preponderante, a monção de nordeste, oriunda da forte aspiração dos planaltos interiores que, em vasta superfície alargada até ao Mato Grosso, são, como se sabe, sede de grandes depressões barométricas, no estio. Atraído por estas, o nordeste vivo, ao entrar, de dezembro a março, pelas costas setentrionais, é singularmente favorecido pela própria conformação da terra, na passagem célere por sobre os chapadões desnudos que irradiando intensamente lhe alteiam o ponto de

saturação diminuindo as probabilidades das chuvas, e repelindo-o, de modo a lhe permitir acarretar para os recessos do continente, intacta, sobre os mananciais dos grandes rios, toda a umidade absorvida na travessia dos mares.

De fato, a disposição orográfica dos sertões, à parte ligeiras variantes – cordas de serras que se alinham para nordeste paralelamente à monção reinante – facilita a travessia desta. Canaliza-a. Não a contrabate num antagonismo de encostas, abarreirando-a, alteando-a, provocando-lhe o resfriamento, e a condensação em chuvas.

Um dos motivos das secas repousa, assim, na disposição topográfica.

Falta às terras flageladas do Norte uma alta serrania que, correndo em direção perpendicular àquele vento, determine a *dynamic colding*, consoante um dizer expressivo.

Um fato natural de ordem mais elevada esclarece esta hipótese.

Assim é que as secas aparecem sempre entre duas datas fixadas há muito pela prática dos sertanejos, de 12 de dezembro a 19 de março. Fora de tais limites não há um exemplo único de extinção de secas. Se os atravessam, prolongam-se fatalmente por todo o decorrer do ano, até que se reabra outra vez aquela quadra. Sendo assim e lembrando-nos que é precisamente dentro deste intervalo que a longa faixa das calmas equatoriais, no seu lento oscilar em torno do equador, paira no zênite daqueles estados, levando a borda até aos extremos da Bahia, não poderemos considerá-la, para o caso, com a função de uma montanha ideal que, correndo de leste a oeste e corrigindo momentaneamente lastimável disposição orográfica, se anteponha à monção e lhe provoque a parada, a ascensão das correntes, o resfriamento subsequente e a condensação imediata nos aguaceiros diluvianos que tombam então, de súbito, sobre os sertões?

Este desfiar de conjecturas tem o valor único de indicar quantos fatores remotos podem incidir numa questão que duplamente nos interessa, pelo seu traço superior na ciência, e pelo seu significado mais íntimo no envolver o destino de extenso trato do nosso país. Remove, por isto, a segundo plano o influxo até hoje inutilmente agitado dos alísios, e é de alguma sorte fortalecido pela intuição do próprio sertanejo para quem a persistência do nordeste, – o vento da seca, como o batiza expressivamente – equivale à permanência de uma situação irremediável e crudelíssima.

As quadras benéficas chegam de improviso.

Depois de dois ou três anos, como de 1877-1879, em que a insolação rescalda intensamente as chapadas desnudas, a sua própria intensidade origina um reagente inevitável. Decai afinal, por toda a parte, de modo considerável, a pressão atmosférica. Apruma-se, maior e mais bem definida, a barreira das correntes ascensionais dos ares aquecidos, antepostas às que entram pelo litoral. E entrechocadas umas e outras, num desencadear de tufões violentos, alteiam-se, retalhadas de raios, nublando em minutos o firmamento todo, desfazendo-se logo depois em aguaceiros fortes sobre os desertos recrestados.

Então parece tornar-se visível o anteparo das colunas ascendentes, que determinam o fenômeno, na colisão formidável com o nordeste.

Segundo numerosas testemunhas – as primeiras bátegas despenhadas da altura não atingem a terra. A meio caminho se evaporam entre as camadas referventes que sobem, e volvem, repelidas, às nuvens, para, outra vez condensando-se, precipitarem-se de novo e novamente refluírem; até tocarem o solo que a princípio não umedecem, tornando ainda aos espaços com rapidez maior, numa vaporizacão quase, como se houvessem caído sobre chapas incandescentes; para mais uma vez descerem, numa permuta rápida e contínua, até que se formem, afinal, os primeiros fios de água derivando pelas pedras, as primeiras torrentes em despenhos pelas encostas, afluindo em regatos já avolumados entre as quebradas, concentrando-se tumultuariamente em ribeirões correntosos; adensando-se, estes, em rios barrentos traçados ao acaso, à feição dos declives, em cujas correntezas passam velozmente os esgalhos das árvores arrancadas, rolando todos e arrebentando na mesma onda, no mesmo caos de águas revoltas e escuras...

Se ao assalto subitâneo se sucedem as chuvas regulares, transmudam-se os sertões, revivescendo. Passam, porém, não raro, num giro célere, de ciclone. A drenagem rápida do terreno e a evaporação, que se estabelece logo mais viva, tornam-nos, outra vez, desolados e áridos. E penetrando-lhes a atmosfera ardente, os ventos duplicam a capacidade higrométrica, e vão, dia a dia, absorvendo a umidade exígua da terra – reabrindo o ciclo inflexível das secas...

Então, a travessia das veredas sertanejas é mais exaustiva que a de uma *estepe* nua.

Nesta, ao menos, o viajante tem o desafogo de um horizonte largo e a perspectiva das planuras francas.

Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante...

Embora esta não tenha as espécies reduzidas dos desertos – mimosas tolhiças ou eufórbias ásperas sobre o tapete das gramíneas murchas – e se afigure farta de vegetais distintos, as suas árvores, vistas em conjunto, semelham uma só família de poucos gêneros, quase reduzida a uma espécie invariável, divergindo apenas no tamanho, tendo todas a mesma conformação, a mesma aparência de vegetais morrendo, quase sem troncos, em esgalhos logo ao irromper do chão. É que por um efeito explicável de adaptação às

condições estreitas do meio ingrato, evolvendo penosamente em círculos estreitos, aquelas mesmo que tanto se diversificam nas matas ali se talham por um molde único. Transmudam-se, e em lenta metamorfose vão tendendo para limitadíssimo número de tipos caracterizados pelos atributos dos que possuem maior capacidade de resistência.

Esta impõe-se, tenaz e inflexível.

A luta pela vida que nas florestas se traduz como uma tendência irreprimível para a luz, desatando-se os arbustos em cipós, elásticos, distensos, fugindo ao afogado das sombras e alteando-se presos mais aos raios do Sol do que aos troncos seculares – ali, de todo oposta, é mais obscura, é mais original, é mais comovedora. O Sol é o inimigo que é forçoso evitar, iludir ou combater. E evitando-o pressente-se de algum modo, como o indicaremos adiante, a inumação da flora moribunda, enterrando-se os caules pelo solo. Mas como este, por seu turno, é áspero e duro, exsicado pelas drenagens dos pendores ou esterilizado pela sucção dos estratos completando as insolações, entre dois meios desfavoráveis – espaços candentes e terrenos agros – as plantas mais robustas trazem no aspecto anormalíssimo, impressos, todos os estigmas desta batalha surda.

As leguminosas, altaneiras noutros lugares, ali se tornam anãs. Ao mesmo tempo ampliam o âmbito das frondes, alargando a superfície de contacto com o ar, para a absorção dos escassos elementos nele difundidos. Atrofiam as raízes mestras batendo contra o subsolo impenetrável e substituem-nas pela expansão irradiante das radículas secundárias, ganglionando-as em tubérculos túmidos de seiva. Amiúdam as folhas. Fitam-nas rijamente, duras como cisalhas, à ponta dos galhos para diminuírem o campo da insolação. Revestem de um indumento protetor os frutos, rígidos, às vezes, como estróbilos. Dão-lhes na deiscência perfeita com que as vagens se abrem, estalando como se houvessem molas de aço, admiráveis aparelhos para propagação das sementes, espalhando-as profusamente pelo chão. E têm, todas, sem excetuar uma única, no perfume suavíssimo das flores,[2] anteparos intácteis que nas noites frias sobre elas se alevantam e se arqueiam obstando a que sofram de chofre as quedas de temperatura, tendas invisíveis e encantadoras, resguardando-as...

Assim disposta, a árvore aparelha-se para reagir contra o regime bruto.

Ajusta-se sobre os sertões o cautério das secas; esterilizam-se os ares urentes; empedra-se o chão, gretando, recrestado; ruge o nordeste nos ermos; e, como um cilício dilacerador, a caatinga estende sobre a terra as ramagens de espinhos... Mas, reduzidas todas as funções, a planta, *estivando* em vida latente, alimenta-se das reservas que armazena nas quadras remansadas e rompe os estios, pronta a transfigurar-se entre os deslumbramentos da primavera.

Algumas, em terrenos mais favoráveis, iludem ainda melhor as intempéries, em disposição singularíssima.

Veem-se, numerosos, aglomerados em *caapões* ou salpintando, isolados, as macegas, arbúsculos de pouco mais de um metro de alto, de largas folhas espessas e luzidias, exuberando floração ridente em meio da desolação geral.

São os cajueiros anões, os típicos *anacardium humile* das chapadas áridas, os *cajuís* dos indígenas. Estes vegetais estranhos, quando ablaqueados em roda, mostram raízes que se entranham a surpreendente profundura. Não há desenraizá-los. O eixo descendente aumenta-lhes maior à medida que se escava. Por fim se nota que ele vai repartindo-se em divisões dicotômicas. Progride pela terra dentro até a um caule único e vigoroso, embaixo.

Não são raízes, são galhos. E os pequeninos arbúsculos, esparsos, ou repontando em tufos, abrangendo às vezes largas áreas, uma árvore única e enorme, inteiramente soterrada.

Espancado pelas caniculas, fustigado dos sóis, roído dos enxurros, torturado pelos ventos, o vegetal parece derrear-se aos embates desses elementos antagônicos e abroquelar-se daquele modo, invisível no solo sobre que alevanta apenas os mais altos renovos da fronde majestosa.

Outros, sem esta conformação, se aparelham de outra sorte.

As águas que fogem no volver selvagem das torrentes ou entre as camadas inclinadas dos xistos, ficam retidas, longo tempo, nas espatas das bromélias, aviventando-as. No pino dos verões, um pé de macambira é para o matuto sequioso um copo d'água cristalina e pura. Os *caroás* verdoengos, de flores triunfais e altas; os gravatás e ananases bravos, trançados em touceiras impenetráveis, copiam-lhe a mesma forma, adrede feita àquelas paragens estéreis. As suas folhas ensiformes, lisas e lustrosas, como as da maioria dos vegetais sertanejos, facilitam a condensação dos vapores escassos trazidos pelos ventos, por maneira a debelar-se o perigo máximo à vida vegetativa, resultante de larga evaporação pelas folhas, esgotando e vencendo a absorção pelas radículas.

Sucedem-se outros, diversamente apercebidos, sob novos aprestos, mas igualmente resistentes.

As *nopáleas* e *cactos*, nativas em toda a parte, entram na categoria das fontes vegetais, de Saint-Hilaire. Tipos clássicos da flora desértica, mais resistentes que os demais, quando decaem a seu lado, fulminadas, as árvores todas, persistem inalteráveis ou mais vívidos talvez. Afeiçoaram-se aos regimes bárbaros; repelem os climas benignos em que estiolam e definham. Ao passo que o ambiente em fogo dos desertos parece estimular melhor a circulação da seiva entre os seus cladódios túmidos.

As *favelas*, anônimas ainda na ciência – ignoradas dos sábios, conhecidas demais pelos tabaréus – talvez um futuro gênero *cauterium* das leguminosas, têm, nas folhas de células alongadas em vilosidades, notáveis aprestos de condensação, absorção e defesa. Por um lado, a sua epiderme ao resfriar-se, à noite, muito abaixo da temperatura do ar, provoca, a despeito da secura deste, breves precipitações de orvalho; por outro, a mão que a toca, toca uma chapa incandescente de ardência inaturável.

Ora quando, ao revés das anteriores, as espécies não se mostram tão bem armadas para a reação vitoriosa, observam-se dispositivos porventura mais interessantes; unem-se, intimamente abraçadas, transmudando-se em plantas

sociais. Não podendo revidar isoladas, disciplinam-se, congregam-se, arregimentam-se. São deste número todas as cesalpinas e as *catingueiras*, constituindo, nos trechos em que aparecem, sessenta por cento das caatingas; os *alecrins-dos-tabuleiros*, e os *canudos-de-pito*, heliotrópios arbustivos de caule oco, pintalgado de branco e flores em espigas, destinados a emprestar o nome ao mais lendário dos vilarejos...

Não estão no quadro das plantas sociais brasileiras, de Humboldt, e é possível que as primeiras vicejem, noutros climas, isoladas. Ali se associam. E, estreitamente solidárias as suas raízes, no subsolo, em apertada trama, retêm as águas, retêm as terras que se desagregam, e formam, ao cabo, num longo esforço o solo arável em que nascem, vencendo, pela capilaridade do inextricável tecido de radículas enredadas em malhas numerosas, a sucção insaciável dos estratos e das areias. E vivem. Vivem é o termo – porque há, no fato, um traço superior à passividade da evolução vegetativa...

Têm o mesmo caráter os juazeiros, que raro perdem as folhas de um verde intenso, adrede modeladas às reações vigorosas da luz. Sucedem-se meses e anos ardentes. Empobrece-se inteiramente o solo aspérrimo. Mas, nessas quadras cruéis, em que as soalheiras se agravam, às vezes com os incêndios espontaneamente acesos pelas ventanias atritando rijamente os galhos secos e estonados – sobre o depauperamento geral da vida, em roda, eles agitam as ramagens virentes, alheios às estações, floridos sempre, salpintando o deserto com as flores cor de ouro, álacres, esbatidas no pardo dos restolhos – à maneira de oásis verdejantes e festivos.

A dureza dos elementos cresce, entretanto, em certas quadras, ao ponto de os desnudar: é que se enterroaram há muito os fundos das cacimbas, e os leitos endurecidos das ipueiras mostram, feito enormes carimbos, em moldes, os rastros velhos das boiadas; e o sertão de todo se impropriou à vida.

Então, sobre a natureza-morta, apenas se alteiam os *cereus* esguios e silentes, aprumando os caules circulares repartidos em colunas poliédricas e uniformes, na simetria impecável de enormes candelabros. E avultando ao descer das tardes breves sobre aqueles ermos, quando os abotoam grandes frutos vermelhos destacando-se, nítidos, à meia-luz dos crepúsculos, eles dão a ilusão emocionante de círios enormes, fincados a esmo no solo, espalhados pelas chapadas, e acesos...

Caracterizam a flora caprichosa na plenitude do estio.

Os *mandacarus* (*cereus jaramacaru*) atingindo notável altura, raro aparecendo em grupos, assomando isolados acima da vegetação caótica, são novidade atraente, a princípio. Atuam pelo contraste. Aprumam-se tesos, triunfalmente, enquanto por toda a banda a flora se deprime. O olhar perturbado pelo acomodar-se à contemplação penosa dos acervos de ramalhos estorcidos, descansa e retifica-se percorrendo os seus caules direitos e corretos. No fim de algum tempo, porém, são uma obsessão acabrunhadora. Gravam em tudo monotonia inaturável, sucedendo-se constantes, uniformes, idênticos todos, todos do mesmo porte, igualmente afastados, distribuídos

com uma ordem singular pelo deserto.

Os *xiquexiques* (*cactus peruvianus*) são uma variante de proporções inferiores, fracionando-se em ramos fervilhantes de espinhos, recurvos e rasteiros, recamados de flores alvíssimas. Procuram os lugares ásperos e ardentes. São os vegetais clássicos dos areais queimosos. Aprazem-se no leito abrasante das lajens graníticas feridas pelos sóis.

Têm como sócios inseparáveis neste habitat, que as próprias orquídeas evitam, os *cabeças-de-frade*, deselegantes e monstruosos melocactos de forma elipsoidal, acanalada, de gomos espinescentes, convergindo-lhes no vértice superior formado por uma flor única, intensamente rubra. Aparecem, de modo inexplicável, sobre a pedra nua, dando, realmente, no tamanho, na conformação, no modo por que se espalham, a imagem singular de cabeças decepadas e sanguinolentas jogadas por ali, a esmo, numa desordem trágica. É que estreitíssima frincha lhes permitiu insinuar, através da rocha, a raiz longa e capilar até à parte inferior onde acaso existam, livres de evaporação, uns restos de umidade.

E a vasta família, revestindo todos os aspectos, decai, a pouco e pouco, até os *quipás* reptantes, espinhosos, humílimos, trançados sobre a terra à maneira de espartos de um capacho dilacerador; às ripsálides serpeantes, flexuosas, como víboras verdes pelos ramos, de parceria com os frágeis cactos epífitas, de um glauco empalecido, presos por adligantes aos estípites dos ouricurizeiros, fugindo do solo bárbaro para o remanso da copa da palmeira.

Aqui, ali, outras modalidades: as *palmatórias-do-inferno*, opúncias de palmas diminutas, diabolicamente eriçadas de espinhos, – com o vivo carmim das cochonilhas que alimentam; orladas de flores rutilantes, quebrando alacremente a tristeza solene das paisagens...

E pouco mais especializa quem anda, pelos dias claros, por aqueles ermos, entre árvores sem folhas e sem flores. Toda a flora, como em uma derrubada, se mistura em baralhamento indescritível. É a *caatanduva*, mato doente, da etimologia indígena, dolorosamente caída sobre o seu terrível leito de espinhos!

Vingado um cômoro qualquer, postas em torno as vistas, perturba-as o mesmo cenário desolador: a vegetação agonizante, doente e informe, exausta, num espasmo doloroso...

É a *silva aestu aphylla*, a *silva horrida*, de Martius, abrindo no seio iluminado da natureza tropical um vácuo de deserto.

Compreende-se, então, a verdade da frase paradoxal de Auguste de Saint-Hilaire: “Há, ali, toda a melancolia dos invernos, com um sol ardente e os ardores do verão!”.

A luz crua dos dias longos flameja sobre a terra imóvel e não a anima. Reverberam as infiltrações de quartzo pelos cerros calcários, desordenadamente esparsos pelos ermos, num alvejar de banquisas; e oscilando à ponta dos ramos secos das árvores inteiriçadas, dependuram-se as

tilândsias alvacentas, lembrando flocos esgarçados, de neve, dando ao conjunto o aspecto de uma paisagem glacial, de vegetação hibernante, nos gelos...

Um trecho das caatingas

Mas no empardecer de uma tarde qualquer, de março, rápidas tardes sem crepúsculos, prestes afogadas na noite, as estrelas pela primeira vez cintilam vivamente.

Nuvens volumosas abarreiram ao longe os horizontes, recortando-os em relevos imponentes de montanhas negras.

Sobem vagarosamente; incham, bolhando em lentos e desmesurados rebojos, na altura; enquanto os ventos tumultuam nos plainos, sacudindo e retorcendo as galhadas.

Embruscado em minutos, o firmamento golpeia-se de relâmpagos precípites, sucessivos, sarjando fundamente a imprimadura negra da tormenta. Reboam ruidosamente as trovoadas fortes. As bátegas de chuva tombam, grossas, espaçadamente, sobre o chão, adunando-se logo em aguaceiro diluviano...

E ao tornar da travessia o viajante, pasmo, não vê mais o deserto.

Sobre o solo, que as amarílis atapetam, ressurge triunfalmente a flora tropical.

É uma mutação de apoteose.

Os mulungus rotundos, à borda das cacimbas cheias, estadeiam a púrpura das largas flores vermelhas, sem esperar pelas folhas, as caraíbas e baraúnas altas refrondescem à margem dos ribeirões refertos; ramalham, ressoantes, os marizeiros esgalhados, à passagem das virações suaves; assomam, vivazes, amortecendo as truncaduras das quebradas as quixabeiras de folhas pequeninas e frutos que lembram contas de ônix; mais virentes, adensam-se os icozeiros pelas várzeas, sob o ondular festivo das copas dos *ouricuris*: ondeiam, móveis, avivando a paisagem, acamando-se nos plainos, arredondando as encostas, as moitas floridas do alecrim-dos-tabuleiros, de caules finos e flexíveis; as umburanas perfumam os ares, filtrando-os nas frondes enfolhadas, e – dominando a revivescência geral – não já pela altura senão pelo gracioso do porte, os umbuzeiros alevantam dois metros sobre o chão, irradiantes em círculo, os galhos numerosos.

É a árvore sagrada do sertão. Sócia fiel das rápidas horas felizes e longos dias amargos dos vaqueiros. Representa o mais frisante exemplo de adaptação da flora sertaneja. Foi, talvez, de talhe mais vigoroso e alto – e veio descaindo, pouco a pouco, numa intercadência de estios flamívomos e invernos torrenciais, modificando-se à feição do meio, desinvoluindo, até se preparar para a resistência e reagindo, por fim, desafiando as secas duradouras, sustentando-se nas quadras miseráveis mercê da energia vital que economiza nas estações benéficas, das reservas guardadas em grande cópia nas raízes.

E reparte-as com o homem. Se não existisse o umbuzeiro aquele trato de sertão, tão estéril que nele escasseiam os carnaubais tão providencialmente dispersos nos que o convizinham até ao Ceará, estaria despovoado. O *umbu* é para o infeliz matuto que ali vive o mesmo que a *mauritia*, para os garaúnos dos *llanos*.

Alimenta-o e mitiga-lhe a sede. Abre-lhe o seio acariciador e amigo, onde os ramos recurvos e entrelaçados parecem de propósito feitos para a armação das redes bamboantes. E ao chegarem os tempos felizes dá-lhe os frutos de sabor esquisito para o preparo da *umbuzada* tradicional.

O gado, mesmo nos dias de abastança, cobiça o sumo acidulado das suas folhas. Realça-se-lhe, então, o porte, levantada, em recorte firme, a copa arredondada, num plano perfeito sobre o chão, à altura atingida pelos bois mais altos, ao modo de plantas ornamentais entregues à solicitude de práticos jardineiros. Assim decotadas semelham grandes calotas esféricas. Dominam a flora sertaneja nos tempos felizes, como os cereus melancólicos nos paroxismos estivais.

As juremas, prediletas dos caboclos – o seu *haxixe* capitoso, fornecendo-lhes, grátis, inestimável beberagem, que os revigora depois das caminhadas longas, extinguindo-lhes as fadigas em momentos, feito um filtro mágico – derramam-se em sebes, impenetráveis tranqueiras disfarçadas em folhas diminutas; refrondam os marizeiros raros – misteriosas árvores que pressagiam a volta das chuvas e das épocas aneladas do *verde* e o termo da *magrém* –[3] quando, em pleno flagelar da seca, lhes porejam na casca ressequida

dos troncos algumas gotas d'água; reverdecem os angicos; lourejam os *juás* em moitas; e as baraúnas de flores em cachos, e os araticuns à ourela dos banhados... mas, destacando-se, esparsos pelas chapadas, ou no bolear dos cerros, os umbuzeiros, estrelando flores alvíssimas, abrolhando em folhas, que passam em fugitivos cambiantes de um verde pálido ao róseo vivo dos rebentos novos, atraem melhor o olhar, são a nota mais feliz do cenário deslumbrante.

E o sertão é um paraíso...

Ressurge ao mesmo tempo a fauna resistente das caatingas: disparam pelas baixadas úmidas os caititus esquivos; passam, em varas, pelas tigueras, num estrídulo estrepitar de maxilas percutindo, os queixadas de canela ruiva; correm pelos tabuleiros altos, em bandos, esporeando-se com os ferrões de sob as asas, as emas velocíssimas; e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericoias vibrantes, cantam nos balsedos, à fímbria dos banhados onde vem beber o tapir estacando um momento no seu trote brutal, inflexivelmente retilíneo, pela caatinga, derribando árvores; e as próprias suçuaranas, aterrando os mocós espertos que se aninham aos pares nas luras dos fraguedos, pulam, alegres, nas macegas altas, antes de quedarem nas tocaias traiçoeiras aos veados ariscos ou novilhos desgarrados...

Sucedem-se manhãs sem par, em que o irradiar do levante ao incendido retinge a púrpura das eritrinas e destaca melhor, engrinaldando as umburanas de casca arroxeada, os festões multicores das bignônias. Animam-se os ares numa palpitação de asas, céleres, ruflando. – Sulcam-nos notas de clarins estranhos. Num tumultuar de desencontrados voos passam, em bandos, as pombas bravas que remigram, e rolam as turbas turbulentas das maritacas estridentes... enquanto feliz, deslembrado de mágoas, segue o campeiro pelos *arrastadores*, tangendo a boiada farta, e entoando a cantiga predileta...

Assim se vão os dias.

Passam-se um, dois, seis meses venturosos, derivados da exuberância da terra, até que surdamente, imperceptivelmente, num ritmo maldito, se despeguem, a pouco e pouco, e caiam, as folhas e flores, e a seca se desenhe outra vez nas ramagens mortas das árvores decíduas...

V

Resumamos; enfeixemos estas linhas esparsas.

Hegel delineou três categorias geográficas como elementos fundamentais colaborando com outros no reagir sobre o homem, criando diferenciações étnicas:

As estepes de vegetação tolhiça, ou vastas planícies áridas; os vales férteis, profusamente irrigados; os litorais e as ilhas.

Os *llanos* da Venezuela: as savanas que alargam o vale do Mississippi, as pampas desmedidas e o próprio Atacama desatado sobre os Andes – vasto terraço onde vagueiam dunas – inscrevem-se rigorosamente nos primeiros.

Em que pese aos estios longos, às trombas formidáveis de areia, e ao saltear de súbitas inundações não se incompatibilizam com a vida.

Mas não fixam o homem à terra.

A sua flora rudimentar, de gramíneas e ciperáceas, reviçando vigorosa nas quadras pluviosas, é um incentivo à vida pastoril, às sociedades errantes dos pegureiros, passando móveis, num constante armar e desarmar de tendas, por aqueles plainos – rápidas, dispersas aos primeiros fulgores do verão.

Não atraem. Patenteiam sempre o mesmo cenário de uma monotonia acabrunhadora, com a variante única da cor: um oceano imóvel, sem vagas e sem praias.

Têm a força centrífuga do deserto: repelem; desunem; dispersam. Não se podem ligar à humanidade pelo vínculo nupcial do sulco dos arados. São um isolador étnico como as cordilheiras e o mar, ou as estepes da Mongólia, varejadas, em corridas doudas, pelas catervas turbulentas dos tártaros errabundos.

Aos sertões do Norte, porém, que à primeira vista se lhes equiparam, falta um lugar no quadro do pensador germânico.

Ao atravessá-los no estio, crê-se que entram, de molde, naquela primeira subdivisão; ao atravessá-los no inverno, acredita-se que são parte essencial da segunda.

Barbaramente estéreis; maravilhosamente exuberantes...

Na plenitude das secas são positivamente o deserto. Mas quando estas não se prolongam ao ponto de originarem penosíssimos êxodos, o homem luta como as árvores, com as reservas armazenadas nos dias de abastança e, neste combate feroz, anônimo, terrivelmente obscuro, afogado na solidão das chapadas, a natureza não o abandona de todo. Ampara-o muito além das horas de desesperança, que acompanham o esgotamento das últimas cacimbas.

Ao sobrevir das chuvas, a terra, como vimos, transfigura-se em mutações

fantásticas, contrastando com a desolação anterior. Os vales secos fazem-se rios. Insulam-se os cômoros escalvados, repentinamente verdejantes. A vegetação recama de flores, cobrindo-os, os grotões escancelados, e disfarça a dureza das barrancas, e arredonda em colinas os acervos de blocos disjungidos – de sorte que as chapadas grandes, intermeadas de convales, se ligam em curvas mais suaves aos tabuleiros altos. Cai a temperatura. Com o desaparecer das soalheiras anula-se a secura anormal dos ares. Novos tons na paisagem: a transparência do espaço salienta as linhas mais ligeiras, em todas as variantes da forma e da cor.

Dilatam-se os horizontes. O firmamento, sem o azul carregado dos desertos, alteia-se, mais profundo, ante o expandir revivescente da terra.

E o sertão é um vale fértil. É um pomar vastíssimo, sem dono.

Depois tudo isto se acaba. Voltam os dias torturantes; a atmosfera asfixiadora; o empedramento do solo; a nudez da flora; e nas ocasiões em que os estios se ligam sem a intermitência das chuvas – o espasmo assombrador da seca.

A natureza compraz-se em um jogo de antíteses.

Eles impõem por isto uma divisão especial naquele quadro. A mais interessante e expressiva de todas – posta, como mediadora, entre os vales nimiamente férteis e os estepes mais áridos.

Relegando a outras páginas a sua significação como fator de diferenciação étnica, vejamos o seu papel na economia da terra.

A natureza não cria normalmente os desertos. Combate-os, repulsa-os. Desdobram-se, lacunas inexplicáveis, às vezes sob as linhas astronômicas definidoras da exuberância máxima da vida. Expressos no tipo clássico do Saara – que é um termo genérico da região maninha dilatada do Atlântico ao Índico, entrando pelo Egito e pela Síria, assumindo todos os aspectos da enorme depressão africana ao platô arábico ardentíssimo de Nedjed e avançando daí para as areias dos *bejabãs*, na Pérsia – são tão ilógicos que o maior dos naturalistas lobrigou a gênese daquele na ação tumultuária de um cataclismo, uma irrupção do Atlântico, precipitando-se, águas revoltas, num irresistível remoinhar de correntes, sobre o norte da África e desnudando-a furiosamente.

Esta explicação de Humboldt, embora se erija apenas como hipótese brilhante, tem um significado superior.

Extinta a preponderância do calor central e normalizados os climas, do extremo norte e do extremo sul, a partir dos polos inabitáveis, a existência vegetativa progride para a linha equinocial. Sob esta ficam as zonas exuberantes por excelência, onde os arbustos de outras se fazem árvores e o regime, oscilando em duas estações únicas, determina uniformidade favorável à evolução dos organismos simples, presos diretamente às variações do meio. A fatalidade astronômica da inclinação da eclíptica, que coloca a Terra em condições biológicas inferiores às de outros planetas, mal se percebe nas

paragens onde uma montanha única sintetiza, do sopé às cumeadas, todos os climas do mundo.

Entretanto, por elas passa, interferindo a fronteira ideal dos hemisférios, o equador termal, de traçado perturbadíssimo de inflexões vivas, partindo-se nos pontos singulares em que a vida é impossível; passando dos desertos às florestas, do Saara, que o repuxa para o norte, à Índia opulentíssima, depois de tangenciar a ponta meridional da Arábia paupérrima; varando o Pacífico num longo traço – rarefeito colar de ilhas desertas e escalvadas – e abeirando, depois, em lento descambar para o sul, a *Hylaea* portentosa do Amazonas.

Da extrema aridez à exuberância extrema...

É que a morfologia da Terra viola as leis gerais dos climas. Mas todas as vezes que o *facies* geográfico não as combate de todo, a natureza reage. Em luta surda, cujos efeitos fogem ao próprio raio dos ciclos históricos, mas emocionante, para quem consegue lobrigá-la ao través dos séculos sem conto, entorpecida sempre pelos agentes adversos, mas tenaz, incoercível, num evolver seguro, a Terra, como um organismo, se transmuda por intuscepção, indiferente aos elementos que lhe tumultuam a face.

De sorte que se as largas depressões eternamente condenadas, a exemplo da Austrália, permanecem estéreis, se anulam, noutros pontos, os desertos.

A própria temperatura abrasada, acaba por lhes dar um mínimo de pressão atraindo o afluxo das chuvas; e as areias móveis, riscadas pelos ventos, negando largo tempo a pega à planta mais humilde, imobilizam-se, a pouco e pouco, presas nas radículas das gramíneas; o chão ingrato e a rocha estéril, decaem sob a ação imperceptível dos liquens, que preparam a vinda das lecídeas frágeis; e por fim, os platôs desnudos, *llanos* e pampas de vegetação escassa, as savanas e os estepes mais vivazes da Ásia Central, surgem, num crescendo, refletindo sucessivas fases de transfigurações maravilhosas.

Ora, os sertões do Norte, a despeito de uma esterilidade menor, contrapostos a este critério natural, figuram talvez o ponto singular de uma evolução regressiva.

Imaginamo-los há pouco, numa retrospecção em que, certo, a fantasia se insurgiu contra a gravidade da ciência, a emergirem, geologicamente modernos, de um vasto mar terciário.

À parte essa hipótese absolutamente instável, porém, o certo é que um complexo de circunstâncias lhes tem dificultado regime contínuo, favorecendo flora mais vivaz.

Esboçamos anteriormente algumas.

Esquecemo-nos, todavia, de um agente geológico notável – o homem.

Este, de fato, não raro reage brutalmente sobre a terra e entre nós, nomeadamente, assumiu, em todo o decorrer da História, o papel de um terrível fazedor de desertos.

Começou isto por um desastroso legado indígena.

Na agricultura primitiva dos selvícolas era instrumento fundamental – o

fogo.

Entalhadas as árvores pelos cortantes *djis* de diorito; encoivarados, depois de secos, os ramos, alastravam-lhes por cima, crepitando, as *caiçaras*, em bulcão de fumo, tangidas pelos ventos. Inscreviam, depois, nas cercas de troncos combustos das caiçaras, a área em cinzas onde fora a mata exuberante. Cultivavam-na. Renovavam o mesmo processo na estação seguinte, até que, de todo exaurida aquela mancha de terra fosse, imprestável, abandonada em *caapuera* – mato extinto – como o denuncia a etimologia tupi, jazendo dali por diante irremediavelmente estéril porque, por uma circunstância digna de nota, as famílias vegetais que surgiam subsecutivamente no terreno calcinado, eram sempre de tipos arbustivos enfezados, de todo distintos dos da selva primitiva. O aborígine prosseguia abrindo novas roças, novas derrubadas, novas queimas, alargando o círculo dos estragos em novas caapueras, que ainda uma vez deixava para formar outras noutros pontos, aparecendo maninhas, num evolver enfezado, inaptas para reagir com os elementos exteriores, agravando, à medida que se ampliavam, os rigores do próprio clima que as flagelava, e entretecidas de carrascais, afogadas em macegas, espelhando aqui o aspecto adoentado da caatanduva sinistra, além a braveza convulsiva da caatinga brancacenta.

Veio depois o colonizador e copiou o mesmo proceder. Engravesceu-o ainda com o adotar, exclusivo, no centro do país, fora da estreita faixa dos canaviais da costa, o regime francamente pastoril.

Abriram-se desde o alvorecer do século XVII, nos sertões abusivamente sesmados, enormíssimos campos, compáscuos sem divisas, estendendo-se pelas chapadas em fora.

Abria-os, de idêntico modo, o fogo livremente aceso, sem aceiros, avassalando largos espaços, solto nas lufadas violentas do nordeste. Aliou-se-lhe ao mesmo tempo o sertanista ganancioso e bravo, em busca do selvícola e do ouro. Afogado nos recessos de uma flora estupenda que lhe escurentava as vistas e sombreava perigosamente as tocaias do tapuia e as tocas do canguçu temido, dilacerou-a golpeando-a de chamas, para desafogar os horizontes e destacar bem perceptíveis, tufando nos descampados limpos, as montanhas que o norteavam, balizando a marcha das bandeiras.

Atacou a fundo a terra, escarificando-a nas explorações a céu aberto; esterilizou-a com os lastros das grupiaras; feriu-a a pontaços de alvião; degradou-a corroendo-a com as águas selvagens das torrentes; e deixou, aqui, ali, em toda a parte, para sempre estéreis, avermelhando nos ermos com o intenso colorido das argilas revolvidas, onde não medra a planta mais exígua, as grandes *catas*, vazias e tristonhas, com a sua feição sugestiva de imensas cidades mortas, derruídas...

Ora estas selvatiquezas atravessaram toda a nossa história. Ainda em meados deste século, no atestar de velhos habitantes das povoações ribeirinhas do São Francisco, os exploradores que em 1830 avançaram, a partir da margem esquerda daquele rio, carregando em vasilhas de couro

indispensáveis provisões de água, tinham, na frente, alumiando-lhes a rota, abrindo-lhes a estrada e devastando a terra, o mesmo batedor sinistro, o incêndio. Durante meses seguidos viram, eles, no poente, entrando pelas noites dentro, o reflexo rubro das queimadas.

Imaginem-se os resultados de semelhante processo aplicado, sem variantes, no decorrer de séculos...

Previu-os o próprio governo colonial. Desde 1713 sucessivos decretos visaram opor-lhes paradeiros. E ao terminar a seca lendária de 1791--1792, a *grande seca*, como dizem ainda os velhos sertanejos, que sacrificou todo o Norte, da Bahia ao Ceará, o governo da metrópole figura-se tê-la atribuído aos inconvenientes apontados estabelecendo desde logo, como corretivo único, severa proibição ao corte das florestas.

Esta preocupação dominou-o por muito tempo. Mostram-no-lo as cartas régias de 17 de março de 1796, nomeando um juiz conservador das matas; e a 11 de junho de 1799, decretando que "se coíba a indiscreta e desordenada ambição dos habitantes (da Bahia e Pernambuco) que têm assolado a ferro e fogo preciosas matas... que tanto abundavam e já hoje ficam a distâncias consideráveis, etc.".

Aí estão dizeres preciosos relativos diretamente à região que palidamente descrevemos.

Há outros, cômpares na eloquência.

Deletreando-se antigos roteiros dos sertanistas do Norte, destemerosos catingueiros que pleiteavam parelhas com os bandeirantes do Sul, nota-se a cada passo uma alusão incisiva à bruteza das paragens que atravessavam, perquirindo as chapadas, em busca das "minas de prata" de Melchior Moreia – e passando quase todos à margem do sertão de Canudos, com escala em Monte Santo, então o *Piquaraçá* dos tapuias. E falam nos "campos frios (certamente à noite, pela irradiação intensa do solo desabrigado) cortando léguas de caatinga sem água nem caravatá que a tivesse e com raízes de umbu e mandacaru, remediando a gente" no penoso desbravar das veredas.[4]

Já nessa época, como se vê, tinham função proverbial, as plantas, para as quais, hoje, apelam os nossos sertanejos.

É que o mal é antigo. Colaborando com os elementos meteorológicos, com o nordeste, com a sucção dos estratos, com as canículas, com a erosão eólia, com as tempestades subitâneas – o homem fez-se uma componente nefasta entre as forças daquele clima demolidor. Se o não criou, transmudou-o, agravando-o. Deu um auxiliar à degradação das tormentas, o machado do catingueiro; um supletivo à insolação, a queimada.

Fez, talvez, o deserto. Mas pode extingui-lo ainda, corrigindo o passado. E a tarefa não é insuperável. Di-lo uma comparação histórica.

Quem atravessa as planícies elevadas da Tunísia, entre Beja e Bizerta, à ourela do Saara, encontra ainda, no desembocar dos vales, atravessando normalmente o curso caprichoso e em torcicolos dos uedes, restos de antigas construções romanas. Velhos muradais derruídos, embrechados de silhares e blocos rolados, cobertos em parte pelos detritos de enxurros de vinte séculos, aqueles legados dos grandes colonizadores delatam a um tempo a sua atividade inteligente e o desleixo bárbaro dos árabes que os substituíram.

Os romanos depois da tarefa da destruição de Cartago, tinham posto ombros à empresa incomparavelmente mais séria de vencer a natureza antagonista. E ali deixaram belíssimo traço de sua expansão histórica.

Perceberam com segurança o vício original da região, estéril menos pela escassez das chuvas do que pela sua péssima distribuição adstrita aos relevos topográficos. Corrigiram-no. O regime torrencial que ali aparece, intensíssimo em certas quadras, determinando alturas pluviométricas maiores que as de outros países férteis e exuberantes, era, como nos sertões do nosso país, além de inútil, nefasto. Caía sobre a terra desabrigada, desarraigando a vegetação mal presa a um solo endurecido; turbilhonava por algumas semanas nos regatos transbordantes, alagando as planícies; e desaparecia logo, derivando em escarpamentos, pelo norte e pelo levante, no Mediterrâneo, deixando o solo, depois de uma revivescência transitória, mais desnudo e estéril. O deserto, ao sul, parecia avançar, dominando a paragem toda, vingando-lhe os últimos acidentes que não tolhiam a propulsão do *simum*.

Os romanos fizeram-no recuar. Encadearam as torrentes; represaram as correntezas fortes, e aquele regime brutal, tenazmente combatido e bloqueado, cedeu, submetido inteiramente, numa rede de barragens. Excluído o alvitre de irrigações sistemáticas dificílimas, conseguiram que as águas permanecessem mais longo tempo sobre a terra. As ravinas recortando-se em gânglios estagnados, dividiram-se em açudes abarreirados pelas muralhas que trancavam os vales, e os uedes, parando, intumesciam-se entre os morros, conservando largo tempo as grandes massas líquidas, até então perdidas, ou levando-as, no transbordarem, em canais laterais aos lugares próximos mais baixos, onde se abriam em sangradouros e levadas, irradiantes por toda a parte, e embebendo o solo. De sorte que este sistema de represas, além de outras vantagens, criara um esboço de irrigação geral. Ademais, todas aquelas superfícies líquidas, esparsas em grande número e não resumidas a um Quixadá único – monumental e inútil – expostas à evaporação, acabaram reagindo sobre o clima, melhorando-o. Por fim a Tunísia, onde haviam aproado os filhos prediletos dos fenícios, mas que até então se reduzira a um litoral povoado de traficantes ou númidas erradios, com suas tendas de tetos curvos branqueando nos areais como quilhas encalhadas – se fez, transfigurada, a terra clássica da agricultura antiga. Foi o celeiro da Itália; a fornecedora, quase exclusiva, de trigo, dos romanos.

Os franceses, hoje, copiam-lhes em grande parte os processos, sem necessitarem alevantar muramentos monumentais e dispendiosos. Represam

por estacadas, entre muros de pedras secas e terras, à maneira de palancas, os uedes mais bem dispostos, e talham pelo alto das suas bordas, em toda a largura das serranias que os ladeiam, condutos derivando para os terrenos circunjacentes, em redes irrigadoras.

Deste modo as águas selvagens estacam, remansam-se, sem adquirir a força acumulada das inundações violentas, disseminando-se, afinal, estas, amortecidas, em milhares de válvulas, pelas derivações cruzadas. E a histórica paragem, liberta da apatia do muslim inerte, transmuda-se volvendo de novo à fisionomia antiga. A França salva os restos da opulenta herança da civilização romana, depois desse declínio de séculos.

Ora, quando se traçar, sem grande precisão embora, a carta hipsométrica dos sertões do Norte, ver-se-á que eles se apropriam a uma tentativa idêntica, de resultados igualmente seguros.

A ideia não é nova. Sugeriu-a há muito, em memoráveis sessões do Instituto Politécnico do Rio, em 1877, o belo espírito do conselheiro Beaurepaire Rohan, talvez sugestionado pelo mesmo símile, que acima apontamos.

Das discussões então travadas, onde se enterreiraram os melhores cientistas do tempo – da sólida experiência de Capanema à mentalidade rara de André Rebouças – foi a única coisa prática, factível, verdadeiramente útil que ficou.

Idearam-se, naquela ocasião, luxuosas cisternas de alvenarias; miríades de poços artesianos, perfurando as chapadas; depósitos colossais, ou armazéns desmedidos para as reservas acumuladas; açudes vastos, feitos cáspios artificiais; e por fim, como para caracterizar bem o desbarate completo da engenharia, ante a enormidade do problema, estupendos alambiques para a destilação das águas do Atlântico!...

O alvitre mais modesto, porém, efeito imediato de um ensinamento histórico, sugerido pelo mais elementar dos exemplos, suplanta-os. Porque é, além de prático, evidentemente o mais lógico.

Realmente, entre os agentes determinantes da seca se intercalam, de modo apreciável, a estrutura e a conformação do solo. Qualquer que seja a intensidade das causas complexas e mais remotas que anteriormente esboçamos, a influência daquelas é manifesta desde que se considere que a capacidade absorvente e emissiva dos terrenos expostos, a inclinação dos estratos, que os retalham, e a rudeza dos relevos topográficos, agravam, do mesmo passo, a crestadura dos estios e a degradação intensiva das torrentes. De sorte que, saindo das insolações demoradas para as inundações subitâneas, a terra, mal protegida por uma vegetação decídua, que as primeiras requeimam e as segundas erradicam, se deixa, a pouco e pouco, invadir pelo regime francamente desértico.

As fortes tempestades que apagam o incêndio surdo das secas, em que pese à

revivescência que acarretam, preparam de algum modo a região para maiores vicissitudes. Desnudam-na rudemente, expondo-a cada vez mais desabrigada aos verões seguintes; sulcam-na numa molduragem de contornos ásperos; golpeiam-na e esterilizam-na; e ao desaparecerem, deixam-na ainda mais desnuda ante a adustão dos sóis. O regime decorre num intermitir deplorável, que lembra um círculo vicioso de catástrofes.[5]

Deste modo a medida única a adotar-se deve consistir no corretivo destas disposições naturais. Pondo de lado os fatores determinantes do flagelo, oriundos da fatalidade de leis astronômicas ou geográficas inacessíveis à intervenção humana, são, aquelas, as únicas passíveis de modificações apreciáveis.

O processo que indicamos, em breve recordação histórica, pela sua própria simplicidade dispensa inúteis pormenores técnicos.

A França copia-o hoje, sem variantes, revivendo o traçado de construções velhíssimas.

Abarreirados os vales, inteligentemente escolhidos, em pontos pouco intervalados, por toda a extensão do território sertanejo, três consequências inevitáveis decorreriam: atenuar-se-iam de modo considerável a drenagem violenta do solo, e as suas consequências lastimáveis; formar-se-lhes-iam à ourela, inscritas na rede das derivações, fecundas áreas de cultura; e fixar-se-ia uma situação de equilíbrio para a instabilidade do clima, porque os numerosos e pequenos açudes uniformemente distribuídos e constituindo dilatada superfície de evaporação, teriam, naturalmente, no correr dos tempos, a influência moderadora de um mar interior, de importância extrema.

Não há alvitrar-se outro recurso. As cisternas, poços artesianos e raros, ou longamente espaçados lagos como o de Quixadá, têm um valor local, inapreciável. Visam, de um modo geral, atenuar a última das consequências da seca – a sede; e o que há a combater e a debelar nos sertões do Norte – é o deserto.

O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da Vida.

Nasce do martírio secular da Terra...

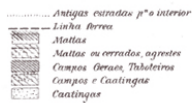
O
H O M E M

I Complexidade do problema etnológico no Brasil. Variabilidade do meio físico e sua reflexão na História. Ação do meio na fase inicial da formação das raças. A formação brasileira no Norte.

II Gênese do jagunço; colaterais prováveis dos paulistas. Função histórica do rio São Francisco. O vaqueiro, mediador entre o bandeirante e o padre. Fundações jesuíticas na Bahia. Um parêntese irritante. Causas favoráveis à formação mestiça dos sertões, distinguindo-a dos cruzamentos no litoral. Uma raça forte.

III O sertanejo. Tipos díspares: o jagunço e o gaúcho. Os vaqueiros. Servidão inconsciente; vida primitiva. A *vaquejada* e a *arribada*. Tradições. A seca. Insulamento no deserto. Religião mestiça; seus fatores históricos. Caráter variável da religiosidade sertaneja: a Pedra Bonita e Monte Santo. As missões atuais.

IV Antonio Conselheiro, documento vivo de atavismo. Um gnóstico bronco. Grande homem pelo avesso, representante natural do meio em que nasceu. Antecedentes de família: os Maciéis. Uma vida bem auspiciada. Primeiros reveses; e a queda. Como se faz um monstro. Peregrinações e martírios. Lendas. As prédicas. Preceitos de montanista. Profecias. Um heresiarca do século ii em plena idade moderna. Tentativas de reação legal. Hégira para o sertão.

V Canudos – antecedentes – aspecto original – e crescimento vertiginoso. Regime da *urbs*. Polícia de bandidos. População multiforme. O templo. Estrada para o céu. As rezas. Agrupamentos bizarros. Por que não pregar contra a República? Uma missão abortada. Maldição sobre a Jerusalém de taipa.

I

Adstrita às influências que mutuam, em graus variáveis três elementos étnicos, a gênese das raças mestiças do Brasil é um problema que por muito tempo ainda desafiará o esforço dos melhores espíritos.

Está apenas delineado.

Entretanto no domínio das investigações antropológicas brasileiras se encontram nomes altamente encarecedores do nosso movimento intelectual. Os estudos sobre a pré-história indígena patenteiam modelos de observação sutil e conceito crítico brilhante, mercê dos quais parece definitivamente firmado, contravindo ao pensar dos caprichosos construtores da ponte Alêutica, o autoctonismo das raças americanas.

Neste belo esforço, rematado pela profunda elaboração paleontológica de Wilhelm Lund, destacam-se o nome de Morton, a intuição genial de Frederick Hartt, a inteiriça organização científica de Meyer, a rara lucidez de Trajano de Moura, e muitos outros cujos trabalhos reforçam os de Nott e Gliddon no definir, de uma maneira geral mas completa, a América como um centro de criação desligado do grande viveiro da Ásia Central. Erige-se autônomo entre as raças o *homo americanus*.

A face primordial da questão ficou assim aclarada. Quer resultem do "homem da Lagoa Santa" cruzado com o pré-colombiano dos "sambaquis"; ou se derivem, altamente modificados por ulteriores cruzamentos e pelo meio, de alguma raça invasora do Norte, de que se supõem oriundos os tupis tão numerosos na época do descobrimento – os nossos selvícolas, com seus frisantes caracteres antropológicos, podem ser considerados tipos evanescentes de velhas raças autóctones da nossa terra.

Esclarecida deste modo a preliminar da origem do elemento indígena, as investigações convergiram para a definição da sua psicologia especial; e enfeixaram-se, ainda, em algumas conclusões seguras.

Não precisamos revivê-las. Sobre faltar-nos competência, nos desviaríamos muito de um objetivo prefixado.

Os dois outros elementos formadores, alienígenas, não originaram idênticas tentativas. O negro banto, ou cafre, com as suas várias modalidades, foi até neste ponto o nosso eterno desprotegido. Somente nos últimos tempos um investigador tenaz, Nina Rodrigues, subordinou a uma análise cuidadosa a sua religiosidade original e interessante. Qualquer, porém, que tenha sido o ramo africano para aqui transplantado trouxe, certo, os atributos preponderantes do *homo afer*, filho das paragens adustas e bárbaras, onde a seleção natural, mais que em quaisquer outras, se faz pelo exercício intensivo da ferocidade e da força.

Quanto ao fator aristocrático de nossa *gens*, o português, que nos liga à vibrátil estrutura intelectual do celta, está, por sua vez, malgrado o complicado caldeamento de onde emerge, de todo caracterizado.

Conhecemos, deste modo, os três elementos essenciais, e, imperfeitamente embora, o meio físico diferenciador – e ainda, sob todas as suas formas, as condições históricas adversas ou favoráveis que sobre eles reagiram. No considerar, porém, todas as alternativas e todas as fases intermédias desse entrelaçamento de tipos antropológicos de graus díspares nos atributos físicos e psíquicos, sob os influxos de um meio variável, capaz de diversos climas, tendo discordantes aspectos e opostas condições de vida, pode afirmar-se que pouco nos temos avantajado. Escrevemos todas as variáveis de uma fórmula intricada, traduzindo sério problema; mas não desvendamos todas as incógnitas.

É que, evidentemente, não basta, para o nosso caso, que postos uns diante de outros o negro banto, o indo-guarani e o branco, apliquemos ao conjunto a lei antropológica de Broca. Esta é abstrata e irredutível. Não nos diz quais os reagentes que podem atenuar o influxo da raça mais numerosa ou mais forte, e causas que o extingam ou atenuem quando ao contrário da combinação binária, que pressupõe, despontam três fatores diversos, adstritos às vicissitudes da História e dos climas.

É uma regra que nos orienta apenas no indagarmos a verdade. Modifica-se, como todas as leis, à pressão dos dados objetivos. Mas ainda quando por extravagante indisciplina mental alguém tentasse aplicá-la, de todo despeada da intervenção daqueles, não simplificaria o problema.

É fácil demonstrar.

Abstraiamos de inúmeras causas perturbadoras, e consideremos os três elementos constituintes de nossa raça em si mesmos, intactas as capacidades que lhes são próprias.

Vemos, de pronto, que, mesmo nesta hipótese favorável, deles não resulta o produto único imanente às combinações binárias, numa fusão imediata em que se justaponham ou se resumam os seus caracteres, unificados e convergentes num tipo intermediário. Ao contrário a combinação ternária inevitável, determina, no caso mais simples, três outras, binárias. Os elementos iniciais não se resumem, não se unificam; desdobram-se; originam número igual de subformações – substituindo-se pelos derivados, sem redução alguma, em uma mestiçagem embaralhada onde se destacam como produtos mais característicos o *mulato*, o *mameluco* ou *curiboca*, e o *cafuz*.[6] As sedes iniciais das indagações deslocam-se apenas mais perturbadas, graças a reações que não exprimem uma redução, mas um desdobramento. E o estudo destas subcategorias substitui o das raças elementares agravando-o e dificultando-o, desde que se considere que aquelas comportam, por sua vez, inúmeras modalidades consoante as dosagens variáveis do sangue.

O brasileiro, tipo abstrato que se procura, mesmo no caso favorável acima firmado, só pode surgir de um entrelaçamento consideravelmente complexo.

Teoricamente ele seria o *pardo*, para que convergem os cruzamentos sucessivos do mulato, do cariboca e do cafuz.

Avaliando-se, porém, as condições históricas que têm atuado, diferentes nos diferentes tratos do território; as disparidades climáticas que nestes ocasionam reações diversas diversamente suportadas pelas raças constituintes; a maior ou menor densidade com que estas cruzaram nos vários pontos do país; e atendendo-se ainda à intrusão – pelas armas na quadra colonial e pelas imigrações em nossos dias – de outros povos, fato que por sua vez não foi e não é uniforme, vê-se bem que a realidade daquela formação é altamente duvidosa, se não absurda.

Como quer que seja, estas rápidas considerações explicam as disparidades de vistas que reinam entre os nossos antropólogos. Forrando-se, em geral, à tarefa penosa de subordinar as suas pesquisas a condições tão complexas têm atendido sobremaneira ao preponderar das capacidades étnicas. Ora a despeito da grave influência destas, e não a negamos, elas foram entre nós levadas ao exagero, determinando a irrupção de uma meia ciência difundida num extravagar de fantasias, sobre ousadas, estéreis. Há como que um excesso de subjetivismo no ânimo dos que entre nós, nos últimos tempos, cogitam de coisas tão sérias, com uma volubilidade algo escandalosa, atentas as proporções do assunto. Começam excluindo em grande parte os materiais objetivos oferecidos pelas circunstâncias mesológica e histórica.

Jogam, depois, e entrelaçam, e fundem as três raças consoante os caprichos que os impelem no momento. E fazem repontar desta metaquímica sonhadora alguns precipitados fictícios.

Alguns firmando preliminarmente, com autoridade discutível, a função secundária do meio físico e decretando preparatoriamente a extinção quase completa do selvícola e a influência decrescente do africano depois da abolição do tráfico, preveem a vitória final do branco, mais numeroso e mais forte, como termo geral de uma série para o qual tendem o mulato, forma cada vez mais diluída do negro, e o caboclo, em que se apagam, mais depressa ainda, os traços característicos do aborígine.

Outros dão maiores largas aos devaneios. Ampliam a influência do último. E arquitetam fantasias que caem ao mais breve choque da crítica; devaneios a que nem faltam a metrificação e as rimas, porque invadem a ciência na vibração rítmica dos versos de Gonçalves Dias.

Outros vão terra a terra demais. Exageram a influência do africano, capaz, com efeito, de reagir em muitos pontos contra a absorção da raça superior. Surge o mulato. Proclamam-no o mais característico tipo da nossa subcategoria étnica.

O assunto assim vai derivando multiforme e dúbio.

Acreditamos que isto sucede porque o escopo essencial destas investigações se tem reduzido à pesquisa de um tipo étnico único, quando há, certo, muitos.

Não temos unidade de raça.

Não a teremos, talvez, nunca.

Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertemos, sob este aspecto, a ordem natural dos fatos. A nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social.

Estamos condenados à civilização.

Ou progredimos, ou desaparecemos.

A afirmativa é segura.

Não a sugere apenas essa heterogeneidade de elementos ancestrais. Reforça-a outro elemento igualmente ponderável: um meio físico amplíssimo e variável, completado pelo variar de situações históricas, que dele em grande parte decorreram.

A este propósito não será desnecessário considerá-lo por alguns momentos.

Contravindo à opinião dos que demarcam aos países quentes um desenvolvimento de 30° de latitude, o Brasil está longe de se incluir todo em tal categoria. Sob um duplo aspecto, astronômico e geográfico, aquele limite é exagerado. Além de ultrapassar a demarcação teórica vulgar, exclui os relevos naturais que atenuam ou reforçam os agentes meteorológicos, criando climas equatoriais em altas latitudes ou regimes temperados entre os trópicos. Toda a climatologia, inscrita nos amplos lineamentos das leis cosmológicas gerais, desponta em qualquer parte adicta de preferência às causas naturais mais próximas e particulares. Um clima é como que a tradução fisiológica de uma condição geográfica. E definindo-o deste modo concluímos que o nosso país, pela sua própria estrutura, se impropria a um regime uniforme.

Demonstram-no os resultados mais recentes, e são os únicos dignos de fé, das indagações meteorológicas. Estas o subdividem em três zonas claramente distintas: a francamente tropical, que se expande pelos estados do Norte até ao sul da Bahia, com uma temperatura média de 26°; a temperada, de São Paulo ao Rio Grande, pelo Paraná e Santa Catarina, entre os isotermos 15° e 20°; e, como transição, – a subtropical, alongando-se pelo centro e norte de alguns estados, de Minas ao Paraná.

Aí estão, claras, as divisas de três habitats distintos.

Ora, mesmo entre as linhas mais ou menos seguras destes despontam modalidades, que ainda os diversificam.

Indiquemo-las a traços rápidos.

A disposição orográfica brasileira, possantes massas sublevadas que se orientam perlongando o litoral perpendicularmente ao rumo do SE, determina as primeiras distinções em largos tratos de território que demoram ao oriente, criando anomalia climatológica expressiva.

De fato, o clima aí inteiramente subordinado ao *facies* geográfico, viola as leis

gerais que o regulam. A partir dos trópicos para o equador a sua caracterização astronômica, pelas latitudes, cede às causas secundárias perturbadoras. Define-se, anormalmente, pelas longitudes.

É um fato conhecido. Na extensa faixa da costa, que vai da Bahia a Paraíba, se veem transições mais acentuadas, acompanhando os paralelos, no rumo do ocidente, do que os meridianos, demandando o norte. As diferenças no regime e nos aspectos naturais, que segundo este rumo são imperceptíveis, patenteiam-se, claras, no primeiro. Distendida até às paragens setentrionais extremas, a mesma natureza exuberante ostenta-se sem variantes nas grandes matas que debruam a costa, fazendo que a observação rápida do estrangeiro prefigure dilatada região vivaz e feracíssima. Entretanto a partir do 13º paralelo as florestas mascaram vastos territórios estéreis, retratando nas áreas desnudas as inclemências de um clima em que os graus termométrico e higrométrico progridem em relação inversa, extremando-se exageradamente.

Revela-o curta viagem para o ocidente, a partir de um ponto qualquer daquela costa. Quebra-se o encanto de ilusão belíssima. A natureza empobrece-se; despe-se das grandes matas; abdica o fastígio das montanhas; erma-se e deprime-se – transmudando-se nos sertões exsicados e bárbaros, onde correm rios efêmeros, e desatam-se chapadas nuas, sucedendo-se, indefinidas, formando o palco desmedido para os quadros dolorosos das secas.

O contraste é empolgante.

Distantes menos de cinquenta léguas, apresentam-se regiões de todo opostas, criando opostas condições à vida.

Entra-se, de surpresa, no deserto.

E, certo, as vagas humanas que nos dois primeiros séculos do povoamento embateram as plagas do Norte, tiveram na translação para o ocidente, demandando o interior, obstáculos mais sérios que a rota agitada dos mares e das montanhas, na travessia das caatingas ralas e decíduas. O malogro da expansão baiana, que entretanto precedera à paulista no devassar os recessos do país, é exemplo frisante.

O mesmo não sucede, porém, dos trópicos para o sul.

Aí a urdidura geológica da terra, matriz de sua morfogenia interessante, persiste inalterável, abrangendo extensas superfícies para o interior, criando as mesmas condições favoráveis, a mesma flora, um clima altamente melhorado pela altitude, e a mesma feição animadora dos aspectos naturais.

A larga antemural da cordilheira granítica derivando a prumo para o mar, nas vertentes interiores descamba suavemente em vastos plainos ondulados.

É a escarpa abrupta e viva dos planaltos.

Sobre estes os cenários, sem os traços exageradamente dominadores das montanhas, revelam-se mais opulentos e amplos. A terra patenteia essa *manageability of nature*, de que nos fala Buckle, e o clima, temperado quente, desafia na benignidade o admirável regime da Europa meridional. Não o regula mais, como mais para o norte, exclusivamente, o SE. Rolando dos altos

chapadões do interior, o NO prepondera então, em toda extensíssima zona que vai das terras elevadas de Minas e do Rio ao Paraná, passando por São Paulo.

Ora, estas largas divisões, apenas esboçadas, mostram já uma diferença essencial entre o Sul e o Norte, absolutamente distintos pelo regime meteorológico, pela disposição da terra e pela transição variável entre o sertão e a costa.

Descendo à análise mais íntima desvendaremos aspectos particulares mais incisivos ainda.

Tomemos os casos mais expressivos, evitando extensa explanação do assunto.

Vimos em páginas anteriores que o SE, sendo o regulador predominante do clima na costa oriental, é substituído, nos estados do Sul, pelo NO e nas extremas setentrionais pelo NE. Ora, estes, por sua vez, desaparecem no âmago dos planaltos, ante o SO que, como um hausto possante dos pampeiros, se lança pelo Mato Grosso, originando desproporcionadas amplitudes termométricas, agravando a instabilidade do clima continental, e submetendo as terras centrais a um regime brutal, diverso dos que vimos rapidamente delineando.

Com efeito, a natureza em Mato Grosso balanceia os exageros de Buckle. É excepcional e nitidamente destacada. Nenhuma se lhe assemelha. Toda a imponência selvagem, toda a exuberância inconceptível, unidas à brutalidade máxima dos elementos, que o preeminente pensador, em precipitada generalização, ideou no Brasil, ali estão francas, rompentes em cenários portentosos. Contemplando-as, mesmo através da frieza das observações de naturalistas pouco vezados a efeitos descritivos, vê-se que aquele regime climatológico anômalo é o mais fundo traço da nossa variabilidade mesológica.

Nenhum se lhe equipara, no jogar das antíteses. A sua feição aparente é a de benignidade extrema: – a terra afeiçoada à vida; a natureza fecunda erguida na apoteose triunfal dos dias deslumbrantes e calmos; e o solo abrolhando em vegetação fantástica – farto, irrigado de rios que irradiam pelos quatro pontos cardeais. Mas esta placidez opulenta esconde, paradoxalmente, germens de cataclismos, que irrompendo, sempre com um ritmo inquebrável, no estio, traindo-se nos mesmos prenúncios infalíveis ali tombam com a finalidade irresistível de uma lei.

Mal poderemos traçá-los. Esbocemo-los.

Depois de soprarem por alguns dias as rajadas quentes e úmidas de NE, os ares imobilizam-se, por algum tempo, estagnados. Então "a natureza como que se abate extática, assustada; nem as grimpas das árvores balouçam; as matas, numa quietude medonha, parecem sólidos inteiriços. As aves se achegam nos ninhos, suspendendo os voos e se escondem".[7]

Mas, volvendo-se o olhar para os céus, nem uma nuvem! O firmamento límpido arqueia-se alumiado ainda por um Sol obscurecido, de eclipse. A pressão, entretanto, decai vagarosamente, numa descensão contínua, afogando a vida. Por momentos um cúmulus compacto, de bordas acobreado-

escuras, negreja no horizonte, ao sul. Deste ponto sopra, logo depois, uma viração, cuja velocidade cresce rápida, em ventanias fortes. A temperatura cai em minutos e, minutos depois, os tufões sacodem violentamente a terra. Fulguram relâmpagos; estrugem trovoadas nos céus já de todo bruscos e um aguaceiro torrencial desce logo sobre aquelas vastas superfícies, apagando, numa inundação única, o *divortium aquarum* indeciso que as atravessa, adunando todas as nascentes dos rios e embaralhando-lhes os leitos em alagados indefinidos...

É um assalto subitâneo. O cataclismo irrompe arrebatadamente na espiral vibrante de um ciclone. Descolmam-se as casas; dobram-se, rangendo, e partem-se, estalando, os carandás seculares; ilham-se os morros; alagoam-se os plainos...

E uma hora depois o Sol irradia triunfalmente no céu puríssimo! A passarada irrequieta descanta pelas frondes gotejantes; suavizam os ares virações suaves – e o homem deixando os refúgios a que se acolhera trêmulo, contempla os estragos entre a revivescência universal da vida. Os troncos e galhos das árvores rachadas pelos raios, estorcidas pelos ventos; as choupanas estruídas, colmos por terra; as últimas ondas barrentas dos ribeirões, transbordantes; a erva acamada pelos campos, como se sobre eles passassem búfalos em tropel – mal relembram a investida fulminante do flagelo...

Dias depois, os ventos rodam outra vez, vagarosamente, para leste; e a temperatura começa a subir de novo; a pressão a pouco e pouco diminui; e cresce continuamente o mal-estar, até que se reate nos ares imobilizados a componente formidável do pampeiro e ressurja, estrugidora, a tormenta, em *rodéos* turbilhonantes, enquadrada pelo mesmo cenário lúgubre, revivendo o mesmo ciclo, o mesmo círculo vicioso de catástrofes.

Ora – avançando para o norte – desponta, contrastando com tais manifestações, o clima do Pará. Os brasileiros de outras latitudes mal o compreendem, mesmo através das lúcidas observações de Bates. Madrugadas tépidas, de 23° centígrados, sucedendo-se inesperadamente a noites chuvosas; dias que irrompem como apoteoses fulgurantes, revelando transmutações inopinadas: árvores, na véspera despidas, aparecendo juncadas de flores; brejos apaulados transmudando-se em prados. E logo depois, no círculo estreitíssimo de vinte e quatro horas, mutações completas: florestas silenciosas, galhos malvestidos pelas folhas requeimadas ou murchas; ares vazios e mudos; ramos viúvos das flores recém-abertas, cujas pétalas exsicadas se despegam e caem, mortas, sobre a terra imóvel sob o espasmo enervante de um bochorno de 35°, à sombra. “Na manhã seguinte, o Sol se alevanta sem nuvens e deste modo se completa o ciclo – primavera, verão e outono num só dia tropical.”[8]

A constância de tal clima faz que se não percebam as estações que, entretanto, como em um índice abreviado, se delineiam nas horas sucessivas de um só dia, sem que a temperatura quotidiana tenha durante todo o ano uma oscilação maior que 1° ou 1,5°. Assim a vida se equilibra numa constância

imperturbável.

Entretanto, a um lado, para o ocidente, no Alto Amazonas manifestações diversas caracterizam novo habitat. E este, não há negá-lo, impõe aclimação penosa a todos os filhos dos próprios territórios limítrofes.

Ali, no pleno dos estios quentes, quando se diluem, mortas nos ares parados, as últimas lufadas de leste, o termômetro é substituído pelo higrômetro na definição do clima. As existências derivam numa alternativa dolorosa de vazantes e enchentes dos grandes rios. Estas alteiam-se sempre de um modo assombrador. O Amazonas referto salta fora do leito, levanta em poucos dias o nível das águas, de dezessete metros; expande-se em alagados vastos, em *furos*, em *paraná-mirins*, entrecruzados em rede complicadíssima de mediterrâneo cindido de correntes fortes, dentre as quais emergem, ilhados, os *igapós* verdejantes.

A enchente é uma parada na vida. Preso nas malhas dos *igarapés*, o homem aguarda, então, com estoicismo raro ante a fatalidade incoercível, o termo daquele inverno paradoxal, de temperaturas altas. A vazante é o verão. É a revivescência da atividade rudimentar dos que ali se agitam, do único modo compatível com a natureza que se demasia em manifestações díspares tornando impossível a continuidade de quaisquer esforços.

Tal regime acarreta o parasitismo franco. O homem bebe o leite da vida sugando os vasos túmidos das sifônias...

Mas neste clima singular e típico destacam-se outras anomalias, que ainda mais o agravam. Não bastam as intermitências de cheias e estiagens, sobrevindo rítmicas como a sístole e a diástole da maior artéria na Terra. Outros fatos tornam ao forasteiro inúteis todas as tentativas de aclimação real.

Muitas vezes, em plena enchente, em abril ou maio, no correr de um dia calmoso e claro, dentro da atmosfera ardente do Amazonas difundem-se rajadas frigidíssimas do sul.

É como uma bafagem enregelada do polo...

O termômetro desce, então, logo, numa queda única e forte, de improviso. Estabelece-se por alguns dias uma situação inaturável.

Os *regatões* espertos que esporeados pela ganância se avantajam até ali, e os próprios selvícolas enrijados pela adaptação, acolhem-se aos *tijupás*, tiritantes, abeirando-se das fogueiras. Cessam os trabalhos. Abre-se um novo hiato nas atividades. Despovoam-se aquelas grandes solidões alagadas; morrem os peixes nos rios, enregelados; morrem as aves nas matas silenciosas, ou emigram; esvaziam-se os ninhos; as próprias feras desaparecem, encafurnadas nas tocas mais profundas; – e aquela natureza maravilhosa do equador, toda remodelada pela reação esplêndida dos sóis, patenteia um simulacro crudelíssimo de desolamento polar e lúgubre. É o tempo da *friagem*.

Terminemos, porém, esses debuxos rápidos.

Os sertões do Norte, vimo-lo anteriormente, refletem, por sua vez, novos regimes, novas exigências biológicas. Ali a mesma interdecadência de quadras

remansadas e dolorosas, se espelha mais duramente talvez, sob outras formas.

Ora se considerarmos que estes vários aspectos climáticos não exprimem casos excepcionais, mas aparecem todos, desde as tormentas do Mato Grosso aos ciclos das secas do Norte, com a feição periódica imanente às leis naturais invioláveis, conviremos em que há no nosso meio físico variabilidade completa.

Daí os erros em que incidem os que generalizam, estudando a nossa fisiologia própria, a ação exclusiva de um clima tropical. Esta exercita-se, sem dúvida, originando patologia *sui generis*, em quase toda a faixa marítima do Norte e em grande parte dos estados que lhe correspondem, até ao Mato Grosso. O calor úmido das paragens amazonenses, por exemplo, deprime e exaure. Modela organizações tolhiças em que toda a atividade cede ao permanente desequilíbrio entre as energias impulsivas das funções periféricas fortemente excitadas e a apatia das funções centrais: inteligências marasmáticas, adormidas sob o explodir das paixões; inervações periclitantes, em que pese à acuidade dos sentidos, e mal reparadas ou refeitas pelo sangue empobrecido nas hematoses incompletas...

Daí todas as idiossincrasias de uma fisiologia excepcional: o pulmão que se reduz, pela deficiência da função, e é substituído, na eliminação obrigatória do carbono, pelo fígado, sobre o qual desce pesadamente a sobrecarga da vida: organizações combalidas pela alternativa persistente de exaltações impulsivas e apatias enervadoras, sem a vibratibilidade, sem o tônus muscular enérgico dos temperamentos robustos e sanguíneos. A seleção natural, em tal meio, opera-se à custa de compromissos graves com as funções centrais, do cérebro, numa progressão inversa prejudicialíssima entre o desenvolvimento intelectual e o físico, firmando inexoravelmente a vitória das expansões instintivas e visando o ideal de uma adaptação que tem como consequências únicas, a máxima energia orgânica, a mínima fortaleza moral. A aclimação traduz uma evolução regressiva. O tipo deperece num esvaecimento contínuo, que se lhe transmite à descendência até à extinção total. Como o inglês nas Barbadas, na Tasmânia ou na Austrália, o português no Amazonas, se foge ao cruzamento, no fim de poucas gerações tem alterados os caracteres físicos e morais de uma maneira profunda, desde a tez, que se acobreia pelos sóis e pela eliminação incompleta do carbono, ao temperamento, que se debilita despido das qualidades primitivas. A raça inferior, o selvagem bronco, domina-o; aliado ao meio vence-o, esmaga-o, anula-o na concorrência formidável ao impaludismo, ao hepatismo, às pirexias esgotantes, às canículas abrasadoras, e aos alagadiços maleitosos.

Isto não acontece em grande parte do Brasil central e em todos os lugares do Sul.

Mesmo na maior parte dos sertões setentrionais o calor seco, altamente corrigido pelos fortes movimentos aéreos provindos dos quadrantes de leste, origina disposições mais animadoras e tem ação estimulante mais benéfica.

E volvendo ao Sul, no território que do norte de Minas para o sudoeste

progride até ao Rio Grande, deparam-se condições incomparavelmente superiores:

Uma temperatura anual média oscilando de 17° a 20°, num jogo mais harmônico de estações; um regime mais fixo das chuvas que, preponderantes no verão, se distribuem no outono e na primavera de modo favorável às culturas. Atingido o inverno, a impressão de um clima europeu é precisa: sopra o SO frigidíssimo sacudindo chuvisqueiros finos e esgarçando garoas; a neve rendilha as vidraças; gelam os banhados, e as geadas branqueiam pelos campos...

A nossa História traduz notavelmente estas modalidades mesológicas.

Considerando-a sob uma feição geral, fora da ação perturbadora de pormenores inexpressivos, vemos, logo na fase colonial, esboçarem-se situações diversas.

Enfeudado o território, dividido pelos donatários felizes, e iniciando-se o povoamento do país com idênticos elementos, sob a mesma indiferença da metrópole, voltada ainda para as últimas miragens da "Índia portentosa", abriu-se separação radical entre o Sul e o Norte.

Não precisamos rememorar os fatos decisivos das duas regiões. São duas histórias distintas, em que se averbam movimentos e tendências opostas. Duas sociedades em formação, alheadas por destinos rivais – uma de todo indiferente ao modo de ser da outra, ambas, entretanto, evolvendo sob os influxos de uma administração única. Ao passo que no Sul se debuxavam novas tendências, uma subdivisão maior na atividade, maior vigor no povo mais heterogêneo, mais vivaz, mais prático e aventureiro, um largo movimento progressista em suma – tudo isto contrastava com as agitações, às vezes mais brilhantes mas sempre menos fecundas, do Norte – capitanias esparsas e incoerentes, jungidas à mesma rotina, amorfas e imóveis, em função estreita dos alvarás da corte remota.

A História é ali mais teatral, porém menos eloquente.

Surgem heróis, mas a estatura avulta-lhes, maior, pelo contraste com o meio; belas páginas vibrantes mas truncadas, sem objetivo certo, em que colaboram, de todo desquitadas entre si, as três raças formadoras.

Mesmo no período culminante, a luta com os holandeses, acampam, claramente distintos em suas tendas de campanha, os negros de Henrique Dias, os índios de Camarão e os lusitanos de Vieira. Mal unidos na guerra, distanciam-se na paz. O drama de Palmares, as correrias dos selvícolas, os conflitos na orla dos sertões, violam a transitória convergência contra o batavo.

Preso no litoral, entre o sertão inabordável e os mares, o velho agregado colonial tendia a chegar ao nosso tempo, imutável, sob o emperramento de

uma centralização estúpida, realizando a anomalia de deslocar para uma terra nova o ambiente moral de uma sociedade velha.

Bateu-o, felizmente, a onda impetuosa do Sul.

Aqui, a aclimação mais pronta, em meio menos adverso, emprestou, cedo, mais vigor aos forasteiros. Da absorção das primeiras tribos surgiram os cruzados das conquistas sertanejas, os mamalucos audazes. O *paulista* – e a significação histórica deste nome abrange os filhos do Rio de Janeiro, Minas, São Paulo e regiões do Sul – erigiu-se como um tipo autônomo, aventuroso, rebelde, libérrimo, com a feição perfeita de um dominador da terra, emancipando-se, insurrecto, da tutela longínqua, e afastando-se do mar e dos galeões da metrópole, investindo com os sertões desconhecidos, delineando a epopeia inédita das bandeiras...

Este movimento admirável reflete o influxo das condições mesológicas. Não houvera distinção alguma entre os colonizadores de um e outro lado. Em todos prevaleciam os mesmos elementos, que eram o desespero de Duarte Coelho.

"Piores qua na terra que peste..."

Mas no Sul a força viva restante no temperamento dos que vinham de romper o mar imoto, não se delia num clima enervante; tinha nova componente na própria força da terra; não se dispersava em adaptações difíceis. – Alterava-se, melhorando. O homem sentia-se forte. Deslocado apenas o teatro dos grandes cometimentos, podia volver para o sertão impérvio a mesma audácia que o precipitara nos périplos africanos.

Além disto – frisemos este ponto escandalizando embora os nossos minúsculos historiógrafos – a disposição orográfica libertava-o da preocupação de defender o litoral, onde aproava a cobiça do estrangeiro.

A serra do Mar tem um notável perfil em nossa história. A prumo sobre o Atlântico desdobra-se como a cortina de baluarte desmedido. De encontro às suas escarpas embatia, fragílima, a ânsia guerreira dos Cavendish e dos Fenton. No alto, volvendo o olhar em cheio para os chapadões, o forasteiro sentia-se em segurança. Estava sobre ameias intransponíveis que o punham do mesmo passo a cavaleiro do invasor e da metrópole. Transposta a montanha – arqueada como a precinta de pedra de um continente – era um isolador étnico e um isolador histórico. Anulava o apego irreprimível ao litoral, que se exercia ao norte; reduzia-o a estreita faixa de mangues e restingas, ante a qual se amorteciam todas as cobiças, e alteava, sobranceira às frotas, intangível no recesso das matas, a atração misteriosa das minas...

Ainda mais – o seu relevo especial torna-a um condensador de primeira ordem, no precipitar a evaporação oceânica.

Os rios que se derivam pelas suas vertentes nascem de algum modo no mar. Rolam as águas num sentido oposto à costa. Entranham-se no interior, correndo em cheio para os sertões. Dão ao forasteiro a sugestão irresistível das entradas.

A terra atrai o homem; chama-o para o seio fecundo; encanta-o pelo aspecto

formosíssimo; arrebata-o, afinal, irresistivelmente, na correnteza dos rios.

Daí o traçado eloquentíssimo do Tietê, diretriz preponderante nesse domínio do solo. Enquanto no São Francisco, no Parnaíba, no Amazonas, e em todos os cursos d'água da borda oriental, o acesso para o interior seguia ao arrepio das correntes, ou embatia nas cachoeiras que tombam dos socalcos dos planaltos, ele levava os sertanistas, sem uma remada, para o rio Grande e daí ao Paraná e ao Paranaíba. Era a penetração em Minas, em Goiás, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Mato Grosso, no Brasil inteiro. Segundo estas linhas de menor resistência, que definem os lineamentos mais claros da expansão colonial, não se opunham, como ao norte, renteando o passo às bandeiras, a esterilidade da terra, a barreira intangível dos descampados brutos.

Assim é fácil mostrar, como esta distinção de ordem física esclarece as anomalias e contrastes entre os sucessos nos dois pontos do país, sobretudo no período agudo da crise colonial, no século XVII.

Enquanto o domínio holandês, centralizando-se em Pernambuco, reagia por toda a costa oriental, da Bahia ao Maranhão, e se travavam recontros memoráveis em que, solidárias, enterreiravam o inimigo comum as nossas três raças formadoras, o sulista, absolutamente alheio àquela agitação, revelava, na rebeldia aos decretos da metrópole, completo divórcio com aqueles lutadores. Era quase um inimigo tão perigoso quanto o batavo. Um povo estranho de mestiços levantadiços, expandindo outras tendências, norteado por outros destinos, pisando, resoluto, em demanda de outros rumos, bulas e alvarás entibiadores. Volvia-se em luta aberta com a corte portuguesa, numa reação tenaz contra os *jesuítas*. Estes, olvidando o holandês e dirigindo-se, com Ruiz de Montoya a Madri e Díaz Taño a Roma, apontavam-no como inimigo mais sério.

De feito, enquanto em Pernambuco as tropas de Van Schkoppe preparavam o governo de Nassau, em São Paulo se arquitetava o drama sombrio de Guaíra. E quando a restauração em Portugal veio alentar em toda a linha a repulsa ao invasor, congregando de novo os combatentes exaustos, os sulistas frisaram ainda mais esta separação de destinos, aproveitando-se do mesmo fato para estadearem a autonomia franca, no reinado de um minuto de Amador Bueno.

Não temos contraste maior na nossa história. Está nele a sua feição verdadeiramente nacional. Fora disto mal a vislumbramos nas cortes espetaculosas dos governadores, na Bahia, onde imperava a Companhia de Jesus com o privilégio da conquista das almas, eufemismo casuístico disfarçando o monopólio do braço indígena.

Na plenitude do século XVII o contraste se acentua.

Os homens do Sul irradiam pelo país inteiro. Abordam as raias extremas do equador. Até aos últimos quartéis do século XVIII, o povoamento segue as trilhas embaralhadas das bandeiras. Seguiam sucessivas, incansáveis, com a fatalidade de uma lei, porque traduziam, com efeito, uma queda de potenciais, as grandes caravanas guerreiras, vagas humanas desencadeadas em todos os

quadrantes, invadindo a própria terra, batendo-a em todos os pontos, descobrindo-a depois do descobrimento, desvendando-lhe o seio rutilante das minas.

Fora do litoral, em que se refletia a decadência da metrópole e todos os vícios de uma nacionalidade em decomposição insanável, aqueles sertanistas, avantajando-se às terras extremas de Pernambuco ao Amazonas, semelhavam uma outra raça, no arrojo temerário e resistência aos reveses.

Quando as correrias do bárbaro ameaçavam a Bahia, ou Pernambuco, ou a Paraíba, e os quilombos se escalonavam pelas matas, nos últimos refúgios do africano revoltoso – o sulista, di-lo a grosseira odisseia de Palmares, surgia como o debelador clássico desses perigos, o empreiteiro predileto das grandes hecatombes.

É que o filho do Norte não tinha um meio físico, que o blindasse de igual soma de energias. Se tal acontecesse as bandeiras irromperiam também do oriente e do norte e, esmagado num movimento convergente, o elemento indígena desapareceria sem traços remanescentes. Mas o colono nortista, nas entradas para oeste ou para o sul, batia logo de encontro à natureza adversa. Refluía prestes ao litoral sem o atrevimento dos dominadores, dos que se sentem à vontade sobre uma terra amiga, sem as ousadias oriundas da própria atração das paragens opulentas e acessíveis. As explorações ali iniciadas, na segunda metade do século XVI, por Sebastião Tourinho, no rio Doce, Bastião Álvares, no São Francisco, e Gabriel Soares, pelo norte da Bahia até às cabeceiras do Paraguaçu, embora tivessem depois os estímulos enérgicos das Minas de Prata de Belchior Dias, são um pálido arremedo das arremetidas do *Anhanguera* ou de um Pascoal de Araújo.

Apertados entre os canaviais da costa e o sertão, entre o mar e o deserto, num bloqueio engravecido pela ação do clima perderam todo o aprumo e este espírito de revolta, eloquentíssimo, que ruge em todas as páginas da história do Sul.

Tal contraste não se baseia, por certo, em causas étnicas primordiais.

Delineada, deste modo, a influência mesológica em nosso movimento histórico, deduz-se a que exerceu sobre a nossa formação étnica.

Volvamos ao ponto de partida.

Convindo em que o meio não forma as raças, no nosso caso especial variou demais nos diversos pontos do território as dosagens de três elementos essenciais. Preparou o advento de sub-raças diferentes pela própria diversidade das condições de adaptação. Além disto (é hoje fato inegável) as condições exteriores atuam gravemente sobre as próprias sociedades constituídas, que se deslocam em migrações seculares aparelhadas embora pelos recursos de uma cultura superior. Se isto se verifica nas raças de todo

definidas abordando outros climas, protegidas pelo ambiente de uma civilização, que é como o plasma sanguíneo desses grandes organismos coletivos, que não diremos da nossa situação muito diversa? Neste caso – é evidente – a justaposição dos caracteres coincide com íntima transfusão de tendências e a longa fase de transformação correspondente erige-se como período de fraqueza, nas capacidades das raças que se cruzam, alteando o valor relativo da influência do meio. Este como que estampa, então, melhor, no corpo em fusão, os seus traços característicos. Sem nos arriscarmos demais a paralelo ousado, podemos dizer que para essas reações biológicas complexas, ele tem agentes mais enérgicos que para as reações químicas da matéria.

Ao calor e à luz, que se exercitam em ambas, adicionam-se, então, a disposição da terra, as modalidades do clima e essa ação de presença inegável, essa espécie de força catalítica misteriosa que difundem os vários aspectos da natureza.

Entre nós, vimo-lo, a intensidade destes últimos está longe da uniformidade proclamada. Distribuíram, como o indica a História, de modo diverso as nossas camadas étnicas, originando uma mestiçagem dissímil.

Não há um tipo antropológico brasileiro.

Procuremos, porém, neste intricado caldeamento a miragem fugitiva de uma sub-raça, efêmera talvez. Inaptos para discriminar as nossas raças nascentes, acolhamo-nos ao nosso assunto. Definamos rapidamente os antecedentes históricos do jagunço.

Ante o que vimos a formação brasileira do Norte é mui diversa da do Sul. As circunstâncias históricas, em grande parte oriundas das circunstâncias físicas, originaram diferenças iniciais no enlace das raças, prolongando-as até ao nosso tempo.

A marcha do povoamento, do Maranhão à Bahia, revela-as.

Foi vagaroso. As gentes portuguesas não abordavam o litoral do Norte robustecidas pela força viva das migrações compactas, grandes massas invasoras capazes, ainda que destacadas do torrão nativo, de conservar, pelo número, todas as qualidades adquiridas em longo tirocínio histórico. Vinham esparsas, parceladas em pequenas levas de degredados ou colonos contrafeitos, sem o desempeno viril dos conquistadores.

Deslumbrava-as ainda o Oriente.

O Brasil era a terra do exílio; vasto presídio com que se amedrontavam os heréticos e os relapsos, todos os passíveis do *morra per ello* da sombria justiça daqueles tempos. Deste modo nos primeiros tempos o número reduzido de povoadores contrasta com a vastidão da terra e a grandeza da população indígena. As instruções dadas, em 1615, ao capitão Fragoso de Albuquerque, a fim de regular com o embaixador espanhol em França o tratado de tréguas com

La Ravardière, são claras a respeito. Ali se afirma "que as terras do Brasil não estão despovoadas porque nelas existem mais de três mil portugueses".

Isto para o Brasil todo – mais de cem anos após o descobrimento...

Segundo observa Aires de Casal[9] "a população crescia tão devagar que na época da perda do sr. D. Sebastião (1580) ainda não havia um estabelecimento fora da ilha de Itamaracá cujos vizinhos andavam por uns 200, com 3 engenhos de açúcar".

Quando alguns anos mais tarde se povoou melhor a Bahia, a desproporção entre o elemento europeu e os dois outros continuou desfavorável, em progressão aritmética perfeita. Segundo Fernão Cardim, ali existiam 2 000 brancos, 4 000 negros e 6 000 índios. É visível durante muito tempo a predominância do elemento autóctone. Nos primeiros cruzados, portanto, ele deve ter influído muito.

Os forasteiros que aproavam àquelas plagas eram, ademais, de molde para essa mistura em larga escala. Homens de guerra, sem lares, afeitos à vida solta dos acampamentos, ou degredados e aventureiros corrompidos, norteava-os a todos como um aforismo o *ultra aequinoctialem non peccari*, na frase de Barleus. A mancebia com as caboclas descambou logo em franca devassidão, de que nem o clero se isentava. O padre Nóbrega definiu bem o fato, na célebre carta ao rei (1549) em que, pintando com ingênuo realismo a dissociação dos costumes, declara estar o interior do país cheio de filhos de cristãos, multiplicando-se segundo os hábitos gentílicos. Achava conveniente que lhe enviassem órfãs, ou mesmo mulheres *que fossem erradas, que todas achariam maridos, por ser a terra larga e grossa*. A primeira mestiçagem fez-se, pois, nos primeiros tempos, intensamente, entre o europeu e o selvícola. "Desde cedo, di-lo Casal, os tupiniquins, gentio de boa índole, foram cristianizados e aparentados com os europeus, sendo inúmeros os brancos naturais do país com casta tupiniquina."

Por outro lado, embora existissem em grande cópia mesmo no reino, os africanos tiveram, no primeiro século, uma função inferior. Em muitos lugares rareavam. Eram poucos, diz aquele narrador sincero, no Rio Grande do Norte "onde os índios há largo tempo que foram reduzidos, apesar da sua ferocidade e cujos descendentes por meio das alianças com os europeus e africanos têm aumentado as classes dos brancos e dos pardos".

Estes excertos são expressivos.

Sem ideia alguma preconcebida, pode-se afirmar que a extinção do indígena, no Norte, proveio, segundo o pensar de Varnhagen, mais em virtude de cruzamentos sucessivos que de verdadeiro extermínio.

Sabe-se ainda que havia no ânimo dos donatários a preocupação de aproveitar-lhes o mais possível a aliança, captando-lhes o apego. Este proceder refletia os intuitos da metrópole. Demonstram-no-lo as sucessivas cartas régias que, de 1570 a 1758 – em que pese "a uma série nunca interrompida de hesitações e contradições"[10] – apareceram como minorativo à ganância dos colonos visando a escravização do selvagem. Sendo que algumas, como a de

1680, estendiam a proteção ao ponto de decretar que se concedessem ao gentio terras "ainda mesmo as já dadas a outros de sesmaria" visto que deviam ter preferência os mesmos índios "naturais senhores da terra".

Contribuiu para esta tentativa persistente de incorporação, a Companhia de Jesus que obrigando-se no Sul a transigências forçadas, dominava no Norte. Excluindo quaisquer intenções condenáveis, os jesuítas ali realizaram tarefa nobilitadora. Foram ao menos rivais do colono ganancioso. No embate estúpido da perversidade contra a barbaria, apareceu uma função digna àqueles eternos condenados. Fizeram muito. Eram os únicos homens disciplinados do seu tempo. Embora quimérica a tentativa de alçar o estado mental do aborígine às abstrações do monoteísmo, ela teve o valor de o atrair por muito tempo, até à intervenção oportuna de Pombal, para a nossa história.

O curso das missões, no Norte, em todo o trato de terras do Maranhão à Bahia, patenteia sobretudo um lento esforço de penetração no âmago das terras sertanejas, das fraldas da Ibiapaba às da Itiúba, que completa de algum modo a movimentação febril das bandeiras. Se estas difundiam largamente o sangue das três raças pelas novas paragens descobertas, provocando um entrelaçamento geral, a despeito das perturbações que acarretavam – os aldeamentos, centros da força atrativa do apostolado, fundiam as malocas em aldeias; unificavam as cabildas; integravam as tribos. Penetrando fundo nos sertões, graças a um esforço secular, os missionários salvaram em parte este fator das nossas raças. Surpreendidos vários historiadores pela vinda, em grandíssima escala, do africano, que iniciada em fins do século XVI nunca mais parou até ao nosso (1850) e considerando que ele foi o melhor aliado do português na quadra colonial, dão-lhe geralmente influência exagerada na formação do sertanejo do Norte. Entretanto, em que pese a esta invasão de vencidos e infelizes, e à sua fecundidade rara, e a suas qualidades de adaptação, apuradas na África adusta, é discutível que ela tenha atingido profundamente os sertões.

É certo que o consórcio afro-lusitano era velho, anterior mesmo ao descobrimento, porque se consumara desde o século XV, com os azenegues e jalofos de Gil Eanes e Antão Gonçalves. Em 1530 salpintavam as ruas de Lisboa mais de dez mil negros, e o mesmo sucedia noutros lugares. Em Évora tinham maioria sobre os brancos.

Os versos de um contemporâneo, Garcia de Rezende, são um documento:

Vemos no reyno metter,
Tantos captivos crescer,
Irem-se os naturaes
Que, se assim for, serão mais
Elles que nós, a meu ver.

Assim a gênese do mulato teve uma sede fora do nosso país. A primeira

mestiçagem com o africano operou-se na metrópole. Entre nós, naturalmente, cresceu. A raça dominada, porém, teve, aqui, dirimidas pela situação social, as faculdades de desenvolvimento. Organização potente afeita à humildade extrema, sem as rebeldias do índio, o negro teve, de pronto, sobre os ombros toda a pressão da vida colonial. Era a besta de carga adstrita a trabalhos sem folga. As velhas ordenações, estatuindo o "como se podem enjeitar os escravos e bestas por os acharem doentes ou mancos", denunciam a brutalidade da época. Além disto – insistamos num ponto incontroverso, as numerosas importações de escravos se acumulavam no litoral. A grande tarja negra debruava a costa da Bahia ao Maranhão, mas pouco penetrava o interior. Mesmo em franca revolta, o negro humilde feito *quilombola* temeroso, agrupando-se nos mocambos, parecia evitar o âmago do país. Palmares, com seus trinta mil mocambeiros, distava afinal poucas léguas da costa.

Nesta última a uberdade da terra fixara simultaneamente dois elementos, libertando o indígena. A cultura extensiva da cana, importada da Madeira, determinara o olvido dos sertões. Já antes da invasão holandesa[11] do Rio Grande do Norte à Bahia havia cento e sessenta engenhos. E esta exploração, em dilatada escala, progrediu depois em rápido crescendo.

O elemento africano de algum modo estacou nos vastos canaviais da costa, agrilhoado à terra e determinando cruzamento de todo diverso do que se fazia no recesso das capitanias. Aí campeava, livre, o indígena inapto ao trabalho e rebelde sempre, ou mal tolhido nos aldeamentos pela tenacidade dos missionários. A escravidão negra constituindo-se derivativo ao egoísmo dos colonos, deixava aqueles mais desembaraçados que no Sul, nos esforços da catequese. Os próprios sertanistas ao chegarem, ultimando as rotas atrevidas, àquelas paragens, tinham extinta a combatividade.

Alguns, como Domingos Sertão, cerravam a vida aventureira, atraídos pelos lucros das *fazendas de criação*, abertas naqueles grandes latifúndios.

Deste modo se estabeleceu distinção perfeita entre os cruzamentos realizados no sertão e no litoral.

Com efeito, admitido em ambos como denominador comum o elemento branco, o mulato erige-se como resultado principal do último e o curiboca do primeiro.

II

A demonstração é positiva. Há um notável traço de originalidade na gênese da população sertaneja, não diremos do Norte, mas do Brasil subtropical.

Esbocemo-lo; e para não nos delongarmos demais, afastemo-nos pouco do teatro em que se desenrolou o drama histórico de Canudos, percorrendo rapidamente o rio de São Francisco, "o grande caminho da civilização brasileira", conforme o dizer feliz de um historiador.[12]

Vimos, de relance, em páginas anteriores, que ele atravessa as regiões mais díspares. Ampla nas cabeceiras, a sua dilatada bacia colhe na rede de numerosos afluentes a metade de Minas, na zona das montanhas e das florestas. Estreita-se depois passando na parte mediana pela paragem formosíssima dos gerais. No curso inferior, a jusante de Juazeiro, constrita entre pendores que a desnivelam torcendo-a para o mar, torna-se pobre de tributários, quase todos efêmeros, derivando, apertada por uma corredeira única de centenares de quilômetros, até Paulo Afonso – e corta a região maninha das caatingas.

Ora, sob esta tríplice disposição, é um diagrama da nossa marcha histórica, refletindo, paralelamente, as suas modalidades variáveis.

Balanceia a influência do Tietê.

Enquanto este, de traçado incomparavelmente mais próprio à penetração colonizadora, se tornou o caminho predileto dos sertanistas visando sobretudo a escravização e o *descimento* do gentio, o São Francisco foi, nas altas cabeceiras a sede essencial da agitação mineira, no curso inferior o teatro das missões, e na região média a terra clássica do regime pastoril, único compatível com a situação econômica e social da colônia.

Bateram-lhe por igual as margens o bandeirante, o jesuíta e o vaqueiro.

Quando, mais tarde, maior cópia de documentos permitir a reconstrução da vida colonial, do século XVII ao fim do XVIII, é possível que o último, de todo olvidado ainda, avulte com o destaque que merece na formação da nossa gente. Bravo e destemeroso como o primeiro, resignado e tenaz como o segundo, tinha a vantagem de um atributo supletivo que faltou a ambos – a fixação ao solo.

As bandeiras, sob os dois aspectos que mostram, já destacados, já confundidos, investindo com a terra ou com o homem, buscando o ouro ou o escravo, desvendavam desmedidas paragens, que não povoavam e deixavam porventura mais desertas, passando rápidas sobre as "malocas" e as "catas".

A sua história, às vezes inextricável como os dizeres adrede obscuros dos roteiros, traduz a sucessão e enlace destes estímulos únicos, revezando-se quer consoante a índole dos aventureiros, quer de acordo com a maior ou

menor praticabilidade das empresas planeadas. E neste permanente oscilar entre aqueles dois desígnios, a sua função realmente útil, no desvendar o desconhecido, repontava como incidente obrigado, consequência inevitável em que se não cuidava.

Assim é que extinta com a expedição de Glimmer (1601) a visão enganadora da serra das Esmeraldas, que desde meados do século XVI atraíra para os flancos do Espinhaço, um após outros, inacessíveis a constantes malogros, Bruzzo Spinosa, Sebastião Tourinho, Dias Adorno e Martins Carvalho, e desaparecendo ao norte o país encantado que idealizara a imaginação romântica de Gabriel Soares, grande parte do século XVII é dominada pelas lendas sombrias dos caçadores de escravos, centralizados pela figura brutalmente heroica de Antonio Raposo. É que se haviam apagado quase que ao mesmo tempo as miragens da misteriosa Sabarabuçu e as das Minas de Prata, eternamente inatingíveis; até que, renovadas pelas pesquisas indecisas de Pais Leme, que avivou, depois de um apagamento quase secular, as veredas de Glimmer; alentadas pelas oitavas de ouro de Arzão pisando em 1693 as mesmas trilhas de Tourinho e Adorno; e ao cabo francamente ressurgindo logo depois com Bartolomeu Bueno, em Itaberaba, e Miguel Garcia, no Ribeirão do Carmo, as entradas sertanejas volvessem ao anelo primitivo e, irradiando do distrito de Ouro Preto, se espraiassem de novo, mais fortes, pelo país inteiro.

Ora, durante este período em que, aparentemente, só se observam, no litoral a luta contra o batavo e no âmago dos planaltos o espantoso ondular das bandeiras, surgira na região que interfere o médio São Francisco um notável povoamento do qual os resultados somente depois apareceram.

Formara-se obscuramente. Determinaram-no, em começo, as entradas à procura das minas de Moreia que embora anônimas e sem brilho parecem ter-se prolongado até ao governo de Lencastre, levando até às serranias de Macaúbas, além do Paramirim, sucessivas turmas de povoadores.[13] Vedado nos caminhos diretos e normais à costa, mais curtos porém interrompidos pelos paredões das serras ou trancados pelas matas, o acesso fazia-se pelo São Francisco. Abrindo aos exploradores duas entradas únicas, à nascente e à foz, levando os homens do Sul ao encontro dos homens do Norte, o grande rio erigia-se desde o princípio com a feição de um unificador étnico, longo traço de união entre as duas sociedades que se não conheciam. Porque provindos dos mais diversos pontos e origens, ou fossem os paulistas de Domingos Sertão, ou os baianos de Garcia d'Ávila, ou os pernambucanos de Francisco Caldas, com os seus pequenos exércitos de tabajaras aliados, ou mesmo os portugueses de Manuel Nunes Viana, que dali partiu da sua fazenda do Escuro, em Carinhanha, para comandar os *emboabas* no rio das Mortes, os forasteiros, ao atingirem o âmago daquele sertão, raro voltavam.

A terra, do mesmo passo exuberante e acessível, compensava-lhes a miragem desfeita das minas cobiçadas. A sua estrutura geológica original criando conformações topográficas em que as serranias, últimos esporões e contrafortes da cordilheira marítima, têm a atenuante dos tabuleiros vastos; a

sua flora complexa e variável, em que se entrelaçam florestas sem a vastidão e o trançado impenetrável das do litoral, com o "mimoso" das planuras e o "agreste" das chapadas desafogadas, todas, salteadamente, nos vastos claros das caatingas; a sua conformação hidrográfica especial de afluentes que se ajustam, quase simétricos, para o ocidente e o oriente ligando-a, de um lado à costa, de outro, ao centro dos planaltos – foram laços preciosos para a fusão desses elementos esparsos, atraindo-os, entrelaçando-os. E o regime pastoril ali se esboçou como uma sugestão dominadora dos gerais.

Nem faltava para isto, sobre a rara fecundidade do solo recamado de pastagens naturais, um elemento essencial, o sal, gratuito, nas baixadas salobras dos "barreiros".[14]

Constituiu-se, desta maneira favorecida, a extensa zona de criação de gado que já no alvorecer do século XVIII ia das raias setentrionais de Minas a Goiás, ao Piauí, aos extremos do Maranhão e Ceará pelo ocidente e norte, e às serranias das lavras baianas, a leste. Povoara-se e crescera autônoma e forte, mas obscura, desadorada dos cronistas do tempo, de todo esquecida não já pela metrópole longínqua senão pelos próprios governadores e vice-reis. Não produzia impostos ou rendas que interessassem o egoísmo da coroa. Refletia, entretanto, contraposta à turbulência do litoral e às aventuras das minas, "o quase único aspecto tranquilo da nossa cultura".[15] À parte os raros contingentes de povoadores pernambucanos e baianos, a maioria dos criadores opulentos, que ali se formaram, vinha do Sul, constituída pela mesma gente entusiasta e enérgica das bandeiras.

Segundo o que se colhe em preciosas páginas de Pedro Taques,[16] foram numerosas as famílias de São Paulo que, em contínuas migrações, procuraram aqueles rincões longínquos e acredita-se, aceitando o conceito de um historiógrafo perspicaz, que o "vale de São Francisco já aliás muito povoado de paulistas e de seus descendentes desde o século XVII, tornou-se uma como colônia quase exclusiva deles".[17] É natural por isto que Bartolomeu Bueno, ao descobrir Goiás, visse surpreendido, sinais evidentes de predecessores, anônimos pioneiros que ali tinham chegado, certo, pelo levante, transmontando a serra de Paranã; e que ao se reabrir em 1697 o ciclo mais notável das pesquisas do ouro, nas agitadas e ruidosas vagas de imigrantes, que rolavam dos flancos orientais da serra do Espinhaço ao talvegue do rio das Velhas, passassem mais fortes talvez, talvez precedendo as demais no descobrimento das minas de Caeté, e sulcando-as de meio a meio, e avançando em direção contrária como um refluxo promanado do Norte, as turmas dos "baianos", termo que como o de "paulista" se tornara genérico no abranger os povoados setentrionais.[18]

É que já se formara no vale médio do grande rio uma raça de cruzados idênticos àqueles mamalucos estrênuos que tinham nascido em São Paulo. E não nos demasiamos em arrojada hipótese admitindo que este tipo extraordinário do paulista, surgindo e decaindo logo no Sul, numa degeneração completa ao ponto de declinar no próprio território que lhe deu o

nome, ali renascesse e, sem os perigos das migrações e do cruzamento, se conservasse prolongando, intacta, ao nosso tempo, a índole varonil e aventureira dos avós.

Porque ali ficaram, inteiramente divorciados do resto do Brasil e do mundo, murados a leste pela serra Geral, tolhidos no ocidente pelos amplos campos gerais, que se desatam para o Piauí e que ainda hoje o sertanejo acredita sem fins.

O meio atraía-o e guardava-os.

As entradas de um e outro lado da meridiana, impróprias à dispersão, facilitavam antes o entrelaçamento dos extremos do país. Ligavam-nos no espaço e no tempo. Estabelecendo no interior a contiguidade do povoamento, que faltava ainda em parte na costa, e surgindo entre os nortistas que lutavam pela autonomia da pátria nascente e os sulistas, que lhe alargavam a área, abastecendo-os por igual com as fartas boiadas que subiam para o vale do rio das Velhas ou desciam até às cabeceiras do Parnaíba, aquela rude sociedade, incompreendida e olvidada, era o cerne vigoroso da nossa nacionalidade.

Os primeiros sertanistas que a criaram, tendo suplantado em toda a linha o selvagem, depois de o dominarem escravizaram-no e captaram-no, aproveitando-lhe a índole na nova indústria que abraçavam.

Veio subsequentemente o cruzamento inevitável. E despontou logo uma raça de curibocas puros quase sem mescla de sangue africano, facilmente denunciada, hoje, pelo tipo normal daqueles sertanejos. Nasciam de um amplexo feroz de vitoriosos e vencidos. Criaram-se numa sociedade revolta e aventurosa, sobre a terra farta; e tiveram, ampliando os seus atributos ancestrais, uma rude escola de força e de coragem naqueles gerais amplíssimos, onde ainda hoje ruge impune o jaguar e vagueia a ema velocíssima, ou nas serranias de flancos despedaçados pela mineração superficial, quando as lavras baianas, mais tarde, lhes deram esse derivativo à faina dos *rodeios*.

Fora longo traçar-lhes a evolução do caráter. Caldeadas a índole aventureira do colono e a impulsividade do indígena, tiveram, ulteriormente, o cultivo do próprio meio que lhes propiciou, pelo insulamento, a conservação dos atributos e hábitos avoengos, ligeiramente modificados apenas consoante as novas exigências da vida. – E ali estão com as suas vestes características, os seus hábitos antigos, o seu estranho aferro às tradições mais remotas, o seu sentimento religioso levado até ao fanatismo, e o seu exagerado ponto de honra, e o seu folclore belíssimo de rimas de três séculos.

Raça forte e antiga, de caracteres definidos e imutáveis mesmo nas maiores crises – quando a roupa de couro do vaqueiro se faz a armadura flexível do jagunço – oriunda de elementos convergentes de todos os pontos, porém diversa das demais deste país, ela é inegavelmente um expressivo exemplo do quanto importam as reações do meio. Expandindo-se pelos sertões limítrofes ou próximos, de Goiás, Piauí, Maranhão, Ceará e Pernambuco, tem um caráter de originalidade completa expressa mesma nas fundações que erigiu. Todos os

povoados, vilas ou cidades, que lhe animam hoje o território, têm uma origem uniforme bem destacada da dos demais que demoram ao norte e ao sul.

Enquanto deste lado se levantaram nas cercanias das minas ou à margem das catas, e no extremo norte a partir de dilatada linha entre a Itiúba e Ibiapaba sobre o local de antigas aldeias das missões, ali surgiram, todas, de antigas fazendas de gado.

Escusamo-nos de apontar exemplos por demais numerosos. Quem considera as povoações do São Francisco, das nascentes à foz, assiste à sucessão dos três casos apontados.

Deixa as regiões alpestres, cidades alcandoradas sobre serras, refletindo o arrojo incomparável das bandeiras; atravessa depois os grandes gerais, desmedidas arenas feitas à sociedade rude, libérrima e forte dos vaqueiros; e atinge por fim as paragens pouco apetecidas, amaninhadas pelas secas, eleitas aos roteiros lentos e penosos das missões...

É o que indicam, completando estes ligeiros confrontos, os traçados das fundações jesuíticas, no trato de terras que há pouco demarcamos.

Com efeito, ali, totalmente diversos na origem, os atuais povoados sertanejos se formaram de velhas aldeias de índios, arrebatadas, em 1758, do poder dos padres pela política severa de Pombal. Resumindo-nos aos que ainda hoje existem, próximos e em torno do lugar onde existia há cinco anos a Tróia de taipa dos jagunços, vemos, mesmo em tão estreita área, os melhores exemplos.

De fato, em toda esta superfície de terras, que abusivas concessões de sesmarias subordinaram à posse de uma só família, a de Garcia d'Ávila (Casa da Torre), acham-se povoados antiquíssimos. De Itapicuru de Cima a Jeremoabo e daí acompanhando o São Francisco até aos sertões de Rodelas e Cabrobó, avançaram logo no século XVII as missões num lento caminhar que continuaria até ao nosso tempo.

Não tiveram um historiador.

A extraordinária empresa apenas se retrata, hoje, em raros documentos, escassos demais para traçarem a sua continuidade. Os que existem, porém, são eloquentes para o caso especial que consideramos. Dizem, de modo iniludível, que enquanto o negro se agitava na azáfama do litoral, o indígena se fixava em aldeamentos que se tornariam cidades. A solicitude calculada do jesuíta e a rara abnegação dos capuchinhos e franciscanos incorporavam as tribos à nossa vida nacional; e quando no alvorecer do século XVIII os paulistas irromperam em Pambu e na Jacobina, deram de vistas, surpresos, nas paróquias que, ali, já centralizavam cabildas. O primeiro daqueles lugares, vinte e duas léguas a montante de Paulo Afonso, desde 1682 se incorporara à administração da metrópole. Um capuchinho dominava-o, desfazendo as dissensões tribais e imperando, humílimo, sobre os morubixabas mansos. No segundo

preponderava, igualmente exclusivo, o elemento indígena da velhíssima missão do Saí.

Jeremoabo aparece, já em 1698, como julgado, o que permite admitir-se-lhe origem muito mais remota. Aí o elemento indígena se mesclava ligeiramente com o africano, o *canhembora* ao *quilombola*.[19] Incomparavelmente mais animado do que hoje, o humilde lugarejo desviava para si, não raro, a atenção de João de Lencastre, governador-geral do Brasil, principalmente quando se exacerbavam as rivalidades dos chefes índios, munidos com as patentes, perfeitamente legais, de capitães. Em 1702 a primeira missão dos franciscanos disciplinou aqueles lugares, tornando-se mais eficaz que as ameaças do governo. Harmonizaram-se as cabildas; e o afluxo de selvícolas captados pela igreja foi tal que em um só dia o vigário de Itapicuru batizou 3 700 catecúmenos.[20]

Perto se erigia, também vetusta, a missão de Maçacará, onde, em 1687, tinha o opulento Garcia d'Ávila uma companhia de seu regimento.[21] Mais para o sul avultavam outras: Natuba, também bastante antiga aldeia, erecta pelos jesuítas; Inhambupe, que no elevar-se a paróquia originou larga controvérsia entre os padres e o rico sesmeiro precitado; Itapicuru (1639) fundada pelos franciscanos.

Mais para o norte, ao começar o século XVIII, o povoamento, com os mesmos elementos, continuou mais intenso, diretamente favorecido pela metrópole.

Na segunda metade do século XVII surgira no sertão de Rodelas a vanguarda das bandeiras do Sul. Domingos Sertão centralizou na sua fazenda do Sobrado o círculo animado da vida sertaneja. A ação desse rude sertanista, naquela região, não tem tido o relevo que merece. Quase na confluência das capitanias setentrionais, próximo ao mesmo tempo do Piauí, do Ceará, de Pernambuco e da Bahia, o rústico *landlord* colonial aplicou no trato de suas cinquenta fazendas de criação a índole aventurosa e irrequieta dos curibocas. Ostentando como os outros dominadores do solo um feudalismo achamboado – que o levava a transmudar em vassalos os foreiros humildes e em servos os tapuias mansos – o bandeirante atingindo aquelas paragens, e havendo conseguido o seu ideal de riqueza e poderio, aliava-se na mesma função integradora ao seu tenaz e humilde adversário, o padre. É que a metrópole, no Norte, secundava, sem vacilar, os esforços deste último. Firmara-se desde muito o princípio de combater o índio com o próprio índio, de sorte que cada aldeamento de catecúmenos era um reduto ante as incursões dos selvícolas soltos e indomáveis.

Ao terminar o século XVII, Lencastre fundou com o indígena catequizado o arraial da Barra, para atenuar as depredações dos Acaroazes e Mocoazes. E daquele ponto à feição da corrente do São Francisco, sucederam-se os aldeamentos e as missões, em Nossa Senhora do Pilar, Sorobabé, Pambu, Aracapá, Pontal, Pajeú, etc. É evidente, pois, que precisamente no trecho dos sertões baianos mais ligado aos dos demais estados do Norte – em toda a orla do sertão de Canudos – se estabeleceu desde o alvorecer da nossa história um

farto povoamento, em que sobressaía o aborígene amalgamando-se ao branco e ao negro, sem que estes se avolumassem ao ponto de dirimir a sua influência inegável.

As fundações ulteriores à expulsão dos jesuítas calcaram-se no mesmo método. Do final do século XVIII ao nosso, em Pombal, no Cumbe, em Bom Conselho e Monte Santo, etc., perseverantes missionários, de que é modelo belíssimo Apolônio de Todi, continuaram até aos nossos dias o apostolado penoso.

Ora toda essa população perdida num recanto dos sertões, lá permaneceu até agora, reproduzindo-se livre de elementos estranhos, como que insulada, e realizando, por isso mesmo, a máxima intensidade de cruzamento uniforme capaz de justificar o aparecimento de um tipo mestiço bem definido, completo.

Enquanto mil causas perturbadoras complicavam a mestiçagem no litoral revolvido pelas imigrações e pela guerra; e noutros pontos centrais outros empeços irrompiam no rastro das bandeiras – ali, a população indígena, aliada aos raros mocambeiros foragidos, brancos escapos à justiça ou aventureiros audazes, persistiu dominante.

Não sofismemos a História. Causas muito enérgicas determinaram o insulamento e conservação da autóctone. Destaquemo-las.

Foram, primeiro, as grandes concessões de sesmarias, definidoras da feição mais durável do nosso feudalismo tacanho.

Os possuidores do solo, de que são modelos clássicos os herdeiros de Antonio Guedes de Brito, eram ciosos dos dilatados latifúndios, sem raias, avassalando a terra. A custo toleravam a intervenção da própria metrópole. A ereção de capelas, ou paróquias, em suas terras fazia-se sempre através de controvérsias com os padres; e embora estes afinal ganhassem a partida caíam de algum modo sob o domínio dos grandes potentados. Estes dificultavam a entrada de novos povoadores ou concorrentes e tornavam as fazendas de criação, dispersas em torno das freguesias recém-formadas, poderosos centros de atração à raça mestiça que delas promanava.

Assim, esta se desenvolveu fora do influxo de outros elementos. E entregues à vida pastoril, a que por índole se afeiçoavam, os curibocas ou cafuzos trigueiros, antecedentes diretos dos vaqueiros atuais, divorciados inteiramente das gentes do Sul e da colonização intensa do litoral, evolveram, adquirindo uma fisionomia original. Como que se criaram num país diverso.

A carta régia de 7 de fevereiro de 1701, foi, depois, uma medida supletiva desse isolamento. Proibira, cominando severas penas aos infratores, quaisquer comunicações daquela parte dos sertões com o Sul, com as minas de São Paulo. Nem mesmo as relações comerciais foram toleradas; interditas as mais simples trocas de produtos.

Ora, além destes motivos, sobreleva-se, considerando a gênese do sertanejo no extremo norte, um outro: o meio físico dos sertões em todo o vasto território que se alonga do leito do Vaza-Barris ao do Parnaíba, no ocidente.

Vimos-lhe a fisionomia original: a flora agressiva, o clima impiedoso, as secas periódicas, o solo estéril crespo de serranias desnudas, insulado entre os esplendores do majestoso *araxá*[22] do centro dos planaltos e as grandes matas, que acompanham e orlam a curvatura das costas. Esta região ingrata para a qual o próprio tupi tinha um termo sugestivo *pora-pora-eima*,[23] remanescente ainda numa das serranias que a fecham pelo levante (Borborema), foi o asilo do tapuia. Batidos pelo português, pelo negro e pelo tupi coligados, refluindo ante o número, os indômitos *cariris* encontraram proteção singular naquele colo duro da terra, escalavrado pelas tormentas, endurado pela ossamenta rígida das pedras, ressequido pelas soalheiras, esvurmando espinheirais e caatingas. Ali se amorteciam, caindo no vácuo das chapadas, onde ademais nenhuns indícios se mostravam dos minérios apetecidos, os arremessos das bandeiras. A *tapui-retama*[24] misteriosa ataviara-se para o estoicismo do missionário. As suas veredas multívias e longas, retratavam a marcha lenta, torturante e dolorosa dos apóstolos. As bandeiras que a alcançavam, decampavam logo, seguindo, rápidas, fugindo, buscando outras paragens.

Assombrava-as a terra, que se modelara para as grandes batalhas silenciosas da Fé. Deixavam-na, sem que nada lhes determinasse a volta; e deixavam em paz o gentio.

Daí a circunstância, revelada por uma observação feliz, de predominarem ainda hoje, nas denominações geográficas daqueles lugares, termos de origem tapuia resistentes às absorções do português e do tupi, que se exercitaram noutros pontos. Sem nos delongarmos demais, resumamos às terras circunjacentes a Canudos a exemplificação deste fato de linguagem, que tão bem traduz uma vicissitude histórica.

> Transpondo o São Francisco em direção ao sul, penetra-se de novo numa região ingrata pela inclemência do céu, e vai-se atravessando a bacia elevada do Vaza-Barris, antes de ganhar os trechos esparsos e mais deprimidos das chapadas baianas que, depois do salto de Paulo Afonso, depois de Canudos e de Monte Santo, levam a Itiúba, ao Tombador e ao Açuruá. Aí, nesse trecho do pátrio território, aliás dos mais ingratos, onde outrora se refugiaram os perseguidos destroços dos Orizes, Procás e Cariris, de novo aparecem, designando os lugares, os nomes bárbaros de procedência tapuia, que nem o português nem o tupi logrou suplantar.
>
> Leem-se então no mapa da região com a mesma frequência dos acidentes topográficos os nomes como Pambu, Patamoté, Uauá, Bendegó, Cumbe, Maçacará, Cocorobó, Jeremoabo, Tragagó, Canché, Xorroxó, Quincuncá, Conchó, Centocé, Açuruá, Xiquexique, Jequié, Sincorá, Caculé ou Catolé, Orobó, Mocujé e outros, igualmente bárbaros e estranhos.[25]

É natural que grandes populações sertanejas, de par com as que se constituíam no médio São Francisco, se formassem ali com a dosagem preponderante do sangue tapuia. E lá ficassem ablegadas, evolvendo em círculo apertado durante

três séculos, até à nossa idade, num abandono completo, de todo alheias dos nossos destinos, guardando, intactas, as tradições do passado. De sorte que, hoje, quem atravessa aqueles lugares observa uma uniformidade notável entre os que os povoam: feições e estaturas variando ligeiramente em torno de um modelo único, dando a impressão de um tipo antropológico invariável, logo ao primeiro lance de vistas distinto do mestiço proteiforme do litoral. Porque enquanto este patenteia todos os cambiantes da cor e se erige ainda indefinidos, segundo o predomínio variável dos seus agentes formadores, o homem do sertão parece feito por um molde único, revelando quase os mesmos caracteres físicos, a mesma tez, variando brevemente do mamaluco bronzeado ao cafuz trigueiro; cabelo corredio e duro ou levemente ondeado; a mesma envergadura atlética, e os mesmos caracteres morais traduzindo-se nas mesmas superstições, nos mesmos vícios, e nas mesmas virtudes.

A uniformidade, sob estes vários aspectos, é impressionadora. O sertanejo do Norte é, inegavelmente, o tipo de uma subcategoria étnica já constituída.

Abramos um parêntese...

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. O indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia, exprimem estádios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço – traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares – é, quase sempre, um desequilibrado. Foville compara-os, de um modo geral, aos histéricos. Mas o desequilíbrio nervoso, em tal caso, é incurável: não há terapêutica para este embater de tendências antagonistas, de raças repentinamente aproximadas, fundidas num organismo isolado. Não se compreende que após divergirem extremamente, através de largos períodos entre os quais a História é um momento, possam dois ou três povos convergir, de súbito, combinando constituições mentais diversas, anulando em pouco tempo distinções resultantes de um lento trabalho seletivo. Como nas somas algébricas, as qualidades dos elementos que se justapõem, não se acrescentam, subtraem-se ou destroem-se segundo os caracteres positivos e negativos em presença. E o mestiço – mulato, mamaluco ou cafuz – menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores. Contrastando com a fecundidade que acaso possua, ele revela casos de hibridez moral extraordinários: espíritos fulgurantes, às vezes, mas frágeis, irrequietos, inconstantes, deslumbrando um momento e extinguindo-se prestes, feridos pela fatalidade das leis biológicas, chumbados ao plano

inferior da raça menos favorecida. Impotente para formar qualquer solidariedade entre as gerações opostas, de que resulta, reflete-lhes os vários aspectos predominantes num jogo permanente de antíteses. E quando avulta – não são raros os casos – capaz das grandes generalizações ou de associar as mais complexas relações abstratas, todo esse vigor mental repousa (salvante os casos excepcionais cujo destaque justifica o conceito) sobre uma moralidade rudimentar, em que se pressente o automatismo impulsivo das raças inferiores.

É que nessa concorrência admirável dos povos, evolvendo todos em luta sem tréguas, na qual a seleção capitaliza atributos que a hereditariedade conserva, o mestiço é um intruso. Não lutou; não é uma integração de esforços; é alguma coisa de dispersivo e dissolvente; surge, de repente, sem caracteres próprios, oscilando entre influxos opostos de legados discordes. A tendência à regressão às raças matrizes caracteriza a sua instabilidade. É a tendência instintiva a uma situação de equilíbrio. As leis naturais pelo próprio jogo parecem extinguir, a pouco e pouco, o produto anômalo que as viola, afogando-o nas próprias fontes geradoras. O mulato despreza então, irresistivelmente, o negro e procura com uma tenacidade ansiosíssima cruzamentos que apaguem na sua prole o estigma da fronte escurecida; o mamaluco faz-se o bandeirante inexorável, precipitando-se, ferozmente, sobre as cabildas aterradas...

Esta tendência é expressiva. Reata, de algum modo, a série contínua da evolução, que a mestiçagem partira. A raça superior torna-se o objetivo remoto para onde tendem os mestiços deprimidos e estes, procurando-a, obedecem ao próprio instinto da conservação e da defesa. É que são invioláveis as leis do desenvolvimento das espécies; e se toda a sutileza dos missionários tem sido impotente para afeiçoar o espírito do selvagem às mais simples concepções de um estado mental superior; se não há esforços que consigam do africano, entregue à solicitude dos melhores mestres, o aproximar-se sequer do nível intelectual médio do indo-europeu – porque todo o homem é antes de tudo uma integração de esforços da raça a que pertence e o seu cérebro uma herança, – como compreender-se a normalidade do tipo antropológico que aparece, de improviso, enfeixando tendências tão opostas?

Entretanto a observação cuidadosa do sertanejo do Norte mostra atenuado esse antagonismo de tendências e uma quase fixidez nos caracteres fisiológicos do tipo emergente.

Este fato, que contrabate, ao parecer, as linhas anteriores, é a sua contraprova frisante.

Com efeito, é inegável que para a feição anormal dos mestiços de raças mui diversas contribui bastante o fato de acarretar o elemento étnico mais elevado mais elevadas condições de vida, de onde decorre a acomodação penosa e

difícil para aqueles. E desde que desça sobre eles a sobrecarga intelectual e moral de uma civilização, o desequilíbrio é inevitável.

A índole incoerente, desigual e revolta do mestiço, como que denota um íntimo e intenso esforço de eliminação dos atributos que lhe impedem a vida num meio mais adiantado e complexo. Reflete – em círculo diminuto – esse combate surdo e formidável, que é a própria luta pela vida das raças, luta comovedora e eterna caracterizada pelo belo axioma de Gumplowicz como a força motriz da História. O grande professor de Gratz não a considerou sob este aspecto. A verdade, porém, é que se todo o elemento étnico forte “tende subordinar ao seu destino o elemento mais fraco ante o qual se acha”, encontra na mestiçagem um caso perturbador. A expansão irresistível do seu círculo singenético, porém, por tal forma iludida, retarda-se apenas. Não se extingue. A luta transmuda-se, tornando-se mais grave. Volve do caso vulgar, do extermínio franco da raça inferior pela guerra, à sua eliminação lenta, à sua absorção vagarosa, à sua diluição no cruzamento. E durante o curso deste processo redutor, os mestiços emergentes, variáveis, com todas as nuanças da cor, da forma e do caráter, sem feições definidas, sem vigor, e as mais das vezes inviáveis, nada mais são, em última análise, do que os mutilados inevitáveis do conflito que perdura, imperceptível, pelo correr das idades.

É que neste caso a raça forte não destrói a fraca pelas armas, esmaga-a pela civilização.

Ora os nossos rudes patrícios dos sertões do Norte forraram-se a esta última. O abandono em que jazeram teve função benéfica. Libertou-os da adaptação penosíssima a um estádio social superior, e, simultaneamente, evitou que descambassem para as aberrações e vícios dos meios adiantados.

A fusão entre eles operou-se em circunstâncias mais compatíveis com os elementos inferiores. O fator étnico preeminente transmitindo-lhes as tendências civilizadoras não lhes impôs a civilização.

Este fato destaca fundamentalmente a mestiçagem dos sertões da do litoral. São formações distintas, se não pelos elementos, pelas condições do meio. O contraste entre ambas ressalta ao paralelo mais simples. O sertanejo tomando em larga escala, do selvagem, a intimidade com o meio físico, que ao invés de deprimir enrija o seu organismo potente, reflete, na índole e nos costumes, das outras raças formadoras apenas aqueles atributos mais ajustáveis à sua fase social incipiente.

É um retrógrado; não é um degenerado. Por isto mesmo que as vicissitudes históricas o libertaram, na fase delicadíssima da sua formação, das exigências desproporcionadas de uma cultura de empréstimo, prepararam-no para a conquistar um dia.

A sua evolução psíquica, por mais demorada que esteja destinada a ser, tem, agora, a garantia de um tipo fisicamente constituído e forte. Aquela raça cruzada surge autônoma e, de algum modo, original, transfigurando, pela própria combinação, todos os atributos herdados; de sorte que, despeada afinal da existência selvagem, pode alcançar a vida civilizada por isto mesmo

que não a atingiu de repente.

Aparece logicamente.

Ao invés da inversão extravagante que se observa nas cidades do litoral, onde funções altamente complexas se impõem a órgãos mal constituídos, comprimindo-os e atrofiando-os antes do pleno desenvolvimento – nos sertões a integridade orgânica do mestiço desponta inteiriça e robusta, imune de estranhas mesclas, capaz de evolver, diferenciando-se, acomodando-se a novos e mais altos destinos, porque é a sólida base física do desenvolvimento moral ulterior.

Deixemos, porém, este divagar pouco atraente.

Prossigamos considerando diretamente a figura original dos nossos patrícios retardatários. Isto sem método, despretensiosamente, evitando os garbosos neologismos etnológicos.

Faltaram-nos, do mesmo passo, tempo e competência para nos enredarmos em fantasias psíquico-geométricas, que hoje se exageram num quase materialismo filosófico, medindo o ângulo facial, ou traçando a *norma verticalis* dos jagunços.

Se nos embaraçássemos nas imaginosas linhas dessa espécie de topografia psíquica, de que tanto se tem abusado, talvez não os compreendêssemos melhor. Sejamos simples copistas.

Reproduzamos, intactas, todas as impressões, verdadeiras ou ilusórias, que tivemos quando, de repente, acompanhando a celeridade de uma marcha militar, demos de frente, numa volta do sertão, com aqueles desconhecidos singulares, que ali estão – abandonados – há três séculos.

III

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempeno, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo – cai é o termo – de cócaras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

É o homem permanentemente fatigado.

Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude.

Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude.

Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.

Este contraste impõe-se ao mais leve exame. Revela-se a todo o momento,

em todos os pormenores da vida sertaneja – caracterizado sempre pela intercadência impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas.

É impossível idear-se cavaleiro mais chucro e deselegante; sem posição, pernas coladas ao bojo da montaria, tronco pendido para a frente e oscilando à feição da andadura dos pequenos cavalos do sertão, desferrados e maltratados, resistentes e rápidos como poucos. Nesta atitude indolente, acompanhando morosamente, a passo, pelas chapadas, o passo tardo das boiadas, o vaqueiro preguiçoso quase transforma o *campião* que cavalga na rede amolecedora em que atravessa dois terços da existência.

Mas se uma rês *alevantada* envereda, esquiva, adiante, pela caatinga *garranchenta*, ou se uma ponta de gado, ao longe, se trasmalha, ei-lo em momentos transformado, cravando os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas.

Vimo-lo neste *steeple chase* bárbaro.

Não há contê-lo, então, no ímpeto. Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moutas de espinhos ou barrancas de ribeirões, nada lhe impede encalçar o *garrote* desgarrado, porque *por onde passa o boi passa o vaqueiro com o seu cavalo*...

Colado ao dorso deste, confundindo-se com ele, graças à pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra de um centauro bronco: emergindo inopinadamente nas clareiras; mergulhando nas macegas altas; saltando valos e ipueiras; vingando cômoros alçados; rompendo, célere, pelos espinheirais mordentes; precipitando-se, a toda brida, no largo dos tabuleiros...

A sua compleição robusta ostenta-se, nesse momento, em toda a plenitude. Como que é o cavaleiro robusto que empresta vigor ao cavalo pequenino e frágil, sustendo-o nas rédeas improvisadas de caroá, suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira – estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para a frente, torso colado no arção, – *escanchado no rastro* do novilho esquivo: aqui curvando-se agilíssimo, sob um ramalho, que lhe roça quase pela sela; além desmontando, de repente, como um acrobata, agarrado às crinas do animal, para fugir ao embate de um tronco percebido no último momento e galgando, logo depois, num pulo, o selim; – e galopando sempre, através de todos os obstáculos, sopesando à destra sem a perder nunca, sem a deixar no inextricável dos cipoais, a longa aguilhada de ponta de ferro encastoado em couro, que por si só constituiria, noutras mãos, sérios obstáculos à travessia...

Mas terminada a refrega, restituída ao rebanho a rês dominada, ei-lo, de novo caído sobre o lombilho retovado, outra vez desgracioso e inerte, oscilando à feição da andadura lenta, com a aparência triste de um inválido esmorecido.

O *gaúcho* do Sul, ao encontrá-lo nesse instante, sobreolhá-lo-ia comiserado.

O vaqueiro do Norte é a sua antítese. Na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos não há equipará-los. O primeiro, filho dos plainos sem

fins, afeito às correrias fáceis nos pampas e adaptado a uma natureza carinhosa que o encanta, tem, certo, feição mais cavalheirosa e atraente. A luta pela vida não lhe assume o caráter selvagem da dos sertões do Norte. Não conhece os horrores da seca e os combates cruentos com a terra árida e exsicada. Não o entristecem as cenas periódicas da devastação e da miséria, o quadro assombrador da absoluta pobreza do solo calcinado, exaurido pela adustão dos sóis bravios do equador. Não tem, no meio das horas tranquilas da felicidade, a preocupação do futuro, que é sempre uma ameaça, tornando aquela instável e fugitiva. Desperta para a vida amando a natureza deslumbrante que o aviventa; e passa pela vida, aventureiro, jovial, diserto, valente e fanfarrão, despreocupado, tendo o trabalho como uma diversão que lhe permite as *disparadas*, domando distâncias, nas pastagens planas, tendo aos ombros, palpitando aos ventos, o pala inseparável, como uma flâmula festivamente desdobrada.

As suas vestes são um traje de festa, ante a vestimenta rústica do vaqueiro. As amplas *bombachas*, adrede talhadas para a movimentação fácil sobre os *baguais*, no galope fechado ou no corcovear raivoso, não se estragam em espinhos dilaceradores de caatingas. O seu poncho vistoso jamais fica perdido, embaraçado nos esgalhos das árvores garranchentas. E, rompendo pelas coxilhas, arrebatadamente na marcha do redomão desensofrido, calçando as largas botas russilhonas, em que retinem as rosetas das esporas de prata; lenço de seda, encarnado, ao pescoço; coberto pelo sombreiro de enormes abas flexíveis e tendo à cinta, rebrilhando, presas pela *guaiaca*, a pistola e a faca – é um vitorioso jovial e forte. O cavalo, sócio inseparável desta existência algo romanesca, é quase objeto de luxo. Demonstra-o o arreamento complicado e espetaculoso. O gaúcho andrajoso sobre um *pingo* bem aperado, está decente, está corretíssimo. Pode atravessar sem vexames os vilarejos em festa.

O vaqueiro, porém, criou-se em condições opostas, em uma intermitência, raro perturbada, de horas felizes e horas cruéis, de abastança e misérias – tendo sobre a cabeça, como ameaça perene, o Sol, arrastando de envolta no volver das estações, períodos sucessivos de devastações e desgraças.

Atravessou a mocidade numa intercadência de catástrofes. Fez-se homem, quase sem ter sido criança. Salteou-o, logo, intercalando-lhe agruras nas horas festivas da infância, o espantalho das secas no sertão. Cedo encarou a existência pela sua face tormentosa. É um condenado à vida. Compreendeu-se envolvido em combate sem tréguas, exigindo-lhe imperiosamente a convergência de todas as energias.

Fez-se forte, esperto, resignado e prático.

Aprestou-se, cedo, para a luta.

O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no *gibão* de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as *perneiras*, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em *joelheiras* de sola; e resguardados os pés e as mãos

pelas *luvas* e *guarda-pés* de pele de veado – é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo.

Esta armadura, porém, de um vermelho pardo, como se fosse de bronze flexível, não tem cintilações, não rebrilha ferida pelo Sol. É fosca e poenta. Envolve ao combatente de uma batalha sem vitórias...

A sela da montaria, feita por ele mesmo, imita o lombilho rio-grandense, mas é mais curta e cavada, sem os apetrechos luxuosos daquele. São acessórios uma manta de pele de bode, um couro resistente, cobrindo as ancas do animal, *peitorais* que lhe resguardam o peito, e as joelheiras apresilhadas às juntas.

Este equipamento do homem e do cavalo talha-se à feição do meio. Vestidos doutro modo não romperiam, incólumes, as caatingas e os pedregais cortantes.

Nada mais monótono e feio, entretanto, do que esta vestimenta original, de uma só cor – o pardo avermelhado do couro curtido – sem uma variante, sem uma lista sequer diversamente colorida. Apenas, de longe em longe, nas raras *encamisadas*, em que aos descantes da viola o matuto deslembra as horas fatigadas, surge uma novidade – um colete vistoso de pele de gato-do-mato ou de suçuarana com o pelo mosqueado virado para fora, ou uma bromélia rubra e álacre fincada no chapéu de couro.

Isto, porém, é incidente passageiro e raro.

Extintas as horas do folguedo, o sertanejo perde o desgarre folgazão – largamente expandido nos *sapateados*, em que o estalo seco das alpercatas sobre o chão se parte nos tinidos das esporas e soalhas dos pandeiros, acompanhando a cadência das violas vibrando nos *rasgados* – e cai na postura habitual, tosco, deselegante e anguloso, num estranho manifestar de desnervamento e cansaço extraordinários.

Ora, nada mais explicável do que este permanente contraste entre extremas manifestações de força e agilidade e longos intervalos de apatia.

Perfeita tradução moral dos agentes físicos da sua terra, o sertanejo do Norte teve uma árdua aprendizagem de reveses. Afez-se, cedo, a encontrá-los, de chofre, e a reagir, de pronto.

Atravessa a vida entre ciladas, surpresas repentinas de uma natureza incompreensível, e não perde um minuto de tréguas. É o batalhador perenemente combalido e exausto, perenemente audacioso e forte; preparando-se sempre para um recontro que não vence e em que se não deixa vencer; passando da máxima quietude à máxima agitação; da rede preguiçosa e cômoda para o lombilho duro, que o arrebata, como um raio, pelos arrastadores estreitos, em busca das malhadas. Reflete, nestas aparências que se contrabatem, a própria natureza que o rodeia – passiva ante o jogo dos elementos e passando, sem transição sensível, de uma estação à outra, da maior exuberância à penúria dos desertos incendidos, sob o reverberar dos estios abrasantes.

É inconstante como ela. É natural que o seja. Viver é adaptar-se. Ela o talhou

à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto...

O gaúcho, o *pealador* valente, é, certo, inimitável numa carga guerreira; precipitando-se, ao ressoar estrídulo dos clarins vibrantes, pelos pampas, com o conto da lança enristada, firme no estribo; atufando-se loucamente nos *entreveros*; desaparecendo, com um grito triunfal, na voragem do combate, onde espadanam cintilações de espadas; transmudando o cavalo em projetil e varando quadrados e levando de rojo o adversário no rompão das ferraduras, ou tombando, prestes, na luta, em que entra com despreocupação soberana pela vida.

O jagunço é menos teatralmente heroico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro.

Raro assume esta feição romanesca e gloriosa. Procura o adversário com o propósito firme de o destruir, seja como for.

Está afeiçoado aos prélios obscuros e longos, sem expansões entusiásticas. A sua vida é uma conquista arduamente feita, em faina diuturna. Guarda-a como capital precioso. Não esperdiça a mais ligeira contração muscular, a mais leve vibração nervosa sem a certeza do resultado. Calcula friamente o pugilato. Ao *riscar da faca* não dá um golpe em falso. Ao apontar a lazarina longa ou o trabuco pesado, *dorme na pontaria*...

Se, ineficaz o arremesso fulminante, o contrário enterreirado não baqueia, o gaúcho, vencido ou pulseado, é fragílimo nas aperturas de uma situação inferior ou indecisa.

O jagunço, não. Recua. Mas no recuar é mais temeroso ainda. É um negacear demoníaco. O adversário tem, daquela hora em diante, visando-o pelo cano da espingarda, um ódio inextinguível, oculto no sombreado das tocaias...

Esta oposição de caracteres acentua-se nas quadras normais.

Assim todo sertanejo é vaqueiro. À parte a agricultura rudimentar das *plantações da vazante* pela beira dos rios, para a aquisição de cereais de primeira necessidade, a criação de gado é, ali, a sorte de trabalho menos impropriada ao homem e à terra.

Entretanto não há vislumbrar nas fazendas do sertão a azáfama festiva das *estâncias* do Sul.

Parar o rodeio é para o gaúcho uma festa diária, de que as cavalhadas espetaculosas são ampliação apenas. No âmbito estreito das mangueiras ou em pleno campo, ajuntando o gado costeado ou encalçando os bois esquivos, pelas sangas e banhados, os pealadores, capatazes e peões, preando à ilhapa dos laços o potro bravio, ou fazendo tombar, fulminado pelas bolas silvantes, o touro alçado, nas evoluções rápidas das carreiras, como se tirassem *argolinhas*, seguem no alarido e na alacridade de uma diversão tumultuosa. Nos trabalhos mais calmos, quando nos rodeios marcam o gado, curam-lhe as feridas,

apartam os que se destinam às charqueadas, separam os novilhos *tambeiros* ou escolhem os baguais condenados às chilenas do domador, – o mesmo fogo que encandesce as marcas, dá as brasas para os ágapes rudes de assados com couro ou ferve a água para o chimarrão amargo.

Decorre-lhes a vida variada e farta.

O mesmo não acontece ao Norte. Ao contrário do estancieiro, o fazendeiro dos sertões vive no litoral, longe dos dilatados domínios que nunca viu, às vezes. Herdaram velho vício histórico. Como os opulentos sesmeiros da colônia, usufruem, parasitariamente, as rendas das suas terras, sem divisas fixas. Os vaqueiros são-lhes servos submissos.

Graças a um contrato pelo qual percebem certa percentagem dos produtos, ali ficam, anônimos – nascendo, vivendo e morrendo na mesma quadra de terra – perdidos nos arrastadores e mocambos; e cuidando, a vida inteira, fielmente, dos rebanhos que lhes não pertencem.

O verdadeiro dono, ausente, conhece-lhes a fidelidade sem par. Não os fiscaliza. Sabe-lhes, quando muito, os nomes.

Envoltos, então, no traje característico, os sertanejos encourados erguem a choupana de pau a pique à borda das cacimbas, rapidamente, como se armassem tendas; e entregam-se, abnegados, à servidão que não avaliam.

A primeira coisa que fazem, é aprender o *a b c* e, afinal toda a exigência da arte em que são eméritos: conhecer os *ferros* das suas fazendas e os das circunvizinhas. Chamam-se assim os sinais de todos os feitios, ou letras, ou desenhos caprichosos como siglas, impressos, por tatuagem a fogo, nas ancas do animal, completados pelos cortes, em pequenos ângulos, nas orelhas. *Ferrado* o boi, está garantido. Pode romper tranqueiras e tresmalhar-se. Leva, indelével, a indicação que o reporá na *solta*[26] primitiva. Porque o vaqueiro, não se contentando com ter de cor os ferros de sua fazenda, aprende os das demais. Chega, às vezes, por extraordinário esforço de memória, a conhecer, uma por uma, não só as reses de que cuida, como as dos vizinhos, incluindo-lhes a genealogia e hábitos característicos, e os nomes, e as idades, etc. Deste modo, quando surge no seu *logrador* um animal alheio, cuja marca conhece, o restitui de pronto. No caso contrário, conserva o intruso, tratando-o como aos demais. Mas não o leva à feira anual, nem o aplica em trabalho algum; deixa-o morrer de velho. Não lhe pertence.

Se é uma vaca e dá cria, *ferra* a esta com o mesmo sinal desconhecido, que reproduz com perfeição admirável; e assim pratica com toda a descendência daquela. De quatro em quatro bezerros, porém, separa um, para si. É a sua paga. Estabelece com o patrão desconhecido o mesmo convênio que tem com o outro. E cumpre estritamente, sem juízes e sem testemunhas, o estranho contrato, que ninguém escreveu ou sugeriu.

Sucede muitas vezes ser decifrada, afinal, uma marca somente depois de muitos anos, e o criador feliz receber, ao invés de peça única que lhe fugira e da qual se deslembrara, uma ponta de gado, todos os produtos dela.

Parece fantasia este fato, vulgar, entretanto, nos sertões.

Indicamo-lo como traço encantador da probidade dos matutos. Os grandes proprietários da terra e dos rebanhos, a conhecem. Têm, todos, com o vaqueiro o mesmo trato de parceria resumido na cláusula única de lhe darem em troca dos cuidados que ele despende, um quarto dos produtos da fazenda. E sabem que nunca se violará a percentagem.

O ajuste de contas faz-se no fim do inverno e realiza-se, ordinariamente, sem que esteja presente a parte mais interessada. É formalidade dispensável. O vaqueiro separa escrupulosamente a grande maioria de novas cabeças pertencentes ao patrão (nas quais imprime o sinal da fazenda) das poucas, um quarto, que lhe couberam por sorte. Grava nestas o seu sinal particular; e conserva-as ou vende-as. Escreve ao patrão,27 dando-lhe conta minuciosa de todo o movimento do sítio, alongando-se aos mínimos pormenores; e continua na faina ininterrupta.

Esta, ainda que, em dadas ocasiões, fatigante, é a mais rudimentar possível. Não existe no Norte uma indústria pastoril. O gado vive e multiplica-se à gandaia. Ferrados em junho, os garrotes novos perdem-se nas caatingas, com o resto das malhadas. Ali os rareiam epizootias intensas, em que se sobrelevam o *rengue* e o *mal triste*. Os vaqueiros mal procuram atenuá-las. Restringem a atividade às corridas desabaladas pelos arrastadores. Se a bicheira devasta a tropa, sabem de específico mais eficaz que o mercúrio: a reza. Não precisam de ver o animal doente. Voltam-se apenas na direção em que ele se acha e rezam, tracejando no chão inextricáveis linhas cabalísticas. Ou então, o que é ainda mais transcendente, curam-no pelo rastro.

E assim passam numa agitação estéril.

Raro, um incidente, uma variante alegre, quebra a sua vida monótoma.

Solidários todos, auxiliam-se incondicionalmente em todas as conjunturas. Se foge algum um boi levantadiço, toma da *guiada*,28 põe pernas ao campeão, e ei-lo escanchado no rastro, jogado pelas veredas tiradas a facão. Se não pode levar avante a empresa, *pede campo*, frase característica daquela cavalaria rústica, aos companheiros mais vizinhos, e lá seguem todos, aos dez, aos vinte, rápidos, ruidosos, amigos – *campeando*, voando pelos tombadores e esquadrinhando as caatingas até que o bruto, *desautorizado*, *dê a venta* no termo da corrida, ou tombe, de rijo, mancornado às mãos possantes que se lhe aferram aos chifres.

Esta solidariedade de esforços evidencia-se melhor na *vaquejada*, trabalho consistindo essencialmente no reunir, e discriminar depois, os gados de diferentes fazendas convizinhas, que por ali vivem em comum, de mistura em um compáscuo único e enorme, sem cercas e sem valos.

Realizam-na de junho a julho.

Escolhido um lugar mais ou menos central, as mais das vezes uma várzea complanada e limpa, o *rodeador*, congrega-se a vaqueirama das vizinhanças. Concertam nos dispositivos da empresa. Distribuem-se as funções que a cada um caberão na lide. E para logo, irradiantes pela superfície da arena, arremetem com as caatingas que a envolvem os encourados atléticos.

O quadro tem a movimentação selvagem e assombrosa de uma corrida de tártaros.

Desaparecem em minutos os sertanejos, perdendo-se no matagal circundante. O rodeio permanece por algum tempo deserto...

De repente estruge ao lado um estrídulo tropel de cascos sobre pedras, um estrépito de galhos estalando, um estalar de chifres embatendo; tufa nos ares, em novelos, uma nuvem de pó; rompe, a súbitas, na clareira, embolada, uma ponta de gado; e, logo após, sobre o cavalo que estaca esbarrado, o vaqueiro, teso nos estribos...

Traz apenas exígua parte do rebanho. Entrega-a aos companheiros que ali ficam, *de esteira*; e volve em galope desabalado, renovando a pesquisa. Enquanto outros repontam além, mais outras, sucessivamente, por toda a banda, por todo o âmbito do rodeio, que se anima, e tumultua em disparos: bois às marradas ou escarvando o chão, cavalos curveteando, confundidos e embaralhados sobre os plainos vibrantes num prolongado rumor de terremoto. Aos lados, na caatinga, os menos felizes se agitam às voltas com os marruás recalcitrantes. O touro largado ou o garrote vadio em geral refoge à revista. Afunda na caatinga. Segue-o o vaqueiro. Cose-se-lhe no rastro. Vai com ele às últimas bibocas. Não o larga; até que surja o ensejo para um ato decisivo: alcançar repentinamente o fugitivo, de arranco; cair logo para o lado da sela, suspenso num estribo e uma das mãos presa às crinas do cavalo; agarrar com a outra a cauda do boi em disparada e com um repelão fortíssimo, de banda, derribá-lo pesadamente em terra. Põe-lhe depois a *peia* ou a máscara de couro, levando-o jugulado ou vendado para o rodeador.

Ali o recebem ruidosamente os companheiros. Conta-lhes a façanha. Contam-lhe outras idênticas; e trocam-se as impressões heroicas numa adjetivação *ad hoc*, que vai num crescendo do *destalado* ríspido ao *temero* pronunciado num trêmulo enrouquecido e longo.

Depois, ao findar do dia, a última tarefa: contam as cabeças reunidas. Apartam-nas. Separam-se, seguindo cada um para sua fazenda tangendo por diante as reses respectivas. E pelos ermos ecoam melancolicamente as notas do *aboiado*...[29]

Entretanto, mesmo ao cabo desta faina penosa, surgem outras maiores.

Segue a boiada vagarosamente, à cadência daquele canto triste e preguiçoso. Escanchado, desgraciosamente, na sela, o vaqueiro, que a revê unida e acrescida de novas crias, rumina os lucros prováveis: o que toca ao patrão, e o que lhe toca a ele, pelo trato feito. Vai dali mesmo contando as peças destinadas à feira; considera, aqui, um velho boi que ele conhece há dez anos e nunca levou à feira, mercê de uma amizade antiga; além um mumbica

claudicante, em cujo flanco se enterra estrepe agudo, que é preciso arrancar; mais longe mascarado, cabeça alta e desafiadora, seguindo apenas guiado pela compressão dos outros, o garrote bravo, que subjugou, pegando-o, *de saia*, e derrubando-o, na caatinga; acolá, soberbo, caminhando folgado, porque os demais o respeitam, abrindo-lhe em roda um claro, largo pescoço, envergadura de búfalo, o touro vigoroso, inveja de toda a redondeza, cujas armas rígidas e curtas relembram, estaladas, rombas e cheias de terra, guampaços formidáveis, em luta com os rivais possantes, nos *logradouros*; além, para toda a banda, outras peças, conhecidas todas, revivendo-lhe todas, uma a uma, um incidente, um pormenor qualquer da sua existência primitiva e simples.

E prosseguem, em ordem, lentos, ao toar merencório da cantiga, que parece acalentá-los, embalando-os com o refrão monótono:

Ê cou mansão...
Ê cou... ê cão!...

ecoando saudoso nos descampados mudos...

De súbito, porém, ondula um frêmito sulcando, num estremeção repentino, aqueles centenares de dorsos luzidios. Há uma parada instantânea. Entrebatem-se, enredam-se, trançam-se e alteiam-se fisgando vivamente o espaço, e inclinam-se, e embaralham-se milhares de chifres. Vibra uma trepidação no solo; e a boiada *estoura*...30

A boiada arranca.

Nada explica, às vezes, o acontecimento, aliás vulgar, que é o desespero dos campeiros.

Origina-o o incidente mais trivial – o súbito voo rasteiro de uma aracuã ou a corrida de um mocó esquivo. Uma rês se espanta e o contágio, uma descarga nervosa subitânea, transfunde o espanto sobre o rebanho inteiro. É um solavanco único, assombroso, atirando, de pancada, por diante, revoltos, misturando-se embolados, em vertiginosos disparos, aqueles maciços corpos tão normalmente tardos e morosos.

E lá se vão: não há mais contê-los ou alcançá-los. Acamam-se as caatingas, árvores dobradas, partidas, estalando em lascas e gravetos; desbordam de repente as baixadas num marulho de chifres; estrepitam, britando e esfarelando as pedras, torrentes de cascos pelos tombadores; rola surdamente pelos tabuleiros ruído soturno e longo de trovão longínquo...

Destroem-se em minutos, feito montes de leivas, antigas roças penosamente cultivadas; extinguem-se, em lameiros revolvidos, as ipueiras rasas; abatem-se, apisoados, os pousos; ou esvaziam-se, deixando-os os habitantes espavoridos, fugindo para os lados, evitando o rumo retilíneo em que se despenha a “arribada”, – milhares de corpos que são um corpo único, monstruoso, informe, indescritível, de animal fantástico, precipitado na carreira douda. E sobre este tumulto, arrodeando-o, ou arremessando-se

impetuoso na esteira de destroços, que deixa após si aquela avalanche viva, largado numa disparada estupenda sobre barrancas, e valos, e cerros, e galhadas – enristado o ferrão, rédeas soltas, soltos os estribos, estirado sobre o lombilho, preso às crinas do cavalo – o vaqueiro!

Já se lhe têm associado, em caminho, os companheiros, que escutaram, de longe, o *estouro* da boiada. Renova-se a lida: novos esforços, novos arremessos, novas façanhas, novos riscos e novos perigos, a despender, a atravessar e a vencer, até que o boiadão, não já pelo trabalho dos que o encalçam e rebatem pelos flancos se não pelo cansaço, a pouco e pouco afrouxe e estaque, inteiramente abombado.

Reaviam-no à vereda da fazenda; e ressoam, de novo, pelos ermos, entristecedoramente, as notas melancólicas do aboiado.

Volvem os vaqueiros ao pouso e ali, nas redes bamboantes, relatando as peripécias da vaquejada ou famosas aventuras de feira, passam as horas matando, na significação completa do termo, o tempo, e desalterando-se com a umbuzada saborosíssima, ou merendando a iguaria incomparável de jerimum com leite.

Se a quadra é propícia, e vão bem as plantações da vazante, e viça o *panasco* e o *mimoso* nas soltas dilatadas, e nada revela o aparecimento da seca, refinam a ociosidade nos braços da preguiça benfazeja. Seguem para as vilas se por lá se fazem festas de cavalhadas e mouramas, divertimentos anacrônicos que os povoados sertanejos reproduzem, intactos, com os mesmos programas de há três séculos. E entre eles a exótica *encamisada*, que é o mais curioso exemplo do aferro às mais remotas tradições. Velhíssima cópia das vetustas quadras dos fossados ou arrancadas noturnas, na Península, contra os castelos árabes, e de todo esquecida na terra onde nasceu, onde a sua mesma significação é hoje inusitado arcaísmo,[31] esta diversão dispendiosa e interessante, feita à luz de lanternas e archotes, com os seus longos cortejos de homens a pé, vestidos de branco, ou à maneira de muçulmanos, e outros a cavalo em animais estranhamente ajaezados, desfilando rápidos, em escaramuças e simulados recontros, é o encanto máximo dos matutos folgazãos.

Nem todos, porém, a compartem. Baldos de recursos para se alongarem das rancharias, agitam-se, então, nos folguedos costumeiros. Encourados de novo, seguem para os sambas e cateretês ruidosos, os solteiros, *famanazes no desafio*, sobraçando os machetes, que vibram no *choradinho* ou *baião*, e os casados levando toda a *obrigação*, a família. Nas choupanas em festas recebem-se os convivas com estrepitosas salvas de ronqueiras e como em geral não há espaço para tantos, arma-se fora, no terreiro varrido, revestido de ramagens, mobiliado de cepos, e troncos, e raros tamboretes, mas imenso, alumiado pelo luar e pelas estrelas, o salão do baile. *Despontam o dia* com uns largos tragos de

aguardente, a *teimosa*. E rompem estridulamente os sapateados vivos.

Um cabra *destalado ralha na viola*. *Serenam*, em vagarosos meneios, as caboclas bonitas. Revoluteia, "brabo e corado", o sertanejo moço.

Nos intervalos travam-se os desafios.

Enterreiram-se, adversários, dois cantores rudes. As rimas saltam e casam-se em quadras muita vez belíssimas.[32]

> Nas horas de Deus, amém,
> Não é zombaria, não!
> Desafio o mundo inteiro
> Pra cantar nesta função!

O adversário retruca logo, levantando-lhe o último verso da quadra:

> Pra cantar nesta função,
> Amigo, meu camarada,
> Aceita teu desafio
> O *fama* deste sertão!

É o começo da luta que só termina quando um dos bardos se engasga numa rima difícil e titubeia, repinicando nervosamente o machete, sob uma avalanche de risos saudando-lhe a derrota. E a noite vai deslizando rápida no folguedo que se generaliza, até que as *barras venham quebrando* e cantem as sericoias nas ipueiras, dando o sinal de debandar ao agrupamento folgazão.

Terminada a festa volvem os vaqueiros à tarefa rude ou à rede preguiçosa.

Alguns, de ano em ano, arrancam dos pousos tranquilos para remotas paragens. Transpõem o São Francisco; mergulham nos gerais enormes do ocidente, vastos planaltos indefinidos em que se confundem as bacias daquele e do Tocantins em alagados de onde partem os rios indiferentemente para o levante e para o poente; e penetram em Goiás, ou, avantajando-se mais para o norte, as serras do Piauí.

Vão a compra de gados. Aqueles lugares longínquos, pobres e obscuros vilarejos que o Porto Nacional extrema, animam-se, então, passageiramente, com a romaria dos *baianos*. São os autocratas das feiras. Dentro da armadura de couro, galhardos, brandindo a guiada, sobre os cavalos ariscos, entram naqueles vilarejos com um desgarre atrevido de triunfadores felizes. E ao tornarem – quando não se perdem para todo o sempre sem tino na travessia perigosa dos descampados uniformes – reatam a mesma via monótona e primitiva...

De repente, uma variante trágica.

Aproxima-se a seca.

O sertanejo adivinha-a e prefixa-a graças ao ritmo singular com que se desencadeia o flagelo.

Entretanto não foge logo, abandonando a terra a pouco e pouco invadida pelo limbo candente que irradia do Ceará.

Buckle, em página notável, assinala a anomalia de se não afeiçoar nunca, o homem, às calamidades naturais que o rodeiam. Nenhum povo tem mais pavor aos terremotos que o peruano; e no Peru as crianças ao nascerem têm o berço embalado pelas vibrações da terra.

Mas o nosso sertanejo faz exceção à regra. A seca não o apavora. É um complemento à sua vida tormentosa, emoldurando-a em cenários tremendos. Enfrenta-a, estoico. Apesar das dolorosas tradições que conhece através de um sem-número de terríveis episódios, alimenta a todo o transe esperanças de uma resistência impossível.

Com os escassos recursos das próprias observações e das dos seus maiores, em que ensinamentos práticos se misturam a extravagantes crendices, tem procurado estudar o mal, para o conhecer, suportar e suplantar. Aparelha-se com singular serenidade para a luta. Dois ou três meses antes do solstício de verão, especa e fortalece os muros dos açudes, ou limpa as cacimbas. Faz os roçados e arregoa as estreitas faixas de solo arável à orla dos ribeirões. Está preparado para as plantações ligeiras à vinda das primeiras chuvas.

Procura em seguida desvendar o futuro. Volve o olhar para as alturas; atenta longamente nos quadrantes; e perquire os traços mais fugitivos das paisagens...

Os sintomas do flagelo despontam-lhe, então, encadeados em série, sucedendo-se inflexíveis, como sinais comemorativos de uma moléstia cíclica, da sezão assombradora da Terra. Passam as “chuvas do caju” em outubro, rápidas, em chuvisqueiros prestes delidos nos ares ardentes, sem deixarem traços; e *pintam* as caatingas, aqui, ali, por toda a parte, mosqueadas de tufos pardos de árvores marcescentes, cada vez mais numerosos e maiores, lembrando cinzeiros de uma combustão abafada, sem chamas; e greta-se o chão; e abaixa-se vagarosamente o nível das cacimbas... Do mesmo passo nota que os dias, estuando logo ao alvorecer, transcorrem abrasantes, à medida que as noites se vão tornando cada vez mais frias. A atmosfera absorve-lhe, com avidez de esponja, o suor na fronte, enquanto a armadura de couro, sem mais a flexibilidade primitiva, se lhe endurece aos ombros, esturrada, rígida, feito uma couraça de bronze. E ao descer das tardes, dia a dia menores e sem crepúsculos, considera, entristecido, nos ares, em bandos, as primeiras aves emigrantes, transvoando a outros climas...

É o prelúdio da sua desgraça.

Vê-o, acentuar-se, num crescendo, até dezembro.

Precautela-se: revista, apreensivo, as malhadas. Percorre os logradouros

longos. Procura entre as chapadas que se esterilizam várzeas mais benignas para onde tange os rebanhos. E espera, resignado, o dia 13 daquele mês. Porque em tal data, usança avoenga lhe faculta sondar o futuro, interrogando a Providência.

É a experiência tradicional de Santa Luzia. No dia 12 ao anoitecer expõe ao relento, em linha, seis pedrinhas de sal, que representam, em ordem sucessiva da esquerda para a direita, os seis meses vindouros, de janeiro a junho. Ao alvorecer de 13 observa-as: se estão intactas, pressagiam a seca; se a primeira apenas se deliu, transmudada em aljôfar límpido, é certa a chuva em janeiro; se a segunda, em fevereiro; se a maioria ou todas, é inevitável o inverno benfazejo.33

Esta experiência é belíssima. Em que pese ao estigma supersticioso tem base positiva, e é aceitável desde que se considere que dela se colhe a maior ou menor dosagem de vapor d'água nos ares, e, dedutivamente, maiores ou menores probabilidades de depressões barométricas, capazes de atrair o afluxo das chuvas.

Entretanto, embora tradicional, esta prova deixa ainda vacilante o sertanejo. Nem sempre desanima, ante os seus piores vaticínios. Aguarda, paciente, o equinócio da primavera, para definitiva consulta aos elementos. Atravessa três longos meses de expectativa ansiosa e no dia de São José, 19 de março, procura novo augúrio, o último.

Aquele dia é para ele o índice dos meses subsequentes. Retrata-lhe, abreviadas em doze horas, todas as alternativas climáticas vindouras. Se durante ele chove, será chuvoso o inverno; se, ao contrário, o Sol atravessa abrasadoramente o firmamento claro, estão por terra todas as suas esperanças.

A seca é inevitável.

Então se transfigura. Não é mais o indolente incorrigível ou o impulsivo violento, vivendo às disparadas pelos arrastadores. Transcende a sua situação rudimentar. Resignado e tenaz, com a placabilidade superior dos fortes, encara de fito a fatalidade incoercível; e reage. O heroísmo tem nos sertões, para todo o sempre perdidas, tragédias espantosas. Não há revivê-las ou episodiá-las. Surgem de uma luta que ninguém descreve – a insurreição da terra contra o homem. A princípio este reza, olhos postos na altura. O seu primeiro amparo é a fé religiosa. Sobraçando os santos milagreiros, cruzes alçadas, andores erguidos, bandeiras do Divino ruflando, lá se vão, descampados em fora, famílias inteiras – não já os fortes e sadios senão os próprios velhos combalidos e enfermos claudicantes, carregando aos ombros e à cabeça as pedras dos caminhos, mudando os santos de uns para outros lugares. Ecoam largos dias, monótonas, pelos ermos, por onde passam as lentas procissões propiciatórias, as ladainhas tristes. Rebrilham longas noites nas chapadas, pervagantes, as velas dos penitentes... Mas os céus persistem sinistramente claros; o Sol fulmina a terra; progride o espasmo assombrador da seca. O matuto considera a prole apavorada; contempla entristecido os bois sucumbidos, que se agrupam sobre as fundagens das ipueiras, ou, ao longe, em grupos erradios e

lentos, pescoços dobrados, acaroados com o chão, em mugidos prantivos "farejando a água"; – e sem que se lhe amorteça a crença, sem duvidar da Providência que o esmaga, murmurando às mesmas horas as preces costumeiras, apresta-se ao sacrifício. Arremete de alvião e enxada com a terra, buscando nos estratos inferiores a água que fugiu da superfície. Atinge-os às vezes; outras, após enormes fadigas, esbarra em um lajem que lhe anula todo o esforço despendido; e outras vezes, o que é mais corrente, depois de desvendar tênue lençol líquido subterrâneo, o vê desaparecer um, dois dias passados, evaporando-se sugado pelo solo. Acompanha-o tenazmente, reprofundando a mina, em cata do tesouro fugitivo. Volve, por fim, exausto, à beira da própria cova que abriu, feito um desenterrado. Mas como frugalidade rara lhe permite passar os dias com alguns manelos de paçoca, não se lhe afrouxa, tão de pronto, o ânimo.

Ali está, em torno, a caatinga, o seu celeiro agreste. Esquadrinha-o. Talha em pedaços os mandacarus que desalteram, ou as ramas verdoengas dos juazeiros que alimentam os magros bois famintos; derruba os estípites dos ouricuris e rala-os, amassa-os, cozinha-os, fazendo um pão sinistro, o *bró*, que incha os ventres num enfarte ilusório, empanzinando o faminto; atesta os jiraus de coquilhos; arranca as raízes túmidas dos umbuzeiros, que lhe dessedentam os filhos, reservando para si o sumo adstringente dos cladódios do xiquexique, que enrouquece ou extingue a voz de quem o bebe, e demasia-se em trabalhos, apelando infatigável para todos os recursos, – forte e carinhoso – defendendo-se e estendendo à prole abatida e aos rebanhos confiados a energia sobre-humana.

Baldam-se-lhe, porém, os esforços.

A natureza não o combate apenas com o deserto. Povoa-a, contrastando com a fuga das seriemas, que emigram para outros tabuleiros e jandaias, que fogem para o litoral remoto, uma fauna cruel. Miríades de morcegos agravam a magrém, abatendo-se sobre o gado, dizimando-o. Chocalham as cascavéis, inúmeras, tanto mais numerosas quanto mais ardente o estio, entre as macegas recrestadas.

À noite, a suçuarana traiçoeira e ladra, que lhe rouba os bezerros e os novilhos, vem beirar a sua rancharia pobre.

É mais um inimigo a suplantar.

Afugenta-a e espanta-a, precipitando-se com um tição aceso no terreiro deserto. E se ela não recua, assalta-a. Mas não a tiro porque sabe que desviada a mira, ou pouco eficaz o chumbo, a onça, "vindo em cima da fumaça", é invencível.

O pugilato é mais comovente. O atleta enfraquecido, tendo à mão esquerda a forquilha e à direita a faca, irrita e desafia a fera, provoca-lhe o bote e apara-a no ar, trespassando-a de um golpe.

Nem sempre, porém, pode aventurar-se à façanha arriscada. Uma moléstia extravagante completa a sua desdita – a hemeralopia. Esta falsa cegueira é paradoxalmente feita pelas reações da luz; nasce dos dias claros e quentes, dos

firmamentos fulgurantes, do vivo ondular dos ares em fogo sobre a terra nua. É uma pletora do olhar. Mal o Sol se esconde no poente a vítima nada mais vê. Está cega. A noite afoga-a, de súbito, antes de envolver a terra. E na manhã seguinte a vista extinta lhe revive, acendendo-se no primeiro lampejo do levante, para se apagar, de novo, à tarde, com intermitência dolorosa.

Renasce-lhe com ela a energia. Ainda se não considera vencido. Restam-lhe, para desalterar e sustentar os filhos, os talos tenros, os *mangarás* das bromélias selvagens. Ilude-os com essas iguarias bárbaras.

Segue, a pé agora, porque se lhe parte o coração só de olhar para o cavalo, para os logradouros. Contempla ali a ruína da fazenda: bois espectrais, vivos não se sabe como, caídos sob as árvores mortas, mal soerguendo o arcabouço murcho sobre as pernas secas, marchando vagarosamente, cambaleantes; bois mortos há dias e intactos, que os próprios urubus rejeitam, porque não rompem a bicadas as suas peles esturradas; bois jururus, em roda da clareira de chão entorroado onde foi a aguada predileta; e, o que mais lhe dói, os que ainda não de todo exaustos o procuram, e o circundam, confiantes, urrando em longo apelo triste que parece um choro.

E nem um cereus avulta mais em torno; foram ruminadas as últimas ramas verdes dos juás...

Trançam-se, porém, ao lado, impenetráveis renques de macambiras. É ainda um recurso. Incendeia-os, batendo o isqueiro nas acendalhas das folhas ressequidas para os despir, em combustão rápida, dos espinhos. E quando os rolos de fumo se enovelam e se diluem no ar puríssimo, veem-se, correndo de todos os lados, em tropel moroso de estropeados, os magros bois famintos, em busca do último repasto...

Por fim tudo se esgota e a situação não muda. Não há probabilidade sequer de chuvas. A casca dos marizeiros não transuda, prenunciando-as. O nordeste persiste intenso, rolante, pelas chapadas, zunindo em prolongações uivadas na galhada estrepitante das caatingas e o Sol alastra, reverberando no firmamento claro, os incêndios inextinguíveis da canícula. O sertanejo, assoberbado de reveses, dobra-se afinal.

Passa certo dia, à sua porta, a primeira turma de *retirantes*. Vê-a, assombrado, atravessar o terreiro, miseranda, desaparecendo adiante, numa nuvem de poeira, na curva do caminho... No outro dia, outra. E outras. É o sertão que se esvazia.

Não resiste mais. Amatula-se num daqueles bandos, que lá se vão caminho em fora, debruando de ossadas as veredas, e lá se vai ele no êxodo penosíssimo para a costa, para as serras distantes, para quaisquer lugares onde o não mate o elemento primordial da vida.

Atinge-os. Salva-se.

Passam-se meses. Acaba-se o flagelo. Ei-lo de volta. Vence-o saudade do sertão. Remigra. E torna feliz, revigorado, cantando; esquecido de infortúnios, buscando as mesmas horas passageiras da ventura perdidiça e instável, os

mesmos dias longos de transes e provações demorados.

Insulado deste modo no país que o não conhece, em luta aberta com o meio, que lhe parece haver estampado na organização e no temperamento a sua rudeza extraordinária, nômade ou mal fixo à terra, o sertanejo não tem, por bem dizer, ainda capacidade orgânica para se afeiçoar a situação mais alta.

O círculo estreito da atividade remorou-lhe o aperfeiçoamento psíquico. Está na fase religiosa de um monoteísmo incompreendido, eivado de misticismo extravagante, em que se rebate o fetichismo do índio e do africano. É o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas. Uma análise destas revelaria a fusão de estádios emocionais distintos.

A sua religião é, como ele – mestiça.

Resumo dos caracteres físicos e fisiológicos das raças de que surge, sumaria-lhes identicamente as qualidades morais. É um índice da vida de três povos. E as suas crenças singulares traduzem essa aproximação violenta de tendências distintas. É desnecessário descrevê-las. As lendas arrepiadoras do *caapora* travesso e maldoso, atravessando célere, montado em caititu arisco as chapadas desertas, nas noites misteriosas de luares claros; os *sacis* diabólicos, de barrete vermelho à cabeça, assaltando o viandante retardatário, nas noites aziagas das sextas-feiras, de parceria com os *lobisomens* e *mulas sem cabeça* noctívagos; todos os mal-assombramentos, todas as *tentações do maldito* ou do diabo – esse trágico emissário dos rancores celestes em comissão na terra; as rezas dirigidas a São Campeiro, canonizado *in partibus*, ao qual se acendem velas pelos campos, para que favoreça a descoberta de objetos perdidos; as benzeduras cabalísticas para curar os animais, para *amarrar e vender* sezões; todas as visualidades, todas as aparições fantásticas, todas as profecias esdrúxulas de messias insanos; e as romarias piedosas; e as missões; e as penitências... todas as manifestações complexas de religiosidade indefinida, são explicáveis.

Não seria difícil caracterizá-las como uma mestiçagem de crenças. Ali estão, francos, o antropismo do selvagem, o animismo do africano e, o que é mais, o próprio aspecto emocional da raça superior, na época do descobrimento e da colonização.

Este último é um caso notável de atavismo, na História.

Considerando as agitações religiosas do sertão e os evangelizadores e messias singulares, que, intermitentemente, o atravessam, ascetas mortificados de flagícios, encalçados sempre pelos sequazes numerosos, que fanatizam, que arrastam, que dominam, que endoudecem – espontaneamente recordamos a fase mais crítica da alma portuguesa, a partir do final do século XVI, quando, depois de haver por momentos centralizado a História, o mais

interessante dos povos caiu, de súbito, em decomposição rápida, mal disfarçada pela corte oriental de D. Manuel.

O povoamento do Brasil fez-se, intenso, com D. João III, precisamente no fastígio de completo desequilíbrio moral, quando "todos os terrores da Idade Média tinham cristalizado no catolicismo peninsular".

Uma grande herança de abusões extravagantes, extinta na orla marítima pelo influxo modificador de outras crenças e de outras raças, no sertão ficou intacta. Trouxeram-na as gentes impressionáveis, que afluíram para a nossa terra, depois de desfeito no Oriente o sonho miraculoso da Índia. Vinham cheias daquele misticismo feroz, em que o fervor religioso reverberava à candência forte das fogueiras inquisitoriais, lavrando intensas na Península. Eram parcelas do mesmo povo que em Lisboa, sob a obsessão dolorosa dos milagres e assaltado de súbitas alucinações, via, sobre o paço dos reis, ataúdes agoureiros, línguas de flamas misteriosas, catervas de mouros de albornozes brancos, passando processionalmente; combates de paladinos nas alturas... E da mesma gente que após Alcácer-Quibir, em plena "caquexia nacional", segundo o dizer vigoroso de Oliveira Martins, procurava, ante a ruína iminente, como salvação única, a fórmula superior das esperanças messiânicas.

De feito, considerando as desordens sertanejas, hoje, e os messias insanos que as provocam, irresistivelmente nos assaltam, empolgantes, as figuras dos profetas peninsulares de outrora – o rei *de Penamacor*, o rei *da Ericeira*, errantes pelas faldas das serras, devotados ao martírio, arrebatando na mesma idealização, na mesma insânia, no mesmo sonho doentio, as multidões crendeiras.

Esta justaposição histórica calca-se sobre três séculos. Mas é exata, completa, sem dobras. Imóvel o tempo sobre a rústica sociedade sertaneja, despeada do movimento geral da evolução humana, ela respira ainda na mesma atmosfera moral dos iluminados que encalçavam, doudos, o Miguelinho ou o Bandarra. Nem lhe falta, para completar o símile, o misticismo político do *sebastianismo*. Extinto em Portugal, ele persiste todo, hoje, de modo singularmente impressionador, nos sertões do Norte.

Mas não antecipemos.

Estes estigmas atávicos tiveram entre nós, favoráveis, as reações do meio, determinando psicologia especial.

O homem dos sertões – pelo que esboçamos – mais do que qualquer outro está em função imediata da terra. É uma variável dependente no jogar dos elementos. Da consciência da fraqueza para os debelar, resulta, mais forte, este apelar constante para o maravilhoso, esta condição inferior de pupilo estúpido da divindade. Em paragens mais benéficas a necessidade de uma tutela sobrenatural não seria tão imperiosa. Ali, porém, as tendências pessoais como que se acolchetam às vicissitudes externas e deste entrelaçamento resulta, copiando o contraste que observamos entre a exaltação impulsiva e a apatia enervadora da atividade, a indiferença fatalista pelo futuro e a exaltação

religiosa. Os ensinamentos dos missionários não poderiam exercitar-se estremes das tendências gerais da sua época. Por isto, como um palimpsesto, a consciência imperfeita dos matutos revela nas quadras agitadas, rompendo dentre os ideais belíssimos do catolicismo incompreendido, todos os estigmas de estádio inferior.

É que, mesmo em períodos normais, a sua religião é indefinida e vária. Da mesma forma que os negros hauçás, adaptando à liturgia todo o ritual *iorubano*, realizam o fato anômalo, mas vulgar mesmo na capital da Bahia, de seguirem para as solenidades da Igreja por ordem dos fetiches, os sertanejos, herdeiros infelizes de vícios seculares, saem das missas consagradas para os ágapes selvagens dos *candomblés* africanos ou *poracês* do tupi. Não espanta que patenteiem, na religiosidade indefinida, antinomias surpreendentes.

Quem vê a família sertaneja, ao cair da noite, ante o oratório tosco ou registo paupérrimo, à meia-luz das candeias de azeite, orando pelas almas dos mortos queridos, ou procurando alentos à vida tormentosa, encanta-se.

O culto dos mortos é impressionador. Nos lugares remotos, longe dos povoados, inumam-nos à beira das estradas, para que não fiquem de todo em abandono, para que os rodeiem sempre as preces dos viandantes, para que nos ângulos da cruz deponham estes, sempre, uma flor, um ramo, uma recordação fugaz mas renovada sempre. E o vaqueiro que segue arrebatadamente, estaca, prestes, o cavalo, ante o humilde monumento – uma cruz sobre pedras arrumadas – e, a cabeça descoberta, passa vagaroso, rezando pela salvação de quem ele nunca viu talvez, talvez de um inimigo.

A terra é o exílio insuportável, o morto um bem-aventurado sempre.

O falecimento de uma criança é um dia de festa. Ressoam as violas na cabana dos pobres pais, jubilosos entre as lágrimas; referve o samba turbulento; vibram nos ares, fortes, as coplas dos desafios; enquanto, a uma banda, entre duas velas de carnaúba, coroado de flores, o anjinho exposto espelha, no último sorriso paralisado, a felicidade suprema da volta para os céus, para a felicidade eterna – que é a preocupação dominadora daquelas almas ingênuas e primitivas.

No entanto há traços repulsivos no quadro desta religiosidade de aspectos tão interessantes, aberrações brutais, que a derrancam ou maculam.

As agitações sertanejas, do Maranhão à Bahia, não tiveram ainda um historiador. Não as esboçaremos sequer. Tomemos um fato, entre muitos, ao acaso.

No termo de Pajeú, em Pernambuco, os últimos rebentos das formações graníticas da costa se alteiam, em formas caprichosas, na *serra Talhada*, dominando, majestosos, toda a região em torno e convergindo em largo anfiteatro acessível apenas por estreita garganta, entre muralhas a pique. No âmbito daquele, como púlpito gigantesco, ergue-se um bloco solitário – a *Pedra Bonita*.

Este lugar foi, em 1837, teatro de cenas que recordam as sinistras

solenidades religiosas dos Achantis. Um mamaluco ou cafuz, um iluminado, ali congregou toda a população dos sítios convizinhos e, engrimpando-se à pedra, anunciava, convicto, o próximo advento do reino encantado do rei D. Sebastião. Quebrada a pedra, a que subira, não a pancadas de marreta, mas pela ação miraculosa do sangue das crianças, esparzido sobre ela em holocausto, o grande rei irromperia envolto de sua guarda fulgurante, castigando, inexorável, a humanidade ingrata, mas cumulando de riquezas os que houvessem contribuído para o *desencanto*.

Passou pelo sertão um frêmito de nevrose...

O transviado encontrara meio propício ao contágio da sua insânia. Em torno da ara monstruosa comprimiam-se as mães erguendo os filhos pequeninos e lutavam, procurando-lhes a primazia no sacrifício... O sangue espadanava sobre a rocha jorrando, acumulando-se em torno; e afirmam os jornais do tempo, em cópia tal que, depois de desfeita aquela lúgubre farsa, era impossível a permanência no lugar inficionado.

Por outro lado, fatos igualmente impressionadores contrabatem tais aberrações. A alma de um matuto é inerte ante as influências que a agitam. De acordo com estas pode ir da extrema brutalidade ao máximo devotamento.

Vimo-la, neste instante, desvairada pelo fanatismo. Vejamo-la transfigurada pela fé.

Monte Santo é um lugar lendário.

Quando, no século XVII, as descobertas das minas determinaram a atração do interior sobre o litoral, os aventureiros que ao norte investiam com o sertão, demandando as serras da Jacobina, arrebatados pela miragem das minas de prata e rastreando o itinerário enigmático de Belchior Dias, ali estacionavam longo tempo. A serra solitária – a *Piquaraçá* dos roteiros caprichosos – dominando os horizontes, norteava-lhes a marcha vacilante.

Além disto, atraía-os por si mesma, irresistivelmente.

É que em um de seus flancos, escritas em caligrafia ciclópica com grandes pedras arrumadas, apareciam letras singulares – um A, um L e um S – ladeadas por uma cruz, de modo a fazerem crer que estava ali e não avante, para o ocidente ou para o sul, o *eldorado* apetecido.

Esquadrinharam-na, porém, debalde os êmulos do Muribeca astuto, seguindo, afinal, para outros rumos, com as suas tropas de potiguaras mansos e forasteiros armados de biscainhos...

A serra desapareceu outra vez entre as chapadas que domina...

No fim do século passado, porém, descobriu-a um missionário – Apolônio de Todi. Vindo da missão de Maçacará, o maior apóstolo do Norte impressionou-se tanto com o aspecto da montanha "achando-a semelhante ao calvário de Jerusalém" que planeou logo a ereção de uma capela. Ia ser a primeira do mais tosco e do mais imponente templo da fé religiosa.

Descreve o sacerdote, longamente, o começo e o curso dos trabalhos e o auxílio franco que lhe deram os povoadores dos lugares próximos. Pinta a

última solenidade, procissão majestosa e lenta ascendendo a montanha, entre as rajadas de tufão violento que se alteou das planícies apagando as tochas; e, por fim, o sermão terminal da penitência, exortando o povo a "que nos dias santos viesse visitar os santos lugares, já que vivia em tão grande desamparo das coisas espirituais".

"E aqui, termina, sem pensar em mais nada disse que daí em diante não chamariam mais *serra de Piquaraçá*, mas sim *Monte Santo*."

E fez-se o templo prodigioso, monumento erguido pela natureza e pela fé, mais alto que as mais altas catedrais da terra.

A população sertaneja completou a empresa do missionário.

Hoje, quem sobe a extensa *via sacra* de três quilômetros de comprimento, em que se erigem, a espaços, vinte e cinco capelas de alvenaria, encerrando painéis dos *passos*, avalia a constância e a tenacidade do esforço despendido.

Amparada por muros capeados; calçada, em certos trechos; tendo, noutros, como leito, a rocha viva talhada em degraus, ou rampeada, aquela estrada branca, de quartzito, onde ressoam, há cem anos, as litanias das procissões da quaresma e têm passado legiões de penitentes, é um prodígio de engenharia rude e audaciosa. Começa investindo com a montanha, segundo a normal de máximo declive, em rampa de cerca de vinte graus. Na quarta ou quinta capelinha inflete à esquerda e progride menos íngreme. Adiante, a partir da capela maior – ermida interessantíssima erecta num ressalto da pedra a cavaleiro do abismo, volta à direita, diminuindo de declive até à linha de cumeadas. Segue por esta segundo uma selada breve. Depois se alteia, de improviso, retilínea, em ladeira forte, arremetendo com o vértice pontiagudo do monte, até ao *Calvário*, no alto!

À medida que ascende, ofegante, estacionando nos passos, o observador depara perspectivas que seguem num crescendo de grandezas soberanas: primeiro os planos das chapadas e tabuleiros, esbatidos embaixo em planícies vastas; depois as serranias remotas, agrupadas, longe, em todos os quadrantes; e, atingido o alto, o olhar a cavaleiro das serras – o espaço indefinido, a emoção estranha de altura imensa, realçada pelo aspecto da pequena vila, embaixo, mal percebida na confusão caótica dos telhados.

E quando, pela *Semana Santa*, convergem ali as famílias da redondeza e passam os crentes pelos mesmos flancos em que vaguearam outrora, inquietos de ambição, os aventureiros ambiciosos, vê-se Apolônio de Todi, mais hábil que o Muribeca, decifrou o segredo das grandes letras de pedra, descobrindo o eldorado maravilhoso, a mina opulentíssima oculta no deserto...

Infelizmente o apóstolo não teve continuadores. Salvo raríssimas exceções, o missionário moderno é um agente prejudicialíssimo no agravar todos os desequilíbrios do estado emocional dos tabaréus. Sem a altitude dos que o antecederam, a sua ação é negativa: destrói, apaga e perverte o que incutiram de bom naqueles espíritos ingênuos os ensinamentos dos primeiros evangelizadores, dos quais não tem o talento e não tem a arte surpreendente da transfiguração das almas. Segue vulgarmente processo inverso do daqueles:

não aconselha e consola, aterra e amaldiçoa; não ora, esbraveja. É brutal e traiçoeiro. Surge das dobras do hábito escuro como da sombra de uma emboscada armada à credulidade incondicional dos que o escutam. Sobe ao púlpito das igrejas do sertão e não alevanta a imagem arrebatadora dos céus; descreve o inferno truculento e flamívomo, numa algaravia de frases rebarbativas a que completam gestos de maluco e esgares de truão.

É ridículo, e é medonho. Tem o privilégio estranho das bufonerias melodramáticas. As parvoíces saem-lhe da boca trágicas.

Não traça ante os matutos simples a feição honesta e superior da vida – não a conhece; mas brama em todos os tons contra o pecado; esboça grosseiros quadros de torturas; e espalha sobre o auditório fulminado avalanches de penitências, extravagando largo tempo, em palavrear interminável, fungando as pitadas habituais e engendrando catástrofes, abrindo alternativamente a caixa de rapé e a boceta de Pandora...

E alucina o sertanejo crédulo; alucina-o, deprime-o, perverte-o.

Busquemos um exemplo único, o último.

Em 1850 os sertões de Cariri foram alvorotados pelas depredações dos *Serenos*, exercitando o roubo em larga escala.

Aquela denominação indicava *companhias de penitentes* que à noite, nas encruzilhadas ermas, em torno das cruzes misteriosas, se agrupavam, adoudadamente, numa agitação macabra de flagelantes, impondo-se o cilício dos espinhos, das urtigas e outros duros tratos de penitência. Ora, aqueles agitados saíram certo dia, repentinamente, da matriz do Crato, dispersos, em desalinho – mulheres em prantos, homens apreensivos, crianças trementes – em procura dos flagícios duramente impostos. Dentro da igreja, missionários recém-vindos haviam profetizado próximo fim do mundo. Deus o dissera – em mau português, em mau italiano e em mau latim – estava farto dos desmandos da terra...

E os desvairados foram pelos sertões em fora, esmolando, chorando, rezando, numa mândria deprimente, e como a caridade pública não os podia satisfazer a todos, acabaram – roubando.

Era fatal. Os instrutores do crime foram, afinal, infelicitar outros lugares e a justiça a custo reprimiu o banditismo incipiente.[34]

IV

É natural que estas camadas profundas da nossa estratificação étnica se sublevassem numa anticlinal extraordinária – Antonio Conselheiro...

A imagem é corretíssima.

Da mesma forma que o geólogo interpretando a inclinação e a orientação dos estratos truncados de antigas formações esboça o perfil de uma montanha extinta, o historiador só pode avaliar a altitude daquele homem, que por si nada valeu, considerando a psicologia da sociedade que o criou. Isolado, ele se perde na turba dos nevróticos vulgares. Pode ser incluído numa modalidade qualquer de psicose progressiva. Mas posto em função do meio, assombra. É uma diátese, e é uma síntese. As fases singulares da sua existência não são, talvez, períodos sucessivos de uma moléstia grave, mas são, com certeza, resumo abreviado dos aspectos predominantes de mal social gravíssimo. Por isto o infeliz destinado à solicitude dos médicos, veio, impelido por uma potência superior, bater de encontro a uma civilização, indo para a História como poderia ter ido para o hospício. Porque ele para o historiador não foi um desequilibrado. Apareceu como integração de caracteres diferenciais – vagos, indecisos, mal percebidos quando dispersos na multidão, mas enérgicos e definidos, quando resumidos numa individualidade.

Todas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro às aberrações católicas, todas as tendências impulsivas das raças inferiores, livremente exercitadas na indisciplina da vida sertaneja, se condensaram no seu misticismo feroz e extravagante. Ele foi, simultaneamente, o elemento ativo e passivo da agitação de que surgiu. O temperamento mais impressionável apenas fê-lo absorver as crenças ambientes, a princípio numa quase passividade pela própria receptividade mórbida do espírito torturado de reveses, e elas refluíram, depois, mais fortemente, sobre o próprio meio de onde haviam partido, partindo da sua consciência delirante.

É difícil traçar no fenômeno a linha divisória entre as tendências pessoais e as tendências coletivas: a vida resumida do homem é um capítulo instantâneo da vida de sua sociedade...

Acompanhar a primeira é seguir paralelamente e com mais rapidez a segunda; acompanhá-las juntas é observar a mais completa mutualidade de influxos.

Considerando em torno, o falso apóstolo, que o próprio excesso de subjetivismo predispusera à revolta contra a ordem natural, como que observou a fórmula do próprio delírio. Não era um incompreendido. A multidão aclamava-o representante natural das suas aspirações mais altas. Não foi, por isto, além. Não deslizou para a demência. No gravitar contínuo

para o mínimo de uma curva, para o completo obscurecimento da razão, o meio reagindo por sua vez amparou-o, corrigindo-o, fazendo-o estabelecer encadeamento nunca destruído nas mais exageradas concepções, certa ordem no próprio desvario, coerência indestrutível em todos os atos e disciplina rara em todas as paixões, de sorte que ao atravessar, largos anos, nas práticas ascéticas, o sertão alvorotado, tinha na atitude, na palavra e no gesto, a tranquilidade, a altitude e a resignação soberana de um apóstolo antigo.

Doente grave, só lhe pode ser aplicado o conceito da paranoia, de Tanzi e Riva.

Em seu desvio ideativo vibrou sempre, a bem dizer exclusiva, a nota étnica. Foi um documento raro de atavismo.

A constituição mórbida levando-o a interpretar caprichosamente as condições objetivas, e alterando-lhes as relações com o mundo exterior, traduz-se fundamentalmente como uma regressão ao estádio mental dos tipos ancestrais da espécie.

Evitada a intrusão dispensável de um médico, um antropologista encontrá-lo-ia normal, marcando logicamente certo nível da mentalidade humana, recuando no tempo, fixando uma fase remota da evolução. O que o primeiro caracterizaria como caso franco de delírio sistematizado, na fase persecutória ou de grandezas, o segundo indicaria como fenômeno de incompatibilidade com as exigências superiores da civilização – um anacronismo palmar, a revivescência de atributos psíquicos remotíssimos. Os traços mais típicos do seu misticismo estranho, mas naturalíssimo para nós, já foram, dentro de nossa era, aspectos religiosos vulgares. Deixando mesmo de lado o influxo das raças inferiores, vimo-los há pouco, de relance, em período angustioso da vida portuguesa.

Poderíamos apontá-los em cenário mais amplo. Bastava que volvêssemos aos primeiros dias da Igreja, quando o gnosticismo universal se erigia como transição obrigatória entre o paganismo e o cristianismo, na última fase do mundo romano em que, precedendo o assalto dos Bárbaros, a literatura latina do Ocidente declinou, de súbito, mal substituída pelos sofistas e letrados tacanhos de Bizâncio.

Com efeito, os montanistas da Frígia, os adamitas infames, os ofiólatras, os maniqueus bifrontes entre o ideal cristão emergente e o budismo antigo, os discípulos de Marcos, os encratitas abstinentes e macerados de flagícios, todas as seitas em que se fracionava a religião nascente, com os seus doutores histéricos e exegeses hiperbólicas, forneceriam hoje casos repugnantes de insânia. E foram normais. Acolchetaram-se bem a todas as tendências da época em que as extravagâncias de Alexandre Abnótico abalavam a Roma de Marco Aurélio, com as suas procissões fantásticas, os seus mistérios e os seus sacrifícios tremendos de leões lançados vivos ao Danúbio, com solenidades imponentes presididas pelo imperador filósofo...

A História repete-se.

Antonio Conselheiro foi um gnóstico bronco.

Veremos mais longe a exação do símile.

Paranoico indiferente, este dizer, talvez, mesmo não lhe possa ser ajustado, inteiro. A regressão ideativa que patenteou, caracterizando-lhe o temperamento vesânico, é, certo, um caso notável de degenerescência intelectual, mas não o isolou – incompreendido, desequilibrado, retrógrado, rebelde – no meio em que agiu.

Ao contrário, este fortaleceu-o. Era o profeta, o emissário das alturas, transfigurado por ilapso estupendo, mas adstrito a todas as contingências humanas, passível do sofrimento e da morte, e tendo uma função exclusiva: apontar aos pecadores o caminho da salvação. Satisfez-se sempre com este papel de delegado dos céus. Não foi além. Era o servo jungido à tarefa dura; e lá se foi, caminho dos sertões bravios, largo tempo, arrastando a carcaça claudicante, arrebatado por aquela ideia fixa, mas de algum modo lúcido em todos os atos, impressionando pela firmeza nunca abalada e seguindo para um objetivo fixo com finalidade irresistível.

A sua frágil consciência oscilava em torno dessa posição média, expressa pela linha ideal que Maudsley lamenta não se poder traçar entre o bom senso e a insânia.

Parou aí indefinidamente, nas fronteiras oscilantes da loucura, nessa zona mental onde se confundem facínoras e heróis, reformadores brilhantes e aleijões tacanhos, e se acotovelam gênios e degenerados. Não a transpôs. Recalcado pela disciplina vigorosa de uma sociedade culta, a sua nevrose explodiria na revolta, o seu misticismo comprimido esmagaria a razão. Ali, vibrando a primeira uníssona com o sentimento ambiente, difundido o segundo pelas almas todas que em torno se congregavam, se normalizaram.

O fator sociológico, que cultivara a psicose mística do indivíduo, limitou-a sem a comprimir, numa harmonia salvadora. De sorte que o espírito predisposto para a rebeldia franca contra a ordem natural, cedeu à única reação de que era passível. Cristalizou num ambiente propício de erros e superstições comuns.

A sua biografia compendia e resume a existência da sociedade sertaneja. Esclarece o conceito etiológico da doença que o vitimou. Delineemo-la de passagem.

> Os Maciéis que formavam, nos sertões entre Quixeramobim e Tamboril, uma família numerosa de homens válidos, ágeis, inteligentes e bravos, vivendo de vaqueirice e pequena criação, vieram, pela lei fatal dos tempos, a fazer parte dos grandes fastos criminais do Ceará, em uma guerra de família. Seus êmulos foram os Araújos, que formavam uma família rica, filiada a outras das mais antigas do norte da província.
>
> Viviam na mesma região, tendo como sede principal a povoação de Boa Viagem, que demora cerca de dez léguas de Quixeramobim.
>
> Foi uma das lutas mais sangrentas dos sertões do Ceará, a que se travou

entre estes dois grupos de homens, desiguais na fortuna e posição oficial, ambos embravecidos na prática das violências, e numerosos.

Assim começa o narrador consciencioso[35] breve notícia sobre a genealogia de Antonio Conselheiro.

Os fatos criminosos a que se refere são um episódio apenas entre as *razzias*, quase permanentes, da vida turbulenta dos sertões. Copiam mil outros de que ressaltam, evidentes, a prepotência sem freios dos mandões de aldeia e a exploração pecaminosa por eles exercida sobre a bravura instintiva do sertanejo. Luta de famílias – é uma variante apenas de tantas outras, que ali surgem, intermináveis, comprometendo as próprias descendências que esposam as desavenças dos avós, criando uma quase predisposição fisiológica e tornando hereditários os rancores e as vinganças.

Surgiu de incidente mínimo: pretensos roubos cometidos pelos Maciéis em propriedade de família numerosa, a dos Araújos.

Tudo indicava serem aqueles vítimas de acusação descabida. Eram "homens vigorosos, simpáticos, bem-apessoados, verdadeiros e serviçais" gozando em toda redondeza de reputação invejável.

Araújo da Costa e um seu parente, Silvestre Rodrigues Veras, não viam, porém, com bons olhos, a família pobre que lhes balanceava a influência, sem a justificativa de vastos latifúndios e boiadas grandes. Criadores opulentos, senhores de baraço e cutelo, vezados a fazer justiça por si mesmos, concertaram em dar exemplar castigo aos delinquentes. E como estes eram bravos até a temeridade, chamaram a postos a guarda pretoriana dos capangas.

Assim apercebidos, abalaram na expedição criminosa para Quixeramobim.

Mas volveram logo depois, contra a expectativa geral, em derrota. Os Maciéis, reunida toda a parentela, rapazes desempenados e temeros, haviam-se afrontado com a malta assalariada, repelindo-a vigorosamente, suplantando-a, espavorindo-a.

O fato passou em 1833.

Batidos, mal sofreando o desapontamento e a cólera, os potentados, cuja imbecilidade triunfante passara por tão duro trato apelaram para recursos mais enérgicos. Não faltavam então, como não faltam hoje, facínoras de fama que lhes alugassem a coragem. Conseguiram dois, dos melhores: José Joaquim de Meneses, pernambucano sanhudo, célebre pela rivalidade sanguinolenta com os Mourões famosos; e um *cangaceiro* terrível, Vicente Lopes, de Aracatiaçu. Reunida a matula turbulenta, a que se ligaram os filhos e genros de Silvestre, seguiu, de pronto, para a empreitada criminosa.

Ao acercarem-se, porém, da vivenda dos Maciéis, os sicários – embora fossem em maior número – temeram-lhes a resistência. Propuseram-lhes que se entregassem, garantindo-lhes, sob palavra, a vida. Aqueles, certos de não poderem resistir por muito tempo, aquiesceram. Renderam-se. A palavra de honra dos bandidos teve, porém, o valor que poderia ter. Quando seguiam

debaixo de escolta e algemados, para a cadeia de Sobral, logo no primeiro dia da viagem foram os presos trucidados. Morreram nesta ocasião, entre outros, o chefe da família, Antonio Maciel, e um avô de Antonio Conselheiro.[36]

Mas um tio deste, Miguel Carlos, logrou escapar. Manietado e além disto com as pernas amarradas por baixo da barriga do cavalo que montava, a sua fuga é inexplicável. Afirma-a, contudo, a sisudez de cronista sincero.[37]

Ora, os Araújos tinham deixado fugir o seu pior adversário. Perseguiram-no. Bem armados, bem montados, encalçaram-no, prestes, em monteria bárbara, como se fossem sobre rastros de suçuarana bravia. O foragido, porém, emérito batedor de matas, seguido na fuga por uma irmã, iludiu por algum tempo a escolta perseguidora chefiada por Pedro Martins Veras; e no sítio da "Passagem", perto de Quixeramobim, ocultou-se, exausto, numa choupana abandonada, coberta de ramos de oiticica.

Ali chegaram, em breve, rastreando-o, os perseguidores. Eram nove horas da manhã. Houve então uma refrega desigual e tremenda. O temerário sertanejo, embora estropiado e doente de um pé que luxara, afrontou-se com a horda assaltante, estendendo logo em terra a um certo Teotônio, desordeiro façanhudo, que se avantajara aos demais. Este caiu transversalmente à soleira da porta, impedindo-a que se fechasse. A irmã de Miguel Carlos, quando procurava arrastá-lo dali, caiu atravessada por uma bala. Alvejara-a o próprio Pedro Veras, que pagou logo a façanha, levando a queima-roupa uma carga de chumbo. Morto o cabecilha, os agressores recuaram por momentos, o suficiente para que o assaltado trancasse rapidamente a porta.

Isto feito, o casebre fez-se um reduto. Pelas frinchas das paredes estourava de minuto em minuto um tiro de espingarda. Os bandidos não ousaram investi-lo; mas foram de cobardia feroz. Atearam fogo à cobertura de folhas.

O efeito foi pronto. Mal podendo respirar no abrigo em chamas, Miguel Carlos resolve abandoná-lo. Derrama toda a água de um pote na direção do fundo da choupana, apagando momentaneamente as brasas e, saltando por sobre o cadáver da irmã, arroja-se, de clavina sobraçada e *parnaíba* em punho, contra o círculo assaltante. Rompe-o e afunda na caatinga...

Tempos depois um dos Araújos contratou casamento com a filha de rico criador de Tapaiara; e no dia das núpcias, já perto da igreja, tombou varado por uma bala, entre o alarma dos convivas e o desespero da noiva desditosa.

Velava, inextinguivelmente, a vingança do sertanejo...

Este tinha, agora, uma sócia no rancor justificado e fundo, outra irmã, Helena Maciel, a "Nêmesis da família", conforme o dizer do cronista referido. A sua vida transcorria em lances perigosos, muitos dos quais desconhecidos se não fabulados pela imaginação fecunda dos matutos. O certo, porém, é que, desfazendo a urdidura de todas as tocaias, não raro lhe caiu sob a faca o espião incauto que o rastreava, em Quixeramobim.

Diz a narrativa a que acima nos reportamos:

Parece que Miguel Carlos tinha ali protetores que o garantiam. O que é certo é que, não obstante a sorte que tivera aquele seu apaniguado, costumava estar na vila.

Uma noite, estando à porta da loja de Manuel Procópio de Freitas, viu entrar um indivíduo, que procurava comprar aguardente. Dando-o como espião, falou em matá-lo ali mesmo, mas sendo detido pelo dono da casa, tratou de acompanhar o suspeito, e o matou, à faca, ao sair da vila, no riacho da Palha.

Uma manhã, finalmente, saiu da casa de Antonio Caetano de Oliveira, casado com uma sua parenta, e foi banhar-se no rio, que corre por trás dessa casa, situada quase no extremo da praça principal da vila, junto à garganta que conduz à pequena praça Cotovelo. Nos fundos da casa indicada era então a embocadura do riacho da Palha, que em forma quase circular contornava aquela praça, e de inverno constituía uma cinta lindíssima de águas represadas. Miguel Carlos estava já despido, como muitos companheiros, quando surgiu um grupo de inimigos, que o esperavam acocorados por entre o denso *mata-pasto*. Estranhos e parentes de Miguel Carlos, tomando as roupas depostas na areia, e vestindo-as ao mesmo tempo que corriam, puseram-se em fuga. Em ceroulas somente, e com a sua faca em punho, ele correu também na direção dos fundos de uma casa, que quase enfrenta com a embocadura do riacho da Palha; casa na qual morava em 1845 Manuel Francisco da Costa. Miguel Carlos chegou a abrir o portão do quintal, de varas, da casa indicada; mas, quando quis fechá-lo, foi prostrado por um tiro, partido do séquito, que o perseguia. Outros dizem que isto se dera, quando ele passava pelo buraco da cerca de uma vazante que havia por ali. Agonizava, caído, com a sua faca na mão, quando Manuel de Araújo, chefe do bando, irmão do noivo outrora assassinado, pegando-o por uma perna, lhe cravou uma faca. Moribundo, Miguel Carlos lhe respondeu no mesmo instante com outra facada na carótida, morrendo ambos instantaneamente, este por baixo daquele! Helena Maciel, correndo em fúria ao lugar do conflito, pisou a pés a cara do matador de seu irmão, dizendo-se satisfeita da perda dele pelo fim que dera ao seu inimigo!

Pretendem que os sicários tinham passado a noite em casa de Inácio Mendes Guerreiro, da família de Araújo, agente do correio da Vila. Vinham a título de prender os Maciéis; mas, só no propósito de matá-los.

Helena não se abateu com esta desgraça. Nêmesis da família, imolou um inimigo aos manes do seu irmão. Foi ela, como ousou confessar muitos anos depois, quem mandou espancar barbaramente a André Jacinto de Sousa Pimentel, moço de família importante da Vila, aparentado com os Araújos, a quem atribuía os avisos que estes recebiam em Boa Viagem, das vindas de Miguel Carlos. Desse espancamento resultou uma lesão cardíaca, que fez morrer em transes horrorosos o infeliz, em verdade culpado dessa derradeira agressão dos Araújos.

> O fato de ter sido o crime perpetrado por soldados do destacamento de linha, ao mando do alferes Francisco Gregório Pinto, homem insolente, de baixa educação e origem, com quem Pimentel andava inimizado, fez acreditar muito tempo que fora esse oficial mal reputado, o autor do crime.
>
> Helena deixara-se ficar queda e silenciosa.
>
> Inúmeras vítimas anônimas fez esta luta sertaneja, que dizimava os sequazes das duas famílias, sendo o último dos Maciéis – Antonio Maciel, irmão de Miguel Carlos, morto em Boa Viagem. Ficou célebre muito tempo a valentia de Miguel Carlos e era por ele e seus parentes a estima e respeito dos coevos, testemunhas da energia dessa família, dentre a qual surgiram tantos homens de esforço, para uma luta com poderosos tais, como os da Boa Viagem e Tamboril.[38]

Não prossigamos.

Nada se sabe ao certo sobre o papel que coube a Vicente Mendes Maciel, pai de Antonio Vicente Mendes Maciel (o Conselheiro), nesta luta deplorável. Os seus contemporâneos pintam-no como "homem irascível mas de excelente caráter, meio visionário e desconfiado, mas de tanta capacidade que sendo analfabeto negociava largamente em fazendas, trazendo tudo perfeitamente contado e medido de memória, sem mesmo ter escrita para os devedores".

O filho sob a disciplina de um pai de honradez proverbial e ríspido, teve educação que de algum modo o isolou da turbulência da família. Indicam-no testemunhas de vistas, ainda existentes, como adolescente tranquilo e tímido, sem o entusiasmo feliz dos que seguem as primeiras escalas da vida; retraído, avesso à troça, raro deixando a casa de negócio do pai, em Quixeramobim, de todo entregue aos misteres de caixeiro consciencioso, deixando passar e desaparecer vazia a quadra triunfal dos vinte anos. Todas as histórias, ou lendas entretecidas de exageros, segundo o hábito dos narradores do sertão, em que eram muita vez protagonistas os seus próprios parentes, eram-lhe entoadas em torno evidenciando-lhes sempre a coragem tradicional e rara. A sugestão das narrativas, porém, tinha o corretivo enérgico da ríspida sisudez do velho Mendes Maciel e não abalava o ânimo do rapaz. Talvez ficasse latente, pronta a se expandir em condições mais favoráveis. O certo é que falecendo aquele em 1855, vinte anos depois dos trágicos sucessos que rememoramos, Antonio Maciel prosseguiu na mesma vida corretíssima e calma.

Arrostando com a tarefa de velar por três irmãs solteiras revelou abnegação rara. Somente depois de as ter casado procurou, por sua vez, um enlace que lhe foi nefasto.

Data daí a sua existência dramática. A mulher foi a sobrecarga adicionada à tremenda tara hereditária, que desequilibraria uma vida iniciada sob os

melhores auspícios.

A partir de 1858 todos os seus atos denotam uma transformação de caráter. Perde os hábitos sedentários. Incompatibilidades de gênio com a esposa ou, o que é mais verossímil, a péssima índole desta, tornam instável a sua situação.

Em poucos anos vive em diversas vilas e povoados. Adota diversas profissões.

Nesta agitação, porém, percebe-se a luta de um caráter que se não deixa abater. Tendo ficado sem bens de fortuna, Antonio Maciel, nesta fase preparatória de sua vida, a despeito das desordens do lar, ao chegar a qualquer nova sede de residência procura logo um emprego, um meio qualquer honesto, de subsistência. Em 1859, mudando-se para Sobral, emprega-se como caixeiro. Demora-se, porém, pouco ali. Segue para Campo Grande, onde desempenha as funções modestas de escrivão do juiz de Paz. Daí, sem grande demora, se desloca para Ipu. Faz-se solicitador, ou requerente no fórum.

Nota-se já em tudo isto um crescendo para profissões menos trabalhosas, exigindo cada vez menos a constância do esforço; o contínuo despear-se da disciplina primitiva, a tendência acentuada para a atividade mais irrequieta e mais estéril, o descambar para a vadiagem franca. Ia-se-lhe ao mesmo tempo, na desarmonia do lar, a antiga serenidade.

Este período de vida mostra-o, todavia, aparelhado de sentimentos dignos. Ali estavam, em torno, permanentes lutas partidárias abrindo-lhe carreira aventurosa, em que poderia entrar como tantos outros, ligando-se aos condutícios de qualquer conquistador de urnas, para o que tinha o prestígio tradicional da família. Evitou-as sempre. E na descensão contínua, percebe-se alguém que perde o terreno, mas lentamente, reagindo, numa exaustão dolorosa.

De repente, surge-lhe revés violento. O plano inclinado daquela vida em declive termina, de golpe, em queda formidável. Foge-lhe a mulher, em Ipu, raptada por um policial. Foi o desfecho. Fulminado de vergonha, o infeliz procura o recesso dos sertões, paragens desconhecidas, onde lhe não saibam o nome; o abrigo da absoluta obscuridade.

Desce para o sul do Ceará.

Ao passar em Paus Brancos, na estrada do Crato, fere com ímpeto de alucinado, à noite, um parente, que o hospedara. Fazem-se breves inquirições policiais, tolhidas logo pela própria vítima reconhecendo a não culpabilidade do agressor. Salva-se da prisão. Prossegue depois para o sul, à toa, na direção do Crato. E desaparece...

Passaram-se dez anos. O moço infeliz de Quixeramobim ficou de todo esquecido. Apenas uma ou outra vez lhe recordavam o nome e o termo escandaloso da existência, em que era *magna pars* um Lovelace de coturno reiuno, um sargento de polícia.

Graças a este incidente, algo ridículo, ficara nas paragens natais breve resquício de sua lembrança.

Morrera por assim dizer.

... E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordoado ao clássico bastão, em que se apoia o passo tardo dos peregrinos...

É desconhecida a sua existência durante tão largo período. Um velho caboclo, preso em Canudos nos últimos dias da campanha, disse-me algo a respeito, mas vagamente, sem precisar datas, sem pormenores característicos. Conhecera-o nos sertões de Pernambuco, um ou dois anos depois da partida do Crato. Das palavras desta testemunha, concluí que Antonio Maciel, ainda moço, já impressionava vivamente a imaginação dos sertanejos. Aparecia por aqueles lugares sem destino fixo, errante. Nada referia sobre o passado. Praticava em frases breves e raros monossílabos. Andava sem rumo certo, de um pouso para outro, indiferente à vida e aos perigos, alimentando-se mal e ocasionalmente, dormindo ao relento à beira dos caminhos, numa penitência demorada e rude...

Tornou-se logo alguma coisa de fantástico ou *mal-assombrado* para aquelas gentes simples. Ao abeirar-se das rancharias dos tropeiros aquele velho singular, de pouco mais de trinta anos, fazia que cessassem os improvisos e as violas festivas.

Era natural. Ele surdia – esquálido e macerado – dentro do hábito escorrido, sem relevos, mudo, como uma sombra, das chapadas povoadas de duendes...

Passava, buscando outros lugares, deixando absortos os matutos supersticiosos.

Dominava-os, por fim, sem o querer.

No seio de uma sociedade primitiva que pelas qualidades étnicas e influxo das *santas missões* malévolas compreendia melhor a vida pelo incompreendido dos milagres, o seu viver misterioso rodeou-o logo de não vulgar prestígio, agravando-lhe, talvez, o temperamento delirante. A pouco e pouco todo o domínio que, sem cálculo, derramava em torno, parece haver refluído sobre si mesmo. Todas as conjecturas ou lendas que para logo o circundaram fizeram o ambiente propício ao germinar do próprio desvario. A sua insânia estava, ali, exteriorizada. Espelhavam-lha a admiração intensa e o respeito absoluto que o tornaram em pouco tempo árbitro incondicional de todas as divergências ou brigas, conselheiro predileto em todas as decisões. A multidão poupara-lhe o indagar torturante acerca do próprio estado emotivo, o esforço dessas interrogativas angustiosas e dessa intuspecção delirante, entre os quais evolve a loucura nos cérebros abalados. Remodelava-o à sua imagem. Criava-o. Ampliava-lhe, desmesuradamente, a vida, lançando-lhe dentro os erros de dois mil anos.

Precisava de alguém que lhe traduzisse a idealização indefinida, e a guiasse nas trilhas misteriosas para os céus...

O evangelizador surgiu, monstruoso, mas autômato.

Aquele dominador foi um títere. Agiu passivo, como uma sombra. Mas esta condensava o obscurantismo de três raças.

E cresceu tanto que se projetou na História...

Dos sertões de Pernambuco passou aos de Sergipe, aparecendo na cidade de Itabaiana em 1874.

Ali chegou, como em toda a parte, desconhecido e suspeito, impressionando pelos trajes esquisitos – camisolão azul, sem cintura; chapéu de abas largas, derrubadas; e sandálias. Às costas um surrão de couro em que trazia papel, pena e tinta, a *Missão abreviada* e as *Horas marianas*.

Vivia de esmolas, das quais recusava qualquer excesso, pedindo apenas o sustento de cada dia. Procurava os pousos solitários. Não aceitava leito algum, além de uma tábua nua e, na falta desta, o chão duro.

Assim pervagou largo tempo, até aparecer nos sertões, ao norte da Bahia. Ia-lhe crescendo o prestígio. Já não seguia só. Encalçavam-no na rota desnorteada os primeiros fiéis. Não os chamara. Chegavam-lhe espontâneos, felizes por atravessarem com ele os mesmos dias de provações e misérias. Eram, no geral, gente ínfima e suspeita, avessa ao trabalho, farândola de vencidos da vida, vezada à mândria e à rapina.

Um dos adeptos carregava o templo único, então, da religião minúscula e nascente: um oratório tosco, de cedro, encerrando a imagem do Cristo.

Nas paradas pelos caminhos prendiam-no a um galho de árvore; e, genuflexos, rezavam. Entravam com ele, triunfalmente erguido, pelos vilarejos, e povoados, num coro de ladainhas.

Assim se apresentou o Conselheiro, em 1876, na vila do *Itapicuru de Cima*. Já tinha grande renome.

Di-lo documento expressivo publicado aquele ano, na capital do Império.

> Apareceu no sertão do Norte um indivíduo, que se diz chamar Antonio Conselheiro, e que exerce grande influência no espírito das classes populares servindo-se de seu exterior misterioso e costumes ascéticos, com que impõe à ignorância e à simplicidade. Deixou crescer a barba e cabelos, veste uma túnica de algodão e alimenta-se tenuemente, sendo quase uma múmia. Acompanhado de duas professas, vive a rezar terços e ladainhas e a pregar e a dar conselhos às multidões, que reúne, onde lhe permitem os párocos; e, movendo sentimentos religiosos, vai arrebanhando o povo e guiando-o a seu gosto. Revela ser homem inteligente, mas sem cultura.[39]

Estes dizeres, rigorosamente verídicos, de um anuário impresso centenares de léguas de distância, delatam bem a fama que ele já granjeara.

Entretanto a vila de Itapicuru esteve para ser o fecho da sua carreira extraordinária. Foi, ali, naquele mesmo ano, entre o espanto dos fiéis, inopinadamente preso. Determinara a prisão uma falsidade, que o seu modo de vida excepcional e as antigas desordens domésticas de algum modo justificavam: diziam-no assassino da esposa e da própria mãe.

Era uma lenda arrepiadora.

Contavam que a última, desadorando a nora, imaginara perdê-la. Revelara, por isto, ao filho, que era traído; e como este, surpreso, lhe exigisse provas do delito, propôs-se apresentá-las sem tardança. Aconselhou-o a que fantasiasse qualquer viagem, permanecendo, porém, nos arredores, porque veria, à noite, invadir-lhe o lar o sedutor que o desonrara. Aceito o alvitre, o infeliz, cavalgando e afastando-se cerca de meia légua, torceu depois de rédeas, tornando, furtivamente, por desfrequentados desvios, para uma espera adrede escolhida, de onde pudesse observar bem e agir de pronto.

Ali quedou longas horas, até lobrigar, de fato, noite velha, um vulto aproximando-se da sua vivenda. Viu-o achegar-se cautelosamente e galgar uma das janelas. E não lhe deu tempo para entrar. Abateu-o com um tiro.

Penetrou, em seguida, de um salto, no lar e fulminou com outra descarga a esposa infiel, adormecida.

Voltou, depois, para reconhecer o homem que matara... E viu com horror que era a sua própria mãe, que se disfarçara daquele modo para a consecução do plano diabólico.

Fugira, então, na mesma hora, apavorado, doudo, abandonando tudo, ao acaso, pelos sertões em fora...

A imaginação popular, como se vê, começava a romancear-lhe a vida, com um traço vigoroso de originalidade trágica.

Como quer que fosse, porém, o certo é que em 1876 a repressão legal o atingiu quando já se ultimara a evolução do seu espírito, imerso de todo no sonho de onde não mais despertaria. O asceta despontava, inteiriço, da rudeza disciplinar de quinze anos de penitência. Requintara nessa aprendizagem de martírios, que tanto preconizam os velhos luminares da Igreja. Vinha do tirocínio brutal da fome, da sede, das fadigas, das angústias recalcadas e das misérias fundas. Não tinha dores desconhecidas. A epiderme seca rugava-se-lhe como uma couraça amolgada e rota sobre a carne morta. Anestesiara-a com a própria dor; macerara-a e sarjara-a de cilícios mais duros que os buréis de esparto; trouxera-a, de rojo, pelas pedras dos caminhos; esturrara-a nos rescaldos das secas; inteiriçara-a nos relentos frios; adormecera-a, em transitórios repousos, nos leitos dilacerantes das caatingas...

Abeirara muitas vezes a morte nos jejuns prolongados, com requinte de ascetismo que surpreenderia Tertuliano, esse sombrio propagandista da eliminação lenta da matéria, "descarregando-se do seu sangue, fardo pesado e

importuno da alma impaciente por fugir...".[40]

Para quem estava neste tirocínio de amarguras, aquela ordem de prisão era incidente mínimo. Recebeu-a indiferente. Proibiu aos fiéis que o defendessem. Entregou-se. Levaram-no à capital da Bahia. Ali, a sua fisionomia estranha: face morta, rígida como uma máscara, sem olhar e sem risos; pálpebras descidas dentro de órbitas profundas; e o seu entrajar singularíssimo; e o seu aspecto repugnante, de desenterrado, dentro do camisolão comprido, feito uma mortalha preta; e os longos cabelos corredios e poentos caindo pelos ombros, emaranhando-se nos pelos duros da barba descuidada, que descia até à cintura – aferroaram a curiosidade geral.

Passou pelas ruas entre ovações de esconjuros e "pelos-sinais" dos crentes assustados e das beatas retransidas de sustos.

Interrogaram-no os juízes estupefactos.

Acusavam-no de velhos crimes, cometidos no torrão nativo. Ouviu o interrogatório e as acusações, e não murmurou sequer, revestido de impassibilidade marmórea.

A escolta que o trouxera, soube-se depois, espancara-o covardemente nas estradas. Não formulou a mais leve queixa.

Quedou na tranquila indiferença superior de um estoico.

Apenas – e este pormenor curioso ouvimo-lo a pessoa insuspeita – no dia do embarque para o Ceará pediu às autoridades que o livrassem da curiosidade pública, a única coisa que o vexava.

Chegando à terra natal, reconhecida a improcedência da denúncia é posto em liberdade. E no mesmo ano reaparece na Bahia entre os discípulos, que o aguardavam sempre.

Esta volta – coincidindo, segundo afirmam, com o dia que prefixara, no momento de ser preso, tomou aspectos de milagre.

Tresdobrou a sua influência.

Vagueia, então, algum tempo, pelos sertões de Curaçá, estacionando (1877) de preferência em Xorroxó, lugarejo de poucas centenas de habitantes, cuja feira movimentada congrega a maioria dos povoadores daquele trecho do São Francisco. Uma capela elegante indica-lhe, ainda hoje, a estadia. E mais venerável talvez, pequena árvore, à entrada da vila, que foi por muito tempo objeto de uma fitolatria extraordinária. À sua sombra descansara o peregrino. Era um arbusto sagrado. À sua sombra curavam-se os crédulos doentes; as suas folhas eram panaceia infalível.

O povo começava a grande série de milagres de que não cogitava talvez o infeliz...

De 1877 a 1887 erra por aqueles sertões, em todos os sentidos, chegando mesmo até ao litoral, em Vila do Conde (1887).

Em toda esta área não há, talvez, uma cidade ou povoado onde não tenha aparecido. Alagoinhas, Inhambupe, Bom Conselho, Jeremoabo, Cumbe, Mocambo, Maçacará, Pombal, Monte Santo, Tucano e outros, viram-no chegar,

acompanhado da farândola de fiéis. Em quase todas deixava um traço da passagem: aqui um cemitério arruinado, de muros reconstruídos; além uma igreja renovada; adiante uma capela que se erguia, elegante sempre.

A sua entrada nos povoados, seguido pela multidão contrita, em silêncio, alevantando imagens, cruzes e bandeiras do Divino, era solene e impressionadora. Paralisavam-se as ocupações normais. Ermavam-se as oficinas e as culturas. A população convergia para a vila onde, em compensação, avultava o movimento das feiras; e durante alguns dias, eclipsando as autoridades locais, o penitente errante e humilde monopolizava o mando, fazia-se autoridade única.

Erguiam-se na praça, revestidas de folhagens, as *latadas*, onde à tarde entoavam, os devotos, terços e ladainhas; e quando era grande a concorrência, improvisava-se um palanque ao lado do barracão da feira, no centro do largo, para que a palavra do profeta pudesse irradiar para todos os pontos e edificar todos os crentes.

Ele ali subia e pregava. Era assombroso, afirmam testemunhas existentes. Uma oratória bárbara e arrepiadora, feita de excertos truncados das *Horas marianas*, desconexa, abstrusa, agravada, às vezes, pela ousadia extrema das citações latinas; transcorrendo em frases sacudidas; misto inextricável e confuso de conselhos dogmáticos, preceitos vulgares da moral cristã e de profecias esdrúxulas...

Era truanesco e era pavoroso.

Imagine-se um bufão arrebatado numa visão do Apocalipse...

Parco de gestos, falava largo tempo, olhos em terra, sem encarar a multidão abatida sob a algaravia, que derivava demoradamente, ao arrepio do bom senso, em melopeia fatigante.

Tinha, entretanto, ao que parece, a preocupação do efeito produzido por uma ou outra frase mais incisiva. Enunciava-a e emudecia; alevantava a cabeça, descerrava de golpe as pálpebras; viam-se-lhe então os olhos extremamente negros e vivos, e o olhar – uma cintilação ofuscante... Ninguém ousava contemplá-lo. A multidão sucumbida abaixava, por sua vez, as vistas, fascinada, sob o estranho hipnotismo daquela insânia formidável.

E o grande desventurado realizava, nesta ocasião, o seu único milagre: conseguia não se tornar ridículo...

Nestas prédicas, em que fazia vitoriosa concorrência aos capuchinhos vagabundos das missões, estadeava o sistema religioso incongruente e vago. Ora quem as ouviu não se forra a aproximações históricas sugestivas. Relendo as páginas memoráveis[41] em que Renan faz ressurgir, pelo galvanismo do seu belo estilo, os adoudados chefes de seita dos primeiros séculos, nota-se a revivescência integral de suas aberrações extintas. Não há desejar mais completa reprodução do mesmo sistema, das mesmas imagens, das mesmas fórmulas hiperbólicas, das mesmas palavras quase. É um exemplo belíssimo da identidade dos estados evolutivos entre os povos. O retrógrado do sertão

reproduz o *facies* dos místicos do passado. Considerando-o, sente-se o efeito maravilhoso de uma perspectiva através dos séculos...

Está fora do nosso tempo. Está de todo entre esses retardatários que Fouillée compara, em imagem feliz, *à des coureurs sur le champ de la civilisation, de plus en plus en retard*.

É um dissidente do molde exato de Themison. Insurge-se contra a Igreja romana, e vibra-lhe objurgatórias, estadeando o mesmo argumento que aquele: ela perdeu a sua glória e obedece a Satanás. Esboça uma moral que é a tradução justalinear da de Montano: a castidade exagerada ao máximo horror pela mulher, contrastando com a licença absoluta para o amor livre, atingindo quase à extinção do casamento.

O frígio pregava-a, talvez como o cearense, pelos ressaibos remanentes das desditas conjugais. Ambos proíbem severamente que as moças se ataviem; bramam contra as vestes realçadoras; insistem do mesmo modo, especialmente, sobre o luxo dos toucados; e – o que é singularíssimo – cominam, ambos, o mesmo castigo a este pecado: o demônio dos cabelos, punindo as vaidosas com dilaceradores pentes de espinho.

A beleza era-lhes a face tentadora de Satã. O Conselheiro extremou-se mesmo no mostrar por ela invencível horror. Nunca mais olhou para uma mulher. Falava de costas, mesmo às beatas velhas, feitas para amansarem sátiros.

Ora, esta identidade avulta, mais frisante, quando se comparam com as do passado as concepções absurdas do esmaniado apóstolo sertanejo. Como os montanistas, ele surgia no epílogo da Terra... O mesmo milenarismo extravagante, o mesmo pavor do Anticristo despontando na derrocada universal da vida. O fim do mundo próximo...

Que os fiéis abandonassem todos os haveres, tudo quanto os maculasse com um leve traço da vaidade. Todas as fortunas estavam a pique da catástrofe iminente e fora temeridade inútil conservá-las.

Que abdicassem as venturas mais fugazes e fizessem da vida um purgatório duro; e não a manchassem nunca com o sacrilégio de um sorriso. O Juízo Final aproximava-se, inflexível.

Prenunciavam-se anos sucessivos de desgraças:[42]

> ... Em 1896 hade rebanhos mil correr da praia para o certão; então o certão virará praia e a praia virará certão.
>
> Em 1897 haverá muito pasto e pouco rasto e um só pastor e um só rebanho.
>
> Em 1898 haverá muitos chapéos e poucas cabeças.
>
> Em 1899 ficarão as aguas em sangue e o planeta hade apparecer no nascente com o raio do sol que o ramo se confrontará na terra e a terra em algum lugar se confrontará no céu...
>
> Hade chover uma grande chuva de estrellas e ahi será o fim do mundo.

> Em 1900 se apagarão as luzes. Deus disse no Evangelho: eu tenho um rebanho que anda fóra deste aprisco e é preciso que se reunam porque ha um só pastor e um só rebanho!

Como os antigos, o predestinado atingia a terra pela vontade divina. Fora o próprio Cristo que pressagiara a sua vinda quando

> na hora nona, descançando no monte das Oliveiras um dos seus apóstolos perguntou: Senhor! para o fim desta edade que signaes vós deixaes?
>
> Elle respondeu: muitos signaes na Lua, no Sol e nas Estrellas. Hade apparecer um Anjo mandado por meu pae terno, pregando sermão pelas portas, fazendo povoações nos desertos, fazendo egrejas e capellinhas e dando seus conselhos...

E no meio desse extravagar adoudado, rompendo dentre o messianismo religioso, o messianismo da raça levando-o à insurreição contra a forma republicana:

> Em verdade vos digo, quando as nações brigam com as nações, o Brazil com o Brazil, a Inglaterra com a Inglaterra, a Prussia com a Prussia, das ondas do mar D. Sebastião sahirá com todo o seu exercito.
>
> Desde o principio do mundo que encantou com todo seu exercito e o restituio em guerra.
>
> E quando encantou-se afincou a espada na pedra, ella foi até os copos e elle disse: Adeus mundo!
>
> Até mil e tantos a dois mil não chegarás!
>
> Neste dia quando sahir com o seu exercito tira a todos no fio da espada deste papel da Republica. O fim desta guerra se acabará na Santa Casa de Roma e o sangue hade ir até a junta grossa...

O profetismo tinha, como se vê, na sua boca, o mesmo tom com que despontou na Frígia, avançando para o Ocidente. Anunciava, idêntico, o juízo de Deus, a desgraça dos poderosos, o esmagamento do mundo profano, o reino de mil anos e suas delícias.

Não haverá, com efeito, nisto, um traço superior do judaísmo?

Não há encobri-lo. Ademais este voltar-se à idade de ouro dos apóstolos e sibilistas, revivendo vetustas ilusões, não é uma novidade. É o permanente refluxo do cristianismo para o seu berço judaico. Montano reproduz-se em toda a história, mais ou menos alterado consoante o caráter dos povos, mas delatando, na mesma rebeldia contra a hierarquia eclesiástica, na mesma exploração do sobrenatural, e no mesmo ansiar pelos céus, a feição primitivamente sonhadora da velha religião, antes que a deformassem os sofistas canonizados dos concílios.

A exemplo de seus comparsas do passado, Antonio Conselheiro era um pietista ansiando pelo reino de Deus, prometido, delongado sempre e ao cabo de todo esquecido pela Igreja ortodoxa do século II.

Abeirara-se apenas do catolicismo mal compreendido.

Coerente com a missão a que se devotara, ordenava, depois destas homilias, penitências que de ordinário redundavam em benefício das localidades. Reconstruíam-se templos abatidos; renovavam-se cemitérios em abandono; erigiam-se construções novas e elegantes. Os pedreiros e carpinteiros trabalhavam de graça; os abastados forneciam, grátis, os materiais indispensáveis; o povo carregava pedras. Durante dias seguidos, na azáfama piedosa, se agitavam os operários cujos salários se averbavam nos céus.

E terminada a empresa o predestinado abalava... para onde? Ao acaso, tomando a primeira vereda, pelos sertões em fora, pelas chapadas multívias, sem olhar sequer para os que o encalçavam.

Não o contrariava o antagonismo de um adversário perigoso, o padre. A dar-se crédito a testemunho valioso,[43] aquele, em geral, estimulava-lhe ou permitia-lhe as práticas pelas quais, sem nada usufruir, promovia todos os atos de onde saem os rendimentos do clero: batizados, desobrigas, festas e novenas.

Os vigários toleravam com boa sombra os despropósitos do Santo endemoninhado que ao menos lhes acrescia a côngrua reduzida. Percebeu-o, em 1882, o arcebispo da Bahia, procurando pôr paradeiro a esta transigência, se não mal disfarçada proteção, por uma circular dirigida a todos os párocos.

> Chegando ao nosso conhecimento, que pelas freguesias do centro deste arcebispado, anda um indivíduo denominado Antonio Conselheiro, pregando ao povo, que se reúne para ouvi-lo, doutrinas supersticiosas e uma moral excessivamente rígida[44] com que está perturbando as consciências e enfraquecendo, não pouco, a autoridade dos párocos destes lugares, ordenamos a V. Revma., que não consinta em sua freguesia semelhante abuso, fazendo saber aos paroquianos que lhes proibimos absolutamente, de se reunirem para ouvir tal pregação, visto como, competindo na Igreja Católica, somente aos ministros da religião, a missão santa de doutrinar os povos, um secular, quem quer que ele seja, ainda quando muito instruído e virtuoso, não tem autoridade para exercê-la.
>
> Entretanto sirva isto para excitar cada vez mais o zelo de V. Revma. no exercício do ministério da pregação, a fim de que os seus paroquianos, suficientemente instruídos, não se deixem levar por todo o vento de doutrina etc.[45]

Foi inútil a intervenção da Igreja.

Antonio Conselheiro continuou sem embaraços a sua marcha de desnorteado apóstolo, pervagando nos sertões. E como se desejasse reviver sempre a lembrança da primeira perseguição sofrida, volve constantemente ao Itapicuru, cuja autoridade policial, por fim, apelou para os poderes constituídos, em ofício onde, depois de historiar ligeiramente os antecedentes do agitador, disse:46

> ... Fez neste termo seu acampamento e presentemente está no referido arraial construindo uma capela a expensas do povo.
>
> Conquanto esta obra seja de algum melhoramento, aliás dispensável, para o lugar, todavia os excessos e sacrifícios não compensam este bem, e, pelo modo por que estão os ânimos, é mais que justo e fundado o receio de grandes desgraças.
>
> Para que V. Sa. saiba quem é Antonio Conselheiro, basta dizer que é acompanhado por centenas e centenas de pessoas, que ouvem-no e cumprem suas ordens de preferência às do vigário da paróquia.
>
> O fanatismo não tem mais limites e assim é que, sem medo de erro, e firmado em fatos, posso afirmar que adoram-no, como se fosse um Deus vivo.
>
> Nos dias de sermões terços e ladainhas, o ajuntamento sobe a mil pessoas. Na construção dessa capela, cuja féria semanal é de quase cem mil réis, décuplo do que devia ser pago, estão empregados cearenses, aos quais Antonio Conselheiro presta a mais cega proteção, tolerando e dissimulando os atentados que cometem, e esse dinheiro sai dos crédulos e ignorantes, que, além de não trabalharem, vendem o pouco que possuem e até furtam para que não haja a menor falta, sem falar nas quantias arrecadadas que têm sido remetidas para outras obras do Xorroxó, termo do Capim Grosso.

E depois de apontar a última tropelia dos fanáticos:

> Havendo desinteligência entre o grupo de Antonio Conselheiro e o vigário de Inhambupe, está aquele municiado como se tivesse de ferir uma batalha campal, e consta que estão à espera que o vigário vá ao lugar denominado Junco para assassiná-lo. Faz medo aos transeuntes passar por alto, vendo aqueles malvados munidos de cacetes, facas, facões, clavinotes; e ai daquele que for suspeito de ser infenso a Antonio Conselheiro.

Ao que se figura, este apelo, feito em termos tão alarmantes, não foi correspondido. Nenhuma providência se tomou até meados de 1887, quando a diocese da Bahia interveio de novo, oficiando o arcebispo ao presidente da província, pedindo providências que contivessem o “indivíduo Antonio Vicente Mendes Maciel que pregando doutrinas subversivas, fazia um grande

mal à religião e ao Estado, distraindo o povo de suas obrigações e arrastando-o após si, procurando convencer de que era Espírito Santo” etc.

Ante o reclamo, o presidente daquela província dirigiu-se ao ministro do Império, pedindo um lugar para o tresloucado no hospício de alienados do Rio. O ministro respondeu ao presidente contrapondo o notável argumento de não haver, naquele estabelecimento, lugar algum vago; e o presidente oficiou de novo ao prelado, tornando-o ciente da resolução admirável do governo.

Assim se abriu e se fechou o ciclo das providências legais que se fizeram durante o Império.

O Conselheiro continuou sem tropeços na missão pervertedora, avultando na imaginação popular.

Apareciam as primeiras lendas.

Não as arquivaremos todas.

Fundou o arraial do Bom Jesus; e contam as gentes assombradas que em certa ocasião, quando se construía a belíssima igreja que lá está, esforçando-se debalde dez operários por erguerem pesado baldrame, o predestinado trepou sobre o madeiro e ordenou, em seguida, que dois homens apenas o levantem; e o que não haviam conseguido tantos, realizaram os dois, rapidamente, sem esforço algum...

Outra vez – ouvi o estranho caso a pessoas que se não haviam deixado fanatizar! – chegou a Monte Santo e determinou que se fizesse uma procissão pela montanha acima, até a última capela, no alto. Iniciou-se à tarde a cerimônia. A multidão derivou, lenta, pela encosta clivosa, entoando *benditos*, estacionando nos passos, contrita. Ele seguia na frente – grave e sinistro – descoberto, agitada pela ventania forte a cabeleira longa, arrimando-se ao bordão inseparável. Desceu a noite. Acenderam-se as tochas dos penitentes, e a procissão, estendida na linha de cumeadas, traçou uma estrada luminosa no dorso da montanha...

Ao chegar à Santa Cruz, no alto, Antonio Conselheiro, ofegante, senta-se no primeiro degrau da tosca escada de pedra, e queda-se estático, contemplando os céus, o olhar imerso nas estrelas...

A primeira onda de fiéis enche logo o âmbito restrito da capela, enquanto outros permanecem fora ajoelhados sobre a rocha aspérrima.

O contemplativo, então, levanta-se. Mal sofreia o cansaço. Entre alas respeitosas, penetra, por sua vez, na capela, pendida para o chão a cabeça, humílimo e abatido, arfando.

Ao abeirar-se do altar-mor, porém, ergue o rosto pálido, emoldurado pelos cabelos em desalinho. E a multidão estremece toda, assombrada... Duas lágrimas sangrentas rolam, vagarosamente, no rosto imaculado da Virgem Santíssima...

Essas e outras lendas são ainda correntes no sertão. É natural. Espécie de grande homem pelo avesso, Antonio Conselheiro reunia no misticismo doentio todos os erros e superstições que formam o coeficiente de redução da nossa nacionalidade. Arrastava o povo sertanejo não porque o dominasse, mas porque o dominavam as aberrações daquele. Favorecia-o o meio e ele realizava, às vezes, como vimos, o absurdo de ser útil. Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais; e jugulado por ela espelhava em todos os atos a placabilidade de um evangelista incomparável.

De feito, amortecia-lhe a nevrose inexplicável placidez.

Certo dia o vigário de uma freguesia sertaneja vê chegar à sua porta um homem extremamente magro e sucumbido: longos cabelos despenteados pelos ombros, longas barbas descendo pelo peito; uma velha figura de peregrino a que não faltavam o crucifixo tradicional, suspenso a um lado entre as camândulas da cintura, e o manto poento e gasto, e a borracha d'água, e o bordão comprido...

Dá-lhe o pároco com que se alimente, aceita um pedaço de pão apenas; oferece-lhe um leito, prefere uma tábua sobre que se deita sem cobertas, vestido, sem mesmo desatacar as sandálias.

No outro dia o singularíssimo hóspede, que poucas palavras até então pronunciara, pede ao padre lhe conceda pregar por ocasião da festa que ia realizar-se na igreja.

– Irmão, não tendes ordens; a Igreja não permite que pregueis.

– Deixai-me, então, fazer a *via sacra*.

– Também não posso, vou eu fazê-la, contraveio mais uma vez o sacerdote.

O peregrino, então, encarou-o fito por algum tempo, e sem dizer palavra tirou de sob a túnica um lenço. Sacudiu o pó das alpercatas. E partiu.

Era o clássico protesto inofensivo e tranquilo dos apóstolos.

A reação, porém, crescendo, malignou-lhe o ânimo. Dominador incondicional, principiou de se irritar ante a menor contrariedade.

Certa vez, em Natuba, estando ausente o vigário, com quem não estava em boas graças, apareceu e mandou carregar pedras para consertos da igreja. Chega o padre; vê a invasão dos domínios sagrados; irrita-se e resolve pôr embargos à desordem. Era homem prático; apelou para o egoísmo humano.

Tendo a Câmara, dias antes, imposto aos proprietários o calçamento dos passeios das casas, cedeu ao povo, para tal fim, as pedras já acumuladas.

O Conselheiro não se limitou, desta vez, a sacudir as sandálias. Saiu-lhe da boca a primeira maldição, às portas da cidade ingrata; e partiu.

Tempos depois, a pedido do mesmo vigário, certa influência política do local o chamou. O templo desabava, em ruínas; o mato invadira todo o cemitério; e a freguesia era pobre. Só podia renová-los quem tão bem dispunha dos matutos

crédulos. O apóstolo deferiu ao convite. Mas fê-lo através de imposições discricionárias, relembrando, com altaneria destoante da pacatez antiga, a afronta recebida.

Iam-no tornando mau.

Viu a República com maus olhos e pregou, coerente, a rebeldia contra as novas leis. Assumiu desde 1893 uma feição combatente inteiramente nova.

Originou-a fato de pouca monta.

Decretada a autonomia dos municípios, as Câmaras das localidades do interior da Bahia tinham afixado nas tábuas tradicionais, que substituem a imprensa, editais para a cobrança de impostos etc.

Ao surgir esta novidade Antonio Conselheiro estava em Bom Conselho. Irritou-o a imposição; e planeou revide imediato. Reuniu o povo num dia de feira e, entre gritos sediciosos e estrepitar de foguetes, mandou queimar as tábuas numa fogueira, no largo. Levantou a voz sobre o "auto de fé", que a fraqueza das autoridades não impedira, e pregou abertamente a insurreição contra as leis.

Avaliou, depois, a gravidade do atentado.

Deixou a vila, tomando pela estrada de Monte Santo, para o norte.

O acontecimento repercutira na capital, de onde partiu numerosa força de polícia para prender o rebelde e dissolver os grupos turbulentos. Estes naquela época não excediam duzentos homens. A tropa alcançou-os em Masseté, lugar desabrigado e estéril entre Tucano e Cumbe, nas cercanias das serras do Ovó. As trinta praças, bem armadas, atacaram impetuosamente a turba de penitentes depauperados, certas de os destroçarem à primeira descarga. Deram, porém, de frente, com os jagunços destemerosos. Foram inteiramente desbaratadas, precipitando-se na fuga, de que fora o primeiro a dar exemplo o próprio comandante.

Esta batalha minúscula teria, infelizmente, mais tarde, muitas cópias ampliadas.

Realizada a façanha, os crentes acompanharam, reatando a marcha, a hégira do profeta. Não procuravam mais os povoados, como dantes. Demandavam o deserto.

O desbarato da tropa prenunciava-lhes perseguições mais vigorosas; e, certos do amparo da natureza selvagem, contavam com a vitória enterreirando entre as caatingas os novos contendores. Estes partiram, de fato, sem perda de tempo, da Bahia, em número de oitenta praças, de linha. Mas não prosseguiram além de Serrinha, de onde tornaram sem se aventurarem com o sertão. Antonio Conselheiro, porém, não se iludiu com o inexplicável recuo, que o salvara. Arrastou a matula de fiéis, a que se aliavam, dia a dia, dezenas de prosélitos, pelas trilhas sertanejas fora, seguindo prefixado rumo.

Conhecia o sertão. Percorrera-o todo numa romaria ininterrupta de vinte anos. Sabia de paragens ignotas de onde o não arrancariam. Marcara-as já talvez, prevenindo futuras vicissitudes.

Endireitou, rumo firme, em cheio para o norte.

Os crentes acompanharam-no. Não inquiriram para onde seguiam. E atravessaram serranias íngremes, tabuleiros estéreis e chapadas rasas, longos dias, vagarosamente, na marcha cadenciada pelo toar das ladainhas e pelo passo tardo do profeta...

V

Canudos, velha fazenda de gado à beira do Vaza-Barris, era, em 1890, uma tapera de cerca de cinquenta capuabas de pau a pique.

Já em 1876, segundo o testemunho de um sacerdote, que ali fora, como tantos outros, e nomeadamente o vigário de Cumbe, em visita espiritual às gentes de todo despeadas da terra, lá se aglomerava, agregada à fazenda então ainda florescente, população suspeita e ociosa, "armada até aos dentes" e "cuja ocupação, quase exclusiva, consistia em beber aguardente e pitar uns esquisitos cachimbos de barro em canudos de metro de extensão"[47] de tubos naturalmente fornecidos pelas solanáceas (canudos-de-pito), vicejantes em grande cópia à beira do rio.

Assim, antes da vinda do Conselheiro, já o lugarejo obscuro – e o seu nome claramente se explica – tinha, como a maioria dos que jazem desconhecidos pelos nossos sertões, muitos germens da desordem e do crime. Estava, porém, em plena decadência quando lá chegou aquele em 1893: tijupares em abandono; vazios os pousos; e, no alto de um esporão da Favela, destelhada, reduzida às paredes exteriores, a antiga vivenda senhoril, em ruínas...

Data daquele ano a sua revivescência e crescimento rápido. O aldeamento efêmero dos matutos vadios, centralizado pela igreja velha, que já existia, ia transmudar-se, ampliando-se em pouco tempo, na Tróia de taipa dos jagunços.

Era o lugar sagrado, cingido de montanhas, onde não penetraria a ação do governo maldito.

A sua topografia interessante modelava-o ante a imaginação daquelas gentes simples como o primeiro degrau, amplíssimo e alto, para os céus...

Não surpreende que para lá convergissem, partindo de todos os pontos, turmas sucessivas de povoadores convergentes das vilas e povoados mais remotos.

Diz uma testemunha:

> Alguns lugares desta comarca e de outras circunvizinhas, e até do estado de Sergipe ficaram desabitados, tal a aluvião de famílias que subiam para os Canudos, lugar escolhido por Antonio Conselheiro para o centro de suas operações. Causava dó verem-se expostos à venda nas feiras, extraordinária quantidade de gado cavalar, vacum, caprino, etc., além de outros objetos, por preços de nonada, como terrenos, casas, etc. O anelo extremo era vender, apurar algum dinheiro e ir reparti-lo com o Santo Conselheiro.[48]

Assim se mudavam os lares.

Inhambupe, Tucano, Cumbe, Itapicuru, Bom Conselho, Natuba, Maçacará, Monte Santo, Jeremoabo, Uauá, e demais lugares próximos; Entre Rios, Mundo Novo, Jacobina, Itabaiana e outros sítios remotos, forneciam constantes contingentes. Os raros viajantes que se arriscavam a viagens naquele sertão, topavam grupos sucessivos de fiéis que seguiam, ajoujados de fardos, carregando as mobílias toscas, as canastras e os oratórios, para o lugar eleito. Isoladas a princípio, essas turmas adunavam-se pelos caminhos, aliando-se a outras, chegando, afinal, conjuntas, a Canudos.

O arraial crescia vertiginosamente, coalhando as colinas.

A edificação rudimentar permitia à multidão sem lares fazer até doze casas por dia; – e, à medida que se formava, a tapera colossal parecia estereografar a feição moral da sociedade ali acoutada. Era a objetivação daquela insânia imensa. Documento iniludível permitindo o corpo de delito direto sobre os desmandos de um povo.

Aquilo se fazia a esmo, adoudadamente.

A *urbs* monstruosa, de barro, definia bem a *civitas* sinistra do erro. O povoado novo surgia, dentro de algumas semanas, já feito ruínas. Nascia velho. Visto de longe, desdobrado pelos cômoros, atulhando as canhadas, cobrindo área enorme, truncado nas quebradas, revolto nos pendores – tinha o aspecto perfeito de uma cidade cujo solo houvesse sido sacudido e brutalmente dobrado por um terremoto.

Não se distinguiam as ruas. Substituía-as dédalo desesperador de becos estreitíssimos, mal separando o baralhamento caótico dos casebres feitos ao acaso, testadas volvidas para todos os pontos, cumeeiras orientando-se para todos os rumos, como se tudo aquilo fosse construído, febrilmente, numa noite, por uma multidão de loucos...

Feitas de pau a pique e divididas em três compartimentos minúsculos, as casas eram paródia grosseira da antiga morada romana: um vestíbulo exíguo, um átrio servindo ao mesmo tempo de cozinha, sala de jantar e de recepção; e uma alcova lateral, furna escuríssima mal revelada por uma porta estreita e baixa. Cobertas de camadas espessas de vinte centímetros, de barro, sobre ramos de icó, lembravam as choupanas dos gauleses de César. Traíam a fase transitória entre a caverna primitiva e a casa. Se as edificações em suas modalidades evolutivas objetivam a personalidade humana, o casebre de teto de argila dos jagunços equiparado ao *wigwam* dos peles-vermelhas sugeria paralelo deplorável. O mesmo desconforto e, sobretudo, a mesma pobreza repugnante, traduzindo de certo modo, mais do que a miséria do homem, a decrepitude da raça.

Quando o olhar se acomodava à penumbra daqueles cômodos exíguos, lobrigava, invariavelmente, trastes raros e grosseiros: um banco tosco; dois ou três banquinhos com a forma de escabelos; igual número de caixas de cedro, ou canastras; um jirau pendido do teto; e as redes. Eram toda a mobília. Nem camas, nem mesas. Pendurados aos cantos, viam-se insignificantes acessórios:

o *bogó* ou borracha, espécie de balde de couro para o transporte de água; pares de *caçuás* (jacás de cipó) e os *aiós*, bolsa de caça, feita das fibras de caroá. Ao fundo do único quarto, um oratório tosco. Neste, copiando a mesma feição achamboada do conjunto, santos mal-acabados, imagens de linhas duras, objetivavam a religião mestiça em traços incisivos de manipansos: Santo Antonios proteiformes e africanizados, de aspecto bronco, de fetiches; Marias Santíssimas, feias como megeras...

Por fim as armas – a mesma revivescência de estádios remotos: o facão *jacaré*, de folha larga e forte; a parnaíba dos cangaceiros, longa como uma espada; o ferrão ou guiada, de três metros de comprido, sem a elegância das lanças, reproduzindo os piques antigos; os cacetes ocos e cheios pela metade de chumbo, pesados como montantes; as bestas e as espingardas.

Entre estas últimas, gradações completas, desde a de cano fino, carregada com escumilha, até à "legítima de Braga", cevada com chumbo grosso, ao trabuco brutal ao modo de uma colubrina portátil, capaz de arremessar calhaus e pontas de chifre, à lazarina ligeira, ou ao bacamarte de boca de sino.

Nada mais. De nada mais necessitava aquela gente. Canudos surgia com a feição média entre a de um acampamento de guerreiros e a de um vasto *kraal* africano. A ausência de ruas, as praças que, à parte a das igrejas, nada mais eram que o fundo comum dos quintais, e os casebres unidos, tornavam-no como vivenda única, amplíssima, estendida pelas colinas, e destinada a abrigar por pouco tempo o *clã* tumultuário de Antonio Conselheiro.

Sem a alvura reveladora das paredes caiadas e telhados encaliçados, a certa distância era invisível. Confundia-se com o próprio chão. Aparecia, de perto, de chofre, constrito numa volta do Vaza-Barris, que o limitava do levante ao sul abarcando-o.

Emoldurava-o uma natureza-morta: paisagens tristes; colinas nuas, uniformes, prolongando-se, ondeantes, até às serranias distantes, sem uma nesga de mato; rasgadas de lascas de talcoxisto, mal revestidas, em raros pontos, de acervos de bromélias, encimadas, noutros, pelos cactos esguios e solitários. O monte da Favela, ao sul, empolava-se mais alto, tendo no sopé, fronteiro à praça, alguns pés de quixabeiras, agrupados em horto selvagem. A meia encosta via-se solitária, em ruínas, a antiga casa da fazenda...

A uma banda, perto e dominante, um contraforte, o morro dos *Pelados*, termina de chofre em barranca a prumo sobre o rio e este, dali por diante progredindo numa inflexão forte para montante, abarca o povoado em leito escavado e fundo, como um fosso. Ali vão ter quebradas de bordas a pique, abertas pelas erosões intensas por onde, no inverno, rolam acachoando afluentes efêmeros tendo os nomes falsos de rios: o Mucuim, o Umburanas, e outro, que sucessos ulteriores denominariam da "Providência".

Canudos, assim circunvalado quase todo pelo Vaza-Barris, embatia ao sul contra as vertentes da Favela e dominado no ocidente pelas lombas mais altas de flancos em escarpa em que se comprimia aquele nas enchentes, desatava-se para o levante segundo o expandir dos plainos ondulados. As montanhas

longínquas fechavam-se em roda, formando, quase contínua, uma elipse de eixos dilatados. Feito postigos em baluarte desmedido, abriam-se, estreitas, as gargantas em que passavam os caminhos: o do Uauá, estrangulado entre os pendores fortes do Caipã; o de Jeremoabo, insinuando-se nos desfiladeiros de Cocorobó; o do Cambaio, em aclives, investindo com as vertentes do Calumbi; e o do Rosário.

Ora, por estas veredas, prendendo, no se ligarem a outras trilhas, o povoado nascente ao fundo dos sertões do Piauí, Ceará, Pernambuco e Sergipe – chegavam sucessivas caravanas de fiéis. Vinham de todos os pontos, carregando os haveres todos; e, transpostas as últimas voltas do caminho, quando divisavam o campanário humilde da antiga capela, caíam genuflexos sobre o chão aspérrimo. Estava atingido o termo da romagem. Estavam salvos da pavorosa hecatombe, que vaticinavam as profecias do evangelizador. Pisavam, afinal, a terra da promissão – Canaã sagrada, que o Bom Jesus isolara do resto do mundo por uma cintura de serras...

Chegavam, estropeados da jornada longa, mas felizes. Acampavam à gandaia pelo alto dos cômoros. À noite acendiam-se as fogueiras nos pousos dos peregrinos relentados. Uma faixa fulgurante enlaçava o arraial; e, uníssonas, entrecruzavam-se, ressoando nos pousos e nas casas, as vozes da multidão penitente, na melopeia plangente dos benditos.

Ao clarear da manhã entregavam-se à azáfama da construção dos casebres. Estes, a princípio apinhando-se próximos à depressão em que se erigia a primitiva igreja, e descendo desnivelados ao viés das encostas breves até ao rio, começaram a salpintar, esparsos, o terreno rugado, mais longe.

Construções ligeiras, distantes do núcleo compacto da casaria, pareciam obedecer ao traçado de um plano de defesa. Sucediam-se escalonadas, ladeando os caminhos. Marginavam o de Jeremoabo, erectas numa e outra margem do Vaza-Barris, para jusante, até Trabubu e o ribeirão de Macambira. Pontilhavam o do Rosário, transpondo o rio e contornando a Favela. Espalhavam-se pelos cerros, que se sucediam inúmeros segundo o rumo de Uauá. Inscritas em cercas impenetráveis de gravatás, plantados na borda de um fosso envolvente, cada uma era, do mesmo passo, um lar e um reduto. Dispunham-se formando linhas irregulares de baluartes.

Porque a cidade selvagem, desde o princípio, tinha em torno, acompanhando-a no crescimento rápido, um círculo formidável de trincheiras cavadas em todos os pendores, enfiando todas as veredas, planos de fogo volvidos, rasantes com o chão, para todos os rumos. Veladas por touceiras inextricáveis de macambiras ou lascas de pedra, não se revelavam a distância. Vindo do levante, o viajor que as abeirasse, ao divisar, esparsas sobre os cerros, as choupanas exíguas à maneira de guaritas, acreditaria topar uma rancharia esparsa de vaqueiros inofensivos. Atingia, de repente, a casaria compacta, surpreso, como se caísse numa tocaia.

Para quem viesse do sul, porém, pelo Rosário ou Calumbi, galgado o alto da Favela, ou as ladeiras fortes que se derivam para o rio Sargento, o casario

aparecia a um quilômetro, ao norte, esbatido num plano inferior, francamente exposto, de modo a se poder num lance único de vista aquilatar-lhe as condições de defesa.

Eram na aparência deploráveis. O arraial parecia disposto para o choque das cargas fulminantes, rolando impetuosas, com a força viva de uma queda, pelos aclives abruptos. O inimigo, livre de escaladas penosas, varejá-lo-ia em tiros mergulhantes. Podia assediá-lo todo, batendo todas as entradas, com uma bateria única.

Tinha, entretanto, condições táticas preexcelentes. Compreendera-as algum Vauban inculto...

Fechado ao sul pelo morro, descendo escancelado de gargantas até ao rio, fechavam-no, a oeste, uma muralha e um valo. De fato, infletindo naquele rumo, o Vaza-Barris, comprimido entre as últimas casas e as escarpas a pique dos morros sobranceiros, torcia para o norte feito um *canyon* fundo. A sua curva forte rodeava, circunvalando-a, a depressão em que se erigia o povoado, que se trancava a leste pelas colinas, a oeste e norte pelas ladeiras das terras mais altas, que dali se entumescem até aos contrafortes extremos do Cambaio e do Caipã; e ao sul pela montanha.

Canudos era uma tapera dentro de um furna. A praça das igrejas, rente ao rio, demarcava-lhe a área mais baixa. Dali, segundo um eixo orientado ao norte, se expandia alteando-se a pouco e pouco, em plano inclinado breve, feito um vale largo, em declive. Lá dentro se apertavam os casebres, atulhando toda a baixada, subindo, mais esparsos, pelas encostas de leste, transbordando, afinal, nas exíguas vivendas que vimos salpintando, raras, o alto dos cerros minados de trincheiras. A grei revoltosa – como se vê – não se ilhava em uma eminência, assoberbando os horizontes, a cavaleiro dos assaltos. Entocara-se. Naquela região belíssima, em que as linhas de cumeadas se rebatem no plano alto dos tabuleiros, escolhera precisamente o trecho que recorda uma vala comum enorme...

Lá se firmou logo um regime modelado pela religiosidade do apóstolo extravagante.

Jugulada pelo seu prestígio, a população tinha, engravescidas, todas as condições do estádio social inferior. Na falta da irmandade do sangue, a consanguinidade moral dera-lhe a forma exata de um clã, em que as leis eram o arbítrio do chefe e a justiça as suas decisões irrevogáveis. Canudos estereotipava o *facies* dúbio dos primeiros agrupamentos bárbaros.

O sertanejo simples transmudava-se, penetrando-o, no fanático destemeroso e bruto. Absorvia-o a psicose coletiva. E adotava, ao cabo, o nome até então consagrado aos turbulentos de feira, aos valentões das refregas eleitorais e saqueadores de cidades – jagunço.

De sorte que ao fim de algum tempo a população constituída dos mais díspares elementos, do crente fervoroso abdicando de si todas as comodidades da vida noutras paragens, ao bandido solto, que lá chegava de clavinote ao ombro em busca de novo campo de façanhas, se fez a comunidade homogênea e uniforme, massa inconsciente e bruta, crescendo sem evolver, sem órgãos e sem funções especializadas, pela só justaposição mecânica de levas sucessivas, à maneira de um polipeiro humano. É natural que absorvesse, intactas, todas as tendências do homem extraordinário do qual a aparência proteica – de santo exilado na terra, de fetiche de carne e osso e de bonzo claudicante – estava adrede talhada para reviver os estigmas degenerativos de três raças.

Aceitando, às cegas, tudo quanto lhe ensinara aquele; imersa de todo no sonho religioso; vivendo sob a preocupação doentia da outra vida, resumia o mundo na linha de serranias que a cingiam. Não cogitava de instituições garantidoras de um destino na terra.

Eram-lhes inúteis. Canudos era o cosmos.

E este mesmo transitório e breve; um ponto de passagem, uma escala terminal, de onde decampariam sem demora; o último pouso na travessia de um deserto – a Terra. Os jagunços errantes ali armavam pela derradeira vez as tendas, na romaria miraculosa para os céus...

Nada queriam desta vida. Por isto a propriedade tornou-se-lhes uma forma exagerada do coletivismo tribal dos beduínos: apropriação pessoal apenas de objetos móveis e das casas, comunidade absoluta da terra, das pastagens, dos rebanhos e dos escassos produtos das culturas, cujos donos recebiam exígua cota-parte, revertendo o resto para a *companhia*. Os recém-vindos entregavam ao Conselheiro noventa e nove por cento do que traziam, incluindo os santos destinados ao santuário comum. Reputavam-se felizes com a migalha restante. Bastava-lhes de sobra. O profeta ensinara-lhes a temer o pecado mortal do bem-estar mais breve. Voluntários da miséria e da dor, eram venturosos na medida das provações sofridas. Viam-se bem, vendo-se em andrajos. Este desprendimento levado às últimas consequências, chegava a despi-los das belas qualidades morais, longamente apuradas na existência patriarcal dos sertões. Para Antonio Conselheiro – e neste ponto ele ainda copia velhos modelos históricos – a virtude era como que o reflexo superior da vaidade. Uma quase impiedade. A tentativa de enobrecer a existência na terra, implicava de certo modo a indiferença pela felicidade sobrenatural iminente, o olvido do *além* maravilhoso anelado.

O seu senso moral deprimido só compreendia a posse deste pelo contraste das agruras suportadas.

De todas as páginas de catecismos que soletrara ficara-lhe preceito único:

Bem-aventurados os que sofrem...

A extrema dor era a extrema-unção. O sofrimento duro a absolvição plenária; a teriaga infalível para a peçonha dos maiores vícios.

Que os homens se desmandassem ou agissem virtuosamente – era questão

somenos.[49] Consentia de boa feição que errassem, mas que todas as impurezas, e todas as escorralhas de uma vida infame, saíssem, afinal, gota a gota, nas lágrimas vertidas.

Ao saber de caso escandaloso em que a lubricidade de um devasso maculara incauta donzela teve, certa vez, uma frase ferozmente cínica, que os sertanejos repetiam depois sem lhe aquilatarem a torpeza:

> Seguiu o destino de todas: passou por baixo da árvore do bem e do mal!

Não é para admirar que se esboçasse logo, em Canudos, a promiscuidade de um hetairismo infrene. Os filhos espúrios não tinham à fronte o labéu indelével da origem, a situação infamante dos *bänklings* entre os germanos. Eram legião.

Porque o dominador, se não estimulava, tolerava o amor livre. Nos *conselhos* diários não cogitava da vida conjugal, traçando normas aos casais ingênuos. E era lógico. Contados os últimos dias do mundo, fora malbaratá-los agitando preceitos vãos, quando o cataclismo iminente viria, em breve, apagar para sempre as uniões mais íntimas, dispersar os lares e confundir no mesmo vórtice todas as virtudes e todas as abominações. O que urgia era antecipá-lo pelas provações e pelo martírio. Pregava, então, os jejuns prolongados, as agonias da fome, a lenta exaustão da vida. Dava o exemplo fazendo constar, pelos fiéis mais íntimos, que atravessava os dias alimentando-se com um pires de farinha. Conta-se que em certo dia foi visitado por um crente abastado das cercanias. Repartiu com ele a refeição escassa; e este – milagre que abalou o arraial inteiro! – saiu do banquete minúsculo, repleto, empanzinado, como se volvesse de festim soberbo.

Esse regime severo tinha efeito duplo: tornava, pela própria debilidade, mais vibrátil a inervação enferma dos crentes e preparava-os para as aperturas do assédios, talvez previstos. Era, talvez, intenção recôndita de Antonio Conselheiro. Nem de outro modo se compreende que permitisse assistissem no arraial indivíduos cuja índole se contrapunha à sua placabilidade humilde.

Canudos era o homizio de famigerados facínoras. Ali chegavam, de permeio com os matutos crédulos e vaqueiros iludidos, sinistros heróis da faca e da garrucha. E estes foram logo os mais quistos daquele homem singular, os seus ajudantes de ordens prediletos, garantindo-lhe a autoridade inviolável. Eram, por um contraste natural, os seus melhores discípulos. A seita esdrúxula – caso de simbiose moral em que o belo ideal cristão surgia monstruoso dentre aberrações fetichistas – tinha os seus naturais representantes nos batistas truculentos, capazes de carregar os bacamartes homicidas com as contas dos rosários...

Graças a seus braços fortes, Antonio Conselheiro dominava o arraial, corrigindo os que saíam das trilhas demarcadas. Na cadeia ali paradoxalmente instituída – a *poeira*, no dizer dos jagunços – viam-se, diariamente, presos pelos

que haviam cometido a leve falta de alguns homicídios os que haviam perpetrado o crime abominável de faltar às rezas.

Inexorável para as pequenas culpas, nulíssima para os grandes atentados, a justiça era, como tudo o mais, antinômica, no clã policiado por facínoras. Visava uma delinquência especial, traduzindo-se na inversão completa do conceito do crime. Exercitava-se, não raro duramente, cominando penas severíssimas sobre leves faltas.

O uso da aguardente, por exemplo, era delito sério. Ai! do dipsomaníaco incorrigível que rompesse o interdito imposto!

Conta-se que de uma feita alguns tropeiros inexpertos, vindos do Juazeiro, foram ter a Canudos, levando alguns barris do líquido inconcesso. Atraía-os o engodo de lucro inevitável. Levavam a eterna cúmplice das horas ociosas dos matutos. Ao chegarem, porém, tiveram, depois de descarregarem na praça a carga valiosa, desagradável surpresa. Viram ali mesmo, abertos os barris, a machado, e inutilizado o contrabando sacrílego. E volveram rápidos, desapontados, tendo às mãos, ao invés do ganho apetecido, o ardor de muitas dúzias de palmatoadas, amargos bolos com que os presenteara aquela gente ingrata.

Este caso é expressivo. Sólida experiência ensinara ao Conselheiro todos os perigos que adviriam deste haxixe nacional. Interdizia-o menos por debelar um vício que para prevenir desordens. Mas fora do povoado, estas podiam espalhar-se à larga. Dali partiam bandos turbulentos arremetendo com os arredores. Toda a sorte de tropelias eram permitidas, desde que aumentassem o patrimônio da grei. Em 1894, as algaras, chefiadas por valentões de nota, tornaram-se alarmantes. Foram em um crescendo tal, de depredações e desacatos, que despertaram a atenção dos poderes constituídos, originando mesmo calorosa e inútil discussão na Assembleia Estadual da Bahia.

Em dilatado raio em torno de Canudos, talavam-se fazendas, saqueavam-se lugarejos, conquistavam-se cidades! No Bom Conselho, uma horda atrevida, depois de se apossar da vila, pô-la em estado de sítio, dispersou as autoridades, a começar pelo juiz da comarca e, como entreato hilariante na *razzia* escandalosa, torturou o escrivão dos casamentos que se viu em palpos de aranhas para impedir que os crentes sarcásticos lhe abrissem, tosquiando-o, uma coroa larga, que lhe justificasse o invadir as atribuições sagradas do vigário.

Os desordeiros volviam cheios de despojos para o arraial, onde ninguém lhes tomava conta dos desmandos.

Muitas vezes, diz o testemunho unânime da população sertaneja, tais expedições eram sugeridas por intuito diverso. Alguns fiéis abastados tinham veleidades políticas. Sobrevinha a quadra eleitoral. Os grandes conquistadores de urnas que, a exemplo de milhares de comparsas disseminados neste país, transformam a fantasia do sufrágio universal na clava de Hércules da nossa dignidade, apelavam para o Conselheiro.

Canudos fazia-se, então, provisoriamente, o quartel das guardas pretorianas

dos capangas, que de lá partiam, trilhando rumos prefixos, para reforçarem, a pau e a tiro, a soberania popular, expressa na imbecilidade triunfante de um régulo qualquer; e para o estraçoamento das atas; e para as mazorcas periódicas que a lei marca, denominando-as "eleições", eufemismo que é entre nós o mais vivo traço das ousadias da linguagem. A nossa civilização de empréstimo arregimentava, como sempre o fez, o banditismo sertanejo.

Ora, estas arrancadas eram um ensinamento. Eram úteis. Eram exercícios práticos indispensáveis ao preparo para recontros mais valentes. Compreendera-as, talvez, assim, o Conselheiro. Tolerava-as. No arraial, porém, exigia, digamos em falta de outro termo – porque os léxicos não o têm para exprimir um tumulto disciplinado, – ordem inalterável. Ali permaneciam, inofensivos porque eram inválidos, os seus melhores crentes: mulheres, crianças, velhos alquebrados, doentes inúteis. Viviam parasitariamente da solicitude do chefe, que lhes era o Santo protetor, ao qual saudavam entoando versos há vinte e tantos anos correntes nos sertões.

> Do céu veio uma luz
> Que Jesus Cristo mandou.
> Santo Antonio Aparecido
> Dos castigos nos livrou!
> ––
> Quem ouvir e não aprender
> Quem souber e não ensinar
> No dia do Juízo
> A sua alma penará![50]

Estas velhas quadras, que a tradição guardara, lembravam ao infeliz os primeiros dias da vida atormentada e avivavam-lhe, porventura, os últimos traços da vaidade, no confronto vantajoso com o santo milagreiro por excelência.

O certo é que abria aos desventurados os celeiros fartos pelas esmolas e produtos do trabalho comum. Compreendia que aquela massa, na aparência inútil, era o cerne vigoroso do arraial. Formavam-na os eleitos, felizes por terem aos ombros os frangalhos imundos, esfiapados sambenitos de uma penitência que lhes fora a própria vida; bem-aventurados porque o passo trôpego, remorado pelas muletas e pelas anquiloses, lhes era a celeridade máxima, no avançar para a felicidade eterna.

Além disto ali os aguardava, no termo da jornada, a última penitência: a construção do templo.

A antiga capela não bastava. Era frágil e pequena. Mal sobranceava os colmos achatados. Retratava por demais, no aspecto modestíssimo, a pureza principal da religião antiga.

Era necessário que se lhe contrapusesse a *arx* monstruosa, erigida como se

fosse o molde monumental da seita combatente.

Começou a erigir-se a igreja nova. Desde antemanhã enquanto uns se entregavam às culturas ou tangiam os rebanhos de cabras, ou abalavam para *fazer o saco* nas vilas próximas, e outros, dispersando-se em piquetes vigilantes, estacionavam nas cercanias, bombeando quem chegava, o resto do povo moirejava na missão sagrada.

Defrontando o antigo, o novo templo erguia-se no outro extremo da praça. Era retangular, e vasto, e pesado. As paredes mestras, espessas, recordavam muralhas de reduto. Durante muito tempo teria esta feição anômala, antes que as duas torres muito altas, com ousadias de um gótico rude e imperfeito, o transfigurassem.

É que a catedral admirável dos jagunços tinha essa eloquência silenciosa dos edifícios, de que nos fala Bossuet...

Devia ser como foi. Devia surgir, mole formidável e bruta, da extrema fraqueza humana, alteada pelos músculos gastos dos velhos, pelos braços débeis das mulheres e das crianças. Cabia-lhe a forma dúbia de santuário e de antro, de fortaleza e de templo, irmanando no mesmo âmbito, onde ressoariam mais tarde as ladainhas e as balas, a suprema piedade e os supremos rancores...

Delineara-a o próprio Conselheiro. Velho arquiteto de igrejas, requintara no monumento que lhe cerraria a carreira. Levantava, volvida para o levante, aquela fachada estupenda, sem módulos, sem proporções, sem regras; de estilo indecifrável; mascarada de frisos grosseiros e volutas impossíveis cabriolando num delírio de curvas incorretas; rasgada de ogivas horrorosas, esburacada de troneiras; informe e brutal, feito a testada de um hipogeu desenterrado; como se tentasse objetivar, a pedra e cal, a própria desordem do espírito delirante.

Era a sua obra-prima. Ali passava os dias, sobre os andaimes altos e bailéus bamboantes. O povo enxameando embaixo, na azáfama do transporte dos materiais, estremecia muita vez ao vê-lo passar, lentamente, sobre as tábuas flexuosas e oscilantes, impassível, sem um tremor no rosto bronzeado e rígido, feito uma cariátide errante sobre o edifício monstruoso.

Não faltavam braços para a tarefa. Não cessavam reforços e recursos à sociedade acampada no deserto. Metade, por assim dizer, das gentes de Tucano e de Itapicuru para lá abalou. De Alagoinhas, Feira de Santana e Santa Luzia, iam toda a sorte de auxílios. De Jeremoabo, Bom Conselho e Simão Dias, grandes fornecimentos de gados.

Não assombravam aos recém-vindos os quadros que se lhes antolhavam. Tinham-nos como obrigatória a prova desafiando-lhes a fé inabalável.

Os ingênuos contos sertanejos desde muito lhes haviam revelado as estradas fascinadoramente traiçoeiras que levam ao Inferno. Canudos, imunda antessala do Paraíso, pobre peristilo dos céus, devia ser assim mesmo – repugnante, aterrador, horrendo...

Entretanto, lá tinham ido, muitos, alimentando esperanças singulares.

> Os aliciadores da seita se ocupam em persuadir o povo de que todo aquele que se quiser salvar precisa vir para Canudos, porque nos outros lugares tudo está contaminado e perdido pela República. Ali, porém, nem é preciso trabalhar, é a terra da promissão, onde corre um rio de leite e são de cuscuz de milho as barrancas.[51]

Chegavam.

Deparavam o Vaza-Barris seco, ou empanzinado, volvendo apenas águas barrentas das enchentes, entre os flancos entorroados das colinas...

Tinham esvaecida a miragem feliz; mas não se despeavam do misticismo lamentável...

Ao cair da tarde, a voz do sino apelidava os fiéis para a oração. Cessavam os trabalhos. O povo adensava-se sob a latada coberta de folhagens. Derramava-se pela praça. Ajoelhava.

Difundia-se nos ares o coro da primeira reza.

A noite sobrevinha, prestes, mal prenunciada pelo crepúsculo sertanejo, fugitivo e breve como o dos desertos.

Fulguravam as fogueiras, que era costume acenderem-se acompanhando o perímetro do largo. E os seus clarões vacilantes emolduravam a cena meio afogada nas sombras.

Consoante antiga praxe, ou, melhor, capricho de Antonio Conselheiro, a multidão repartia-se, separados os sexos, em dois agrupamentos destacados. E em cada um deles um baralhamento enorme de contrastes...

Ali estavam, gafadas de pecados velhos, serodiamente penitenciados, as beatas – êmulas das bruxas das igrejas – revestidas da capona preta lembrando a holandilha fúnebre da Inquisição; as *solteiras*, termo que nos sertões tem o pior dos significados, desenvoltas e despejadas, *soltas* na gandaíce sem freios; as *moças donzelas* ou *moças damas*, recatadas e tímidas; e honestas mães de famílias; nivelando-se pelas mesmas rezas.

Faces murchas de velhas – esgrouviados viragos em cuja boca deve ser um pecado mortal a prece; – rostos austeros de matronas simples; fisionomias ingênuas de raparigas crédulas, misturavam-se em conjunto estranho.

Todas as idades, todos os tipos, todas as cores...

Grenhas maltratadas de crioulas retintas; cabelos corredios e duros, de caboclas; trunfas escandalosas, de africanas; madeixas castanhas e louras de brancas legítimas, embaralhavam-se, sem uma fita, sem um grampo, sem uma flor, o toucado ou a coifa mais pobre. Nos vestuários singelos, de algodão ou de chita, deselegantes e escorridos, não havia lobrigar-se a garridice menos pretensiosa: um xale de lã, uma mantilha ou um lenço de cor, atenuando a monotonia das vestes encardidas quase reduzidas a saias e camisas

estraçoadas, deixando expostos os peitos cobertos de rosários, de verônicas, de cruzes, de figas, de amuletos, de dentes de animais, de bentinhos, ou de nôminas encerrando *cartas santas*, únicos atavios que perdoava a ascese exigente do evangelizador. Aqui, ali, extremando-se a relanços naqueles acervos de trapos, um ou outro rosto formosíssimo, em que ressurgiam, suplantando impressionadoramente a miséria e o sombreado das outras faces rebarbativas, as linhas dessa beleza imortal que o tipo judaico conserva imutável através dos tempos. Madonas emparceiradas a fúrias, belos olhos profundos, em cujos negrumes afuzila o desvario místico; frontes adoráveis, mal escampadas sob os cabelos em desalinho, eram profanação cruel afogando-se naquela matulagem repugnante que exsudava do mesmo passo o fartum engulhento das carcaças imundas e o lento salmear dos benditos lúgubres como responsórios...

A revezes, as fogueiras quase abafadas, vasquejando sob nuvens de fumo, crepitam, revivendo ao sopro da viração noturna e chofrando precípites clarões sobre a turba. Destaca-se, então, mais compacto, o grupo varonil dos homens, mostrando idênticos contrastes: vaqueiros rudes e fortes, trocando, como heróis decaídos, a bela armadura de couro pelo uniforme reles de brim americano; criadores, ricos outrora, felizes pelo abandono das boiadas e dos pousos animados; e menos numerosos, porém mais em destaque, gandaieiros de todos os matizes, recidivos de todos os delitos.

Na claridade amortecida dos braseiros esbatem-se os seus perfis interessantes e vários. Já são famosos alguns. Prestigia-os o renome de arriscadas aventuras, que a imaginação popular romanceia e amplia. Lugar-tenentes do ditador humilde, tomam armados a frente do ajuntamento. Mas não há distinguir-se-lhes neste instante, na atitude e no gesto, o desgarre provocante dos valentões incorrigíveis.

De joelhos, mãos enclavinhadas sobre o peito, o olhar tençoeiro e mau esvai-se-lhes contemplativo e vago...

José Venâncio, o terror da Volta Grande, deslembra-se das dezoito mortes cometidas e do espantalho dos processos à revelia, dobrando, contrito, a fronte para a terra.

Ladeia-o o afoito Pajeú, rosto de bronze vincado de apófises duras, mal aprumado o arcabouço atlético. Estático, mãos postas, volve, como as suçuaranas em noite de luar, olhar absorto para os céus. Logo após o seu ajudante de ordens inseparável, Lalau, queda-se igualmente humílimo, joelhos dobrados sobre o trabuco carregado. Chiquinho e João da Mota, dois irmãos aos quais estava entregue o comando dos piquetes vigilantes nas estradas de Cocorobó e Uauá, aparecem unidos, desfiando, crédulos, as contas do mesmo rosário. Pedrão, cafuz entroncado e bruto, que com trinta homens escolhidos guardava as vertentes da Canabrava, mal se distingue, afastado, próximo de um digno êmulo de tropelias. Estêvão, negro reforçado, disforme, corpo tatuado a bala e a faca, que lograra vingar centenas de conflitos graças à disvulnerabilidade rara. Era o guarda do Cambaio.

Joaquim *Tranca-Pés*, outro espécimen de guerrilheiro sanhudo, que velava no Angico, ombreia com o *Major Sariema*, de estatura mais elegante, lidador sem posição fixa, destemeroso mas irrequieto, talhado para as arrancadas subitâneas e atrevidas. Antepõe-se-lhe, no aspecto, o tragicômico Raimundo *Boca-Torta*, do Itapicuru, espécie de funâmbulo patibular, face contorcida em esgar ferino, como um traumatismo hediondo. O ágil *Chico Ema*, a quem se confiara coluna volante de espias, surge junto a um cabecilha de primeira linha, Norberto, predestinado à chefia suprema nos últimos dias de Canudos.

Quinquim de Coiqui, um crente abnegado que alcançaria a primeira vitória sobre a tropa legal; *Antonio Fogueteiro*, do Pau Ferro, incansável aliciador de prosélitos; *José Gamo*; *Fabrício de Cocobocó*...

A massa restante dos fiéis volve-lhes, intermitentes, nos intervalos dos *kyries* inçados de silabadas incríveis, olhares carinhosos, refertos de esperanças.

O velho Macambira, pouco afeiçoado à luta, de *coração mole*, segundo o dizer expressivo dos matutos, mas espírito infernal no gizar tocaias incríveis; espécie de *Imanus* decrépito, mas perigoso ainda, tomba de bruços no chão, tendo ao lado o filho, Joaquim, criança arrojada e impávida, que figuraria em belo lance de heroísmo, mais tarde.

Alheio à credulidade geral, um explorador solerte, Vila-Nova, finge que ora, remascando cifras. E na frente de todos, o comandante da praça, o *chefe do povo*, o astuto João Abade, abrange no olhar dominador a turba genuflexa.

No meio destes perfis trágicos uma figura ridícula, Antonio *Beato*, mulato espigado, magríssimo, adelgaçado pelos jejuns, muito da privança do Conselheiro; meio sacristão, meio soldado, misseiro de bacamarte, espiando, observando, indagando, insinuando-se jeitosamente pelas casas, esquadrinhando todos os recantos do arraial, e transmitindo a todo instante ao chefe supremo, que raro abandonava o Santuário, as novidades existentes. Completa-o, como um prolongamento, José Félix, o *Taramela*, quinhoneiro da mesma predileção, guarda das igrejas, chaveiro e mordomo do Conselheiro, tendo sob as ordens as beatas de vestidos azuis cingidas de cordas de linho, encarregadas da roupa, da refeição exígua daquele e de acenderem diariamente as fogueiras para as rezas.

E um tipo adorável, Manuel Quadrado, olhando para tudo aquilo com indiferença nobilitadora. Era o curandeiro; o médico. Na multidão suspeita a natureza tinha, afinal, um devoto, alheio à desordem, vivendo num investigar perene pelas drogarias primitivas das matas.

As rezas, em geral, prolongavam-se. Percorridas todas as escalas das ladainhas, todas as contas dos rosários, rimados todos os benditos, restava ainda a cerimônia final do culto, remate obrigado daquelas.

Era o *beija* das imagens.

Instituíra-o Conselheiro completando no ritual fetichista a transmutação do cristianismo incompreendido.

Antonio Beatinho, o altareiro, tomava de um crucifixo; contemplava-o com o olhar diluído de um faquir em êxtase; aconchegava-o do peito, prostrando-se profundamente; imprimia-lhe ósculo prolongado; e entregava-o, com gesto amolentado, ao fiel mais próximo, que lhe copiava, sem variantes, a mímica reverente. Depois erguia uma virgem santa, reeditando os mesmos atos; depois o Bom Jesus. E lá vinham, sucessivamente, todos os santos, e registros, e verônicas, e cruzes, vagarosamente, entregues à multidão sequiosa, passando, um a um, por todas as mãos, por todas as bocas e por todos os peitos. Ouviam-se os beijos chirriantes, inúmeros e, num crescendo, extinguindo-lhes a assonância surda, o vozear indistinto das prédicas balbuciadas a meia-voz, dos mea-culpas ansiosamente socados nos peitos arfantes e das primeiras exclamações abafadas, reprimidas ainda, para que se não perturbasse a solenidade.

O misticismo de cada um, porém, ia-se a pouco e pouco confundindo na nevrose coletiva. De espaço a espaço a agitação crescia, como se o tumulto invadisse a assembleia adstrito às fórmulas de programa preestabelecido, à medida que passavam as sagradas relíquias. Por fim as últimas saíam, entregues pelo Beato, quando as primeiras alcançavam as derradeiras filas dos crentes. E cumulava-se a ebriez e o estonteamento daquelas almas simples. Desbordavam as emoções isoladas, confundindo-se repentinamente, avolumando-se, presas ao contágio irreprimível da mesma febre; e, como se as forças sobrenaturais, que o animismo ingênuo emprestava às imagens, penetrassem afinal as consciências, desequilibrando-as em violentos abalos, salteava a multidão um desvairamento irreprimível. Estrugiam exclamações entre piedosas e coléricas; desatavam-se movimentos impulsivos, de iluminados; estalavam gritos lancinantes, de desmaios. Apertando ao peito as imagens babujadas de saliva, mulheres alucinadas tombavam escabujando nas contorções violentas da histeria, crianças assustadiças desandavam em choros; e, invadido pela mesma aura de loucura, o grupo varonil dos lutadores, dentre o estrépito, e os tinidos, e o estardalhaço das armas entrebatidas, vibrava no mesmo *ictus* assombroso, em que explodia, desapoderadamente, o misticismo bárbaro...

Mas de repente o tumulto cessava.

Todos se quedavam ofegantes, olhares presos no extremo da latada junto à porta do Santuário, aberta e enquadrando a figura singular de Antonio Conselheiro.

Este abeirava-se de uma mesa pequena. E pregava...

Pregava contra a República; é certo.

O antagonismo era inevitável. Era um derivativo à exacerbação mística; uma variante forçada ao delírio religioso.

Mas não traduzia o mais pálido intuito político: o jagunço é tão inapto para apreender a forma republicana como a monárquico-constitucional.

Ambas lhe são abstrações inacessíveis. É espontaneamente adversário de ambas. Está na fase evolutiva em que só é conceptível o império de um chefe sacerdotal ou guerreiro.

Insistamos sobre esta verdade: a guerra de Canudos foi um refluxo em nossa história. Tivemos, inopinadamente, ressurrecta e em armas em nossa frente, uma sociedade velha, uma sociedade morta, galvanizada por um doudo. Não a conhecemos. Não podíamos conhecê-la. Os aventureiros do século XVII, porém, nela topariam relações antigas, da mesma sorte que os iluminados da Idade Média se sentiriam à vontade, neste século, entre os *demonopatas* de Verzegnis ou entre os *stundistas* da Rússia. Porque essas psicoses epidêmicas despontam em todos os tempos e em todos os lugares como anacronismos palmares, contrastes inevitáveis na evolução desigual dos povos, patentes sobretudo quando um largo movimento civilizador lhes impele vigorosamente as camadas superiores.

Os *perfectionistas* exagerados rompem, então, ilógicos, dentre o industrialismo triunfante da América do Norte, e a sombria *Stürmisch*, inexplicavelmente inspirada pelo gênio de Klopstock, comparte o berço da renascença alemã...

Entre nós o fenômeno foi porventura ainda mais explicável.

Vivendo quatrocentos anos no litoral vastíssimo, em que palejam reflexos da vida civilizada, tivemos de improviso, como herança inesperada, a República. Ascendemos, de chofre, arrebatados na caudal dos ideais modernos, deixando na penumbra secular em que jazem, no âmago do país, um terço da nossa gente. Iludidos por uma civilização de empréstimo; respigando, em faina cega de copistas, tudo o que de melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações, tornamos, revolucionariamente, fugindo ao transigir mais ligeiro com as exigências da nossa própria nacionalidade, mais fundo o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. Porque não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos...

E quando pela nossa imprevidência inegável deixamos que entre eles se formasse um núcleo de maníacos, não vimos o traço superior do acontecimento. Abreviamos o espírito ao conceito estreito de uma preocupação partidária. Tivemos um espanto comprometedor ante aquelas aberrações monstruosas; e, com arrojo digno de melhores causas, batemo-los a cargas de baionetas, reeditando por nossa vez o passado, numa *entrada* inglória, reabrindo nas paragens infelizes as trilhas apagadas das bandeiras...

Vimos no agitador sertanejo, do qual a revolta era um aspecto da própria rebeldia contra a ordem natural, adversário sério, estrênuo paladino do extinto regime, capaz de derruir as instituições nascentes.

E Canudos era a Vendéia...

Entretanto quando nos últimos dias do arraial foi permitido ingresso nos casebres estraçoados, salteou o ânimo dos triunfadores decepção dolorosa. A vitória duramente alcançada dera-lhes direito à devassa dos lares em ruínas. Nada se eximiu à curiosidade insaciável.

Ora, no mais pobre dos saques que regista a História, onde foram despojos opimos imagens mutiladas e rosários de coco, o que mais acirrava a cobiça dos vitoriosos eram as cartas, quaisquer escritos e, principalmente, os desgraciosos versos encontrados. Pobres papéis, em que a ortografia bárbara corria parelhas com os mais ingênuos absurdos e a escrita irregular e feia parecia fotografar o pensamento torturado, eles resumiam a psicologia da luta. Valiam tudo porque nada valiam. Registravam as prédicas de Antonio Conselheiro; e, lendo-as, põe-se de manifesto quanto eram elas afinal inócuas, refletindo o turvamento intelectual de um infeliz. Porque o que nelas vibra em todas as linhas, é a mesma religiosidade difusa e incongruente, bem pouca significação política permitindo emprestar-se às tendências messiânicas expostas. O rebelado arremetia com a ordem constituída porque se lhe afigurava iminente o reino de delícias prometido. Prenunciava-o a República – pecado mortal de um povo – heresia suprema indicadora do triunfo efêmero do Anticristo. Os rudes poetas rimando-lhe os desvarios em quadras incolores, sem a espontaneidade forte dos improvisos sertanejos, deixaram bem vivos documentos nos versos disparatados, que deletreamos pensando, como Renan, que há, rude e eloquente, a segunda Bíblia do gênero humano, nesse gaguejar do povo.

Copiemos ao acaso alguns:

Sahiu D. Pedro segundo
Para o reyno de Lisboa
Acabosse a monarquia
O Brazil ficou atôa!

A República era a impiedade:

Garantidos pela lei
Aquelles malvados estão
Nós temos a lei de Deus
Elles tem a lei do *cão*!

———

Bem desgraçados são elles
Pra fazerem a eleição
Abatendo a lei de Deus
Suspendendo a lei do *cão*!

Casamento vão fazendo

Só para o povo illudir
Vão casar o povo todo
No casamento civil!

O governo demoníaco, porém, desaparecerá em breve:

D. Sebastião já chegou
E traz muito regimento
Acabando com o civil
E fazendo o casamento!

O Anti-Christo nasceu
Para o Brazil governar
Mas ahi está o *Conselheiro*
Para delles nos livrar!

___

Visita nos vem fazer
Nosso rei D. Sebastião.
Coitado daquele pobre
Que estiver na lei do *cão*![52]

A lei do cão...

Este era o apotegma mais elevado da seita. Resumia-lhe o programa. Dispensa todos os comentários.

Eram, realmente, fragílimos aqueles pobres rebelados...

Requeriam outra reação. Obrigavam-nos a outra luta.

Entretanto enviamo-lhes o legislador Comblain; e esse argumento único, incisivo, supremo e moralizador – a bala.

___

Mas antes tentou-se empresa mais nobre e mais prática.

___

Em 1895, em certa manhã de maio, no alto de um contraforte da Favela, apareceu, ladeada de duas outras, figura estranha àqueles lugares. Era um missionário capuchinho.

Considerou por instantes o arraial imenso, embaixo. Desceu devagar a encosta.

Daniel vai penetrar na furna dos leões...

Acompanhemo-lo.

Seguido de Frei Caetano de São Leo e do vigário do Cumbe, Frei João Evangelista de Monte Marciano passa o rio e abeira-se dos primeiros casebres. Alcança a praça desbordante de povo "perto de mil homens armados de bacamartes, garrucha, facão, etc."; e tem a impressão de haver caído, de súbito, no meio de um acampamento de beduínos. Não se lhe entibia, porém, o ânimo blindado pela fortaleza tranquila dos apóstolos. Passa, impassível, por diante da Capela, em cuja porta se adensam mais compactos agrupamentos. Envereda logo por um beco tortuoso. Atravessa-o, seguido dos companheiros de apostolado. Enquanto às portas os moradores surpreendidos saem a vê-los, "ar irrequieto e o olhar ao mesmo tempo indagador e sinistro, denunciando consciências perturbadas e intenções hostis".

Chega por fim à casa do velho vigário do Cumbe, (que não se abria há mais de ano, porque a tanto remontava a sua ausência, ressentido por desacato que sofrera) e mal se refaz da jornada extenuadora. Comoviam-no o espetáculo dos infelizes que acabava de encontrar armados até aos dentes, e o quadro emocionante daquela Tebaida turbulenta.

Antolham-se-lhe novas impressões desagradáveis.

A breve trecho passam-lhe à porta oito defuntos levados sem sinal algum religioso para o cemitério, ao fundo da igreja velha: oito redes de caroá sob que arcavam carregadores ofegantes passando, rápidos, ansiosos por alijá-las, como se na cidade sinistra o morto fosse um desertor do martírio, indigno da atenção mais breve.

Entrementes, correra a nova da chegada, sem que o Conselheiro se abalasse ao encontro dos emissários da Igreja. Permanecera indiferente, assistindo aos trabalhos de reconstrução da Capela. Procuraram-no, então, os padres.

Deixam a casa. Tomam de novo pela viela sinuosa. Entram na praça. Atravessam-na, sem que o menor brado hostil os perturbe, e ao chegarem à sede dos trabalhos "os magotes de homens cerram fileiras junto à porta da Capela" abrindo-lhes extensa ala.

Do ajuntamento temeroso parte animadora saudação de paz: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!", à qual era de praxe a resposta:

"Para sempre seja louvado tão bom Senhor!"

Entram no pequeno templo e acham-se diante de Antonio Conselheiro, que os acolhe com boa sombra; e, com a placabilidade habitual, dirige-lhes a mesma saudação pacífica.

"Vestia túnica de azulão, tinha a cabeça descoberta e empunhava um bordão. Os cabelos crescidos sem nenhum trato, a caírem sobre os ombros; as longas barbas grisalhas mais para brancas; os olhos fundos raramente levantados para fitar alguém; o rosto comprido de uma palidez quase cadavérica; o porte grave e ar penitente" impressionaram grandemente os recém-vindos.[53]

Reanima-os, contudo, recepção quase cordial. De encontro ao que previam, o Conselheiro parece aprazer-se da visita. Quebra a habitual reserva e o obstinado mutismo. Informa-os do andamento dos trabalhos; convida-os a

visitá-los; e presta-se de boa feição a servir-lhes de guia pelos repartimentos do edifício. E lá seguem todos, vagarosos, guiados pelo velho solitário que orçava nesse tempo dos sessenta anos, e cujo corpo franzino, arcado sobre o bordão, avançava em andar remorado, sacudido de instante a instante, por súbitos acessos de tosse...

Não se podiam exigir melhores preliminares à missão.

Aquele agasalho era meia vitória. Mas coube ao missionário anulá-la, desajeitadamente. Ao atingirem o coro, como se achassem um tanto afastados do grosso dos fiéis, que os seguiam a distância, pareceu-lhe que a oportunidade era de molde para interpelação decisiva.

Era uma precipitação sobre inútil, contraproducente. O insucesso sobreveio, inevitável.

> ... aproveitei a ocasião de estarmos quase a sós e disse-lhe que o fim a que eu ia era todo de paz e que assim muito estranhava só enxergar ali homens armados e não podia deixar de condenar que se reunissem em lugar tão pobre tantas famílias entregues à ociosidade, num abandono e misérias tais que diariamente se davam de 8 a 9 óbitos. Por isto, de ordem, e em nome do sr. arcebispo ia abrir uma santa missão e aconselhar o povo a dispersar-se e a voltar aos lares e ao trabalho no interesse de cada um e para o bem geral.

Esta intransigência, este mal sopitado assomo partindo a finura diplomática nas arestas rígidas do dogma, não teria, certo, o beneplácito de São Gregório – o Grande – a quem não escandalizaram os ritos bárbaros dos saxônios; e foi um desafio imprudente.

"Enquanto isto dizia a capela e o coro enchiam-se de gente e ainda não acabara eu de falar e já eles a uma voz clamavam:

"Nós queremos acompanhar o nosso Conselheiro!"

Era a desordem iminente. Sobresteve-a, porém, a placidez admirável, a mansuetude – por que não dizer cristã? – de Antonio Conselheiro. Que o próprio missionário fale:

"Este os fez calar e voltando-se para mim disse:

– É para minha guarda que tenho comigo estes homens armados porque V. Revma. há de saber que a polícia atacou-me e quis matar-me no lugar chamado Massеté, onde houve mortes de um e outro lado. No tempo da monarquia deixei-me prender porque reconhecia o governo, hoje não porque não reconheço a República."

Esta explicação, de forma respeitosa e clara, não satisfez o capuchinho, que tinha a coragem de um crente mas não o tato finíssimo de um apóstolo. Contraveio, parafraseando a *Prima Petri*:

"– Senhor, se é católico, deve considerar que a Igreja condena as revoltas e, aceitando todas as formas de governo, ensina que os poderes constituídos

regem os povos em nome de Deus."

Era quase, sem variantes, a própria frase de São Paulo, em pleno reinado de Nero…

E continuou:

"É assim em toda parte: a França que é uma das principais nações da Europa, foi monarquia por muitos séculos mas há mais de 20 anos é República; e todo o povo, sem exceção dos monarquistas de lá obedece às autoridades e às leis do governo."

Frei Monte Marciano, nesse remoer nulíssimas considerações políticas, insciente da significação real da desordem sertaneja, diz por si mesmo as causas do insucesso. Desdobrou, afinal, inteira, a estatura anômala de propagandista, faltando apenas ter sob as dobras do hábito a escopeta do cura de Santa Cruz:

"Nós mesmos aqui no Brasil, a principiar do Bispo até o último católico, reconhecemos o governo atual; somente vós não vos quereis sujeitar?

É mau pensar esse, é uma doutrina errada a vossa!"

A frase final vibrou como uma apóstrofe. De dentro da multidão partiu, pronta, a réplica arrogante:

"– V. Revma. é que tem uma falsa doutrina e não o nosso Conselheiro!"

Desta vez ainda o tumulto, prestes a explodir, retraiu-se a um gesto lento do Conselheiro que, voltando-se para o missionário, disse:

"– Eu não desarmo a minha gente, mas também não estorvo a santa missão."

Esta iniciava-se agora sob maus auspícios. Apesar disto correu em paz até ao quarto dia, e concorridíssima: cerca de cinco mil assistentes, entre os quais todos os homens válidos se destacavam:

"… carregando bacamartes, garruchas, espingardas, pistolas e facões; de cartucheira à cinta e gorro à cabeça, na atitude de quem vai à guerra."

Assistia-as também o Conselheiro, ao lado do altar, atento e impassível como um fiscal severo, "deixando escapar alguma vez gestos de desaprovação que os maiorais da grei confirmavam com incisivos protestos".

Estes, contudo, ao que parece, não tinham gravidade alguma. Apenas um ou outro exaltado, violando velho privilégio, se permitia sulcar de apartes a oratória sagrada.

Assim que praticando o pregador sobre o jejum, como meio de mortificar a matéria e refrear as paixões, pela sobriedade, sem entretanto exigir demoradas angústias, porque "podia-se jejuar muitas vezes comendo carne ao jantar e tomando pela manhã, uma chávena de café", tolheu-lhe o sermão, irreverente e irônica contradita:

"– Ora! isto não é jejum, é comer a fartar!"

No quarto dia da missão, porém, reincidindo o capuchinho no descabido tema político, pioraram as coisas. Começou intensa propaganda contra a "pregação do padre *maçom protestante e republicano*", "emissário do governo e que de inteligência com este ia abrir caminho à tropa que viria de surpresa

prender o Conselheiro e exterminar a todos eles".

Não se temeu aquele, da rebelião emergente. Afrontou-se com ela, acirrando-a temerariamente. Escolheu como assunto da prédica subsequente o homicídio e, sem se furtar aos perigos da arrojada tese, falando em corda na casa do enforcado, espraiou-se em alusões imprudentes que temos por escusado registrar.

A reação foi imediata. Chefiava-a João Abade, cujo apito, vibrando estridulamente na praça, congregou todos os fiéis. O caso passou em 20 de maio, sétimo da missão. Reunidos, arrancaram dali em algazarra estrepitante de vivas ao Bom Jesus e ao Divino Espírito Santo, na direção da casa em que se acolhiam os visitantes, fazendo-lhes sentir que deles não careciam para a salvação eterna.

Estava extinta a missão. Excetuando "55 casamentos de amancebados, 102 batizados e mais de 400 confissões" o resultado fora nulo, ou antes negativo.

O missionário, "como outrora os apóstolos às portas das cidades que os repeliam, sacudiu o pó das sandálias" apelando para o veredicto tremendo da Justiça Divina...

E abalou, furtando-se a seguro pelos becos, acompanhado dos dois sócios de reveses...

Galga a estrada coleante, entre os declives da Favela.

Atinge o alto da montanha. Para um momento...

Considera pela última vez o povoado, embaixo...

É invadido de súbita onda de tristeza. Equipara-se "ao Divino Mestre diante de Jerusalém".

Mas amaldiçoou...

CANUDOS
E
SUAS CERCANIAS
ESC. 1/16000
(De accordo com a planta levantada pela Commissão de engenharia junto a ultima expedição)
LEGENDA:
Acampamentos
Pontos Artilhados
Commissão de Engenharia
Quartel da 1ª Columna
Quartel-General
Quartel-Mestre General
Hospital de Sangue
Igreja nova, Latada e Santuario
Igreja velha
Cemiterio até 18 de Julho
Novo Cemiterio
Cerco de 25 de Setembro
Cerco de 1 a 5 de Outubro
Casas
CERCO DE 23 DE SETEMBRO
Rio Mucuim
Estrada do Cambaio
Rio Vaza Barris
Rio Sargento
Estrada do Calumby
Valle das Umburanas
Alto da Favella
Hospital de Sangue
Lith. da Comp. Typ. do Brazil, Rio

A
L U T A

PRELIMINARES

I Antecedentes.

II Causas próximas da luta. Uauá.

III Preparativos da reação. A guerra das caatingas.

IV Autonomia duvidosa.

I

Quando se tornou urgente pacificar o sertão de Canudos, o governo da Bahia estava a braços com outras insurreições. A cidade de Lençóis fora investida por atrevida malta de facínoras, e as suas incursões alastravam-se pelas Lavras Diamantinas; o povoado de Barra do Mendes caíra às mãos de outros turbulentos; e em Jequié se cometia toda a sorte de atentados.

O mal era antigo.

O trato de território que recortam as cadeias de Sincorá até as margens do São Francisco, era, havia muito, dilatado teatro de tropelias às gentes indisciplinadas do sertão.

Opulentada de esplêndidas minas, aquela paragem, malsina-a a própria opulência. Procuram-na há duzentos anos irrequietos aventureiros ferrotoados pelo anelo de espantosas riquezas, e eles, esquadrinhando afanosamente os flancos das suas serranias e as nascentes dos rios, fizeram mais do que amaninhar a terra com a ruinaria das catas e o indumento áspero das grupiaras: legaram à prole erradia e, de contágio, aos rudes vaqueiros que os seguiram, a mesma vida desenvolta e inútil livremente expandida na região fecunda, onde por muitos anos foram moeda corrente o ouro em pó e o diamante bruto.

De sorte que sem precisarem despertar pela cultura as energias de um solo em que não se fixam e atravessam na faina desnorteada de faiscadores, conservaram na ociosidade turbulenta a índole aventureira dos avós, antigos fazedores de desertos. E como, a pouco e pouco, se foram exaurindo os cascalhos e afundando os veeiros, o banditismo franco impôs-se-lhes como derivativo à vida desmandada.

O *jagunço*, saqueador de cidades, sucedeu ao *garimpeiro*, saqueador da terra. O mandão político substituiu o *capangueiro* decaído.

A transição é antes de tudo um belo caso de reação mesológica.

Caracterizemo-la, de relance.

Vimos como se formaram ali os mamalucos bravos e diligentes, interpostos tão a propósito, na quadra colonial, entre o torvelinho das bandeiras e o curso das missões, como elemento conservador formando o cerne da nossa nacionalidade nascente e criando uma situação de equilíbrio entre o desvario das pesquisas mineiras e as utopias românticas do apostolado. Ora, aqueles homens, depois de esboçarem talvez a única feição útil da nossa atividade naqueles tempos, tiveram desde o começo do século XVIII, quando se desvendaram as lavras do rio de Contas a Jacobina, perigosos agentes que se lhes não derrancaram o caráter varonil os nortearam a lamentáveis destinos. De feito, transmudaram-se em contacto com os sertanistas gananciosos. Estes

vinham, então, do oriente, espavorindo a ferro e fogo o selvagem e fundando povoados que, ao revés dos já existentes, não tinham o gérmen de uma fazenda de gado, mas as ruínas das malocas. Bateram rudemente a região, estacionando largo tempo ante a barreira de serras que vão de Caetité para o norte; e quando as minas esgotadas lhes demandaram aparelhos para a exploração intensiva, tiveram, logo adiante, entre as matas que vão de Macaúbas a Açuruá, novas paragens opulentas, atraindo-os para o âmago das terras.

Devassaram-nas até nova barreira, o rio São Francisco. Transpuseram-na. Na frente, indefinido, se lhe antolhou, cavado nos chapadões, aquele maravilhoso vale do rio das Éguas, tão aurífero que o ouvidor de Jacobina em carta dirigida à rainha Maria I (1794) afirmava "que as suas minas eram a coisa mais rica de que nunca se descobriu nos domínios de Sua Majestade".

Naquele ponto se abeiravam das lindes de Goiás.

Não deram mais um passo além. Ultimara-se uma empresa deplorável. Pelos campos de criação avermelhavam, nodoando-os, os montões de argila revolvida das catas entorroadas; e da envergadura atlética do vaqueiro surgira, destemeroso, o jagunço. A nossa história tão malsinada de indisciplinados heróis adquiria um de seus mais sombrios atores. Fez-se a metamorfose da situação anterior: de par com a sociedade robusta e tranquila dos campeiros, uma outra caracterizando-se pelo nomadismo desenvolto, pela combatividade irrequieta, e por uma ociosidade singular sulcada de tropelias.

Imaginemos que dentro do arcabouço titânico do vaqueiro estale, de súbito, a vibratibilidade incomparável do bandeirante. Teremos o jagunço.

É um produto histórico expressivo. Nascendo de cruzamento tardio entre colaterais, que o meio físico já diversificara, resume os atributos essenciais de uns e outros – na atividade bifronte que oscila, hoje, das vaquejadas trabalhosas às incursões dos quadrilheiros. E a terra, aquela incomparável terra que mesmo quando abrangida pelas secas, desnuda e empobrecida, ainda lhe sustenta os rebanhos nas baixadas salinas dos barreiros, ampara-o de idêntico modo ante as exigências da vida combatente: dá-lhe grátis em toda a parte o salitre para a composição da pólvora, enquanto as balas, luxuosos projetis feitos de chumbo e prata, lá estão, incontáveis, na galena argentífera do Açuruá...[54]

É natural que desde o começo do século passado a história dramática dos povoados do São Francisco começasse a refletir uma situação anômala.[55] E embora em todas as narrativas emocionantes, que a formam, se destaquem rivalidades partidárias e desmandos impunes de uma política intolerável de potentados locais, todas as desordens, surgindo sempre precisamente nos lugares em que se ostentou, outrora, mais ativa a ânsia mineradora, denunciam a gênese remota que esboçamos.

Exemplifiquemos. Todo o vale do rio das Éguas e, para o norte, o do rio Preto, formam a pátria original dos homens mais bravos e mais inúteis da nossa terra.[56] Dali abalam para as algaras aventurosas alugando a bravura aos potentados, e têm sempre, culminando-lhas, o incêndio e o saque de vilas e

cidades, em todo o vale do grande rio. Avançando contra a corrente já chegaram, em 1879, à cidade mineira de Januária que conquistaram, tornando a Carinhanha, de onde haviam partido, carregados de despojos. Desta vila para o norte a história das depredações avulta cada vez maior, até Xiquexique, lendária nas campanhas eleitorais do Império.

Não há traçá-la em meia dúzia de páginas. O mais obscuro daqueles arraiais tem a sua tradição especial e sinistra.

Um único, talvez, se destaca sob outro aspecto, o de Bom Jesus da Lapa. É a Meca dos sertanejos. A sua conformação original, ostentando-se na serra de grimpas altaneiras, que ressoam como sinos; abrindo-se na gruta de âmbito caprichoso semelhando a nave de uma igreja, escassamente aclarada; tendo pendidos dos tetos grandes candelabros de estalactites; prolongando-se em corredores cheios de velhos ossuários diluvianos; e a lenda emocionante do monge que ali viveu em companhia de uma onça – tornaram-no objetivo predileto de romarias piedosas, convergentes dos mais longínquos lugares, de Sergipe, Piauí e Goiás.

Ora, entre as dádivas que jazem em considerável cópia no chão e às paredes do estranho templo, o visitante observa de par com as imagens e as relíquias, um traço sombrio de religiosidade singular: facas e espingardas.

O clavinoteiro ali entra, contrito, descoberto. Traz à mão o chapéu de couro, e a arma à bandoleira. Tomba genuflexo, a fronte abatida sobre o chão úmido do calcário transudante... E reza. Sonda longo tempo, batendo no peito, as velhas culpas. Ao cabo cumpre devotamente a *promessa* que fizera para que lhe fosse favorável o último conflito que travara: entrega ao Bom Jesus o trabuco famoso, tendo na coronha alguns talhos de canivete lembrando o número de mortes cometidas. Sai desapertado de remorsos, feliz pelo tributo que rendeu. Amatula-se de novo à quadrilha. Reata a vida temerosa.

Pilão Arcado, outrora florescente e hoje deserta, na derradeira fase de uma decadência que começou em 1856; Xiquexique, onde durante decênios se digladiaram liberais e conservadores; Macaúbas, Monte Alegre e outras, e todas as fazendas de seus termos, delatam, nas vivendas derruídas ou esburacadas a bala, esse velho regime de desmandos.

São lugares em que se normalizou a desordem esteada no banditismo disciplinado.

O conceito é paradoxal, mas exato.

Porque há, de fato, uma ordem notável entre os jagunços. Vaidosos de seu papel de bravos condutícios e batendo-se lealmente pelo mandão que os chefia, restringem as desordens às minúsculas batalhas em que entram, militarmente, arregimentados.

O saque das povoações que conquistam, têm-no como direito de guerra, e neste ponto os absolve a História inteira.

Fora disto, são raros os casos de roubos que, consideram desaire e indigno labéu. O mais frágil *positivo* pode atravessar, inerme e indene, procurando o

litoral, aquelas matas e campos, com os picuás atestados de diamantes e pepitas. Não lhe faltará um só no termo da viagem. O forasteiro, alheio às lutas partidárias, atravessa-os igualmente imune.

Não raro um mascate, seguindo por ali, com seus cargueiros rengueando ao peso das caixas preciosas, estaca – tremendo – ao ver aparecer inesperadamente um grupo de jagunços, acampados na volta do caminho...

Mas perde em momentos o medo. O clavinoteiro-chefe aproxima-se. Saúda-o com boa sombra; dirige-lhe a palavra, risonho; e mete-lhe à bulha o terror, galhofeiro. Depois lhe exige um tributo – um cigarro. Acende-o numa pancada única do isqueiro; e deixa-o passar, levando, intactas, a vida e a fortuna.

São numerosos os casos deste teor revelando notável nobreza entre aqueles valentes desgarrados.

Cerca de dez ou oito léguas de Xiquexique demora a sua capital, o arraial de Santo Inácio, erecto entre montanhas e inacessível até hoje a todas as diligências policiais.

Estas, de ordinário, conseguem pacificar os lugares conflagrados, tornando-se interventoras neutras ante as facções combatentes. É uma ação diplomática entre potências. A justiça armada parlamenta com os criminosos; balanceia as condições de um e outro partido; discute; evita os ultimatos; e acaba ratificando verdadeiros tratados de paz, sancionando a soberania da capangagem impune.

Assim os estigmas hereditários da população mestiça se têm fortalecido na própria transigência das leis.

Não surpreende que hajam crescido, avassalando todo o vale do São Francisco, e desbordando para o norte.

Porque o *cangaceiro*57 da Paraíba e Pernambuco, é um produto idêntico, com diverso nome. Distingue-o do jagunço talvez a nulíssima variante da arma predileta: a parnaíba de lâmina rígida e longa, suplanta a fama tradicional do clavinote de boca de sino. As duas sociedades irmãs tiveram, entretanto, longo afastamento que as isolou uma da outra. Os cangaceiros nas incursões para o sul, e os jagunços nas incursões para o norte, defrontavam-se, sem se unirem, separados pelo valado em declive de Paulo Afonso.

A insurreição da comarca de Monte Santo ia ligá-las.

A campanha de Canudos despontou da convergência espontânea de todas estas forças desvairadas, perdidas nos sertões.

II

Determinou-a incidente desvalioso.

Antonio Conselheiro adquirira em Juazeiro certa quantidade de madeiras, que não podiam fornecer-lhe as caatingas paupérrimas de Canudos. Contratara o negócio com um dos representantes da autoridade daquela cidade. Mas ao terminar o prazo ajustado para o recebimento do material, que se aplicaria no remate da igreja nova, não lho entregaram. Tudo denuncia que o distrato foi adrede feito, visando rompimento anelado.

O principal representante da justiça do Juazeiro, tinha velha dívida a saldar com o agitador sertanejo, desde a época em que sendo juiz do Bom Conselho fora coagido a abandonar precipitadamente a comarca, assaltada pelos adeptos daquele.

Aproveitou, por isto, a situação, que surgia a talho para a desafronta. Sabia que o adversário revidaria à provocação mais ligeira. De fato, ante a violação do trato aquele retrucou com a ameaça de uma investida sobre a bela povoação do São Francisco: as madeiras seriam de lá arrebatadas, à força.

O caso passou em dias de outubro de 1896.

Historiemos, adstritos a documentos oficiais:

> Era esta a situação[58] quando recebi do dr. Arlindo Leoni, juiz de Direito de Juazeiro, um telegrama urgente comunicando-me correrem boatos mais ou menos fundados de que aquela florescente cidade seria por aqueles dias assaltada por gente de Antonio Conselheiro, pelo que solicitava providências para garantir a população e evitar o êxodo que da parte desta já se ia iniciando. Respondi-lhe que o governo não podia mover força por simples boatos e recomendei, entretanto, que mandasse vigiar as estradas em distância e verificado o movimento dos bandidos, avisasse por telegrama, pois o governo ficava prevenido para enviar incontinente, em trem expresso a força necessária para rechaçá-los e garantir a cidade.
>
> Desfalcada a força policial aquartelada nesta Capital, em virtude das diligências a que anteriormente me referi, requisitei do sr. general comandante do distrito 100 praças de linha, a fim de seguirem para Juazeiro, apenas me chegasse aviso do juiz de Direito daquela comarca. Poucos dias depois recebi daquele magistrado um telegrama em que me afirmava estarem os sequazes de Antonio Conselheiro distantes do Juazeiro pouco mais ou menos dois dias de viagem. Dei conhecimento do fato ao sr. general que, satisfazendo a minha requisição, fez seguir em trem expresso e sob o comando do tenente Pires Ferreira, a força preparada, a qual devia ali proceder de acordo com o juiz de Direito.

> Esse distinto oficial chegando ao Juazeiro, combinou com aquela autoridade seguir ao encontro dos bandidos, a fim de evitar que eles invadissem a cidade.

Não se podem imaginar móveis mais insignificantes para sucessos tão graves. O trecho acima extratado, entretanto, diz de modo claro que, desdenhando os antecedentes da questão, o governo da Bahia não lhe deu a importância merecida.

Antonio Conselheiro há vinte e dois anos, desde 1874, era famoso em todo o interior do Norte e mesmo nas cidades do litoral até onde chegavam, entretecidos de exageros e quase lendários, os episódios mais interessantes de sua vida romanesca; dia a dia ampliara o domínio sobre as gentes sertanejas; vinha de uma peregrinação incomparável, de um quarto de século, por todos os recantos do sertão, onde deixara como enormes marcos, demarcando-lhe a passagem, as torres de dezenas de igrejas que construíra; fundara o arraial de Bom Jesus, quase uma cidade; de Xorroxó à Vila do Conde, de Itapicuru a Jeremoabo, não havia uma só vila, ou lugarejo obscuro, em que não contasse adeptos fervorosos, e não lhe devesse a reconstrução de um cemitério, a posse de um templo ou a dádiva providencial de um açude; insurgira-se desde muito, atrevidamente, contra a nova ordem política e pisara, impune, sobre as cinzas dos editais das câmaras de cidades que invadira; destroçara completamente, em 1893, forte diligência policial, em Masseté, e fizera voltar outra, de 80 praças de linha, que seguira até Serrinha; em 1894, fora, no Congresso Estadual da Bahia, assunto de calorosa discussão na qual, impugnando a proposta de um deputado, chamando a atenção dos poderes públicos para a "parte dos sertões perturbada pelo indivíduo Antonio Conselheiro" outros eleitos do povo, e entre eles um sacerdote, apresentaram-no como benemérito do qual os conselhos se modelavam pela ortodoxia cristã mais rígida; fizera voltar, abortícia, em 1895, a missão apostólica planeada pelo arcebispado baiano, e no Relatório alarmante a propósito escrito por Frei João Evangelista, afirmara o missionário a existência, em Canudos – excluídas as mulheres, as crianças, os velhos e os enfermos – de mil homens, mil homens robustos e destemerosos "armados até aos dentes"; por fim, sabia-se que ele imperava sobre extensa zona dificultando o acesso à cidadela em que se entocara, porque a dedicação dos seus sequazes era incondicional, e fora do círculo dos fiéis que o rodeavam havia, em toda a parte, a cumplicidade obrigatória dos que o temiam... E achou-se suficiente para debelar uma situação de tal porte uma força de cem soldados.

Relata o general Frederico Solon, comandante do 3º distrito militar:

> A 4 de novembro do ano findo (1896) em obediência à ordem já referida, prontamente satisfiz a requisição, pessoalmente feita pelo dr. governador do Estado, de uma força de cem praças da guarnição para ir bater os fanáticos do arraial de Canudos, asseverando-me que, para tal fim, era

> aquele número mais que suficiente.
>
> Confiado no inteiro conhecimento, que ele devia ter, de tudo quanto se passava no interior de seu estado, não hesitei; fazendo-lhe apresentar, sem demora, o bravo tenente Manuel da Silva Pires Ferreira, do 9º batalhão de infantaria, a fim de receber as suas ordens e instruções o qual, para cumpri-las, seguiu, a 7 do dito mês para Juazeiro, ponto terminal da estrada de ferro, na margem direita do rio São Francisco, comandando 3 oficiais e 104 praças de pré daquele Corpo, conduzindo apenas uma pequena ambulância, fazendo eu seguir logo depois um médico com mais alguns recursos para o exercício de sua profissão. O mais correu pelo estado.

Aquele punhado de soldados foi recebido com surpresa em Juazeiro, onde chegou a 7 de novembro, pela manhã.

Não obstou a fuga de grande parte da população, subtraindo-se ao assalto iminente. Aumentou-a. Conhecendo a situação, os habitantes viram, de pronto, que um contingente tão diminuto tinha o valor negativo de exercer maior atração sobre a horda invasora.

Previram a derrota inevitável. E enquanto os partidários encobertos do Conselheiro, que os havia em toda a roda, se rejubilavam, prefigurando-a, alguns homens sinceros pediram ao comandante expedicionário para não seguir avante.

As dificuldades encontradas na aquisição de elementos essenciais à marcha ali retiveram a força até ao dia 12 em que partiu, ao anoitecer, quando, certo, já chegara a Canudos a nova da investida.[59] Partiu sem os recursos indispensáveis a uma travessia de 200 quilômetros, em terreno agro e despovoado, orientada por dois guias contratados em Juazeiro.

De sorte que logo em princípio o comandante reconheceu inexequível dar à marcha uma norma capaz de poupar as forças das praças. No sertão, mesmo antes do pleno estio, é impossível o caminhar de homens equipados, ajoujados de mochilas e cantis, depois das dez horas da manhã. Pelos tabuleiros o dia desdobra-se abrasador, sem sombras; a terra nua reverbera os ardores da canícula, multiplicando-os; e sob o influxo exaustivo de uma temperatura altíssima aceleram-se de modo pasmoso as funções vitais, determinando assaltos súbitos de cansaço. Por outro lado raro é possível o itinerário disposto de maneira a aproveitarem-se as horas da madrugada ou da noite. É forçoso avançar a despeito das soalheiras fortes até às cacimbas dos pousos dos vaqueiros.

Além disto, aqueles lugares estão, como vimos, entre os mais desconhecidos da nossa terra. Poucos se têm afrontado com o aspérrimo vale do Vaza-Barris que, das vertentes orientais da Itiúba até Jeremoabo, se prolonga inóspito, desfrequentado, tendo, de léguas em léguas, esparsas, insignificantes vivendas.

É o trecho da Bahia mais assolado pelas secas.

Por um contraste explicável ante as disposições orográficas, rodeiam-no, contudo, paragens exuberantes: ao norte o belo sertão de Curaçá e as várzeas feracíssimas estendidas para leste até Santo Antonio da Glória, perlongando a margem direita do São Francisco; a oeste as terras fecundas centralizadas em Vila Nova da Rainha. Emolduram, porém, o deserto. O Vaza-Barris, quase sempre seco, atravessa-o, feito um uede tortuoso e longo.

Piores que os gerais, onde *ficam vários*,60 às vezes, os mais atilados *pombeiros*,61 sem rumo, desnorteados pela uniformidade dos plainos indefinidos, as paisagens sucedem-se, uniformes e mais melancólicas mostrando os mais selvagens modelos, engravescidos por uma flora aterradora.

A própria caatinga assume um aspecto novo. E uma melhor caracterização da flora sertaneja, segundo os vários cambiantes que apresenta acarretando denominações diversas, talvez a definisse mais acertadamente como a paragem clássica das *caatanduvas*,62 progredindo, extensa, para o levante e para o sul até às cercanias de Monte Santo.

A pequena expedição penetrou-a logo ao segundo dia de viagem, quando, depois de repousar bivacando duas léguas além de Juazeiro, teve que calcar, seguidamente, quarenta quilômetros de estrada deserta, até uma ipueira minúscula, a lagoa do Boi, onde havia uns restos de água. Dali por diante caminhou no deserto com escalas por Caraibinhas, Mari, Mocambo, Rancharia e outros pousos solitários, ou fazendas. Alguns estavam abandonados. O estio prenunciava a seca.

Os raros moradores ou por evitá-la, ou aterrados pelas novas alarmantes, haviam abalado para o norte tangendo por diante os rebanhos de cabras, únicos animais afeitos àquele clima e àquele solo.

A tropa chegou exausta a Uauá no dia 19, depois de uma travessia penosíssima.

Este arraial – duas ruas desembocando numa praça irregular – é o ponto mais animado daquele trecho do sertão. Como a maior parte dos vilarejos pomposamente gravados nos nossos mapas, é uma espécie de transição entre maloca e aldeia – agrupamento desgracioso de cerca de cem casas malfeitas e tijupares pobres, de aspecto deprimido e tristonho.

Alcançam-no quatro estradas que, a partir de Jeremoabo passando em Canudos, de Monte Santo, de Juazeiro e Patamoté conduzem para a sua feira, aos sábados, grande número de tabaréus, sem recursos para viagens longas a lugares mais prósperos. Ali chegam por ocasião das festas como se procurassem opulenta capital das *terras grandes*:63 entrajados das melhores vestes, ou encourados de novo; pasmos ante os mostradores de duas ou três casas de negócio, e contemplando no barracão da feira, no largo, os produtos de uma indústria pobre em que aparecem, como valiosos espécimens, *courinhos* curtidos e redes de caroá. Nos demais dias, aberta uma ou outra venda, deserta a praça, Uauá figura-se um local abandonado. E foi num destes

que a população recolhida, aguardando a passagem das horas mais ardentes, despertou surpreendida por uma vibração de cornetas.

Era a tropa.

Entrou pela rua em continuação à estrada e fez alto no largo. Foi um sucesso. Entre curiosos e tímidos os habitantes atentavam para os soldados – poentos, mal firmes na formatura, tendo aos ombros as espingardas cujas baionetas fulguravam – como se vissem exército brilhante.

Ensarilhadas as armas, a força acantonou.

Fez-se em torno um círculo de vigilância: postaram-se sentinelas à saída dos quatro caminhos e nomeou-se o pessoal das rondas.

Feito praça de guerra, o vilarejo obscuro, era, entretanto, uma escala transitória. A expedição, depois de breve descanso, devia abalar imediatamente para Canudos, ao alvorecer do dia subsequente, 20. Não o fez. Ali, como em toda a parte, variavam, díspares, as informações, impedindo ajuizar-se sobre as coisas.

De sorte que todo aquele dia foi despendido inutilmente, em indagações, sendo resolvido o acometimento para o imediato, depois de demora prejudicialíssima. E ao cair da noite operou-se um incidente só explicado na manhã seguinte: a população, quase na totalidade, fugira. Deixara as vivendas, sem ser percebida, em pequenos grupos deslizando, furtivos, entre os claros das guardas avançadas. No repentino êxodo lá se foram os próprios doentes, famílias inteiras, ao acaso, pela noite dentro, dispartindo espavoridos, descampados em fora.

Ora, este fato era um aviso. Uauá, como os demais lugares convizinhos, estava sob o domínio de Canudos. Habitavam-no dedicados adeptos de Antonio Conselheiro; de sorte que mal a força fizera alto no largo, haviam-se aqueles precipitado para o arraial ameaçado, onde chegaram no amanhecer de 20, levando o alarma...

Aquela fuga de uma população em massa, delatava que os emissários haviam tido tempo de voltar prevenindo os moradores do contra-ataque, resolvido pelos homens de Canudos. Ficaria, assim, o campo livre aos lutadores.

Os expedicionários não ligaram, porém, grande importância ao caso. Aprestaram-se para continuar a marcha na manhã seguinte; e inscientes da gravidade das coisas repousaram tranquilamente, acantonados.

Despertou-os o adversário, que imaginavam ir surpreender.

Na madrugada de 21 desenhou-se no extremo da várzea o agrupamento dos jagunços...

Um coro longínquo esbatia-se na mudez da terra ainda adormida, reboando longamente nos ermos desolados. A multidão guerreira avançava para Uauá, derivando à toada vagarosa dos *kyries*, rezando. Parecia uma procissão de

penitência dessas a que há muito se afeiçoaram os matutos crendeiros para abrandarem os céus quando os estios longos geram os flagícios das secas.

O caso é original e verídico. Evitando as vantagens de uma arrancada noturna, os sertanejos chegavam com o dia e anunciavam-se de longe. Despertavam os adversários para a luta.

Mas não tinham, ao primeiro lance de vistas, aparências guerreiras. Guiavam-nos símbolos de paz: a bandeira do Divino e, ladeando-a, nos braços fortes de um crente possante, grande cruz de madeira, alta como um cruzeiro. Os combatentes armados de velhas espingardas, de chuços de vaqueiros, de foices e varapaus, perdiam-se no grosso dos fiéis que alteavam, inermes, vultos e imagens dos santos prediletos, e palmas ressequidas retiradas dos altares. Alguns, como nas romarias piedosas, tinham à cabeça as pedras dos caminhos, e desfiavam rosários de coco. Equiparavam aos flagelos naturais, que ali descem periódicos, a vinda dos soldados. Seguiam para a batalha rezando, cantando – como se procurassem decisiva prova às suas almas religiosas.

Eram muitos. Três mil disseram depois informantes exagerados, triplicando talvez o número. Mas avançavam sem ordem. Um pelotão escasso de infantaria que os aguardasse, distribuído pelas caatingas envolventes, dispersá-los-ia em alguns minutos.

O arraial na frente, porém, não revelava lutadores a postos. Dormia.

A multidão aproximou-se, tudo o indica, até beirar a linha de sentinelas avançadas. E despertou-as. Os vedetas estremunhando, surpresos, dispararam, à toa, as carabinas e refluíram precipitadamente para a praça que ficava à retaguarda, deixando em poder dos agressores um companheiro, espostejado a faca. Foi, então, o alarma: soldados correndo estonteadamente pelo largo e pelas ruas; saindo, seminus, pelas portas; saltando pelas janelas; vestindo-se e armando-se às carreiras e às encontroadas... Não formaram. Mal se distendeu às pressas, dirigida por um sargento, incorreta linha de atiradores. Porque os jagunços lá chegaram logo, de envolta com os fugitivos. E o recontro empenhou-se brutalmente, braço a braço, adversários enleados entre disparos de garruchas e revólveres, pancadas de cacetes e coronhas, embates de facões e sabres – adiante, sobre a frágil linha de defesa. Esta cedeu logo. E a turba fanatizada, entre vivas ao "Bom Jesus" e ao "Conselheiro", e silvos estridentes de apitos de taquara, desdobrada, ondulante, a bandeira do Divino, erguidos para os ares os santos e as armas, seguindo empós o curiboca audaz que levava meio inclinada em aríete a grande cruz de madeira – atravessou o largo arrebatadamente...

Este movimento foi instantâneo e foi, afinal, a única manobra percebida pelos que testemunhavam a ação. Dali por diante não a descrevem os próprios protagonistas. Foi uma desordem de feira turbulenta.

Na maioria, as praças, protegidas pelas casas, e abrindo-lhes as paredes em seteiras, volveram à defensiva franca.

Foi a salvação. Os matutos conjuntos à roda dos símbolos sacrossantos, no largo, começaram a ser fuzilados em massa. Baquearam em grande número; e

tornou-se-lhes a luta desigual a despeito da vantagem numérica. Batidos pelas armas de repetição, opunham um disparo de clavinote a cem tiros de Comblain. Enquanto o soldado os alvejava em descargas nutridas, os jagunços revolviam os aiós, tirando sucessivamente a pólvora, a bucha e as balas no demorado processo da carga de seu armamento grosseiro; enfiando depois pelo cano largo do trabuco a vareta; cevando-o devagar; socando lá dentro aqueles ingredientes como se enchessem uma mina; escorvando-o depois; aperrando-o afinal, e ao cabo disparando-o; realizando o heroísmo de uma imobilidade de dois minutos na estonteadora ebriez do tiroteio...

Renunciaram, por isto, transcorrido algum tempo, à operação inexequível. Caíram sobre os contrários, de facão desembainhado e ferrão em riste, vibrando as foices reluzentes.

Mas foi-lhes ainda nefasta esta arremetida douda. Rareavam-se-lhes as fileiras sem vantagem contra adversários abrigados, ou aparecendo de golpe nas janelas, que se abriam em explosões de descargas. Numa delas, um alferes, serodiamente espertado, bateu-se longo tempo, quase desnudo, abocando, sobre o peitoril, a carabina ao peito dos assaltantes, sem errar um tiro; até cair, morto, sobre o leito em que dormira e não tivera tempo de deixar.

O conflito continuou, deste modo, ferozmente, cerca de quatro horas, sem episódios dignos de nota e sem vislumbrar um único movimento tático; batendo-se cada um por conta própria, consoante as circunstâncias. No quintal da casa em que se aboletara, o comandante se ateve à missão única compatível com a desordem: distribuía, jogando-os por sobre a cerca, cartuchos, sofregamente retirados, às mancheias, dos cunhetes abertos a machado.

Reunidos sempre em volta da bandeira do Divino, estraçoada de balas e vermelha como um pendão de guerra, os jagunços enfiavam pelas ruas. Contorneavam o arraial. Volviam ao largo, vozeando imprecações e vivas, em ronda desnorteada e célere. E foram, lentamente, nesses giros revoltos, abandonando a ação e dispersando-se pelas cercanias. Reconheciam a inutilidade dos esforços feitos, ou imaginavam atrair os antagonistas para o plaino desafogado da várzea.

Como quer que fosse, abandonaram, a pouco e pouco, o campo. Em breve, ao longe, desapareceu, listrando uma ponta das caatingas, a bandeira sagrada que reconduziam a Canudos.

Os soldados não os encalçaram. Estavam exaustos.

Uauá patenteava quadro lastimoso. Lavravam incêndios em vários pontos. Sobre os soalhos e balcões ensanguentados, à soleira das portas, pelas ruas e na praça, onde dardejava o Sol, contorciam-se os feridos e estendiam-se os mortos.

Entre estes, dezenas de sertanejos – cento e cinquenta – diz a parte oficial do combate, número desconforme ante as dez mortes – um alferes, um sargento, seis praças e os dois guias – e 16 feridos da expedição. Apesar disto, o comandante, com setenta homens válidos, renunciou prosseguir na empresa.

Assombrara-o o assalto. Vira de perto o arrojo dos matutos. Apavorara-o a própria vitória, se tal nome cabe ao sucedido, pois as suas consequências o desanimavam. O médico da força enlouquecera... Desvairara-o o aspecto da peleja. Quedava-se, inútil, ante os feridos, alguns graves.

A retirada impunha-se, por tudo isto, urgente, antes da noite, ou de um outro recontro, ideia que fazia tremer aqueles triunfadores. Resolveram-na logo. Mal inumados na capela de Uauá os companheiros mortos, largaram dali sob um Sol ardentíssimo.

Foi como uma fuga.

A travessia para Juazeiro fez-se a marchas forçadas, em quatro dias. E quando lá chegou o bando dos expedicionários, fardas em trapos, feridos, estropiados, combalidos, davam a imagem da derrota. Parecia que lhes vinham em cima, nos rastros, os jagunços. A população alarmou-se, reatando o êxodo. Ficaram de fogos acesos na estação da via férrea todas as locomotivas. Arregimentaram-se todos os habitantes válidos, dispostos ao combate. E as linhas do telégrafo transmitiram ao país inteiro o prelúdio da guerra sertaneja...

III

O revés de Uauá requeria reação segura.

Esta, porém, preparou-se sob extemporânea disparidade de vistas entre o chefe da força federal na Bahia e o governador do estado. Ao otimismo deste, resumindo a agitação sertaneja a desordem vulgar acessível às diligências policiais, contrapunha-se aquele, considerando-a mais séria, capaz de determinar verdadeiras operações de guerra.

De tal modo, a segunda expedição organizou-se sem um plano firme, sem responsabilidades definidas, através de explicações recíprocas entre as duas autoridades independentes e iguais. Compôs-se a princípio de 100 praças e 8 oficiais de linha, e 100 praças e 3 oficiais da força estadual.

Assim constituída, seguiu, a 25 de novembro, para Queimadas, sob o comando de um major do 9º batalhão de infantaria, Febrônio de Brito.

Simultaneamente o comandante do distrito apelava para o governo federal requisitando, para a aparelhar melhor, 4 metralhadoras Nordenfelt, 2 canhões Krupp, de campanha, e mais 250 soldados: 100 do 26º batalhão, de Aracaju, e 150 do 33º, de Alagoas.

Todo este aparato era justificável. Sucediam-se informações alarmantes, dando, dia a dia, realce à gravidade das coisas. À parte os exageros que houvessem, delas se colhia a grandeza do número de rebeldes e os sérios empecilhos inerentes à região selvagem em que se acoutavam.

Estas novas, porém, baralhavam-nas sem-número de versões contraditórias agravadas pelos interesses inconfessáveis de uma falsa política sobre a qual nos dispensamos de discorrer.

Nem os apontaremos, embora largo tempo se perdesse, inútil, nesse agitar estéril de minudências desvaliosas – enquanto as linhas telegráficas vibravam da orla dos sertões para o Brasil inteiro, e permanecia, expectante, em Queimadas, o chefe da nova expedição, à frente de 243 praças de pré.

Baldo de recursos e a braços com toda espécie de dificuldades; oscilando no desencontro das informações; ora em desalentos, afigurando-se-lhe insuperável a empresa; ora cheio de inesperadas esperanças no alcançar o fim que se propunha, dali abalou somente em dezembro, para Monte Santo, ao tempo que lhe era mandado da Bahia novo reforço, de 100 praças.

Esta avançada já ia adscrita a um plano de campanha.

O comandante do distrito compreendera a situação. Planeara atacar a revolta por dois pontos, fazendo avançar para um objetivo único não uma, mas duas colunas, sob a direção geral do coronel do 9º de infantaria Pedro Nunes Tamarindo. Era um plano compatível com as circunstâncias da luta: estabelecer antes de tudo um cerco a distância; bater os insurrectos

parceladamente e apertá-los, ao cabo, em movimentos envolventes de forças pouco numerosas e adestradas.

Realmente, libertas, estas, da morosidade própria às grandes massas, ajustar-se-iam melhor às escabrosidades do terreno, e do mesmo passo enfraqueceriam todas as causas de insucesso. Por outro lado, por mais original que seja o método combatente dos matutos – guerrilheiros impalpáveis dentro da tática estonteadora da fuga! – rola todo neste círculo único. Não se desenvolve num plano qualquer permitindo dar aos grupos dispersos o centro unificador de um objetivo prefixado. Atacá-los, atraindo-os para diferentes pontos, é vencê-los.

Foi o que perceberam, desde muito, os nossos patrícios de há cem anos. Práticos nas vicissitudes das lutas sertanejas tinham organização militar correlativa –[64] visando a formação sistemática de “tropas irregulares”, que, sem o embaraço das unidades táticas inalteráveis, e sem formaturas, agissem folgadamente no trançado das matas e sobre as asperezas do solo, auxiliando, reforçando e esclarecendo a ação das tropas regulares.

Daí as façanhas que crivam a nossa história nos XVII e XVIII séculos; o sem conto de revoltas debeladas ou quilombos dissolvidos por aqueles minúsculos exércitos de *capitães do mato*, através de batalhas ferocíssimas e sem nome. Imitando o próprio sistema do africano e do índio, os sertanistas dominavam-nos graças à mesma norma que se traduz por uma fórmula paradoxal: – dividir para fortalecer.

Devíamos, num transe igual, adotá-la. Era sem dúvida um recuo inevitável à guerra primitiva. Mas quando não o impusesse o jagunço solerte e bravo, impunha-o a natureza excepcional, que o defendia.

Vejamos.

Os doutores na arte de matar que hoje, na Europa, invadem escandalosamente a ciência, perturbando-lhe o remanso com um retinir de esporas insolentes – e formulam leis para a guerra pondo em equação as batalhas, têm definido bem o papel das florestas como agente tático precioso, de ofensiva ou defensiva. E ririam os sábios *feldmarechais* – guerreiros de cujas mãos caiu o *franquisque* heroico trocado pelo lápis calculista – se ouvissem a alguém que às caatingas pobres cabe função mais definida e grave que às grandes matas virgens.

Porque estas, malgrado a sua importância para a defesa do território – orlando as fronteiras e quebrando o embate às invasões, impedindo mobilizações rápidas e impossibilitando a translação das artilharias – se tornam de algum modo neutras no curso das campanhas. Podem favorecer, indiferentemente, aos dois beligerantes oferecendo a ambos a mesma penumbra às emboscadas, dificultando-lhes por igual as manobras ou todos os desdobramentos em que a estratégia desencadeia os exércitos. São uma

variável nas fórmulas do problema tenebroso da guerra, capaz dos mais opostos valores.

Ao passo que as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agridem. Trançam-se, impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas multívias, para o matuto que ali nasceu e cresceu.

E o jagunço faz-se o guerrilheiro-tugue, intangível...

As caatingas não o escondem apenas, amparam-no.

Ao avistá-las, no verão, uma coluna em marcha não se surpreende. Segue pelos caminhos em torcicolos, aforradamente. E os soldados, devassando com as vistas o matagal sem folhas, nem pensam no inimigo. Reagindo à canícula e com o desalinho natural às marchas, prosseguem envoltos no vozear confuso das conversas travadas em toda a linha, virguladas de tinidos de armas, cindidas de risos joviais mal sofreados.

É que nada pode assustá-los. Certo se os adversários imprudentes com eles se afrontarem, serão varridos em momentos. Aqueles esgalhos far-se-ão em estilhas a um breve choque de espadas e não é crível que os gravetos finos quebrem o arranco das manobras prontas. E lá se vão, marchando, tranquilamente heroicos...

De repente, pelos seus flancos, estoura, perto, um tiro...

A bala passa, rechinante, ou estende, morto, em terra, um homem. Sucedem-se, pausadas, outras, passando sobre as tropas, em sibilos longos. Cem, duzentos olhos, mil olhos perscrutadores, volvem-se, impacientes, em roda. Nada veem.

Há a primeira surpresa. Um fluxo de espanto corre de uma a outra ponta das fileiras.

E os tiros continuam raros, mas insistentes e compassados, pela esquerda, pela direita, pela frente agora, irrompendo de toda a banda...

Então estranha ansiedade invade os mais provados valentes, ante o antagonista que vê e não é visto. Forma-se celeremente em atiradores uma companhia, mal destacada da massa de batalhões constritos na vereda estreita. Distende-se pela orla da caatinga. Ouve-se uma voz de comando; e um turbilhão de balas rola estrugidoramente dentro das galhadas...

Mas constantes, longamente intervalados sempre, zunem os projetis dos atiradores invisíveis batendo em cheio nas fileiras.

A situação rapidamente engravesce, exigindo resoluções enérgicas. Destacam-se outras unidades combatentes, escalonando-se por toda a extensão do caminho, prontas à primeira voz; – e o comandante resolve carregar contra o desconhecido. Carrega-se contra os duendes. A força, de baionetas caladas, rompe, impetuosa, o matagal numa expansão irradiante de cargas. Avança com rapidez. Os adversários parecem recuar apenas. Nesse momento surge o antagonismo formidável da caatinga.

As secções precipitam-se para os pontos onde estalam os estampidos e

estacam ante uma barreira flexível, mas impenetrável, de juremas. Enredam-se no cipoal que as agrilhoa, que lhes arrebata das mãos as armas, e não vingam transpô-lo. Contornam-no. Volvem aos lados. Vê-se um como rastilho de queimada: uma linha de baionetas enfiando pelos gravetos secos. Lampeja por momentos entre os raios do Sol joeirados pelas árvores sem folhas; e parte-se, faiscando, adiante, dispersa, batendo contra espessos renques de xiquexiques, unidos como quadrados cheios, de falanges, intransponíveis, fervilhando espinhos...

Circuitam-nos, estonteadamente, os soldados. Espalham-se, correm, à toa, num labirinto de galhos. Caem, presos pelos laços corredios dos quipás reptantes; ou estacam, pernas imobilizadas por fortíssimos tentáculos. Debatem-se desesperadamente até deixarem em pedaços as fardas, entre as garras felinas de acúleos recurvos das macambiras...

Impotentes estadeiam, imprecando, o desapontamento e a raiva, agitando-se furiosos e inúteis. Por fim a ordem dispersa do combate faz-se a dispersão do tumulto. Atiram a esmo, sem pontarias, numa indisciplina de fogo que vitima os próprios companheiros. Seguem reforços. Os mesmos transes reproduzem-se maiores, acrescidas a confusão e a desordem; – enquanto em torno, circulando-os, rítmicos, fulminantes, seguros, terríveis, bem apontados, caem inflexivelmente os projetis do adversário.

De repente cessam. Desaparece o inimigo que ninguém viu.

As secções voltam desfalcadas para a coluna, depois de inúteis pesquisas nas macegas. E voltam como se saíssem de recontro braço a braço, com selvagens: vestes em tiras; armas estrondadas ou perdidas; golpeados de gilvazes; claudicando, estropiados; mal reprimindo o doer infernal das folhas urticantes; frechados de espinhos...

Reorganiza-se a tropa. Renova-se a marcha. A coluna, estirada a dois de fundo, deriva pelas veredas em fora, estampando no cinzento da paisagem o traço vigoroso das fardas azuis listradas de vermelho e o coruscar intenso das baionetas ondulantes. Alonga-se; afasta-se; desaparece.

Passam-se minutos. No lugar da refrega, então, surgem, dentre moitas esparsas, cinco, dez, vinte homens no máximo. Deslizam, rápidos, em silêncio, entre os arbúsculos secos...

Agrupam-se na estrada. Consideram por momentos a tropa, indistinta, ao longe; e sopesando as espingardas ainda aquecidas, tomam precípites pelas veredas dos pousos ignorados.

A força vai prosseguindo mais cautelosa agora.

Subjugam o ânimo dos combatentes, caminhando em silêncio, o império angustioso do inimigo impalpável e a expectativa torturante dos assaltos imprevistos. O comandante rodeia-os de melhores resguardos: ladeiam-nos companhias dispersas, pelos flancos: duzentos metros na frente, além da vanguarda, norteia-os um esquadrão de praças escolhidas.

No descair de encosta agreste, porém, escancela-se um sulco de quebrada

que é preciso transpor. Felizmente as barrancas, esterilizadas dos enxurros, estão limpas: escassos restolhos de gramíneas; cactos esguios avultando raros, entre blocos em montes; ramalhos mortos de umbuzeiros alvejando na estonadura da seca...

Desce por ali a guarda da frente. Seguem-se-lhe os primeiros batalhões. Escoam-se, vagarosas, as brigadas pela ladeira agreste. Embaixo, coleando nas voltas do vale estreito já está toda a vanguarda, armas fulgurantes, feridas pelo Sol, feito uma torrente escura transudando raios...

E um estremecimento, choque convulsivo e irreprimível, fá-la estacar de súbito.

Passa, ressoando, uma bala.

Desta vez os tiros partem, lentos, de um só ponto, do alto, parecendo feitos por um atirador único.

A disciplina contém as fileiras; debela o pânico emergente; e, como anteriormente, uma secção se destaca e vai, encosta acima, rastreando a direção dos estampidos. O torvelino dos ecos numerosos, porém, torna, aquela variável; e os tiros não revelados, porque o fumo não se condensa naqueles ares ardentes, continuam lentos, assustadores, seguros.

Afinal cessam. Soldados esparsos pelos pendores, pesquisam-nos inutilmente.

Volvem exaustos. Vibram os clarins. A tropa renova a marcha com algumas praças de menos. E quando as últimas armas desaparecem, ao longe, na última ondulação do solo, desenterra-se de montões de blocos – feito uma cariátide sinistra em ruínas ciclópidas – um rosto bronzeado e duro; depois um torso de atleta, encourado e rude; e transpondo velozmente as ladeiras vivas desaparece, em momentos, o trágico caçador de brigadas...

Estas seguem desinfluídas de todo. Daí por diante velhos lutadores têm pavores de criança. Há estremecimentos em cada volta do caminho, a cada estalido seco nas macegas. O Exército sente na própria força a própria fraqueza.

Sem plasticidade segue numa exaustão contínua pelos ermos, atormentado no golpear das ciladas, lentamente sangrado pelo inimigo, que o assombra e que foge.

A luta é desigual. A força militar decai a um plano inferior. Batem-na o homem e a terra. E quando o sertão estua nos bochornos dos estios longos não é difícil prever a quem cabe a vitória. Enquanto o minotauro, impotente e possante, inerme com a sua envergadura de aço e grifos de baionetas, sente a garganta exsicar-se-lhe de sede e, aos primeiros sintomas da fome, reflui à retaguarda, fugindo ante o deserto ameaçador e estéril, aquela flora agressiva abre ao sertanejo um seio carinhoso e amigo.

Então – nas quadras indecisas entre a *seca* e o *verde*, quando se topam os últimos fios de água no lodo das ipueiras e as últimas folhas amarelecidas nas ramas das baraúnas, e o forasteiro se assusta e foge ante o flagelo iminente,

aquele segue feliz nas travessias longas, pelos desvios das veredas, firme na rota como quem conhece a palmo todos os recantos do imenso lar sem teto. Nem lhe importa que a jornada se alongue, e as habitações rareiem, e se extingam as cacimbas, e escasseiem, nas baixadas, os abrigos transitórios, onde sesteiam os vaqueiros fatigados.

Cercam-lhe relações antigas. Todas aquelas árvores são para ele velhas companheiras. Conhece-as todas. Nasceram juntos; cresceram irmãmente; cresceram através das mesmas dificuldades, lutando com as mesmas agruras, sócios dos mesmos dias remansados.

O umbu desaltera-o e dá-lhe a sombra escassa das derradeiras folhas; o *araticum*, o ouricuri virente, a *mari* elegante, a *quixaba* de frutos pequeninos, alimentam-no a fartar; as palmatórias, despidas em combustão rápida dos espinhos numerosos, os mandacarus talhados a facão, ou as folhas dos juás – sustentam-lhe o cavalo; os últimos lhe dão ainda a cobertura para o rancho provisório; os caroás fibrosos fazem-se cordas flexíveis e resistentes... E se é preciso avançar a despeito da noite, e o olhar afogado no escuro apenas lobriga a fosforescência azulada das *cunanãs* dependurando-se pelos galhos como grinaldas fantásticas, basta-lhe partir e acender um ramo verde de *candombá* e agitar pelas veredas, espantando as suçuaranas deslumbradas, um archote fulgurante...

A natureza toda protege o sertanejo. Talha-o como Anteu, indomável. É um titã bronzeado fazendo vacilar a marcha dos exércitos.

IV

Ia-o demonstrar a campanha emergente... cópia mais ampla de outras que em todo o Norte têm aparecido, permitindo aquilatar-se de antemão tais dificuldades.

As medidas planeadas pelo general Solon denotavam, portanto, exata previsão de sucessos semelhantes, na luta excepcionalíssima para a qual nenhum Jomini delineara regras, porque invertia até os preceitos vulgares da arte militar.

Malgrado os defeitos do confronto, Canudos era a nossa Vendéia. O *chouan* e as charnecas, emparelham-se bem com o jagunço e as caatingas. O mesmo misticismo, gênese da mesma aspiração política; as mesmas ousadias servidas pelas mesmas astúcias, e a mesma natureza adversa, permitiam que se lembrasse aquele lendário recanto da Bretanha, onde uma revolta depois de fazer recuar exércitos destinados a um passeio militar por toda a Europa, só cedeu ante as divisões volantes de um general sem fama, "as colunas infernais" do general Turreau – pouco numerosas mas céleres, imitando a própria fugacidade dos vendeanos, até encurralá-los num círculo de dezesseis campos entrincheirados.

Não se olhou, porém, para o ensinamento histórico.

É que se preestabelecera a vitória inevitável sobre a rebeldia sertaneja insignificante.

O governo baiano afirmou "serem mais que suficientes as medidas tomadas para debelar e extinguir o grupo de fanáticos e não haver necessidade de reforçar a força federal para tal diligência, pois as medidas tomadas pelo comandante do distrito significavam mais prevenção que receio"; e aditava "não ser tão numeroso o grupo de Antonio Conselheiro, indo pouco além de quinhentos homens, etc.".

Contravinha o chefe militar entendendo ter a repressão legal vingado o círculo das diligências policiais, cumprindo-lhe não mais prender criminosos "mas extirpar o móvel de decomposição moral que se observava no arraial de Canudos em manifesto desprestígio à autoridade e às instituições", acrescentando que a força federal deveria seguir bastante forte para se subtrair à contingência de "retiradas prejudiciais e indecorosas". O governo estadual, porém, agindo dentro do elástico art. 6º da Constituição de 24 de fevereiro, cerrou a controvérsia levantando o espantalho de uma ameaça à soberania do Estado, e repelindo a intervenção que lhe implicava incompetência para manter a ordem nos seus próprios domínios. Deslembrara-se que em documento público se confessara desarmado para suplantar a revolta e que apelando para os recursos da União justificava, naturalmente, a intervenção

que procurava encobrir.

Vinha serôdio o falar em soberania apisoada pelos turbulentos impunes. Ademais ninguém se iludia ante a situação sertaneja. Acima do desequilibrado que a dirigia estava toda uma sociedade de retardatários. O ambiente moral dos sertões favorecia o contágio e o alastramento da nevrose. A desordem, local ainda, podia ser núcleo de uma conflagração em todo o interior do Norte. De sorte que a intervenção federal exprimia o significado superior dos próprios princípios federativos: era a colaboração dos estados numa questão que interessava não já à Bahia, mas ao país inteiro.

Foi o que sucedeu. A nação inteira interveio. Mas sobre as bandeiras vindas de todos os pontos, do extremo norte e do extremo sul, do Rio Grande ao Amazonas, pairou sempre, intangível, miraculosamente erguida pelos exegetas constitucionais, a soberania do Estado...

Para a resguardar melhor foi removido da Bahia o chefe da força militar, que traçara a sua atitude retilineamente pela lei. E somente depois disto a coluna do major Febrônio – até então oscilante entre Monte Santo e Queimadas e objetivando nas contramarchas as vacilações do governo – seguiu reforçada pela tropa policial e adstrita às deliberações do governo baiano.

Perdera-se esterilmente o tempo – que o adversário aproveitara, aparelhando-se a um revide enérgico. Num raio de três léguas em roda de Canudos, fizera-se o deserto. Para todos os rumos e por todas as estradas e em todos os lugares, os escombros carbonizados das fazendas e dos pousos, avultavam, insulando o arraial num grande círculo isolador, de ruínas. Estava pronto o cenário para um emocionante drama da nossa história.

TRAVESSIA DO CAMBAIO

I Monte Santo. Triunfos antecipados.

II Incompreensão da campanha. Em marcha para Canudos.

III O Cambaio. Baluartes *sine calcii linimenti*. Primeiro recontro. Episódio dramático.

IV Nos Tabuleirinhos. Segundo combate. A *Legio Fulminata* de João Abade. Novo milagre de Antonio Conselheiro.

V Retirada.

VI Procissão dos jiraus.

I

No dia 29 de dezembro entraram os expedicionários em Monte Santo.

O povoado de Frei Apolônio de Todi, ia, a partir daquela data, celebrizar-se como base das operações de todas as arremetidas contra Canudos. Era o que mais se avantajava por aqueles sertões em fora na direção do objetivo da campanha, permitindo, além disto, mais rápidas comunicações com o litoral, por intermédio da estação de Queimadas.

A tais requisitos aliavam-se outros.

Vimos-lhe em páginas anteriores a gênese tocante.

Não dissemos, porém, que, criando-o, o estoico Anchieta do Norte aquilatara bem as condições privilegiadas do local.

De fato, a vila – erecta no sopé da serrania de onde promana a única fonte perene da redondeza – contrasta, insulada, com a esterilidade ambiente. Decorre isto de sua situação topográfica. A sublevação de rochas primitivas que se alteiam aos lados, para o norte e para leste, levanta-se como anteparo aos ventos regulares, que até lá progridem, e torna-se condensador admirável dos escassos vapores que ainda os impregnam, graças ao resfriamento decorrente de uma ascensão repentina pelos flancos das serranias. Depõem-se, então, aqueles, em chuvas quase regulares, originando regime climatológico mais suportável, a dois passos dos sertões estéreis para onde rolam mais secos, os ventos, depois da travessia.

De sorte que enquanto em roda se desenrolam plainos desolados, num raio de alguns quilômetros partindo de Monte Santo se estende região incomparavelmente mais vivaz. Recortam-na pequenos cursos d’água resistentes às secas. Pelas baixadas, para onde descaem os morros, notam-se rudimentos de florestas, transmudando-se as caatingas em cerradões virentes; e o rio de Cariacá com seus tributários minúsculos, embora efêmero como os demais das cercanias, não se esgota de todo nas maiores secas: fraciona-se, retalhado em cacimbas reduzidas a imperceptíveis filetes deslizando entre pedras, mas permitindo ainda que resistam ao flagelo os habitantes convizinhos.

É natural que seja Monte Santo, desde muito, uma paragem remansada, predileta aos que se aventuram naquele sertão bravio. Não surgia pela primeira vez na História. Muito antes dos que agora o procuravam, outros expedicionários, porventura mais destemerosos e, com certeza, mais interessantes, por ali haviam passado, norteados por outros desígnios. Mas quer para os bandeirantes do século XVII, quer para os soldados destes tempos, o lugar predestinado constituiu-se escala transitória e breve mal relumbrando em acontecimentos de maior monta. Não deixa, contudo, de ser expressiva a

sua função histórica, entre devassadores de sertões, distintos por opostos intuitos e desunidos por três séculos, porém tendo – como veremos – a afinidade dos mesmos rancores e das mesmas arrancadas violentas.

Ali estacionara o pai de Robério Dias, Belchior Moreia, na sua rota atrevida "do rio Real para as serras da Jacobina pelo rio Itapicuru acima, buscando os sertões de Maçacará". E em torno desta *entrada*, continuaram outras, orientadas pelos roteiros confusos nos quais, todavia, o antigo nome da serra – Piquaraçá – se lê sempre, demarcando uma paragem benfazeja naqueles terrenos agros.

Por isto centralizou, de algum modo, a primeira agitação feita em torno das lendárias "Minas de Prata", desde as pesquisas inúteis do Muribeca, que até lá chegara e não passara avante, "com pouco efeito e pouca diligência", até ao tenaz Pedro Barbosa Leal, acompanhando as trilhas de Moreia e estacionando por muitos dias na montanha, onde marcas indecifráveis denotavam a passagem de antecessores igualmente audazes.

Passaram-se, porém, os tempos. Ficou perdida no sertão a serrania misteriosa onde muitos imaginavam, talvez, a sede do eldorado apetecido, até que Apolônio de Todi a transformasse em templo majestoso e rude, como vimos.

E hoje quem segue pelo caminho de Queimadas, trilhando um solo abrolhando cactos e pedras, ao divisá-la, das cercanias de Quirinquinquá, duas léguas aquém, – estaca: volve em cheio para o levante a vista deslumbrada, e acredita que o ondular dos ares referventes e a fascinação da luz, lhe alteiam defronte, entre o firmamento claro e as chapadas amplas, uma miragem estonteadora e grande.

A serra feita dessa massa de quartzito, tão própria às arquiteturas monumentais da Terra, alteia-se, ao longe, acrescida a altitude pelas várzeas deprimidas em torno. Lança, retilínea, a linha de cumeadas. A vertente oriental cai, a pique, lembrando uma muralha, sobre o vilarejo. Este ali se encosta, sobre socalco breve, humílimo, assoberbado pela majestade da montanha.

Entretanto é por esta acima até ao vértice que se prolonga, saindo da praça, a mais bela de suas ruas – a via-sacra dos sertões, macadamizada de quartzo alvíssimo, por onde têm passado multidões sem conto em um século de romarias. A religiosidade ingênua dos matutos ali talhou, em milhares de degraus, coleante, em caracol pelas ladeiras sucessivas, aquela vereda branca de sílica, longa de mais de dois quilômetros, como se construísse uma escada para os céus...

Esta ilusão é empolgante ao longe.

Veem-se as capelinhas alvas, que a pontilham a espaços, subindo a princípio em rampa fortíssima, derivando depois, tornejantes, à feição dos pendores; alteando-se sempre, erectas sobre despenhadeiros, perdendo-se nas alturas, cada vez menores, diluídas a pouco e pouco no azul puríssimo dos ares, até à última, no alto...

E quem segue pelo caminho de Queimadas, atravessando um esboço de deserto, onde agoniza uma flora de gravetos – arbustos que nos esgalhos revoltos retratam contorções de espasmos, cardos agarrados a pedras ao modo de tentáculos constritores, bromélias desabotoando em floração sanguinolenta – avança rápido, ansiando pela paragem que o arrebata.

Chega; e não sofreia doloroso desapontamento.

A estrada vai até à praça, retangular, em declive, de chão estriado de enxurros. No centro o indefectível barracão da feira tem, ao lado, pequena igreja, e de outro o único ornamento da vila – um tamarineiro, secular talvez. Em torno casas baixas e velhas; e, sobressaído, um sobrado único que seria mais tarde o quartel-general das tropas.

Monte Santo, afinal, resume-se naquele largo. Ali desembocam pequenas ruas, descendo umas em ladeiras para larga sanga apaulada; abrindo outras para a várzea; outras embatendo, sem saídas, contra a serra.

Esta por sua vez, de perto, perde parte do encanto. Parece diminuir de altitude. Sem mais o perfil regular que assume à distância, tem, revestindo-lhe as encostas, uma flora de vivacidade inexplicável, arraigada na pedra, brotando pelas frinchas dos estratos e vivendo apenas das reações maravilhosas da luz. As capelinhas, tão brancas de longe, por sua vez aparecem exíguas e descuradas. E a estrada ciclópica de muros laterais, de alvenaria, a desabarem em certos trechos, cheia de degraus fendidos, tortuosa, lembra uma enorme escadaria em ruínas. O povoado triste e de todo decadente, reflete o mesmo abandono, traindo os desalentos de uma raça que morre, desconhecida à História, entre paredes de taipa. Nada recorda o encanto clássico das aldeias. As casas baixas, unidas umas contra as outras, feitas à feição dos acidentes do solo, têm todas a mesma forma – tetos deprimidos sobre quatro muros de barro – gizadas todas por esse estilo brutalmente chato a que tanto se afeiçoavam os primitivos colonizadores. Algumas devem ter cem anos. As mais novas, copiando-lhes, linha a linha, os contornos desgraciosos, por sua vez nascem velhas.

Deste modo, Monte Santo surge desgracioso dentro de uma natureza que lhe cria em roda – como um parênteses naquele sertão aspérrimo – situação aprazível e ridente.

A campanha incipiente ia agravar o seu aspecto. Menos que arraial obscuro, transformá-lo-ia em grandíssimo quartel acaçapado, envolto de casernas.

Ali acantonaram as 543 praças, 14 oficiais combatentes e 3 médicos – toda a *primeira expedição regular* contra Canudos. Era uma massa heterogênea de três cascos de batalhões, o 9º, o 26º e o 33º, tendo, adidas, duzentas e tantas praças de polícia e pequena divisão de artilharia, dois canhões Krupp 7 1/2 e duas metralhadoras Nordenfelt.

Menos de uma brigada, pouco mais de um batalhão completo.

Entretanto, afinados pelo otimismo oficial, as autoridades receberam os lutadores em triunfo, antes da batalha. Engalanou-se o vilarejo pobre, transfigurando-se, ataviado de bandeiras e ramagens, com o ornamento supletivo dos vivos fortes das fardas e irradiação das armas.

E fez-se um dia de festa. A missão mais concorrida, a mais animada feira, jamais tiveram tanto brilho. Tudo aquilo era uma novidade estupenda. Ao chegarem da rota fatigante, rompendo, surpreendidos, pelas ruas cheias de combatentes, os vaqueiros amarravam o campião à sombra do tamarineiro, na praça, e iam quedar-se, longo tempo, contemplando as *peças* em que tanto ouviam falar e nunca haviam visto, capazes de esboroar montanhas e abalar com um só tiro, mais forte que o de mil *roqueiras*, o sertão inteiro. E aqueles titãs enrijados pelos climas duros, estremeciam dentro das armaduras de couro considerando as armas portentosas da civilização.

Galgavam, muitos, logo, os lombilhos retovados e largavam, transidos de susto, da vila, demandando a caatinga. Alguns volviam a toda a brida para o norte, tocando para Canudos. Ninguém os percebia. Na alacridade dos festejos, não se distinguiam os emissários solertes de Antonio Conselheiro – espiando, observando, indagando, contando o número de praças, examinando todo o trem de guerra e desaparecendo depois, rápidos, precipitando-se para a aldeia sagrada.

Outros ali ficavam, encapotados, contemplando tudo aquilo com ironia cruel, certos do prelúdio hilariante de um drama doloroso. O profeta não podia errar: a sua vitória era fatal. Dissera-o – os invasores não veriam sequer as torres das igrejas sacrossantas.

Acendiam-se recônditos altares. E o riso dos soldados, e o estrépito das botas, percutindo as calçadas, e o vibrar dos clarins, e os vivas entusiásticos das ruas, coavam-se pelas paredes, penetravam as frestas das casas e iam perturbar, lá dentro, as preces abafadas dos fiéis genuflexos...

No banquete, preparado na melhor vivenda, ao mesmo tempo se ostentava o mais simples e emocionante gênero de oratória – a eloquência militar, esta eloquência singular do soldado, que é tanto mais expressiva quanto é mais rude – feita de frases sacudidas e breves, como as vozes de comando, e em que as palavras mágicas – Pátria, Glória e Liberdade – ditas em todos os tons, são toda a matéria-prima dos períodos retumbantes. Os rebeldes seriam destruídos a ferro e fogo... Como as rodas dos carros de Shiva, as rodas dos canhões Krupp, rodando pelas chapadas amplas, rodando pelas serranias altas, rodando pelos tabuleiros vastos, deixariam sulcos sanguinolentos. Era preciso um grande exemplo e uma lição. Os rudes impenitentes, os criminosos retardatários, que tinham a gravíssima culpa de um apego estúpido às mais antigas tradições, requeriam corretivo enérgico. Era preciso que saíssem afinal da barbaria em que escandalizavam o nosso tempo, e entrassem repentinamente pela civilização adentro, a pranchadas.

O exemplo seria dado. Era a convicção geral. Dizia-o a despreocupação e

todo o arrebatamento feliz de uma população inteira; e a alegria ruidosa e vibrante dos oficiais e das praças; e toda aquela festa – ali – na véspera dos combates, a dois passos do sertão referto de emboscadas...

À tarde grupos ruidosos salpintavam a praça. Derivavam pelos becos. Espalhavam-se pelas cercanias. Atraídos pela novidade de uma perspectiva rara, outros ascendiam a montanha, pela ladeira sinuosa orlada de capelinhas brancas.

Paravam nos passos, refazendo-se para a ascensão exaustiva. Examinavam, curiosos, os registros e estampas, que pendiam às paredes, e os altares toscos; e subiam.

No "alto da Santa Cruz", batidos pelas lufadas fortes do nordeste, consideravam em torno.

Ali estava – defronte – o sertão...

Uma breve opressão salteava os mais tímidos; mas desaparecia prestes. Volviam tranquilos para a vila, onde se acendiam as primeiras luzes, ao cair da noite...

Decididamente a campanha começara bem auspiciada.

Monte Santo antecipara-lhe as honras da vitória.

II

Foi um mal.

Sob a sugestão de um aparato bélico, de parada, os habitantes preestabeleceram o triunfo; invadida pelo contágio desta crença espontânea, a tropa, por sua vez, compartiu-lhes as esperanças.

Firmara-se, de antemão, a derrota dos fanáticos.

Ora, nos sucessos guerreiros entra, como elemento paradoxal embora, a preocupação da derrota. Está nela o melhor estímulo dos que vencem. A história militar é toda feita de contrastes singulares. Além disto a guerra é uma coisa monstruosa e ilógica em tudo. Na sua maneira atual é uma organização técnica superior. Mas inquinam-na todos os estigmas do banditismo original. Sobranceiras ao rigorismo da estratégia, aos preceitos da tática, à segurança dos aparelhos sinistros, a toda a altitude de uma arte sombria, que põe dentro da frieza de uma fórmula matemática o arrebentamento de um *shrapnel* e subordina a parábolas invioláveis o curso violento das balas, permanecem – intactas – todas as brutalidades do homem primitivo. E estas são, ainda, a *vis a tergo* dos combates.

A certeza do perigo estimula-as. A certeza da vitória deprime-as.

Ora, a expedição ia na opinião de toda a gente, positivamente – vencer. A consciência do perigo determinaria mobilização rápida e um investir surpreendedor com o adversário. A certeza do sucesso imobilizou-a quinze dias em Monte Santo.

Analisemos o caso. O comandante expedicionário deixara em Queimadas grande parte de munições, para não protelar por mais tempo a marcha e impedir que os inimigos ainda mais se robustecessem. Assim, teve o intento de uma arremetida fulminante. Revoltado com as dificuldades que encontrara, entre as quais se notava quase completa carência de elementos de transporte, dispusera-se a ir celeremente ao couto dos rebeldes, embora levando apenas a munição que as praças pudessem carregar nas patronas. Isto, porém, não se realizou. De sorte que a partida rápida de uma localidade condena a demora inconsequente na outra. Esta somente se justificaria se, ponderando melhor a seriedade das coisas, ele a aproveitasse para agremiar melhores elementos, fazendo, principalmente, vir de Queimadas o resto dos trens de guerra. Os inconvenientes de uma longa pausa, justificá-los-iam as vantagens adquiridas. Ganharia em força o que perdesse em celeridade. Às aventuras de um plano temerário, resumindo-se numa investida e num assalto, substituiria operação mais lenta e mais segura. Não fez isto. Fez o inverso: depois de longa inatividade em Monte Santo, a expedição partiu ainda menos aparelhada do que quando ali chegara quinze dias antes, abandonando, ainda uma vez, parte

dos restos de um trem de guerra já muitíssimo reduzido. Entretanto, contravindo ao modo de ver dos propagandistas de uma vitória fácil, chegavam constantes informações sobre o número e recursos dos fanáticos. E no disparatado das opiniões – entre as que elevavam aquele, no máximo, a quinhentos, e as que o firmavam, decuplicando-o, no mínimo, em cinco mil, cumpria inferir-se uma média razoável. Além disto, de envolta num sussurrar de cautelosas denúncias e mal boquejados avisos, esboçava-se a hipótese de uma traição. Apontavam-se influentes mandões locais, cujas velhas relações com o Conselheiro sugeriam, veemente, a presunção de que o estivessem auxiliando à socapa, fornecendo-lhe recursos e instruindo-o dos menores movimentos da investida. Ainda mais, sabia-se que a tropa, quando mesmo o maior sigilo rodeasse as deliberações, seria, no avançar, precedida e ladeada pelos espias espertos do inimigo, muitos dos quais, verificou-se depois, dentro da própria vila acotovelavam os expedicionários. Uma surpresa, depois de tantos dias perdidos e em tais circunstâncias, era inadmissível. Em Canudos saberiam da estrada escolhida para linha de operações com antecedência bastante para se fortificarem os seus trechos mais difíceis, de sorte que, reeditando o caso de Uauá, o alcance do arraial preestabelecia a preliminar de um combate em caminho. Assim a partida da base de operações, do modo por que se fez, foi um erro de ofício. A expedição endireitava para o objetivo da luta como se voltasse de uma campanha. Abandonando novamente parte das munições, seguia como se, pobre de recursos em Queimadas, paupérrima de recursos em Monte Santo, ela fosse abastecer-se – em Canudos... Desarmava-se à medida que se aproximava do inimigo. Afrontava-se com o desconhecido, ao acaso, tendo o amparo único da fragilidade da nossa bravura impulsiva.

A derrota era inevitável.

Porque a tais deslizes se aditaram outros, denunciando a mais completa ignorância da guerra.

Revela-a a ordem do dia organizadora das forças atacantes.

Escassa como uma ordem qualquer distribuindo contingentes, não há rastrear-se nela a mais fugaz indicação sobre o desdobramento, formaturas ou manobras das unidades combatentes, consoante os vários casos fáceis de prever. Não há uma palavra sobre inevitáveis assaltos repentinos. Nada, afinal, visando uma distribuição de unidades, de acordo com os caracteres especiais do adversário e do terreno. Adstrito a uns rudimentos de tática prussiana, transplantados às nossas ordenanças, o chefe expedicionário, como se levasse o pequeno corpo de exército para algum campo esmoitado da Bélgica, dividiu-o em três colunas, parecendo dispô-lo, de antemão, para recontros em que lhe fosse dado entrar repartido em atiradores, reforço e apoio. Nada mais, além desse subordinar-se a uns tantos moldes rígidos de velhos ditames clássicos de guerra.

Ora estes eram inadaptáveis no momento.

Segundo o exato conceito de Von der Goltz, qualquer organização militar deve refletir alguma coisa do temperamento nacional. Entre a incoercível

tática prussiana, em que é tudo a precisão mecânica da bala, e a nervosa tática latina, em que é tudo o arrojo cavalheiresco da espada, tínhamos a esgrima perigosa com os guerrilheiros esquivos cuja força estava na própria fraqueza, na fuga sistemática, num vai e vem doudejante de arrancadas e recuos, dispersos, escapantes no seio da natureza protetora. Eram por igual inúteis as cargas e as descargas. Contra tais antagonistas e num tal terreno não havia supor-se a probabilidade de se estender a mais apagada linha de combate. Não havia até a possibilidade de um combate, no rigorismo técnico do termo. A luta, digamos com mais acerto, uma monteria a homens, uma batida brutal em torno à ceva monstruosa de Canudos, ia reduzir-se a ataques ferozes, a esperas ardilosas, a súbitas refregas, instantâneos recontros em que fora absurdo admitir-se que se pudessem desenvolver as fases principais daquele, entre os dois extremos dos fogos violentos, que o iniciam, ao epílogo delirante das cargas de baioneta. Função do homem e do solo, aquela guerra devia impulsionar-se a golpes de mão de estrategista revolucionário e inovador. Nela iam surgir, tumultuariamente, fundidas, penetrando-se, simultâneas, todas as situações, naturalmente distintas, em que se pode encontrar qualquer força em operações – a de repouso, a de marcha e a de combate. O exército marchando pronto a encontrar o inimigo em todas as voltas dos caminhos, ou a vê-lo romper dentre as próprias fileiras surpreendidas, devia repousar nos alinhamentos da batalha.

Nada se deliberou quanto a condições tão imperiosas. O comandante limitou-se a formar três colunas e a ir para a frente, pondo diante da astúcia sutil dos jagunços a potência ronceira de três falanges compactas – homens inermes carregando armas magníficas. Ora, um chefe militar deve ter algo de psicólogo. Por mais mecanizado que fique o soldado pela disciplina, tendendo para esse sinistro ideal de *homúnculo*, feito um feixe de ossos amarrados por um feixe de músculos, energias inconscientes sobre alavancas rígidas, sem nervos, sem temperamento, sem arbítrio, agindo como um autômato pela vibração dos clarins, transfiguram-no as emoções da guerra. E a marcha nos sertões desperta-as a todo o instante. Trilhando veredas desconhecidas, envolto por uma natureza selvagem e pobre, o nosso soldado, que é corajoso na frente do inimigo, acobarda-se, invadido de temores, todas as vezes que este, sem aparecer, se revela, impalpável, dentro das tocaias. Assim, se um tiroteio das guardas da frente se constitui, na campanha, aviso salutar ao resto dos lutadores, naquelas circunstâncias anormais era um perigo. Quase sempre as secções se baralhavam, sacudidas pelo mesmo espanto, numa desordem súbita, tendendo a um refluxo instintivo para a retaguarda.

Era natural que fossem previstas estas conjunturas inevitáveis. Para atenuá-las, as diversas unidades deviam seguir com o máximo afastamento, embora agissem, no primeiro momento, completamente isoladas. Este dispositivo além de lhes altear o ânimo, pela certeza de um pronto auxílio por parte das que fora da ação imediata do inimigo podiam acometê-lo levando a força moral do ataque, evitava o alastramento do pânico e facultava um desdobramento

desafogado. Embora a direção dos vários movimentos escapasse da autoridade de um comando único, substituída pela iniciativa mais eficaz dos comandantes de pequenas unidades, agindo autônomas de acordo com as circunstâncias do momento, impunha-se largo fracionamento das colunas. Era parodiar a norma guerreira do adversário, seguindo-a paralelamente, em traçados mais firmes e opondo-lhe a mesma dispersão, única capaz de amortecer as causas de insucesso, de anular o efeito de repentinas emboscadas, de criar melhores recursos de reação, e de acarretar, ao cabo, a vitória, do único modo por que esta poderia ser alcançada, feito uma soma de sucessivos ataques parciais.

Em síntese, as forças, dispersas em marcha, a partir da base das operações, deviam ir, a pouco e pouco, apertando os fanáticos, concentrar-se em Canudos.

Fez-se sempre o contrário. Partiam unidas, em colunas, dentro da estrutura maciça das brigadas. Avançavam emboladas pelos caminhos em fora. Iam dispersar-se, repentinamente – em Canudos...

Foi nestas condições desfavoráveis que partiram a 12 de janeiro de 1897.

Tomaram pela estrada do Cambaio.

É a mais curta e a mais acidentada. Ilude a princípio, perlongando o vale do Cariacá, numa cinta de terrenos férteis sombreados de cerradões que prefiguram verdadeiras matas.

Transcorridos alguns quilômetros, porém, acidenta-se; perturba-se em trilhas pedregosas e torna-se menos praticável à medida que se avizinha do sopé da serra do Acaru. Dali por diante se encurva para leste transmontando a serrania por três ladeiras sucessivas, até galgar o sítio da Lajem de Dentro, alçado trezentos metros sobre o vale.

Gastaram-se dois dias para atingir-se este ponto. A artilharia reduzia a marcha. Ascendiam penosamente os Krupps, enquanto os sapadores na frente reparavam a estrada, desentulhando-a e destocando-a, ou abrindo desvios contornantes, evitando fortíssimos declives. E a tropa, que tinha as condições de sucesso na mobilidade, paralisava-se presa no travão daquelas massas metálicas.

Transposta a Lajem de Dentro e a divisória das vertentes do Itapicuru e do Vaza-Barris, a estrada desce. Torna-se, porém, mais séria a travessia, metendo-se no acidentado de contrafortes, de onde fluem os tributários efêmeros do Bendegó. A bacia de captação deste desenha-se, então, ligando as abas de três serras, a do Acaru, a Grande e do Atanásio, que se articulam em desmedida curva. A expedição entrou por aquele vale fundo como uma furna até a um outro sítio, Ipueiras, onde acampou. Foi uma temeridade. O acampamento, envolto de fraguedos, centralizaria os fogos do inimigo, se este aparecesse pelo topo dos morros. Felizmente não chegavam até lá os jagunços. De sorte que na antemanhã seguinte, rumo firme ao norte, a tropa prosseguiu para Penedo,

salva de uma posição dificílima.

Tinha meio caminho andado. As estradas pioravam, crivadas de veredas, serpeando em morros, alçando-se em rampas, caindo em grotões, desabrigadas, sem sombras...

Até Mulungu, duas léguas além de Penedo, os sapadores estradaram o solo para os canhões, e a jornada remorava-se no passo tardo da divisão que os guarnecia.

Entretanto, era imprescindível a máxima celeridade. Tornava-se suspeita a paragem: restos de fogueiras à margem do caminho e vivendas incendiadas, davam sinais do inimigo. Em Mulungu, à noite, eles se tornaram evidentes. Alarmou-se o acampamento. Tinham-se distinguido, próximos, encobertos na sombra, rondando em torno, vultos fugazes, de espias. Os soldados dormiram em armas. E no amanhecer de 17 a expedição que se encravara nas montanhas, muito aquém ainda de um objetivo que podia ser atingido em três dias de marcha, começou de ser terrivelmente torturada.

Acabaram-se as munições de boca. Foram abatidos os dois últimos bois para quinhentos e tantos combatentes. Isto valia por um combate perdido. A feição da luta, agravava-se em plena marcha, antes de se dar um tiro. Prosseguir para Canudos, poucas léguas distante, era quase a salvação. Era lutar pela vida.

Completando o transe, desapareceram à noite, em grande parte, os cargueiros contratados em Monte Santo. E sob o pretexto de providenciar para urgente remessa de munições, o comissário daquela vila, largou para ignoradas paragens – e não voltou.

Alguém, entretanto, salvou a lealdade sertaneja, o guia Domingos Jesuíno. Conduziu as tropas para a frente até ao Rancho das Pedras, onde acamparam.

Estavam cerca de duas léguas de Canudos.

E à noite um observador que do acampamento atentasse para o norte, distinguiria talvez, escassas, em bruxuleios longínquos, fulgindo e extinguindo-se, intermitentes, muito altas, como estrelas rubras entre nevoeiros, algumas luzes vacilantes. Demarcavam as posições inimigas.

Ao alvorecer, desdobraram-se imponentes.

III

As massas do Cambaio amontoavam-se na frente, dispostas de modo caprichoso, fundamente recortadas de gargantas longas e circulantes como fossos, ou alteando-se em patamares sucessivos, lembrando desmedidas bermas de algum baluarte derruído, de titãs.

A imagem é perfeita. São vulgares naquele trato dos sertões esses aspectos originais da terra. As lendas das "cidades encantadas", na Bahia, que têm conseguido dar à fantasia dos matutos o complemento de sérias indagações de homens estudiosos, originando pesquisas que fora descabido relembrar, não têm outra origem.[65]

E não se acredite que as exagere a imaginação daquelas gentes simples, iludindo tanto a expectativa dos graves respigadores que por ali têm perlustrado, levando ansioso anelo de sábias sociedades ou institutos, onde se debateu o caso interessante. Frios observadores atravessando escoteiros aquele estranho vale do Vaza-Barris têm estacado, pasmos, ao defrontar

> serras de pedra naturalmente sobrepostas formando fortalezas e redutos inexpugnáveis com tal perfeição que parecem obras de "arte".[66]

Às vezes esta ilusão se amplia.

Surgem necrópoles vastas. Os morros cuja estrutura se desvenda em pontiagudas apófises, em rimas de blocos, em alinhamentos de penedias, caprichosamente repartidos, semelham, de fato, grandes cidades mortas ante as quais o matuto passa, medroso, sem desfitar a espora dos ilhais do cavalo em disparada, imaginando lá dentro uma população silenciosa e trágica de *almas do outro mundo*...

São deste tipo as "casinhas" que se veem para lá do Aracati, perto da estrada de Jeremoabo a Bom Conselho; e outras, despontando por todos aqueles lugares e imprimindo um traço singularmente misterioso naquelas paisagens melancólicas.

A serra do Cambaio é um desses monumentos rudes.

Certo ninguém lhe pode enxergar geométricas linhas de cortinas ou parapeitos bojando em redentes circuitados de fossos. Eram piores aqueles redutos bárbaros. Erigiam-se à têmpera dos que os guarneciam. E a distância, indistintos os ressaltos das pedras e desfeitos os vincos das quebradas, o conjunto da serra incute, de fato, no observador, a impressão de topar, de súbito, fraldejando-a, subindo por elas em patamares sucessivos e estendidas pelas vertentes, as barbacãs de velhíssimos castelos, onde houvessem

embatido, outrora, assaltos sobre assaltos que os desmantelaram e aluíram, reduzindo-os a montões de silhares em desordem, mal aglomerados em enormes hemiciclos, sucedendo-se em renques de plintos, e torres, e pilastras truncadas, avultando mais ao longe no aspecto pinturesco de grandes colunatas derruídas...

Porque o Cambaio é uma montanha em ruínas. Surge, disforme, rachando sob o periódico embate de tormentas súbitas e insolações intensas, disjungida e estalada – num desmoronamento secular e lento.

A estrada para Canudos não a torneja. Ajusta-se-lhe, retilínea, às ilhargas, subindo em declive, constrangida entre escarpas, mergulhando por fim, feito um túnel, na angustura de um desfiladeiro. A tropa por ali enfiou...

Naquela hora matinal a montanha deslumbrava. Batendo nas arestas das lajens em pedaços os raios do Sol refrangiam em vibrações intensas alastrando-se pelas assomadas, e dando a ilusão de movimentos febris, fulgores vivos de armas cintilantes, como se em rápidas manobras forças numerosas ao longe se apercebessem para o combate. Os binóculos, entretanto, percorriam inutilmente as encostas desertas. O inimigo traía-se apenas na feição ameaçadora da terra. Encantoara-se. Rentes com o chão, rebatidos nas dobras do terreno, entaliscados nas crastas – esparsos, imóveis, expectantes – dedos presos aos gatilhos dos clavinotes, os sertanejos quedavam, em silêncio, tenteando as pontarias, olhos fitos nas colunas ainda distantes, embaixo, marchando após os exploradores que esquadrinhavam cautelosamente as cercanias.

Caminhavam vagarosamente. Atulhavam as primeiras ladeiras cortadas a meia encosta. Seguiam devagar, sem aprumo, emperradas pelos canhões onde se revezavam soldados ofegantes em auxílio aos muares impotentes à tração vingando aqueles declives.

E foi nesta situação que as surpresou o inimigo.

Dentre as frinchas, dentre os esconderijos, dentre as moitas esparsas, aprumados no alto dos muramentos rudes, ou em despenhos ao viés das vertentes – apareceram os jagunços, num repentino deflagrar de tiros.

Toda a expedição caiu, de ponta a ponta, debaixo das trincheiras do Cambaio.

O recontro fez-se em vozeria em que, através dos costumeiros vivas ao “Bom Jesus” e ao “nosso Conselheiro”, rompiam brados escandalosos de linguagem solta, apóstrofes insolentes, e entre outras uma frase desafiadora que no decorrer da campanha soaria invariável como um estribilho irônico:

“Avança! *fraqueza* do governo!”

Houve uma vacilação em toda a linha. A vanguarda estacou e pareceu recuar. Conteve-a, porém, uma voz imperiosa. O major Febrônio rompeu pelas fileiras

alarmadas e centralizou a resistência – em réplica fulminante e admirável, atentas as desvantajosas condições em que se realizou. Conteirados rapidamente os canhões, bombardearam os matutos a queima-roupa, e estes, vendo pela primeira vez aquelas armas poderosas, que decuplavam o efeito despedaçando pedras, debandaram, tontos, numa dispersão instantânea.

Aproveitando este refluxo foi feita a investida, iniciada de pronto, pelas cento e tantas praças do 33º de infantaria. Tropeçando, escorregando nas lajens, contornando-as, ou transpondo-as aos saltos, insinuando-se pelos talhados, atirando a esmo para a frente, as praças arremeteram com as rampas; e logo depois a linha do assalto se estirou, tortuosa e ondulante, extremada à direita pelo 9º e à esquerda pelo 16º e a polícia baiana.

O combate generalizou-se em minutos, e, como era de prever, as linhas romperam-se de encontro aos obstáculos do terreno. Foi um avançar em desordem. Fracionados, galgando penhascos a pulso, carabinas presas aos dentes pelas bandoleiras, ou abordoando-se às armas, os combatentes arremeteram em tumulto – sem o mínimo simulacro de formatura, confundidos batalhões e companhias – vagas humanas raivando contra os morros, num marulho de corpos, arrebentando em descargas, espadanando brilhos de aço, e estrugindo em estampidos sobre que passavam, estrídulas, as notas dos clarins soando a carga.

Embaixo na ladeira em que ficara a artilharia os animais de tração e os cargueiros, espavoridos pelas balas, partindo os tirantes, sacudindo fora canastras e bruacas, desapareciam a galope ou tombavam pelos taludes íngremes. Acompanhou-os o resto dos tropeiros, fugindo, surdos às intimativas feitas com revólveres engatilhados, e agravando o tumulto.

No alto, mais longe, pelo teso da serra, reapareciam os sertanejos. Pareciam dispostos em duas sortes de lutadores; os que se agitavam, velozes, surgindo e desaparecendo, às carreiras, e os que permaneciam firmes nas posições alterosas. A cavaleiro do assalto, estes iludiam de modo engenhoso a carência de espingardas e o lento processo de carregamento das que possuíam. Para isto se dispunham em grupos de três ou quatro rodeando a um atirador único, pelas mãos do qual passavam, sucessivamente, as armas carregadas pelos companheiros invisíveis, sentados no fundo da trincheira. De sorte que se alguma bala fazia baquear o clavinoteiro, substituía-o logo qualquer dos outros. Os soldados viam tombar, mas ressurgir imediatamente, indistinto pelo fumo, o mesmo busto, apontando-lhes a espingarda. Alvejavam-no de novo. Viam-no outra vez cair, de bruços, baleado. Mas viam outra vez erguer-se, invulnerável, assombroso, terrível, abatendo-se e aprumando-se, o atirador fantástico.

Este ardil foi logo descoberto pelas diminutas frações atacantes que se avantajaram até às canhoneiras mais altas. Chegaram ali esparsas. A fugacidade do inimigo e o terreno davam por si mesmos à tropa a distribuição tática mais própria, circunstância que, aliada ao pequeno alcance das armas daquele, tornara a expedição quase indene. Os únicos tropeços à escalada eram

as asperezas do solo. As cargas amorteciam-se nas escarpas. Não as esperavam os jagunços. Certos da inferioridade de seu armamento bruto, pareciam desejar apenas que ali ficassem, como ficaram, a maior parte das balas destinadas a Canudos. E falseavam a peleja franca. Via-se entre eles, sopesando o clavinote curto, um negro corpulento e ágil. Era o chefe, João Grande. Desencadeava as manobras, estadeando ardilezas de facínora provecto nas correrias do sertão. Imitavam-lhe os movimentos, as carreiras, os saltos, as figurações selvagens, os sertanejos amotinados – num vai e vem de avançadas e recuos, ora dispersos, ora agrupados, ou desfilando em fileiras sucessivas, ou repartindo-se extremamente rarefeitos; e a rojões, rolantes pelos pendores, subindo, descendo, atacando, fugindo, baqueando trespassados de balas, muitos; malferidos, outros, em plena descida, e rolando até ao meio das praças, que os acabavam a couce de armas.

Desapareciam inteiramente, às vezes.

Os projetis das Mannlichers estralavam à toa na ossamenta rígida da serra. As secções avançadas ascendiam, porém, mais rápidas, pelas barrancas, conquistando o terreno, até que outra irrupção repentina do adversário lhes tomasse a frente, ou as aferrasse de soslaio. Algumas, então, paravam. Algumas recuavam mesmo, tolhidas de espanto, sem que as animassem oficiais acobardados, cujos nomes pouparam as partes oficiais, mas não os comentários acerbos dos companheiros. A maior parte reagia. Rompia o espingardeamento a queima-roupa sobre os fanáticos dizimando-os, espalhando-os, em grandes correrias pelos cerros.

Por fim o rude cabecilha predispô-los, ao que se figura, a recontro decisivo, braço a braço. O seu perfil de gorila destacou-se, temerariamente, à frente de um bando de súbito congregado. Num belo movimento heroico avançou sobre a artilharia. Cortou-lhe, porém, o passo a explosão de uma lanterneta estraçoando-o e aos caudatários mais próximos, enquanto os demais fugiam para as posições primitivas de envolta, agora, com as avançadas da tropa. Contingentes misturados de todos os corpos, saltavam afinal dentro das últimas trincheiras à direita, perdendo o oficial que até lá os levara, Venceslau Leal.

Estava conquistada a montanha após três horas de conflito. A vitória, porém, resultava da coragem cega junta à mais completa indisciplina de fogo – e compreende-se que mais tarde a ordem do dia relativa ao feito desse preeminente lugar às praças graduadas. Os seus cabos de guerra foram os cabos de esquadra. Sobre os jagunços em fuga confluíram cargas em desordem: soldados em grupos, turbas sem comando, disparando à toa as carabinas, num fanfarrear irritante e numa alacridade feroz de monteiros no último lance de uma batida a javardos.

Os jagunços escapavam-se-lhes adiante. Perseguiram-nos.

A artilharia, embaixo, começou a rodar, puxada a pulso, pelas ladeiras acima.

Realizara-se a travessia; e, tirante o dispêndio de munições, eram poucas as perdas – quatro mortos e vinte e tantos feridos. Em troca os sertanejos

deixavam cento e quinze cadáveres, contados rigorosamente.

Fora uma hecatombe. Cumulou-a um episódio trágico.

A algara tumultuária teve um desfecho teatral.

Foi no volver das últimas bicadas da serra...

Ali sobre barranca agreste, avergoada de algares, se alteava, oblíqua e mal tocando por um dos extremos o solo, imensa lajem presa entre duas outras que a sustinham pelo atrito, semelhando um *dólmen* abatido. Este abrigo coberto tinha, na frente, a barbacã de um muro de rocha viva. Nele se acoutaram muitos sertanejos – cerca de quarenta, segundo um espectador do quadro –[67] provavelmente os que possuíam as derradeiras cargas dos trabucos.

A terra protetora dava aos vencidos o último reduto.

Aproveitaram-no. Abriram sobre os perseguidores um tiroteio escasso, e fizeram-nos estacar um momento, fazendo parar, mais longe, a artilharia que se aprestou a bombardear o pequeno grupo de temerários.

O bombardeio reduziu-se a um tiro. A granada partiu levemente desviada do alvo, e foi arrebentar numa das junturas em que se engastava a pedra. Dilatou-a. Abriu-a, de alto a baixo.

E o bloco despregado desceu pesadamente, em baque surdo, sobre os infelizes, sepultando-os...

Reatou-se a marcha. Adiante, numa exaustão crescente, percebida no rarear dos tiros, os últimos defensores do Cambaio tocavam para Canudos. Desapareceram, por fim.

IV

As colunas chegaram à tarde em Tabuleirinhos, quase à orla do arraial, e não prosseguiram aproveitando o ímpeto da marcha perseguidora. Combalidos da refrega e famintos desde a véspera, tiveram apenas abrandada a sede na água impura da lagoa minúscula do Cipó, e acamparam. Fizeram-no, porém, com o desleixo das fadigas acumuladas e, talvez, também com a ilusão enganadora do triunfo recente. De sorte que não pressentiram, em torno, a sobrerrolda dos jagunços. Porque a nova da investida chegara ao arraial com os foragidos; e para quebrar o ímpeto do invasor sobrestante, grande número de lutadores de lá partiram. Meteram-se, imperceptíveis, pelas caatingas; e aproximaram-se do acampamento.

À noite circularam-no. A tropa adormeceu sob a guarda terrível do inimigo...

Ao amanhecer, porém, nada lho revelou; e, formadas cedo, as colunas dispuseram-se ao último arranco sobre o arraial, depois de um quarto de hora a marche-marche sobre o terreno, que ali é desafogado e chão.

Mas antes de abalarem sobreveio ligeiro contratempo. Um *shrapnel* emperrara na alma de um dos canhões resistindo a todos os esforços para a extração. Adotou-se, então, o melhor dos alvitres: disparar o Krupp na direção provável de Canudos.

Seria uma aldravada batendo às portas do arraial, anunciando estrepitosamente o visitante importuno e perigoso.

De fato, o tiro partiu... E a tropa foi salteada por toda a banda! Reeditou-se o episódio de Uauá. Abandonando as espingardas imperfeitas pelos varapaus, pelos fueiros dos carros, pelas foices, pelas forquilhas, pelas aguilhadas longas e pelos facões de folha larga, os sertanejos enterreiraram-na, surgindo em grita, todos a um tempo, como se aquele disparo lhes fosse um sinal prefixo para o assalto.

Felizmente os expedicionários, em ordem de marcha, tinham prontas as armas para a réplica, que se realizou logo em descargas rolantes e nutridas.

Mas os jagunços não recuaram. O arremesso da investida jogara-os dentro dos intervalos dos pelotões. E pela primeira vez os soldados viam, de perto, as faces trigueiras daqueles antagonistas, até então esquivos, afeitos às correrias velozes nas montanhas...

A primeira vítima foi um cabo do 9º. Morreu matando.

Ficou trespassado na sua baioneta o jagunço que o abatera atravessando-o

com o ferrão de vaqueiro.

A onda assaltante passou sobre os dois cadáveres.

Tomara-lhe a frente um mamaluco possante, – rosto de bronze afeado pela pátina das sardas – de envergadura de gladiador sobressaindo no tumulto. Este campeador terrível ficou desconhecido à História. Perdeu-se-lhe o nome. Mas não a imprecação altiva que arrojou sobre a vozeria e sobre os estampidos, ao saltar sobre o canhão da direita, que abarcou nos braços musculosos, como se estrangulasse um monstro:

“Viram, canalhas, o que é ter coragem?!”

A guarnição da peça recuara espavorida, enquanto ela rodava, arrastada a braço, apresada.

Era o desastre iminente.

Avaliou-o o comandante expedicionário, que tudo indica ter sido o melhor soldado da própria expedição que dirigiu. Animou valentemente os companheiros atônitos e, dando-lhes o exemplo, precipitou-se contra o grupo. E a luta travou-se braço a braço, brutalmente, sem armas, a punhadas, quase surda: um torvelinho de corpos enleados, de onde se difundiam estertores de estrangulados, ronquidos de peitos ofegantes, baques de quedas violentas...

O canhão retomado volveu à posição primitiva. As coisas, porém, não melhoraram. Apenas repelidos os jagunços, num retroceder repentino que não era uma fuga, mas uma negaça perigosa, fervilhavam no matagal rarefeito, em roda: vultos céleres, fugazes, indistintos, aparecendo e desaparecendo nos claros das galhadas. Novamente esparsos e intangíveis, punham, ressoantes, sobre os contrários, os projetis grosseiros – pontas de chifre, seixos rolados, e pontas de pregos – de sua velha ferramenta da morte, desde muito desusada.[68] Renovavam o duelo a distância, antepondo as espingardas de pederneira e os trabucos de cano largo às Mannlichers fulminantes. Volviam ao sistema habitual de guerra, o que era delongar indefinidamente a ação, dando-lhe um caráter mais sério que o do ataque violento anterior; fazendo-a derivar cruelmente monótona, sem peripécias, na iteração fatigante dos mesmos incidentes, até ao esgotamento completo do adversário que, relativamente incólume, cairia afinal exausto de os bater, vencido pelo cansaço de minúsculas vitórias, num esfalfamento trágico de algozes enfastiados de matar; punhos amolecidos e frouxos pelo multiplicado dos golpes; forças perdidas em arremessos doudos contra o vácuo.

A situação desenhou-se insanável.

Restava aos invasores um recurso em desespero de causa: – o avançar aforradamente, deslocando o campo do combate, e cair sobre o arraial, assaltantes e assaltados, tendo às ilhargas os guerrilheiros atrevidos, e talvez na frente, antes da entrada daquele, outros reforços tolhendo-lhes o passo. Mas nesse pelejar em marcha de três quilômetros, as munições, prodigamente gastas na façanha prejudicial do Cambaio, talvez se extinguissem em caminho e não podia alvitrar-se o meio extremo de se ultimar a empresa a choques de

armas brancas, ante a sobrecarga muscular dos soldados famintos e combalidos, a que se aditavam cerca de setenta feridos agitando-se, inúteis, na desordem.

Estava, além disto, excluída a hipótese eficaz de um bombardeio preliminar: restavam apenas vinte tiros de artilharia.

A retirada impôs-se urgente e inevitável. Reunida em plena refrega a oficialidade, o comandante definiu-lhe a situação e determinou que optasse por uma das pontas do dilema: o prosseguimento da luta até ao sacrifício completo ou o seu abandono imediato. Foi aceita a última sob a condição expressa de não se deixar uma única arma, um único ferido e não ficar um único cadáver insepulto.

Este recuo, entretanto, era de todo contraposto aos resultados diretos do combate. Como na véspera, as perdas sofridas de um e outro lado estavam fora de qualquer paralelo. A tropa perdera apenas quatro homens excluídos trinta e tantos feridos, ao passo que os contrários, desconhecido o número dos últimos, foram dizimados.

Um dos médicos[69] contou rapidamente mais de trezentos cadáveres. Tingira-se a água impura da lagoa do Cipó e o Sol batendo de chapa na sua superfície, destacava-a sinistramente no pardo escuro da terra requeimada, como uma nódoa amplíssima, de sangue...

A retirada foi a salvação. Mas o investir de arranco com o arraial, arrostando tudo, talvez fosse a vitória.

Desvendemos – arquivando depoimentos de testemunhas contestes – um dos casos originais dessa campanha. Algum tempo depois de travado o conflito em Tabuleirinhos, os habitantes de Canudos, impressionados com a intensidade dos tiroteios, alarmaram-se; e prevendo as consequências que adviriam se os soldados ali chegassem, de chofre, caindo sobre a beataria medrosa, João Abade reuniu o resto dos homens válidos, cerca de seiscentos, seguindo em reforço aos companheiros. A meio caminho, porém, a sua coluna foi inopinadamente colhida pelas balas. Atirando contra os primeiros agressores no lugar do encontro, os soldados mal apontavam; de sorte que, na maior parte, os tiros, partindo em trajetórias altas, se lançavam segundo o alcance máximo das armas. Ora, todos estes projetis perdidos, passando sobre os combatentes, iam cair, adiante, no meio da gente de João Abade. Os jagunços, perplexos, viam os companheiros baqueando, como fulminados; percebiam o assovio tenuíssimo das balas e não lobrigavam o inimigo. Em torno os arbúsculos estonados e raros não permitiam tocaias; os cerros mais próximos viam-se desnudos, desertos. E as balas desciam incessantes, aqui, ali, de soslaio, de frente, pelo centro da legião surpreendida, pontilhando-a de mortos – como uma chuva silenciosa de raios... Um assombro supersticioso

sombreou logo nos rostos mais enérgicos. Volveram, atônitos, as vistas para o firmamento ofuscante, varado pelos ramos descendentes das parábolas invisíveis; e não houve, depois, contê-los. Precipitaram-se, desapoderadamente, para Canudos, onde chegaram originando alarma espantoso.

Não havia ilusão possível: o inimigo, dispondo de engenhos de tal ordem, ali estaria em breve, sobrestante, no rastro dos derradeiros defensores do arraial. Quebrou-se o encanto do Conselheiro. Tonto de pavor, o povo ingênuo perdeu, em momentos, as crenças que o haviam empolgado. Bandos de fugitivos, sobraçando trouxas estavanadamente feitas, porfiavam na fuga, atravessando, rápidos, a praça e os becos, demandando as caatingas, sem que os contivessem os cabecilhas mais prestigiosos; enquanto as mulheres, em desalinho, em gritos, soluçando, clamando, numa algazarra indefinível, mas ainda fascinadas, agitando os relicários, rezando, se agrupavam à porta do Santuário, implorando a presença do evangelizador.

Mas Antonio Conselheiro, que nos dias normais mesmo evitava encará-las, naquelas aperturas estabeleceu separação completa. Subiu com meia dúzia de fiéis para os andaimes altos da igreja nova, e fez retirar, depois, a escada.

O agrupamento agitado ficou embaixo, imprecando, chorando, rezando. Não o olhou sequer o apóstolo esquivo, atravessando impassível sobre as tábuas que inflectiam, rangendo. Atentou para o povoado revolto, em que se atropelavam, prófugos, os desertores da fé, e preparou-se para o martírio inevitável...

Neste comenos sobreveio a nova de que a força recuava.

Foi um milagre. A desordem desfechava em prodígio.

V

Começara, de fato, a retirada.

Extintas as esperanças de sucesso, resta aos exércitos infelizes o recurso desse oscilar entre a derrota e o triunfo, numa luta sem vitórias em que, entretanto, o vencido vence em cada passo que consegue dar para a frente, pisando, indomável, o território do inimigo – e conquistando a golpes de armas todas as voltas dos caminhos.

Ora, a retirada do major Febrônio se, pelo restrito do campo em que se operou, não se equipara a outros feitos memoráveis, pelas circunstâncias que a enquadraram é um dos episódios mais emocionantes de nossa história militar. Os soldados batiam-se ia para dois dias, sem alimento algum, entre os quais mediava o armistício enganador de uma noite de alarmas; cerca de setenta feridos enfraqueciam as fileiras; grande número de estropiados mal carregavam as armas; os mais robustos deixavam a linha de fogo para arrastarem os canhões ou arcavam sobre feixes de espingardas, ou, ainda, em padiolas, transportavam malferidos e agonizantes; – e, na frente desta multidão revolta, se estendia uma estrada de cem quilômetros, em sertão maninho, inçado de tocaias...

Ao perceberem o movimento, os jagunços encalçaram-na.

Capitaneava-os, agora, um mestiço de bravura inexcedível e ferocidade rara, Pajeú. Legítimo cafuz, no seu temperamento impulsivo acolchetavam-se todas as tendências das raças inferiores que o formavam. Era o tipo completo do lutador primitivo – ingênuo, feroz e destemeroso – simples e mau, brutal e infantil, valente por instinto, herói sem o saber – um belo caso de retroatividade atávica, forma retardatária de troglodita sanhudo aprumando-se ali com o mesmo arrojo com que, nas velhas idades, vibrava o machado de sílex à porta das cavernas...

Este bárbaro ardiloso distribuiu os companheiros pelas caatingas, ladeando as colunas.

Estas marchavam lutando. Dado um último choque partindo o círculo assaltante, começou a desfilar pelas veredas ladeirentas, sem que se lobrigasse neste movimento gravíssimo, o mais sério das guerras, o mais breve resquício de preceitos táticos onde avulta a clássica formatura em escalões permitindo às unidades combatentes alternarem-se na repulsa.

É que a expedição perdera de todo em todo a estrutura militar, nivelados oficiais e praças de pré pelo mesmo sacrifício. Enquanto o comandante, cujo ânimo não afrouxara, procurava os pontos mais arriscados; enquanto capitães e subalternos, sobraçando carabinas, se precipitavam, de mistura com as praças de pré, em cargas feitas sem vozes de comando, um sargento, contra

todas as praxes, dirigia a vanguarda.

Desta maneira penetraram de novo nas gargantas do Cambaio. Ali estava a mesma passagem temerosa, estreitando-se em gargantas, ou içada a meia encosta, num releixo sobre os abismos; entalando-se entre escarpas; aberta a esmo ao viés das vertentes; sobranceada em todo o percurso pelas trincheiras alterosas. Uma variante apenas: de bruços ou de supino sobre as pedras, desenlapando-se à boca das furnas, esparsos pelas encostas, viam-se os jagunços vitimados na véspera.

Os companheiros sobreviventes passavam-lhes, agora, de permeio, parecendo uma turba vingadora de demônios entre caída multidão de espectros...

Não arremetiam mais em chusma sobre a linha, desafiando as últimas granadas; flanqueavam-na, em correrias pelos altos, deixando que agisse, quase exclusiva, a sua arma formidável – a terra. Esta bastava-lhes. O curiboca que partira a lazarina ou o ferrão se perdera no torvelino, volvia o olhar em torno – e a montanha era um arsenal. Ali estavam blocos esparsos ou arrumados em pilhas vacilantes prestes a desencadear o potencial de quedas violentas, pelos declives. Abarcava-os; transmudava a espingarda imprestável em alavanca; e os monólitos abalados oscilavam, e caíam, e rolavam, a princípio em rumo incerto entre as dobras do terreno, depois, mais rápidos, pelas normais de máximo declive, despenhando-se, por fim, vertiginosamente, em saltos espantosos; e batendo contra as outras pedras, e esfarelando-as em estilhas, passavam como balas rasas monstruosas sobre as tropas apavoradas.

Estas embaixo salvavam-se cobertas pelo ângulo morto do próprio caminho a meia encosta, sob um avalanche de blocos e graeiros. As fadigas da marcha abatiam-nas mais que o inimigo. O Sol culminara ardente e a luz crua do dia tropical caindo na região pedregosa e despida, refluía aos espaços num flamejar de queimadas grandes alastrando-se pelas serras.

A natureza toda quedava-se imóvel naquele deslumbramento, sob o espasmo da canícula. Os próprios tiros mal quebravam o silêncio: não havia ecos nos ares rarefeitos, irrespiráveis. Os estampidos estalavam, secos, sem ressoarem; e a brutalidade humana rolava surdamente dentro da quietude universal das coisas...

A travessia das trincheiras foi lenta.

Entretanto, os sertanejos por bem dizer não agrediam.

Num tripúdio de símios amotinados pareciam haver transmudado tudo aquilo num passatempo doloroso e num apedrejamento. Desfilavam pelos altos em corrimaças turbulentas e ruidosas. Os lutadores embaixo seguiam como atores infelizes, no epílogo de um drama mal representado. Toda a agitação de dois dias sucessivos de combates e provações tinha o repentino desfecho de uma arruaça sinistra. Piores que as descargas, ouviam brados irônicos e irritantes, cindidos de longos assovios e cachinadas estrídulas, como se os encalçasse uma matula barulhenta de garotos incorrigíveis.

Assim chegaram, ao fim de três horas de marcha, a Bendegó de Baixo. Salvou-os a admirável posição desse lugar, breve planalto em que se complana a estrada, permitindo mais eficazes recursos de defesa.

O último recontro aí se fez, ao cair da noite, à meia-luz dos rápidos crepúsculos do sertão.

Foi breve, mas temeroso. Os jagunços deram a última investida com a artilharia, que timbravam em arrebatar à tropa. As metralhadoras, porém, disparadas a cavaleiro, rechaçaram-nos; e, varridos a metralha, deixando vinte mortos, rolaram para as baixadas, perdendo-se na noite...

Estavam findas as horas de provações.

Um incidente providencial completou o sucesso. Fustigado talvez pelas balas, um rebanho de cabras ariscas invadiu o acampamento, quase ao tempo em que refluíam os sertanejos repelidos. Foi uma diversão feliz. Homens absolutamente exaustos apostaram carreiras doudas com os velozes animais em torno dos quais a força circulou delirante de alegria, prefigurando os regalos de um banquete, após dois dias de jejum forçado; e, uma hora depois, acocorados em torno das fogueiras, dilacerando carnes apenas sapecadas – andrajosos, imundos, repugnantes – agrupavam-se, tintos pelos clarões dos braseiros, os heróis infelizes, como um bando de canibais famulentos, em repasto bárbaro...

A expedição no outro dia, cedo, prosseguiu para Monte Santo.

Não havia um homem válido. Aqueles mesmos que carregavam os companheiros sucumbidos claudicavam, a cada passo, com os pés sangrando, varados de espinhos e cortados pelas pedras. Cobertos de chapéus de palha grosseiros, fardas em trapos, alguns tragicamente ridículos mal velando a nudez com os capotes em pedaços, mal alinhando-se em simulacro de formatura, entraram pelo arraial lembrando uma turma de retirantes, batidos dos sóis bravios, fugindo à desolação e à miséria.

A população recebeu-os em silêncio.

VI

Naquele mesmo dia, à tarde, animaram-se de novo as encostas do Cambaio. O fragor dos combates, porém, trocara-se pela assonância das litanias melancólicas. Lentamente, caminhando para Canudos, extensa procissão derivava pelas serras. Os crentes substituíam os batalhadores e volviam para o arraial, carregando aos ombros, em toscos pálios de jiraus de paus roliços amarrados com cipós, os cadáveres dos mártires da fé.

O dia fora despendido na lúgubre pesquisa, a que se dedicara a população inteira. Haviam-se esquadrinhado todas as anfractuosidades, e todos os dédalos rasgados entre pedras, e todos os algares fundos, e todas as taliscas apertadas...

Muitos lutadores ao baquearem pelas ladeiras, em resvalos, tinham caído em barrocais e grotas; outros, mal seguros pelas arestas pontiagudas das rochas atravessando-lhes as vestes, balouçavam-se sobre abismos; e, descendo às grotas profundas, e alando-se aos vértices dos fraguedos abruptos, colhiam-nos os companheiros compassivos.

À tarde ultimava-se a missão piedosa.

Faltavam poucos, os que a tropa queimara.

O fúnebre cortejo seguia agora para Canudos...

Muito baixo no horizonte, o Sol descia vagarosamente, tangenciando com o limbo rutilante o extremo das chapadas remotas e o seu último clarão, a cavaleiro das sombras, que já se adunavam nas baixadas, caía sobre o dorso da montanha... Aclarou-o por momentos. Iluminou, fugaz, o préstito, que seguia à cadência das rezas. Deslizou, insensivelmente, subindo, à medida que lentamente ascendiam as sombras, até ao alto, onde os seus últimos raios cintilaram nos píncaros altaneiros. Estes fulguravam por instantes, como enormes círios, prestes acesos, prestes apagados, bruxuleando na meia-luz do crepúsculo.

Brilharam as primeiras estrelas. Rutilando na altura, a cruz resplandecente de Órion, alevantava-se sobre os sertões...

EXPEDIÇÃO MOREIRA CÉSAR

I O coronel Antonio Moreira César e o meio que o celebrizou. Primeira expedição regular. Como a aguardam os jagunços.

II Partida de Monte Santo. Primeiros erros. Nova estrada. Psicologia do soldado.

III O primeiro encontro, Pitombas. "Em acelerado!" Dois cartões de visita a Antonio Conselheiro. No alto da Favela. Um olhar sobre Canudos.

IV A ordem de batalha e o terreno. Cidadela-mundéu. Ataques. Saque antes do triunfo. Recuo. Ao bater da Ave-Maria.

V Sobre o alto do Mário.

VI Retirada; debandada; fuga. Um arsenal ao ar livre e uma diversão cruel.

I

O novo insucesso das armas legais, imprevisto para toda a gente, coincidia com uma fase crítica da nossa história.

A pique ainda das lastimáveis consequências de sanguinolenta guerra civil, que rematara ininterrupta série de sedições e revoltas, emergentes desde os primeiros dias do novo regime, a sociedade brasileira, em 1897, tinha alto grau de receptividade para a intrusão de todos os elementos revolucionários e dispersivos. E quando mais tarde alguém se abalançar a definir, à luz de expressivos documentos, a sua psicologia interessante naquela quadra, demonstrará a inadaptabilidade do povo à legislação superior do sistema político recém-inaugurado, como se este, pelo avantajar-se em demasia ao curso de uma evolução vagarosa, tivesse, como efeito predominante, alastrar sobre um país que se amolentara no marasmo monárquico, intenso espírito de desordem, precipitando a República por um declive onde os desastres repontavam, ritmicamente, delatando a marcha cíclica de uma moléstia.

O governo civil, iniciado em 1894, não tivera a base essencial de uma opinião pública organizada. Encontrara o país dividido em vitoriosos e vencidos. E quedara na impotência de corrigir uma situação que não sendo francamente revolucionária e não sendo também normal, repelia por igual os recursos extremos da força e o influxo sereno das leis. Estava defronte de uma sociedade que progredindo em saltos, da máxima frouxidão ao rigorismo máximo, das conspirações incessantes aos estados de sítio repetidos, parecia espelhar incisivo contraste entre a sua organização intelectual imperfeita e a organização política incompreendida.

De sorte que lhe sendo impossível substituir o lento trabalho de evolução para alevantar a primeira ao nível da última, deixava que se verificasse o fenômeno inverso: a significação superior dos princípios democráticos decaía – sofismada, invertida, anulada.

Não havia obstar essa descensão. O governo anterior, do marechal Floriano Peixoto, tivera, pelas circunstâncias especialíssimas que o rodearam, função combatente e demolidora. Mas no abater a indisciplina emergente de sucessivas sedições, agravara a instabilidade social e fora de algum modo contraproducente, violando flagrantemente um programa preestabelecido. Assim é que nascendo do revide triunfante contra um golpe de Estado violador das garantias constitucionais, criara o processo da suspensão de garantias; abraçado tenazmente à Constituição, afogava-a; fazendo da legalidade a maior síntese de seus desígnios, aquela palavra, distendida à consagração de todos os crimes, transmudara-se na fórmula antinômica de uma terra sem leis. De sorte que o inflexível *marechal de ferro* tivera, talvez involuntariamente, porque a sua

figura original é ainda um intricado enigma, desfeita a missão a que se devotara. Apelando, nas aperturas das crises que o assoberbaram, incondicionalmente, para todos os recursos, para todos os meios e para todos os adeptos, surgissem de onde surgissem, agia inteiramente fora da amplitude da opinião nacional, entre as paixões e interesses de um partido que, salvante bem raras exceções, congregava todos os medíocres ambiciosos que, por instinto natural de defesa, evitam as imposições severas de um meio social mais culto. E ao debelar, nos últimos dias de seu governo, a Revolta de Setembro, que enfeixara todas as rebeldias contrariadas e todos os tumultos dos anos anteriores, formara, latentes, prestes a explodir, os germens de mais perigosos levantes.

Destruíra e criara revoltosos. Abatera a desordem com a desordem. Ao deixar o poder não levara todos os que o haviam acompanhado nos transes dificílimos do governo. Ficaram muitos agitadores, robustecidos numa intensa aprendizagem de tropelias, e estes viam-se contrafeitos no plano secundário a que naturalmente volviam. Traziam o movimento irreprimível de uma carreira fácil e vertiginosa demais para estacar de súbito: dilataram-na pela nova situação adentro.

Viu-se, então, um caso vulgaríssimo de psicologia coletiva: colhida de surpresa, a maioria do país inerte e absolutamente neutral, constituiu-se veículo propício à transmissão de todos os elementos condenáveis que cada cidadão, isoladamente, deplorava. Segundo o processo instintivo, que lembra na esfera social a herança de remotíssima predisposição biológica, tão bem expressa no *mimismo psichico* de que nos fala Scipio Sighele, as maiorias conscientes, mas tímidas, revestiam-se, em parte, da mesma feição moral dos medíocres atrevidos que lhes tomavam a frente. Surgiram, então, na tribuna, na imprensa e nas ruas – sobretudo nas ruas – individualidades que nas situações normais tombariam à pressão do próprio ridículo. Sem ideais, sem orientação nobilitadora, peados num estreito círculo de ideias, em que entusiasmo suspeito pela República se aliava a nativismo extemporâneo e à cópia grosseira de um jacobinismo pouco lisonjeiro à História – aqueles agitadores começaram a viver da exploração pecaminosa de um cadáver. O túmulo do marechal Floriano Peixoto foi transmudado na arca de aliança da rebeldia impenitente e o nome do grande homem fez-se a palavra de ordem da desordem.

A retração criminosa da maioria pensante do país permitia todos os excessos; e no meio da indiferença geral todas as mediocridades irritadiças conseguiram imprimir àquela quadra, felizmente transitória e breve, o traço mais vivo que a caracteriza. Não lhes bastavam as cisões remanescentes, nem os assustava uma situação econômica desesperadora: anelavam avolumar aquelas e tornar a última insolúvel. E como o exército se erigia, ilogicamente, desde o movimento abolicionista até à proclamação da República, em elemento ponderador das agitações nacionais, cortejavam-no, captavam-no, atraíam-no afanosamente e imprudentemente.

Ora de todo o exército, um coronel de infantaria, Antonio Moreira César, era quem parecia haver herdado a tenacidade rara do grande debelador de revoltas.

O fetichismo político exigia manipansos de farda.

Escolheram-no para novo ídolo.

E à nova do desastre avolumando a gravidade da luta nos sertões, o governo não descobriu quem melhor lhe pudesse balancear as exigências gravíssimas. Escolheu-o para chefe da expedição vingadora.

Em torno do nomeado criara-se uma legenda de bravura.

Recém-vindo de Santa Catarina, onde fora o principal ator no epílogo da campanha federalista do Rio Grande, tinha excepcional renome feito de aclamações e apodos, consoante o modo de julgar incoerente e extremado da época em que eram vivos os mínimos incidentes da guerra civil distendida da baía do Rio de Janeiro para o Sul, pela revolta da esquadra.

Entre dois extremos, do arrojo de Gumercindo Saraiva à abnegação de Gomes Carneiro, a opinião nacional oscilava espelhando os mais díspares conceitos no aquilatar vitoriosos e vencidos; e nessa instabilidade, nesse baralhamento, nesse afogueado expandir da nossa sentimentalidade suspeita, o que de fato se fazia em todos os tons, com todas as cores e sob aspectos vários – era a caricatura do heroísmo. Os heróis, imortais de quarto de hora, destinados à suprema consagração de uma placa à esquina das ruas, entravam, surpreendidos e de repente pela história dentro, aos encontrões, como intrusos desapontados, sem que se pudesse saber se eram bandidos ou santos, envoltos de panegíricos e convícios, surgindo entre ditirambos ferventes, ironias diabólicas e invectivas despiedadas, da sangueira de Inhanduí, da chacina de Campo Osório, do cerco memorável da Lapa, dos barrocais do Pico do Diabo, ou do platonismo marcial de Itararé.

Irrompiam a granel. Eram legião. Todos saudados; amaldiçoados todos.

Ora entre eles o coronel Moreira César era figura à parte.

Surpreendiam-se igualmente ao vê-lo admiradores e adversários.

O aspecto reduzia-lhe a fama. De figura diminuta – um tórax desfibrado sobre pernas arcadas em parênteses – era organicamente inapto para a carreira que abraçara.

Faltava-lhe esse aprumo e compleição inteiriça que no soldado são a base física da coragem.

Apertado na farda, que raro deixava, o dólmã feito para ombros de adolescente frágil agravava-lhe a postura.

A fisionomia inexpressiva e mórbida completava-lhe o porte desgracioso e exíguo. Nada, absolutamente, traía a energia surpreendedora e temibilidade rara de que dera provas, naquele rosto de convalescente sem uma linha original

e firme: – pálido, alongado pela calva em que se expandia a fronte bombeada, e mal alumiado por olhar mortiço, velado de tristeza permanente.

Era uma face imóvel como um molde de cera, tendo a impenetrabilidade oriunda da própria atonia muscular. Os grandes paroxismos da cólera e a alacridade mais forte, ali deviam amortecer-se inapercebidos, na lassidão dos tecidos, deixando-a sempre fixamente impassível e rígida.

Os que pela primeira vez o viam custava-lhes admitir que estivesse naquele homem de gesto lento e frio, maneiras corteses e algo tímidas, o campeador brilhante, ou o demônio crudelíssimo que idealizavam. Não tinha os traços característicos nem de um, nem de outro. Isto, talvez, porque fosse as duas coisas ao mesmo tempo.

Justificavam-se os que o aplaudiam e os que o invectivavam. Naquela individualidade singular entrechocavam-se, antinômicas, tendências monstruosas e qualidades superiores, umas e outras no máximo grau de intensidade. Era tenaz, paciente, dedicado, leal, impávido, cruel, vingativo, ambicioso. Uma alma proteiforme constrangida em organização fragílima.

Aqueles atributos, porém, velava-os reserva cautelosa e sistemática. Um único homem os percebeu ou decifrou bem, o marechal Floriano Peixoto. Tinha para isto a afinidade de inclinações idênticas. Aproveitou-o, na ocasião oportuna, como Luís XII aproveitaria Bayard, se pudesse enxertar na bravura romanesca do Cavaleiro sem Máculas as astúcias de Fra Diavolo.

Moreira César estava longe da altitude do primeiro e mais longe ainda da depressão moral do último. Não seria, entretanto, imperdoável exagero considerá-lo misto reduzido de ambos. Alguma coisa de grande e incompleto, como se a evolução prodigiosa do predestinado parasse, antes da seleção final dos requisitos raros com que o aparelhara, precisamente na fase crítica em que ele fosse definir-se como herói ou como facínora. Assim, era um desequilibrado. Em sua alma a extrema dedicação esvaía-se no extremo ódio, a calma soberana em desabrimentos repentinos e a bravura cavalheiresca na barbaridade revoltante.

Tinha o temperamento desigual e bizarro de um epiléptico provado, encobrindo a instabilidade nervosa de doente grave em placidez enganadora.

Entretanto, não raro, a sua serenidade partia-se rota pelos movimentos impulsivos da moléstia que somente mais tarde, mercê de comoções violentas, se desvendou inteiramente nas manifestações físicas dos ataques. E se pudéssemos acompanhar a sua vida assistiríamos ao desdobramento contínuo do mal, que lhe imprimiu, como a outros sócios de desdita, um feitio original e interessante, definido por uma sucessão por demais eloquente de atos que, aparecendo intercalados por períodos de calma crescentemente reduzidos, constituem os pontos determinantes da curva inflexível em que o arrebatava a fatalidade biológica.

De feito, eram correntes entre os seus companheiros de armas os episódios frisantes que, de tempos a tempos, com ritmo inabalável, lhe interferiam a linha de uma carreira militar correta como poucas.

Fora longo rememorá-los, além do perigo de incidirmos no arquivar versões exageradas ou falsas.

À parte, porém, todos os casos duvidosos, definidos sempre pelo traço preponderante de vias de fato violentíssimas – aqui o ultraje, a rebencadas, de um médico militar; além a arremetida a faca, felizmente tolhida em tempo, contra um oficial argentino, por certa palavra mal compreendida – apontemos, de relance, os mais geralmente conhecidos.

Um sobretudo dera relevo à sua energia selvagem.

Foi em 1884, no Rio de Janeiro. Um jornalista, ou melhor um alucinado, criara, agindo libérrimo graças à frouxidão das leis repressivas, escândalo permanente de insultos intoleráveis na Corte do antigo Império; e tendo respingado sobre o exército parte das alusões indecorosas, que por igual abrangiam todas as classes, do último cidadão ao monarca, foi infelizmente resolvida por alguns oficiais, como supremo recurso, a justiça fulminante e desesperadora do linchamento.

Assim se fez. E entre os subalternos encarregados de executar a sentença – em plena rua, em pleno dia, diante da justiça armada pelos Comblains de toda a força policial em armas – figurava, mais graduado, o capitão Moreira César, ainda moço, à volta dos trinta anos, e tendo já em seus assentamentos, averbados, merecidos elogios por várias comissões exemplarmente cumpridas. E foi o mais afoito, o mais impiedoso, o primeiro talvez no esfaquear pelas costas a vítima, exatamente na ocasião em que ela, num carro, sentada ao lado de autoridade superior do próprio Exército, se acolhera ao patrocínio imediato das leis...

O crime acarretou-lhe a transferência para Mato Grosso, e dessa Sibéria canicular do nosso Exército tornou somente após a proclamação da República.

Vimo-lo nessa época.

Era ainda capitão e embora nunca houvesse arrancado da espada em combate, recordava um triunfador. Nos dias ainda vacilantes do novo regime, o governo parecia desejar ter perto de si aquele esteio firme – o homem para as crises perigosas e para as grandes temeridades. A sua figura de menino atravessava os quartéis e as ruas envolta de murmúrio simpático e louvaminheiro comentando-lhe em lisonjarias os lances capitais da vida, acerca dos quais, entretanto, era de todo muda uma fé de ofício de burocrata inofensivo e tímido, repleta de encômios ao desempenho de missões pacíficas.

Por um contraste expressivo, nos documentos da profissão guerreira é que estava a placabilidade de uma existência acidentada, revolta e turbulenta em que, não raro, relampagueara a faca, ao lado da espada inteiramente virgem.

Esta saiu-lhe da bainha, afinal, nos últimos anos da existência. Em 1893, já coronel, porque galgara velozmente três postos em dois anos, ao declarar-se a Revolta da Armada, o marechal Floriano destacou-o armado de poderes discricionários para Santa Catarina, como uma barreira à conflagração que se reanimara no Sul e ameaçava os estados limítrofes. Seguiu; e em ponto algum

do nosso território pesou tão firme e tão estrangulador o guante dos estados de sítio.

Os fuzilamentos que ali se fizeram, com triste aparato de imperdoável maldade, dizem-no de sobra. Abalaram tanto a opinião nacional que, ao terminar a revolta, o governo civil, recém-inaugurado, pediu contas de tais sucessos ao principal responsável. A resposta, pelo telégrafo, foi pronta. Um "*não*", simples, seco, atrevido, cortante, um dardo batendo em cheio a curiosidade imprudente dos poderes constituídos, sem o atavio, sem o rodeio, sem a ressalva da explicação mais breve.

Meses depois chamaram-no ao Rio de Janeiro.

Embarca com o seu batalhão, o 7º, num navio mercante; e em pleno mar, com surpresa dos próprios companheiros, prende o comandante. Assaltara-o – sem que para tal houvesse o mínimo pretexto – a suspeita de uma traição, um desvio na rota, adrede disposto para o perder e aos soldados. O ato seria absolutamente inexplicável se não o caracterizássemos como aspecto particular da desorganização psíquica que o vitimava.

Não lhe diminuiu, contudo, o prestígio. Fez-se dono do batalhão que comandava; deu-lhe um pessoal que ultrapassava, de muito, o número regulamentar de praças, entre as quais – em manifesta violação da lei – dezenas de crianças que não podiam carregar as armas; e, imperando incondicionalmente, organizou o melhor corpo do exército, porque nos longos intervalos lúcidos patenteava, francas, qualidades eminentes e raras de chefe disciplinador e inteligente, contrastando com os paroxismos da exaltação intermitente.

Estes tornaram-se, por fim, mais ostensivos e repetidos – num crescendo inflexível.

Nomeado para a expedição contra Canudos, estadeou-os, numa série de desatinos culminados afinal por uma catástrofe.

Vê-los-emos em breve, extremados por dois ímpetos de impulsivo: a partida caprichosa de Monte Santo, de improviso, com espanto de seu próprio estado-maior, precisamente na véspera do dia prefixo em detalhe para a marcha; e, três dias mais tarde, o arremesso contra o arraial, de mil e tantos homens exaustos de uma carreira de léguas, precisamente na véspera do dia marcado para o assalto.

Estes últimos fatos, e a sua identidade está no objetivarem a mesma nevrose, tiveram a intercorrência dos ataques.

Foram uma revelação.

Todos os acidentes singulares de sua existência desconexa, viu-se afinal que eram sinais comemorativos enfeixando uma diagnose única e segura...

Realmente, a epilepsia alimenta-se de paixões; avoluma-se no próprio expandir das emoções subitâneas e fortes; mas, quando, ainda larvada, ou traduzindo-se em uma alienação apenas afetiva, solapa surdamente as consciências, parece ter na livre manifestação daquelas um derivativo salvador

atenuando os seus efeitos. De sorte que, sem exagero de frase, se pode dizer que há muitas vezes num crime, ou num lance raro de heroísmo, o equivalente mecânico de um ataque. Contido o braço homicida, ou imobilizado, de chofre, o herói no arremesso glorioso, o doente pode surgir, *ex abrupto*, sucumbindo ao acesso. Daí esses atos inesperados, incompreensíveis ou brutais, em que a vítima procura iludir instintivamente o próprio mal, buscando muitas vezes o crime como um derivativo à loucura.

Durante longo tempo numa semiconsciência de seu estado, numa série de delírios breves e fugazes, que ninguém percebe, que nem ela às vezes percebe, sente crescer a instabilidade da vida. E luta tenazmente. Os intervalos lúcidos fazem-se-lhe ponto de apoio à consciência vacilante à procura de motivos inibitórios numa ponderação cada vez mais penosa das condições normais ambientes. Aqueles, entretanto, a pouco e pouco se enfraquecem. A inteligência abalada afinal mal se subordina às condições exteriores ou relaciona os fatos e, em contínuo descair, baralha-os, perturba-os, inverte-os, deforma-os. O doente cai, então, no estado crepuscular, segundo uma expressão feliz, e condensa no cérebro, como se fosse a soma de todos os delírios anteriores, instável, pronto a desencadear-se em ações violentas, que o podem atirar no crime ou, acidentalmente, na glória, o potencial da loucura.

Cabe à sociedade, nessa ocasião, dar-lhe a camisa de força ou a púrpura. Porque o princípio geral da relatividade abrange as mesmas paixões coletivas. Se um grande homem pode impor-se a um grande povo pela influência deslumbradora do gênio, os degenerados perigosos fascinam com igual vigor as multidões tacanhas.

Ora, entre nós, se exercitava o domínio do *caput mortuum* das sociedades. Despontavam, efêmeras, individualidades singulares; e entre elas o coronel César destacava-se em relevo forte, como se a niilidade do seu passado salientasse melhor a energia feroz que desdobrara nos últimos tempos.

É cedo ainda para que se lhe defina a altitude relativa e a depressão do meio em que surgiu. Na apreciação dos fatos o tempo substitui o espaço para a focalização das imagens: o historiador precisa de certo afastamento dos quadros que contempla.

Cerremos esta página perigosa...

Deferindo ao convite que lhe fora feito, o coronel Moreira César seguiu a 3 de fevereiro para a Bahia, levando o batalhão que comandava, o 7º de infantaria, entregue à direção do major Rafael Augusto da Cunha Matos; uma bateria do 2º regimento de artilharia, comandada pelo capitão José Agostinho Salomão da Rocha; e um esquadrão do 9º de cavalaria, do capitão Pedreira Franco.

Era o núcleo da brigada de três armas, que se constituiu logo com a celeridade que as circunstâncias demandavam, ligando-se-lhe três outros

corpos, desfalcados todos; o 16º que estava em São João d'El-Rei, de onde abalou dirigido pelo coronel Sousa Meneses, com 28 oficiais e 290 praças; cerca de 140 soldados do 33º; o 9º, de infantaria do coronel Pedro Nunes Tamarindo e pequenos contingentes da força estadual baiana.

O chefe expedicionário não se demorou na Bahia. Recolhida toda a força que lá estava, prosseguiu imediatamente para Queimadas, onde, cinco dias apenas depois que partira da capital da República, a 8 de fevereiro, estava toda a expedição reunida – quase 1 300 combatentes, fartamente municiados com quinze milhões de cartuchos e setenta tiros de artilharia.

A mobilização fora, como se vê, um prodígio de rapidez. Continuou rápida. Deixando em Queimadas, "1ª base de operações", sob o comando de um tenente, platônica guarnição de 80 doentes e 70 crianças, que não suportavam o peso das mochilas, seguiu o grosso da tropa para a "2ª base de operações", Monte Santo, onde a 20 estava pronta para a investida.

Chegara, porém, mal auspiciada. Um dia antes a inervação doentia do comandante explodira numa convulsão epileptiforme, em plena estrada, antes do sítio de Quirinquinquá; e fora de caráter tal que os cinco médicos do corpo de saúde previram uma reprodução de lastimáveis consequências. Os principais chefes de corpos, porém, bem que cientes de um diagnóstico, que implicava seriamente a firmeza e as responsabilidades do comando-geral ante as condições severas da luta, forraram-se, cautelosos e tímidos, à menor deliberação a respeito.

O coronel Moreira César abeirava-se do objetivo da campanha condenado pelos próprios médicos que comandava.

É natural que não fossem as operações concertadas com a indispensável lucidez e que as inquinassem, desde o primeiro passo nos caminhos, todos os erros e inexplicáveis descuidos e inexplicável olvido de preceitos rudimentares, já rudemente corrigidos ou expostos com a maior clareza nos desastres anteriores. Nada se resolveu de acordo com as circunstâncias especialíssimas da empresa. Ficou dominando todas as decisões um plano único, um plano de delegado policial enérgico: lançar a marche-marche mil e tantas baionetas dentro de Canudos.

Isto no menor tempo possível. Os engenheiros militares Domingos Alves Leite e Alfredo do Nascimento, tenentes do estado-maior de 1ª classe, adidos à brigada, tiveram uma semana para reconhecer a paragem desconhecida e áspera. Na exiguidade de tal prazo não lhes era possível a escolha de pontos estratégicos, que firmassem uma linha de operações indispensável. O vertiginoso mesmo dos levantamentos militares, estava aquém dessa missão de afogadilho, adstrita a trianguladas fantásticas – bases medidas a olho, visadas divagantes pelos topos indistintos das serras, distâncias averbadas nos ponteiros dos podômetros presos às botas dos operadores apressados. Estes esclareciam-se inquirindo os raros habitantes dos lugares percorridos: era o arquivar longuras calcadas numa unidade traiçoeira, a légua, de estimativa exagerada pelo amor-próprio do matuto vezado às caminhadas longas; rumos

desesperadamente embaralhados ou linhas de ensaios em que um erro de cinco graus era um primor de rigorismo; informes sobre acidentes, contextura do solo e aguadas, de existência problemática e dúbia.

Subordinaram ao comandante o levantamento feito. Foi, sem maior exame, aprovado.

De acordo com ele escolheu-se a nova estrada. Envolvente a do Cambaio, pelo levante, e mais longa de nove ou dez léguas, tinha, ao que se figurava, a vantagem de se arredar da zona montanhosa. Largando de Monte Santo, as forças demandariam o arraial do Cumbe no rumo seguro de ESE, e, atingido este, inflectindo, rota em cheio para o norte, fraldejando as abas da serra de Aracati, em marcha contornante, a pouco e pouco rumando a NNO, iriam interferir no sítio do Rosário a antiga estrada de Maçacará. Escolhido este caminho não se cogitou de o transformar em linha de operações, pela escolha de dois ou três pontos defensáveis, garantidos de guarnições que, mesmo diminutas, pudessem estear a resistência, dado que houvesse um insucesso, um recuo ou uma retirada.

Ninguém cogitava na mais passageira hipótese de um revés. A exploração realizada fora até um transigir dispensável com as velharias da estratégia: bastava o olhar perspícuo do guia, capitão Jesuíno, para aclarar a rota.

Sabia-se, no entanto, que esta atravessaria longos trechos de caatingas exigindo aberturas de picadas, e extenso areal de quarenta quilômetros onde, naquela quadra, na plenitude do estio, não se compreendia a viagem sem que os combatentes fossem arcando sob carregamento de água, a exemplo das legiões romanas na Tunísia. Para obviar este inconveniente, levaram uma bomba artesiana, como se fossem conhecidas as camadas profundas da terra, pelos que lhe ignoravam a própria superfície; e houvesse, entre as fileiras, argutos rabdomantes capazes de marcar, com a varinha misteriosa, o ponto exato em que existisse o lençol líquido a aproveitar-se. Veremos a sua função mais longe.

Entretanto ia-se marchar para o desconhecido, por veredas desfrequentadas, porque todas as travessias por ali se resumem no trecho de uma estrada secular, a de Bom Conselho a Jeremoabo, contornando e evitando pelo levante os agros tabuleiros que lhe demoram ao norte, e descem insensivelmente para o Vaza-Barris, formando no ligeiro *divortium aquarum*, entre este e o Itapicuru, desmedidos areais sem o mais exíguo regato, porque absorvem, numa sucção de esponja, os mais impetuosos aguaceiros.

A jornada pressupunha-se longa e inçada de tropeços. Cento e cinquenta quilômetros, um mínimo de vinte e cinco léguas, que valiam por uma longura décupla, ante o despovoamento e maninhez da terra. Era natural que se garantisse ao menos a pretensa base de operações, para que se não insulasse inteiramente a tropa no deserto. Apesar disto, Monte Santo, com as suas péssimas condições de defesa, dominada pela serrania a prumo, de onde meia dúzia de inimigos podiam batê-la toda, a salvo, ficaria sob o comando do coronel Meneses com uma guarnição deficiente de poucas dezenas de praças.

De sorte que os jagunços poderiam facilmente tomá-la, enquanto o resto da tropa seguisse para Canudos. Não o fizeram. Mas era de presumir que o fizessem porque lá chegavam informes acordes todos no assegurar que os sertanejos se aparelhavam fortemente para a luta.

Eram certas as notícias.

Canudos aumentara em três semanas de modo extraordinário. A nova do último triunfo sobre a expedição Febrônio, avolumada pelos que a espalhavam, romanceada já de numerosos episódios, destruíra as últimas vacilações dos crentes que até então tinham temido procurar o falanstério de Antonio Conselheiro.

Como nos primeiros tempos da fundação, a todo o momento, pelo alto das colinas, apontavam grupos de peregrinos em demanda da paragem lendária – trazendo tudo, todos os haveres; muitos carregando em redes os parentes enfermos, moribundos ansiando pelo último sono naquele solo sacrossanto, ou cegos, paralíticos e lázaros, destinando-se ao milagre, à cura imediata, a um simples gesto do taumaturgo venerado. Eram, como sempre, toda a sorte de gente: pequenos criadores, vaqueiros, crédulos e possantes, de parceria, na mesma congérie, com os vários tipos de mangalaça sertaneja; ingênuas mães de família, irmanadas a zabaneiras incorrigíveis e trêfegas. No couce dessas procissões, viam-se, invariavelmente, sem compartirem das litanias entoadas, estranhos, seguindo sós, como de sobrerrolda ao movimento dos fiéis, os bandidos soltos – capangas em disponibilidade, procurando um teatro maior à índole aventureira e à valentia impulsiva. No correr do dia, pelas estradas do Calumbi, de Maçacará, de Jeremoabo e de Uauá, convergindo dos quadrantes, chegavam cargueiros repletos de toda a sorte de mantimentos, enviados diretamente a Canudos pelos adeptos que de longe o avitualhavam, em Vila Nova da Rainha, Alagoinhas, em todos os lugares. Havia abastança e um entusiasmo forte.

Logo ao apontar da manhã distribuíam-se os trabalhos. Não faltavam braços; havia-os até de sobra. Destacavam-se piquetes vigilantes, de vinte homens cada um, ao mando de cabecilha de confiança, para vários pontos de acesso – em Cocorobó, junto à confluência do Macambira, na baixada das Umburanas e no alto da Favela, a fim de renderem os que ali haviam atravessado a noite, velando. Seguiam para as insignificantes plantações, estiradas pelas duas margens do rio, os que na véspera já tinham pago o tributo de se entregarem ao serviço comum. Dirigiam-se para as obras da igreja, outros; e outros – os mais ardilosos e vivos – para mais longe, para Monte Santo, para o Cumbe, para Queimadas, em comissões delicadas, indagando acerca dos novos invasores, confabulando com os fiéis que naquelas localidades se afrontavam com a vigilância das autoridades, adquirindo

armamentos, ajeitando contrabandos afinal fáceis de serem feitos, espiando tudo, de tudo inquirindo cautelosamente.

E partiam felizes. Pelos caminhos fora passavam pequenos grupos ruidosos, carregando armas ou ferramentas de trabalho, cantando. Olvidavam os morticínios anteriores. No ânimo de muitos repontava a esperança de que os deixariam, afinal, na quietude da existência simples do sertão.

Os chefes, porém, não se iludiam. Premunidos de cautelas, concertaram, na defesa urgente. Pelos dias ardentes, viam-se os sertanejos, esparsos sobre o alto dos cerros e à ourela dos caminhos, rolando, carregando ou amontoando pedras, rasgando a terra a picareta e a enxada numa faina incessante. Construíam trincheiras.

O sistema era, pela rapidez, um ideal de fortificação passageira: aberta cavidade circular ou elíptica, em que pudesse ocultar-se e mover-se à vontade o atirador, bordavam-na de pequenos espaldões de pedras justapostas, com interstícios para se enfiar o cano das espingardas. As placas de talcoxisto, facilmente extraídas com todas as formas desejadas, facilitavam a tarefa. Explicam o extraordinário número desses fojos tremendos que progredindo, regularmente intervalados, para todos os rumos, crivando a terra toda em roda de Canudos, semelhavam canhoneiras incontáveis de uma fortaleza monstruosa e sem muros. Eram locadas, cruzando os fogos sobre as veredas, de tal modo que, sobretudo nos longos trechos onde aquelas seguem aproveitando o leito seco dos riachos, tornavam dificílima a travessia à tropa mais robusta e ligeira. E como previssem que esta, procurando escapar àquelas passagens perigosas, volvesse aos lados assaltando e conquistando as trincheiras que as orlavam, fizeram próximas, no alto das barrancas, outras mais distantes e identicamente dispostas, em que se pudessem acolher e continuar o combate os atiradores repelidos. De sorte que seguindo pelos caminhos ou abandonando-os, os antagonistas seriam sempre colhidos numa rede de balas.

É que os rebeldes dispensavam quaisquer ensinamentos para estes preparativos. A terra era um admirável modelo: serrotes empinando-se em redutos, rios escavando-se em passagens cobertas e fossos; e, por toda a parte, as caatingas trançadas em abatises naturais. Escolhiam os arbustos mais altos e frondentes. Trançavam-lhes jeitosamente os galhos interiores, sem lhes desfazer a fronde, de modo a se formar, dois metros sobre o chão, pequeno jirau suspenso, capaz de suportar comodamente um ou dois atiradores invisíveis, ocultos na folhagem. Eram uma usança avoenga, aqueles mirantes singulares com os quais desde muito vezavam tocaiar os canguçus bravios. Os *mutãs*[70] dos indígenas intercalavam-se, deste modo, destacadamente, completando o alinhamento das trincheiras. Ou então dispositivos mais sérios. Descobriam um cerro coroado de grandes blocos redondos, em acervos. Desentupiam as suas junturas e as largas brechas, onde viçavam cardos e bromélias; abriam-nas como postigos estreitos, mascarados de espessos renques de gravatás, limpavam depois os repartimentos interiores; e moviam-

se, por fim, folgadamente, entre os corredores do monstruoso blocausse dominante sobre as várzeas e os caminhos, e de onde podiam, sem riscos, alvejar os mais remotos pontos.

Não ficavam nisto os preparativos. Reparavam-se as armas. No arraial estrugia a orquestra estridente das bigornas, à cadência dos malhos e marrões: enrijando e maleando as foices entortadas; aguçando e aceirando os ferrões buídos; temperando as lâminas largas das *facas de arrasto*, compridas como espadas; retesando os arcos, que lembram uma transição entre as armas dos selvagens e a antiga besta de polé; consertando a fecharia perra das velhas espingardas e garruchas. E das tendas abrasantes irrompia um ressoar metálico de arsenais ativos.

Não era suficiente a pólvora adquirida nas vilas próximas, faziam-na: tinham o carvão, tinham o salitre, apanhado à flor da terra mais para o norte, junto ao São Francisco, e tinham, desde muito, o enxofre. O explosivo surgia perfeito, de uma dosagem segura, rivalizando bem com os que adotavam nas caçadas.

Não faltavam balas. A goela larga dos bacamartes aceitava tudo: seixos rolados, pedaços de pregos, pontas de chifres, cacos de garrafas, esquírolas de pedras.

Por fim não faltavam lutadores famanazes, cujas aventuras de pasmar corriam pelo sertão inteiro.

Porque a universalidade do sentimento religioso, de par com o instinto da desordem, ali agremiara não baianos apenas se não filhos de todos os estados limítrofes. Entre o "jagunço" do São Francisco e o "cangaceiro" dos Cariris, surgiam, sob todos os matizes, os valentões tradicionais dos conflitos sertanejos, variando até então apenas no nome, nas sedições parceladas, dos "calangros", dos "balaios" ou dos "cabanos".

Correra nos sertões um toque de chamada...

Dia a dia chegavam ao arraial singulares recém-vindos absolutamente desconhecidos. Vinham "debaixo do cangaço": a capanga atestada de balas e o polvarinho cheio; a garrucha de dois canos atravessada à cinta, de onde pendia a parnaíba inseparável; à bandoleira, o clavinote de boca de sino. Nada mais. Entravam pelo largo, sem que lhes indagassem a procedência, como se fossem antigos conhecidos. Recebia-os o astuto João Abade que, pleiteando-lhes parelhas na turbulência, tinha a ascendência de uma argúcia rara e uns laivos de superioridade mental, graças talvez à circunstância de haver estudado no liceu de uma das capitais do Norte, de onde fugira após haver assassinado a noiva, o seu primeiro crime. O certo é que os dominava e disciplinava. "Comandante da rua", título inexplicável naquele labirinto de bitesgas, sem abandonar o povoado exercia-lhe absoluto domínio que estendia pela redondeza, num raio de cinco léguas em volta, percorrida continuamente pelas rondas velozes dos piquetes.

Obedeciam-no incondicionalmente. Naquela dispersão de ofícios, múltiplos e variáveis, onde ombreavam o tabaréu crendeiro e o facínora despejado, estabelecera-se raro entrelaçamento de esforços; e a mais perfeita

conformidade de vistas volvidas para um objetivo único: reagir à invasão iminente.

Houve, todavia, segundo o revelaram alguns prisioneiros no termo da campanha, uma parada súbita na azáfama guerreira, um como sobressalto, estuporando a grei revoltosa e pondo-a a pique de dissolução repentina: foi quando, voltando dos diversos pontos os emissários, que tinham ido indagar sobre a marcha invasora, trouxeram, a par de informações seguras quanto ao número e armamento dos soldados, o renome do novo comandante.

Imobilizou a atividade febril dos jagunços a síncope de um espanto extraordinário. Exagerara-se demais na distensão das mais extravagantes fantasias a temibilidade daquele. Era o Anticristo, vindo jungir à derradeira prova os penitentes infelizes. Imaginaram-no herói de grande número de batalhas, catorze como especificou um rude poeta sertanejo, no canto que depois consagrou à campanha; e prefiguraram a devastação dos lares, dias de tortura sem nome, a par duríssimos tratos. Canudos dissolvido a bala, e a fogo, e a espada...

Deram-lhe um apelido lúgubre – “Corta-cabeças”...

Segundo depois se soube, nenhuma das expedições foi aguardada com ansiedade igual. Houve mesmo algumas deserções, rareando principalmente as fileiras que deviam tornar-se mais fortes, a dos adventícios perigosos que para lá iam não já sob o estímulo de uma crença senão pelo anelo dos desmandos e dos conflitos. Os piquetes, ao tornarem dos arredores, chegavam desfalcados de alguns daqueles sinistros companheiros.

Mas esse movimento de temor redundara em movimento seletivo. Expungira o arraial de incrédulos e tímidos. A grande maioria dos verdadeiros crentes permaneceu resignada.

Desinfluído embora, o povo volvera-se para a última instância da fé religiosa. E não raro, então, atirando para o lado as armas emperradas, o arraial inteiro saía em longas procissões de penitência pelos descampados.

Cessaram, de chofre, os contingentes de peregrinos. Cessou o mourejar febril dos preparativos bélicos. Os piquetes que diariamente, ao clarear das manhãs, seguiam para diversos pontos, não mais passavam pelas veredas entoando as cantigas altas e festivas; embrenhavam-se, cautos, pelas moutas, quedando-se largas horas, silenciosos, vigilantes.

Nesta situação aflitíssima, saiu a campo, alentando os combatentes robustos mas apreensivos, a legião fragílima da beataria numerosa. Ao anoitecer, acesas as fogueiras, a multidão, genuflexa, prolongava além do tempo consagrado, as rezas, dentro da latada.

Esta, entressachada de ramas aromáticas de caçatinga, tinha, estremando-a, à porta do Santuário, uma pequena mesa de pinho coberta de toalha alvíssima.

Abeirava-a, ao findar dos terços, uma figura estranha.

Revestido da longa camisa de azulão, que lhe descia, sem cintura, desgraciosamente, escorrida pelo corpo alquebrado abaixo; torso dobrado,

fronte abatida e olhos baixos, Antonio Conselheiro aparecia. Quedava longo tempo, imóvel e mudo, ante a multidão silenciosa e queda. Erguia lentamente a face macilenta, de súbito iluminada por olhar fulgurante e fixo. E pregava.

A noite descia de todo e o arraial repousava sob o império do evangelista humílimo e formidável...

II

Iam partir as tropas a 22 de fevereiro. E consoante a praxe, na véspera, à tarde, formaram numa revista em ordem de marcha para que se lhes avaliassem o equipamento e as armas.

A partida realizar-se-ia no dia subsequente, irrevogavelmente. Determinara-a a "ordem de detalhe".

Neste pressuposto alinharam-se os batalhões num quadrado, perlongando as faces do largo de Monte Santo.

Ali estavam: o 7º, com efetivo superior ao normal, comandado interinamente pelo major Rafael Augusto da Cunha Matos; o 9º, que pela terceira vez se aprestava à luta, ligeiramente desfalcado, sob o mando do coronel Pedro Nunes Tamarindo; frações do 33º e 16º, dirigidas pelo capitão Joaquim Quirino Vilarim; a bateria de 4 Krupps do 2º regimento, comandada pelo capitão José Salomão Agostinho da Rocha; um esquadrão de cinquenta praças do 9º de Cavalaria, ao mando do capitão Pedreira Franco; contingentes da polícia baiana; corpo de saúde chefiado pelo dr. Ferreira Nina; e comissão de engenharia. Excetuavam-se setenta praças do 16º, que ficaram com o coronel Sousa Meneses guarnecendo a vila.

Eram ao todo 1 281 homens – tendo cada um 220 cartuchos nas patronas e cargueiros, à parte a reserva de 60 000 tiros no comboio geral.

Fez-se a revista. Mas contra a expectativa geral ao invés da voz do ensarilhar armas e debandar, ressoou a corneta ao lado do comando em chefe, dando a de "coluna de marcha".

O coronel Moreira César, deixando depois, a galope, o lugar onde até então permanecera tomou-lhe logo a frente.

Iniciava-se quase ao cair da noite a marcha para Canudos.

O fato foi de todo em todo inesperado. Mas não houve o mais leve murmúrio nas fileiras. A surpresa, retratando-se em todos os olhares, não perturbou o rigor da manobra. Retumbaram os tambores na vanguarda; deslocaram-se sucessivamente as secções, desfilando, adiante, a dois de fundo, ao penetrarem o caminho estreito; abalou o trem da artilharia; rodaram os comboios...

Um quarto de hora depois, os habitantes de Monte Santo viam desaparecer, ao longe, na última curva da estrada, a terceira expedição contra Canudos.

A vanguarda chegou em três dias ao Cumbe sem o resto da força, que ficara retardada algumas horas – com o comandante retido numa fazenda próxima

por outro ataque de epilepsia.

E na antemanhã de 26, tendo alcançado na véspera o sítio de Cajazeiras, a duas e meia léguas do Cumbe, abalaram rumo direto ao norte, para serra Branca mais de três léguas na frente.

Esta parte do sertão, na orla dos tabuleiros que se dilatam até Jeremoabo, diverge muito das que temos rapidamente bosquejado. É menos revolta e é mais árida. Rareiam os cerros de flancos abruptos e estiram-se chapadas grandes. O aspecto menos revolto da terra, porém, encobre empeços porventura mais sérios. O solo arenoso e chato, sem depressões em que se mantenham, reagindo aos estios, as cacimbas salvadoras, é absolutamente estéril. E como as maiores chuvas ao caírem, longamente intervaladas, mal o embebem, prestes desaparecendo sorvidas pelos areais, cobre-o flora mais rarefeita, transmudando-se as caatingas em caatanduvas.

Na plenitude do estio de novembro a março, a desolação é completa. Quem por ali se aventura, tem a impressão de varar por uma roçada enorme de galhos secos e entrançados, onde a faúlha de um isqueiro ateia súbitos incêndios, se acaso estes não se alastram espontaneamente no fastígio das secas, nos meios-dias quentes, quando o nordeste atrita rijamente as galhadas. Completa-se então a ação esterilizadora do clima, e por maneira tal que naquele trato dos sertões – sem um povoado e onde passam, rápidos, raros viajantes pela estrada de Jeremoabo a Bom Conselho – inscrito em vasto círculo irregular tendo como pontos determinantes os povoados que o abeiram, do Cumbe ao sul, a Santo Antonio da Glória ao norte, de Jeremoabo a leste, a Monte Santo a oeste, se opera lentamente a formação de um deserto.

As árvores escasseiam. Dominando a vegetação inteira, quase exclusivos em certos trechos, enredam-se, em todos os pontos, mirrados arbúsculos de mangabeiras, único vegetal que ali medra sem decair, graças ao látex protetor que lhe permite, depois das soalheiras e das queimadas, cobrir de folhas e de flores os troncos carbonizados, à volta das estações propícias.

Mas a expedição por ali enveredava na quadra mais imprópria. E tinha que caminhar, de arranco, sob temperatura altíssima que esgotava os soldados e não os insolava mercê da secura extrema dos ares, até ao ponto prefixado, onde a existência de uma cacimba facultaria a alta.

A travessia foi penosamente feita. O terreno inconsistente e móvel fugia sob os passos aos caminhantes; remorava a tração das carretas absorvendo as rodas até ao meio dos raios; opunha, salteadamente, flexíveis barreiras de espinheirais, que era forçoso destramar a facão; e reduplicava, no reverberar intenso das areias, a adustão da canícula. De sorte que ao chegar, à tarde, à serra Branca, a tropa estava exausta. Exausta e sequiosa. Caminhara oito horas sem parar, em pleno ardor do Sol bravio do verão.

Mas para a sede inaturável que resulta da quase completa depleção das veias esgotadas pelo suor, encontraram-se, ali, na profundura de uma cava, alguns litros d’água.

Fora previsto o transe, como vimos. Procurou-se cravar o tubo da bomba

artesiana. A operação, porém, e os seus efeitos que eram impacientemente aguardados, resultou inútil. Era inexequível. Ao invés de um bate-estacas que facilitasse a penetração da sonda, haviam conduzido aparelho de função inteiramente oposta, um macaco de levantar pesos.

Ante o singularíssimo contratempo, só havia alvitrar-se a partida imediata, malgrado a distância percorrida, para o sítio do Rosário, seis léguas mais longe.

A tropa combalida abalou à tarde.

A noite colheu-a na marcha, feita ao brilho das estrelas, varando pelas veredas rendilhadas de espinhos...

Calcula-se o que foi essa jornada de oito ou dez léguas, sem folga. Mil e tantos homens penetrando, quase em cambaleios, torturados de sede, acurvados sob as armas, em pleno território inimigo. O tropear soturno das fileiras, o estrépito dos reparos e carretas, os tinidos das armas, esbatiam-se na calada do ermo e naquela assonância ilhada no silêncio se afogavam imperceptíveis estalidos nas macegas.

Ladeavam a tropa – em rastejamentos à ourela dos desvios, – os espias dos jagunços.

Ninguém cuidava neles. Abatidos de um dia inteiro de viagem os expedicionários, deslembrados da luta, iam sob o anelo exclusivo do pouso apetecido. Seguiam imprudentemente, de todo entregues ao tino e lealdade dos guias.

Mas afinal pararam, em plena estrada: alguns estropiados perdiam-se distanciados à retaguarda e os mais robustos mesmo a custo caminhavam. Foi uma alta breve, ilusório descanso: praças caídas ao longo dos caminhos, oficiais dormindo, os que dormiam, com as rédeas dos cavalos enleadas aos punhos. E reatada a marcha, na antemanhã seguinte, reconheceram que estavam na zona perigosa. Cinzas de fogueiras a cada passo encontradas e algumas ainda mornas; restos de repasto em que eram preexcelente vitualha jabutis assados e quartos de cabrito; rastros frescos na areia, entranhando-se tortuosamente nas caatingas, diziam que os sertanejos ali tinham estado, e passado também a noite, rodeando-os, invisíveis, nas rondas cautelosas.

Na Porteira Velha a vanguarda parece mesmo havê-los surpreendido, ocasionando precípite debandada. Ficaram junto à fogueira uma pistola de dois canos e um ferrão de vaqueiro.

O Rosário foi alcançado antes do meio-dia, ao tempo que caía violento e transitório aguaceiro, como soem sobrevir durante aquela quadra nos sertões. Aquele sítio, destinado a celebrizar-se no correr da campanha, era o que eram os demais das cercanias; uma ou duas casas pequenas de telha-vã, sem soalho; ladeadas de uma cerca de achas, ou paus roliços; fronteando um terreiro limpo com algumas árvores franzinas; e tendo, pouco distante, a cacimba ou a ipueira que determinou a escolha do local.

A expedição ali acampou. Estava no âmago do território inimigo; e, ao que se figura, invadiram-na pela primeira vez as apreensões da guerra.

Di-lo incidente expressivo.

No dia 1º de março, precisamente na hora em que outra chuva passageira e forte caía sobre a tropa desabrigada, estrugiram as notas de um alarma. O inimigo certo aproveitara o ensejo para sobressaltear os invasores, ligando-se ao furor dos elementos e surgindo naquele chuveiro, de improviso, armas disparadas no fragor da trovoada que abalava a altura...

Correndo e caindo, resvalando no chão escorregadio e encharcado; esbarrando-se em carreiras cruzadas sob o fustigar das bátegas, oficiais e praças, procuravam a formatura impossível, vestindo-se, apresilhando cinturões e talins, armando-se às carreiras; surdos às discordes vozes de comando; alinhando secções e companhias ao acaso, num tumulto. E daquele enredamento de fileiras, rompeu aforradamente, de arremesso, um cavaleiro isolado, sem ordenanças, precipitando-se a galope entre os soldados tontos, e lançando-se pela estrada, na direção provável do inimigo, mal alcançado pelo engenheiro militar Domingos Leite.

Era o coronel Moreira César.

Felizmente o inimigo imaginário, a quem ia entregar-se, procurando-o naquela arremetida inútil, era um comboio de gêneros enviado por um fazendeiro amigo, das cercanias.[71]

Tirante este incidente o dia passou em completa paz, tendo vindo à tarde um correio de Monte Santo e cavalos para o esquadrão que até ali viajara em muares imprestáveis.

E na alta madrugada do dia 2, os batalhões marcharam para o Angico onde chegaram às 11 horas da manhã, acampando dentro do grande curral do sítio em abandono.

Estava assente o plano definitivo da rota, adrede concebido de modo a diminuir o esfalfamento das marchas forçadas anteriores: descansando todo o resto do dia no Rancho do Vigário a tropa abalaria, a 3, para o Angico, andando apenas uns oito quilômetros, e ali, novamente descansando, pernoitaria. Decampando a 4, iria diretamente sobre Canudos, depois de caminhar pouco mais de légua e meia. Como estavam em pleno território inimigo, tomaram-se dispositivos para garantir o acampamento, rodeando-o de piquetes e sentinelas circulantes.

O coronel César internou-se na caatinga próxima, onde mandou armar a sua barraca. Ali, não ocultou aos chefes dos corpos a segurança absoluta que tinha na vitória. Apresentaram-lhe vários alvitres atinentes a rodearem de maiores resguardos a investida, um dos quais, aventado pelo comandante do 7º, impunha a modificação preliminar da ordem até então adotada na marcha. Sugeria a divisão em duas, da coluna até então unida, destinando-se uma forte vanguarda para o reconhecimento e o primeiro combate; entrando a outra na ação, como reforço. Desse modo se por qualquer circunstância se verificassem poderosos os recursos do adversário, tornar-se-ia factível um recuo em ordem para Monte Santo, onde se reorganizariam, aumentadas, as forças.

Contra o que era de esperar, o chefe expedicionário não desadorou o alvitre. A tropa prosseguiria a 3, pelo amanhecer, adstrita a um plano lucidamente traçado.

Entretanto ao marchar para o Angico levava uma ordem que era a mesma da partida do Cumbe: na frente um piquete de exploradores montados; um guia, Manuel Rosendo, experimentado e bravo, e a comissão de engenharia; uma companhia de atiradores do 7º, comandada pelo tenente Figueira; a ala direita do 7º com o major Cunha Matos, marchando de costado, levando no centro o respectivo comboio de munições; 1ª divisão do 2º regimento, sob a imediata direção de Salomão da Rocha; ala esquerda do 7º, dirigida pelo capitão Alberto Gavião Pereira Pinto; 2ª divisão de artilharia, do 1º tenente Marcos Pradel de Azambuja; ala direita do 9º, sob o mando do coronel Tamarindo, separada da esquerda, dirigida pelo capitão Filipe Simões, pelo respectivo comboio.

À retaguarda o corpo de saúde; contingentes do 16º, do capitão Quirino Vilarim; e o comboio geral guardado pela polícia baiana.

Por último a cavalaria. O coronel César, na vanguarda, ia entre a companhia de atiradores e a ala direita do 7º.

Tinham partido às cinco horas da manhã. Alcançavam a região característica dos arredores de Canudos: fortemente riçada de serranias vestidas de vegetação raquítica, de cardos e bromélias; recortada de regatos derivando em torcicolos – num crescente enrugamento da terra cada vez mais adversa, onde a vinda recente das chuvas ainda não estendera a vestimenta efêmera da flora revivente, velando-lhe os pedroiços e os algares.

Os chuvisqueiros da véspera, como sucede na plenitude do estio, haviam passado sem deixarem traços. O solo requeimado absorvera-os e repelira-os, permanecendo ressequido e agro. Em roda, até aonde se estendia o olhar, pelo bolear dos cerros, pelas rechãs que se estiram nos altos, pelas várzeas que os circuitam, pelas serranias de flancos degradados, por toda a parte, o mesmo tom nas paisagens a um tempo impressionadoras e monótonas: a natureza imóvel, caída num grande espasmo, sem uma flor sobre as ramagens nuas, sem um bater de asas nos ares quietos e serenos...

A coluna em marcha, estirada numa linha de três quilômetros, cortava-a em longo risco negro e tortuoso.

Viam-se, adiante e próximos, ao norte, as últimas serranias que rodeiam Canudos, sem que este abeirar-se do objetivo da luta conturbasse o ânimo dos soldados.

Seguiam tranquilamente a passo ordinário e seguro.

Da extensa linha da brigada evolava-se um murmúrio vago de milhares de sílabas emitidas a meia-voz, aqui, ali, repentinamente salteadas de risos joviais. Os nossos soldados estadeavam o seu atributo preeminente naquela

alacridade singular com que se aproximavam do inimigo. Homens de todas as cores, amálgamas de diversas raças, parece que no sobrevir dos lances perigosos e no abalo de emoções fortíssimas, lhes preponderam, exclusivas, no ânimo, por uma lei qualquer de psicologia coletiva, os instintos guerreiros, a imprevidência dos selvagens, a inconsciência do perigo, o desapego à vida e o arremesso fatalista para a morte.

Seguem para a batalha como para algum folguedo turbulento. Intoleráveis na paz que os molifica, e infirma, e relaxa; inclassificáveis nas paradas das ruas, em que passam sem garbo, sem aprumo, corcundas sob a espingarda desastradamente manejada, a guerra é o seu melhor campo de instrução e o inimigo o instrutor predileto, transmudando-os em poucos dias, disciplinando-os, enrijando-os, dando-lhes em pouco tempo, nos exercícios extenuadores da marcha e do combate, o que nunca tiveram nas capitais festivas, – a altivez do porte, a segurança do passo, a precisão do tiro, a celeridade das cargas. Não sucumbem à provação. São inimitáveis no caminhar dias a fio pelos mais malgradados caminhos. Não boquejam a reclamação mais breve nas piores aperturas; e nenhuns se lhes emparelham no resistir à fome, atravessando largos dias à *brisa*, segundo o dizer de seu calão pinturesco. Depois dos mais angustiosos transes, vimos valentes escaveirados meterem à bulha o martírio e troçarem, rindo, com a miséria.

No combate, certo, nenhum é capaz de entrar e sair, como o prussiano, com um podômetro preso à bota – é desordenado, é revolto, é turbulento, é um garoto heroico e terrível, arrojando contra o adversário, de par com a bala ou a pranchada, um dito zombeteiro e irônico. Por isto se impropria ao desdobramento das grandes massas nas campanhas clássicas. Manietam-no as formaturas corretas. Estonteia-o o mecanismo da manobra complexa. Tortura-o a obrigação de combater adstrito ao ritmo das cornetas; e de bom grado obediente aos amplos movimentos da estratégia, seguindo, impassível, para os pontos mais difíceis, quando o inimigo lhe chega à ponta do sabre quer combater a seu modo. Bate-se, então, sem rancor, mas estrepitosamente, fanfarrão, folgando entre as cutiladas e as balas, arriscando-se doudamente, barateando a bravura. Fá-lo, porém, de olhos fixos nos chefes que o dirigem e de cuja energia parece viver exclusivamente. De sorte que à mínima vacilação daqueles tem, de chofre, extintas todas as ousadias e cai num abatimento instantâneo salteado de desânimos invencíveis.

Ora naquela ocasião tudo vaticinava aos expedicionários a vitória. Com tal chefe não havia cogitar em reveses. E endireitavam firmes para frente, impacientes por virem às mãos com o adversário esquivo. Vendiam escandalosamente a pele do urso sertanejo. Gizavam antecipadas façanhas; coisas de pasmar, depois, aos ouvintes crédulos e tímidos; cenas joco-trágicas – lá dentro, na tapera monstruosa, quando a varressem a tiro. E faziam planos bizarros, projetos prematuros, iniciados todos por uma preliminar ingênua: "Quando eu voltar...".

Alguns, às vezes, saíam-se com um pensamento extravagante, e no

burburinho confuso passava, sulcando-o, um ondular de risos mal contidos...

Além disto, aquela manhã resplandecente os alentava. O belo firmamento dos sertões arqueava-se sobre a terra – irisado – passando em transições suavíssimas do zênite azul à púrpura deslumbrante do oriente.

Ademais o adversário que deixara livre até ali o caminho, desdenhando os melhores trechos para o cortar, ameaçava-os de um único contratempo sério: o toparem vazio o arraial sedicioso.

Assustava-os esse desapontamento provável; a campanha transformada em passeio militar penoso; a volta inglória; sem o dispêndio de um cartucho.

III

Iam nestas disposições admiráveis quando chegaram a Pitombas.

O pequeno ribeirão que ali corre, recortando fundamente o solo, ora ladeia, ora atravessa a estrada, interrompendo-a, serpeante. Por fim a deixa antes de chegar ao sítio a que dá o nome, arqueando-se em volta longa, um quase semicírculo de que o caminho é a corda.

Tomou por esta a tropa. E quando a vanguarda lhe atingiu o meio, estourou uma descarga de meia dúzia de tiros.

Era afinal o inimigo.

Algum piquete de sobrerronda à expedição, ou ali aguardando-a, que aproveitara a conformação favorável do terreno para um ataque instantâneo, ferindo-a de soslaio, e furtando-se a seguro pelas passagens cobertas das ribanceiras do rio.

Mas atirara com firmeza: abatera, mortalmente ferido, um dos subalternos da companhia de atiradores, o alferes Poly, além de seis a sete soldados. Descarregara as armas e fugira a tempo de escapar à réplica, que foi pronta.

Para logo conteirados os canhões da divisão Salomão, a metralha explodiu no matagal rasteiro. Os arbustos dobraram acamando-se, como à passagem de ventanias ríspidas. Varreram-no.

Logo depois nos ares, ainda ressoante dos estampidos, correu triunfalmente o ritmo de uma carga e destacando-se, desenvolvida em atiradores, do grosso da coluna, a ala direita do 7º lançou-se na direção do inimigo, atufando-se nas macegas, a marche-marche, roçando-as a baioneta.

Foi uma diversão gloriosa e rápida.

O inimigo furtara-se ao recontro. Volvidos minutos, a ala tornou à linha da coluna entre aclamações, enquanto o antigo toque de "trindades", era agora o sinal da vitória, soava em vibrações altíssimas. O comandante em chefe abraçou, num lance de alegria sincera, o oficial feliz que dera aquele repelão valente no antagonista, e considerou auspicioso o encontro. Era quase para lastimar tanto aparelho bélico, tanta gente, tão luxuosa encenação em campanha destinada a liquidar-se com meia dúzia de disparos.

As armas dos jagunços eram ridículas. Como despojo, os soldados encontraram uma espingarda *pica-pau*, leve e de cano finíssimo, sobre a barranca. Estava carregada. O coronel César, mesmo a cavalo, disparou-a para o ar. Um tiro insignificante, de matar passarinho.

– Esta gente está desarmada..., disse tranquilamente.

E reatou-se a marcha, mais rápida agora, a passos estugados, ficando em Pitombas os médicos e feridos, sob a proteção do contingente policial e resto

da cavalaria. O grosso dos combatentes perdeu-se logo adiante, em avançada célere. Quebrara-se, de vez, o encanto do inimigo. Os atiradores e flanqueadores, na vanguarda, batiam o caminho e embrenhavam-se nas caatingas, rastreando os espias que acaso por ali houvesse, desinçando-as das tocaias prováveis, ou procurando alcançar os fugitivos que endireitavam para Canudos.

O recontro fora um choque galvânico. A tropa, a marche-marche, prosseguia, agora, sob a atração irreprimível da luta nessa ebriez mental perigosíssima, que estonteia o soldado duplamente fortalecido pela certeza da própria força e a licença absoluta para as brutalidades máximas.

Porque num exército que persegue há o mesmo automatismo impulsivo dos exércitos que fogem. O pânico e a bravura douda, o extremo pavor e a audácia extrema, confundem-se no mesmo aspecto. O mesmo estonteamento e o mesmo tropear precipitado entre os maiores obstáculos, e a mesma vertigem, e a mesma nevrose torturante abalando as fileiras, e a mesma ansiedade dolorosa, estimulam e alucinam com idêntico vigor o homem que foge à morte e o homem que quer matar. É que um exército é, antes de tudo, uma multidão, "acervo de elementos heterogêneos em que basta irromper uma centelha de paixão para determinar súbita metamorfose, numa espécie de geração espontânea em virtude da qual milhares de indivíduos diversos se fazem um animal único, fera anônima e monstruosa caminhando para dado objetivo com finalidade irresistível". Somente a fortaleza moral de um chefe pode obstar esta transfiguração deplorável, descendo, lúcida e inflexível, impondo uma diretriz em que se retifique o tumulto. Os grandes estrategistas têm, instintivamente, compreendido que a primeira vitória a alcançar nas guerras está no debelar esse contágio de emoções violentas e essa instabilidade de sentimentos que com a mesma intensidade lançam o combatente nos mais sérios perigos e na fuga. Um plano de guerra riscado a compasso numa carta, exige almas inertes – máquinas de matar – firmemente encarrihadas nas linhas que preestabelece.

Mas estavam longe deste ideal sinistro os soldados do coronel Moreira César e este ao invés de reprimir a agitação ia ampliá-la. Far-se-ia o expoente da nevrose.

Sobreviera, entretanto, ensejo para normalizar a situação.

Chegaram ao Angico, ponto predeterminado da última parada. Ali, estatuíra-se em detalhe, repousariam. Decampariam pela manhã do dia seguinte: cairiam sobre Canudos após duas horas de marcha. O ímpeto que trazia a tropa, porém, teve uma componente favorável nas tendências arrojadas do chefe. Obsediava-o o anseio de vir logo às mãos com o adversário.

A alta no Angico foi de um quarto de hora; o indispensável para mandar tocar a oficiais; reuni-los sobre pequena ondulação dominante sobre os batalhões, ofegantes em torno; a apresentar-lhes, olvidando o axioma de que nada se pode tentar com soldados fatigados, o alvitre de prosseguirem naquela arremetida até ao arraial:

– Meus camaradas! como sabem estou visivelmente enfermo. Há muitos dias não me alimento; mas Canudos está muito perto... vamos tomá-lo!

Foi aceito o alvitre.

– Vamos almoçar em Canudos! disse, alto.

Respondeu-lhe uma ovação da soldadesca.

A marcha prosseguiu. Eram 11 horas da manhã.

Dispersa na frente a companhia de atiradores revolvia as moiteiras, dentre as quais, distantes, raros tiros, espaçados, de adversários em fuga, estrondavam, como se tivessem o intuito único de a atraírem e ao resto da tropa; espelhando estratégia ardilosa, armada a arrebatá-la até ao arraial naquelas condições desfavoráveis – combalida e exausta de uma marcha de seis horas.

Há um atestado iniludível desta arrancada louca, encurtando o fôlego dos soldados perto da batalha: para que se não remorasse o passo de carga da infantaria, foi permitido às praças arrojarem de si as mochilas, cantis e bornais, e todas as peças do equipamento, excluídos os cartuchos e as armas, que a cavalaria, à retaguarda, ia recolhendo, à medida que encontrava.

Neste avançar desapoderado, galgaram a achada breve do alto das Umburanas. Canudos devia estar muito perto, ao alcance da artilharia. A força fez alto...

O guia Jesuíno, consultado, apontou com segurança a direção do arraial. Moreira César pôs em batalha a divisão Pradel e, graduada a alça de mira para três quilômetros, mandou dar dois tiros segundo o rumo indicado.

– Lá vão dois cartões de visita ao Conselheiro... – disse, quase jovial, com o humorismo superior de um forte.

A frase passou como um frêmito entre as fileiras. Aclamações. Renovou-se a investida febrilmente.

O Sol dardejava a prumo. Transpondo os últimos acidentes fortes do terreno, os batalhões abalaram, dentro de uma nuvem pesada e cálida, de poeira.

De súbito, surpreendeu-os a vista de Canudos.

Estavam no alto da Favela.

Ali estava, afinal, a tapera enorme que as expedições anteriores não haviam logrado atingir.

Aparecia, de improviso, toda, numa depressão mais ampla da planície ondulada. E no primeiro momento, antes que o olhar pudesse acomodar-se àquele montão de casebres, presos em rede inextricável de becos estreitíssimos e dizendo em parte para a grande praça onde se fronteavam as igrejas, o observador tinha a impressão exata, de topar, inesperadamente, uma cidade vasta. Feito grande fosso escavado, à esquerda, no sopé das colinas mais

altas, o Vaza-Barris abarcava-a e inflectia depois, endireitando em cheio para leste, rolando lentamente as primeiras águas da enchente. A casaria compacta em roda da praça, a pouco e pouco se ampliava, distendendo-se, avassalando os cerros para leste e para o norte até as últimas vivendas isoladas, distantes, como guaritas dispersas – sem que uma parede branca ou telhado encaliçado quebrasse a monotonia daquele conjunto assombroso de cinco mil casebres impactos numa ruga da terra. As duas igrejas destacavam-se, nítidas. A nova, à esquerda do observador – ainda incompleta, tendo aprumadas as espessas e altas paredes mestras, envoltas de andaimes e bailéus, mascarada ainda de madeiramento confuso de traves, vigas e baldrames, de onde se alteavam as pernas rígidas das cábreas com os moitões oscilantes; – erguida dominadoramente sobre as demais construções, assoberbando a planície extensa; e ampla, retangular, firmemente assente sobre o solo, patenteando nos largos muros grandes blocos dispostos numa amarração perfeita – tinha, com efeito, a feição completa de um baluarte formidável. Mais humilde, construída pelo molde comum das capelas sertanejas, enfrentava-a a igreja velha. E mais para a direita, dentro de uma cerca tosca, salpintado de cruzes pequenas e malfeitas – sem um canteiro, sem um arbusto, sem uma flor – aparecia um cemitério de sepulturas rasas, uma tibicuera triste. Defrontando-as, do outro lado do rio, breve área complanada contrastava com o ondear das colinas estéreis: algumas árvores esparsas, pequenos renques de palmatórias rutilantes e as ramagens virentes de seis pés de quixabeiras davam-lhe o aspecto de um jardim agreste. Aí caía a encosta de um esporão do morro da Favela, avantajando-se até ao rio, onde acabava em corte abrupto. Estes últimos rebentos da serrania, tinham a denominação apropriada de Pelados, pelo desnudo das faldas. Acompanhando o espigão na ladeira que para eles descamba em boléus, via-se, a meio caminho, uma casa em ruínas, a Fazenda Velha. Sobranceava-a um socalco forte, o Alto do Mário.

No fastígio da montanha, a tropa.

Chegaram primeiro a vanguarda do 7º e a artilharia, repulsando violento ataque pela direita, enquanto o resto da infantaria galgava as últimas ladeiras. Mal atentaram para o arraial. Os canhões alinharam-se em batalha, ao tempo que chegavam os primeiros pelotões embaralhados e arfando – e abriram o canhoneio disparando todos a um tempo, em tiros mergulhantes.

Não havia errar o alvo desmedido. Viram-se os efeitos das primeiras balas em vários pontos; explodindo dentro dos casebres e estraçoando-os, e enterroando-os; atirando pelos ares tetos de argila e vigamentos em estilhas; pulverizando as paredes de adobes; ateando os primeiros incêndios...

Em breve sobre a casaria fulminada se enovelou e se adensou, compacta, uma nuvem de poeira e de fumo, cobrindo-a.

Não a divisou mais o resto dos combatentes. O troar solene da artilharia estrugia os ares; reboava longamente por todo o âmbito daqueles ermos, na assonância ensurdecedora dos ecos refluídos das montanhas...

Mas, passados minutos, começaram a ouvir-se, nítidas dentro da vibração

dos estampidos, precípites vozes argentinas. O sino da igreja velha batia, embaixo, congregando os fiéis para a batalha.

Esta não se travara ainda.

À parte ligeiro ataque de flanco, feito por alguns guerrilheiros contra a artilharia, nenhuma resistência tinham oposto os sertanejos. As forças desenvolveram-se pelo espigão aladeirado, sem que uma só descarga perturbasse o desdobramento: e a fuzilaria principiou, em descargas rolantes e nutridas, sem pontarias. Oitocentas espingardas arrebentando, inclinadas, tiros rasantes, pelo tombador do morro...

Entre os claros do fumo lobrigava-se o arraial. Era uma colmeia alarmada: grupos inúmeros, dispersos, entrecruzando-se no largo, derivando às carreiras pelas barrancas do rio, dirigindo-se para as igrejas, rompendo, sopesando as armas, dos becos; saltando pelos tetos...

Alguns pareciam em fuga, ao longe, no extremo do arraial, pervagantes na orla das caatingas, desaparecendo no descair das colinas. Outros aparentavam incrível tranquilidade, atravessando a passo tardo a praça alheios ao tumulto e às balas respingadas da montanha.

Toda uma companhia do 7º, naquele momento, fez fogo, por alguns minutos, sobre um jagunço, que vinha pela estrada de Uauá. E o sertanejo não apressava o andar. Parava às vezes. Via-se o vulto impassível aprumar-se ao longe considerando a força por instantes, e prosseguir depois tranquilamente. Era um desafio irritante. Surpreendidos os soldados atiravam nervosamente sobre o ser excepcional, que parecia comprazer-se em ser alvo de um exército. Em dado momento ele sentou-se à beira do caminho e pareceu bater o isqueiro, acendendo o cachimbo. Os soldados riram. O vulto levantou-se e encobriu-se, lento e lento, entre as primeiras casas.

Dali nem um tiro partira. Diminuíra a agitação da praça. Cortavam-na os últimos retardatários. Viram-se passar, correndo, carregando ou arrastando pelo braço crianças, as últimas mulheres, na direção da latada, procurando o anteparo dos largos muros da igreja nova.

IV

Por fim emudeceu o sino.

A força começou a descer, estirada pelas encostas e justaposta às vertentes. Deslumbrava num irradiar de centenares de baionetas. Considerando-a o chefe expedicionário disse ao comandante de uma das companhias do 7º, junto ao qual se achava:

"Vamos tomar o arraial sem disparar mais um tiro!... a baioneta!"

Era uma hora da tarde.

Feita a descida, a infantaria desenvolveu-se, em parte, no vale das quixabeiras estremada à direita pelo 7º, que se alinhara segundo o traçado do Vaza-Barris, e à esquerda pelo 9º e 16º mal distendidos em terreno impróprio. A artilharia, no centro, sobre o último esporão dos morros avançado e a prumo sobre o rio, fronteiro e de nível com as cimalhas da igreja nova – fez-se o eixo desta tenalha prestes a fechar-se, apertando os flancos do arraial.

Era a mais rudimentar das ordens de combate: a ordem paralela simples, feita para os casos excepcionalíssimos de batalhas campais, em que a superioridade do número e da bravura excluindo manobras mais complexas, permitam, em terreno uniforme, a ação simultânea e igual de todas as unidades combatentes.

Ali era inconceptível. Centralizada pela eminência onde estavam os canhões, a frente do assalto tinha, ao lado umas de outras, formas topográficas opostas: à direita, breve área de nível, facultando investida fácil porque o rio, naquele ponto, além de raso, corre entre bordas deprimidas; à esquerda, a terra mais revolta descaindo em recostos resvalantes e separada do arraial por um fosso profundo. A observação mais rápida indicava, porém, que estas disposições da extrema esquerda sendo de todo desfavoráveis para lutadores que devessem percorrê-las rapidamente correndo para o assalto, eram, por outro lado, elemento tático de primeira ordem para uma reserva que ali estacionasse, de prontidão, destinando-se a uma diversão ligeira ou a intervir oportunamente, segundo as modalidades ulteriores do recontro. Deste modo, o relevo geral do solo ensinava, por si mesmo, a ordem oblíqua, simples ou reforçada numa das alas, e, ao invés do ataque simultâneo, o ataque parcial pela direita firmemente apoiado pela artilharia, cujo efeito, atirando a cerca de pouco mais de cem metros do inimigo, seria fulminante.

Além disto, não havia mais surpresas naquela luta e, caso o adversário desdobrasse, de súbito, imprevistos recursos de defesa, as tropas de reforço, agindo fora do círculo tumultuário do combate, poderiam mais desafogadamente mover-se segundo as eventualidades emergentes, em manobras decisivas, visando objetivos firmes. O coronel Moreira César,

porém, desdenhara essas condições imperiosas e, arrojando à batalha toda a sua gente, parecia contar menos com a bravura do soldado e competência de uma oficialidade leal que com uma hipótese duvidosa: o espanto e o terror dos sertanejos em fuga, colhidos de improviso por centenares de baionetas. Revelou – claro – este pensamento injustificável, em que havia a insciência de princípios rudimentares da sua arte de par com o olvido de acontecimentos recentes; e cumulou tal deslize planeando a mais desastrosa das disposições assaltantes.

De feito, acometendo a um tempo por dois lados, os batalhões, de um e outro extremo, carregando convergentes para um objetivo único, fronteavam-se a breve trecho, trocando entre si as balas destinadas ao jagunço. Enquanto a artilharia, podendo a princípio bombardear as igrejas e centro do povoado, a pouco e pouco ia tendo restringido o âmbito de sua ação, à medida que avançavam aqueles, até perdê-la de todo, obrigada a emudecer na fase aguda da peleja generalizada, fugindo ao perigo de atirar sobre os próprios companheiros, indistintos com os adversários dentro daquele enredamento de casebres.

A previsão de tais inconvenientes, entretanto, não requeria vistas aquilinas de estrategista emérito. Revelaram-se nos primeiros minutos da ação.

Esta foi iniciada heroicamente, abalando toda a tropa ao ressoar das cornetas de todos os corpos ao tempo que, vibrando de novo o sino da igreja velha, uma fuzilaria intensa irrompia das paredes e tetos das vivendas mais próximas ao rio e estrondavam, numa explosão única, os bacamartes dos guerrilheiros adensados dentro da igreja nova.

Favorecido pelo terreno, o 7º batalhão marchou em acelerado, sob uma saraivada de chumbo e seixos rolados, até à borda do rio. Em breve, vingando a barranca oposta viram-se à entrada da praça os primeiros soldados, em grupos, sem coisa alguma que lembrasse a formatura do combate. Alguns ali mesmo tombaram ou rolaram na água, arrastados na corrente, que se listrava de sangue. A maioria avançou, batida de soslaio e de frente. Na extrema esquerda uma ala do 9º, vencendo as dificuldades da marcha cheia de tropeços, tomara posição à retaguarda da igreja nova, enquanto o 16º e a ala direita do 7º investiam pelo centro. O combate desenrolou-se logo em toda a plenitude, resumindo-se naquele avançar temerário. Não teve, depois, a evolução mais simples, ou movimento combinado, que revelasse a presença de um chefe.

Principiou a fracionar-se em conflitos perigosos e inúteis numa dissipação inglória do valor. Era inevitável. Canudos, entretecido de becos de menos de dois metros de largo, trançados, cruzando-se em todos os sentidos, tinha ilusória fragilidade nos muros de taipa que o formavam. Era pior que uma cidadela inscrita em polígonos ou blindada de casamatas espessas.

Largamente aberto aos agressores que podiam derruí-lo a couces de arma, que podiam abater-lhe a pulso as paredes e tetos de barro ou vará-lo por todos os lados, tinha a inconsistência e a flexibilidade traiçoeira de uma rede desmesurada. Era fácil investi-lo, batê-lo, dominá-lo, varejá-lo, aluí-lo; – era dificílimo deixá-lo. Completando a tática perigosa do sertanejo, era temeroso porque não resistia. Não opunha a rijeza de um tijolo à percussão e arrebentamento das granadas, que se amorteciam sem explodirem, furando-lhe de uma vez só dezenas de tetos. Não fazia titubear a mais reduzida secção assaltante, que poderia investi-lo, por qualquer lado, depois de transposto o rio. Atraía os assaltos; e atraía irreprimivelmente o ímpeto das cargas violentas, porque a arremetida dos invasores, embriagados por vislumbres de vitória e disseminando-se, divididos pelas suas vielas em torcicolos, lhe era o recurso tremendo de uma defesa surpreendedora.

Na história sombria das cidades batidas, o humílimo vilarejo ia surgir com um traço de trágica originalidade.

Intacto – era fragílimo; feito escombros – formidável.

Rendia-se para vencer, aparecendo, de chofre, ante o conquistador surpreendido, inexpugnável e em ruínas. Porque a envergadura de ferro de um exército, depois de o abalar e desarticular todo, esmagando-o, tornando-o montão informe de adobes e madeiras roliças, se sentia inopinadamente manietada, presa entre tabiques vacilantes de pau a pique e cipós, à maneira de uma suçuarana inexperta agitando-se, vigorosa e inútil, nas malhas de armadilha bem-feita.

A prática venatória dos jagunços inspirara-lhes, talvez, a criação pasmosa da "cidadela-mundéu"...

Ora as tropas do coronel Moreira César faziam-na desabar sobre si mesma.

A princípio, transposto o Vaza-Barris, a despeito de algumas baixas, o acometimento figurara-se fácil. Um grupo, arrastado por subalternos valentes, arrancara atrevidamente contra a igreja nova, sem efeito algum compensando-lhe o arrojo, perdendo dois oficiais e algumas praças. Outros, porém, contornando aquele núcleo resistente, lançaram-se às primeiras casas marginais ao rio. Tomaram-nas e incendiaram-nas; enquanto os que as guarneciam fugiam, adiante, em busca de outros abrigos. Perseguiram-nos. E nesse perseguir tumultuário, realizado logo nos primeiros minutos do combate, começou a esboçar-se o perigo único e gravíssimo daquele fossado monstruoso: os pelotões dissolviam-se. Entalavam-se nas vielas estreitas, enfiando a dois de fundo por ali dentro, atropeladamente. Torciam centenares de esquinas que se sucediam de casa em casa; dobravam-nas em desordem, de armas suspensas uns, atirando outros ao acaso, à toa, para a frente; e dividiam-se, a pouco e pouco, em secções pervagantes para toda a banda; e partiam-se, estas, por seu turno, em grupos aturdidos cada vez mais dispersos e rarefeitos, dissolvendo-se ao cabo em combatentes isolados...

De longe se tinha o espetáculo estranho de um entocamento de batalhões, afundando, de súbito, no casario indistinto, em cujos tetos de argila se

enovelava a fumarada dos primeiros incêndios.

Deste modo, o ataque assumiu logo o caráter menos militar possível. Diferenciou-se em conflitos parciais no cunhal das esquinas, à entrada e dentro das casas.

Estas eram tumultuariamente investidas. Não opunham o menor tropeço. Escancarava-as um couce de arma nas portas ou nas paredes, rachando-as, abrindo por qualquer lado passagens francas. Estavam vazias, muitas. Noutras os intrusos tinham, de repente, abocado ao peito um cano de espingarda ou baqueavam batidos de tiros a queima-roupa, rompendo dos resquícios das paredes. Acudiam-nos os companheiros mais próximos. Enredava-se o pugilato corpo a corpo, brutalmente, até que os soldados, mais numerosos, transpusessem o portal estreito do casebre. Lá dentro, encouchado num recanto escuso, o morador repelido descarregava-lhes em cima o último tiro e fugia. Ou então esperava-os a pé firme, defendendo tenazmente o lar paupérrimo. E revidava terrivelmente – sozinho – em porfia com a matula vitoriosa, com a qual se afoitava, apelando para todas as armas: repelindo-a a faca e a tiro; vibrando-lhe foiçadas; aferroando-a com a aguilhada; arremessando-lhe em cima os trastes miseráveis; arrojando-se, afinal, ele próprio, inerme, desesperadamente, resfolegando, procurando estrangular o primeiro que lhe caísse entre os braços vigorosos. Em torno mulheres desatinadas disparavam em choros, e rolavam pelos cantos; até baquear no chão, cosido a baioneta ou esmoído a coronhadas, pisoado sob o rompão dos coturnos, o lutador temerário.

Reproduziam-se tais cenas.

Quase sempre, depois de expugnar a casa, o soldado faminto não se forrava à ânsia de almoçar, afinal, em Canudos. Esquadrinhava os jiraus suspensos. Ali estavam carnes secas ao Sol; cuias cheias de paçoca, a farinha de guerra do sertanejo; aiós repletos de ouricuris saborosos. A um canto os bogós transudantes, túmidos de água cristalina e fresca. Não havia resistir. Atabalhoadamente fazia a refeição num minuto. Completava-a largo trago de água. Tinha, porém, às vezes, um pospasto crudelíssimo e amargo – uma carga de chumbo...

Os jagunços à porta assaltavam-no. E invertiam-se os papéis, revivendo o conflito, até baquear no chão – cosido a faca e moído a pauladas, pisado pela alpercata dura, o lutador imprudente.

Muitos se perdiam no inextricável dos becos. Correndo no encalço do sertanejo em fuga, topavam, de súbito, na frente, desembocando duma esquina, cerrado magote de inimigos. Estacavam, atônitos, apenas o tempo necessário para uma pontaria malfeita e uma descarga; e recuavam, depois, metendo-se pelas casas dentro, onde os salteavam, às vezes, novos agressores entocaiados; ou arrojavam-se atrevidamente, dispersando o agrupamento antagonista e dispersando-se – reeditando os mesmos episódios; animados todos pela ilusão de uma vitória vertiginosamente alcançada, de que lhes eram sintoma claro toda aquela desordem, todo aquele espanto, todo aquele alarido

e todo aquele pavor do povoado revolto e miserando – alarmado à maneira de um curral invadido por onças bravias e famulentas.

De resto, não tinham insuperáveis obstáculos enfreando-lhes o ímpeto. Os valentes temerários, que apareciam em vários pontos, defendendo os lares, tinham o contrapeso do mulherio acobardado, sacudido das casas a pranchada, a bala e a fogo, e fugindo para toda banda, clamando, rezando; ou uma legião armada de muletas – velhos trementes, aleijões de toda a espécie, enfermos abatidos e mancos.

De sorte que nestas correrias desapoderadas, presos pela vertigem perseguidora, muitos se extraviaram, às tontas, no labirinto das vielas; e, tentando aproximar-se dos companheiros, desgarravam-se mais e mais – quebrando, a esmo, mil esquinas breves, perdidos por fim, no arraial convulsionado e imenso.

À frente do seu estado-maior, na margem direita do rio, o chefe expedicionário observava este assalto, acerca do qual não podia certamente formular uma única hipótese. A tropa desaparecera toda nos mil latíbulos de Canudos. Lá dentro rolava ruidosamente a desordem, numa assonância golpeada de estampidos, de imprecações, de gritos estrídulos, vibrantes no surdo tropear das cargas. Grupos esparsos, secções em desalinho de soldados, magotes diminutos de jagunços, apareciam, por vezes, inopinadamente, no claro da praça; e desapareciam, logo, mal vistos entre o fumo, embrulhados, numa luta braço a braço...

Nada mais. A situação era afinal inquietadora.

Nada prenunciava desânimo entre os sertanejos.

Os atiradores da igreja nova permaneciam firmes, visando todos os pontos quase impunemente, porque a artilharia por fim evitava alvejá-la temendo quaisquer desvios de trajetória, que lançassem as balas entre os próprios companheiros encobertos; e estalando em cheio no arruído da refrega, ouviam-se mais altas as pancadas repetidas do sino na igreja velha.

Além disto, a ação abrangia apenas a metade do arraial.

A outra, à direita, onde terminava a estrada de Jeremoabo, estava indene.

Menos compacta – era menos expugnável. Desenrolava-se numa lomba extensa, permitindo a defesa a cavaleiro do inimigo, e obrigando-o a escaladas penosíssimas. De sorte que, ainda quando a parte investida fosse conquistada, aquela restaria impondo talvez maiores fadigas.

Realmente, embora sem o torvelino dos becos, as casas isoladas, em disposição recordando vagamente tabuleiros de xadrez, facultavam extraordinário cruzamento de fogos, permitindo a um atirador único apontar para os quadrantes sem abandonar uma esquina. Considerando aquele lado do arraial a situação aclarava-se. Era gravíssima. Ainda contando com o sucesso

franco na parte combatida, os soldados triunfantes, mas exaustos, arremeteriam, inúteis, com aquela encosta separada da praça pelo fosso natural de uma sanga profunda. Compreendeu-o o coronel Moreira César. E ao chegarem a retaguarda, a polícia e o esquadrão de cavalaria, determinou que aquela seguisse à extrema direita, atacando o bairro ainda indene e completando a ação que se desdobrara toda na esquerda. A cavalaria, secundando-a, teve ordem de atacar pelo centro, entre as igrejas.

Uma carga de cavalaria em Canudos...

Era uma excentricidade. A arma clássica das planícies rasas, cuja força é o arremesso do choque, surgindo de improviso no fim das disparadas velozes, ali, constrita entre paredes, carregando, numa desfilada dentro de corredores...

O esquadrão – cavalos abombados, rengueando sobre as pernas bambas – largou em meio galope curto até à beira do rio, cujas águas respingavam chofradas de tiros; e não foi adiante. Os animais, assustadiços, refugavam. Dilacerados à espora, chibateados a espada, mal vadearam até ao meio da corrente, e empinando, e curveteando, freios tomados nos dentes, em galões, cuspindo da sela os cavaleiros, volveram em desordem à posição primitiva. Por seu turno, a polícia, depois de transpor o rio com água pelos joelhos, numa curva a jusante, vacilava ao deparar o álveo resvaladio e fundo da sanga que naquele ponto corre de norte a sul, separando do resto do arraial o subúrbio que devia acometer.

O movimento complementar quebrava-se assim aos primeiros passos. O chefe expedicionário deixou então o lugar em que permanecera, a meia encosta dos Pelados, entre a artilharia e o plaino das quixabeiras:

– Eu vou dar brio àquela gente...

E descia. A meio caminho, porém, refreou o cavalo. Inclinou-se, abandonando as rédeas, sobre o alção dianteiro do selim. Fora atingido no ventre por uma bala.

Rodeou-o logo o estado-maior.

– Não foi nada; um ferimento leve, disse, tranquilizando os companheiros dedicados. Estava mortalmente ferido.

Não descavalgou. Volvia amparado pelo tenente Ávila, para o lugar que deixara quando foi novamente atingido por outro projetil. Estava fora de combate.

Devia substituí-lo o coronel Tamarindo, a quem foi logo comunicado o desastroso incidente. Mas aquele nada podia deliberar recebendo o comando quando desanimava de salvar o seu próprio batalhão, na outra margem do rio.

Era um homem simples, bom e jovial, avesso a bizarrear façanhas. Chegara aos sessenta anos candidato a uma reforma tranquila. Fora, ademais, incluído contra a vontade na empresa. E ainda quando tivesse envergadura para aquela crise não havia mais remediá-la.

A polícia, investindo, copiara afinal o modo de agir dos outros assaltantes –

varejando casas e ateando incêndios.

Não se rastreava na desordem o mais leve traço de combinação tática; ou não se podia mesmo imaginá-la.

Aquilo não era um assalto. Era um combater temerário contra barricada monstruosa, que se tornava cada vez mais impenetrável à medida que a arruinavam e carbonizavam, porque sob os escombros, que atravancavam as ruas, sob os tetos abatidos e entre os esteios fumegantes, deslizavam melhor, a salvo, ou tinham mais invioláveis esconderijos, os sertanejos emboscados.

Além disto, despontava, inevitável, contratempo maior: a noite prestes a confundir os combatentes exaustos de cinco horas de peleja.

Mas antes que ela sobreviesse, começou o recuo. Apareceram sobre a ribanceira esquerda, esparsos, em grupos estonteadamente correndo, os primeiros contingentes repelidos. Em breve outros se lhes aliaram no mesmo desalinho, rompendo dos cunhais das igrejas e dentre os casebres marginais: soldados e oficiais de mistura, chamuscados e poentos, fardas em tiras, correndo, disparando ao acaso as espingardas, vociferando, alarmados, tontos, titubeantes, em fuga...

Este refluxo que começara à esquerda propagou-se logo à extrema direita. De sorte que, rebatida às posições primitivas, toda a linha do combate, rolou torcida e despedaçada a tiros pela borda do rio abaixo.

Sem comando, cada um lutava a seu modo. Destacaram-se ainda diminutos grupos para queimarem as casas mais próximas ou travarem breves tiroteios. Outros, sem armas e feridos, principiaram a repassar o rio.

Era o desenlace.

Repentinamente, largando as últimas posições, os pelotões, de mistura, numa balbúrdia indefinível, sob a hipnose do pânico, enxurraram na corrente rasa das águas!

Repelindo-se; apisoando os malferidos, que tombavam; afastando rudemente os extenuados trôpegos; derrubando-os, afogando-os, os primeiros grupos bateram contra a margem direita. Aí, ansiando por vingá-la, agarrando-se às gramíneas escassas, especando-se nas armas, filando-se às pernas dos felizes que conseguiam vencê-las, se embaralharam outra vez em congérie ruidosa. Era um fervilhar de corpos transudando vozear estrídulo, e discordante, e longo, dando a ilusão de alguma enchente repentina, em que o Vaza-Barris, engrossado, saltasse, de improviso, fora do leito, borbulhando, acachoando, estrugindo...

Naquele momento o sineiro da igreja velha interrompeu o alarma.

Vinha caindo a noite. Dentro da claridade morta do crepúsculo soou, harmoniosamente, a primeira nota da Ave-Maria...

Descobrindo-se, atirando aos pés os chapéus de couro ou os gorros de

azulão, e murmurando a prece habitual, os jagunços dispararam a última descarga...

V

Os soldados, transposto o rio, acumularam-se junto à artilharia. Eram uma multidão alvorotada sem coisa alguma recordando a força militar, que se decompusera, restando, como elementos irredutíveis, homens atônitos e inúteis, e tendo agora, como preocupação exclusiva, evitarem o adversário que tão ansiosamente haviam procurado.

O cerro em que se reuniam estava próximo demais daquele, e passível, talvez, de algum assalto, à noite. Era forçoso abandoná-lo. Sem ordem, arrastando os canhões, deslocaram-se logo para o alto do Mário, quatrocentos metros na frente. Ali improvisaram um quadrado incorreto, de fileiras desunidas e bambas, envolvendo a oficialidade, os feridos, as ambulâncias, o trem da artilharia e os cargueiros. Centralizava-o uma palhoça em ruínas – a Fazenda Velha; e dentro dela o comandante em chefe, moribundo.

A expedição era agora aquilo; um bolo de homens, animais, fardas e espingardas, entupindo uma dobra de montanha...

Tinha descido a noite – uma destas noites ardentíssimas vulgares no sertão, em que cada estrela, fixa, sem cintilações, irradia como um foco de calor e os horizontes, sem nuvens, iluminam-se, de minuto em minuto, como se refletissem relâmpagos de tempestades longínquas...

Não se via o arraial. Alguns braseiros sem chamas, de madeiras ardendo sob o barro das paredes e tetos; ou luzes esparsas de lanternas mortiças bruxuleando nas sombras, deslizando vagarosamente, como em pesquisas lúgubres, indicavam-no embaixo, e traindo também a vigília do inimigo. Tinham, porém, cessado os tiros e nem uma voz dali subia. Apenas na difusão luminosa das estrelas desenhavam-se, dúbios, os perfis imponentes das igrejas. Nada mais. A casaria compacta, as colinas circundantes, as montanhas remotas, desapareciam na noite.

O acampamento em desordem contrastava a placidez ambiente. Constritos entre os companheiros, cento e tantos feridos e estropiados por ali se agitavam ou se arrastavam, torturados de dores e da sede, quase pisados pelos cavalos que espavoridos nitriam, titubeando no atravancamento das carretas e fardos dos comboios. Não havia curá-los no escuro onde fora temeridade incrível o rápido fulgurar de um fósforo. Além disto não bastava para tantos o número reduzido de médicos, um dos quais – morto, extraviado ou preso – desaparecera à tarde para nunca mais tornar.[72]

Faltava, ademais, um comando firme. O novo chefe não suportava as responsabilidades, que o oprimiam. Maldizia talvez, mentalmente, o destino extravagante que o tornara herdeiro forçado de uma catástrofe. Não deliberava. A um oficial que ansiosamente o interpelara sobre aquele transe,

respondera com humorismo triste, rimando um dito popular do Norte:

É tempo de murici
Cada um cuide de si...

Foi a sua única ordem do dia. Sentado na caixa de um tambor, chupando longo cachimbo, com o estoicismo doente do próprio desalento, o coronel Tamarindo, respondendo de tal jeito ou por monossílabos, a todas as consultas, abdicara a missão de remodelar a turba esmorecida e ao milagre de subdividi-la em novas unidades de combate.

Ali estavam, certo, homens de valor e uma oficialidade pronta ao sacrifício. O velho comandante, porém, tivera a intuição de que um ajuntamento em tais conjunturas não significa a soma das energias isoladas e avaliara todos os elementos que, nas coletividades presas de emoções violentas, reduzem sempre as qualidades pessoais mais brilhantes. Quedava impassível, alheio à ansiedade geral, passando de modo tácito o comando a toda a gente. Assim, oficiais incansáveis davam por conta própria as providências mais urgentes; retificando o pretenso quadrado, em que se misturavam, a esmo, praças de todos os corpos; organizando ambulâncias e dispondo padiolas; reanimando os ânimos abatidos. Pelo espírito de muitos passara mesmo o intento animador de um revide, um novo assalto, logo ao despontar da manhã, descendo a força toda, em arremetida violenta, sobre os fanáticos, depois que os abalasse um bombardeio maior do que o realizado. E concertavam-se em planos visando corrigir o revés com um lance de ousadia. Porque a vitória devia ser alcançada a despeito dos maiores sacrifícios. Pensavam: nos quatro lados daquele quadrado malfeito inscreviam-se os destinos da República. Era preciso vencer. Repugnava-os, revoltava-os, humilhava-os angustiosamente, aquela situação ridícula e grave, ali, no meio de canhões modernos, sopesando armas primorosas, sentados sobre cunhetes repletos de cartuchos – e encurralados por uma turba de matutos turbulentos...

A maioria, porém, considerava friamente as coisas. Não se iludia. Um rápido confronto entre a tropa que chegara horas antes, entusiasta e confiante na vitória, e a que ali estava, vencida, patenteava-lhe uma solução única – a retirada.

Não havia alvitrar outro recurso, ou protraí-lo sequer.

Às onze horas, juntos os oficiais, adotaram-no, unânimes. Um capitão de infantaria foi incumbido de cientificar da resolução o coronel Moreira César. Este impugnou-a logo, dolorosamente surpreendido; a princípio calmo, apresentando os motivos inflexíveis do dever militar e demonstrando que ainda havia elementos para uma tentativa qualquer, mais de dois terços da tropa apta para o combate e munições suficientes; depois, num crescendo de cólera e de angústia, se referiu à mácula que para sempre lhe sombrearia o nome. Finalmente explodiu: não o sacrificassem àquela cobardia imensa...

Apesar disto manteve-se a resolução.

Era completar a agonia do valente infeliz. Revoltado deu a sua última ordem: fizessem uma ata de tudo aquilo, deixando-lhe margem para um protesto, em que incluiria o abandono da carreira militar.

A dolorosa reprimenda do chefe ferido por duas balas, não moveu, contudo, a oficialidade incólume.

Rodeavam-na, perfeitamente válidos ainda, centenares de soldados, oitocentos talvez; dispunha de dois terços das munições e estava em posição dominante sobre o inimigo...

Mas a luta sertaneja começara, naquela noite, a tomar a feição misteriosa que conservaria até ao fim. Na maioria mestiços, feitos da mesma massa dos matutos, os soldados, abatidos pelo contragolpe de inexplicável revés, em que baqueara o chefe reputado invencível, ficaram sob a sugestão empolgante do maravilhoso, invadidos de terror sobrenatural, que extravagantes comentários agravavam.

O jagunço, brutal e entroncado, diluía-se em duende intangível. Em geral os combatentes, alguns feridos mesmo no recente ataque, não haviam conseguido ver um único; outros, os da expedição anterior, acreditavam, atônitos e absortos ante o milagre estupendo, ter visto, ressurrectos, dois ou três cabecilhas que, afirmavam convictos, tinham sido mortos no Cambaio; e para todos, para os mais incrédulos mesmo, começou a despontar algo de anormal nos lutadores-fantasmas, quase invisíveis, ante os quais haviam embatido impotentes, mal os lobrigando, esparsos e diminutos, rompendo temerosos dentre ruínas, e atravessando incólumes os braseiros dos casebres em chamas.

É que grande parte dos soldados era do Norte, e criara-se ouvindo, em torno, de envolta com os dos heróis dos contos infantis, o nome de Antonio Conselheiro. E a sua lenda extravagante, os seus milagres, as suas façanhas de feiticeiro sem par, apareciam-lhes – então – verossímeis, esmagadoramente, na contraprova tremenda daquela catástrofe.

Pelo meio da noite todas as apreensões se avolumaram. As sentinelas, que cabeceavam nas fileiras frouxas do quadrado, estremeceram, subitamente despertas, contendo gritos de alarma.

Um rumor indefinível avassalara a mudez ambiente e subia pelas encostas. Não era, porém, um surdo tropear de assalto. Era pior. O inimigo, embaixo, no arraial invisível – rezava.

E aquela placabilidade extraordinária – ladainhas tristes, em que predominavam ao invés de brados varonis vozes de mulheres, surgindo da ruinaria de um campo de combate – era, naquela hora, formidável. Atuava pelo contraste. Pelo burburinho da soldadesca pasma, os *kyries* estropiados e dolentes, entravam, piores que intimações enérgicas. Diziam, de maneira eloquente, que não havia reagir contra adversários por tal forma transfigurados pela fé religiosa.

A retirada impunha-se.

Pela madrugada uma nova emocionante tornou-a urgentíssima. Falecera o coronel Moreira César.

Era o último empuxo no desânimo geral. Os aprestos da partida fizeram-se, então, no atropelo de um tumulto indescritível. De sorte que quando ao primeiro bruxulear da manhã uma força constituída por praças de todos os corpos, abalou fazendo a vanguarda, encalçada pelas ambulâncias, cargueiros, fardos, feridos e padiolas, entre as quais a que levantava o corpo do comandante malogrado, nada indicava naquele movimento a séria operação de guerra que ia realizar-se.

A retirada era a fuga. Avançando pelo espigão do morro no rumo da Favela e dali derivando pelas vertentes opostas, por onde descia a estrada, a expedição espalhava-se longamente pelas encostas, dispersando-se sem ordem, sem formaturas.

Neste dar as costas ao adversário que, desperto, embaixo, não a perturbara ainda, parecia confiar apenas na celeridade do recuo, para se libertar. Não se dividira em escalões, dispondo-se à defesa-ofensiva característica desses momentos críticos da guerra. Precipitava-se, à toa, pelos caminhos fora. Não retirava, fugia. Apenas uma divisão de dois Krupps, sob o mando de um subalterno de valor e fortalecida por um contingente de infantaria, permanecera firme por algum tempo no alto do Mário, como uma barreira anteposta à perseguição inevitável.

Ao mover-se, afinal, esta fração abnegada foi rudemente investida. O inimigo tinha na ocasião o alento do ataque e a certeza na própria temibilidade. Acometeu ruidosamente, entre vivas entusiásticos, por todos os lados, em arremetida envolvente. Embaixo começou a bater desabaladamente o sino; a igreja nova explodia em descargas, e adensada no largo, ou correndo para o alto das colinas, toda a população de Canudos contemplava aquela cena, dando ao trágico do lance a nota galhofeira e irritante de milhares de assovios estridentes, longos, implacáveis...

Mais uma vez o drama temeroso da guerra sertaneja tinha o desenlace de uma pateada lúgubre.

O desfecho foi rápido. A última divisão de artilharia replicou por momentos e depois, por sua vez, abalou vagarosamente, pelo declive do espigão acima, retirando.

Era tarde. Adiante até aonde alcançava o olhar, a expedição, esparsa e estendida pelos caminhos, estava, de ponta a ponta, flanqueada pelos jagunços...

VI

E foi uma debandada.

Oitocentos homens desapareciam em fuga, abandonando as espingardas; arriando as padiolas, em que se estorciam feridos; jogando fora as peças de equipamento; desarmando-se; desapertando os cinturões, para a carreira desafogada; e correndo, correndo ao acaso, correndo em grupos, em bandos erradios, correndo pelas estradas e pelas trilhas que a recortam, correndo para o recesso das caatingas, tontos, apavorados, sem chefes...

Entre os fardos atirados à beira do caminho ficara, logo ao desencadear-se o pânico – tristíssimo pormenor! – o cadáver do comandante. Não o defenderam. Não houve um breve simulacro de repulsa contra o inimigo, que não viam e adivinhavam no estrídulo dos gritos desafiadores e nos estampidos de um tiroteio irregular e escasso, como o de uma caçada. Aos primeiros tiros os batalhões diluíram-se.

Apenas a artilharia, na extrema retaguarda, seguia vagarosa e unida, solene quase, na marcha habitual de uma revista, em que parava de quando em quando para varrer a disparos as macegas traiçoeiras; e prosseguindo depois, lentamente, rodando, inabordável, terrível...

A dissolução da tropa parara no aço daqueles canhões, cuja guarnição diminuta se destacava maravilhosamente impávida, galvanizada pela força moral de um valente.

De sorte que no fim de algum tempo em torno dela se adensaram, mais numerosos, os perseguidores.

O resto da expedição podia escapar-se a salvo. Aquela bateria libertava-a. De encontro aos quatro Krupps de Salomão da Rocha, como de encontro a uma represa, embatia, e parava, adunava-se, avolumando, e recuava, e partia-se a onda rugidora dos jagunços.

Naquela corrimaça sinistra, em que a ferocidade e a cobardia revoluteavam confundidas sob o mesmo aspecto revoltante, abriu-se de improviso um episódio épico.

Contidos a princípio em distância, os sertanejos constringiam a pouco e pouco o círculo do ataque, em roda das duas divisões, que os afrontavam, seguindo a passo tardo, ou, de súbito, alinhando-se em batalha e arrebentando em descargas, fulminando-os...

As granadas explodindo entre os restolhos secos do matagal incendiavam-nos; ouviam-se lá dentro, de envolta com o crepitar de queimadas sem labaredas, extintas nos brilhos da manhã claríssima, brados de cólera e de dor; e tontos de fumo, saltando dos esconderijos em chamas, rompentes à ourela da caatinga junto à estrada, os sertanejos em chusma, gritando, correndo,

disparando os trabucos e as pistolas – assombrados ante aquela resistência inexplicável, vacilantes no assaltar a zargunchadas e a faca o pequeno grupo de valentes indomáveis.

Estes, entretanto, mal podiam prosseguir. Reduziam-se. Um a um tombavam os soldados da guarnição estoica. Feridos ou espantados os muares da tração emparavam; torciam de rumo; impossibilitavam a marcha.

A bateria afinal parou. Os canhões, emperrados, imobilizaram-se numa volta do caminho...

O coronel Tamarindo, que volvera à retaguarda, agitando-se destemeroso e infatigável entre os fugitivos, penitenciando-se heroicamente na hora da catástrofe, da tibieza anterior, ao deparar com aquele quadro estupendo, procurou debalde socorrer os únicos soldados que tinham ido a Canudos. Neste pressuposto ordenou toques repetidos de “meia-volta, alto!”. As notas das cornetas, convulsivas, emitidas pelos corneteiros sem fôlego, vibraram inutilmente. Ou melhor – aceleraram a fuga. Naquela desordem só havia uma determinação possível: “debandar!”.

Debalde alguns oficiais, indignados, engatilhavam revólveres ao peito dos foragidos. Não havia contê-los. Passavam; corriam; corriam doudamente; corriam dos oficiais; corriam dos jagunços; e ao verem aqueles, que eram de preferência alvejados pelos últimos, caírem malferidos, não se comoviam. O capitão Vilarim batera-se valentemente quase só e ao baquear, morto, não encontrou entre os que comandava um braço que o sustivesse. Os próprios feridos e enfermos estropiados lá se iam, cambeteando, arrastando-se penosamente, imprecando os companheiros mais ágeis...

As notas das cornetas vibravam em cima desse tumulto, imperceptíveis, inúteis...

Por fim cessaram. Não tinham a quem chamar. A infantaria desaparecera...

Pela beira da estrada, viam-se apenas peças esparsas de equipamento, mochilas e espingardas, cinturões e sabres, jogados a esmo por ali fora, como coisas imprestáveis.

Inteiramente só, sem uma única ordenança, o coronel Tamarindo lançou-se desesperadamente, o cavalo a galope, pela estrada – agora deserta – como se procurasse conter ainda, pessoalmente, a vanguarda. E a artilharia ficou afinal inteiramente em abandono, antes de chegar ao Angico.

Os jagunços lançaram-se então sobre ela.

Era o desfecho. O capitão Salomão tinha apenas em torno meia dúzia de combatentes leais. Convergiram-lhe em cima os golpes; e ele tombou, retalhado a foiçadas, junto dos canhões que não abandonara.

Consumara-se a catástrofe...

Logo adiante, na ocasião em que transpunha a galope o córrego do Angico, o coronel Tamarindo foi precipitado do cavalo por uma bala. O engenheiro militar Alfredo do Nascimento alcançou-o ainda com vida. Caído sobre a ribanceira, o velho comandante murmurou ao companheiro que o procurara a

sua última ordem:

– Procure o Cunha Matos...

Esta ordem dificilmente podia ser cumprida.

A terceira expedição anulada, dispersa, desaparecera. E como na maioria os fugitivos evitassem a estrada, desgarraram, sem rumo, errando à toa no deserto, onde muitos, e entre estes os feridos, se perderam para sempre, agonizando e morrendo no absoluto abandono. Alguns, desviando-se da rota, foram bater no Cumbe ou em pontos mais remotos. O resto chegou no outro dia a Monte Santo. O coronel Sousa Meneses, comandante da praça, não os esperou. Ao saber do desastre largou à espora feita para Queimadas, até onde se prolongara aquela disparada.

Enquanto isto sucedia os sertanejos recolhiam os despojos. Pela estrada e pelos lugares próximos jaziam esparsas, armas e munições, de envolta com as próprias peças do fardamento, dólmãs e calças de listra carmesim, cujos vivos denunciadores demais no pardo da caatinga os tornavam incompatíveis com a fuga. De sorte que a maior parte da tropa não se desarmara apenas diante do adversário. Despira-se...

Assim na distância que medeia do Rosário a Canudos, havia um arsenal desarrumado, ao ar livre, e os jagunços tinham com que se abastecerem a fartar. A expedição Moreira César parecia ter tido um objetivo único: entregar-lhes tudo aquilo, dar-lhes de graça todo aquele armamento moderno e municiá-los largamente.

Levaram para o arraial os quatro Krupps; substituíram nas mãos dos lutadores da primeira linha as espingardas velhas e de carregamento moroso pelas Mannlichers e Comblains fulminantes; e como as fardas, cinturões e bonés, tudo quanto havia tocado o corpo maldito das praças, lhes maculariam a epiderme de combatentes sagrados, aproveitaram-nos de um modo cruelmente lúgubre.

Os sucessos anteriores haviam-lhes exacerbado a um tempo o misticismo e a rudeza. Partira-se o prestígio do soldado, e a bazófia dos broncos cabecilhas repastava-se das mínimas peripécias dos acontecimentos. A força do governo era agora realmente a *fraqueza* do governo, denominação irônica destinada a permanecer por todo o curso da campanha. Haviam-na visto chegar – imponente e terrível – apercebida de armas ante as quais eram brincos de criança os clavinotes brutos; tinham-na visto rolar terrivelmente sobre o arraial e assaltá-lo, e invadi-lo, e queimá-lo, varando-o de ponta a ponta; e, depois destes arrancos temerários, presenciaram o recuo, e a fuga, e a disparada douda, e o abandono pelos caminhos fora das armas e bagagens.

Era sem dúvida um milagre. O complexo dos acontecimentos perturbava-os e tinha uma interpretação única: amparava-os visivelmente a potência

superior da divindade.

E a crença, revigorada na brutalidade dos combates, crescendo, maior, num reviver de todos os instintos bárbaros, malignou-lhes a índole.

Atesta-o fato estranho, espécie de divertimento sinistro lembrando a religiosidade trágica dos Achantis, que rematou estes sucessos.

Concluídas as pesquisas nos arredores, e recolhidas as armas e munições de guerra, os jagunços reuniram os cadáveres que jaziam esparsos em vários pontos. Decapitaram-nos. Queimaram os corpos. Alinharam depois, nas duas bordas da estrada, as cabeças, regularmente espaçadas, fronteando-se, faces volvidas para o caminho. Por cima, nos arbustos marginais mais altos, dependuraram os restos de fardas, calças e dólmãs multicores, selins, cinturões, quepes de listras rubras, capotes, mantas, cantis e mochilas...

A caatinga mirrada e nua, apareceu repentinamente desabrochando numa florescência extravagantemente colorida no vermelho forte das divisas, no azul desmaiado dos dólmãs e nos brilhos vivos das chapas dos talins e estribos oscilantes...

Um pormenor doloroso completou esta encenação cruel: a uma banda avultava, empalado, erguido num galho seco, de angico, o corpo do coronel Tamarindo.

Era assombroso... Como um manequim terrivelmente lúgubre, o cadáver desaprumado, braços e pernas pendidos, oscilando à feição do vento no galho flexível e vergado, aparecia nos ermos feito uma visão demoníaca.

Ali permaneceu longo tempo...

Quando, três meses mais tarde, novos expedicionários seguiam para Canudos, depararam ainda o mesmo cenário: renques de caveiras branqueando nas orlas do caminho, rodeadas de velhos trapos, esgarçados nos ramos dos arbustos e, de uma banda, – mudo protogonista de um drama formidável – o espectro do velho comandante...

QUARTA EXPEDIÇÃO

I Desastres. Canudos – uma diátese. A rua do Ouvidor e as caatingas. Versões disparatadas. Mentiras heroicas. O cabo Roque. Levantamento em massa. Planos. Um tropear de bárbaros.

II Mobilização de tropas. Concentração em Queimadas. Organiza-se a expedição. Delongas. Não há um plano de campanha. A comissão de engenheiros. A marcha. Incidentes. Um guia temeroso: Pajeú. Passagem nas Pitombas. O alto da Favela. Uma divisão aprisionada.

III Coluna Savaget. Cocorobó. Diante das trincheiras. Carga de baionetas excepcional. A travessia. Macambira e Trabubu. Emissário inesperado. Destrói-se um plano de campanha.

IV Vitória singular. Começo de uma batalha crônica. Aventuras do cerco. Caçadas perigosas. Desânimos. A atitude do comando em chefe.

V O assalto: preparativos; o recontro. Nova vitória desastrosa. Nos flancos de Canudos. Triunfos pelo telégrafo.

VI Pelas estradas. Os feridos. Primeiras notícias certas. Versões e lendas.

VII A brigada *Girard*. Heroísmo estranho. Em viagem para Canudos.

VIII Novos reforços. O marechal Carlos Machado Bittencourt. Colaboradores prosaicos demais...

I

A nova deste revés foi um desastre maior.

A quarta expedição organizou-se através de grande comoção nacional, que se traduziu em atos contrapostos à própria gravidade dos fatos. Foi a princípio o espanto; depois um desvairamento geral da opinião; um intenso agitar de conjecturas para explicar o inconceptível do acontecimento e induzir uma razão de ser qualquer para aquele esmagamento de uma força numerosa, bem aparelhada e tendo chefe de tal quilate. Na desorientação completa dos espíritos alteou-se logo, primeiro esparsa em vagos comentários, condensada depois em inabalável certeza, a ideia de que não agiam isolados os tabaréus turbulentos. Eram a vanguarda de ignotas falanges prontas a irromperem, de remanente, em toda a parte, convergentes sobre o novo regime. E como nas capitais, federal e estaduais, há muito, meia dúzia de platônicos, revolucionários contemplativos e mansos, se agitavam esterilmente na propaganda da restauração monárquica, fez-se de tal circunstância ponto de partida para a mais contraproducente das reações.

Era preciso uma explicação qualquer para sucessos de tanta monta. Encontraram-na: os distúrbios sertanejos significavam pródromos de vastíssima conspiração contra as instituições recentes. Canudos era uma Coblentz de pardieiros. Por detrás da envergadura desengonçada de Pajeú se desenhava o perfil fidalgo de um Brunswick qualquer. A dinastia em disponibilidade, de Bragança, encontrara afinal um Monk, João Abade. E Antonio Conselheiro – um Messias de feira – empolgara nas mãos trementes e frágeis os destinos de um povo...

A República estava em perigo; era preciso salvar a República. Era este o grito dominante sobre o abalo geral...

Exageramos?

Deletreemos, ao acaso, qualquer jornal daqueles dias.

Doutrinava-se: “O que de um golpe abalava o prestígio da autoridade constituída e abatia a representação do brio da nossa pátria no seu renome, na sua tradição e na sua força era o movimento armado que, à sombra do fanatismo religioso, marchava acelerado contra as próprias instituições, não sendo lícito a ninguém iludir-se mais sobre o pleito em que audazmente entravam os saudosos do império, francamente em armas”.

Concluía-se: “Não há quem a esta hora não compreenda que o monarquismo revolucionário quer destruir com a República a unidade do Brasil”.[73]

Explicava-se: “A tragédia de 3 de março em que juntamente com o Moreira César perderam a vida o ilustre coronel Tamarindo e tantos outros oficiais

briosíssimos do nosso exército, foi a confirmação de quanto o partido monarquista à sombra da tolerância do poder público, e graças até aos seus involuntários alentos, tem crescido em audácia e força".[74]

Afirmava-se: "Trata-se da Restauração; conspira-se; forma-se o exército imperialista. O mal é grande; que o remédio corra parelhas com o mal. A monarquia arma-se? Que o presidente chame às armas os republicanos".[75]

E assim por diante. A opinião nacional esbatia-se de tal modo na imprensa. Na imprensa e nas ruas.

Alguns cidadãos ativos congregaram o povo na capital da República e resumiram-lhe a ansiedade patriótica numa moção incisiva.

> O povo do Rio de Janeiro reunido em *meeting* e ciente do doloroso revés das armas legais nos sertões da Bahia, tomadas pela caudilhagem monárquica, e congregado em torno do governo, aplaudindo todos os atos de energia cívica que praticar pela desafronta do exército e da Pátria, aguarda, ansioso, a sufocação da revolta.

A mesma toada em tudo. Em tudo a obsessão do espantalho monárquico, transmudando em legião – coorte misteriosa marchando surdamente na sombra – meia dúzia de retardatários, idealistas e teimosos.

O presidente da República por sua vez quebrou a serenidade habitual:

> Sabemos que por detrás dos fanáticos de Canudos, trabalha a política. Mas nós estamos preparados, tendo todos os meios para vencer, seja como for contra quem for.

Afinal a multidão interveio.

Copiemos:

> Já era tarde e a excitação do povo aumentava na proporção de sua massa sempre crescente; assim nesta indignação lembraram-se dos jornais monarquistas, e todos por um, em um ímpeto de desabafo, foram às redações e tipografias dos jornais *Gazeta da Tarde*, *Liberdade* e *Apóstolo*, e apesar de ter a polícia corrido para evitar qualquer assalto a esses jornais, não chegou a tempo de evitá-lo pois a multidão aos gritos de viva a República e à memória de Floriano Peixoto invadiu aqueles estabelecimentos e destruiu-os por completo, queimando tudo.
>
> Então começaram a quebrar e inutilizar tudo quanto encontraram, atirando depois os objetos, livros, papéis, quadros, móveis, utensílios, tabuletas, divisões, etc., para a rua de onde foram logo conduzidos para o largo de São Francisco de Paula onde formaram uma grande fogueira, ficando outros em montes de destroços na mesma rua do Ouvidor.[76]

Interrompamos, porém, este respigar em ruínas. Mais uma vez no decorrer dos sucessos que nos propusemos narrar, forramo-nos à demorada análise de acontecimentos que fogem à escala superior da História. As linhas anteriores têm um objetivo único: fixar, de relance, símiles que se emparelham na mesma selvatiqueza. A rua do Ouvidor valia por um desvio das caatingas. A correria do sertão entrava arrebatadamente pela civilização adentro. E a guerra de Canudos era, por bem dizer, sintomática apenas. O mal era maior. Não se confinara num recanto da Bahia. Alastrara-se. Rompia nas capitais do litoral. O homem do sertão, encourado e bruto, tinha parceiros porventura mais perigosos.

Valerá a pena defini-los?

A força portentosa da hereditariedade, aqui, como em toda a parte e em todos os tempos, arrasta para os meios mais adiantados – enluvados e encobertos de tênue verniz de cultura – trogloditas completos. Se o curso normal da civilização em geral os contém, e os domina, e os manieta, e os inutiliza, e a pouco e pouco os destrói, recalcando-os na penumbra de uma existência inútil, de onde os arranca, às vezes, a curiosidade dos sociólogos extravagantes ou as pesquisas da psiquiatria, sempre que um abalo profundo lhes afrouxa em torno a coesão das leis, eles surgem e invadem escandalosamente a História. São o reverso fatal dos acontecimentos, o claro-escuro indispensável aos fatos de maior vulto.

Mas não têm outra função, nem outro valor; não há analisá-los. Considerando-os o espírito mais robusto permanece inerte a exemplo de uma lente de *flintglass*, admirável no refratar, ampliadas, imagens fulgurantes, mas imprestável se a focalizam na sombra.

Deixemo-los; sigamos.

Antes, porém, insistamos numa proposição única: atribuir a uma conjuração política qualquer a crise sertaneja, exprimia palmar insciência das condições naturais da nossa raça.

O caso, vimo-lo anteriormente, era mais complexo e mais interessante. Envolvia dados entre os quais nada valiam os sonâmbulos erradios e imersos no sonho da restauração imperial. E esta insciência ocasionou desastres maiores que os das expedições destroçadas. Revelou que pouco nos avantajáramos aos rudes patrícios retardatários. Estes, ao menos, eram lógicos. Insulado no espaço e no tempo, o jagunço, um anacronismo étnico, só podia fazer o que fez – bater, bater terrivelmente a nacionalidade que, depois de o enjeitar cerca de três séculos, procurava levá-lo para os deslumbramentos da nossa idade dentro de um quadrado de baionetas, mostrando-lhe o brilho da civilização através do clarão de descargas.

Reagiu. Era natural. O que surpreende é a surpresa originada por tal fato. Canudos era uma tapera miserável, fora dos nossos mapas, perdida no deserto, aparecendo, indecifrável, como uma página truncada e sem número das nossas tradições. Só sugeria um conceito – e é que assim como os estratos geológicos não raro se perturbam, invertidos, sotopondo-se uma formação moderna a

uma formação antiga, a estratificação moral dos povos por sua vez também se baralha, e se inverte, e ondula riçada de sinclinais abruptas, estalando em *faults*, por onde rompem velhos estádios há muito percorridos.

Sob tal aspecto era, antes de tudo, um ensinamento e poderia ter despertado uma grande curiosidade. A mesma curiosidade do arqueólogo ao deparar as palafitas de uma aldeia lacustre, junto a uma cidade industrial da Suíça...

Entre nós, de um modo geral, despertou rancores. Não vimos o traço superior do acontecimento. Aquele afloramento originalíssimo do passado, patenteando todas as falhas da nossa evolução, era um belo ensejo para estudarmo-las, corrigirmo-las ou anularmo-las. Não entendemos a lição eloquente.

Na primeira cidade da República, os patriotas satisfizeram-se com o auto de fé de alguns jornais adversos, e o governo começou a agir. Agir era isto – agremiar batalhões.

As primeiras notícias do desastre prolongaram por muitos dias a agitação em todo o país. A parte de combate do major Cunha Matos, deficientíssima, mal indicando as fases capitais da ação, eivada de erros singulares, tinha apenas a eloquência do alvoroço com que fora escrita. Incutia nos que a liam o pensamento de uma hecatombe, ulteriormente agravada de outras informações. E estas, instáveis, acirrando num crescendo a comoção e a curiosidade públicas, desencontradamente, lardeadas de afirmativas contraditórias, derivavam pelos espíritos inquietos num desfiar de conjecturas intermináveis.

Não havia acertar no abstruso das opiniões com a mais breve noção sobre as coisas. Ideavam-se sucessos sofregamente aceitos com todos os visos de realidade, até que outros, diversos, os substituíssem, dominando por um dia ou por uma hora as atenções, e extinguindo-se por sua vez diante de outras versões efêmeras. De sorte que num alarma crescente – do boato medrosamente boquejado no recesso dos lares à mentira escandalosa rolando com estardalhaço pelas ruas, se avolumaram apreensões e cuidados. Era uma tortura permanente de dúvidas cruciantes. Nada se sabia de positivo. Nada sabiam mesmo os que haviam compartido o revés. Na inconsistência dos boatos, uma informação única tomava os mais diversos cambiantes.

Afirmava-se: o coronel Tamarindo não fora morto; salvara-se valorosamente, com um punhado de companheiros leais, e estava a caminho de Queimadas. Contravinha-se: salvara-se mas estava gravemente ferido em Maçacará, onde chegara exausto.

Depois uma afirmativa lúgubre: o infeliz oficial fora de fato trucidado. E assim em seguida.

Agitavam-se ideias alarmantes: os sertanejos não eram “um bando de

carolas fanáticos"; eram um "exército instruído, disciplinado" – admiravelmente armados de carabinas Mauser, tendo ademais artilharia, que manejavam com firmeza. Alguns dos nossos, e entre eles o capitão Vilarim, haviam sido despedaçados por estilhas de granadas...

Nessas incertezas, a verdade aparecia, às vezes, sob uma forma heroica. A morte trágica de Salomão da Rocha foi uma satisfação ao amor-próprio nacional. Aditou-se-lhe depois, mais emocionante, a lenda do cabo Roque, abalando comovedoramente a alma popular. Um soldado humilde, transfigurado por um raro lance de coragem, marcara a peripécia culminante da peleja. Ordenança de Moreira César, quando, desbaratara-se a tropa, e o cadáver daquele ficara em abandono à margem do caminho, o lutador leal permanecera a seu lado, guardando a relíquia veneranda abandonada por um exército. De joelhos, junto ao corpo do comandante, batera-se até ao último cartucho, tombando, afinal, sacrificando-se por um morto...

E a cena maravilhosa, fortemente colorida pela imaginação popular, fez-se quase uma compensação à enormidade do revés. Abriram-se subscrições patrióticas; planearam-se homenagens cívicas e solenes; e, num coro triunfal de artigos vibrantes e odes ferventes, o soldado obscuro transcendia à História quando – vítima da desgraça de não ter morrido – trocando a imortalidade pela vida, apareceu com os últimos retardatários supérstites, em Queimadas.

A este desapontamento aditaram-se outros, à medida que a situação se esclarecia. A pouco e pouco se reduzia por um lado, agravando-se por outro, a catástrofe. Os trezentos e tantos mortos das informações oficiais, ressurgiam. Três dias depois do recontro, três dias apenas, já se achava em Queimadas, a duzentos quilômetros de Canudos, grande parte da expedição. Uma semana depois, verificava-se, ali, a existência de 74 oficiais. Duas semanas mais tarde, no dia 19 de março, lá estavam – salvos – 1081 combatentes.

Vimos quantos entraram em ação. Não subtraiamos. Deixemos aí, registrados, estes algarismos inexoráveis.

Eles não diminuíram, com a sua significação singularmente negativa, o fervor das adesões entusiásticas.

Os governadores de estados, os congressos, as corporações municipais, continuaram vibrantes no anelo formidável da vingança. E em todas as mensagens, variantes de um ditado único, monótono pela simulcadência dos mesmos períodos retumbantes, persistiu, como aspiração exclusiva, o esmagamento dos inimigos da República, armados pela caudilhagem monárquica. Como o da capital federal, o povo das demais cidades, entendeu também deliberar na altura da situação gravíssima, apoiando todos os atos de energia cívica que praticasse o governo pela desafronta do exército e (esta conjunção valia por cem páginas eloquentes) da Pátria. Decretou-se o luto nacional. Exararam-se votos de pesar nas atas das sessões municipais mais remotas. Sufragaram-se os mortos em todas as igrejas. E dando à tristeza geral a nota supletiva da sanção religiosa, os arcebispados expediram aos sacerdotes dos dois cleros, ordem para dizerem nas missas a oração *Pro pace*.

Congregaram-se em toda a linha cidadãos ativos, aquartelando. Ressurgiram batalhões, o *Tiradentes*, o *Benjamin Constant*, o *Acadêmico* e o *Frei Caneca*, feitos de veteranos já endurados ao fogo da revolta anterior, da Armada; – enquanto agremiando patriotas de todos os matizes, formavam-se outros, o *Deodoro*, o *Silva Jardim*, o *Moreira César*... Não bastava.

No quartel-general do exército abriram-se inscrições para o preenchimento dos claros de diversos corpos. O presidente da República declarou, em caso extremo, chamar às armas os próprios deputados do Congresso Federal; e, num ímpeto de lirismo patriótico, o vice-presidente escreveu ao Clube Militar propondo-se valentemente cingir o sabre vingador. Fervilhavam planos geniais, ideias raras, incomparáveis. Engenheiros ilustres apresentavam o traçado de um milagre da engenharia – uma estrada de ferro de Vila Nova a Monte Santo, saltando por cima da Itiúba, e feita em trinta dias, e rompendo de chofre, triunfantemente, num coro estrugidor de locomotivas acesas, pelo sertão bravio dentro.

É que estava em jogo, em Canudos, a sorte da República...

Diziam-no informes surpreendedores: aquilo não era um arraial de bandidos truculentos apenas. Lá existiam homens de raro valor – entre os quais se nomeavam conhecidos oficiais do exército e da armada foragidos desde a Revolta de Setembro, que o Conselheiro avocara ao seu partido.

Garantia-se: um dos chefes do reduto era um engenheiro italiano habilíssimo, adestrado talvez nos polígonos bravios da Abissínia. Expunham-se detalhes extraordinários: havia no arraial tanta gente que tendo desertado cerca de setecentos só lhes deram pela falta muitos dias depois. E sucessivas, impiedosas, novas notícias acumulavam-se sobre o fardo extenuador de apreensões, premindo as almas comovidas. Assim estavam já expugnadas pelos jagunços Monte Santo, Cumbe, Maçacará e, talvez, Jeremoabo. As hordas invasoras depois de saquearem aquelas vilas, marchavam convergentes para o sul, reorganizando-se no Tucano, de onde, acrescidas de novos contingentes, demandavam o litoral, avançando sobre a capital da Bahia...

As gentes alucinadas ouviam um surdo tropear de bárbaros...

Os batalhões de Moreira César eram as legiões de Varus... Encalçavam-nos, na fuga, catervas formidandas.

Não eram somente os jagunços. Em Juazeiro, no Ceará, um heresiarca sinistro, o Padre Cícero, conglobava multidões de novos cismáticos em prol do Conselheiro. Em Pernambuco, um maníaco, José Guedes, surpreendia as autoridades, que o interrogavam, com a altaneria estoica de um profeta. Em Minas, um quadrilheiro desempenado, João Brandão, destroçava escoltas e embrenhava-se no alto sertão do São Francisco, tangendo cargueiros ajoujados de espingardas.

A aura da loucura soprava também pelas bandas do Sul: o Monge do Paraná, por sua vez, aparecia nessa concorrência extravagante para a História e para os hospícios.

E tudo isto, punha-se de manifesto, eram feituras de uma conjuração que desde muito vinha solapando as instituições. A reação monárquica tomava afinal a atitude batalhadora precipitando nas primeiras escaramuças, coroadas do melhor êxito, aquela vanguarda de retardatários e de maníacos.

O governo devia agir prontamente.

II

Deslocaram-se batalhões de todos os estados: 12º, 25º, 30º, 31º, 32º, do Rio Grande do Sul; o 27º, da Paraíba; o 34º, do Rio Grande do Norte; o 33º e o 35º, do Piauí; o 5º, do Maranhão; o 4º, do Pará; o 26º, de Sergipe; o 14º e o 5º, de Pernambuco; o 2º, do Ceará; o 5º e parte do 9º de cavalaria, regimento de artilharia da capital federal; o 7º, o 9º e o 16º, da Bahia.

O comandante do 2º distrito militar, general Artur Oscar de Andrade Guimarães, convidado para assumir a direção da luta, aceitou-a tendo antes, numa proclamação pelo telégrafo, definido o seu pensar sobre as coisas: "Todas as grandes ideias têm os seus mártires; nós estamos votados ao sacrifício de que não fugimos para legar à geração futura uma República honrada, firme e respeitada".

A mesma nota em tudo: era preciso salvar a República...

As tropas convergiam na Bahia. Chegavam àquela capital em batalhões destacados e seguiam imediatamente para Queimadas. Esta medida além de corresponder à urgência de uma organização pronta naquela vila – feita base de operações provisória – impunha-se por outro motivo igualmente sério.

É que, generalizando-se de um conceito falso, havia no ânimo dos novos expedicionários uma suspeita extravagante a respeito das crenças monárquicas da Bahia. Ali saltavam com altaneria provocante de triunfadores em praça conquistada. Aquilo, preestabelecera-se, era um Canudos grande. A velha capital com o seu aspecto antigo, alteada sobre a montanha, em que embateram por tanto tempo as chusmas dos "varredores do mar", batavos e normandos; conservando a despeito do tempo, as linhas tradicionais da antiga metrópole do oceano; erecta para a defesa, com os seus velhos fortes disjungidos, esparsos pelas eminências, acrópoles desmanteladas, canhoneiras abertas para o mar; com as suas ladeiras a prumo, envesgando pela montanha segundo o mesmo traçado das trincheiras de taipa de Tomé de Sousa; e com as suas ruas estreitas e embaralhadas pelas quais passaria hoje Fernão Cardim ou Gabriel Soares sem notar diferenças sensíveis – aparecia-lhes como uma ampliação da tapera sertaneja. Não os comovia; irritava-os. Eram cossacos em ruas de Varsóvia. Nos lugares públicos a população surpreendida ouvia-lhes comentários acerbos, enunciados num fanfarrear contínuo sublinhado pelo agudo retinir das esporas e das espadas. E a animadversão gratuita, dia a dia avolumando-se, traduzia-se ao cabo em desacatos e desmandos.

Citemos um caso único: os oficiais de um batalhão, o 30º, levaram a dedicação pela República a um assomo iconoclasta. Em pleno dia tentaram despedaçar, a marretadas, um escudo em que se viam as armas imperiais,

erguido no portão da alfândega velha. A soldadesca por seu lado, assim edificada, exercitava-se em correrias e conflitos.

A paixão patriótica roçava, derrancada, pela insânia. A imprensa e a mocidade do Norte, afinal, protestaram e, mais eloquente que as mensagens então feitas, falava em toda a parte o descontentamento popular, prestes a explodir.

Assim, como medida preventiva, os batalhões chegavam, desembarcavam, atulhavam os carros da Estrada de Ferro Central e seguiam logo para Queimadas. De sorte que em pouco tempo ali estavam todos os corpos destinados à marcha por Monte Santo; e o comandante-geral das forças, em ordem do dia de 5 de abril, pôde organizar a expedição:

> Nesta data ficam assim definitivamente organizadas as forças sob o meu comando:
>
> Os 7º, 14º e 30º batalhões de infantaria constituem a 1ª brigada sob o comando do coronel Joaquim Manuel de Medeiros; 16º, 25º e 27º batalhões da mesma arma, a 2ª brigada ao mando do coronel Inácio Henrique de Gouveia; 5º regimento de artilharia de campanha, 5º e 9º batalhões de infantaria, a 3ª brigada sob o comando do coronel Olímpio da Silveira; 12º, 31º e 33º da mesma arma e uma divisão de artilharia, a 4ª brigada sob o comando do coronel Carlos Maria da Silva Teles; 34º, 35º e 40º, a 5ª brigada sob o mando do coronel Julião Augusto de Serra Martins; 26º, 32º de infantaria e uma divisão de artilharia a 6ª brigada sob o comando do coronel Donaciano de Araújo Pantoja.
>
> A 1ª, 2ª e 3ª brigadas formaram uma coluna, sob o comando do general João da Silva Barbosa, ficando responsável pela mesma até a respectiva apresentação daquele general, o coronel comandante da 1ª brigada; as 4ª, 5ª e 6ª brigadas outra coluna, sob o comando do general Cláudio do Amaral Savaget.

Estava constituída a expedição.

A ordem do dia nada dizia quanto ao desdobramento das operações, talvez porque este, desde muito conhecido, pouco se desviara do traçado anterior. Resumia-se naquela divisão de colunas. Ao invés de um cerco a distância para o que eram suficientes aqueles dezesseis corpos, articulando-se em pontos estratégicos e a pouco e pouco constringindo-se em roda do arraial, planeara-se investir com os fanáticos por dois pontos, seguindo uma das colunas, a primeira, por Monte Santo, enquanto a segunda, depois de reunida em Aracaju, atravessaria Sergipe até Jeremoabo.

Destas vilas convergiriam sobre Canudos.

Linhas já escritas dispensam o insistir na importância de semelhante plano –

cópia ampliada de erros anteriores, com uma variante única: em lugar de uma eram duas as massas compactas de soldados que iriam tombar, todos a um tempo, englobadamente, nas armadilhas da guerra sertaneja. E quando, agitando as mais favoráveis hipóteses, isto não acontecesse, era fácil verificar que a plena consecução dos itinerários preestabelecidos, problematizava ainda um desenlace satisfatório da campanha. À simples observação de um mapa ressaltava que a convergência predeterminada, embora se realizasse, não determinaria o esmagamento da rebelião, mesmo à custa do alvitre extremo e doloroso da batalha.

As estradas escolhidas, do Rosário e de Jeremoabo, interferindo-se fora do povoado, num ponto de sua amplíssima periferia, eram inaptas para o assédio. Os jagunços batidos numa direção única, no quadrante de sudeste, tinham, caso fossem desbaratados, francos, para o ocidente e para o norte, os caminhos do Cambaio, do Uauá e da Várzea da Ema; todo o vasto sertão do São Francisco, asilo impenetrável a que se acolheriam a salvo e onde se aprestariam para a réplica. Ora, a consideração desse abandono em massa do arraial raiava pelo mais exagerado otimismo. Os sertanejos resistiriam, como resistiram, e reagindo aos assaltos feitos apenas por um único flanco, teriam, como tiveram, pelos outros, mil portas por onde comunicarem com as cercanias e abastecerem-se à vontade.

Eram circunstâncias fáceis de deduzirem-se. E, previstas, apontavam naturalmente um corretivo único: uma terceira coluna, que, partindo de Juazeiro ou Vila Nova, e vencendo uma distância equiparada às percorridas pelas outras, com elas convergisse, trancando a pouco e pouco aquelas estradas, originando por fim um bloqueio efetivo.

Não se cogitou, porém, desta divisão suplementar indispensável. Não havia tempo para tal. O país inteiro ansiava pela desafronta do exército e da pátria...

Era preciso marchar e vencer. O general Savaget seguiu logo, nos primeiros dias de abril, para Aracaju; e o comandante em chefe, em Queimadas, dispôs-se para a investida.

Mas esta só se realizaria dois meses depois, em fins de junho. Os lutadores, soldados e patriotas, chegavam à obscura estação da estrada de ferro do São Francisco e quedavam impotentes para a partida.

O grande movimento de armas de março fora uma ilusão. Não tínhamos exército na significação real do termo em que se inclui, mais valiosa que a existência de alguns milhares de homens e espingardas, uma direção administrativa, técnica e tática, definida por um estado-maior enfeixando todos os serviços, desde o transporte das viaturas aos lineamentos superiores da estratégia, órgão preparador por excelência das operações militares.

Faltava tudo. Não havia um serviço de fornecimento organizado, de sorte

que numa base de operações provisória, presa ao litoral por uma estrada de ferro, foi impossível conseguir-se um depósito de víveres. Não havia um serviço de transporte suficiente para cerca de cem toneladas de munições de guerra.

Por fim não havia soldados: os carregadores de armas, que ali desembarcavam, não vinham dos polígonos de tiro, ou campos de manobra. Os batalhões chegavam, alguns desfalcados, menores que companhias, com o armamento estragado e carecendo das noções táticas mais simples. Era preciso completá-los, armá-los, vesti-los, municiá-los, adestrá-los e instruí-los.

Queimadas fez-se um viveiro de recrutas e um campo de instrução. Os dias começaram a escoar-se monotonamente em evoluções e manobras, ou exercícios de fogo, numa linha de tiro improvisada num sulco aberto na caatinga próxima. E o entusiasmo marcial dos primeiros tempos afrouxava, molificado na insipidez daquela Cápua invertida, em que bocejavam, remansando, centenares de valentes, marcando passo diante do inimigo...

Dali seguiram, batalhão por batalhão, iludindo em transporte parcial a carência de viaturas, para Monte Santo, onde a situação não variou. Continuaram até meados de junho os mesmos exercícios e a mesma existência aleatória de mais de três mil homens em armas, dispostos aos combates mas impotentes para a partida e – registremos esta circunstância singularíssima – vivendo à custa dos recursos ocasionais de um município pobre e talado pelas expedições anteriores.

A custo terminara-se a linha telegráfica de Queimadas, pela comissão de engenheiros militares, dirigida pelo tenente-coronel Siqueira de Meneses. E foi a única coisa apreciável durante tanto tempo perdido. O comandante em chefe, sem carretas para o transporte de munições, desapercebido dos mais elementares recursos, quedava-se, sem deliberar, diante da tropa acampada, e mal avitualhada por alguns bois magros e famintos dispersos em torno sobre as macegas secas das várzeas. O deputado do Quartel-Mestre-General não conseguira sequer um serviço regular de comboios, que partindo de Queimadas abastecessem a base das operações, de modo a armazenar reservas capazes de sustentar por oito dias a tropa. De sorte que ao chegar o mês de julho, quando a 2ª Coluna, atravessando Sergipe se abeirava de Jeremoabo, não havia em Monte Santo um único saco de farinha em depósito. A penúria e uns como prenúncios de fome, condenavam à imobilidade a divisão em que se achava o principal chefe da campanha.

Esta estagnação desalentava os soldados e alarmava o país. Como um diversivo, ou um pretexto de afastar por alguns dias de Monte Santo mil e tantos concorrentes aos escassos recursos da coluna, duas brigadas seguiram em reconhecimentos inúteis até ao Cumbe e Maçacará. Foi o único movimento militar realizado e não teve sequer o valor de aplacar a impaciência dos expedicionários.

Uma delas, a 3ª de infantaria, – recém-formada com o 5º e o 9º batalhões de

artilharia, porque esta se reconstituíra com a anexação de uma bateria de tiro rápido e com o 7º destacado da 1ª – estava sob o comando de um oficial incomparável no combate, mas de temperamento irrequieto demais para aquela apatia. E ao chegar a Maçacará, depois de prear em caminho alguns cargueiros que demandavam o arraial sedicioso, em vez de volver à base de operações esteve na iminência de seguir, isolada, pela estrada do Rosário, para o centro da luta. O coronel Thompson Flores planeando este movimento indisciplinado e temerário, mal contido pela sua oficialidade, delatava, bem que exagerada pelo seu forte temperamento nervoso, a situação moral dos combatentes. Revoltava-os a todos a imobilidade em que se amortecera o arranco marcial dos primeiros dias.

Estremeciam muitos imaginando o desapontamento de receberem, de improviso, a nova da tomada de Canudos pelo general Savaget. Calculavam os efeitos daquela dilação ante a opinião pública ansiosa por um desenlace; e consideravam quão útil se tornaria ao adversário, alentado por três vitórias, aquele armistício de três meses.

Esta última consideração era capital.

O general Artur Oscar determinou de agir traçando, a 19 de junho, a ordem do dia da partida na qual “deixa à imparcialidade da História a justificativa de tal demora”.

Sem o laconismo próprio de tais documentos, o general, após augurar inevitável vitória sobre a gente de Antonio Conselheiro, “o inimigo da República”, aponta às tropas os perigos que as saltearão à entrada do sertão onde “o inimigo as atacará pela retaguarda e flancos” no meio daquelas “matas infelizes” eivadas “de caminhos obstruídos, trincheiras, surpresas de toda a sorte, e tudo o quanto a guerra tem de mais odioso”.

Em que pese à sua literatura alarmante, eram dados verdadeiros, estes. A comissão de engenharia realizara reconhecimentos acordes no afirmarem, mais viva, a aspereza do solo, cujos traços topográficos impunham três condições ao favorável sucesso da campanha: forças bem abastecidas, que dispensassem os recursos das paragens pobres; mobilidade máxima; e plasticidade, que as adaptasse bem às flexuras de terreno revolto e agro.

Eram três requisitos essenciais, completando-se. Mas nem um só foi satisfeito. As tropas partiriam da base de operações – a meia ração. Seguiriam chumbadas às toneladas de um canhão de sítio. E avançariam em brigadas cujos batalhões, a quatro de fundo, guardavam escasso intervalo de poucos metros.

Persistia a obsessão de uma campanha clássica. Mostram-na as instruções entregues, dias antes, aos comandantes de corpos. Resumo de uns velhos preceitos que cada um de nós, leigos no ofício, podemos encontrar nas páginas

do Vial, o que em tal documento se depara – é a teimosia no imaginar, impactas, dentro de traçados gráficos, as guerrilhas solertes dos jagunços.

O chefe expedicionário alongou-se exclusivamente numa distribuição de formaturas. Não se preocupou com o aspecto essencial de uma campanha que, reduzida ao domínio estrito da tática – se resumia no aproveitamento do terreno e numa mobilidade vertiginosa. Porque a sua tropa mal distribuída ia seguir para o desconhecido, sem linhas de operações – adstrita aos reconhecimentos ligeiros feitos anteriormente, ou dados colhidos, de relance, por oficiais das outras expedições – e nada existe de prático naquelas instruções sobre serviços de segurança na vanguarda e nos flancos. Em compensação ostenta a preocupação da ordem mista, em que os corpos, na emergência da batalha, se deveriam desenvolver, com as distâncias regulamentares, de modo que cada brigada, desarticulando-se em campo raso, pudesse, geometricamente – cordões de atiradores, linhas de apoio e reforço, e reservas – agir com a segurança mecânica estatuída pelos luminares da guerra. E o chefe expedicionário citou, a propósito, Ther Brun. Não quis inovar. Não imaginou que o frio estrategista invocado, um gênio que não valia na ocasião as ardilezas de um *capitão do mato*, capitularia os dispositivos preceituados de idealização sem nome, nas guerras sertanejas – guerras à gandaia, sem programas rígidos, sem regras regulares, rodeadas de mil casos fortuitos, e aos recontros súbitos em todas as voltas dos caminhos ou tocaias em toda a parte.

Copiou instruções que nada valiam porque estavam certas demais. Quis desenhar o imprevisto. A luta que só pedia um chefe esforçado e meia dúzia de sargentos atrevidos e espertos, ia iniciar-se enleada em complexa rede hierárquica – uns tantos batalhões maciços entalando-se em veredas flexuosas e emperrados diante de adversários fugitivos e bravos. Prendeu-se-lhes, além disto, às ilhargas, a mole de aço de um Whitworth de 32, pesando 1 700 quilos! A tremenda máquina, feita para a quietude das fortalezas costeiras – era o entupimento dos caminhos, a redução da marcha, a perturbação das viaturas, um trambolho a qualquer deslocação vertiginosa de manobras. Era, porém, preciso assustar os sertões com o monstruoso espantalho de aço, ainda que se pusessem de parte medidas imprescindíveis.

Exemplifiquemos: as colunas partiram da própria base das operações em situação absolutamente inverossímil – a meia ração. Marcharam em desdobramentos que, como veremos em breve, não as forravam dos assaltos. Por fim, não tiveram a garantia de uma vanguarda eficaz, de flanqueadores capazes de as subtraírem a surpresas.

Os que as acompanhavam nada valiam. Tinham que marchar, ladeando o grosso da tropa por dentro das caatingas, e estas tolhiam-lhes o passo. Soldados vestidos de pano, rompendo aqueles acervos de espinheirais e bromélias, mal arriscariam alguns passos, deixando por ali, esgarçados os fardamentos, em tiras.

Entretanto, poderiam avançar adrede predispostos a remoção de tais inconvenientes. Bastava que fossem apropriadamente fardados. O hábito dos

vaqueiros era um ensinamento. O flanqueador devia meter-se pela caatinga, envolto na armadura de couro do sertanejo – garantido pelas alpercatas fortes, pelos guarda-pés e perneiras, em que roçariam inofensivos os estiletes dos xiquexiques, pelos gibões e *guarda-peitos*, protegendo-lhe o tórax, e pelos chapéus de couro, firmemente apresilhados ao queixo, habilitando-o a arremessar-se, imune, por ali adentro. Um ou dois corpos assim dispostos e convenientemente adestrados, acabariam por copiar as evoluções estonteadoras dos jagunços, sobretudo considerando que ali estavam, em todos os batalhões, filhos do Norte, nos quais o uniforme bárbaro não se ajustaria pela primeira vez.

Não seria, isto, excessiva originalidade. Mais extravagantes são os dólmãs europeus de listas vivas e botões fulgentes, entre os gravetos da caatinga decídua. Além disto, atestam-no os nossos admiráveis patrícios dos sertões, aquela vestidura bizarra, capaz, em que pese ao seu rude material, de se afeiçoar aos talhos de uma plástica elegante, parece que robustece e enrija. É um mediador de primeira ordem ante as intempéries. Atenua o calor no estio, atenua o frio no inverno; amortece as mais repentinas variações de temperatura; normaliza a economia fisiológica, e produz atletas. Harmoniza-se com as maiores vicissitudes da guerra. Não se gasta; não se rompe. Depois de um combate longo, o lutador exausto tem o fardamento intacto e pode repousar sobre uma moita de espinhos. Ao ressoar de um alarma súbito, apruma-se, de golpe, na formatura, sem uma prega na sua couraça flexível. Marcha sob uma chuva violenta e não tirita encharcado; depara, adiante, um ervaçal em chamas e rompe-o aforradamente; antolha-se-lhe um ribeirão correntoso e vadeia-o, leve, dentro da véstia impermeável.

Mas isto seria uma inovação extravagante. Temeu-se colar à epiderme do soldado a pele coriácea do jagunço. A expedição devia marchar corretíssima. Corretíssima e fragílima.

Partira em primeiro lugar, no dia 14, a comissão de engenharia, protegida por uma brigada. Levava uma tarefa árdua: afeiçoar à marcha as trilhas sertanejas; e retificá-las, ou alargá-las, ou nivelá-las, ou ligá-las por estivas e pontilhões ligeiros, de modo que em tais veredas cindidas de boqueirões e envesgando pelos morros, passasse aquela artilharia imprópria – as baterias de Krupp, alguns canhões de tiro rápido, e o aterrador 32, que por si só requeria estrada de rodagem, consolidada e firme.

Esta estrada foi feita. Abriu-a num belo esforço e com tenacidade rara, a comissão de engenharia, desenvolvendo-a até ao alto da Favela, num percurso de quinze léguas.

Para este trabalho notável houve um chefe – o tenente-coronel Siqueira de Meneses.

Ninguém até então compreendera com igual lucidez a natureza da campanha, ou era mais bem aparelhado para ela. Firme educação teórica e espírito observador, tornavam-no guia exclusivo daqueles milhares de homens, tateantes em região desconhecida e bárbara. Percorrera-a quase só, acompanhado de um ou dois ajudantes, em todos os sentidos. Conhecia-a toda; e infatigável, alheio a temores, aquele campeador, que se formara fora da vida dos quartéis, surpreendia os combatentes mais rudes. Largava pelas chapadas amplas, perdia-se no deserto referto de emboscadas, observando, estudando e muitas vezes lutando. Cavalgando animais estropiados, inaptos a um meio galope frouxo, afundava nos grotões; varava-os; galgava os cerros abruptos, em reconhecimentos perigosos; e surgia no Caipã, em Calumbi e no Cambaio, em toda a parte, mais preocupado com a carteira de notas e os *croquis* ligeiros do que com a vida.

Atraía-o aquela natureza original. A sua flora estranha, o seu *facies* topográfico atormentado, a sua estrutura geognóstica ainda não estudada – antolhavam-se-lhe, largamente expandidas, em torno, escritas numa página revolta da Terra que ainda ninguém lera. E o expedicionário destemeroso fazia-se, não raro, o pensador contemplativo. Um pedaço de rocha, o cálice de uma flor ou um acidente do solo, despeavam-no das preocupações da guerra, levando-o à região remansada da ciência.

Conheciam-no os vaqueiros amigos das cercanias e por fim os próprios jagunços. Assombrava-os aquele homem frágil, de fisionomia nazarena, que, apontando em toda a parte com uma carabina à bandoleira e um podômetro preso à bota, lhes desafiava a astúcia e não tremia ante as emboscadas e não errava a leitura da bússola portátil entre os estampidos dos bacamartes.

Por sua vez o comandante em chefe avaliara o seu valor. O tenente-coronel Meneses era o olhar da expedição. Oriundo de família sertaneja do Norte e tendo até próximos colaterais entre os fanáticos, em Canudos, aquele jagunço alourado, de aspecto frágil, física e moralmente brunido pela cultura moderna, a um tempo impávido e atilado – era a melhor garantia de uma marcha segura. E deu-lhe um traçado que surpreendeu os próprios sertanejos.

Entre os caminhos que demandavam Canudos, dois, o do Cambaio e o de Maçacará, haviam sido trilhados pelas expedições anteriores. Restava o de Calumbi, mais curto e em muitos pontos menos impraticável, sem as trincheiras alterosas do primeiro ou vastos plainos estéreis do último. Tais requisitos faziam crer que fosse inevitavelmente escolhido. Neste pressuposto os sertanejos fortificaram-no de tal maneira que a marcha da expedição por ali acarretaria desastre completo, muito antes do arraial.

O plano esboçado pela comissão de engenharia evitou-o, norteando a estrada mais para o levante, beirando os contrafortes de Aracati.

Por ali avançaram, parceladamente, as brigadas.

A de artilharia, decampando de Monte Santo, a 17, deparou logo aos primeiros passos, dificuldades sérias. Enquanto os canhões mais ligeiros chegavam, transcorridos dez quilômetros, ao rio Pequeno, o obstruente 32 ficara distanciado de uma légua. Pela estrada escorregadia e cheia de tremedais, ronceavam penosamente as vinte juntas de bois que o arrastavam, guiadas por inexpertos carreiros, uns e outros pouco afeitos àquele gênero de transportes, inteiramente novo e em que toda a sorte de empecilhos surgiam a todo o instante e a cada passo, nas flexuras fortes do caminho, na travessia das estivas malfeitas, ou em repentinos desnivelamentos fazendo adernar a máquina pesadíssima.

Somente no dia 19, à tarde, gastando três dias para percorrer três léguas, chegou o canhão retardatário ao Caldeirão Grande, permitindo que se reorganizasse a brigada de artilharia que, juntamente com a 2ª, de infantaria, tendo à vanguarda o 25º batalhão, do tenente-coronel Dantas Barreto, prosseguiria na manhã subsequente para a Gitirana, distante oito quilômetros da estação anterior, com a mesma marcha fatigante e remorada.

Naquele mesmo dia saíra de Monte Santo o comandante-geral e o grosso da coluna constituído pelas 1ª e 3ª brigadas, com o efetivo de 1 933 soldados.

Toda a expedição em caminho, forte de uns três mil combatentes, avançou até ao Aracati, quarenta e seis quilômetros além de Monte Santo, de idêntico modo: as grandes divisões progredindo isoladas, ou concentrando-se e dispersando-se logo, distanciando-se às vezes demais, contrastando sempre a investida ligeira da vanguarda com o tardo caminhar da artilharia. Mais afastado ainda, no couce de toda a tropa, ia o grande comboio geral de munições, sob o mando direto do deputado do Quartel-Mestre-General, coronel Campelo França, e guarnecido com 432 praças, o 5º corpo de polícia baiana – o único entre todos que se talhara pelas condições da campanha. Recém-formara-se com sertanejos engajados nas regiões ribeirinhas do São Francisco. Mas não era um batalhão de linha, como não era um batalhão de polícia. Aqueles caboclos rijos e bravos, joviais e bravateadores que mais tarde, nos dias angustiosos do assédio de Canudos, descantariam, ao som dos machetes, modinhas folgazãs, debaixo de fuzilarias rolantes – eram um batalhão de jagunços. Entre as forças regulares de um e outro matiz, imprimiam o traço original da velha bravura a um tempo romanesca e bruta, selvagem e heroica, cavaleira e despiedada, dos primeiros mestiços, batedores de bandeiras. Eram o temperamento primitivo de uma raça, guardado, intacto, no insulamento das chapadas, fora da intrusão de outros elementos e aparecendo, de chofre, com a sua feição original; misto interessante de atributos antilógicos, em que uma ingenuidade adorável e a lealdade levada até ao sacrifício e o heroísmo distendido até à barbaridade, se confundem e se revezam, indistintos. Vê-lo-emos ao diante.

O 5º corpo e o comboio, partindo por último, de Monte Santo, à reçaga da expedição, quando deviam centralizá-la, seguiam, ao cabo, completamente

isolados. E isto acontecia aos demais batalhões. A despeito da formatura estatuída, verificara-se logo a impossibilidade de uma concentração imediata, na emergência da batalha. Adstrito ao trabalho dos sapadores, todo o trem da artilharia ficava, por vezes, longamente separado do resto da coluna, como um trambolho obstruente entre a vanguarda e o comboio geral. De sorte que se, por um golpe de ousadia, os jagunços, em trechos adrede escolhidos, houvessem salteado o último, o refluxo da primeira, correndo em auxílio, estacaria de encontro às baterias engasgadas nas veredas estreitas.

Revela-o o roteiro pormenorizado da marcha. Enquanto o grosso da coluna decampava, no alvorecer de 21, do Rio Pequeno, pouco mais de uma légua além de Monte Santo, e chegava, seriam nove horas da manhã, ao Caldeirão Grande, depois de caminhar duas léguas, já desta escala largara à retaguarda da artilharia o canhão 32, protegido pela brigada Medeiros. Na mesma ocasião, mais avantajada, a brigada Gouveia atingia a Gitirana, à noite, onde já se achavam a comissão de engenheiros e o general Artur Oscar, que até lá fora, escoteiro, seguido de um piquete de vinte praças de cavalaria e do 9º de infantaria. Considerando-se que o comboio dirigido pelo coronel Campelo França e protegido pelo 5º de polícia, ficara à retaguarda, vê-se que a tropa se espalhara em longura de quase quatro léguas, violando-se inteiramente as instruções preestabelecidas.

No amanhecer do dia 22 enquanto o general Barbosa, que permanecera o resto do dia anterior em Caldeirão, levantava acampamento seguindo para Gitirana, daí partia o comandante-geral com a 1ª brigada, o 9º batalhão da 3ª e 25º da 2ª, a ala de cavalaria do major Carlos de Alencar e a artilharia, levando o dispositivo prefixado: na frente o 14º e 30º batalhões, no centro a cavalaria e a artilharia; depois dois outros corpos, 9º e o 25º. Ora, enquanto o comandante-geral seguia rapidamente naquele dia chegando em pouco tempo com a vanguarda a Juá, 7600 metros além de Gitirana, a artilharia imobilizava-se nesta última escala aguardando que a comissão de engenheiros ultimasse a abertura de picadas e trabalhos de sapa; e como o grosso das forças vinha ainda pela estrada do Caldeirão, estas mais uma vez se subdividiam forçadamente, ficando em condições desvantajosas na emergência de um assalto, porque não vinham adrede dispostas a afastamentos tão largos, que deviam ter sido de antemão estabelecidos, realizando-se não como um vício de mobilidade mas como requisito tático indispensável.

As brigadas reuniram-se, por fim, na noite daquele dia, em Juá. Ali chegou, às 6 horas, logo após a artilharia, o resto da coluna composta dos 5º, 7º, 15º, 16º e 27º corpos de infantaria. Excetuava-se o comboio, retardado num trecho qualquer dos caminhos.

Daquele ponto seguiram, os dois generais, na manhã de 23, para Aracati, 12 800 metros na frente, fazendo a vanguarda os batalhões do coronel Gouveia. Mas a artilharia, protegida pelos do coronel Medeiros, só se moveu ao meio-dia, depois que os engenheiros, apoiados pela brigada Flores, executaram penosíssimos trabalhos de reparos.

Pormenorizamos, miudeando-a aos menores incidentes, esta marcha, para que se revelem as condições excepcionais que a rodearam.

Depois da partida de Juá e atingida a velha fazenda do Poço, totalmente em ruínas, sobreveio incidente indicador do quanto era conhecido o terreno em que se avançava.

Ao invés de prosseguirem em rumo para a direita – buscando a fazenda do Sítio, de um sertanejo aliado, Tomás Vila-Nova, inteiramente dedicado à nossa gente – entraram os sapadores por um desvio, à esquerda. Quando já iam longe, depois de algumas horas de trabalho, reconheceu o tenente-coronel Siqueira de Meneses a impossibilidade de afeiçoar os caminhos com a presteza necessária. "Tais eram o grande movimento de terras a fazer-se, o cerrado da caatinga, os pesados lajedos a remover-se, além dos acidentes do terreno para a descida e subida dos veículos." Abandonando então todo o trabalho feito, procurou o sítio de Vila-Nova. Esclarecido por este, atacou, à tarde, a nova vereda que, embora alongando a distância, tinha melhores condições de viabilidade. A artilharia por ali só avançou ao cair da tarde, passando pelo sítio dos Pereiras. Foi acampar à meia-noite na lagoa da Laje, dois quilômetros aquém de Aracati, onde já estava havia muito toda a coluna. Ficara ainda mais à retaguarda com a 3ª brigada, o moroso 32, à borda a pique de um ribeirão, o dos Pereiras, que o adiantado da noite, obstara se pudesse atravessar.

Entrava-se, no entanto, na zona perigosa. Nesse dia, na lagoa da Laje, o piquete do comando-geral, guiado por um alferes, surpresara alguns rebeldes que destelhavam a casa ali existente. O recontro foi rápido. Os sertanejos de surpresa acometidos por uma carga, fugiram sem replicar. Um único ficou. Estava sobre o telhado levadio e ao descer viu-se circulado. Reagiu apesar de ferido. Afrontou-se com o adversário mais próximo, um anspeçada; desmontou-o; e arrancou-lhe das mãos a clavina, derreando-o com ela a coronhadas. Encostou-se depois à parede do casebre e fez frente aos soldados, girando-lhes à cabeça a arma, em molinete. Batido, porém, de toda a banda, baqueou, exausto e retalhado. Mataram-no. Era a primeira façanha, exígua demais para tanta gente.

Suceder-se-lhe-iam outras.

No dia 24 agravou-se a marcha. A coluna, que decampara de Aracati ao meio-dia, porque teve de aguardar a vinda dos retardatários da véspera, endireitou, unida, para Juetê, distante 13 200 metros, – para mais uma vez se subdividir.

Os caminhos pioravam.

Tornou-se necessário, além dos trabalhos de sapa, abrir mais de uma légua de picada contínua através de uma caatinga feroz que naquele trecho justifica bem o significado da denominação indígena do lugar.[77]

Relata o chefe desse trabalho memorável:[78]

> Ao xiquexique, palmatória, rabo-de-raposa, mandacarus, croás, cabeça-de-frade, calumbi, cansanção, favela, quixaba e a respeitabilíssima macambira,

reuniu-se o muito falado e temido cunanã, espécie de cipó com aspecto arborescente, imitando no todo a uma planta cultivada nos jardins, cujas folhas são cilíndricas. A poucos centímetros do chão o tronco divide-se em muitos galhos que se multiplicam numa profusão admirável, formando uma grande copa, que se mantém no espaço por seus próprios esforços ou favorecido por algumas plantas que vegetam de permeio. Estende suas franças de folhas cilíndricas com oito caneluras e igual número de filetes em gume e pouco salientes, semelhando-se a um enorme polvo de milhões de antenas, como elas flexíveis e elásticas, cobrindo, não raras vezes, considerável superfície do solo, emaranhando-se, por entre a esquisita e raquítica vegetação destas paragens, em uma trama impenetrável. A foice mais afiada dos nossos soldados do contingente de engenharia ("chineses" na frase gaiata dos companheiros dos corpos combatentes) e polícia, dificilmente as decepavam nos primeiros golpes, oferecendo, portanto, resistência inesperada ao empenho que todos traziam em ir por diante. Nesse labirinto de nova espécie, teve a comissão de engenharia em poucas horas de abrir mais de seis quilômetros de estrada, tendo ao encalço a artilharia, que a atropelava impaciente. O ingente esforço desenvolvido pelos distintos e patriotas republicanos empenhados neste pesadíssimo labor não impediu que a noite os viesse surpreender, antes de chegar à espécie de clareira denominada pelo povo do lugar de Queimadas, onde esta vegetação traiçoeira desaparecia de sua frente, como que tomada de medo. Antes que o desânimo, o cansaço e o sono se apoderassem dos nossos soldados resignados e trabalhadores, a citada comissão representada nesta ocasião pelo chefe; tenentes Nascimento e Crisanto, alferes Ponciano, Virgílio e Melquíades, os dois últimos da polícia, o terceiro auxiliar e o quarto comandante do contigente de engenharia, pois o capitão Coriolano e tenente Domingos Ribeiro achavam-se mais atrás em outros trabalhos, tomou o alvitre de mandar acender, já escura a noite, de distância em distância, grandes fogueiras para à sua luz prosseguirem os obreiros da boa causa da Pátria.

Assim conclui-se com alegria geral e contentamento, das 8 para 9 horas da noite, este último trecho, em que o cunanã se dissolveu em mais benigna vegetação ao sair das Queimadas de que já falamos. O canhão 32, não podendo vencer os obstáculos avolumados pela noite, ficou dentro da picada até o dia seguinte e com ele o dr. Domingos Leite, que trabalhava desde o Rio Pequeno com uma turma de "chineses" no empenho de levá-lo a Canudos.

Pouco depois de 9 horas estava a comissão reunida e acampada na clareira debaixo de chuvas torrenciais, que se prolongaram até ao dia seguinte, a todos contrariando, a todos causando mal-estar e aborrecimento. Aí também acampou a brigada de artilharia, o 16º, e o 25º batalhões de infantaria, tendo-se conservado em proteção ao 32 o 27º, que dormiu na picada. Foi magnífico, esplêndido mesmo, o espetáculo que a

> todos vivamente impressionou, vendo a artilharia com seus metais faiscantes e polidos, altiva de sua força soberana, atravessar garbosa e imponente, como rainha do mundo, por entre os fantásticos clarões de grandes fogos, acesos no deserto, como que pelo gênio da liberdade, para mostrar-lhe o caminho do dever, da honra e da glória.

Durante este tempo chegava a Juetê, onde pernoitou, o general Oscar, com o estado-maior e o piquete de cavalaria. Ao passo que o general Barbosa, com a 1ª e 3ª brigadas, endireitava para a fazenda do Rosário, 4 700 metros na frente.

Ali chegou na antemanhã seguinte o comandante-geral; e mais tarde o resto da divisão, tendo-se tornado, ainda, necessário taludar as ribanceiras do rio Rosário para que o atravessasse a artilharia.

O inimigo apareceu outra vez. Mas célere, fugitivo. Algum piquete que bombeava a tropa. Dirigia-o Pajeú. O quadrilheiro famoso visara, à primeira vista, um reconhecimento. Mas, de fato, como o denunciaram ulteriores sucessos, trazia objetivo mais inteligente: renovar o delírio das cargas e um marche-marche doudo, que tanto haviam prejudicado a expedição anterior. Aferrou a tropa num tiroteio rápido, de flanco, fugitivo, acompanhando-a velozmente por dentro das caatingas. Desapareceu. Surgiu, logo depois, adiante. Caiu num arremesso vivo e fugaz sobre a vanguarda, feita neste dia pelo 9º de infantaria. Passou, num relance, acompanhado de poucos atiradores, por diante, na estrada. Não foi possível distingui-los bem. Trocadas algumas balas, desapareceram. Ficou, aprisionado e ferido um curiboca de 12 ou 14 anos, que nada revelou no interrogatório a que o sujeitaram.

A tropa acampou, sem outros sucessos, naquele sítio.

Reuniram-se os combatentes, exceto a 3ª brigada que se avantajara até às Baixas, seis quilômetros na frente.

O comandante em chefe enviou, então, ao general Savaget, um emissário reiterando o compromisso anterior de se encontrarem, a 27, nas cercanias de Canudos.

Decamparam a 26, seguindo para o Rancho do Vigário 18 quilômetros mais longe, após pequena alta nas Baixas.

Estavam a cerca de 80 quilômetros de Monte Santo. Em plena zona perigosa. A breve troca de balas da véspera pressupunha eventualidades de combates. Talvez esclarecidos pelo reconhecimento feito, os jagunços se dispusessem a refregas mais sérias. Denunciava-os, como sempre, de algum modo, a fisionomia da terra, a conformação do terreno que dali por diante se acidenta, eriçado de cômoros escalvados, até às Baixas, onde se alcantila a serra do Rosário, de flancos duros e vegetação rara.

As tropas iam escalar pelo sul a antemural que circunscreve Canudos.

Progrediam cautelosas na rota. Não ressoaram mais as cornetas. Formados cedo, os batalhões marcharam até ao sopé da serrania. Galgaram-na. Derivaram, depois, na descida pelo boqueirão que a separa do Rancho do Vigário.

Toda a coluna se subdividiu ainda, largamente fracionada: enquanto a vanguarda atingia, ao entardecer, o pouso, a artilharia ligeira, que abandonara com os engenheiros o ronceiro 32, vinha pelos primeiros recostos da vertente e aquele ascendia vagarosamente, do outro lado, à feição dos trabalhos de sapa que lhe estradavam as ladeiras. A noite, e com a noite uma chuva torrencial batida de ventanias violentas, desceu sobre os expedicionários que em tais condições seriam facilmente desbaratados pelas guerrilhas dos adversários, velhos conhecedores do terreno. Não o fizeram. Tinham mais bem disposta, outra posição, como veremos. Deixaram também em paz o comboio que seguia, perdido à retaguarda, pela estrada de Juetê. Haviam afrouxado os animais de tiro e toda a carga de 53 carroças e 7 grandes carros de bois passara, subdividida, para as costas dos rijos sertanejos do 5º batalhão da polícia.

Passou, entretanto, em paz, a noite. No dia subsequente 27, emprazado para o encontro temeroso das duas colunas – apisoando ovantes os escombros do arraial investido – pôs-se tudo em movimento para a última jornada. E na alacridade singular sulcada de impaciências, de apreensões, e de entusiasmo vibrante, que antecede a vinda da batalha, ninguém cogitou nos companheiros remorados.

As brigadas abalaram, deixando de todo esquecido, ao longe, o comboio, desguarnecido por completo, porque os seus soldados já arcando sob grandes fardos, já auxiliando os raros muares que ainda suportavam as cargas, estavam nas mais impróprias condições para o mais ligeiro recontro.

Seguiram as brigadas: na frente a do coronel Gouveia com duas bocas de fogo; no centro a do coronel Olímpio da Silveira e a cavalaria; e depois, sucessivamente, as dos coronéis Thompson Flores e Medeiros. Atravessaram sobre dois pontilhões ligeiros o riacho do Angico. Estiraram-se vagarosamente, estrada em fora, numa linha de dez quilômetros.

Rompia a marcha o 25º batalhão, ladeado de dois pelotões de flanqueadores, inúteis, mal rompendo a golpes de facão as galhadas.

De sorte que os jagunços os assaltaram, de surpresa, antes da chegada, ao meio-dia, no Angico. Foi mais sério o ataque, ainda que não valesse o nome de combate, que mais tarde lhe deram. Pajeú congregara os piquetes que se sucediam daquele ponto até Canudos e viera, de soslaio, sobre a força. Esta, sobre uma rampa escampada, ficou em alvo ante os tiros por elevação dos sertanejos imperfeitamente distinguidos na orla do matagal, embaixo; mas replicou com firmeza, perdendo apenas dois soldados, um morto e outro ferido. E continuou avançando em ordem, a passo ordinário, até ao sítio memorável de Pitombas, onde houvera o primeiro encontro de Moreira César com os fanáticos.

O lugar era lúgubre.

Despontavam em toda a banda recordações cruéis: mulambos já incolores, de fardas, oscilando à ponta dos esgalhos secos; velhos selins, pedaços de mantas e trapos de capotes esparsos pelo chão, de envolta com fragmentos de ossadas. À margem esquerda do caminho, erguido num tronco – feito um cabide em que estivesse dependurado um fardamento velho – o arcabouço do coronel Tamarindo, decapitado, braços pendidos, mãos esqueléticas calçando luvas pretas...

Jaziam-lhe aos pés o crânio e as botas.

E do correr da borda do caminho ao mais profundo das macegas, outros companheiros de infortúnio: esqueletos vestidos de fardas poentas e rotas, estirados no chão, de supino, num alinhamento de formatura trágica; ou desequilibradamente arrimados aos arbustos flexíveis, que, oscilando à feição do vento, lhes davam singulares movimentos de espectros – delatavam demoníaca encenação adrede engenhada pelos jagunços. Nada lhes haviam tirado, excluídas as munições e as armas. Uma praça do 25º encontrou no lenço envolto na tíbia descarnada de um deles, um maço de notas somando quatro contos de réis – que o adversário desdenhara, como a outras coisas de valor para ele despiciendas.

Os combatentes assombrados, mal atentaram naquele cenário; porque o inimigo continuava aferroando-os, de esguelha. Repelido no recontro anterior, depois que o contornara pela direita uma companhia do 25º dirigida pelo capitão Trogílio de Oliveira, recuava, atacando.

O 25º e logo após o 27º do major Henrique Severiano da Silva, prosseguiram repelindo-o, até ao Angico.

Era meio-dia. A batalha parecia iminente. Em vários pontos, partindo dos flancos e da frente, estalavam tiros destacados. O comandante-geral tomou as disposições mais convenientes para repelir o adversário que tudo denotava ir aparecer, rodeando-o. Um piquete de cavalaria dirigido pelo alferes Marques da Rocha, de seu estado-maior, enviado a bater o matagal, à esquerda, revolveu-o, entretanto, inutilmente. A avançada prosseguiu.

Duas horas depois, ao transpor o general o teso de uma colina, o ataque recrudesceu, de súbito. Fizeram-se alguns disparos de Krupp. Um sargento de cavalaria e algumas praças arrojaram-se temerariamente na caatinga. Varreram-na. A marcha continuou. Na frente o 25º vanguardeado por uma companhia de exploradores e sucessivamente seguido do 27º e o 16º, replicava aos tiroteios escassos e acelerava a investida.

Aproximava-se a noite. A vanguarda arremeteu com as últimas ladeiras vivas do caminho, nas Umburanas. Subiu-as ofegante, sem vacilar na marcha. Repeliu mais uma vez o ataque sério, pelo flanco.

E vingou a montanha.

No último passo da ascensão se lhe antolhou um plano levemente inclinado, entre duas largas ondulações, fechado adiante por alguns cerros desnudos.

Era o alto da Favela.

Naquele ponto este morro lendário é um vale. Subindo-o tem-se a impressão imprevista de se chegar numa baixada.

Parece que se desceu. Toda a fadiga da ascensão difícil se volve em penoso desapontamento ao viajor exausto. Constringe-se o olhar repelido por toda a sorte de acidentes. Ao contrário de uma linha de cumeadas, depara-se, no prolongamento do caminho do Rosário, um talvegue, um sulco extenso, espécie de calha desmedida trancada, transcorridos trezentos metros, pela barragem de um cerro.

Atingido este, veem-se-lhe aos lados, esbotenando-lhe os flancos e corroendo-os, fundos rasgões de enxurros que drenam a montanha. Por um deles, o da direita, se enfia, entalando-se em passagem estreita de rampas vivas e altas, quase verticais, lembrando restos de antigos túneis, aquele caminho, descendo, em desnivelamentos fortes. À esquerda outra depressão, terminando na encosta suave de um morro, o do Mário, se dilata na extensão maior de norte a sul, fechando-se, naquele primeiro rumo, ante outro cerro, que oculta o povoado e tomba, de chofre, pelo outro, em boqueirão profundo até ao leito do Umburanas. À frente, em nível inferior, a Fazenda Velha. O pequeno serrote dos Pelados, cai logo, em seguida, em declive, até ao Vaza-Barris, embaixo. E para todos os quadrantes – para leste buscando o vale do Macambira, aquém das cumeadas de Cocorobó e a estrada de Jeremoabo que o atravessa; para o norte derivando para a vasta planície ondeada; para o ocidente procurando os leitos dos pequenos rios, o Umburanas e o Mucuim perto do extremo da estrada do Cambaio; para todos os lados, o terreno descamba com o mesmo *facies* que lhe imprimem sucessivos cômoros empolando-se numa confusão de topos e talhados. Tem-se a imagem real de uma montanha que desmorona, avergoada pelas tormentas, escancelando-se em gargantas, que as chuvas torrenciais de ano a ano reprofundam, sem o abrigo de vegetação que lhe amorteça a crestadura dos estios e as erosões das torrentes.

Porque o morro da Favela, como os demais daquele trato dos sertões, não tem mesmo o revestimento bárbaro da caatinga. É desnudo e áspero. Raros arbúsculos, esmirrados e sem folhas, raríssimos cereus ou bromélias esparsas, despontam-lhe no cimo sobre o chão duro, entre as junturas das placas xistosas justapostas em planos estratigráficos, nitidamente visíveis, expondo, sem o disfarce da mais tênue camada superficial, a estrutura interior do solo. Entretanto, embora desabrigado, quem o alcança pelo sul não vê logo o arraial, ao norte. Tem que descer, como vimos, em suave declive, a larga plicatura em que se arqueia, em diedro, a montanha, numa selada entre lombas paralelas.

Por ali enveredou, ao anoitecer, a testa da coluna e uma bateria de Krupp, seguidas do resto da 2ª brigada e da 3ª, ficando a 1ª e o grosso da tropa retardados à retaguarda. Mas deram poucos passos mais. O tiroteio frouxo, que até então acompanhara os expedicionários, progredira num crescendo

contínuo, à medida que se realizava a ascensão, transmudando-se ao cabo, no alto, em fuzilaria furiosa.

E desencadeou-se uma refrega original e cruenta.

Não se via o inimigo – encafurnado em todas as socavas, metido dentro das trincheiras-abrigos, que minavam as encostas laterais, e encoberto nas primeiras sombras da noite que descia.

As duas companhias do 25º batalhão suportaram valentemente o choque. Desenvolvendo-se em atiradores avançaram, disparando, ao acaso, as armas – enquanto as duas brigadas, que as precediam, se abriram para que passasse a bateria. Esta, jogada violentamente para a frente, arrastada mais a pulso que pelos muares exaustos e espantados, passou entre elas, em acelerado, ruidosamente. Subiu o cômoro fronteiro. Alinhou-se em batalha, no alto. Desenrolou-se no ar a bandeira nacional. Uma salva de vinte e um tiros de granadas atroou sobre Canudos...

O general Artur Oscar, a cavalo junto aos canhões, observou pela primeira vez, embaixo, esbatido no clarão do luar deslumbrante, a misteriosa cidade sertaneja; e teve o mais fugaz dos triunfos na eminência varejada em que se expusera temerariamente.

Porque a situação era desesperadora. A sua tropa, batida por todos os flancos, envolta pelo inimigo a cavaleiro, comprimia-se numa flexura estreita que lhe impedia as manobras.

Se estivesse toda reunida era possível uma solução: prosseguir logo, vencendo a perigosa travessia, e juntar-se ao general Savaget que, depois de uma marcha entrecortada de combates, fizera alto três quilômetros adiante. Não havia, porém, chegado a 1ª brigada, que ficara protegendo a bateria de tiro rápido e o 32; e mais moroso ainda, o comboio ficara no Angico, distanciado de duas léguas.

Aquele plano de campanha dera o único resultado que podia dar. A expedição homogênea que, pelo seu dispositivo inicial, não podia fracionar-se, porque vinha adstrita a uma direção única e abastecida por um comboio único, dividira-se precisamente ao chegar ao objetivo da luta. De sorte que a arremetida douda rematada por uma salva real, de balas, sobre Canudos, era a mais contraproducente das vitórias. O chefe expedicionário definiu-a depois como um combate de êxito brilhante mercê do qual o inimigo fugira, abandonando-lhe a posição expugnada. Entretanto todos os sucessos ulteriores revelaram a ânsia irreprimível da tropa por abandoná-la e o empenho persistente, dos jagunços, em impedir que ela dali saísse.

Aquilo era uma armadilha singularmente caprichosa. Quem percorresse mais tarde as encostas da Favela avaliava-a. Estavam minadas. A cada passo uma cava circular e rasa, protegida de tosco espaldão de pedras, demarcava uma trincheira. Eram inúmeras; e volvendo todas para a estrada os planos de fogo quase à flor da terra, indicavam-se adrede dispostas para um cruzamento sobre aquela.

Explicavam-se, assim, os ataques ligeiros feitos em caminho e a insistência, a partir do Angico, do inofensivo tiroteio em que os sertanejos, salteando e correndo, tinham evidente intuito de atrair a expedição segundo um rumo certo, impedindo-lhe a escolha de qualquer atalho entre tantos que dali por diante levam ao arraial.

Triunfara-lhes o ardil. Os expedicionários, sob o estímulo da ânsia perseguidora contra o antagonista disperso na frente, em fuga, haviam imprudentemente enveredado, sem uma exploração preparatória, pela paragem desconhecida, acompanhando, sem o saberem, um guia ardiloso e terrível, com que não contavam – Pajeú...

E tombaram na tocaia com aquele aprumo de triunfadores. Mas a breve trecho o perderam, num tumultuar de fileiras retorcidas, quando, em réplica ao bombardeio que tempesteava a um lado, correu vertiginoso, de extremo e de alto a baixo, nas encostas, incendiando-as, um relampaguear de descargas terríveis e fulminantes, rompentes de centenares de trincheiras, explodindo debaixo do chão como fogaças.

Era um fuzilamento em massa...

Os batalhões surpreendidos fizeram-se multidão atônita, assombrada e inquieta: centenares de homens esbarrando-se desorientadamente, tropeçando nos companheiros que baqueavam, atordoados pelos estampidos, deslumbrados pelos clarões dos tiros, e tolhidos, sem poderem arriscar um passo na região ignota sobre que descera a noite.

A réplica alvejando as encostas era inútil. Os jagunços atiravam sem riscos, de cócaras ou deitados no fundo dos fossos, em cuja borda estendiam os canos das espingardas; e excluído o alvitre de os desalojar a cargas de baionetas, lançando-as desesperadamente contra os morros, ou de prosseguirem, aventurando-se a piores assaltos e abandonando a retaguarda, restava aos combatentes o de permanecerem a pé firme na posição perigosa aguardando o amanhecer.

Esta solução única foi favorecida pelo adversário. O ataque ao fim de uma hora amorteceu-se e afinal cessou inesperadamente. As brigadas acamparam na formatura da batalha. A 2ª, desenvolveu-se em linhas avançadas, do centro para a direita tendo à retaguarda a 1ª; a artilharia alinhou-se próxima, sobre o cerro fronteiro, estremada à direita pela bateria de tiro rápido tendo no centro o Whitworth 32, que se confiara à guarda do 30º, do tenente-coronel Tupi Caldas. O general, que comandara este batalhão quando coronel, pô-lo em pessoa naquele posto perigoso:

> À honra do 30º entrego a artilharia e fico tranquilo.

O resto do 5º regimento, do major Barbedo, emparcou, desenvolvendo-se para a esquerda, tendo próxima a ala de cavalaria do major Carlos Alencar. Perto da depressão, junto ao alto do Mário, ponto fraco da posição, a que ulteriores sucessos dariam o nome de Vale da Morte, se adensaram os batalhões do coronel Flores. Numa sanga menos enfiada pelos fogos, se improvisou um hospital de sangue. Para lá se arrastaram 55 feridos, que com 20 mortos por ali esparsos, porque não havia como os remover, alteavam a 75 o número de baixas do dia, em pouco mais de uma hora de combate.

Estendeu-se em torno um cordão de sentinelas; e a tropa, comandantes e praças deitados pelo chão na mais niveladora promiscuidade – repousou em paz.

A inopinada quietude do inimigo dera-lhes a ilusão da vitória. Saudaram-na antecipadamente as bandas de música da 3ª brigada, esgotando até desoras um grande repertório de dobrados; e um luar admirável alteou-se sobre os batalhões adormecidos...

Mas era uma placidez enganadora. Os sertanejos haviam conseguido o intento que lhes ditara a astúcia. Tendo arrastado até lá a expedição, restava-lhes, de todo desprotegido, à retaguarda, o comboio de munições de guerra e de boca. No dia imediato assaltariam simultaneamente por dois pontos, na Favela e no Angico – e, ainda quando vitoriosas no primeiro as forças arremetessem com o arraial alcançá-lo-iam desmuniciadas, inermes.

Esta circunstância não pesou, porém, no ânimo dos que se haviam abeirado tão precipitadamente do centro das operações.

Ao clarear da manhã de 28, reunidos na posição dominante da artilharia, oficiais e praças, contemplavam, afinal a “caverna dos bandidos”, segundo o dizer pinturesco das ordens do dia do comando em chefe.

Canudos crescera ainda, porém tendo apenas mais amplo o aspecto primitivo: a mesma casaria vermelha, de tetos de argila, alargando-se cada vez mais esparsa pelo alto das colinas em torno do núcleo compacto abraçado pela volta viva do rio. Circunvalada nos quadrantes de sudoeste e noroeste por aquele, abrangida ao norte e a leste pelas linhas ondeantes dos cerros, emergia, a pouco e pouco, na claridade daquela hora matinal com a feição perfeita de uma cidadela de expugnação dificílima. Percebia-se que um corpo de exército ao cair no dédalo de sangas, que lhe enrugam em roda o terreno, marcharia como entre galerias estreitas de uma praça de armas colossal. Não havia lobrigar-se um ponto francamente acessível.

A estrada de Jeremoabo entrando, duzentos metros antes, pelo leito seco do Vaza-Barris, metia-se entre duas trincheiras, que lhe orlavam uma e outra margem, mascaradas de sebes contínuas de gravatás bravios. A vereda *sagrada* de Maçacará – por onde seguia o Conselheiro nas suas peregrinações para o sul

– tombando pelos morros, entre os quais se encaixa o Umburanas, era igualmente impraticável. As do Uauá e Várzea da Ema, ao norte, estavam livres, mas exigiam para atingirem-se longa e perigosa marcha contornante.

A igreja nova, quase pronta, alevantava as duas altas torres, assoberbando a casaria humilde e completava a defesa. Enfiava pela frente todos os caminhos, batia o alto de todos os morros, batia o fundo de todos os vales. Não tinha ângulo morto a espingarda do atirador alcandorado em suas cimalhas espessas, em que só faltavam planos de fogo de canhoneiras, ou recortes de ameias.

O terreno que na frente da Favela, ao norte, deriva até ao rio, empolado e revolto, abre-se, como vimos, para a esquerda na larga depressão dando acesso ao morro do Mário e à linha de cumeadas em declive que se dirige para Fazenda Velha.

Ali estava a 3ª brigada, desde cedo, formada em colunas.

Mais para a direita, dominante, a artilharia. Sucessivamente a 2ª e a 1ª brigadas. A tropa amanhecera na formatura da batalha. Atendendo, porém, às vantagens táticas da posição, esta devia principiar e em grande parte sustentar-se com a artilharia, cujo efeito, no bater a tiros mergulhantes o arraial distante mil e duzentos metros, se acreditou capaz de acarretar em pouco tempo a mais completa vitória.

As esperanças concentraram-se, por isto, no primeiro momento, nas baterias do coronel Olímpio da Silveira.

Eram tão grandes que pouco antes de ser feito o primeiro disparo, às 6 horas da manhã, numerosos combatentes de outras armas aglomerados em volta dos canhões, tinham o papel neutral de espectadores, ansiando por um quadro terrivelmente dramático: Canudos ardendo sob a *tunica molesta* do canhoneio! uma população fulminada dentro de cinco mil casebres em ruínas!

Era mais uma ilusão a ser duramente desfeita...

O primeiro tiro partiu, disparando o Krupp da extrema direita. E determinou, de fato, um empolgante lance teatral.

Os jagunços haviam dormido ao lado da tropa, por todas aquelas encostas riçadas de algares e, sem aparecerem, circularam-na para logo de descargas.

Mais tarde, relatando o feito, o chefe expedicionário se confessou impotente para descrever a imensa “chuva de balas que desciam dos morros e subiam das planícies num sibilo horrível de notas”, que atordoavam. Por sua vez o comandante da 1ª Coluna, afirmou, em ordem do dia, que durante cinco anos, na guerra do Paraguai, jamais presenciara coisa semelhante.

Realmente, os sertanejos revelaram uma firmeza de tiro surpreendedora. As descargas, nutridas, rolantes e violentíssimas, deflagrando pelos cerros como se as ateassem um rastilho único, depois de abrangerem a tropa desabrigada bateram, convergentes, sobre a artilharia. Dizimaram-na. Tombaram dezenas de soldados e a metade dos oficiais. Sobre o cerro, varrido em minutos, permaneceu, entretanto, firme, a guarnição rarefeita e no meio dela,

atravessando entre as baterias impassível como se desse instrução num polígono de tiro, um velho de bravura serena e inamolgável, – um valente tranquilo, o coronel Olímpio da Silveira. Foi a salvação. Em tal emergência o abandono dos canhões seria o desbarato...

Vibrara o alarma em todos os corpos. Instintivamente, sem direção fixa e sem ordem de comando, três mil espingardas dispararam a um tempo dirigidas contra os morros. Estes fatos passaram em minutos e em minutos, na área comprimida em que se agitava, inútil, a expedição, viu-se a mais lastimável desordem.

Ninguém deliberava. Todos agiam. Ao acaso, estonteadamente, sem campo para o arremesso das cargas ou para a manobra mais simples, os pelotões englobados atiravam a esmo em pontarias altas para não se trucidarem mutuamente, contra o inimigo sinistro que os rodeava, intangível, surgindo por toda a parte e por toda a parte invisível. Neste tumulto, a 3ª brigada, no flanco esquerdo, disposta em colunas de batalhões e tendo na vanguarda o 7º, começou a avançar, descendo, na direção da Fazenda Velha, de onde rompiam mais fortes as descargas. Aquele batalhão, que quatro meses antes subira por aquele mesmo caminho em debandada, fugindo e atirando-lhe à margem o cadáver do coronel Moreira César, ia penitenciar-se do desaire. Completando esta circunstância especialíssima, acompanhava-o, logo depois, um sócio de reveses, o 9º. O major Cunha Matos dirigia a vanguarda. Os vencidos da expedição anterior deparavam ensejo raro para a desafronta; e tinham um chefe que, sob muitos aspectos, se equiparava ao comandante infeliz que ali tombara – o coronel Thompson Flores. Era um lutador de primeira ordem. Embora lhe faltassem atributos essenciais de comando e, principalmente, esta serenidade de ânimo, que permite a concepção fria das manobras dentro do afogueamento de um combate – sobravam-lhe coragem a toda a prova e um quase desprezo pelo antagonista por mais temeroso e forte, que o tornavam incomparável na ação. Demonstrou-o o ataque temerário que realizou. Fê-lo indisciplinadamente autônomo, sem determinação superior e com o intento firme de arrebatar, numa carga única, até à praça das igrejas, vitoriosos, os mesmos soldados que lá se tinham debandado, vencidos, quatro meses antes. A sua brigada investiu, batida em cheio pelos fogos diretos do inimigo entrincheirado; e, quase cem metros da posição primitiva, a vanguarda desenvolveu-se em atiradores. O coronel Flores, que a cavalo lhe tomara a frente, descavalgou, então, a fim de pessoalmente ordenar a linha de fogo. Por um requinte dispensável, de bravura, não arrancara dos punhos os galões que o tornavam alvo predileto dos jagunços. Ao reatar-se, logo depois, a avançada, baqueou, ferido em pleno peito, morto.

Substituiu-o o major Cunha Matos, que dignamente prosseguiu no movimento imprudentemente planeado porque o 7º batalhão, entre os demais corpos, era o único que não podia recuar naquele terreno. O seu comando foi, porém, brevíssimo. Desmontado logo por um projetil certeiro, passou-o ao major Carlos Frederico de Mesquita. Este por sua vez foi, adiante, atingido por

uma bala, assumindo a direção da brigada um capitão, Pereira Pinto. Era assombroso: o 7º batalhão teve em meia hora cento e catorze praças fora de combate, e nove oficiais.

Reduzira-se de um terço. Dissolvia-se a bala. Idêntico destroço lavrava noutros pontos. Rapidamente, com um ritmo inflexível, de minuto em minuto, as graduações dos chefes caíam em escala assustadora. O 14º de infantaria, ao abalar em reforço as linhas do flanco direito, perdera, transcorridos alguns metros, o comandante, major Pereira de Melo. Substituiu-o o capitão Martiniano de Oliveira e, a breve trecho, foi retirado da linha, baleado. O capitão Sousa Campos que lhe sucedeu, apenas dados alguns passos, caiu morto. O 14º prosseguiu comandado por um tenente.

A mortandade alastrava-se deste modo por todas as linhas e, como uma agravante, ao fim de duas horas de um combate feito sem a mínima combinação tática, viu-se que as munições se esgotavam. A artilharia, dizimada na eminência em que permanecera valentemente, dera o último tiro, calando o canhoneio. Perdera a metade dos oficiais, e entre estes o capitão-fiscal do 5º regimento, Nestor Vilar Barreto Coutinho.

Começaram a chegar ao quartel-general reclamos insistentes para que fossem municiados os batalhões.

Fez-se, então, seguir à retaguarda o capitão Costa e Silva, assistente do deputado do Quartel-Mestre-General, a fim de apressar a vinda do comboio. Resolução tardia. Dois ajudantes de ordens imediatamente enviados depois dele, volveram de rédeas, percorrido um quilômetro. Não podiam romper as fuzilarias que trancavam a passagem. Cortara-se a retaguarda. E se parassem o tumulto, o estrépito de armas, o alarido confuso e estampidos insistentes, que estrugiam os ares em torno dos lutadores, no alto da Favela, eles perceberiam o tiroteio longínquo do 5º de polícia a braços com os jagunços, a duas léguas de distância.

Toda a 1ª Coluna estava aprisionada. Por mais estranho que se afigure o caso não havia aos triunfadores um meio de sair da posição que tinham conquistado. Confessa-o o general em chefe:

> Atacado o comboio e interdita a passagem de qualquer soldado, como demonstraram os casos precedentes, tive de mandar uma força de cavalaria ao general Cláudio do Amaral Savaget, na intenção de receber socorro de munições, o que ainda uma vez contrariou o meu pensamento porque o piquete não pôde atravessar a linha de fogo do inimigo que tiroteava no flanco direito.79

Deste modo batida no flanco direito, de onde tornara repelido o piquete de cavalaria; batida à retaguarda, que dois auxiliares destemidos não conseguiram romper; batida no flanco esquerdo, onde se sacrificara gloriosamente e estacara a 3ª brigada; e batida pela frente onde a artilharia, dizimada, perdera

quase toda a oficialidade e emudecera, a expedição estava completamente suplantada pelo inimigo.

Restava-lhe um recurso sobremaneira problemático e arriscadíssimo: saltar fora daquele vale sinistro da Favela, que era como uma vala comum imensa, à ponta de baionetas e a golpes de espadas.

Fez-se, porém, uma última tentativa. Um emissário seguiu furtivamente, insinuando-se pelas caatingas, em busca da 2ª Coluna, que estacionara menos de meia légua, ao norte...

III

A tropa do general Cláudio do Amaral Savaget, partira de Aracaju. Fizera alto nas cercanias de Canudos, depois de uma marcha de 70 léguas. Viera pelo interior de Sergipe em brigadas isoladas até Jeremoabo, onde se reorganizara em 8 de junho, prosseguindo a 16, unida, para o objetivo das operações.

Forte de 2 350 homens, incluídas as guarnições de 2 Krupps ligeiros, caminhara passo folgado e firme, para o que contribuíra dispositivo mais bem composto para as circunstâncias.

Aquele general, sem avocar a si, inteira e rígida, uma autoridade, que sob tal forma seria contraproducente, repartira-a, sem deslize da inteireza militar, com os seus três auxiliares imediatos, coronéis Carlos Maria da Silva Teles, Julião Augusto da Serra Martins e Donaciano de Araújo Pantoja, comandantes das 4ª, 5ª e 6ª brigadas. E estes realizaram até às primeiras casas do arraial uma marcha que se destaca das demais.

Não havia instruções prescritas. Não se ideara justapor ao áspero teatro da guerra a esquadria das formaturas, ou a retitude de planos preconcebidos. A campanha, compreenderam-na como a deviam compreender: imprópria a opulências de teorias guerreiras exercitadas através de um formalismo compacto; e girando toda em tática estreita e selvagem, feita de deliberações de momento.

Pela primeira vez os lutadores suportavam-na numa atitude compatível: subdivididos em brigadas autônomas, para se não dispersarem; e móveis bastante para se modelarem à rapidez máxima das manobras ou movimentos que, subtraindo-as a surpresas, as preparassem a aguardar a única coisa que na guerra aventurosa e sem regras lhes era dado esperar – o inesperado. As três brigadas, ágeis, elásticas e firmes, abastecidas de comboios parciais, que lhes não travavam os movimentos; feitas para desenvolverem a envergadura à ginástica das guerrilhas e às asperezas da terra, repartindo a massa da divisão, substituíam-lhe a importância do número pela da velocidade e vigor das evoluções aptas a se realizarem nas mais circunscritas áreas de combate, sem os entraves dos elefantes de Pirro de uma artilharia imponente e imprestável.

Viera na frente a 4ª, composta dos 12º e 31º batalhões, comandados pelo tenente-coronel Sucupira de Alencar Araripe e major João Pacheco de Assis.

Dirigia-a o coronel Carlos Teles – a mais inteiriça organização militar do nosso Exército nos últimos tempos.

Perfeito espécimen desses extraordinários lidadores rio-grandenses – bravos, joviais e fortes – era como eles feito pelo molde de Andrade Neves, um chefe e um soldado: arrojado e refletido, impávido e prudente, misto de arremessos temerários e bravura tranquila; não desadorando o brigar ao lado

da praça de pré no mais aceso dos recontros, mas depois de haver planeado friamente a manobra.

A campanha federalista do Sul dera-lhe invejável auréola. A sua figura de campeador – porte dominador e alto, envergadura titânica, olhar desassombrado e leal – culminara-lhe o episódio mais heroico, o cerco de Bagé.

A campanha de Canudos ia ampliar-lhe o renome.

Compreendeu-a como poucos. Tinha a intuição guerreira dos gaúchos.

De posse de sua brigada e abalando com ela, isolado, para Simão Dias, onde chegou a 4 de maio, modelara-a em pequeno corpo de exército adaptando-a às exigências da luta.

Aligeirou-a; adestrou-a; e como era impossível transmudar a instrução prática de soldados que vinham de um severo exercício de batalhas nos campos do Rio Grande, procurou, malgrado o antagonismo do terreno, dar-lhe, em parte, a mesma celeridade das marchas, o mesmo arranco vertiginoso das cargas. Escolheu, entre as companhias do 31º, 60 homens, cavaleiros adestrados, decaídos “monarcas das coxilhas” inaptos ao passo tardo dos pelotões de infantaria. E constituiu com eles um esquadrão de lanceiros, entregando-os ao comando de um alferes. Era uma inovação; e parecia um erro. A arma “fria e silenciosa” de Damiroff, feita para os arrancos e choques nos estepes e nas pampas, à primeira vista se impropriava em absoluto àquele solo revolto e recamado de espinheiros.

Entretanto mais tarde se verificou o alcance da medida.

Os improvisados lanceiros tinham a prática das corridas pulando sobre as “covas de touro” das campinas do Sul.

Vingaram de idêntico modo os barrocais do sertão. Fizeram reconhecimentos preciosos. E mais tarde, quando se reuniram as colunas no ermo da Favela, a lança fez-se-lhes a aguilhada do vaqueiro, no arrebanhar o gado esparso pelas cercanias, único sustento com que contava a tropa combalida.

Esta dupla função patenteou-se valiosíssima, sob o primeiro aspecto, logo ao partir a divisão do general Savaget de Jeremoabo para Canudos. Levava esclarecida a marcha.

Dias antes vinte soldados daquele esquadrão haviam batido a estrada até às cercanias do povoado, e do reconhecimento resultava estar, aquela, franca até a serra Vermelha onde o terreno se acidenta nos primeiros cerros de Cocorobó.

A coluna em marcha de duas léguas por dia, beirando o Vaza-Barris, passando sucessivamente pelos pequenos sítios de Passagem, Canabrava, Brejinho, Mauari, Canché, Estrada Velha e serra Vermelha, chegou àquele ponto a 25 de junho certa de encontrar o inimigo.

Pela primeira vez uma tropa expedicionária dos sertões não se deixava surpreender.

Cocorobó, nome que caracteriza não uma serra única mas sem-número delas, recorda restos de antiquíssimos *canyons*, vales de erosão ou quebradas, abertos pelo Vaza-Barris em remotas idades, quando incomparavelmente maior efluía talvez de grande lago que cobria a planície rugada de Canudos. A massa de águas, então contida pelos acidentes mais possantes que ondulam da Favela ao Caipã, nos dois quadrantes de SO e NO e deste último espraiando-se pelo de NE, abarreirada pelas serranias de Poço de Cima e Canabrava, efluía para leste em escoadouros estreitos.

A sua conformação topográfica instiga esta retrospecção geológica. Com efeito, as serranias cortadas de angusturas, fracionando-se em serrotes de aclives vivos, figuram-se ruínas de uma barragem aluída e rota pelas enchentes. Aprumam-se entre várzeas, feito um recorte nas planuras, e a despeito dos contornos incorretos, permitem que se lhes reviva o *facies* primitivo. São uma montanha fóssil. Definido pelas mesmas camadas silurianas, que vimos noutros trechos, o núcleo da terra, ali, aflora à medida que a ablação das torrentes lhe remove as formações sedimentárias mais modernas. E nesse exumar-se a serra primitiva ressurge espelhando na ousadia das curvas hipsométricas a potência dos elementos que há longos séculos a combatem. Porque, como na Favela, a caatinga resistente lhe morre no sopé; evita-a; deixa-lhe desnudos os flancos; e estes, já lastrados de blocos, já descendo a prumo, à maneira de muros em cujas junturas mal se apegam orquídeas enfezadas; ou alcantilando-se em fraguedos, repentinos ressaltos que os rasgam em pontas crivando-os até ao alto, onde se agrupam em grimpas serreadas, contrastam com os terrenos achanados em roda, não já na forma, se não na estrutura definidora.

Quem segue de Canudos para Jeremoabo depara, entretanto, com uma passagem única – a brecha profunda por onde se enfia o Vaza-Barris, correndo para o levante. Rompe-a com ele, porque o rio é a única vereda, trilhando-lhe o leito vazio, e, transcorridos alguns metros, acredita haver varado por um postigo estreito. Acaba-se o desfiladeiro. Afastam-se vivamente as rampas abruptas que o formam; arqueando-se e desatando-se por diante, fronteando-se, contrapostas as concavidades numa arqueadura de anfiteatro amplíssimo. Ali dentro, porém, o terreno continua revolto; erguem-se outros cerros mais baixos, centralizando-o; e a primitiva passagem bifurca-se, encaixando-se na da direita, em curva, o Vaza-Barris. Estas duas gargantas de larguras variáveis, apertando-se de cerca de vinte metros em dados pontos, progridem, encurvando-se a pouco e pouco, segundo o traçado dos dois galhos exteriores da serra; e, acompanhando-os, aproximam-se convergentes, depois do primitivo afastamento, até se unirem outra vez, formando outra passagem única sobre a estrada de Jeremoabo. Aos lados de ambas antes deste cruzamento, em grande percurso, fronteiam os taludes dos cerros centrais com os das duas vertentes laterais, envolventes e maiores, eriçadas de

penhascos acumulados a esmo ou agrupando-se em socalcos, repartindo-se em sucessivos patamares à maneira de galerias de um coliseu monstruoso.

O desfiladeiro de Cocorobó é em pálido resumo aquele rasgão da terra, de extremos afunilados, que se subdividem de um e outro lado na forquilha de dois outros porventura ainda menos praticáveis. A estrada duplica-se na falsa encruzilhada de dois desvios que o Vaza-Barris percorre por igual nas enchentes, ilhando os cômoros centrais – até sair, unidos os dois braços, numa várzea desimpedida e vasta que o caminho de Jeremoabo corta pelo meio, estirando-se em cheio para leste.

De sorte que quem a trilha em sentido oposto, vindo daquela vila para o ocidente, incide de idêntica maneira na bifurcação que a divide. Atravessa-a metendo-se por uma das veredas, à direita ou à esquerda, até chegar à outra saída única. Transpõe-na. Mas livre da garganta multívia não encontra uma várzea complanada como a da outra banda. O solo ainda que em menor escala, continua revolto. O Vaza-Barris, contorcido em meandros, alonga-se, entalado, entre cerros sucessivos. A estrada que o fraldeia, ou acompanha-lhe o leito, perturba-se em atalhos, ondulante, tornejando sem-número de encostas, derivando em aladeirados; e vai até ao vale de um ribeirão efêmero, ao qual deu o nome um dos cabecilhas sertanejos que ali tinha a vivenda, Macambira.

Segue dali, perlongando qualquer das bordas do rio, até Canudos, menos de duas léguas na frente.

A vanguarda da força marchando neste sentido fez alto uns quinhentos metros antes daquela barreira, no dia 25 de junho, pouco antes do meio-dia.

O esquadrão de lanceiros descobrira o inimigo. Abeirara-se, galopando, dos entrincheiramentos grosseiros e vira-os, de relance. Recebido a tiro, volvera a toda a rédea, perdendo duas praças feridas, para junto da 5ª brigada na testa da coluna, que desenvolveu imediatamente em atiradores um dos seus batalhões, o 40º, do major Nonato de Seixas, enquanto os dois outros, o 34º e o 35º, se dispunham de reforço. O general Savaget prevenido do encontro, adiantara-se acompanhando a 4ª brigada. Estacou a quatrocentos metros da vanguarda, a fim de aguardar a 6ª, a divisão de artilharia e os comboios marchando ainda cerca de três quilômetros à retaguarda. Enquanto isto passava, os corpos avançados, mais de oitocentos homens ao mando do coronel Serra Martins, iniciavam o ataque num tiroteio nutrido, em que os fogos irregulares da linha de atiradores se intermeavam das descargas rolantes dos pelotões que a reforçavam mais de perto, revidando vigorosamente aos tiros dos antagonistas. Estes sustentaram o choque com valor.

Audaciosos e tenazes, diz a parte do combate do comando-geral,

qualidades essas que eram ao que parece reforçadas pelas excelentes posições que ocupavam, as quais dominavam a planície em toda a extensão e grande trecho da estrada, não arredaram pé e ao contrário aceitaram e sustentaram com firmeza e energia o ataque, rompendo renhida fuzilaria sobre os nossos, tanto que começamos logo a ter algumas baixas por mortes e ferimentos.

Era, como se vê, a reprodução justalinear dos episódios do Cambaio e da Favela.

Os sertanejos reviviam em cenário idêntico todas as peripécias do dramalhão sinistro e monótono de que eram protogonistas invisíveis. Um maior tirocínio na guerra não lhes variava o sistema, certo porque este, pela própria excelência, não comportava corretivos ou aditamentos. Atiravam, a seguro, do alto daqueles parapeitos desmantelados sobre a força, inteiramente em alvo na planura descoberta e rasa embaixo. E os seus projetis começaram a rarear-lhe as fileiras mais próximas, derrubando os atiradores, caindo, adiante, entre os corpos que os apoiavam e, irradiando para mais longe em trajetórias altas, sulcando as últimas secções da retaguarda; expandindo-se, dominantes, sobre a expedição inteira.

Não se adensavam, contudo, em descargas por demais cerradas. A justeza substituía-lhes a quantidade. Percebia-se que os atiravam combatentes avaros no contar, um a um, os cartuchos, timbrando em não perderem um único, firmando-os em pontarias cuidadosas. De sorte que no fim de algum tempo, o tiroteio calculado, ante o qual estrondavam terrivelmente oitocentas Mannlichers, começou de se tornar funestíssimo.

A 5ª brigada foi admirável de disciplina, afrontando-o por duas horas, na posição em que estacara, à margem do Vaza-Barris, abrigando-se entre os ralos arbustos que a revestem. Não adiantara, em todo esse tempo, um passo. A um simples lance de vista, punham-se de manifesto, os riscos de uma investida visando as duas angusturas, que se lhe abriam fronteiras, e imporiam, durante o assalto, um desfilar em secções diminutas, capaz de lhe anular o vigor precisamente na fase mais decisiva. Por outro lado não havia evitá-las, contornando-as. À direita e à esquerda se sucediam montes crespos de contrafortes, e procurar entre eles um desvio qualquer pressupunha uma marcha de flanco, talvez dilatada, sob a vigilância do inimigo, o que seria problematizar ainda mais qualquer sucesso vantajoso.

O general Savaget aquilatou com firmeza a conjuntura gravíssima.

Em que pese aos seus oito batalhões, magnificamente armados, a luta era desigual.

Depois de uma marcha segura, esclarecida por explorações eficazes que predeterminaram o dia e a sede do recontro, tinha-os, ali, havia duas horas, manietados, sacrificados e inúteis – sob o espingardeamento impune de um ajuntamento de matutos. O transe requeria combinações concretas, de

momento; improvisos de estratégia, repentinos e de pronto executados. Nas aperturas do dilema acima exposto, porém, e diante do contraste das posições adversas, nenhum ocorria capaz de o resolver. O alvitre do momento resumia-se no reagir, arrostando tudo, ao bárbaro fuzilamento. Foi reforçada a vanguarda. Chegara a divisão de artilharia e um dos Krupps destacou-se logo para junto das linhas avançadas.

Bombardeou-se a montanha. Arrojadas de perto as granadas e lanternetas, batendo-lhe em cheio os flancos ou ricochetando, confundiam nos ares as balas e estilhas de ferro com o lastro aspérrimo das encostas rijamente varridas; e, arrebentando entre fraguedos, deslocando-os, derrubando-os, fazendo-os rolar com estrépito pelos pendores abaixo, como um súbito derruir de lanços de muralhas, pareciam desmascarar inteiramente as posições contrárias. Mas foram contraproducentes. Estimularam réplica violentíssima, estupenda, inexplicável, expluindo maior e mais viva dentre o desabamento das trincheiras. Os atiradores suportavam-na a custo. Rareavam. Os dois batalhões de reforço francamente engajados na ação, sacrificavam-se inutilmente tendo, crescente, o número de baixas. O resto da expedição, estirada em colunas numa linha de dois quilômetros para a retaguarda, permanecia imóvel.

Era quase um revés.

No fim de três horas de fogo os atacantes não tinham adquirido um palmo de terreno. A quinhentos metros dos adversários, não tinham – milhares de vistas fixas nas vertentes despidas – lobrigado um único sequer. Não lhes avaliavam o número. Os cerros mais altos, bojando em esporão sobre a várzea, figuravam-se desertos. Batia-os de chapa o Sol ofuscante e ardente; viam-se-lhes os mínimos acidentes da estrutura; podiam contar-se-lhes um a um os grandes blocos, que por ali se espalham, a esmo, mal equilibrados em bases estreitas ao modo de *loggans* oscilantes e prestes a caírem uns, outros acumulados em acervos imponentes; e distinguiam-se, intermeando-os, em touceiras, ou encimando-os, esparsas, as bromélias resistentes, caroás e macambiras de espatas lustrosas, retilíneas e longas, rebrilhando à luz como espadas; viam-se, mais raros, cactos esguios e desolados; mais longe, um tumultuar de cimos, do mesmo modo desertos...

E daquele desolamento, daquela solidão absoluta e impressionadora, irrompia, abalando as encostas, uma "fuzilaria cerrada e ininterrupta como se ali estivesse uma divisão inteira de infantaria!".[80]

Os jagunços eram duzentos ou eram dois mil. Nunca se lhes soube, ao certo, o número. Na frente dos expedicionários o enigmático da campanha se antolhava mais uma vez, destinando-se a ficar para sempre indecifrável. Tolhendo-se-lhes deste modo o passo só restavam decisões extremas: ou recuarem lentamente, lutando, até se subtraírem ao alcance das balas; ou contornarem o trecho inabordável, buscando um atalho mais acessível, em movimento envolvente aventuroso, de flanco, o que redundaria em desbarate inevitável; ou arremeterem em cheio com os outeiros, conquistando-os. O

último alvitre era o mais heroico e o mais simples. Sugeriu-o o coronel Carlos Teles. O general Savaget, adotou-o. Conforme confessa em documento oficial onde define, com lastimável desquerer, o adversário temível que o fizera parar, não podia admitir "que duas ou três centenas de bandidos sustivessem a marcha da 2ª Coluna por tanto tempo". E como empenhara na ação pouco mais de um terço das tropas, esta circunstância salvou-o, tornando factível uma manobra arrojada, certo irrealizável se todos os batalhões, num arremesso único, se tivessem embaralhado desde o começo às duas entradas do desfiladeiro.

Planeou-a: "A 5ª brigada, que se mantinha desde o princípio nas suas posições por entre as caatingas, devia carregar pelo flanco esquerdo e pelo leito do rio, a fim de desalojar o inimigo dos cerros centrais e outeiros, que ficam desse lado; e a 4ª pelo flanco direito devendo, antes, desenvolver-se em linha, ao sair da estrada para a várzea".

O esquadrão de lanceiros, entre ambas, carregaria pelo centro. A 6ª brigada não compartiria o combate, permanecendo à retaguarda em reforço, e garantindo os comboios.

Assim os cinco batalhões destinados à investida se dispunham na ordem perpendicular reforçada numa das alas, a da esquerda, onde os corpos avançados do coronel Serra Martins formavam em colunas sucessivas, enquanto quatrocentos metros atrás e para a direita, se desdobrava, em linha, a brigada Teles, tendo no flanco esquerdo o esquadrão de lanceiros.

O conjunto da formatura projetava-se na superfície de nível da várzea com a forma exata de um desmedido martelo.

E a carga, que logo depois se executou, – episódio culminante da refrega – semelhou, de fato, uma percussão, uma pancada única de mil e seiscentas baionetas de encontro a uma montanha.

Os assaltantes avançaram todos a um tempo: os pelotões da frente embatendo com os morros e enfiando pela bocaina da passagem, esquerda, enquanto a 4ª brigada, a marche-marche, de armas suspensas e sem atirar, vencia velozmente a distância que a separava do inimigo. Tomara-lhe a frente o coronel Carlos Teles. Este oficial notável – recordando Osório na postura e Turenne no arrojo cavalheiresco – sem desembainhar a espada, hábito que conservou em toda a campanha, atravessou com a sua gente, todo o trecho do campo varejado de balas.

No sopé da serrania, à esquerda, se abria o desfiladeiro da direita, por onde se meteu atrevidamente, em disparada, o esquadrão de cavalaria. A 4ª brigada, porém, evitou-o. Investiu com as encostas. Os jagunços não haviam contado com este movimento temerário, visando diretamente, a despeito dos obstáculos de uma ascensão difícil, as posições que ocupavam. Pela primeira vez se deixavam surpreender por inesperada combinação tática, que os desnorteava, obrigando-os a deslocarem para outros pontos os lutadores de antemão destinados a trancarem as duas passagens estreitas, por onde acreditavam investiria toda a tropa. A 4ª brigada realizando a mais original das

cargas de baionetas, por uma ladeira íngreme e crespa de tropeços acima, ia decidir do pleito.

Foi um lance admirável. A princípio avançou corretíssima. Uma linha luminosa de centenares de metros se estirou, fulgurando. Ondulou à base dos cerros. Abarcou-os; e começou a subir. Depois inflectiu em vários pontos; envesgou, torcida, pelas encostas; e, a pouco e pouco, desarticulada, fragmentou-se. Os sertanejos, entocaiados a cavaleiro, golpeavam-na; partiam-na, por sua vez, as anfractuosidades do solo. A linha do assalto, rota em todos os pontos, subdividida em pelotões estonteadamente avançando, espalhou-se, revolta, nos pendores da serra...

O coronel Teles, guiando-a pelo flanco direito do 31º de infantaria, perdeu nessa ocasião o cavalo que montava, atravessado por uma bala junto à espenda da sela. Substituiu-o. Reuniu as frações dispersas de combatentes, em que já se misturavam soldados dos seus dois corpos. Animou-os. Arrojou-os valentemente sobre as trincheiras mais próximas. Encontraram-nas vazias, tendo cada uma, ao fundo, dezenas de cartuchos detonados e ainda mornos. Consoante à tática costumeira, os jagunços deslizavam-lhes adiante, recuando, negaceando, apoiando-se em todos os acidentes, deslocando a área do combate, impondo todas as fadigas de uma perseguição improfícua. A breve trecho, porém, dominadas as primeiras posições, viu-se, sobre as vertentes que apertam o desfiladeiro naquele ponto, a 4ª brigada, escalando-as. Dali tombavam os mortos e os feridos, alguns até ao fundo da garganta, embaixo, por onde tinham entrado os sessenta homens do esquadrão de lanceiros e a divisão de artilharia, quebrando-se, ambos de encontro à forte trincheira posta de uma e outra margem do rio, na bifurcação das duas bocainas, feito uma represa. Nas vertentes da esquerda, a 5ª brigada, perdida igualmente a formatura primitiva, lutava do mesmo modo tumultuário.

A ação tornou-se formidável. Cinco batalhões debatiam-se entre morros, sem vantagem sensível, depois de quatro horas de luta. Aumentara grandemente o número de feridos repulsados do alvoroto das cargas, titubeantes, caindo ou arrimando-se às espingardas, errantes pelas faldas, descendo-as, entre os mortos por ali jacentes, a esmo.

Embaixo, no vale estreito, viam-se, sem dono, disparados em todos os sentidos, relinchando de pavor, os cavalos do esquadrão de lanceiros, que arrebentara arrojadamente sobre a forte trincheira do rio...

Nesta enorme confusão alguns pelotões do 31º de infantaria galgaram, afinal, num ímpeto incomparável de valor, as trincheiras mais altas da vertente da direita. E cortadas, deste modo, as guarnições das que se sucediam a espaços pela linha de cumeadas, abandonaram-nas inesperadamente. Não era o recuo temeroso habitual; era a fuga. Os adversários foram ali, vistos de relance, pela primeira vez: dispersos pelos altos, correndo e sobraçando as armas, rolando e resvalando pelos declives, desaparecendo. Os soldados encalçaram-nos; e revigorada logo em todos os pontos, a investida, num movimento único para frente, propagou-se até às alas da extrema esquerda.

Era a vitória. Minutos depois as duas brigadas, num imenso alvoroto de batalhões a marche-marche, adensavam-se, confundidas, na última e única passagem do desfiladeiro.

Os jagunços em desordem, contudo, depois do primeiro arranco da fuga, volveram ainda ao mesmo resistir inexplicável. Abandonando as posições e franqueando a travessia perigosa, recebiam, de longe, os triunfadores, a tiros longamente espaçados.

O general Savaget foi atingido e desmontado juntamente com um ajudante de ordens e parte do piquete quando, à retaguarda da coluna, penetrava a garganta da direita e já se ouviam, ao longe, as aclamações triunfais dos combatentes da vanguarda. Como sempre, os sertanejos tornavam incompleto o sucesso, ressurgindo inexplicavelmente dentre os estragos de um combate perdido. Batidos não se deixavam esmagar. Desalojados de todos os pontos abroquelavam-se noutros, vencidos e ameaçadores, fugindo e trucidando, como os partas. Haviam, entretanto, sofrido sério revés, e a denominação que ulteriormente deram de "batalhão talentoso" à coluna que lho infligira, por si só o denota. Porque o combate de Cocorobó, a princípio vacilante, indeciso numa dilação de três horas de tiroteios ineficazes, e ultimando-se por uma carga de baionetas fulminante, foi, de fato, um raro golpe de audácia apenas justificável se não pelo dispositivo das tropas que o vibraram pela sua natureza especial. Predominava nas fileiras o soldado rio-grandense. E o gaúcho destemeroso se é frágil no suportar as lentas provações da guerra, não tem par no se despenhar em súbitos lances temerários.

A infantaria do Sul é uma arma de choque. Podem suplantá-la outras tropas, na precisão e na disciplina de fogo, ou no jogo complexo das manobras. Mas nos encontros a arma branca aqueles centauros apeados arremetem com os contrários, como se copiassem a carreira dos ginetes ensofregados das pampas. E a ocasião sorrira-lhes para a empresa estupenda levada a cabo com brilho inexcedível.

À tarde, acampadas as forças além da passagem, verificaram-se as perdas sofridas: cento e setenta e oito homens fora de combate, dos quais vinte e sete mortos, em que se incluíam dois oficiais mortos e dez feridos.

A 6ª brigada, que não tomara parte na ação, foi encarregada do enterramento dos últimos, e acampou à retaguarda das duas outras, que ocupavam extensa rechã sobranceira à estrada.

Depois disto a marcha se fez num combate contínuo. Foi lenta. Todo o dia 26 se despendeu em breve travessia até a confluência do Macambira, poucos quilômetros além de Cocorobó.

O general Savaget comunicou, então, às tropas que no dia subsequente, 27, segundo determinara o comando em chefe, deviam estar na orla de Canudos,

de onde, feita a convergência das seis brigadas, iriam dar, reunidas, sobre o arraial. Este devia estar mui perto. Viam-se já, esparsas, pelo teso dos outeiros, as choupanas colmadas, de disposição especial anteriormente descrita: surgindo dentre trincheiras ou fossos mascarados de touceiras de bromélias, feitas a um tempo lares e redutos.

A 2ª Coluna ao avançar naquele dia, – nos últimos passos da jornada – tendo à vanguarda a 6ª brigada, com o 33º de infantaria à frente, penetrava os subúrbios da tremenda cidadela. E mal percorridos dois quilômetros, quando ainda restava no acampamento o grosso dos combatentes, empenharam-se, batidos de todos os flancos, em combate sério, os batalhões do coronel Pantoja.

Foi, de pronto, adotado o expediente que na véspera tivera tão seguros efeitos. Os batalhões 26º, 33º e 39º desdobrando-se em linha, calaram as baionetas e lançaram-se impetuosamente pelos recostos das colinas. Galgaram-nas em tropel. E depararam em torno por todos os lados, outras, sem-número de outras, apontoando o terreno rugado, desatado por muitos quilômetros em roda...

De todas elas, irrompendo dos casebres que as encimavam, convergiam descargas. O campo do combate, agora amplíssimo, estava adrede modelado às ardilezas do adversário: vencido qualquer um dos cômoros, viam-se centenares de outros a subir. Descida uma baixada, caía-se num dédalo de sangas. A investida seria um colear fatigante pelas linhas flexuosas dos declives. Poucos quilômetros adiante se lobrigava, indistinto, sob o aspecto tristonho de enorme cata abandonada, Canudos...

A peleja travara-se-lhe à ilharga e foi renhidíssima.

A breve trecho os três batalhões da vanguarda viram-se impotentes para a suportarem: das choupanas atestadas de lutadores, de todas as trincheiras dispersas pelos cerros, partiam, convergentes, fuzilarias seguras, dizimando-os.

Uma companhia do 39º logo no começo da ação, fora literalmente esmagada batendo um daqueles redutos selvagens. Vingara improvisamente o outeiro e no topo estacara à borda de um fosso largo, ao tempo que do casebre por este envolvido, partiam, dentre as rachas das paredes, batendo-a em cheio e a queima-roupa, descargas furiosas. Perdeu logo o comandante, perdendo imediatamente depois, sucessivamente, dois subalternos que o substituíam, conquistando afinal a posição, depois de grandemente rarefeita, às ordens de um sargento.

Diante desta resistência imprevista aquela brigada única, inapta para abranger a área extensíssima do combate, foi reforçada pelas duas outras. Sucessivamente os batalhões 12º, 31º, 35º e 40º, enviados em reforço, avançaram. Eram mais de mil baionetas, quase toda a coluna, empenhadas no conflito. Os jagunços então recuaram; e recuando lentamente, de colina em colina, desalojados de um ponto para surgirem em outro, obrigando os antagonistas a um contínuo descer e subir de ladeiras, parecia desejarem

arrebatá-los até ao arraial, exaustos e torturados de tiroteios. Volviam à tática invariável. O campo do combate começou a fugir debaixo dos pés aos assaltantes. As cargas de baionetas não tiveram então o brilho das de Cocorobó. Amolentava-as a retratibilidade daquele recuo. Arrojados contra os cerros, os pelotões alcançavam os altos sem toparem mais um só adversário. Batidos logo na posição interjacente, enfiada pelos tiros partidos das eminências interopostas, desciam-na, em grupos, precipitadamente, buscando os ângulos mortos das baixadas – para reproduzirem, mais longe, a mesma escalada exaustiva e a mesma exposição perigosa às balas.

Começaram a perder, além de grande número de praças, oficiais altamente graduados. O comandante do 12º, tenente-coronel Tristão Sucupira, tombara moribundo quando seguia em esforço à vanguarda. O do 33º, tenente-coronel Virgínio Napoleão Ramos, fora também retirado, ferido, da ação, assim como o capitão Joaquim de Aguiar, fiscal do mesmo corpo. E outros e muitos outros se sacrificaram nesse mortífero combate de Macambira, nome do sítio adjacente, porque impropriando o terreno quaisquer combinações táticas capazes de balancearem as negaças vertiginosas do inimigo, todas as garantias de sucesso se resumiam na coragem pessoal. Alguns oficiais, como o capitão-ajudante do 32º, com mais de um ferimento sério, se obstinavam no recontro, surdos à intimativa dos próprios comandantes determinando-lhes a retirada das linhas de fogo. Estas desatavam-se por três quilômetros. – Deflagravam pelos outeiros, crepitavam, ressoantes, nas baixadas, e rolavam para Canudos...

A noite fê-las parar. A expedição estava a um quarto de légua do arraial. Viam-se, fronteiras e altas, longe, branqueando no empardecer do crepúsculo, as torres da igreja nova...

Estava enfim atingido o termo da marcha por Jeremoabo. A 2ª Coluna, porém, pagara-o duramente: tivera neste dia cento e quarenta e oito homens fora de combate, entre os quais quarenta mortos, seis oficiais mortos e oito feridos. Somadas às perdas anteriores perfaziam trezentas e vinte e sete baixas, que tanto custara a travessia de menos de três léguas, de Cocorobó até àquele lugar.

Mas tudo delatava sucesso compensador. Realizara-se pontualmente o itinerário preestabelecido: minutos depois de acampadas, as tropas do general Savaget ouviram, no flanco esquerdo, estrugindo o silêncio das noites sertanejas e reboando longamente pelos contrafortes da Favela, o canhoneio aquela hora aberto pela vanguarda da 1ª Coluna.

No dia 28, tendo avançado cedo e tomado posição em pequeno platô, distante dois quilômetros do arraial, começou por sua vez a bombardeá-lo, enquanto os dois batalhões da brigada Carlos Teles se avantajavam mais para a frente ainda, em reconhecimento rápido. Um piquete de cavalaria, dirigido por um valente

destinado a uma morte heroica, o alferes Wanderley, explorou o terreno pelo flanco esquerdo, até à Favela, onde aquela hora – 8 da manhã – recrudescera, intenso, o canhoneio.

A dois passos do comando em chefe, a 2ª Coluna estava pronta para o assalto. Chegara até ali ultimando uma travessia de setenta léguas com um combate de três dias.

Impusera-se ao inimigo; afeiçoara-se ao caráter excepcional da luta; e o movimento irreprimível da carga que iniciara em Cocorobó e prolongara ininterruptamente até àquele ponto, poderia arrebatá-la, triunfante, ao centro de Canudos, em plena praça das igrejas. Vinha, a despeito das perdas que tivera, esperançosa e robusta. A ordem do dia de 26, em que o seu comandante lhe comunicou o próximo assalto, em companhia dos companheiros da 1ª Coluna, é expressiva.

Foi dada em Trabubu, na travessia dos desfiladeiros, e diz muito no próprio laconismo. A nova, entusiasticamente recebida, deriva em poucas palavras, corteses e despretensiosas:

> Acampamento no campo de batalha de Cocorobó, 26 de junho de 1897.
>
> Meus camaradas. Acabo de receber do senhor general comandante em chefe um telegrama comunicando-me que amanhã nos abraçaremos em Canudos. Não podemos, portanto, faltar ao honroso convite, que é para nós motivo de justo orgulho e de completa alegria.

A concentração almejada, através de um assalto convergente, far-se-ia, porém, fora do centro da campanha.

Com surpresa geral dos combatentes da 2ª Coluna, que – olhos fitos na Favela – esperavam ver, descendo as vertentes do norte, os batalhões da 1ª, apareceu no acampamento um sertanejo notificando-lhes, por ordem do comandante em chefe, as aperturas em que se achava aquela, exigindo imediato socorro. A nova era inverossímil, e pareceu, nos primeiros momentos, uma traça do adversário. O homem ficou retido até que novo emissário a confirmasse. Este, um alferes honorário, adido à comissão de engenharia, não se fez esperar muito. O general em chefe apelava instantemente para o concurso da outra coluna. Ante o novo reclamo, e informações que o esclareciam, o general Savaget, que a princípio imaginara enviar apenas uma brigada levando munições, ficando as demais sustentando a posição conquistada, seguiu, inflectindo para a esquerda, com toda a sua gente. Chegou, seriam onze horas, ao alto da Favela, a tempo de libertar a tropa assediada.

Preposterara-se, porém, todo o plano da campanha e do mesmo passo se anulara o esforço despendido nas marchas pelo Rosário e Jeremoabo.

Reunidas as colunas, tornou-se possível destacar um contingente para reaver o comboio retido à retaguarda. Foi cometido o encargo ao coronel Serra

Martins que prontamente refluiu à reçaga da expedição intercisa, levando a 5ª brigada – num oscilar perigoso entre dois combates – até às Umburanas, onde chegou ainda a tempo de impedir o desbarate do 5º de polícia e salvar parte dos volumes de cento e oitenta cargueiros que, dispersos pelos caminhos, tinham sido grandemente danificados pelos jagunços.

Este movimento feliz, porém, de pouco atenuou as condições estreitas da tropa. Mal paliou o transe. Firmou-se logo um regime desesperador de contrariedades de toda a sorte.

IV

A ordem do dia relativa ao feito de 28 de junho caracteriza-o "uma página tarjada de horrores, mas perfumada de glória".

Mas fora franco o revés.

Não iludiu a História o fanfarrear do vencido. O exército vitorioso, segundo o brilhante eufemismo das partes oficiais armadas a velarem aquele insucesso, apresentava na noite daquele dia o caráter perfeito de uma aglomeração de foragidos. Triunfadores, que não podiam ensaiar um passo fora da posição conquistada, tinham caído num período crítico da guerra: perdidos os alentos em recontros estéreis, ou duvidosas vitórias, que valiam derrotas, apoucando-lhes do mesmo passo as forças e o ânimo, sentiam-se dissociados e de algum modo unidos apenas pela pressão externa do próprio adversário que haviam julgado sopear facilmente. O heroísmo era-lhes, agora, obrigatório. A coragem, a bravura retransida de sobressaltos, um compromisso sério com o terror. Circulavam-nos os mais originais dos vencidos: impiedosos, enterreirando-os em todos os pontos no círculo de um assédio indefinido e transmudando-se em fiscal incorruptível, trancando todas as abertas à deserção. De sorte que ainda quando não carecessem de valor, os nossos soldados não tinham como se subtrair à emergência gravíssima em que se equiparavam heróis e pusilânimes.

A história militar, de urdidura tão dramática a recamar-se por vezes das mais singulares antíteses, está cheia das grandes glorificações do medo. A ânsia perseguidora do persa fez a resignação heroica dos "Dez mil"; a fúria brutal dos cossacos imortalizou o marechal Ney...

Íamos enxertar-lhe, idêntico, se não na amplitude do quadro na paridade do contraste, um capítulo emocionante – porque a tenacidade feroz do jagunço transfigurou os batalhões combalidos do general Artur Oscar. E eles ali quedaram unidos, porque os enlaçava a cintura de pedra das trincheiras, impertérritos, porque lhes era impossível o recuo; forçadamente heroicos, encurralados, cosidos a bala numa nesga de chão...

Nada revelava mesmo breves linhas de acampamento no acervo das brigadas. Não se armaram barracas que roubariam espaço demais na área de si estreita. Não se ordenaram ou se dividiram as unidades combatentes. A tropa – cinco mil soldados, mais de novecentos feridos e mortos, mil e tantos animais de montada e tração, centenares de cargueiros – sem flancos, sem retaguarda, sem vanguarda, desorganizara-se por completo. A 1ª Coluna tivera naquele dia 524 homens fora de combate que com 75 da véspera somavam 599 baixas. A segunda ligara-se-lhe desfalcada de 327 combatentes. Ao todo 926 vítimas. Fora sem-número de estropiados exauridos das marchas, sem-número de famintos e grande maioria de pusilânimes sob a emoção dos morticínios

recentes e vendo por ali estirados, insepultos, companheiros pela manhã ainda entusiastas e vigorosos:

– Thompson Flores, vitimado no comando fatídico do 7º de infantaria; Tristão de Alencar Sucupira, que chegara agonizante com a 2ª Coluna; Nestor Vilar, capitão-fiscal do 2º regimento que caíra com mais de dois terços da oficialidade de artilharia; Gutierrez, oficial honorário, um artista que fora até lá atraído pela estética sombria das batalhas; Sousa Campos, que comandara por um minuto o 14º... e outros, de todas as graduações, lançados por toda parte.

Um rasgão de enxurros se escancelava longo, longitudinalmente, afundando o sulco da garganta. E dentro dele mais de oitocentos baleados punham no tumulto a nota lancinante de sofrimentos irreparáveis. Aquela prega do solo, onde se improvisara um hospital de sangue, era a imagem material do golpe que sulcara a expedição abrindo-a de meio a meio. Considerando-a entibiavam-se os mais fortes. Porque afinal nada compensava tais perdas ou explicava semelhante desfecho a planos de campanha tão maduramente arquitetados. Triunfantes e unidas, as duas colunas imobilizavam-se impotentes ante a realidade. Apagavam-se as linhas de ordens do dia retumbantes. Estavam no centro das operações – e não podiam dar um passo à frente ou, o que era pior, não podiam dar um passo à retaguarda. Haviam esparzido profusamente pelos ares mais de um milhão de balas; haviam rechaçado o adversário em todos os recontros e sentiam-no porventura mais ameaçador em roda, prendendo-os, cortando-lhes o passo para o recuo, depois de o haverem tolhido para a investida.

Realmente tudo delatava um assédio completo. A 5ª brigada no movimento que fizera à retaguarda perdera catorze homens. O 5º de polícia, quarenta e cinco. Foram e voltaram num tirotear incessante pelos caminhos entrincheirados.

A expedição, em pleno território rebelde, insulara-se sem a mais ligeira linha estratégica vinculando-a à base de operações em Monte Santo, a não ser que se considerasse tal a perigosa vereda do Rosário, repleta de emboscadas. E como o comboio reconquistado chegara reduzidíssimo, ficando mais de metade das cargas em poder dos sertanejos, ou inutilizada, a tropa perdera munições de inestimável valor na emergência, e ao mesmo tempo os aparelhara com cerca de quatrocentos e cinquenta mil cartuchos, o bastante para prolongarem indefinidamente a resistência. Municiara-os. Completara o destino singular da expedição anterior que lhes dera espingardas. Estas estrondavam agora, a cavaleiro do acampamento. Os vencidos restituíam daquele modo as balas, estadeando provocações ferozes, aos vitoriosos tontos, que não lhes replicavam.

A noite descera sem que se atreguasse a luta; sem o mais curto armistício, permitindo que se corrigissem as fileiras. Um luar fulgurante desvendava-as às pontarias dos jagunços; e estes batendo-as calculadamente em tiros longamente pausados, revelavam-lhes a vigilância temerosa, em torno.

Um ou outro soldado, indisciplinadamente, revidava, disparando à toa, a

arma, para os ares. Os demais, sucumbidos de fadigas, caídos sobre os fardos por ali esparsos a esmo, estirados sobre o chão duro, quedavam-se inúteis, abraçando as espingardas...

A noite de 28 de junho iniciara uma batalha crônica.

Daquela data ao termo da campanha a tropa iria viver em permanente alarma.

Começou desde logo um regime deplorável de torturas. Ao amanhecer de 29 verificaram-se insuficientes as munições de boca, para ração completa das praças da 1ª Coluna, já abatidas por uma semana de alimentação reduzida.

A 2ª, embora mais bem avitualhada, não tinha por sua vez garantido o sustento por três dias, depois de o repartir com a outra. De sorte que logo no começo desta fase excepcional da luta se lançou mão dos últimos recursos, sendo naquele mesmo dia abatidos os bois mansos, que até lá tinham conduzido o pesado canhão 32. Ao mesmo tempo antolhava-se uma tarefa penosíssima: fazer daquele acervo de homens e bagagens um exército; ordenar os batalhões dissolvidos; reconstituir as brigadas; curar centenares de feridos; enterrar os mortos e desatravancar a área reduzida dos fardos e cargueiros, postos por toda a banda. Estes trabalhos indispensáveis realizavam-se, porém, sem método, atumultuadamente, sem a diretriz de uma vontade firme. A colaboração justificável dos comandantes de corpos, dos próprios subalternos, surgia espontânea, de todos os lados, no sugerir sem-número de medidas urgentes. De modo que, a breve trecho, toda aquela gente, movendo-se às encontroadas, em todos os sentidos; improvisando trincheiras; agrupando-se ao acaso em simulacros de formatura; arrastando fardos e cadáveres; retirando os muares, cujas patas entaloadas eram ameaça permanente aos feridos que lhes rastejavam aos pés, não teve esforços convergentes e úteis.

Não a dominava, todavia, inteiramente, a desesperança.

Volvera-lhe com o amanhecer o valor; e, a despeito de tantos casos expressivos, não avaliara ainda bem a pervicácia feroz dos sertanejos. De sorte que nos espíritos ressurgiu o pensamento consolador de próximo desenlace, ante um bombardeio vigoroso que propiciavam as vantajosas posições da artilharia, emparcada a cavaleiro do arraial. Punha-se de manifesto que um vilarejo aberto do sertão não suportasse por muitas horas as balas mergulhantes de dezenove canhões modernos...

Mas o primeiro tiro partiu e bateu em Canudos como um calhau numa colmeia. O acampamento até àquele momento em relativa calma foi, como na véspera, improvisamente varrido de descargas; e, como na véspera, os combatentes compreenderam quase impossível a réplica em tiros divergentes, dispartindo pelo círculo amplíssimo do ataque. Além disto, encafurnados numa dobra de morro, atirando por elevação e sem alvo, as nossas descargas

sobre inócuas implicavam estéril malbaratar das munições escassas. Por outro lado o efeito do canhoneio se patenteou francamente nulo. As granadas, explodindo dentro das casas, perfuravam-lhes as paredes e os tetos e como que se amorteciam entre os frágeis anteparos de argila – estourando sem ampliarem o raio dos estragos, caindo muitas vezes intactas sem arrebentarem as espoletas. Por isso o alvo predileto foi, mais uma vez, a igreja nova, bojando no casario baixo, como um baluarte imponente. Ali se alinhavam os jagunços – por detrás das cimalhas das paredes mestras, engrimpados nas torres ou mais abaixo nas janelas abertas em ogivas, ou ao rés do chão sobre o embasamento cortado de respiradoiros, estreitos à semelhança de troneiras.

Conteirara-se, visando-a, o Whitworth 32, que viera adrede para lhe derrubar os muros. Rugiu, porém, neste dia, sobre ela, sem a atingir: as balas passavam-lhe, silvando, sobre a cumeeira. Perdiam-se nos casebres unidos. Uma única tombou sobre o adro, escaliçando a fachada. As demais se perderam. Esta péssima estreia do colosso proveio, principalmente, do açodamento com que o açulavam.

Era uma nevrose douda. A grande peça – o maior cão de fila daquela monteria – fez-se monstruoso fetiche desafiando o despertar de velhas ilusões primitivas. Rodeavam-no, ofegantes, ansiosamente, mal reprimindo o desapontamento das trajetórias desviadas, toda a espécie de lutadores.

Até um médico, Alfredo Gama, não pôde forrar-se à ânsia de a apontar. Caiu vitimado. O escapamento de gases da peça mal obturada incendiando um barril de pólvora, perto, fê-la explodir, matando-o e incinerando-o, assim como o 2º tenente Odilon Coriolano e algumas praças.

Este incidente mostra como se combatia...

É natural que a refrega resultasse inútil, traduzindo-se o bombardeio, estoiraz e inofensivo, numa salva imponente à coragem dos matutos.

Ao cair da noite nada se adiantara. Verificara-se contraproducente aquele duelo a distância, ao mesmo passo que as descargas circulantes indicavam, iniludível agora a todos os combatentes, o assédio que os prendia. Era um sítio em regra – embora disfarçado no rarefeito das linhas inimigas, desatando-se, frouxas mas numerosas, em raios indefinidos pelos recostos do morro. Uma brigada, um batalhão, uma companhia mesmo, poderia vará-las pelos claros que as cindiam ou quebrá-las numa carga de baionetas; mas quando estacasse na marcha, sentir-se-ia novamente circulada, batida pelos flancos e tendo outra vez, em roda, como se brotassem do chão, os antagonistas inexoráveis, jarretando-lhes os movimentos. A tática invariável do jagunço, expunha-se temerosa naquele resistir às recuadas, restribando-se em todos os acidentes da terra protetora. Era a luta da sucuri flexuosa com o touro pujante. Laçada a presa, distendia os anéis; permitia-lhe a exaustão do movimento livre e a fadiga da carreira solta; depois se constringia repuxando-o, maneando-o nas roscas contráteis, para relaxá-las de novo, deixando-o mais uma vez se esgotar no escarvar, a marradas, o chão; e novamente o atrair, retrátil, arrastando-o – até ao exaurir completo...

Havia ali uma inversão de papéis. Os homens aparelhados pelos recursos bélicos da indústria moderna, é que eram materialmente fortes e brutais, jogando pela boca dos canhões toneladas de aço em cima dos rebeldes que lhes antepunham a esgrima magistral de inextricáveis ardis. Davam de bom grado aos adversários o engodo das vitórias inúteis, mas quando eles, depois de calçarem à bala, o solo das caatingas, desdobravam bandeiras e enchiam os ermos quietos de toques de alvorada, como não possuíam esses requintes civilizados, compassavam-lhes os hinos triunfais com as balas ressoantes dos trabucos...

O canhoneio de 29 não os abalara. Ao alvorar de 30 todo o acampamento foi investido. Foi, como sempre, um choque, um sobressalto instantâneo, eterno reproduzir dos mesmos fatos. Apontou-se mais uma vitória. Os inimigos, que rolavam de todos os lados, foram repelidos para todos os lados. Para voltarem horas depois, e serem ainda rechaçados; e retornarem, passado breve intervalo, e serem novamente repulsados – intermitentemente, ritmicamente, feito o fluxo e refluxo de uma onda, batendo, monótona, os flancos da montanha. A artilharia, como na véspera, espalhou algumas balas sobre os tetos, embaixo. E uma fuzilaria frouxa, irradiando de lá e dos cerros próximos, como na véspera, sem variante alguma, caiu durante o dia sobre a tropa...

Firmara-se definitivamente um regime insustentável. A estadia na Favela era sobremaneira inconveniente porque, além de acumular baixas diárias sem efeito algum, desmoralizava dia a dia a expedição, lhe malsinava o renome e tornar-se-ia em breve inaturável pelo esgotamento completo das munições. Abandoná-la era deixar as contingências de um cerco mais perigosas que as alternativas da batalha franca. Alguns oficiais superiores sugeriram então a única medida – forçada e urgente – a alvitrar-se: o assalto imediato ao arraial.

> Seja, porém, como for, no dia 30 de junho as forças estavam bem-dispostas; a artilharia podia continuar a bombardear Canudos durante algumas horas ainda; em seguida era possível levar-se um ataque à cidadela. Havia para isto a melhor disposição dos comandantes das colunas, brigadas e corpos e dos oficiais subalternos e dos soldados cuja aspiração predominante era atingir o Vaza-Barris que lhes representava a abundância de que se achavam privados, numa posição acanhada, enfiada por toda a parte, sem capacidade para dois quanto mais para perto de seis mil homens.[81]

O general em chefe, porém, repeliu o alvitre "acreditando que de Monte Santo, chegasse, em breve, um comboio de gêneros alimentícios como lhe afiançara o deputado do Quartel-Mestre-General e só então, depois de três dias de ração completa, investiria sobre os baluartes do Conselheiro".

Mas esse comboio, não existia. Enviada ao seu encontro, no dia 30, a brigada do coronel Medeiros, para o aguardar nas Baixas e dali o proteger até ao acampamento, aquele comandante, nada encontrando, prosseguiu na jornada para Monte Santo, onde também nada existia. E o exército, que à sua partida já sofria os primeiros aguilhões da fome, entrou num período de provações indescritíveis.

—

Vivia-se à ventura, de expedientes. De moto próprio, sem a formalidade na emergência dispensável, de uma licença qualquer, os soldados principiaram a realizar, isolados ou em pequenos grupos, excursões perigosas pelas cercanias, talando as raras roças de milho ou mandioca, que existiam; caçando cabritos quase selvagens por ali desgarrados, em abandono desde o começo da guerra; e arrebanhando o gado. Não havia evitá-las ou proibi-las. Eram o último recurso. A partir de 2 de julho só houve gêneros – farinha e sal, nada mais – para os doentes. As caçadas faziam-se, pois, obrigatoriamente, a despeito dos maiores riscos. E os que a elas se abalançavam – vestindo a pele do jagunço, copiando-lhe a astúcia requintada, a marcha cautelosa acobertando-se em todos os sulcos do terreno – aventuravam-se a extremos lances temerários.

Não se podem individuar os episódios parciais desta fase obscura e terrível da campanha. O soldado faminto, cevada a cartucheira de balas, perdia-se nas chapadas, premunindo-se de resguardos como se fosse à caça de leões. Atufava-se no bravio das moiteiras... Rompia a galhada inflexa, entressachada de gravatás mordentes. E – olhos e ouvidos armados aos mínimos contornos e aos mínimos rumores – atravessava longas horas na perquisição exaustiva...

Às vezes era um esforço vão. Volvia à noite para o acampamento, desinfluído e com as mãos vazias. Outros, mais infelizes, não apareciam mais, perdidos por aqueles ermos; ou mortos nalguma luta feroz, para todo o sempre ignorada. Porque os jagunços por fim opunham tocaias imprevistas aos caçadores bisonhos que, sem lhes pleitearem parelhas na ardileza, não lhas evitavam.

Assim é que, não raro, depois de muitas horas de esforço inútil, o valente faminto dava tento, afinal, de um ressoar de cincerros, pressagos da caça apetecida, porque é costume trazerem-nos as cabras, no sertão; e reanimava-se esperançado.

Recobrava-se um momento das fadigas. Refinando no avançar cauteloso, por não espantar a presa fugidia, retraía-se das trilhas descobertas para o âmago das macegas. Seguia serpejando, deslizando devagar, guiado pelas notas da campainha, a pontilharem, nítidas e claras, o silêncio das chapadas. Adiantava-se até as ouvir perto... e era feliz, em que pese a dolorosa contrariedade, se as ouvia novamente ao longe, indistintas, inatingíveis, ao través do embaralhado dos desvios. Porque não imaginava, em certas ocasiões, os riscos que corria: a um lado, nos recessos da caatinga, em vez do animal

arisco, negaceava, sinistro e traiçoeiro, procurando-o por sua vez, o jagunço. Acaroado com o chão, rente da barba a fecharia da espingarda e avançando de rastos, quedo e quedo entre as macegas, e fazendo a cada movimento tanger o cincerro que apresilhara ao próprio pescoço, via-se, ao invés da cabra, o cabreiro feroz. A caça caçava o caçador. Este, inexperto, caía, geralmente abatido por um tiro seguro, a não ser que atirasse primeiro sobre o vulto lobrigado no último momento.

Outras vezes ante um grupo de famintos aparecia, num reverso de colina, uma mangueira fechada. Dentro, alguns bois, presos. Eram um chamariz ardilosamente disposto: e o cercado uma arapuca grande. Ante a imprevista descoberta, porém, mal desfechavam, aqueles, olhos indagadores em roda. Transpunham num pulo as cercas do curral. Arremetiam com os bois, abatendo-os a tiro ou jugando-os a faca... e espalhavam-se, tontos, alarmados, batidos de descargas envolventes, partidas das esperas, adrede predispostas aos lados...

No acampamento ouviam-se muitas vezes tiroteios nutridos e longos, como ecos de combates.

Estas aventuras ao cabo foram regulamentadas. As ordens de detalhe escalavam, de véspera, os batalhões para as caçadas. Eram verdadeiras sortidas de praça de armas em apuros. Mas inglórias. Um triste avançar sem bandeiras e sem clarins pela maninhez dos ermos. As linhas inimigas dobravam-se-lhes em frente, ralas, invisíveis, traidoras. Os corpos em diligência escoavam-se-lhes pelos claros. Batiam longo tempo a terra, onde a entrada da estação sem chuvas se refletia já na flora emurchecida. Recebiam meia dúzia de tiros de adversários incorpóreos, que não viam...

Voltavam abatidos e exaustos.

Apenas o esquadrão de lanceiros agia com algum efeito. Partia diariamente em batidas longas pelos arredores. Montando cavalos estropiados, que rengueavam sob a espora, os gaúchos faziam façanhas de pealadores. Largavam, sem medir distâncias e perigos, pela região desconhecida; e, conseguindo sopear na carreira os bois esquivos, lançavam-nos em tropel, todas as tardes, para dentro de uma caiçara, à ilharga do acampamento. O inimigo perturbava-lhes a montaria. Além do trabalho de reunir as reses espantadiças, tinham o de impedir a sua dispersão ante súbitos assaltos. E nestes recontros rápidos e violentos, contendo do mesmo passo os bois alvorotados prestes a se espalharem por toda a banda, e replicando, a disparos de mosquetão, às tocaias que os aferroavam; caindo, surpresos, numa tocaia ao transpor uma baixada, alvejados por um tiroteio subitamente partindo do alto; e não abandonando nunca a presa irrequieta; circulando-a, arremessando-a para diante e ao mesmo tempo contendo-a pelos flancos, fizeram prodígios de equitação e bravura.

O gado diariamente adquirido – oito a dez cabeças – era, porém, um paliativo insuficiente ao minotauro de seis mil estômagos. Além disto, a carne cozida sem sal, sem ingrediente algum, em água salobra e suspeita, ou

chamuscada em espetos, era quase intragável. Repugnava à própria fome.

As pequenas roças de milho, feijão da vazante e mandioca, que atenuavam a princípio a sensaboria dessa alimentação de feras, exauriram-se prestes. Tornou-se necessário buscar outros recursos.

Como os retirantes infelizes, os soldados apelaram para a flora providencial. Cavavam os umbuzeiros em roda, arrancando-lhes os tubérculos túmidos; catavam cocos de ouricuris, ou talhavam os caules moles dos mandacarus, alimentando-se de cactos que a um tempo lhes disfarçavam ou iludiam a fome e a sede. Não lhes bastava, porém, este recurso, que para os mais inexpertos mesmo era perigoso. Alguns morreram envenenados pela mandioca-brava e outras raízes, que não conheciam.

Por fim a própria água faltava – tornando-se de aquisição dificílima. Nos regatos rasos do vale das Umburanas, não raro ficava de bruços, varado por um tiro, o soldado sequioso.

Cada dia que passava aumentava esses transes. A partir de 7 de julho, cessou a distribuição de gêneros aos doentes.

E os infelizes baleados, mutilados, estropiados, abatidos de febres, começaram a viver da esmola incerta dos próprios companheiros...

À medida que se agravavam estes fatos, surgiam, consequentes, outros, igualmente sérios. Relaxava-se a disciplina; esgotava-se a resignação da soldadesca. Uns murmúrios afrontosos de protestos, ante os quais se fingia surda a oficialidade impotente para os fazer calar, surgiam irreprimíveis, inevitáveis, como borborigmos dos ventres vazios.

Por um contraste irritante, os adversários batidos em todos os combates, afiguravam-se fartamente abastecidos, ao ponto de aproveitarem apenas nos comboios assaltados as munições de guerra. A 5ª brigada ao seguir certa vez até às Baixas, encontrara em suas vizinhanças, orlando os caminhos até próximo ao Angico, malas de carne seca esturradas, montes de farinha, café e açúcar, de mistura com as cinzas das fogueiras que os haviam consumido. Era o traço firme de altivez selvagem com que se arrojavam à luta os jagunços que, afinal, não tinham abastança tal que justificasse tais atos. Afeitos, porém, às parcimônias de frugalidade sem par, os rudes lidadores que nas quadras benignas atravessam o dia com três manelos de paçoca e um trago d'água, haviam refinado a abstinência disciplinadora, na guerra, ostentando uma capacidade de resistência incomparável. Os nossos soldados não a tinham. Não podiam tê-la. A princípio reagiram bem. Deram um epíteto humorístico à fome. Distraíram-se nas aventuras perigosas das caçadas ou no rastrear os rebotalhos das roças em abandono. Ao soar dos alarmas precipitavam-se às linhas de fogo, sem que o jejum lhes sopeasse o arrojo. Depois fraquearam. Sobre o aniquilamento físico descia dolorosa incerteza do futuro. Estavam em

função da sorte de uma brigada única, a 1ª, que seguira à descoberta do comboio e da qual nada se sabia. Cada dia que passava sem novas de sua vinda, sobrecarregava-lhes os desalentos. Além disto a insistência inflexível dos ataques tornara-se inaturável. Não havia uma hora de tréguas. Surgiam investidas súbitas à noite, pela manhã, no correr do dia, sempre improvisas, incertas e variáveis; carregando às vezes sobre a artilharia, outras sobre um dos flancos, outras, mais sérias, por toda a banda. Estridulavam os clarins; formava a tropa toda em fileiras bambas, em que mal se distinguiam as menores subdivisões táticas, e batia-se nervosamente por algum tempo. Os assaltantes eram repelidos. Caía-se, de improviso, na calma anterior. Mas o inimigo ali ficava, a dois passos, sinistramente, acotovelando os triunfadores. Cessava o ataque. Mas de minuto em minuto, com precisão inflexível, caía uma bala entre os batalhões. Variava vagarosamente de rumo, percorrendo a pouco e pouco todas as linhas, de um a outro flanco, num giro longo e torturante, indo e vindo, devagar, traçando ponto a ponto o círculo espantoso, como se um atirador único, ao longe, do alto de algum cerro remoto, houvesse o compromisso bárbaro de ser o algoz de um exército. E era-o. Valentes ainda ofegantes de recontros em que entravam intrêmulos, estremeciam, por fim, ante o assovio daqueles projetis esparsos, transvoando ao acaso para o alvo imenso, escolhendo, entre milhares de homens, uma vítima qualquer...

E iam-se assim os dias, nesse intermitir de refregas furiosas e rápidas, e longas reticências de calma, pontilhadas de balas...

Os assaltos, às vezes, contra toda a expectativa, não cessavam logo. Num crescendo aterrador, agitavam todas as linhas e tinham vislumbres de batalha. Num deles, a 1º de julho, os sertanejos penetraram em cheio o acampamento até ao centro das baterias. O ódio votado aos canhões, que dia a dia lhes demoliam os templos, arrebatara-os à façanha inverossímil, visando a captura ou a destruição do maior deles, o Whitworth 32, a *Matadeira*, conforme o apelidavam. Foram poucos, porém, os que se abalançaram à empresa. Onze apenas, guiados por Joaquim Macambira, filho do velho cabecilha de igual nome. Mas ante o grupo diminuto formaram-se batalhões inteiros. Deram-se cargas cerradas de baionetas a toques de corneta, como se fosse uma legião; até que baqueassem todos, salvo um único, que escapou miraculosamente, varando pelas fileiras agitadas.

A tropa teve o adminículo de mais uma vitória pouco lisonjeira e acrescido o respeito ao destemor do adversário.

O ascendente deste avultava dia a dia. Descobriam-se mais próximas, avançando num constringir vagaroso, as trincheiras circulantes; pela esquerda, trancando o passo para a Fazenda Velha; pela direita, ameaçando o posto de carneação e reduzindo a área do pequeno pasto em que estavam os animais de

tração e montaria; e pela retaguarda, aproximando-se pelo caminho do Rosário. Os corpos destacados para as tomar e demolir, tomavam-nas e demoliam-nas facilmente. Tornavam com poucas baixas ou de todo indenes. E no dia subsequente volviam à mesma tarefa, reconstruídos durante a noite, e cada vez mais próximos, os entrincheiramentos ameaçadores.

Enquanto se empregavam de tal modo os dias, reservavam-se as noites para o enterramento dos mortos, missão além de lúgubre perigosa, em que não raro o carregador aumentava a carga, caindo por sua vez entre os cadáveres, baqueando dentro da vala comum, que com as próprias mãos abria.

É natural que uma semana depois da ocupação do morro se generalizasse o desânimo. Afrouxamento em toda a linha. A própria artilharia, verificando-se a ineficácia do canhoneio e a necessidade de poupar a munição reduzida, apenas atirava, certos dias, dois ou três tiros longamente espaçados...

Aguardava-se a brigada salvadora. Se por um golpe de mão, que o inimigo podia e não soube dar, ela tivesse cortada a marcha nas cercanias do Rosário ou do Angico, a expedição estaria perdida. Era a convicção geral. O estado da força facultava-lhe ainda uma defesa frouxa daquela posição, mas impossibilitava-lhe prolongar esse esforço por mais de oito dias. Somente o prestígio de alguns chefes de corpos a salvavam da desorganização completa. Ficara em algumas brigadas, dominando a indisciplina emergente, a dedicação pessoal aos comandantes.

O general Artur Oscar, que se obstinara a permanecer ali, iludido, a princípio, pela miragem de um comboio, justificava-se, agora, pela impossibilidade absoluta de se mover.

Estadeou então a sua única qualidade militar frisante: a tendência a enraizar-se nas posições conquistadas. Este atributo contrasta com qualidades pessoais opostas. Irrequieto e ruidosamente franco; encarando a profissão das armas pelo seu lado cavalheiresco e tumultuoso; quase fanfarrão, embora valente, no relatar façanhas de pasmar; incomparável, no idear surpreendedores recontros; encontrando sempre nas conjunturas mais críticas uma frase explosiva, que as sublinha com traço vigoroso de jovialidade heroica, num calão pinturesco e incisivo e vibrante; patenteando sempre, insofridas, todas as impaciências e todos os arrojos de um temperamento nervoso e forte; – aquele general, numa campanha, no meio de cultura por excelência de tão notáveis requisitos, se transmuda, e, com espanto dos que o conhecem, só tem uma tática – a da imobilidade.

Resiste; não delibera.

Inflexivelmente imóvel diante do adversário, não o perturba com as sortidas bem combinadas e o arremesso das cargas; opõe-lhe a força emperradora da inércia.

Não o combate; cansa-o. Não o vence; esgota-o.

Guiando a expedição, concentrou-se inteiramente no objetivo da luta: absorveu-se desde o começo na sua fase derradeira, abstraindo de todas as circunstâncias intermediárias; e, realizando uma investida original, sem bases e sem linhas de operações, não preestabeleceu a hipótese de um insucesso, a necessidade eventual de um recuo.

Tinha um plano único – ir a Canudos. Tudo mais era secundário. Levando seis mil baionetas à margem do Vaza-Barris, ganharia a partida, de qualquer modo, desse por onde desse. Não recuaria. Alterou um verbo na frase clássica do romano, e seguiu:

Chegou; viu; e ficou.

Se no dia 28 o erro serodiamente corrigido do abandono do comboio lhe vedava marchar à investida, no dia 30, segundo o depoimento dos seus melhores auxiliares, devia tê-la feito. Não a fez. Entretanto estavam, afinal, reunidas as duas colunas e o arraial desdobrava-se à distância de um tiro de Mannlicher. Completou, assim, com um erro outro, colocando-se em situação insustentável, de onde, se não ocorresse o curso caprichoso dos acontecimentos, talvez não mais saísse.

Não desanimara, porém. Compartia o destino comum, resignado, estoico, inflexível, imóvel...

"Não lhe afrouxara o garrão!..." frase predileta, que despedia violentamente, como um golpe de sabre, despedaçando o fio dos comentários mais desalentados, ou desalentadoras conjecturas.

Mas presa nos liames de um assédio extravagante cujas linhas se distendiam elásticas, ante todas as cargas e se ligavam logo depois de serem rotas, em todos os pontos; exausta de fazer recuar o adversário, sem o esmagar nunca; sentindo engravescer-se a sua situação precária, a tropa não resistiria. Afrouxava. Surgiam já, traduzindo-se em alusões acerbas, surdos rancores contra imaginários responsáveis por aquelas desventuras. O deputado do Quartel-Mestre-General foi, então e depois, a vítima expiatória de todos os desmandos. Era o único culpado, comentava o desquerer geral. Não se ponderava que a acusação ilógica refluía toda sobre o comando em chefe, do qual a absolvição pressupunha uma culpa maior – o olvido da sua autonomia incondicional de chefe.

De feito, aquele funcionário tinha, pela permanência no cargo, a sua confiança plena. E empunhando febrilmente o lápis calculista com que floreteava a impaciência geral, permanecia, estéril, na Favela: somando, subtraindo, multiplicando e dividindo; pondo em equação a fome; discutindo estupendas soluções sobre cargueiros fantásticos; diferenciando a miséria transcendente; arquitetando fórmulas admiravelmente abstratas com sacos de farinha e malas de carne-seca; idealizando comboios...

Era todo o esforço. Não havia notícias da 1ª brigada. Os batalhões, diariamente mandados até às Baixas, voltavam sem rastrear nem um sinal da

sua existência, pelas estradas vazias. Um deles, o 15º, comandado pelo capitão Gomes Carneiro, no dia 10, ao tornar da diligência inútil, comboiara como suprema irrisão um boi, um único boi – magro, retransido de fome, oscilante sobre as pernas secas – uma arroba de carne para seis mil famintos...

E sobre tudo aquilo uma monotonia acabrunhadora... A sucessão invariável das mesmas cenas no mesmo cenário pobre, despontando às mesmas horas com a mesma forma, davam aos lutadores exaustos a impressão indefinível de uma imobilidade no tempo.

À tarde ou durante o dia, nos raros momentos em que se atreguavam os assaltos, alguns se distraíam contemplando o arraial intangível. Lá se iam, então, cautelosamente, desenfiando-se pelo viés das encostas, alongando as distâncias, para atingirem com resguardos um ponto abrigado qualquer, de onde o distinguissem a salvo. Perturbavam-se-lhes, então, as vistas, no emaranhado dos casebres, esbatidos embaixo. E contavam: uma, duas, três, quatro mil, cinco mil casas! cinco mil casas ou mais! Seis mil casas, talvez! Quinze ou vinte mil almas – encafurnadas naquela tapera babilônica... E invisíveis. De longe em longe, um vulto, rápido, cortava uma viela estreita, correndo, ou apontava, por um segundo, indistinto e fugitivo, à entrada da grande praça vazia, desaparecendo logo. Nada mais. Em torno o debuxo misterioso de uma paisagem bíblica: a infinita tristura das colinas desnudas, ermas, sem árvores. Um rio sem águas, tornejando-as, feito uma estrada poenta e longa. Mais longe, avassalando os quadrantes, a corda ondulante das serras igualmente desertas, rebatidas, nitidamente, na imprimadura do horizonte claro, feito o quadro desmedido daquele cenário estranho.

Era uma evocação. Como se a terra se ataviasse em dados trechos para idênticos dramas, tinha-se, ali, o que quer que era recordando um recanto da Iduméia, na paragem lendária que perlonga as ribas meridionais do Asfaltite, esterilizada para todo o sempre pelo malsinar fatídico dos profetas e pelo reverberar adusto dos plainos do Iêmen...

O arraial – "compacto" como as cidades do Evangelho – completava a ilusão.

Ao cair da noite de lá ascendia, ressoando longamente nos descampados em ondulações sonoras, que vagarosamente se alargavam pela quietude dos ermos e se extinguiam em ecos indistintos, refluindo nas montanhas longínquas, o toque da Ave-Maria...

Os canhões da Favela, bramiam, despertos por aquelas vozes tranquilas. Cruzavam-se sobre o campanário humilde as trajetórias das granadas. Estouravam-lhe por cima e em roda os *shrapnels*. Mas, lento e lento, intervaladas de meio minuto, as vozes suavíssimas se espalhavam, silentes, sobre a assonância do ataque. O sineiro impassível não claudicava um segundo no intervalo consagrado. Não perdia uma nota.

Cumprida, porém, a missão religiosa; apenas extintos os ecos da última badalada, o mesmo sino dobrava estridulamente sacudindo as vibrações do alarma. Corria um listrão de flamas pelas cimalhas das igrejas. Caía feito um rastilho no arraial. Alastrava-se pela praça, deflagrando para as faldas do morro; abrangia-as; e uma réplica violenta caía estrepitosamente sobre a tropa. Fazia calar o bombardeio. O silêncio descia amortecedoramente, sobre os dois campos. Os soldados escutavam, então, misteriosa e vaga, coada pelas paredes espessas do templo meio em ruínas, a cadência melancólica das rezas...

Aquele estoicismo singular, impressionava-os, e dominava-os; e como tinham mal esvaecidas na alma as mesmas superstições e a mesma religiosidade ingênua, vacilavam por fim ante o adversário, que se aliara à Providência.

Imaginavam-lhe recursos extraordinários. As próprias balas que usavam revelavam efeitos extravagantes. Crepitavam nos ares com estalidos secos e fortes, como se arrebentassem em estilhaços inúmeros. Criou-se, então, a lenda, depois insistentemente propalada, das balas explosivas dos jagunços. Tudo a sugeria. Aceita ainda a hipótese de provirem os estalos do desigual coeficiente de dilatação entre os metais constituintes do projetil, expandindo-se o núcleo de chumbo mais rapidamente do que a camisa de aço, a natureza excepcional dos ferimentos afigurava-se eloquentíssima: a bala, que penetrava os corpos mal deixando visível o círculo do diminuto calibre, saía por um rombo largo de tecido e ossos esmigalhados. Tais fatos arraigavam na soldadesca, inapta ao apercebimento da lei física que os explicava, a convicção de que o adversário, terrivelmente aparelhado, requintava no estadear a selvageria impiedosa.

Principiaram as deserções. Deserções heroicas, incompreensíveis quase, em que o soldado se aventurava aos maiores riscos, sob a fiscalização incorruptível do inimigo. No dia 9 20 praças do 33º deixaram os companheiros, afundando no deserto. E, uma a uma, diariamente, outras as imitaram, preferindo o tiro de misericórdia do jagunço àquela agonia lenta.

Havia permanente em todos os espíritos o desejo absorvente de deixar afinal aquela paragem sinistra da Favela.

Os batalhões que abalavam em diligência para vários pontos, despertavam inveja aos que ficavam. Invejavam-lhes os perigos, as emboscadas, os combates. Tinham ao menos a esperança das presas acaso conquistadas. Viam-se por algum tempo fora do quadro miserando que o acampamento patenteava.

Como nos maus dias dos cercos lendários, rememorados em velhas crônicas, os gêneros mais vulgares adquiriram cotações fantásticas: uma raiz de umbu ou uma rapadura, valiam como iguarias suntuárias. Um cigarro reles era um ideal de epicurista.

Falava-se, às vezes, na retirada. O boato surdo, cochichado a medo, por algum desesperado que atirava, anônimo, aquela consulta vacilante aos companheiros, penetrava sussurrando, insidioso, entre os batalhões, despertando ora apóstrofes e protestos violentos, ora um silêncio comprometedor e suspeito. Mas a retirada era inexequível. Uma brigada ligeira podia, impune, varrer os arredores, ir tiroteando para qualquer ponto, e voltar. O exército, não. Se o tentasse, com o tardo movimento que lhe impunham a artilharia, as ambulâncias e o contrapeso de mil e tantos feridos – consumar-se-ia a catástrofe.

Ficar, a despeito de tudo, era o recurso supremo e único.

Se a 1ª brigada, porém, retardasse por mais oito dias, a vinda – nem este restaria. Os jagunços partiriam, afinal, num dos assaltos, as linhas de fogo dos soldados inteiramente exaustos...

Na tarde de 11 de julho, porém, um vaqueiro, escoltado por três praças de cavalaria, apareceu inesperadamente no acampamento. Trazia um ofício do coronel Medeiros notificando a sua vinda e requisitando forças necessárias à proteção de grande comboio que puxava.

Foi um choque galvânico na expedição combalida.

Não há descrevê-lo. De uma à outra ponta das alas, correu, empolgante, a nova auspiciosa e transfigurados os rostos abatidos, corretas as posturas dobradas, movendo-se febrilmente em alacridade imensa, exposta em abraços, em gritos, em estrepitosas exclamações, entrecruzaram-se em todos os sentidos os lutadores. Desdobraram-se as bandeiras. Ressoaram os clarins, tocando a alvorada. Formaram as bandas de todos os corpos. Restrugiram hinos...

O vaqueiro rude, vestido de couro, montado no campião suarento e resfolegante, empunhando ao modo de lança a guiada longa, olhava surpreendido para tudo aquilo. A sua corpulência de atleta, contrastava com os corpos mirrados que turbilhonavam em roda. Lembrava um gladiador possante entre boximanos irrequietos.

A torrente ruidosa das aclamações rolou até à sanga do hospital de sangue. Os doentes e os moribundos calaram os gemidos – transmudando-os em vivas...

O nordeste soprando rijo ruflava as bandeiras ondulantes; e arremessava sobre o arraial, misturadas, baralhadas, as notas metálicas das bandas marciais e milhares de brados de triunfo...

Descia a noite. De Canudos ascendia – vibrando longamente pelos descampados num ondular sonoro, que vagarosamente avassalava o silêncio dos ermos e se extinguia a pouco e pouco em ecos indistintos refluindo nas montanhas longínquas – o toque da Ave-Maria...

V

O assalto

O comboio chegou ao alto da Favela a 13 de julho; e no dia subsequente convocados os comandantes de brigadas, na tenda do general Savaget enfermo do ferimento recebido em Cocorobó, concertaram sobre o assalto. O dia era propício: uma data de festa nacional. Logo pela manhã uma salva de vinte e um tiros de bala a comemorara. Os matutos broncos foram varridos cedo, – surpreendidos, saltando estonteadamente das redes e dos catres miseráveis, – porque havia pouco mais de cem anos um grupo de sonhadores falara nos direitos do homem e se batera pela utopia maravilhosa da fraternidade humana...

O ataque contra o arraial era urgente.

O comandante da 1ª brigada ao voltar comunicara que na pretensa base de operações nada existia. Encontrara-a desprovida de tudo, tendo-lhe sido necessário organizar com dificuldades o comboio que trouxera. Este em pouco se esgotaria e volver-se-ia de novo à crítica situação anterior.

Deliberou-se. As opiniões dissentindo em minúcias, firmaram-se acordes no pensamento da investida em grandes massas por um único flanco. Os comandantes da 3ª, 4ª e 5ª brigadas opinaram pelo abandono preliminar da Favela por uma posição mais próxima de onde, depois, empenhassem a ação. Os demais, fortalecidos pelo voto favorável dos três generais, contravieram: permaneceriam na Favela o hospital de sangue, a artilharia e duas brigadas, garantindo-os.

Este alvitre, que afinal pouco divergia do primeiro, prevaleceu. Reincidia-se num erro. O inimigo ia ter, mais uma vez, diante da sua fugacidade a potência ronceira das brigadas. Havia, como se vê, persistente na maioria dos ânimos, o intento de se não executar o que a campanha desde o começo reclamava: a divisão dos corpos combatentes. O ataque por dois pontos, pelo caminho de Jeremoabo e pela extrema esquerda, derivando pelos contrafortes da Fazenda Velha, enquanto a artilharia, sem deixar a sua posição, agisse, bombardeando pelo centro, surgia, entretanto, como único plano – imperioso e intuitivo – à mais ligeira observação do teatro da luta. Não se cogitou, porém, de observar o teatro da luta. O plano firmado era mais simples. As duas colunas combatentes, após uma marcha de flanco de quase dois quilômetros para a direita do acampamento, que se preestabeleceu realizada sem que a perturbasse o inimigo, obliquariam à esquerda demandando o Vaza-Barris. Dali volvendo ainda à esquerda arremeteriam em cheio até à praça das igrejas. O movimento contornante a princípio, ultimar-se-ia em trajetória retilínea; e se fosse impulsionado com sucesso favorável, os jagunços, mesmo no caso de

inteiro desbarate, teriam, francos ao recuo, três ângulos do quadrante. Poderiam, a salvo, deslocar-se para as posições inacessíveis do Caipã, ou qualquer outra de onde renovassem a resistência.

Esta era certa e previa-se a todo o transe.

Diziam-no acontecimentos recentes. Duas semanas de canhoneio e o reforço de munições aos adversários, não tinham desinfluído os sertanejos. Revigoraram-nos. No dia 15, como se ideassem atrevida paródia à recente vinda do comboio, foram vistos, em bandos, em que se incluíam mulheres e crianças, avançando pela direita do acampamento, tangendo para o arraial numerosas reses. O 25º batalhão enviado a atacá-los não os alcançara. Naquele mesmo dia os expedicionários, fartos e alentados de novo pela esperança da vitória próxima, não tiveram permissão de andar à vontade na própria posição em que acampavam. A travessia de um para outro abarracamento era a morte. Tombaram, baleados, o sargento-ajudante do 9º e várias praças. Foi assaltado o pasto, a dois passos da 2ª Coluna, e capturados alguns animais de montaria e tração, sem que os retomasse o 30º de infantaria, imediatamente destacado para a diligência. A 16 ostentaram o mesmo afoitar-se desafiador com o adversário abastecido. Bateram todas as linhas. A comissão de engenheiros, para fazer ligeiros reconhecimentos nas cercanias, fê-lo combatendo, levando a escolta formidável de dois batalhões, o 7º e o 5º. Esta atitude indicava-os dispostos a reagir com vigor; e, como se não conheciam os recursos que contavam, o ataque planeado devia ater-se à condição essencial de não ser nele, de chofre, comprometida toda a força, o que ademais impropriava a zona mesma do combate. Vista do alto da Favela, esta, parecia ser, de fato, a de mais fácil acesso. Apesar disto, o solo, pregueado de sangas e ondeando em outeiros, impossibilitava o desdobramento rápido das colunas; permitia prever-se o travamento forçado da investida em massa e sugeria por si mesmo, como corretivo único à sua conformação especial, a ordem largamente dispersa. Mas esta só seria factível se, excluído de todo o alvitre das cargas de pelotões maciços, precipitando-se contra os cerros, a batalha tivesse a preliminar de uma demonstração preparatória ou reconhecimento enérgico feito por uma brigada única livremente desenvolvida e agindo fora da compressão entibiadora de fileiras compactas e inúteis. Esta vanguarda combatente à medida que progredisse, varrendo as trincheiras abertas em todos os altos e em todas as encostas, seria gradativamente seguida pelas outras, que a reforçariam nos pontos mais convenientes, até se operar, afinal, naturalmente, na própria esteira do recuo do antagonista, a concentração de todas, dentro do arraial. Ia fazer-se o contrário. O comandante-geral oscilava entre extremos. Saía da anquilose para o salto; da inércia absoluta para os movimentos impulsivos. Deixou a vacilação inibitória, que o manietava no alto da Favela, para a obsessão delirante das cargas. Nas disposições, dadas a 16, para o combate, são elas a nota preponderante. Postos em plano inferior todos os dispositivos que garantissem o desenlace do recontro, espelha-se, ali, a preocupação absorvente dos choques violentos: três mil e tantas baionetas

rolando, como uma caudal de ferro e chamas, pelo leito vazio do Vaza-Barris em fora...

> Dado o sinal da carga ninguém mais procura evitar a ação dos fogos do inimigo. Carrega-se sem vacilar com a maior impetuosidade. Depois de cada carga cada soldado procura a sua companhia, cada companhia o seu batalhão e assim por diante.

Estas instruções iam de nível com as tendências gerais. As longas combinações concretas de um combate, adrede elaboradas consoante as condições excepcionais do meio e do adversário, não as satisfaziam. O rancor longamente acumulado por anteriores insucessos, exigia revides fulminantes. Era preciso levar às recuadas os bandidos tontos e, de uma só vez, de pancada, socá-los dentro da cova de Canudos, a couces de armas.

A ordem do dia 17 de julho marcando o ataque para o imediato, 18, foi recebida com delírio. Esteando-se nas façanhas anteriores, o comandante em chefe, numa dedução atrevida, voltava uma página do futuro e punha diante dos lutadores a miragem da vitória.

> Valentes oficiais e soldados das forças expedicionárias no interior do estado da Bahia!
>
> Desde Cocorobó até aqui o inimigo não tem podido resistir à vossa bravura. Atestam-no os combates de Cocorobó, Trabubu, Macambira, Angico, dois outros no alto da Favela e dois assaltos que o inimigo trouxe à artilharia.
>
> Amanhã vamos abatê-lo na sua cidadela de Canudos. A pátria tem os olhos fitos sobre vós, tudo espera da vossa bravura. O inimigo traiçoeiro que não se apresenta de frente, que combate-nos sem ser visto, tem, contudo, sofrido perdas consideráveis. Ele está desmoralizado, e, pois, se...

Paremos um momento diante de uma condicional comprometedora. Ante ela a ordem do dia, lida com aplausos a 17, devia ter sido trancada ao cair da noite de 18.

> ... se tiverdes constância, se ainda uma vez fordes os bravos de todos os tempos, Canudos estará em vosso poder amanhã; iremos descansar e a Pátria saberá agradecer os vossos sacrifícios.

Canudos cairia no dia seguinte. Era fatal. O inimigo mesmo parecia ciente da resolução heroica: cessara os tiroteios irritantes. Acolhia-se embaixo, timorato e quedo, vencido de véspera. O acampamento não fora atormentado. À tarde as fanfarras dos corpos vibraram harmoniosamente até cair a noite.

Delineou-se o ataque. Ficariam na Favela cerca de 1 500 homens sob o

mando geral do general Savaget, guardando a posição: a 2ª e 7ª brigadas dos coronéis Inácio Henrique de Gouveia e Antonino Nery, a última recém-formada, assim como a de artilharia, que secundaria o ataque num bombardeio firme.

A 1ª Coluna dirigida pelo general Barbosa, marcharia na frente para o combate encalçada logo pela ala de cavalaria e uma divisão de dois Krupps de 7 1/2. A 2ª acompanhá-la-ia fechando a retaguarda.

Entravam na ação 3 349 homens repartidos em cinco brigadas: a 1ª do coronel Joaquim Manuel de Medeiros, composta de dois batalhões apenas, o 14º e 30º, respectivamente comandados pelo capitão João Antunes Leite e tenente-coronel Antonio Tupi Ferreira Caldas; a 3ª do tenente-coronel Emídio Dantas Barreto, reunia o 5º, 7º, 9º e 25º, todos chefiados por capitães, Antonio Nunes de Sales, Alberto Gavião Pereira Pinto, Carlos Augusto de Sousa e José Xavier dos Anjos; a 4ª do coronel Carlos Maria da Silva Teles, formava-se com o 12º e o 31º sob o mando dos capitães José Luís Buchelle e José Lauriano da Costa; a 5ª do coronel Julião Augusto da Serra Martins, que substituíra o general Savaget na direção da 2ª Coluna, estava sob o comando do major Nonato Seixas e constituía-se com os 35º e 40º batalhões do major Olegário Sampaio e capitão J. Vilar Coutinho; e finalmente a 6ª do coronel Donaciano de Araújo Pantoja, com o 26º e 32º comandados pelo capitão M. Costa e major Colatino Góis. O 5º da polícia baiana, chefiado pelo capitão do exército Salvador Pires de Carvalho Aragão, acompanhava, autônomo, a 2ª Coluna.

O tenente-coronel Siqueira de Meneses, com um contingente reduzido, enquanto o grosso da expedição atacasse devia operar ligeira diversão à direita, sobre os contrafortes da Fazenda Velha.

Definidos os lutadores, via-se que ali estavam alguns para os quais o sertão de Canudos era um campo estreito:

Carlos Teles, uma altivez sem par sangrando sob o cilício da farda, lembrava o belo episódio do cerco de Bagé; Tupi Caldas – nervoso, irrequieto e bulhento, trazia invejável reputação de coragem da refrega mortífera de Inhanduí, contra os federalistas do Sul; Olímpio da Silveira, o chefe da artilharia, com o seu *facies* de estátua, – face bronzeada vincada de linhas imóveis – realizava a criação rara de um lutador modesto, impassível diante da glória e diante do inimigo, seguindo retilineamente pela vida entre o tumulto das batalhas, como obediente a uma fatalidade incoercível. Nos menos graduados uma oficialidade moça, ávida de renome, anelando perigos, turbulenta, jovial, destemerosa: Salvador Pires, comandante do 5º de polícia, que ele mesmo formara com os tabaréus robustos escolhidos nos povoados do São Francisco; Wanderley, destinado a tombar heroicamente no último passo de uma carga temerária; Vieira Pacheco, o gaúcho intrépido que chefiava o esquadrão de lanceiros; Frutuoso Mendes e Duque Estrada, que desarticulariam pedra por pedra os muros da igreja nova; Carlos de Alencar, cujo comando se extinguiria pela morte de todos os soldados da ala de cavalaria que dirigia; e outros...

Toda essa gente aguardava com impaciência o combate. Porque o combate

era a vitória decisiva. Segundo o velho hábito, os lutadores recomendaram aos que permaneceriam na Favela que tivessem pronto o almoço, para quando tornassem da empresa fatigante...

As colunas abalaram, no dia 18, ainda alta a madrugada. Contramarchando à direita do acampamento, seguiram olhando em cheio para o levante, demandando o caminho de Jeremoabo, descendo. No fim de algum tempo, volveram à esquerda, descendo sempre, em rumo certo à borda do Vaza-Barris, embaixo. A marcha, a passo ordinário, realizava-se tranquilamente, sem a menor revelação do inimigo, como se fosse surpreendê-lo aquele movimento contornante. Apenas os dois Krupps, rangendo emperradamente na vereda mal gradada, perturbavam-na, às vezes. Eram tropeços breves, porém, prestamente removidos. O tropear da investida rolava surdamente, ameaçador, contínuo...

A terra despertava triste. As aves tinham abandonado, espavoridas, aqueles ares varridos havia quase um mês, de balas. A manhã surgia rutilante e muda. Desvendava-se, a pouco e pouco, a região silenciosa e deserta: cômoros despidos ou chapadas breves; caatingas decíduas, *pintando*, já em julho, em grandes nódoas pardo-escuras, a revelarem o alastramento vagaroso da seca. A planície ondeante, alargando-se no quadrante de NE até ao sopé da Canabrava, indefinida para o norte, batendo ao sul contra a Favela, empolava-se para o poente em maciços sucessivamente mais altos, subindo para as grimpas longínquas do Cambaio. O Vaza-Barris, cortado em gânglios esparsos, percorria-a em dobras divagantes. Numa destas, depois de correr direito para o ocidente, torce abruptamente ao sul e volve, transcorridas poucas centenas de metros, para leste, invertendo de todo o sentido da corrente e formando imperfeita península, tendo no extremo o arraial. Assim, bastava aos que o defendessem o estenderem-se ligando os dois galhos paralelos e próximos do rio, segundo a corda daquele círculo extensíssimo de circunvalação, para cortarem toda a frente do ataque. Porque a direção deste a interferia normalmente, como a flecha do enorme semicírculo: depois de transposta a baixada aquém de Trabubu, os assaltantes atravessariam a pés enxutos o Vaza-Barris e, volvendo mais uma vez, a última, à esquerda, carregariam de frente.

Antes de completa esta conversão, porém, o inimigo lhes renteou o passo. Eram sete horas da manhã.

Os exploradores receberam os primeiros tiros ao galgarem a barranca esquerda do rio. O terreno próximo empolava-se num cerro, onde se viam, revestindo-o até ao topo, lembrando muros de pedra seca derruídos, irregulares entrincheiramentos de pedras. O arraial, mil e quinhentos metros na frente, desaparecia numa depressão mais forte, lobrigando-se apenas, o olhar rasante pela crista dos cerros, os vértices das duas torres da igreja. Duas

cruzes ameaçadoras e altas, recortando-se, nítidas, na claridade nascente...

A vanguarda atacada, uma companhia do 30º, replicou sem parar, acelerando o passo, ao tempo que o grosso da 1ª brigada e quatro batalhões da 3ª chegavam, compactos, abeirando-se do leito do rio, transpondo-o.

Toda 1ª Coluna penetrava, reunida, a arena do combate.

Os breves tropeços à translação dos dois Krupps, tinham, em boa hora, remorado a retaguarda. De sorte que atenuando-se, em parte, o grave inconveniente de um acúmulo compressor de batalhões, o general Barbosa pôde tentar o esboço de uma linha de combate: a 1ª brigada distendendo-se em atiradores para a direita; a 3ª, na mesma ordem, para a esquerda – enquanto a ala de cavalaria, avantajando-se a toda brida a estremar o flanco direito, devia obstar que o envolvessem.

Mas este movimento geral da tropa, como era de prever, foi malfeito. Sobre ser uma manobra sob o olhar do adversário, impropriava-a o terreno. Faltava-lhe a base física essencial à tática. A linha ideada, feita por um rápido desdobramento de brigadas numa longura de dois quilômetros, ia partir-se em planos verticais, segundo as cotas máximas dos cerros e o fundo das baixadas; e desde que não podia traçar-se com celeridade tal que tornasse o mais possível passageira uma situação de desequilíbrio e fraqueza, forçadamente assumida por todas as unidades combatentes, no se desarticularem e darem o flanco ao inimigo até nova posição de combate – era impraticável.

Impraticável e perigosíssima. Diziam-no todas as condições palpáveis, concretas, em torno, da áspera topografia do solo ao extraordinário vigor de pronto patenteado pelo adversário, que tomara, desde os primeiros minutos, toda a frente à investida, numa fuzilaria impenetrável. E revelariam-no os resultados imediatos da ação. Os soldados – feixes de baionetas arremessando-se contra os morros – embatiam-lhes as ilhargas; tornejavam-nas, vingavam-nas a custo, no vertiginoso desatar-se das linhas de atiradores. Mas tudo isto sem a firmeza e a velocidade que implicava a tática concebida. Além de não conseguirem executá-la deste modo, o que era essencial, alteraram-na logo em pormenores, insignificantes talvez, mas delatadores de um princípio de confusão nas fileiras. Em contraposição à ordem primitiva, a 3ª brigada começou a lutar pelo flanco direito do 30º, que era da primeira. O 9º batalhão, na extrema esquerda, caíra no valo do Vaza-Barris por onde começou a avançar ferido de descargas irradiantes das duas bordas; enquanto o 25º, o 5º e a ala direita do 7º mal centralizavam o conflito.

Era impossível estirar-se a formatura dispersa debaixo de balas em semelhante local. As secções, as companhias, os batalhões, destacando-se para a direita, única banda apropriada aos alinhamentos, enfiavam num labirinto de sangas em torcicolos e a breve trecho sentiam-se perdidos, desorientados,

iludidos, sem verem o resto dos companheiros, sem poderem distinguir sequer os toques discordes das cornetas. Recuando, às vezes, no estonteamento da marcha tortuosa, supondo que avançavam, esbarravam, não raro, dados poucos passos, inopinadamente, com outras secções, outras companhias e outros batalhões, a marche-marche em sentido contrário...

Enredavam-se. O próprio general que os atirara em tais forcas caudinas, mais tarde, na ordem do dia relativa ao feito, não encontrando no léxico opulento da nossa língua um termo lídimo para caracterizar bem a desordem da refrega, aventurou um gauchismo bárbaro – as forças *entrelisavam-se*...

De sorte que quando, passada meia hora, chegou a 2ª Coluna, era já sensível o número de baixas. Vinham mais duas brigadas, a 4ª e a 5ª, ficando apenas de reserva, à reçaga, uma, a 6ª, sob as ordens imediatas do comando em chefe. Os recém-vindos deviam ainda alongar-se para a direita, segundo o plano único imposto pelas circunstâncias, o que além de tomar toda a frente ao inimigo, obstando-lhe qualquer ação contornante, facultaria, depois, a investida final numa concentração contínua, que o próprio campo de combate indicava, definindo-se como setor amplíssimo de raios convergentes na praça das igrejas. Mas esta concepção tática, aliás rudimentar, não foi ainda efetuada. As brigadas auxiliares ao chegarem debaixo de uma fuzilaria estonteadora e deparando o tumulto, não podiam mais adaptar-se às linhas de um plano qualquer – articulando-se às que as tinham precedido, revigorando-as, reforçando-lhes os pontos fracos, ou completando-lhes os movimentos; ou ainda, prendendo-se-lhes às alas extremas, expandindo-lhas, ampliando-lhas de modo a estenderem, possante e vibrátil, defronte dos rudes antagonistas, a envergadura de ferro da batalha.

O coronel Carlos Teles em sua parte de combate – documento que não foi contestado – afirmou, depois, nuamente, que ao chegar notara não se acharem as forças nele engajadas com as formaturas que lhe são próprias.

Não obstante o dever único na ocasião era avançar e carregar...

Avançaram e carregaram.

Eram oito horas da manhã. Formosa e quente manhã sertaneja que naquelas zonas irradia sempre num resplendor belíssimo de centelhas refluídas da terra desnuda e quartzosa... de sorte que se a tropa imprimisse naquele espadanar de brilhos o fulgor metálico de três mil baionetas, como se planeara, o cenário tornar-se-ia singularmente majestoso.

Mas foi lúgubre. Dez batalhões despencaram, de mistura, pelos cerros abaixo. Atulharam as baixadas. Galgaram depois as ladeiras que as apertam. Coalharam o topo das colinas; e desceram-nas de novo, ruidosamente, em tropel – para novamente investirem com as que se sucedem indefinidamente por toda a banda – num ondear de vagas humanas, revoltas, desencadeadas, estrepitosas, arrebentando nas encostas, espraiando-se nas planuras breves,

acachoando em tumulto nos declives, represando-se comprimidas nas quebradas...

Os jagunços em roda fulminavam-nas, invisíveis, recuando talvez, talvez concentrando-se-lhes às ilhargas, talvez envolvendo-as...

Nada podia conjecturar-se. Os soldados começaram, certo, desde logo a conquistar bravamente o terreno. Vingavam morros sucessivos. Pisavam de momento em momento à borda de trincheiras, e no fundo destas os cartuchos detonados e ardentes delatavam-lhes a fuga recente do inimigo. Mas não sabiam no fim de algum tempo a direção real do próprio ataque que realizavam. A réplica dos adversários, por sua vez, variando em todos os rumos, parecia adrede disposta a desnorteá-los. Apenas no meio da ação ela se patenteou – uniforme e mais bem definida – na extrema direita, onde não era lícito esperá-la tão constante, sugerindo o pensamento de algum vigoroso ataque de flanco que, se fosse impulsionado com energia, lançaria inevitavelmente os sertanejos, triunfantes, dentro dos batalhões desmantelados. Viu-se, porém, que aqueles realizavam apenas uma demonstração ligeira, deixando escapar a oportunidade para acometimento sério. Revelou-o o esquadrão de lanceiros num reconhecimento temerário. Precipitando-se velozmente naquela direção, deu de chofre, no tombar de uma encosta, com cerca de oitenta jagunços. Estavam dentro de um curral, de onde atiravam de soslaio sobre a tropa. Dispersou-os a pontaços de lança e a patas de cavalos, numa carga violenta. Subiu logo depois a galope, perseguindo-os, por uma ladeira menos abrupta, até ao alto de um dilatado platô, em rechã distendida para nordeste. E o arraial, a menos de trezentos metros, apareceu-lhe inopinadamente, na frente...

Neste comenos, por sua vez, ali chegavam atropeladamente alguns pelotões de infantaria.

A situação era culminante.

A fímbria das primeiras casas esparsas num recosto fronteiro a cerca de trezentos metros das igrejas, oferecia aos combatentes área mais desimpedida e plana. Estes, porém, ali chegavam em grupos e sem ordem, mal repartidos na larga divisão das brigadas: a 5ª marchando pela direita, a 3ª e a 4ª pelo centro e a 6ª, que entrara por último na refrega, pela esquerda, perlongando o rio.

Era o momento agudo do combate.

Naquela eminência, a tropa, sobretudo do centro para a direita, completamente exposta, estava dominada pelas igrejas e de nível com a parte alta do arraial, que se alteia para o norte. E deste último ponto até ao extremo da praça, a oeste, – abrangendo todo o quadrante em longura mínima de dois quilômetros, caiu-lhe em cima, convergente uma fuzilaria tremenda. As brigadas, entretanto, avançaram ainda. Mas incoerentemente, num dissipar improdutivo de valor e de balas, sem a retitude de um plano, sem uniformidade na marcha. No torvelino das fileiras sobrevinham paralisações súbitas. Cada soldado tendo levado somente cento e cinquenta cartuchos nas patronas gastara-os logo. De modo que se tornou necessária a parada de batalhões

inteiros – em pleno conflito e na eminência completamente batida – para se abrir a machado os cunhetes de munições e distribuí-las.

Além disto, completando os tiroteios nutridos que irrompiam do arraial, onde cada parede se rachava em seteiras, atrevidos guerrilheiros afrontavam-se, de perto, com os assaltantes, alvejando-os a queima-roupa, abrindo-lhes, em descargas esparsas, claros assustadores. Batiam-nos ainda pelo flanco direito. O rarefeito dos estampidos denunciava, naquela banda, raros franco-atiradores. Mas estes, embora diminutos, tolhiam, pelo rigor das pontarias, o passo a pelotões inteiros.

Di-lo episódio expressivo.

Foi no último arranco da investida. A força na ocasião fortalecida pela 4ª brigada tendo à frente o coronel Carlos Teles, cujo estado-maior quase todo baqueara, abalara transpondo a última ladeira, quando as secções extremas daquele flanco, rudemente batidas, convergiram em acelerado para a direita, na repulsa a adversários que não viam, na planura desnuda e chata, que as vistas, entretanto, num lance devassavam. Arremeteram, ao acaso, na direção de um umbuzeiro, frondente ainda. Era a única árvore que ali aparecia. Os tiros rápidos, porém sucessivos como feitos por um homem único, bateram-nas, então de frente. Vararam-nas; desfalcaram-nas, derrubando, um a um, inflexivelmente, os que as formavam. Destes, muitos, por fim, estacaram atônitos pelo inconceptível de um fuzilamento em plaino escampo e limpo, onde não havia a ondulação mais ligeira acobertando o adversário inexorável. Outros, porém, teimaram, correndo para a árvore solitária. E a alguns passos dela, viram, afinal, à borda de uma cova circular, ressurgir à flor do chão um rosto bronzeado e duro. E pulando do fojo, sem largar a arma, o jagunço, escorregando célere ao viés da encosta, desapareceu embaixo no afogado das grotas. Na trincheira soterrada trezentos e tantos cartuchos vazios diziam que o caçador feroz estivera largo tempo de tocaia naquela espera ardilosamente escolhida. Outras, idênticas, salpintando o solo, apareciam, salteadamente em roda. E em todas os mesmos restos de munições revelavam a estadia recente de um atirador. Eram como fogaças perigosas alastrando-se por toda a banda. O chão explodia sob os pés da tropa. Os sertanejos desalojados desses esconderijos, acolhiam-se, recuando, noutros; e as novas trincheiras arrebentavam logo em descargas vivas, até serem por sua vez abandonadas – concentrando-se pouco a pouco, aqueles, no arraial, cujas primeiras casas foram, ao cabo, atingidas às dez horas da manhã.

Arrumadas a leste, derramam-se aquelas em lombada extensa, expandida mais ou menos segundo a meridiana e tendo a vertente ocidental suavemente descaída até à praça das igrejas, adiante. A força chegou àquela situação dominante cobrindo-a de uma linha descontínua e torcida, que se alongava para a esquerda até ao Vaza-Barris. Em parte os soldados abrigaram-se então nos casebres conquistados. A maioria, porém, impelida por oficiais, que na conjuntura se revelaram dignos de mais gloriosos feitos, avançou ainda, fulminada, num círculo de descargas, até aos fundos da igreja velha. A 6ª

brigada e o 5º de polícia, rompendo pelo álveo seco do rio, completaram esta acometida, que foi o derradeiro ímpeto da tropa.

Dali à frente ela não deu mais um passo. Conquistara um subúrbio diminuto da cidade bárbara e sentia-se impotente para ultimar a ação. As baixas avultaram. A retaguarda, coalhada de feridos e mortos, dava a impressão emocionante de uma derrota. Por entre eles passaram, contudo, ainda, impelidos a pulso, os dois Krupps. Postos logo depois em batalha, sobranceiros às igrejas, iniciaram um canhoneio firme – enquanto no alto da Favela, coroado de fumo, estrugiam dentro de uma cerração de tormenta as baterias do coronel Olímpio da Silveira. Mas batido pelas granadas que dali tombavam, mergulhantes, batido pelas fuzilarias, que lhe tomavam toda a orla do nascente, o arraial recrudesceu na réplica. As balas irradiando de lá, inúmeras, varavam os tabiques das casas, em que se acolhiam os assaltantes, e matavam-nos lá dentro. A igreja nova, à margem do rio, fulminava a 6ª brigada. O 5º de polícia, rudemente combatido, caiu por fim numa grota estreita e coleante que o livrou de um fuzilamento em massa.

O Sol culminou nesta situação gravíssima e dúbia. A batalha iniciada a dois quilômetros continuava mais renhida na orla do casario.

Neste transe os chefes da 3ª e 4ª brigadas, que se tinham avantajado até ao cemitério junto à igreja velha, reclamaram a presença do general Artur Oscar. Este apareceu depois de fazer a pé, mal encoberto pelas casinhas esparsas da vertente, uma travessia que foi um lance de bravura. Ao chegar encontrou já gravemente feridos, dentro do próprio pouso em que se haviam acolhido, o coronel Carlos Teles, o comandante do 5º de linha e o capitão Antonio Sales. A conferência – rápida – realizou-se dentro do casebre exíguo. Em torno estalava a desordem: vibrações de tiros, tropear de carreiras doudas, notas estrídulas de cornetas, vozes precípites de comando, brados de cólera, gritos de dor, imprecações e gemidos. O tumulto.

Desorganizados os batalhões, cada um lutava pela vida. Nos grupos combatentes reunidos ao acaso, feitos de praças de todos os corpos, adensando-se por trás de frágeis paredes de taipa ou no cunhal das esquinas, batendo-se a todo o transe, fizera-se uma seleção natural de valentes. Extintas todas as esperanças, o instinto animal da conservação, como sói sempre acontecer nesses epílogos sombrios dos combates, vestia a clâmide do heroísmo, desdobrando brutalmente a forma primitiva da coragem. Alheias ao destino dos outros companheiros, reduzindo a batalha à área estreita em que jogavam a vida, as frações combatentes atulhando os tijupares em cujas paredes, como os jagunços, rasgavam seteiras, negaceando nas esquinas, correndo desencontradamente pelos claros das vielas, com o adversário a dois passos, enleados quase em luta braço a braço, agiam, à toa, por conta própria. Famintos e agoniados de sede, ao penetrarem as pequenas vivendas, dentro das quais no primeiro minuto nada distinguiam, na penumbra dos cômodos estreitos e sem janelas, olvidavam o morador. Percorriam-nos, tateantes, em busca de uma moringa d'água ou um cabaz de farinha. E baqueavam, não raro,

por um disparo a queima-roupa. Soldados possantes que vinham resfolegando de uma luta de quatro horas, caíram, alguns mortos por mulheres frágeis. Algumas valiam homens. Velhas megeras de tez baça, faces murchas, olhares afuzilando faúlhas, cabelos corredios e soltos, arremetiam com os invasores num delírio de fúrias. E quando se dobravam, sob o pulso daqueles, juguladas e quase estranguladas pelas mãos potentes, arrastadas pelos cabelos, atiradas ao chão e calcadas pelo tacão dos coturnos – não fraqueavam, morriam num estertor de feras, cuspindo-lhes em cima um esconjuro doloroso e trágico...

No meio desta confusão desastrosa, o comandante em chefe resolveu que se guardasse a posição conquistada. O alvitre impunha-se por si, inflexivelmente. Mais uma vez no fim de uma arremetida violenta, a expedição se via adstrita a estacar, encravando-se em situação insolúvel. Eram por igual impossíveis – o avançamento e o recuo.

Imobilizou-se ao cair da tarde numa ourela estreita do arraial – uma quinta parte deste, limitando-o pelo levante – na larga coxilha expandida de norte a sul e descendo em declive para a praça. As casas que ali se erigiam, menos unidas que as demais, tinham data recente. Canudos, no seu crescimento surpreendedor, desbordara da depressão, em que se formara, para o viso das colinas envolventes.

A tropa ocupara um desses subúrbios. A cidadela propriamente dita, com a sua feição original e bárbara, não fora a bem dizer atingida. Ali estava, perto, em frente – ameaçadoramente – sem muros, mas inexpugnável, pondo diante da invasão milhares de portas, milhares de entradas abertas para a rede inextricável dos becos tortuosos.

Mas não se podia ultrapassar o esforço temerário feito. A linha avançada dos corpos que mais se tinham adiantado, firmou-se definitivamente. Numa grota profunda, que drenava os flancos da Favela, na extrema esquerda, entrincheirou-se o 5º de polícia, distendendo-se até à borda direita do Vaza-Barris, onde se ligava ao 26º de infantaria. Este, por sua vez, desdobrando-se, ia unir-se na margem oposta ao 5º de linha, junto do cemitério. Seguiam-se, sucessivamente: o 25º, nos fundos da igreja velha; o 7º, paralelamente à face oriental da praça; e depois o 25º, o 40º e o 30º entranhando-se num dédalo de casebres, para o norte. Inflectindo deste ponto à retaguarda, a linha, com as forças desenvolvidas do 12º, 31º e 38º, encurvava-se, convexa, afastando-se do casario e guardando o flanco direito do acampamento, onde ficou o quartel-general, na vertente oposta, protegido pelos 14º, 32º, 33º e 34º batalhões e pela ala de cavalaria.

O resto do dia, e grande parte da noite, empregaram-no na construção dos entrincheiramentos, blindando-se de tábuas ou pedras as paredes das casas, ou escolhendo-se raros pontos menos enfiados pelos projetis. Estes trabalhos

impunham os máximos resguardos. Os expedicionários entalavam-se numa ilharga do arraial e o inimigo vigiava-os, implacável. Afrouxara a fuzilaria, mas para recair na praxe costumeira das tocaias: em cada frestão de parede insinuavam-se um cano de espingarda e um olhar indagador. Cada passo do soldado fora do ângulo de uma esquina, era a morte.

Começou-se a sentir o império de uma situação mais incômoda que a anterior, da Favela. Ali havia, ao menos, a esperança do assalto e da vitória; desprezava-se ainda o adversário, que só revidava de longe, entre ciladas. Agora nem este engano restava. O jagunço ali estava – indomável – desafiando um choque braço a braço. Não o atemorizara a proximidade dos contendores, profissionais da guerra, que lhe enviavam as gentes das terras grandes. Eles estavam-lhe, agora, ao lado, a dois passos, acotovelando-o, acolhidos sob os mesmos tetos de taipa e aumentando, de repente, em poucos minutos, de três mil almas, a população do lugarejo sagrado. Mas não lhe haviam modificado sequer o primitivo regime. Ao empardecer do dia, o sino da igreja velha batia, calmamente, a Ave-Maria; e, logo depois, do seio amplíssimo da outra, ressudava o salmear merencório das rezas...

Toda a agitação do dia fora como incidente vulgar e esperado.

No entanto, a expedição atravessara violentíssima crise. Tivera cerca de mil homens, 947, entre mortos e feridos e estes, com os caídos nos recontros anteriores, reduziam-na consideravelmente. Impressionavam-na, ademais, os resultados imediatos do acometimento. Três comandantes de brigadas, Carlos Teles, Serra Martins e Antonino Nery, que viera à tarde com a 7ª, estavam fora de combate. Numa escala ascendente, avultavam baixas de oficiais menos graduados e praças. Alferes e tenentes haviam, com desassombro incrível, malbaratado a vida em toda a linha. De alguns citavam-se, depois, os arrojados lances: Cunha Lima, estudante da Escola Militar de Porto Alegre, que ferido em pleno peito numa carga de lanceiros concentrara os últimos alentos no último arremesso da lança caindo, em cheio, sobre o inimigo, feito um dardo; Wanderley, que precipitando-se a galope pela encosta aspérrima da última colina, fora abatido ao mesmo tempo que o cavalo, no topo da escarpa, rolando por ela abaixo em queda prodigiosa, de titã fulminado; e outros, baqueando todos, valentemente – entre vivas retumbantes à República – haviam dado à refrega um traço singular de heroicidade antiga, revivendo o desprendimento doentio dos místicos lidadores da média idade. O paralelo é perfeito. Há nas sociedades retrocessos atávicos notáveis; e entre nós os dias revoltos da República tinham imprimido, sobretudo na mocidade militar, um lirismo patriótico que lhe desequilibrara todo o estado emocional, desvairando-a e arrebatando-a em idealizações de iluminados. A luta pela República, e contra os seus imaginários inimigos, era uma cruzada. Os modernos templários se não envergavam a armadura debaixo do hábito e não levavam a cruz aberta nos copos da espada, combatiam com a mesma fé inamolgável. Os que daquele modo se abatiam à entrada de Canudos tinham todos, sem excetuar um único, colgada ao peito esquerdo, em medalhas de bronze, a efígie do marechal

Floriano Peixoto e, morrendo, saudavam a sua memória – com o mesmo entusiasmo delirante, com a mesma dedicação incoercível e com a mesma aberração fanática, com que os jagunços bradavam pelo Bom Jesus misericordioso e milagreiro...

Ora esse entusiasmo febril, à parte as precipitações desastrosas decorrentes, no dia 18 de julho foi a salvação...

Uma tropa exclusivamente robustecida pela disciplina, que se desorganizasse daquela maneira, estaria perdida. Mas os soldados rudes, em cujo ânimo combalido penetravam desalentos e incertezas, imobilizaram-se sob o hipnotismo da coragem pessoal dos chefes ou dominados pelo prestígio de oficiais que gravemente feridos, alguns mal sustendo a espada, avançavam em cambaleios para as linhas de fogo – moribundos e desafiando a morte.

Ficaram de algum modo sitiados entre eles e os jagunços.

A noite de 18 de julho, contra a expectativa geral, passou em relativa calma. Os sertanejos, por sua vez, claudicavam. No ânimo do chefe expedicionário pairara o temor de um assalto noturno para o qual não havia reação possível. As frágeis linhas de defesa ainda quando não fossem rotas por qualquer de seus pontos, podiam ser envolvidas pelos lados e, postas entre dois fogos e contidas na frente pelo arraial impenetrável, seriam facilmente destruídas. A situação, porém, resolvera-se pela inércia dos adversários. No dia subsequente uma linha de bandeirolas vermelhas, feitas de cobertores reiunos, demarcava um segmento de cerco diminutíssimo: um quinto da periferia enorme do arraial. Mal o fechava pelo levante. Nesta banda mesmo estava em claro a extrema direita; do mesmo modo que à esquerda entre as vertentes da Favela e os primeiros sulcos do arroio da Providência, onde jazia o corpo policial, se via um largo espaço livre. Para se ultimar a circunferência fazia-se mister um traçado que, prolongando-se para a direita em cheio ao norte, inflectindo depois para oeste, ladeando o rio e acompanhando-o na sua curvatura para o sul, galgando as ondulações maiores do solo no primeiro socalco das serras do Calumbi e Cambaio, volvesse finalmente a leste pelo esporão dos Pelados. – Um circuito de seis quilômetros, aproximadamente. Ora a expedição reduzida a pouco mais de três mil homens válidos, centenares dos quais se removiam à guarda da Favela, não poderia ajustar-se a tão ampla cercadura, mesmo que lha permitisse o adversário. A paralisação temporária das operações, impunha-se inevitável, resumindo-se na defesa da posição ocupada, até que maiores reforços facultassem novos esforços.

O general Artur Oscar avaliou, então, com segurança, o estado das coisas. Pediu um corpo auxiliar de cinco mil homens e curou de dispositivos para garantir a força que triunfara de maneira singular, a pique de uma derrota. Estava, depois de mais um triunfo, na conjuntura torturante de não poder

arriscar nem um passo à frente, nem um passo atrás. Oficialmente, as ordens do dia decretavam o começo do sítio. Mas, de fato, como sempre sucedera desde 27 de junho, a expedição é que estava sitiada. Tolhia-a o arraial a oeste. Ao sul os altos da Favela fechavam-se-lhes atravancados de feridos e doentes. Para o norte e o nascente, se desenrolava o deserto impenetrável. A área da sua ação aparentemente aumentara. Dois acampamentos distintos pareciam denotar mais larga movimentação, liberta da constrição de trincheiras envolventes. Esta ilusão, porém, extinguiu-se no próprio dia do assalto. Os cerros, varridos a cargas de baionetas poucas horas antes, figuravam-se de novo guarnecidos. As comunicações com a Favela tornaram-se logo dificílimas. Tombavam, novamente baleados, os feridos que para lá se arrastavam; e um médico, o dr. Tolentino, que na tarde do combate dali descera, caíra, gravemente ferido, na ribanceira do rio. A travessia no campo conquistado fez-se problema sério aos conquistadores. Por outro lado os que haviam invadido o breve trecho do arraial, copiavam, linha a linha, a reclusão que antes observavam nos jagunços. Como estes, apinhavam-se nos casebres ardentes como fornos, ao reverberar dos meios-dias mormacentos e jaziam horas esquecidas, olhos enfiados pelas rachas das paredes, caindo escandalosamente na mesma guerrilha de tocaias, sondando com as vistas o casario e disparando as espingardas todas a um tempo – cem, duzentos, trezentos tiros! – contra um vulto, um trapo qualquer, percebido de relance, indistinto e fugitivo, ao longe, no torvelino dos becos.

Distribuída a última ração – um litro de farinha para sete praças e um boi para um batalhão – restos do comboio salvador, era-lhes impossível preparar convenientemente a refeição escassa. Um fio de fumo branqueando no teto de barro da choupana era um chamariz de balas! À noite um fósforo aceso punha fogo a rastilhos de descargas.

Os jagunços sabiam que podiam fulminar dentro dos casebres – frágeis anteparos de argila – os moradores intrusos. O coronel Antonino Nery fora ferido, justamente quando, depois de atravessar com a sua brigada a zona perigosa e aberta do combate, se acolhera a um deles. Casamataram-nos, então. Espessaram-lhes as paredes com muros interiores, de pedras, ou revestiram-nas de tábuas. E assim mais garantidos, atravessando grande parte do dia, de bruços, sobre os jiraus, olhares rasantes pelos esvãos do colmo, dedos enclavinhados nos fechos da espingarda – os vitoriosos cheios de sustos tocaiavam os vencidos...

Sobre o quartel-general, centralizado pela barraca do comandante em chefe, na vertente oposta, os projetis passavam inofensivos, repelidos pelo ângulo morto da colina. E aquele teve durante todo o correr da noite, que lhe fechara a jornada trabalhosa, passando-lhe em sibilos ásperos sobre a tenda, os respingos nos tiroteios que se renhiam do outro lado com as linhas avançadas. Os comandantes destas, tenentes-coronéis Tupi Caldas e Dantas Barreto, destemerosos ambos, sentiam-se todavia na iminência de um desastre, compreendendo "que um passo à retaguarda em qualquer ponto da linha

central lhes seria a perdição total".[82] Porque esta preocupação de uma catástrofe próxima, iniludível, ninguém a ocultava. Deduzia-se irresistivelmente na sequência de anteriores sucessos. Impunha-se. Durante muitos dias dominou todos os espíritos.

> Um inimigo habituado à luta regular que soubesse tirar partido de nossas desvantagens táticas, não teria certamente deixado passar esse momento em que a vingança e a desforra teriam a consequência da mais requintada selvageria.

Mas o jagunço não era afeito à luta regular. Fora até demasia de frase caracterizá-lo inimigo, termo extemporâneo, esquisito eufemismo suplantando o "bandido famigerado" da literatura marcial das ordens do dia. O sertanejo defendia o lar invadido, nada mais. Enquanto os que lho ameaçavam permaneciam distantes, rodeava-os de ciladas que lhes tolhessem o passo. Mas quando eles, ao cabo, lhe bateram às portas e arrombaram-lhas a couces de armas, aventou-se-lhe, como único expediente, a resistência a pé firme, afrontando-os face a face, adstrito à preocupação digna da defesa e ao nobre compromisso da desforra. Canudos só seria conquistado casa por casa. Toda a expedição iria despender três meses para a travessia de cem metros, que a separavam do abside da igreja nova. E no último dia de sua resistência inconcebível, como bem poucas idênticas na História, os seus últimos defensores, três ou quatro anônimos, três ou quatro magros titãs famintos e andrajosos, iriam queimar os últimos cartuchos em cima de seis mil homens!

Aquela pertinácia formidável começou no dia 18 e não fraqueou mais. Terminara o ataque mas a batalha continuou, interminável, monótona, aterradora, com a mesma intercadência espelhada na Favela: difundida em tiros que sulcavam o espaço de minuto em minuto, ou tiroteios alastrando-se furiosamente por todas as linhas, em arrancos súbitos, repentinos combates de quartos de hora, prestes travados, prestes desfeitos, antes que terminassem as notas emocionantes dos alarmas. Esses assaltos subitâneos, intermeados de longas horas de repouso relativo, traduziam sempre uma inversão de papéis. Os assaltantes eram, por via de regra, os assaltados. O inimigo encantoado, é quem lhes marcava o momento angustioso das refregas, e estas surgiam sempre de chofre.

Noite velha, às vezes, quebrando um armistício de minutos, que os soldados da vanguarda aproveitavam para descanso ilusório, cabeceando abraçados às carabinas, um foguetão ascendia rechiando asperamente, feito um rasgão no firmamento escuro. E à sua luz fugaz viam-se as cimalhas das igrejas debruadas de uma orla negra e fervilhante. O combate feria-se na treva, aos fulgores intermitentes das fuzilarias.

Outras vezes, contra o que era de esperar, era ao romper do dia, em plena manhã esplendorosa e ardente, que os jagunços acometiam

desassombradamente, às claras.

Um diário minucioso da luta naqueles primeiros dias, lhe patenteia o caráter anormalmente bárbaro. Esbocemo-lo em traços largos até ao dia 24 de julho, apenas para definir uma situação que daquela data em diante não se transmudou.

Dia 19 – A fuzilaria inimiga principia às cinco horas da manhã. Prossegue durante o dia. Entra pela noite dentro. O comandante da 1ª Coluna, para revigorar a repulsa, determina a vinda de mais dois canhões Krupps, que estavam na retaguarda, a fim de serem assestados à noite. Às 12 1/2 foi ferido, em seu acampamento, dentro de um casebre onde descansava, numa rede, o comandante da 7ª brigada. Às 2 horas da tarde depois de apontar e disparar o canhão da direita para uma das torres da igreja nova, morre trespassado por uma bala o tenente Tomás Braga. À tarde descem com dificuldade da Favela algumas reses para alimento da tropa. A boiada dispersa-se, fustigada a tiros, ao atravessar o Vaza-Barris, sendo a custo reunida, perdendo-se algumas cabeças. Ao toque de recolher os jagunços investem contra as linhas, perdurando o ataque até às 9 1/2 e continuando, frouxo, daí por diante. Resultado: um comandante superior ferido; um subalterno morto, dez ou doze praças fora de combate.

Dia 20 – O acampamento é subitamente atacado quando as cornetas de todos os corpos tocam a alvorada. Tiroteios durante o dia todo. Consegue-se assestar apenas um dos canhões reconduzidos. Há o mesmo número de baixas da véspera; um soldado morto.

Dia 21 – Madrugada tranquila. Poucos ataques durante o dia. Os canhões da Favela bombardeiam até à boca da noite. Dia relativamente calmo. Poucas baixas.

Dia 22 – Sem aguardar a iniciativa do adversário, a artilharia abre o canhoneio às 5 horas da manhã – provocando revide pronto e virulento de atiradores encobertos nos muros das igrejas. São penosamente conduzidos do campo da ação para o acampamento da Favela, os últimos feridos. Segue em reconhecimento pelas cercanias o tenente-coronel Siqueira de Meneses. Ao voltar declara estar o inimigo muito forte, e que muito poucas casas de Canudos estão em nosso poder, atenta a comparação com o número das que formam o povoado. Somente à noite se torna possível distribuir parcas rações de gêneros aos soldados da linha da frente, o que foi impossível fazer durante o dia, pela vigilância dos antagonistas. Às 9 horas da noite assalto violento pelos dois flancos. Resultado: 25 homens fora de combate.

Dia 23 – Alvorada tranquila. Repentinamente, uma hora depois, às 6 da manhã, os jagunços, depois de um movimento contornante despercebido, caem impetuosamente sobre a retaguarda do campo de batalha. São repelidos pelo 34º batalhão e corpo policial, deixando 15 mortos, uma cabocla prisioneira e um surrão de farinha. À noite tiroteios cerrados. Os três canhões deram apenas nove disparos por falta de munições.

Dia 24 – Começou o bombardeio ao levantar do Sol. O povoado, contra o

costume, suporta-o sem réplica. Os *shrapnels* da Favela caem lá dentro e estouram, como se batessem numa tapera deserta. Durante largo tempo trucida-o o canhoneio impunemente. Às 8 horas, porém, ouvem-se alguns estampidos, raros, à direita; e logo depois são assaltados os canhões daquele flanco. Enreda-se o conflito braço a braço, carabinas abocadas aos peitos, e generaliza-se num crescendo apavorante. Vibram de ponta a ponta dezenas de cornetas. Toda a tropa forma para a batalha. O ataque visava cortar a retaguarda da linha da frente. Um movimento temerário. Cortando-a cairiam sobre o quartel-general, e poriam os sitiantes entre dois fogos. Era um plano de Pajeú que, tendo deposto os demais cabecilhas, assumira a direção da luta. Esse assalto durou meia hora. Os jagunços repelidos, porém, volveram, minutos depois, outra vez sobre a tropa, arremetendo com maior arrojo sobre a direita. A custo repelidos recuam até às primeiras casas não conquistadas de onde reatam o tiroteio, cerrado, contínuo. Tombam o comandante do 33º, Antonio Nunes Sales, e muitos oficiais e praças. Ao meio-dia cessa a agitação.

Súbito silêncio desce sobre os dois campos. À 1 hora – novo assalto, mais impetuoso ainda. Formam-se todos os batalhões. Era como a oscilação de um aríete. A nova pancada percutiu, insistente, nas linhas do flanco direito. O impetuoso Pajeú baqueia mortalmente ferido. Tombam do nosso lado muitos combatentes entre os quais, morto, o tenente Figueira, de Taubaté; feridos o comandante do 33º, o capitão Joaquim Pereira Lobo e muitos oficiais. A fim de distrair o inimigo, o comandante em chefe determina que atirem os corpos do flanco esquerdo, ainda não investidos. A força toda descarrega as armas contra o arraial. Segue em acelerado uma metralhadora para reforçar a direita.

Atroam no alto todas as baterias da Favela...

Repele-se o inimigo. À noite tirotear constante até à madrugada.

No dia 25... Nesse dia, como nos outros, as mesmas cenas, pouco destoantes, imprimindo na campanha uma monotonia dolorosa. Os entrincheiramentos da linha de cerco, faziam-se nesse intermitir de combates; e somente à noite podia ser distribuída a refeição insuficiente aos soldados famintos ou conseguiam, estes, ajoujados de cantis e marmitas, arriscar a tentativa heroica de alguns passos até às cacimbas do Vaza-Barris, buscando a água que lhes mitigasse a sede longamente suportada. Iam-se assim os dias.

Estes fatos chegavam às capitais da República e dos estados inteiramente baralhados.

Do exposto pode bem inferir-se que era isto inevitável.

Quando os próprios lidadores mal rastreavam, na discordância dos sucessos, um juízo qualquer sobre a própria situação, é natural que os que atentavam, de longe, para o drama imerso na profundura dos sertões, desandassem em conjecturas sobre instáveis falsas. Falou-se a princípio na

vitória. A travessia de Cocorobó, anteriormente sabida, pressagiava que o exército houvesse abatido, de um salto, os rebeldes. Notícias esparsas provindas do campo de ação ou telegramas incisivos, marcavam além disto, à luta, um desenlace em três dias.

Volvidos, porém, quinze, patenteou-se a inanidade de esforços dos que se haviam entrado do capricho de fantasiar triunfos. Viu-se que os jagunços haviam mais uma vez vingado o círculo cortante das baionetas. De sorte que enquanto a expedição se exauria no ermo da Favela e ia tombar, exaurida por uma sangria profunda, num trecho de Canudos – a opinião nacional, pela imprensa, extravagava, balanceando as mais aventurosas hipóteses que ainda saltaram dos prelos.

O espantalho da restauração monárquica, negrejava, de novo, no horizonte político atroado de tormentas. A despeito das ordens do dia em que se cantava vitória, os sertanejos apareciam como os *chouans* depois de Fontenay.

Olhava-se para a História através de uma ocular invertida: o bronco Pajeú emergia com o *facies* dominador de Chatelineau. João Abade era um Charette de chapéu de couro.

Depois do dia 18 a ansiedade geral cresceu. A notícia do acometimento, como a dos anteriores, principiando num entoar de vitória, descambava depois, a pouco e pouco, recortando-se de lancinantes dúvidas, até quase à convicção de uma derrota. Chegavam, todavia, da zona das operações, telegramas paradoxais e deploravelmente extravagantes.

Calcavam-se numa norma única: – *Bandidos encurralados! Vitória certa! Dentro de dois dias estará em nosso poder a cidadela de Canudos! Fanáticos visivelmente abatidos!*

Mais verídicos, porém, começaram desde o dia 27 de julho a seguir para o litoral, demandando a capital da Bahia – os documentos vivos da catástrofe.

VI

A remoção dos doentes e feridos para Monte Santo era urgente.

Assim partiram logo as primeiras turmas protegidas por praças de infantaria até ao extremo sul da zona perigosa, Juá.

Começou, então, a derivar lastimavelmente pelos caminhos o refluxo da campanha. Golfava-o o morro da Favela. Diariamente, em sucessivas levas, abalavam dali, em inúmeros bandos, todos os desfalecidos e todos os inúteis, em redes de caroá ou jiraus de paus roliços os enfermos mais graves, outros cavalgando penosamente cavalos imprestáveis e rengues, ou apinhados em carroças ronceiras. A grande maioria, a pé.

Saíam quase sem recursos, combalidos, exaustos de provações, afundando, resignados, na região ermada pela guerra.

Era à entrada do estio. O sertão principiava a mostrar um *facies* melancólico, de deserto. Sugadas dos sóis as árvores dobravam-se murchas, despindo-se dia a dia das folhas e das flores; e, alastrando-se pelo solo, os restolhos pardo-escuros das gramíneas murchas refletiam já a ação latente do incêndio surdo das secas. A luz crua e viva dos dias claríssimos e cálidos, descia, deslumbrante e implacável, dos céus sem nuvens, sem transições apreciáveis, sem auroras e sem crepúsculos, irrompendo, de chofre, nas manhãs doiradas, apagando-se repentinamente na noite, requeimando a terra. Deprimia-se o nível das cacimbas. Esgotavam-se os regatos efêmeros de leitos, lastrados de seixos, onde tênues fios de água defluíam imperceptíveis como nos uedes africanos; e, na atmosfera adurente, no chão gretado e poento, pressentia-se a invasão periódica do regime desértico sobre aquelas paragens infelizes.

O clima extremava-se em variações enormes: os dias repontavam queimosos, as noites sobrevinham frigidíssimas.

As marchas só podiam realizar-se às primeiras horas da manhã e ao descer as tardes. Mal culminava o Sol era forçoso interrompê-las: todo o seu ardor parecia varar, intacto, o ambiente puríssimo e, refluído pelo solo mal protegido por vegetação rarefeita, aumentar de intensidade. Ao mesmo tempo, dispersos, refletindo em todas as dobras do terreno, os seus raios rebrilhavam, ofuscantes, nos visos das serranias; e pelos ares irrespiráveis e quentes passavam como que fulgurações de queimadas extensas alastrando-se pelos tabuleiros. Assim, a partir das dez horas da manhã, estacionavam as caravanas nos lugares menos impróprios ao descanso, à beira dos cursos d'água ganglionados em poças esparsas, onde a umidade remanente alentava a folhagem das caraíbas e baraúnas altas; junto aos tanques ainda cheios, perto dos sítios em abandono; ou, em falta destes, à fímbria das ipueiras rasas salpintando pequenas várzeas sombreadas pelas ramagens virentes dos

icozeiros.

Acampavam.

Neste mesmo dia, ao entardecer, mal refeitas as forças, reatavam a rota, progredindo, sem ordem, na medida do vigor de cada um. Saindo unidas da Favela, as turmas a pouco e pouco se distendiam pelos caminhos, fragmentando-se em pequenos grupos; esparsas, afinal, em caminhantes solitários.

Os mais fortes ou mais bem montados, avantajavam-se rápidos, cortando escoteiros para Monte Santo, alheios aos companheiros retardatários. Acompanhavam-nos logo, conduzidos em redes aos ombros de soldados possantes, os oficiais feridos. A grande maioria não os encalçava; seguia vagarosamente, dissolvendo-se pelos caminhos. Alguns, quando os demais abalavam dos pousos transitórios, se deixavam ficar, quietos, à sombra dos arbustos murchos, de todo sucumbidos de fadigas – enquanto outros, aguilhoados pela sede, mal extinta nas águas impuras das almácegas sertanejas e impelidos pela fome, torcendo o rumo, batiam afanosamente os desvios multívios das caatingas, apelando para os recursos da flora singular transbordante de frutos e de espinhos – e desgarravam, desarraigando tubérculos de umbuzeiros, sugando os cladódios túmidos dos cardos espinescentes, catando os últimos frutos das árvores desfolhadas.

Deslembravam-se do inimigo. A ferocidade do jagunço era balanceada pela selvatiqueza da terra.

Ao fim de poucos dias a tortuosa vereda do Rosário encheu-se de foragidos. Ali estava a mesma trilha que um mês antes haviam percorrido, impávidos ante quaisquer recontros com o adversário esquivo, fascinados pelo irradiar de quatro mil baionetas, sacudidos no ritmo febricitante das cargas. Parecia-lhes agora mais áspera e impraticável – coleando em curvas sucessivas, tombando em ladeiras resvalantes, empinando-se em cercos, tornejando encostas, insinuando-se, impacta, entre montanhas.

E reviam-lhe, pasmos, os trechos memoráveis.

Nas cercanias de Umburanas, o casebre estruído, onde os sertanejos, de tocaia, tinham aferrado de um choque o grande comboio da expedição Artur Oscar; além das Baixas, as margens do caminho debruando-se de ossadas brancas, adrede dispostas numa encenação cruel – recordavam o morticínio de março; numa inflexão antes do Angico, o ponto em que Salomão da Rocha alteara, por minutos, diante da onda rugidora que vinha em cima da coluna Moreira César, a barragem de aço de suas divisões de artilharia; no córrego seco, mais longe, a ribanceira a pique em que tombara do cavalo, pesadamente, morto, o coronel Tamarindo; nas proximidades do Aracati e Juetê, choupanas em ruínas, esteios e traves roídos dos incêndios, cercas arrombadas e invadidas de mato, velhas roças em abandono, estereografando, indelével, o rastro das expedições anteriores...

Perto do Rancho do Vigário, por requinte de lúgubre ironia os jagunços cobriram de floração fantástica a flora tolhiça e decídua: dos galhos tortos dos

angicos pendiam restos de divisas vermelhas, trapos de dólmãs azuis e brancos, molambos de calças carmesins ou negras, e pedaços de mantas rubras – como se a ramaria morta desabotoasse toda em flores sanguinolentas...

Em torno, sem variantes no aspecto entristecedor, a mesma natureza bárbara. Morros enterroados, formas evanescentes de montanhas roídas pelos aguaceiros fortes e repentinos, tendo às ilhargas, à mostra, a romper, a ossatura, íntima da terra repontando em apófises rígidas ou desarticulando-se em blocos amontoados, em que há traços violentos de cataclismos; plainos desnudos e chatos feito *llanos* desmedidos; e, por toda a parte, mal reagindo à atrofia no fundo das baixadas úmidas, uma vegetação agonizante e raquítica, esgalhada num baralhamento de ramos retorcidos – reptantes pelo chão, contorcendo-se nos ares num bracejar de torturas...

Choupanas paupérrimas, portas abertas para o caminho, surgiam em vários trechos, ainda não descolmadas, mas vazias, porque as deixara o vaqueiro que a guerra espavorira ou o fanático que endireitara para Canudos.

Eram logo tumultuariamente invadidas, ao tempo que as deixavam outros hóspedes surpreendidos: raposas ariscas e medrosas, saltando das janelas e esvãos da cobertura – olhos em chamas e pelo arrepiado – e atufando-se, aos pinchos, nas macegas: ou centenares de morcegos, esvoaçando desequilibradamente dos cômodos escuros, tontos, rechiantes.

A estância desolada animava-se por algumas horas. Armavam-se redes pelos quartos exíguos, na saleta sem soalho e fora, nos troncos das árvores do terreiro; amarravam-se os muares nas estacas cruzadas do curral deserto; estendiam-se pelas cercas frangalhos de capotes, cobertores e fardas velhas. Grupos erradios circuitavam a vivenda, esquadrinhando, curiosos, a horta maltratada, de canteiros invadidos pelas palmatórias de flores rutilantes; e um ressoar quase festivo, de vozes, relembrava, um instante, a quadra feliz em que os matutos ali passavam a vida, nas horas aligeiradas pela paz dos sertões. Os mais fortes enveredavam logo para a cacimba pouco distante onde, indiferentes aos retardatários e esquecidos dos que viriam depois e por muitas semanas ou meses ainda fariam a mesma escala obrigatória, se banhavam, lavavam os cavalos suados e poentos e abluíam as chagas no líquido que só se renova de ano em ano, pelas chuvas, passageiras. Volviam com os cantis e marmitas cheios, avaramente sobraçados.

Não raro, alguns bois – rebotalhos de manadas grandes tresmalhadas pelo alvoroto da guerra – ao lobrigarem, de longe, a azáfama que movimentava de novo a paragem a que se haviam aquerenciado, o rancho tranquilo onde tinham sofrido a primeira ferra, para lá abalavam velozmente. Vinham urrando, numa alegria ruidosa e forte. Buscavam o vaqueiro amigo que os campeara outrora e iria, de novo, ao som das cantigas conhecidas ou ao toar tristonho do aboiado, levá-los às soltas prediletas, aos logradouros fartos e às aguadas frescas.

Irrompiam, troteando, no terreiro...

E tinham recepção cruel. A turba faminta circulava-os em tumulto numa

assonância de gritos discordantes. Estrondavam-se as espingardas. Avivados todos os corpos combalidos, arremetiam em monteria douda com os animais surpresos e refluindo logo estonteadamente, embolados, para a trama do matagal bravio. Depois de se afadigarem em correrias exaustivas, irritando nos espinhos as chagas recém-abertas e agravando a febre, matavam afinal um, dois, três bois no máximo, em tiroteios vivos, que lembravam combates. Carneavam. E quedavam-se, após esses incidentes providenciais, fartos, quase felizes pelo contraste da própria penúria, aguardando o amanhecer para reatarem o êxodo...

Então, naquela quietude breve, salteava-os uma ideia empolgante – um assalto dos jagunços! Viam-se inermes, depauperados, andrajosos e repulsivos quase, lívidos de fome, varridos para o deserto como trambolhos inúteis – e tinham temores infantis. O adversário, que se afoitara com as brigadas aguerridas e levara os assomos cegos ao ponto de aferrar canhões a pulso, trucidá-los-ia em minutos. E a noite descia cheia de ameaças...

Valentes endurados no regime bruto das batalhas, tinham sobressaltos de pavor ante as coisas mais vulgares, e velavam, cautos, a despeito das fadigas, armando os ouvidos aos rumores vagos e longínquos das chapadas...

Torturavam-nos alucinações cruéis. A deiscência das vagens das caatingueiras, abrindo-se com estalidos secos e fortes, soava-lhes feito percussão de gatilhos ou estalos de espoleta, dando a ilusão de súbitas descargas de alguma algara noturna repentina; e as grinaldas fosforescentes dos cunanãs irradiavam, ao longe, esbatidas nas sombras, como restos de fogueiras, em torno às quais velassem, em silêncio, expectantes, tocaias inumerosas...

A manhã libertava-os. Deixavam a paragem assombradora. Lá ficavam, porém, às vezes, rigidamente quietos, pelos cantos, os companheiros que a morte libertara. Não os enterravam. Escasseava o tempo. O chão duro, de grés, despedaçaria os alviões, opondo-lhes consistência de pedra. Alguns, depois dos primeiros passos, fraqueavam de vez. Deixavam-se ficar, exaustos, pelas curvas do caminho. Ninguém lhes dava pela falta. Desapareciam, eternamente esquecidos, agonizando no absoluto abandono. Morriam. E dias, semanas e meses sucessivos, os viandantes, passando, viam-nos na mesma postura: estendidos à sombra mosqueada de brilhos das ramagens secas, o braço direito arqueando-se à fronte, como se a resguardasse do Sol, com a aparência exata de combatentes fatigados, descansando. Não se decompunham. A atmosfera ressequida e ardente conservava-lhes os corpos. Murchavam apenas, refegando a pele, e permaneciam longo tempo à margem dos caminhos – múmias aterradoras revestidas de fardas andrajosas...

Por fim, não impressionavam. Quem se aventura nos estios quentes à travessia dos sertões do Norte, afeiçoa-se a quadros singulares. A terra, despindo-se de toda a umidade – numa intercadência de dias adustivos e noites quase frias – ao derivar para o ciclo das secas parece cair em vida latente, imobilizando apenas, sem os decompor, os seres que sobre elas vivem. Realiza,

em alta escala, o fato fisiológico de uma existência virtual, imperceptível e surda – energias encadeadas, adormidas apenas, prestes a rebentarem todas, de chofre, à volta das condições exteriores favoráveis, originando ressurreições improvisas e surpreendedoras. E como as árvores recrestadas e nuas que, à vinda das primeiras chuvas, se cobrem, exuberando seiva, de flores, sem esperar pelas folhas, transmudando em poucos dias aqueles desertos em prados – as aves que tombam mortas dos ares estagnados, a fauna resistente das caatingas que se aniquila, e o homem que sucumbe à insolação fulminante, parecem, jazendo largo tempo intactos, sem que os vermes lhes alterem os tecidos, esperar também pela volta das quadras benfazejas. Por ali ficam, patenteando, por vezes, singulares aparências de vida; as suçuaranas – que não puderam vingar, demandando outras paragens, o círculo incandescente das secas – contorcidas, garras fincadas no chão, como em saltos paralisados; e, – à beira das cacimbas extintas – o pescoço alongado, procurando um líquido que não existe, os magros bois, mortos há três meses ou mais, caídos sobre as pernas ressequidas, agrupando-se em manadas imóveis...

Os primeiros aguaceiros varrem, de pronto, esses espantalhos sinistros. A decomposição é, então, vertiginosa, como se os devorassem flamas vorazes. É a sucção formidável da terra, arrebatando-lhes, ávida, todos os princípios elementares, para a revivescência triunfal da flora.

Os foragidos avançavam considerando, de relance, aqueles cenários lúgubres. Empolgara-os de todo o pensamento exclusivo do abandono, no menor tempo possível, do sertão maninho e bruto. O terror e a imagem da própria miséria, venciam, por fim, a sobrecarga muscular das caminhadas feitas. Galvanizavam-nos; lançavam-nos desesperadamente pela estrada desmedida em fora...

Seguiam sem que entre eles se rastreassem breves laivos sequer de organização militar. Tendo, na maior parte, por adaptação, copiado os hábitos do sertanejo, nem os distinguia o uniforme desbotado e em tiras. E calçando alpercatas duras; vestindo camisas de algodão; sem bonés ou barretinas, cobertos de chapéus de couro, figuravam famílias de retirantes demandando em atropelo o litoral, fustigados pela seca.

Algumas mulheres, amantes de soldados, vivandeiras-bruxas, de rosto escaveirado e envelhecido, completavam a ilusão.

Oficiais ilustres, o general Savaget, os coronéis Teles e Nery e outros, volvendo feridos ou enfermos, passavam pelo meio desses bandos envoltos numa indiferença doentia. Não recebiam continência. Eram companheiros menos infelizes, nada mais. Passavam, desapareciam céleres, adiante, levantando ondas de pó. E recebiam pelas costas olhares ameaçadores, em que afuzilavam mal sopitados desapontamentos dos que lhes invejavam os cavalos ligeiros.

Os mais ditosos alcançavam por fim, depois de quatro dias de marcha, na trifurcação das estradas do Rosário, Monte Santo e Calumbi, o sítio de Juá, outra casinha de taipas no recosto de uma lomba, pela qual descai o terreno

sombreado de juazeiros altos, tendo em frente os sem-fins das chapadas. Julgavam-se salvos. Mais um dia de jornada levava-os ao Caldeirão Grande, a melhor fazenda daqueles lugares, vivenda quase senhoril, erecta sobre um cerro largo, tendo ao sopé as águas de um riacho represadas em açude farto. Aí num raio de poucos quilômetros a natureza é outra. Transfigura-se, movimentando-se em serranias pequenas orladas de vegetação mais viva, e os caminhantes forravam-se, durante algumas horas, à obsessão acabrunhadora dos plainos estéreis e das serras devastadas.

Estavam à entrada do que se chamava, – "a base de operações" da campanha.

Ao outro dia prosseguiam para Monte Santo. E, depois de duas horas de caminho, reanimava-os o aspecto da pequena vila, percebida à distância de uma légua. Repontava ridente no ondear dos tabuleiros amplos – casinhas reunidas derramando-se por um socalco suavemente inclinado às plantas da montanha abrupta, em cujo vértice a capela branca, arremessada na altura, destacando-se nítida, a projetar-se no firmamento azul, parecia enviar-lhes, de longe, um aceno carinhoso e amigo.

Ao alcançarem-na, porém, volviam as desesperanças. Era ainda o deserto. O vilarejo morto, vazio, desprovido de tudo, mal os abrigava por um dia. Havia-o deixado a população, *caindo na caatinga*, consoante o dizer dos matutos, fugindo, amedrontada por igual do jagunço e do soldado. Uma guarnição exígua tomara conta da praça humílima e lá atravessava, inútil, os dias, numa mândria mais insuportável que as marchas e as batalhas. Fantasiara-se em casarão acaçapado e escuro um hospital militar. Mas este era o pavor e a condenação suprema de todos os feridos e doentes. De sorte que o vilarejo, com as suas vielas tortas, condecoradas de nomes sonoros – rua Moreira César! rua Capitão Salomão! – era uma agravante na região ingrata; era o deserto metido entre paredes e afogado na trama de alguns becos imundos, cheios de detritos e da farragem repugnante dos batalhões que ali tinham acampado, mais deplorável que o deserto franco purificado pelos sóis e varrido pelos ventos.

Os caminhantes ao chegarem, fugindo à parceria incômoda dos morcegos nas casas em abandono, acampavam na única praça quadrangular e grande, disputando a sombra do velho tamarineiro, ao lado do barracão da feira. No outro dia, cedo, cada um por sua conta, largava para Queimadas, renovando a travessia. Eram mais dezesseis léguas extenuantes, mais seis ou oito dias de amarguras, sob o cautério dos mormaços crestadores, adstritos a escalas inevitáveis à borda das cacimbas, por Quirinquinquá – duas vivendas tristes, circuitadas de mandacarus silentes, erectas sobre larga bossa de granito exposto; pelo Cansanção, lugarejo minúsculo – uma dúzia de casas cingidas de ipueiras; – pela serra Branca, lembrando uma rancharia de tropeiros, de aspecto festivo, ensombrada de ouricurizeiros apendoados; pelo Jacurici; por todas as lagoas de águas, esverdinhadas e suspeitas... E aquele caminho, até então povoado, ermou-se. Os bandos revoltos rompiam-no espalhando estragos, como se foram restos de uma caravana de bárbaros claudicantes.

Doentes e feridos, em magotes ameaçadores, de onde transudavam alaridos, imprecações e frases arrepiadores de angústias e revoltas irrefreáveis, abeiravam-se das choupanas, apelando para a hospitalidade incondicional dos tabaréus. Fizeram a princípio pedidos coléricos, mais irritantes que intimações. Depois o assalto franco. Repruía-lhes o ânimo, escandalizando-lhes a vida tormentosa, o quadro tranquilo daqueles lares pobres, onde deriva, quieta, a existência dos matutos. E varejavam-nos – impulsivamente, numa irreprimível hipnose de destruição – fazendo saltar as portas a couce d'armas, enquanto a família sertaneja, apavorada, fugia para os recessos das macegas. Depois – era preciso uma diversão qualquer estupidamente dramática que lhes distraísse um momento as agonias fundas! – tomando de tições em fogo chegavam-nos aos colmos de sapê. Irrompiam as flamas, num deflagrar instantâneo. Passavam os haustos rijos do nordeste e esparziam as fagulhas pela caatinga seca. Em breve, céleres, arrebatadas pelo vento, enoveladas em rolos de fumo cindidos de labaredas, rolando pelas quebradas e transpondo-as, circulando todas as encostas, avassalando o topo dos morros, repentinamente acesos num relampaguear de crateras súbitas, crepitavam as queimadas, inextinguíveis, derramando-se por muitas léguas em roda.

Os foragidos, já agora salvos, suportavam os últimos transes do êxodo penosíssimo requintando nas tropelias, ampliando o círculo de ruínas da guerra e iam-se de abalada para o litoral – ao mesmo tempo miserandos e maus, inspirando a piedade e o ódio – rudemente vitimados, brutalmente vitimando. Chegavam a Queimadas esparsos e exaustos, alguns quase moribundos. Atulhavam os trens da estrada de ferro e desciam para a Bahia.

Aguardava-os uma curiosidade ansiosa.

Iam chegar, afinal, as primeiras vítimas da luta que empolgara a atenção do país inteiro. A multidão desbordando da estação terminal da linha férrea, na Calçada, derramando-se pelas ruas próximas até ao forte de Jiquitaia, contemplava diariamente a passagem do heroísmo infeliz. E nunca lhe imaginou aspectos tão dramáticos.

Sacudiam-na frêmitos de emoções nunca sentidas.

Os feridos chegavam em estado miserando. Prolongavam pelas ruas da cidade aquela onda repulsiva de trapos e carcaças, que vinha rolando pelas veredas sertanejas o refluxo repugnante da campanha.

Era um desfilar cruel. Oficiais e soldados, uniformizados pela miséria, vinham indistintos, revestidos do mesmo fardamento inclassificável: calças em fiapos, mal os resguardando, como tangas; camisas estraçoadas; farrapos de dólmãs sobre os ombros; farrapos de capotes, em tiras, escorridos pelos torsos desfibrados, dando ao conjunto um traço de miséria trágica. Coxeando, arrastando-se penosamente, em cambaleios, titubeantes e imprestáveis,

traziam no escavado das faces e na atitude dobrada um traço comovente da campanha. Esta desvendava pela primeira vez a sua feição real, naqueles corpos combalidos, varados de balas e de espinhos, retalhados de golpes. E chegavam às centenas todos os dias: a 6 de agosto, 216 praças e 26 oficiais; a 8, 150; a 11, 400; a 12, 260; a 14, 270; a 18, 53; e assim por diante.

A população da capital recebia-os comovida. Como sempre sucede, o sentimento coletivo ampliara as impressões individuais. O grande número de pessoas identificadas pela mesma comoção, fez-se o expoente do sentir de cada um e, vibrando uníssonas todas as almas, presas do mesmo contágio, e sugestionadas pelas mesmas imagens, todas as individualidades se apagaram no anonimato nobilitador da multidão piedosa que bem poucas vezes apareceu tão digna na História. A vasta cidade fez-se um grande lar. Organizaram-se em toda a linha comissões patrióticas, para agenciar donativos, que espontaneamente surgiram numerosos, constantes. No Arsenal de Guerra, na faculdade médica, nos hospitais, nos próprios conventos, se improvisaram enfermarias. Em cada uma destas os gloriosos mutilados foram postos sob o patrocínio de algum nome ilustre: Esmarch, Claude Bernard, Duplay, Pasteur, jamais tiveram tão bela consagração do futuro.

Avantajando-se à ação do governo, o povo constituíra-se tutor natural dos enfermos, amparando-os incondicionalmente, abrindo-lhes os lares, rodeando-os, animando-os, auxiliando-lhes os passos trôpegos nas ruas. Nos dias facultados às visitas, invadia os hospitais, em massa, em silêncio – religiosamente. Abeiravam-se então os visitantes dos leitos como se neles jazessem velhos conhecidos; tratavam com os doentes menos graves sobre as provações sofridas e lances arriscados ocorridos; e ao deixarem aquelas trágicas exposições da guerra feitas de traumatismos e moléstias horríveis, levavam, afinal, um juízo claro sobre a luta mais brutal dos nossos tempos. Mas, por um contraste inexplicável, sobre esta comiseração profunda e geral pairava, intenso, um entusiasmo vibrante. Os mártires tinham ovações de triunfadores. E estas despontavam ao acaso, sem combinações prévias, rápidas, espontâneas, incisivas, aparecendo e desaparecendo em quartos de hora, num desencadear intermitente de movimentos impulsivos. Os dias sucediam-se agitados numa larga movimentação de multidões ruidosas, turbilhonando nas ruas e nas praças, no meio de expansões discordes, numa alacridade singular rorejada de prantos, por meio da qual se fazia a comemoração sombria do heroísmo. Os feridos eram uma revelação dolorosíssima, certo, mas de algum modo alentadora. Naquelas sevícias retratava-se a energia de uma raça. Aqueles homens que chegavam dilacerados pelas garras do jagunço e pelos espinhos da terra, eram o vigor de um povo posto à prova do ferro, à prova do fogo e à prova da fome. Abaladas pelo cataclismo da guerra, as camadas superficiais de uma nacionalidade cindiam-se, pondo à luz os seus elementos profundos naqueles titãs resignados e estoicos. Sobre tudo isto um pensamento diverso, não boquejado sequer mas por igual dominador, latente em todos os espíritos: a admiração pela ousadia

dos sertanejos incultos, homens da mesma raça, de encontro aos quais se despedaçavam daquele modo batalhões inteiros...

E um longo frêmito tonificador vibrava nas almas. Faziam-se romarias ao quartel da Palma, onde estava ferido o coronel Carlos Teles; à Jiquitaia, onde convalescia o general Savaget; e quando este último pôde arriscar alguns passos nas ruas, paralisou-se inteiramente toda a azáfama comercial da Cidade Baixa, em ovação espontânea e imensa, que irradiando de repente e congregando a população em torno do heroico chefe da 2ª Coluna, transmudou um dia comum de trabalho em dia de festa nacional.

Sobre esta agitação chegavam diuturnamente pormenores que a acirravam. Sabia-se, por fim, positivamente, com rigor aritmético, a extensão do desastre. Era surpreendente.

De 25 de junho, em que trocara os primeiros tiros com o inimigo, até 10 de agosto, tivera a expedição 2 049 baixas.

Detalhavam-nas os mapas oficiais.

No total entrava a 1ª Coluna com 1 171 homens e a 2ª com 878. Discriminadamente eram estes os algarismos:

> 1ª Coluna – artilharia: 9 oficiais e 47 praças feridas, 2 oficiais e 12 praças mortas; ala de cavalaria: 4 oficiais e 46 praças feridas, 30 oficiais e 16 praças mortas; engenheiros: 1 oficial e 3 praças feridas, 1 praça morta; corpos de polícia: 6 oficiais e 46 praças feridas, 3 oficiais e 24 praças mortas; 5º batalhão de infantaria: 4 oficiais e 66 praças feridas, 1 oficial e 25 praças mortas; 7º: 8 oficiais e 95 praças feridas, 5 oficiais e 52 praças mortas; 9º: 6 oficiais e 59 praças feridas, 2 oficiais e 22 praças mortas; 14º: 8 oficiais e 119 praças feridas, 5 oficiais e 42 praças mortas; 15º: 5 oficiais e 30 praças feridas, 10 praças mortas; 16º: 5 oficiais e 24 praças feridas, 10 praças mortas; 25º: 9 oficiais e 134 praças feridas, 3 oficiais e 55 praças mortas; 27º: 6 oficiais e 45 praças feridas, 24 praças mortas; 30º: 10 oficiais e 120 praças feridas, 4 oficiais e 35 praças mortas.

> 2ª Coluna – 1 general ferido; artilharia: 1 oficial morto; 12º de infantaria: 6 oficiais e 128 praças feridas, 1 oficial e 50 praças mortas; 26º: 6 oficiais e 36 praças feridas, 2 oficiais e 22 praças mortas; 31º: 7 oficiais e 99 praças feridas, 4 oficiais e 48 praças mortas; 32º: 6 oficiais e 62 praças feridas, 4 oficiais e 31 praças mortas; 33º: 10 oficiais e 65 praças feridas, 1 oficial e 15 praças mortas; 34º: 4 oficiais e 18 praças feridas, 7 praças mortas; 35º: 4 oficiais e 91 praças feridas, 1 oficial e 22 praças mortas; 40º: 9 oficiais e 75 praças feridas, 2 oficiais e 30 praças mortas.

E a hecatombe progredia com uma média diária de oito homens fora de combate. Por outro lado, os adversários pareciam dispor de extraordinários recursos.

Transfiguravam-nos, além disto, numa distensão exagerada, as imaginações superexcitadas. Recente mensagem do Senado Federal, onde batera também a onda da comoção geral, tendo requerido, esteada em veementes denúncias, esclarecimentos sobre o terem sido despachadas em Buenos Aires com destino aos portos de Santos e Bahia, armas, que tudo delatava se destinarem aos *conselheiristas*, tal incidente, em que incidiam todas as fantasias, assumiu, ampliado pela nevrose comum, visos de realidade.

Completavam-no, justificando e do mesmo passo refletindo o modo de pensar das repúblicas americanas, todas as notícias transmitidas pelos seus órgãos mais sérios. O de mais peso talvez na América do Sul,83 depois de se referir aos curiosos sucessos da campanha, aditava-lhes pormenores de um simbolismo estranho e pavoroso:

> Trata-se de duas missivas que com intervalo de dois dias recebemos da *Sección Buenos Aires de la unión internacional de los amigos del imperio del Brasil* comunicando-nos por ordem da secção executiva em Nova York, que a referida União, tem ainda uma reserva de não menos 15 000 homens – só no estado da Bahia – para reforçar em caso de necessidade o exército dos fanáticos; além de 100 000 em vários estados do Norte do Brasil e mais 67 000 em certos pontos dos Estados Unidos da América do Norte, prontos a sair em qualquer momento para as costas do ex-império todos muito bem armados e preparados para a guerra. Também temos, ajuntam missivas, armas dos mais modernos sistemas, munições e dinheiro em abundância.
>
> De uma redação, caligrafia e ortografia corretas, estas enigmáticas comunicações trazem à sua frente a mesma inscrição que as subscreve, escrita com tinta que faz recordar a violácea cor dos mortos, destacando-se as maiúsculas em vermelho da vermelha cor do sangue.
>
> Ante o quadro formidável de homens e armas que nos oferecem os misteriosos amigos do império, de forma não menos misteriosa, não sabemos se pensar em uma daquelas terríveis associações que forjam nas trevas seus planos de destruição ou em alguns cavalheiros dados à mistificação do próximo.
>
> Entretanto, pelo que possa haver no fundo de tudo isto, é que fazemos constar e acusamos recebimento das repetidas missivas.

Acreditava-se. A quarta expedição ilhara-se de todo, no território conflagrado a pique de uma catástrofe. Diziam-no insuspeitos informes. Só do município de Itapicuru, garantia-se, haviam partido 3 000 fanáticos para Canudos, conduzidos por um padre que aberrando dos princípios ortodoxos lá se ia comungar das tolices abstrusas do cismático. Pela Barroca passavam centenares de quadrilheiros armados, seguindo o mesmo rumo. Citavam-se

nomes de novos cabecilhas. Apelidos funambulescos, como os dos *chouans*: Pedro, o *Invisível*, *José Gamo*, *Caco de Ouro*; e outros.

Agravando estas conjecturas vinham notícias verdadeiras. Os sertanejos dispartiam pelo sertão em algaras atrevidas: atacaram o termo de Mirandela, guiados por Antonio Fogueteiro; investiram, tomaram e saquearam a Vila de Santana do Brejo; irradiavam para toda a banda. Alargavam o âmbito da campanha, revelando mesmo lineamentos firmes de estratégia segura. Além do arraial duas novas posições de primeira ordem e defensáveis estavam guarnecidas: as vertentes caóticas do Caipã e as cordas de cerros em torno da Várzea da Ema. Desbordando de Canudos, a insurreição espraiava-se desta maneira pelos lados de um triângulo enorme, em que podiam inscrever-se cinquenta mil baionetas. Alastrava-se.

Os comboios que partiam de Monte Santo, ainda que reforçados não por batalhões mas por brigadas, tinham viagem acidentada, tolhida de constantes assaltos. Atingido o Aracati, era indispensável que viessem de Canudos, dois ou três batalhões a protegê-los. O sinistro trecho de estrada, entre o Rancho do Vigário e as Baixas, tornara-se o pavor dos mais provados valentes. Era o lugar clássico do estouro das boiadas e da dispersão dos cargueiros, espantados pelos tiroteios vivos e atropelando pelotões inteiros no recuar precípite da fuga.

E nesses recontros sucessivos, adrede feitos à perturbação das marchas, começara-se a lobrigar, por fim, uma variante do jagunço, auxiliando-o, indiretamente, com outros intuitos. Distinguiam-se, entre os claros das galhadas rarefeitas, passando, céleres, no vertiginoso pervagar das guerrilhas, brilhos de botões de fardas, laivos rubros de calças carmesins...

O desertor faminto atacava os antigos companheiros.

Era um lastimável sintoma, completando com um outro caráter a campanha, cuja feição dia a dia se agravava num episodiar extremado de sucessos mais triviais.

Os soldados enfermos, em perene contacto com o povo, que os conversava, tinham-se, ademais, constituído rudes cronistas dos acontecimentos e confirmavam-nos mercê da forma imaginosa por que a própria ingenuidade lhes ditava os casos, verídicos na essência, mas deformados de exageros, que narravam. Urdiam-se estranhos episódios. O jagunço começou a aparecer como um ente à parte, teratológico e monstruoso, meio homem e meio trasgo; violando as leis biológicas, no estadear resistências inconceptíveis; arrojando-se, nunca visto, intangível, sobre o adversário; deslizando, invisível, pela caatinga, como as cobras; resvalando ou tombando pelos despenhadeiros fundos, como espectro; mais leve que a espingarda que arrastava; e magro, seco, fantástico, diluindo-se em duende, pesando menos que uma criança, tendo a pele bronzeada colada sobre os ossos, áspera como a epiderme das múmias...

A imaginação popular, daí por diante, delirava na ebriez dos casos estupendos, apontoados de fantasias.

Alguns eram rápidos, espelhando incisivamente a energia inamolgável daqueles caçadores de exércitos.

—

Numa das refregas subsequentes ao assalto, ficara prisioneiro um curiboca ainda moço que a todas as perguntas respondia, automaticamente, com indiferença altiva:

“Sei não!”

Perguntaram-lhe por fim como queria morrer.

“De tiro!”

“Pois há de ser a faca!” contraveio, terrivelmente, o soldado.

Assim foi. E quando o ferro embotado lhe rangia nas cartilagens da glote, a primeira onda de sangue borbulhou, escumando, à passagem do último grito gargarejando na boca ensanguentada:

“Viva o Bom Jesus!...”

—

Outros tinham delineamentos épicos:

No dia 1º de julho, o filho mais velho de Joaquim Macambira, rapaz de dezoito anos, abeirou-se do ardiloso cabecilha:

“Pai! quero escangalhar a Matadeira!”

O astuto guerrilheiro, espécie grosseira de *Imanus*, acobreado e bronco, encarou-o impassível:

“Consulta o Conselheiro – e vai.”

O valente abalou, seguido de onze companheiros dispostos. Transpuseram o Vaza-Barris, cortado em cacimbas. Investiram com a larga encosta ondulante da Favela. Embrenharam-se, num deslizar flexuoso de cobras, pelas caatingas ralas.

Ia em meio o dia. O Sol irradiava a pino sobre a terra, jorrando, sem fazer sombras, até ao fundo dos grotões mais fundos, os raios verticais e ardentes...

Naquelas paragens o meio-dia é mais silencioso e lúgubre que a meia-noite. Transverberando nas rochas expostas, refletindo nas chapadas nuas, repelido pelo solo recrestado e duro, todo o calor emitido para a terra reflui, tresdobrado, para o espaço, nas colunas ascensionais dos ares irrespiráveis e candentes. A natureza queda-se, enervada em quietude absoluta. Não sopra a viração mais leve. Não bate uma asa nos ares, cuja transparência junto ao chão se perturba em ondulações rápidas e ferventes. Repousa, estivando, a fauna das caatingas. Pendem, murchos, os ramos das árvores estonadas...

O exército descansava no alto da montanha, abatido pela canícula. Deitados a esmo pelas encostas, bonés caídos sobre os rostos para os resguardar,

dormitando ou pensando nos lares distantes, as praças aproveitavam alguns momentos de tréguas, refazendo forças para a afanosa lide. Em frente, derramado sobre colinas – minúsculas casinhas em desordem, sem ruas e sem praças, acervo incoerente de casebres – aparecia Canudos, deserto e mudo, como uma tapera antiga.

Todo o exército repousava...

Nisto despontam, cautos, emergindo à ourela do matagal rasteiro e trançado, de arbúsculos em esgalhos, na clareira, no alto, onde estaciona a artilharia, doze rostos inquietos, olhares felinos, rápidos, percorrendo todos os pontos. Doze rostos apenas de homens ainda jacentes, de rastro, nos tufos das bromélias. Surgem lentamente. Ninguém os vê; ninguém os pode ver. Dão-lhes as costas com indiferença soberana vinte batalhões tranquilos. Adiante divisam a presa cobiçada. Como um animal fantástico, prestes a um bote repentino, o canhão Whitworth, a Matadeira, empina-se no reparo sólido. Volta para Belo Monte a boca truculenta e rugidora que tantas granadas revessou já sobre as igrejas sacrossantas. Caem-lhe sobre o dorso luzidio e negro os raios do Sol, ajaezando-a de lampejos. Os fanáticos contemplam-na algum tempo. Aprumam-se depois à borda da clareira. Arrojam-se sobre o monstro. Assaltam-no; aferram-no; jugulam-no. Um traz uma alavanca rígida. Ergue-a num gesto ameaçador e rápido...

E a pancada bate, estrídula e alta, retinindo...

E um brado de alarma estala na mudez universal das coisas; multiplica-se nas quebradas; enche o espaço todo; e detona em ecos que atroando os vales ressaltam pelos morros numa vibração triunfal e estrugidora, sacudindo num repelão violento o acampamento inteiro...

Formam-se em acelerado as divisões. Num segundo os assaltantes se veem num círculo de espingardas e sabres, sob uma irradiação de golpes e de tiros. Um apenas se salva – chamuscado, baleado, golpeado – correndo, saltando, rolando, impalpável entre os soldados tontos, varando redes de balas, transpondo cercas dilaceradoras de baionetas, caindo em cheio nas macegas, rompendo-as vertiginosamente e despenhando-se, livre afinal, alcandorado sobre abismos, pelos pendores abruptos da montanha...

Estes e outros casos – exagerado romancear dos mais triviais sucessos – dando à campanha um tom impressionante e lendário, abalavam a opinião pública da velha capital e por fim a de todo o país.

VII

Era urgente uma intervenção mais enérgica do governo. Impunham-na, do mesmo passo, as apreensões crescentes, as últimas peripécias da luta e a própria insciência sobre o curso real das operações. As opiniões como sempre disparatavam, discordes. Para a maioria dos rebeldes contavam com elementos sérios. Era evidente. Não se compreendia que batidos em todas as ordens do dia – heroicamente escritas – eles, tendo ainda franca a fuga para os sertões de São Francisco, onde não havia descobri-los, esperassem, pertinazes, no arraial, que se lhes fechassem, pelo complemento do assédio, as derradeiras saídas. Deduziam-se, lógicos, corolários graves. À parte a hipótese do sobre-humano devotamento, fazendo-os sucumbir em massa sob os escombros dos templos consagrados, imaginavam-se-lhes traças guerreiras formidáveis embaralhando de todo a estratégia regular. O número, que se dizia diminuto, dos que permaneciam em Canudos arrostando tudo, era, certo, um engodo armado a arrastar para ali exclusivamente o exército e iludi-lo em combates estéreis, até que se congregassem, noutros lugares, fortes contingentes para o assalto final, por toda a banda, sobre os sitiantes, pondo-os entre dois fogos.

Contravinham, porém, juízos mais animadores. O coronel Carlos Teles, em carta dirigida à imprensa, afirmou de maneira clara o número reduzido de jagunços – duzentos homens válidos, talvez sem recursos nenhuns – abastecidos e aparelhados apenas do que haviam tomado às anteriores expedições. O otimismo, de fato exageradíssimo, do valente, porém, afogou-se na incredulidade geral. Aniilavam-no todos os fatos e sobretudo aquelas irrupções diárias de feridos, abalando num crescendo a comoção nacional.

Sobrevieram outros por igual desastrosos. Atendendo aos primeiros reclamos do general Artur Oscar, o governo tinha prontamente organizado uma brigada auxiliar que, ao revés das demais, não entrava na luta distinta por um número seco e inexpressivo. Tinha, segundo louvável praxe, sem curso entre nós, mercê da qual se amplia sobre os comandados a glória do comandante, um nome – brigada Girard.

Dirigia-a o general Miguel Maria Girard e formavam-na três corpos, saídos da guarnição da capital federal: o 22º, do coronel Bento Tomás Gonçalves, o 24º, do tenente-coronel Rafael Tobias, e o 38º, do coronel Filomeno José da Cunha. Eram 1042 praças e 68 oficiais, perfeitamente armados e levando para a luta insaciável o repasto esplêndido de 850 000 cartuchos Mauser.

Mas por um conjunto de circunstâncias, que fora longo miudear, ao invés de

auxiliar esta tropa tornou-se um agente debilitante. Abalou do Rio de Janeiro comandada pelo chefe que lhe dera o nome e foi com ele até Queimadas, onde se reuniu a 31 de julho. Partiu de Queimadas, a 3 de agosto, dirigida por um coronel, até Monte Santo. Largou de Monte Santo para Canudos, a 10 de agosto, sob o comando de um major. Deixara na Bahia um coronel e alguns oficiais – doentes. Deixara em Queimadas um general, um tenente-coronel e mais alguns oficiais – doentes. Deixara em Monte Santo um coronel e mais alguns oficiais – doentes...

Decompunha-se pelas estradas. Partiam-lhe do seio pedidos de reforma mais alarmantes do que aniquilamentos de brigadas. Salteara-a um beribéri excepcional exigindo não já a perícia de provectos médicos se não o exame de psicólogos argutos. Porque afinal o medo teve ali os seus grandes heróis, revelando a coragem estupenda de dizer a um país inteiro que eram cobardes.

Ao endireitar de Queimadas para o sertão aquela força encontrara as primeiras turmas de feridos e fora sulcada pelo assombro da guerra. Passaram-lhe pelo meio do acampamento, em Contendas, o general Savaget, o coronel Nery, o major Cunha Matos, o capitão Chachá Pereira e outros oficiais. Recebeu-os ainda entusiasticamente: oficiais e praças enfileirados às margens do caminho, saudando-os. Mas depois amorteceu-se-lhe o fervor. Apenas com três dias de viagem, começou de sofrer privações, vendo diminuídos os víveres que levava e repartia com as sucessivas turmas de feridos encontrados, chegando exausta e esmorecida a Monte Santo.

Tomou para Canudos onde era ansiosamente esperada, a 10 de agosto, despida inteiramente do esplêndido aparato hierárquico com que nascera. Dirigia-a o fiscal do 24º, Henrique de Magalhães, estando os corpos comandados pelo major Lídio Porto e capitães Afonso de Oliveira e Tito Escobar. A marcha foi difícil e morosa. Desde Queimadas lutava-se com dificuldades sérias de transporte. Os cargueiros, animais imprestáveis, velhos e cansados muares refugados das carroças da Bahia e tropeiros improvisados – rengueavam, tropeçando pelos caminhos, imobilizando os batalhões, e remorando a avançada.

Chegou desse modo a Aracati, onde lhe foi entregue um comboio que devia guarnecer até Canudos.

Neste comenos dizimava-a a varíola. Destacavam-se das suas fileiras diariamente, dois ou três enfermos, volvendo para o hospital, em Monte Santo. Outros, estropiados, naquela repentina transição das ruas calçadas da capital federal para aquelas ásperas veredas, distanciavam-se, perdidos à retaguarda, confundindo-se com os feridos, que vinham em direção oposta.

De sorte que ao passar em Juetê, no dia 14 de agosto, lhe foi providencial o encontro com o 15º batalhão de infantaria, já endurado na luta, e que viera de Canudos. Porque no dia seguinte, depois de decampar das Baixas, onde parara na véspera para aguardar a vinda de grande número de praças retardatárias, foi no Rancho do Vigário violentamente atacada. Os jagunços aferraram-na de flanco, pela direita, do alto de um cerro dominante, e quase de frente, de uma

trincheira marginal. Abrangeram-na toda numa descarga única. Tombaram mortos na guarda da frente um alferes do 24º e na extrema retaguarda, outro, do 38º. Baquearam algumas praças nas fileiras intermédias. Alguns pelotões se embaralharam estonteadamente, surpresos, bisonhos ainda ante os guerrilheiros ferozes. A maioria disparou desesperadamente as armas. Estrugiram cornetas, vozes trêmulas, altas, entrecortadas, desencontradas, de comando. Dispararam, espavoridos, os cargueiros. A boiada estourou, mergulhando na caatinga...

O 15º batalhão tomando a vanguarda guiou os lutadores vacilantes. Não se repeliu o inimigo. A retaguarda ao passar pelo mesmo ponto foi, por sua vez, alvejada.

Depois deste revés, porque o foi, bastando dizer-se que de cento e dois bois que comboiava restaram apenas onze, foi a brigada novamente investida no Angico. Deu uma carga de baionetas platônica, em que não perdeu um soldado, entrando afinal em Canudos, onde os enrijados campeadores, que ali estavam sob a disciplina tirânica dos tiroteios diuturnos, a acolheram com a denominação de Mimosa, nome, que, entretanto, mais tarde, os seus bravos oficiais fizeram que se apagasse, a exemplo do primeiro título.

VIII

Este ataque chegou à Bahia com as proporções de batalha perdida, pondo mais um solavanco no desequilíbrio geral, mais uma dúzia de boatos no turbilhonar das conjecturas; e o governo começou a agir com a presteza requerida pela situação. Reconhecida a ineficácia dos reforços recém-enviados, cuidou de formar uma nova divisão, arrebanhando os últimos batalhões dispersos pelos estados, capazes de mobilização rápida. E, para pulsear de perto a crise, resolveu enviar para a base de operações um de seus membros, o secretário de Estado dos Negócios da Guerra, marechal Carlos Machado de Bittencourt.

Este seguiu em agosto para a Bahia, ao tempo que de todos os ângulos do país abalavam novos lutadores. O movimento armado repentinamente se generalizara, assumindo a forma de um levantamento em massa.

As tropas confluíam do extremo norte e do extremo sul, acrescidas dos corpos policiais de São Paulo, Pará e Amazonas. Nessa convergência para o seio da antiga metrópole, o paulista, forma delida do bandeirante aventuroso; o rio-grandense, cavaleiro e bravo; e o curiboca nortista, resistente como poucos – índoles díspares, homens de opostos climas, contrastando nos usos e tendências étnicas, do mestiço escuro ao caboclo trigueiro e ao branco, ali se agremiavam sob o liame de uma aspiração uniforme. A antiga capital agasalhava-os no recinto de seus velhos baluartes, rodeando num mesmo afago carinhoso e ardente a imensa prole havia três séculos erradia. Depois de longamente dispersos, os vários fatores da nossa raça volviam repentinamente ao ponto de onde tinham partido, tendendo para um entrelaçamento belíssimo. A Bahia ataviara-se para os receber. Transfigurou-a aquele fluxo e refluxo da campanha – mártires que chegavam, combatentes que seguiam – e, partida a habitual apatia, revestiu a feição guerreira do passado. As inúteis fortalezas, que se lhe intercalam, decaídas à parceria burguesa das casas, no alinhamento das ruas, prontamente reparadas, cortadas as árvores que nasciam nas fendas das suas muralhas, ressurgiam à luz, recordando as quadras em que rugiam naquelas ameias as longas colubrinas de bronze.

Nelas aquartelavam os contingentes recém-vindos: o 1º batalhão policial de São Paulo com 458 praças e 21 oficiais, comandado pelo tenente-coronel Joaquim Elesbão dos Reis; os 29º, 39º, 37º, 28º e 4º, dirigidos pelo coronel João César de Sampaio, tenentes-coronéis José da Cruz, Firmino Lopes Rego e Antonio Bernardo de Figueiredo e major Frederico Mara, com efetivos sucessivos de 240 praças e 27 oficiais, 250 praças e 40 oficiais, 332 praças e 51 oficiais, 250 praças e 11 oficiais além de 36 alferes adidos, e o 4º com 219 praças e 11 alferes que era toda a oficialidade, não tendo nem capitães nem tenentes. Por fim dois corpos: o regimento policial do Pará, somando 640 combatentes,

comandados pelo coronel José Sotero de Meneses e um da polícia do Amazonas, sob o comando do tenente Cândido José Mariano, com 328 soldados.

Estes reforços, que montavam a 2 914 homens incluídos perto de trezentos oficiais, foram repartidos em duas brigadas, a de linha ao mando do coronel Sampaio e os da polícia – excluída a de São Paulo que seguira isolada na frente, sob o do coronel Sotero – constituindo uma divisão que foi entregue ao general de brigada Carlos Eugênio de Andrade Guimarães.

Todo o mês de agosto gastou-se em mobilizá-los. Chegavam destacadamente à Bahia; municiavam-se e embarcavam para Queimadas e dali para Monte Santo, onde deviam concentrar-se nos primeiros dias de setembro.

Os batalhões de linha, além de desfalcados, como o indicam os números acima, reduzidos quase a duas companhias, vinham desprovidos de tudo, sem os mais simples apetrechos bélicos – à parte as espingardas velhas e o fardamento ruço, que haviam servido na recente campanha federalista do Sul.

—

O marechal Carlos Machado de Bittencourt, principal árbitro da situação, desenvolveu, então, atividade notável.

Vinha de molde para todas as dificuldades do momento.

Era um homem frio, eivado de um ceticismo tranquilo e inofensivo. Na sua simplicidade perfeitamente plebeia se amorteciam todas as expansões generosas. Militar às direitas, seria capaz – e demonstrou-o mais tarde ultimando tragicamente a vida – de se abalançar aos maiores riscos. Mas friamente, equilibradamente, encarrilhado nas linhas inextensíveis do dever. Não era um bravo e não era um pusilânime.

Ninguém podia compreendê-lo arrebatado num lance de heroísmo. Ninguém podia imaginá-lo subtraindo-se tortuosamente a uma conjuntura perigosa. Sem ser uma organização militar completa e inteiriça, afeiçoara-se todavia ao automatismo típico dessas máquinas de músculos e nervos feitas para agirem mecanicamente à pressão inflexível das leis.

Mas isto menos por educação disciplinar e sólida que por temperamento, inerte, movendo-se passivo, comodamente endentado na entrosagem complexa das portarias e dos regulamentos. Fora disto era um nulo. Tinha o fetichismo das determinações escritas. Não as interpretava, não as criticava: cumpria-as. Boas ou péssimas, absurdas, extravagantes, anacrônicas, estúpidas ou úteis, fecundas, generosas e dignas, tornavam-no, proteiforme, espelhando-as – bom ou detestável, extravagante ou generoso e digno. Estava escrito. Por isto todas as vezes que os abalos políticos lhas baralhavam, se retraía cautelosamente ao olvido.

O marechal Floriano Peixoto – profundo conhecedor dos homens do seu tempo – nos períodos críticos de seu governo, em que a índole pessoal de

adeptos ou adversários influía, deixou-o sempre, sistematicamente, de parte. Não o chamou; não o afastou; não o prendeu. Era-lhe por igual desvalioso como adversário ou como partidário. Sabia que o homem, cuja carreira se desatava numa linha reta seca, inexpressiva e intorcível, não daria um passo a favor ou contra no travamento dos estados de sítio.

A República fora-lhe acidente inesperado no fim da vida. Não a amou nunca. Sabem-no quantos com ele lidaram. Foi-lhe sempre novidade irritante, não porque mudasse os destinos de um povo senão porque alterara umas tantas ordenanças e uns tantos decretos, e umas tantas fórmulas, velhos preceitos que sabia de cor e salteado.

Ao seguir para a Bahia desinfluíra todos os entusiasmos. Quem dele se abeirasse, buscando alentos de uma intuição feliz ou um traço varonil, sulcando a situação emocionante e grave, que até lá o arrastava, topava, surpreso, a esterilidade de uns conceitos triviais, longas frivolidades cruelmente enfadonhas sobre paradas de tropas, intermináveis minúcias sobre distribuição de gêneros e remontas de cavalhadas – como se este mundo todo fosse uma imensa Casa da Ordem, e a História uma variante da escrituração dos sargentos.

Saltou naquela capital quando ia em sua plenitude o fervor patriótico de todas as classes; e de algum modo o amorteceu. Manifestações ruidosas, versos flamívomos, oradores explosivos, passaram-lhe por diante, estrondaram-lhe em torno, deflagraram-lhe aos ouvidos, num estrepitar de palmas e aplausos. Ouviu-os indiferente e contrafeito. Não sabia respondê-los. Tinha a frase emperrada e pobre. Além disso tudo quanto saía do passo ordinário da vida não o comovia, desorientava-o, contrariava-o.

Recém-vindos da luta, requerendo uma transferência ou uma licença, nada adiantavam se, dispensando a formalidade de um atestado médico, lhe pusessem à vista apenas o rombo de um tiro de trabuco ou um gilvaz sanguíneo ou um rosto cadavérico de esmaleitado. Eram coisas banais, do ofício.

Certa vez essa insensibilidade lastimável calou profundamente. Foi numa visita a um dos hospitais.

O quadro do amplo salão era impressionador...

Imaginem-se dois extensos renques de leitos alvadios, e sobre eles – em todas as atitudes, rígidos debaixo dos lençóis escorridos como mortalhas; de bruços, ou acaroados com os travesseiros, em mudos paroxismos de dores; sentados, ou acurvados, ou estorcendo-se, em gemidos – quatrocentos baleados! Cabeças envoltas em tiras sanguinolentas; braços partidos, em tipoias; pernas encanadas, em talas rigidamente estendidas; pés disformes pela inchação, atravessados de espinhos; peitos broqueados a bala ou sarjados a faca; todos os traumatismos e todas as misérias...

A comitiva que encalçava o ministro – autoridades estaduais e militares, jornalistas, homens de toda a condição – ali entrou silenciosamente, tolhida de assombros.

Começou a lúgubre visita. O marechal aproximava-se de um ou outro leito, lendo maquinalmente a papeleta pendida à cabeceira; e seguia.

Mas teve que estacar um momento. Surgira-lhe em frente, emergindo dos cobertores, a face abatida de um velho, um cabo de esquadra, veterano de trinta e cinco anos de fileira. Uma vida batida a couce de armas desde os pântanos do Paraguai às caatingas de Canudos... E no rosto macilento do infeliz resplandecia um belo riso jovial e forte. Reconhecera o ministro do qual fora ordenança nos bons tempos de moço, em que o acompanhara na batalha, nos acantonamentos, nas longas marchas fatigantes. E dizia-o, agitado, voz sacudida e rouca, numa alegria dolorosíssima, num delírio de frases rudes e sinceras – olhos refulgentes de alacridade e de febre, e forçando por erguer-se, abordoando o tronco esmirrado aos braços finos e trêmulos; entreaberta a camisa de algodão deixando ver, na clavícula, a nódoa de uma cicatriz antiga...

Era empolgante a cena. Resfolegaram surdamente, opressos, todos os peitos. Empanaram-se todas as vistas, de lágrimas... e o marechal Bittencourt prosseguiu, tranquilamente, continuando a leitura maquinal das papeletas.

É que tudo aquilo – fortes emoções ou quadros lancinantes – estava fora do programa. Não o distraía.

Era realmente o homem feito para aquela emergência. O governo não depararia quem melhor lhe transmitisse a ação, intacta, rompendo retilineamente no tumulto da crise.

Nesse abnegar-se a si próprio, abdicando todas as regalias da própria posição, fez-se, na lídima significação do termo, o Quartel-Mestre-General de uma campanha em que era chefe supremo um seu inferior hierárquico.

É que um bom senso sólido, blindado da frieza que o libertava de quaisquer perturbações, fizera que ele apanhasse, de um lance, as exigências reais da luta. Destas – compreendeu-o logo – a menos valiosa era, de certo, a acumulação de um maior número de combatentes no conflito. Estes, penetrando a região conflagrada, agravariam antes o estado dos companheiros, que pretendessem auxiliar, se lá fossem compartir as mesmas provações, reduzindo-lhes os recursos escassos no concorrerem à mesma penúria. O que era preciso combater a todo o transe e vencer não era o jagunço, era o deserto. Fazia-se imprescindível dar à campanha o que ela ainda não tivera: uma linha e uma base de operações. Terminava-se por onde devia começar-se. E foi essa a empresa impulsionada com sucesso pelo ministro. Atraído durante toda a estadia na Bahia por sem-número de questões de pormenores – equipamento dos batalhões que chegavam e acomodações para as turmas incessantes de feridos – o seu espírito superpunha-lhes sempre aquele objetivo capital, condição preponderante, e talvez única, do sério problema a resolver. Venceu-o, por fim, num destruir tenaz de numerosas dificuldades.

Nos últimos dias de agosto organizara-se, afinal, definitivamente, um corpo regular de comboios, atravessando continuamente os caminhos e ligando de modo efetivo, com breves intervalos de dias, o exército em operações a Monte Santo.

Este resultado pressagiava o desenlace próximo da contenda. Porque desde o começo, revelam-no as expedições antecedentes, as causas do insucesso em grande parte repousavam no insulamento em que cegamente se encravavam os expedicionários perdendo-se na região estéril, isolando-se adiante do inimigo em espetaculosas diligências policiais, onde não havia rastrear-se os mínimos preceitos da estratégia.

O marechal Bittencourt fez, pelo menos, isto: transmudou um conflito enorme em campanha regular. A que até então se fizera traduzira-se num prodigalizar inútil da bravura, mas o heroísmo e abnegação mais rara não a impulsionariam. Cristalizara num assédio platônico e dúbio, recortado de fuzilarias inúteis, em que se jogava nobremente e estupidamente a vida. E este prolongar-se-ia, indeterminado, até que o arraial sinistro absorvesse, um a um, os que o acometiam. Em tal caso a simples substituição dos que ali tombavam – oito ou dez por dia – por outros, tornava-se um círculo vicioso crudelíssimo. Além disto, numerosos assaltantes eram uma agravante. Circulariam todo o povoado, trancar-lhe-iam todas as saídas, mas teriam, passados poucos dias, latentes em roda, as linhas de outro cerco intangível e formidável – o deserto recrestado, das caatingas, pondo-os nas aperturas crescentes e inelutáveis da fome.

Previu-o o marechal Bittencourt.

Um estrategista superior atraído pela forma técnica e alta da questão, gizaria rasgos estupendos de tática e não a resolveria. Um lidador brilhante idearia novas arrancadas impetuosas, que esmagassem de vez a rebeldia, e extenuar-se-ia, inútil, a marche-marche pelas caatingas. O marechal Bittencourt, indiferente a tudo isto – impassível dentro da impaciência geral – organizava comboios e comprava muares...

De feito, aquela campanha cruenta e na verdade dramática, só tinha uma solução, e esta singularmente humorística.

Mil burros mansos valiam na emergência por dez mil heróis. A luta com todo o seu cortejo de combates sangrentos, descambava, deploravelmente prosaica, a um plano obscuro.

Dispensava o heroísmo, desdenhava o gênio militar, excluía o arremesso das brigadas, e queria tropeiros e azêmolas. Esta maneira de ver implicava com o lirismo patriótico e doía, feito um epigrama malévolo da História, mas era a única. Era forçada a intrusão pouco lisonjeira de tais colaboradores em nossos destinos. O mais caluniado dos animais, ia assentar, dominadoramente, as patas entaloadas em cima de uma crise, e esmagá-la...

Ademais somente eles podiam dar às operações a celeridade exigida pelas circunstâncias. É o caso que a guerra só podia delongar-se por mais dois meses, no máximo. Mais três meses seriam, e não havia remover a conclusão inabalável, a derrota, o abandono de quanto se havia feito, a paralisação obrigada.

Ia entrar, em novembro, sobre aquela zona, o regime torrencial e dele decorreriam consequências insanáveis.

Nos leitos até então secos, dos regatos, acachoariam rios de águas barrentas, e o Vaza-Barris, intumescido de repente, transmudar-se-ia em onda enorme e dilatada, rolando transbordante, intransponível, cortando todas as comunicações.

Depois, quando as caudais se extinguissem, rápidas – porque o turbilhão das águas, derivando para o São Francisco e para o mar, se esgota com a mesma celeridade com que se forma – despontariam entraves mais graves. Sob a adustão dos dias ardentíssimos, cada banhado, cada lagoa efêmera, cada caldeirão encovado nas pedras, cada poça de água – é um laboratório infernal, destilando a febre que irradia latente nos germens do impaludismo, profusamente disseminados nos ares, ascendendo em número infinito de cada ponto em que bata um raio de Sol e descendo sobre as tropas, milhares de organismos em que as fadigas criavam receptividade mórbida funesta.

Era preciso liquidar a pendência antes dessa quadra perigosa, dispondo as coisas para um sítio real e firme determinando a rendição imediata. E vencido o inimigo que podia ser vencido, recuar incontinente ante o inimigo invencível e eterno – a terra desolada e estéril. Mas para tal era indispensável garantir-se a subsistência do exército que, com os recentes reforços, montaria cerca de oito mil homens.

Conseguiu-o o ministro da Guerra.

De sorte que ao partir, em começo de setembro, para Queimadas – estavam dispostos todos os elementos para desenlace próximo: aguardavam-no, concentradas em Monte Santo, as brigadas da divisão auxiliar; seguiam, ainda que raros, os primeiros comboios regulares para Canudos.

Iam ainda a tempo de reanimar a expedição que até àquela data atravessara, presa aos flancos do arraial, quarenta e tantos dias de agitação perigosa e inútil. Definimo-la já, em breve diário que não alongamos para evitar a mesmice dolorosa de episódios sucedendo-se sem variantes apreciáveis.

Os mesmos tiroteios improvisos, violentos, instantâneos, em horas incertas; os mesmos armistícios enganadores; a mesma apatia recortada de alarmas; a mesma calma estranha e esmagadora, intermitentemente rota de descargas...

Combates diários, ora mortíferos rareando as fileiras e desfalcando-as de oficiais prestimosos, ora ruidosos e longos, mas à maneira dos recontros entre os mercenários na Idade Média, esgotando-se num dispêndio de milhares de balas, sem um ferido, sem um escoriado sequer, de lado a lado. Por fim a existência aleatória, a terços de rações, quando as havia, dividindo-se um boi por batalhão e um litro de farinha por esquadra; e, como nos maus dias da Favela, as empresas diárias, em que se escalavam corpos para arrebanharem gado.

Os comboios eram raros e incertos. Chegavam escassos, extraviando-se parte das cargas pelos caminhos. Diante dos expedicionários se levantou de novo, como perigo único, a fome.

Metidos nos casebres, ou nas tendas por detrás dos morros, ou colados às escarpas das trincheiras, pouco se temiam do jagunço. Os perigos consistiam, exclusivos, nas caçadas, que estes faziam, de incautos que se afastavam dos abrigos. As duas torres da igreja nova lá estavam sobranceiras na altura, como dois mutãs sinistros sobre o exército. E nada escapava à pontaria dos que as guarneciam e que não as abandonavam no maior fragor dos canhoneios. A travessia para a Favela continuava, por isto, perigosa, tornando-se necessário estacionar uma guarda à margem do rio, no ponto em que ia dar o caminho, a fim de impedir que para lá seguissem soldados imprudentes. Naquele ponto recebiam o batismo de fogo os reforços que chegavam: a brigada Girard, a 15 de agosto, reduzida a 892 praças e 56 oficiais; o batalhão paulista a 23, com 424 praças e 21 oficiais; o 37º de infantaria, que precedera a divisão auxiliar, com 205 praças e 16 oficiais, comandado pelo tenente-coronel Firmino Lopes Rego. Os rudes adversários deixavam-nos descer em paz as últimas abas da montanha, timbrando em lhes fazer no último passo, embaixo, no álveo do rio, uma recepção retumbante e teatral, de tiros, cortada invariavelmente de estrídulos assovios terrivelmente irônicos.

É que não os assustavam os novos antagonistas. Permaneciam na mesma atitude desafiadora, inamolgáveis. E pareciam disciplinar-se. Correspondiam-se, de um a outro extremo do povoado, ao través do casario, a disparos combinados de bacamartes. Arrojavam-se mais ordenados e seguros nos assaltos. Recebiam, por sua vez, comboios, entrando pelos caminhos da Várzea da Ema, sem que lhos capturasse a tropa assaltante para não desguarnecer as posições ocupadas ou, consideração mais séria, evitar ciladas perigosas. Porque pelas cercanias, derivando invisíveis pelas colinas do norte e dali para Canabrava e Cocorobó, circulando de longe os batalhões, rondavam rápidas colunas volantes de jagunços, das quais havia sinais iniludíveis. Não raro o soldado inexperto, ao avultar sobre um cerro, baqueava atravessado por uma bala, que partia fora do arraial, das linhas intangíveis daquele outro assédio abarcando a tropa. Os animais de montaria e tração eram muitas vezes espavoridos a tiro, nas pastagens que se alongavam pelas duas margens do rio; e em certo dia de agosto 20 muares da artilharia foram capturados, apesar de estarem sob a guarda de um batalhão aguerrido, o 5º de linha, sobre o qual se fez carga da importância da presa.

Estes incidentes delatavam raro alento entre os rebeldes.

Não lhes davam, entretanto, tréguas os assaltantes. Os três Krupps que desde 19 de julho, emparcavam sobre a encosta, tendo no sopé a vanguarda do 25º sobranceando a praça, batiam-nos noite e dia, ateando incêndios a custo debelados e arruinando inteiramente a igreja velha, de madeiramento já todo exposto a ressaltar no telhado abatido em parte e em cujo campanário não se compreendia que ainda subisse à tarde o impávido sineiro, tangendo as notas

consagradas da Ave-Maria.

Como se não bastasse aquele bombardeio a queima-roupa, descera, a 23 de agosto, do alto da Favela, o Whitworth 32. Naquele dia fora ferido o general Barbosa, quando inspecionava a bateria do centro, próxima ao quartel-general da 1ª Coluna. De sorte que a vinda do monstruoso canhão dava oportunidade a revide imediato. Este realizou-se logo ao amanhecer do dia subsequente. E foi, de fato, formidando. A grande peça detonou: viu-se arrebentar, com estrondo, o enorme *shrapnel* entre as paredes da igreja, esfarelando-lhe o teto, derrubando os restos do campanário e fazendo saltar pelos ares, revoluteando, estridulamente badalando, como se ainda vibrasse um alarma, o velho sino que chamava ao descer das tardes os combatentes para as rezas...

Mas, tirante este incidente, fora perdida a jornada: quebrara-se uma peça do aparelho obturador do canhão fazendo-o emudecer para sempre. Caíram nas linhas de fogo oito soldados, e uma fuzilaria fechada, estupenda, incomparável, entrou pela noite dentro até ao amanhecer. Reatou-se durante o dia, após ligeiro armistício vitimando mais quatro soldados, que com seis do 26º que aproveitando o tumulto desertaram, elevaram a 10 as perdas do dia. Continuou no dia 26, abatendo cinco praças; matando quatro, no dia 27; quatro, no dia 28; no dia 29, quatro soldados e um oficial; e assim por diante, na mesma escala inflexível, que exauria a tropa.

As baixas, somando-se diariamente em parcelas pouco díspares, com os claros abertos em todas as fileiras pelos combates anteriores, tinham já, desde meados de agosto, imposto a reorganização das forças rarescentes. Na diminuição que tivera o número de brigadas, passando de 7 a 5, e no descair das graduações dos comandos, percebia-se, apesar dos reforços recém-vindos, o enfraquecimento da expedição.[84]

Dos vinte batalhões de infantaria que lá estavam – à parte o 5º regimento de artilharia, o 5º da polícia baiana, uma bateria de tiro rápido e um esquadrão de cavalaria – quinze eram comandados por capitães e duas das brigadas por tenentes-coronéis, não descendo o das companhias aos sargentos por ser maior que o destes o número de alferes.

Breve, porém, a situação mudaria. Canudos teria em torno, em algarismos rigorosamente exatos, trinta batalhões, excluídos os corpos de outras armas.[85]

Avançava pelos caminhos a divisão salvadora.

NOVA FASE DA LUTA

I Queimadas. Uma ficção geográfica. Fora da pátria. Diante de uma criança. Na estrada de Monte Santo. Novas animadoras. Uma *vaia entusiástica*... Trincheira Sete de Setembro. Estrada de Calumbi.

II Marcha da divisão auxiliar. Medo glorioso. Aspecto do acampamento. Em busca de uma meia ração de glória. O charlatanismo da coragem.

III Embaixada do céu. Complemento do assédio.

I

Queimadas, povoado desde o começo deste século, mas em plena decadência, fez-se um acampamento ruidoso. O casario pobre, desajeitadamente arrumado aos lados da praça irregular, fundamente arada pelos enxurros – um claro no matagal bravio que o rodeia – e, principalmente, a monotonia das chapadas que se desatam em volta, entre os morros desnudos, dão-lhe um ar tristonho completando-lhe o aspecto de vilarejo morto, em franco descambar para tapera em ruínas.

Prendiam-se-lhe, ademais, recordações penosas. Ali tinham parado todas as forças anteriormente envolvidas na luta, no mesmo prolongamento do largo aberto para a caatinga cujos tons pardos e brancacentos, de folhas requeimadas, sugeriram a denominação da vila. Acervos repugnantes de farrapos e molambos; trapos multicores e imundos, de fardamentos velhos; botinas e coturnos acalcanhados; quepes e bonés; cantis estrondados; todos os rebotalhos de caserna, esparsos em área extensa, em que branqueavam restos de fogueiras, delatavam a passagem dos lutadores, que lá armaram as tendas, a partir da expedição Febrônio. Naquele chão batido dos rastros de dez mil homens, haviam turbilhonado na vozeria dos bivaques – paixões, ansiedades, esperanças, desalentos indescritíveis.

Transposta acessível ondulação, via-se, recortando o cerrado dos arbustos, um sulco largo de roçada, retilíneo e longo, que um alvo extremava – a linha de tiro, onde se exercitara a divisão Artur Oscar. Perto, ao lado, a capela exígua e baixa, como um barracão murado. E nas suas paredes, cabriolando doudamente, a caligrafia manca e a literatura bronca do soldado. Todos os batalhões haviam colaborado nas mesmas páginas, escarificando-as a ponta de sabre ou tisnando-as a carvão, no gravarem as impressões do momento. Eram páginas demoníacas aqueles muros sacrossantos: períodos curtos, incisivos, arrepiadores; blasfêmias fulminantes; imprecações e brados, e vivas calorosos, rajavam-nas em todo o sentido, profanando-as, mascarrando-as, em caracteres negros espetados em pontos de admiração, compridos como lanças.

Dali para baixo, no descair de insensível descida, uma vereda estreita e mal-afamada – a estrada de Monte Santo, por onde tinham abalado, esperançosas, três expedições sucessivas, e de onde chegavam, agora, sucessivamente, bandos miserandos de foragidos. Vadeado o Jacurici, volvendo águas rasas e mansas, ela enfiava, inflexa, pelas chapadas fora, ladeada, em começo, por uma outra que demarcavam os postes da linha telegráfica recentemente estabelecida.

A linha férrea corre no lado oposto. Aquele liame do progresso passa, porém, por ali, inútil, sem atenuar sequer o caráter genuinamente roceiro do arraial.

Salta-se do trem; transpõem-se poucas centenas de metros entre casas deprimidas; e topa-se para logo, à fímbria da praça – o sertão...

Está-se no ponto de tangência de duas sociedades, de todo alheias uma à outra. O vaqueiro encourado emerge da caatinga, rompe entre a casaria desgraciosa, e estaca o campião junto aos trilhos, em que passam, vertiginosamente, os patrícios do litoral, que o não conhecem.

Os novos expedicionários ao atingirem-no perceberam esta transição violenta. Discordância absoluta e radical entre as cidades da costa e as malocas de telha do interior, que desequilibra tanto o ritmo de nosso desenvolvimento evolutivo e perturba deploravelmente a unidade nacional. Viam-se em terra estranha. Outros hábitos. Outros quadros. Outra gente. Outra língua mesmo, articulada em gíria original e pinturesca. Invadia-os o sentimento exato de seguirem para uma guerra externa. Sentiam-se fora do Brasil. A separação social completa dilatava a distância geográfica; criava a sensação nostálgica de longo afastamento da pátria.

Além disto, a missão que ali os conduzia frisava, mais fundo, o antagonismo. O inimigo lá estava, para leste e para o norte, homiziado nos sem-fins das chapadas, e no extremo delas ao longe, se desenrolava um drama formidável...

Convinha-se em que era terrivelmente paradoxal uma pátria que os filhos procuravam armados até aos dentes, em som de guerra, despedaçando as suas entranhas a disparos de Krupps, desconhecendo-a de todo, nunca a tendo visto, surpreendidos ante a própria forma da terra árida, e revolta, e brutal, esvurmando espinheiros, tumultuando em pedregais, esboroando em montanhas derruídas, escancelada em grotões, ondeando em tabuleiros secos, estirando-se em planuras nuas, de estepes...

O que ia fazer-se era o que haviam feito as tropas anteriores – uma invasão – em território estrangeiro. Tudo aquilo era uma ficção geográfica. A realidade, tangível, enquadrada por todos os sucessos, ressaltando à observação mais simples, era aquela. Os novos campeadores sentiam-na dominadoramente. E como aquele povo desconhecido de matutos lhes devolvia, dia a dia, mutilados e abatidos, os companheiros que meses antes tinham avançado robustos e altaneiros, não havia ânimo varonil que atentasse impassível para as bandas do sertão misterioso e agro...

Felizmente tiveram ao chegar o contrachoque de notícias animadoras recém-vindas do campo das operações.

Nenhum outro desastre ocorrera. Guardavam-se, malgrado tiroteios diários, as posições conquistadas. A brigada Girard e o batalhão paulista, tinham ido a tempo de preencher os claros da linha rarefeita do sítio. Com este reforço coincidiam os primeiros sintomas de desânimo entre os rebeldes: não batia mais com a sua serenidade gloriosa o sino da igreja velha, que caíra: não

mais se ouviam ladainhas melancólicas entre os intervalos das fuzilarias; cessavam os ataques atrevidos às linhas; e à noite, sem o bruxulear de uma luz, o arraial mergulhava silenciosamente nas sombras. Reproduzia-se a atoarda de que o Conselheiro lá estava, agora, coacto, preso pelos próprios sequazes, revoltados pelo intento, que manifestara, de se entregar, dispondo-se ao martírio.

E citavam-se pormenores incidindo todos no denunciar o afrouxamento rápido da conflagração.

Os novos combatentes imaginaram-na extinta antes de chegarem a Canudos. Tudo o indicava. Por fim os próprios prisioneiros que chegavam e eram, no fim de tantos meses de guerra, os primeiros que apareciam. Notou-se apenas, sem que se explicasse a singularidade, que entre eles não surgia um único homem-feito. Os vencidos, varonilmente ladeados de escoltas, eram fragílimos: meia dúzia de mulheres tendo ao colo crianças engelhadas como fetos, seguidas dos filhos maiores, de seis a dez anos. Passaram pelo arraial entre compactas alas de curiosos, em que se apertavam fardas de todas as armas e de todas as patentes. Um espetáculo triste.

As infelizes, em andrajos, camisas entre cujas tiras esfiapadas se repastavam olhares insaciáveis, entraram pelo largo, mal conduzindo pelo braço os filhos pequeninos, arrastados.

Eram como animais raros num divertimento de feira.

Em volta cruzavam-se, em todos os tons, comentários de toda a sorte, num burburinho de vozes golpeadas de interjeições vivíssimas, de espanto. O agrupamento miserando foi por algum tempo um derivativo, uma variante feliz aligeirando as horas enfadonhas do acampamento.

Mas acirrou a curiosidade geral, sem abalar os corações.

Um dos pequenos – franzino e cambaleante – trazia à cabeça, ocultando-a inteiramente, porque descia até aos ombros, um velho quepe reiuno, apanhado no caminho. O quepe, largo e grande demais, oscilava grotescamente a cada passo, sobre o busto esmirrado que ele encobria por um terço. E alguns espectadores tiveram a coragem singular de rir. A criança alçou o rosto, procurando vê-los. Os risos extinguiram-se: a boca era uma chaga aberta de lado a lado por um tiro!

As mulheres eram, na maioria, repugnantes. Fisionomias ríspidas, de viragos, de olhos zanagas e maus.

Destacava-se, porém, uma. A miséria escavara-lhe a face, sem destruir a mocidade. Uma beleza olímpica ressurgia na moldura firme de um perfil judaico, perturbados embora os traços impecáveis pela angulosidade dos ossos apontando duramente no rosto emagrecido e pálido, aclarado de olhos grandes e negros, cheios de tristeza soberana e profunda.

Esta satisfez a ânsia curiosa contando uma história simples. Uma tragédia em meia dúzia de palavras. Um drama a bem dizer trivial, então, com o epílogo invariável de uma bala ou de um estilhaço de granada.

Postas na saleta térrea de casebre comprimido, junto ao largo, as infelizes, rodeadas pelos grupos insistentes, foram vítimas de perguntas intermináveis.

Estas deslocaram-se por fim às crianças. Procurava-se a sinceridade na ingenuidade infantil.

Uma delas, porém, menor de nove anos, figurinha entroncada de atleta em embrião, face acobreada e olhos escuríssimos e vivos, surpreendeu-os pelo desgarre e ardileza precoce. Respondia entre baforadas fartas de fumo de um cigarro, que sugava com a bonomia satisfeita de velho viciado. E as informações caíam, a fio, quase todas falsas, denunciando astúcias de tratante consumado. Os inquiridores registravam-nas religiosamente. Falava uma criança. Num dado momento, porém, ao entrar um soldado sobraçando a Comblain, a criança interrompeu a algaravia. Observou, convicto, entre o espanto geral, que a Comblé não prestava. Era uma arma à toa, *xixilada*: fazia um *zoadão danado*, mas não tinha força. Tomou-a; manejou-a com perícia de soldado pronto; e confessou, ao cabo, que preferia a *manulixe*, um clavinote de *talento*. Deram-lhe, então, uma Mannlicher. Desarticulou-lhe agilmente os fechos, como se fosse aquilo um brinco infantil predileto.

Perguntaram-lhe se havia atirado com ela, em Canudos.

Teve um sorriso de superioridade adorável:

"– E por que não? Pois se havia *tribuzana* velha!... *Havera* de levar pancada, como boi acuado, e ficar *quarando* à toa, quando a *cabrada fechava o samba desautorizando as praças*?!"

Aquela criança era, certo, um aleijão estupendo. Mas um ensinamento. Repontava, bandido feito, à tona da luta, tendo sobre os ombros pequeninos um legado formidável de erros. Nove anos de vida em que se adensavam três séculos de barbaria.

Decididamente era indispensável que a campanha de Canudos tivesse um objetivo superior à função estúpida e bem pouco gloriosa de destruir um povoado dos sertões. Havia um inimigo mais sério a combater, em guerra mais demorada e digna. Toda aquela campanha seria um crime inútil e bárbaro, se não se aproveitassem os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, contínua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários.

Mas sob a pressão de dificuldades exigindo solução imediata e segura, não havia lugar para essas visões longínquas do futuro. O ministro da Guerra, depois de se demorar quatro dias em Queimadas removendo os últimos entraves à mobilização das forças, seguiu para Monte Santo.

Acompanhado apenas dos estados-maiores, seu e do general Carlos Eugênio, ia atingir a base das operações, atravessando a região coalhada de feridos e aquilatando pelas fadigas que assaltaram a sua comitiva bem montada e

abastecida, em caminhos livremente trafegados, as torturas que assaltariam os caminhantes que seguiam, a pé, pelas trilhas aspérrimas do sertão. Naquela travessia folgada, feita em três dias, antolhara-se-lhe em cada volta da vereda um traço lúgubre da guerra, cuja encenação a par e passo se acentuava, acompanhando a aspereza crescente da terra calcinada e estéril. O primeiro pouso em que parara, o Tanquinho, prefigurara os demais. Era o melhor e era inaturável: um sítio meio destruído, duas casas em abandono imersas na galhada fina do alecrim-dos-tabuleiros, de onde irrompiam cereus esguios e melancólicos. O tanque que o batiza provém de um afloramento granítico originando reduzida mancha de solo impermeável sobre que jazem, estagnadas, as águas livres da sucção ávida do terreno de grés, envolvente. À sua borda, como à de todas as ipueiras marginais à estrada, sesteavam dezenas de feridos, e acampava a recovagem dos comboios. Mas isto sem a azáfama característica e ruidosa dos abarracamentos, soturnamente, silenciosamente; acúmulo entristecedor de homens macilentos, em grupos imóveis, paralisados na quietude de exaustão completa.

À noite sobretudo, acesas as fogueiras rebrilhantes na superfície d'água escura, eles formavam, uns acocorados junto ao fogo e tiritando de maleitas, arrastando-se outros vagarosos e claudicantes e projetando sobre a tela unida da lagoa as sombras disformes, conjunto trágico e emocionante. Oficiais que se abeiravam sequiosos da ourela do pântano, davam, de chofre, com espectros mal aprumados tentando fazer-lhes a continência militar; e volviam entristecidos. Dali por diante os mesmos quadros: pelos caminhos os mesmos retirantes abatidos, e, à beira dos pântanos verde-negros, recamados de algas, os mesmos agrupamentos miserandos.

Como contraste permanente, a nota superior da força e da robustez era dada, intermitentemente, pelos homens mais tranquilos e inofensivos, irrompendo, isolados, dentre as caravanas dos guerreiros sucumbidos. No volver das inflexões da vereda, topava-se, às vezes, um vaqueiro amigo, um aliado, que se empregara nos serviços de transporte. A cavalo, entrajado de couro, sombreiro largo galhardamente revirado à testa trigueira e franca; à cinta o longo facão jacaré; à destra a lança arpoada do ferrão – quedava o matuto imóvel, à orla da passagem, desviando-se, deixando livre o curso à cavalgata, numa atitude respeitosa e altiva de valente disciplinado, muito firme dentro de sua couraça vermelho-parda feito uma armadura de bronze, figurando um campeador robusto, coberto ainda da poeira das batalhas.

A comitiva avançava e esquecia logo a imagem do sertanejo robusto – constantemente atraída pelos bandos incessantes de foragidos; soldados caminhando tardos, abordoando-se às espingardas; oficiais carregados em redes, chapéus caídos aos olhos, surdos ao tropel da cavalgata, que estrepitava a um lado, imóveis, rígidos como cadáveres; e aqui, ali, largas nódoas negras na caatinga, rastros escurentos dos incêndios, em que repontavam esteios e cumeeiras dos casebres combustos, tracejando por aqueles ermos, numa urdidura de ruínas, o cenário terrivelmente estúpido da guerra.

Em Cansanção atreguaram-se estas impressões cruéis. Houve por duas horas um remanso consolador. O vilarejo era um clã. Pertence a uma família única. O seu chefe, genuíno patriarca, congregara filhos, netos e bisnetos em ovação ruidosa ao marechal, o *monarca*, conforme bradava convicto, numa alacridade ingênua e sã, ao alevantar nos braços cansados de um labutar de oitenta anos o ministro surpreendido.

Esta escala foi providencial. Cansanção era um parêntese feliz naquele desolamento. E o robusto velho que o governava, surgindo blindado de uma satisfação sadia ante homens que nunca vira, e apresentando-lhes um filho de cabelos brancos e netos quase grisalhos, era, por sua vez, uma revelação. Antítese do facínora precoce de Queimadas, revelava, animadora, esta robustez miraculosa, esta nobreza orgânica completada por uma alma sem refolhos, tão característica dos matutos, quando os não derrancam o fanatismo e o crime.

Por isto o lugarejo minúsculo, uma dúzia de casas adensadas em rua de poucas braças, é o único que não desperta, nas narrativas da campanha, recordações dolorosas. Era a única zona tranquila naquela balbúrdia. Um pequeno hospital, entregue à solicitude de dois franciscanos, ali acolhia os romeiros sem forças que iam para Queimadas.

Deixando-o, os viajantes volviam logo às amarguras da trilha poenta, desesperadamente torcida em voltas infinitas, retalhando-se em desvios, orlada de choupanas estruídas e palmilhada de ponta a ponta pelas turmas sucessivas de foragidos.

E em toda a parte – a partir de Contendas – em cada parede branca de qualquer vivenda mais apresentável, aparecendo rara entre os casebres de taipa, se abria uma página de protestos infernais. Cada ferido, ao passar, nelas deixava, a riscos de carvão, um reflexo das agruras que o alanceavam, liberrimamente, acobertando-se no anonimato comum. A mão de ferro do exército ali se espalmara, traçando em caracteres enormes o entrecho do drama; fotografando, exata, naquelas grandes placas, o *facies* tremendo da luta em inscrições lapidares, numa grafia bronca, onde se colhia em flagrante o sentir dos que o haviam gravado.

Sem a preocupação da forma, sem fantasias enganadoras, aqueles cronistas rudes, deixavam por ali, indelével, o esboço real do maior escândalo da nossa história – mas brutalmente, ferozmente, em pasquinadas incríveis – libelos brutos, em que se casavam pornografias revoltantes e desesperanças fundas, sem uma frase varonil e digna. A onda escura de rancores que rolava na estrada chofrava aqueles muros, entrava pelas casas dentro, afogava as paredes até o teto...

A comitiva penetrando-as repousava envolta num coro silencioso de impropérios e pragas. Versos cambeteantes, riçados de rimas duras, enfeixando torpezas incríveis na moldura de desenhos pavorosos; imprecações revoluteando pelos cantos numa coreia fantástica de letras tumultuárias, em que caíam, violentamente, pontos de admiração rígidos

como estocadas de sabre; vivas! morras! saltando por toda a banda em cima de nomes ilustres infamando-os, esbarrando-se discordes; trocadilhos ferinos; convícios desfibradores; alusões atrevidas; zombarias lôbregas de caserna...

E a empresa perdia repentinamente a feição heroica, sem brilho, sem altitude. Os narradores futuros tentariam em vão velá-la em descrições gloriosas. Teriam em cada página, indestrutíveis, aqueles palimpsestos ultrajantes.

Os novos lutadores chegavam a Monte Santo sem o mesmo anelo de arrancar das espadas. Desinfluídos. Reanimavam-se, porém, ao entrarem na base de operações.

Despindo-se em poucos dias da aparência comum aos arraiais sertanejos, engrunhidos e estacionários, onde há cem anos não se constrói uma casa, a vila ampliara-se, tendo às ilhargas, branqueando sobre as chapadas, num bairro novo e maior que ela – duas mil barracas, num alinhamento de avenidas longas, destacando-se distintas sobre o chão limpo e descalhoado, em seis agrupamentos, sobre que ruflavam bandeiras ondulantes, e de onde irrompiam, de instante a instante, vibrações metálicas de clarins e o toar cadente dos tambores.

Uma multidão de habitantes adventícios, enchera-a, de súbito, acotovelando-se no âmbito da praça, derivando às encontroadas pelas vielas; e contemplando-os tinha-se um acervo heterogêneo em que se ombreavam todas as posições sociais. Oficiais de todas as graduações e armas; carreiros poentos das viagens longas; soldados arcando sob o equipamento; feridos e convalescentes trôpegos; mulheres maltrapilhas; fornecedores azafamados; grupos alegres de estudantes; e num inquirir incessante jornalistas sequiosos de notícias, davam-lhe um tom de praça concorrida em dia de parada. O marechal Bittencourt pô-la numa regulamentação rigorosa e demasiou-se no adotar medidas acordes com as exigências complexas da situação. O hospital militar tornou-se uma realidade, perfeitamente abastecido e dirigido por cirurgiões a que aliavam esforços desinteressados alguns alunos da Faculdade da Bahia. Formou-se em tudo aquilo uma disciplina correta. Por fim a questão primordial que até lá o atraíra – o serviço de transportes, se ultimou definitivamente. Diariamente quase, chegavam e volviam comboios parciais para Canudos.

Os resultados deste esforço foram imediatos. Diziam-nos as notícias supervenientes da sede das operações, acordes todas no indicarem maior alento entre os sitiantes, levando-os mesmo a movimentos táticos decisivos.

É que aquele homem sem entusiasmos que até na base das operações não despira o paletó de alpaca com que burguesmente recebia a continência das brigadas, se tornara, mercê de rara dedicação e sem apisoar melindres dos que

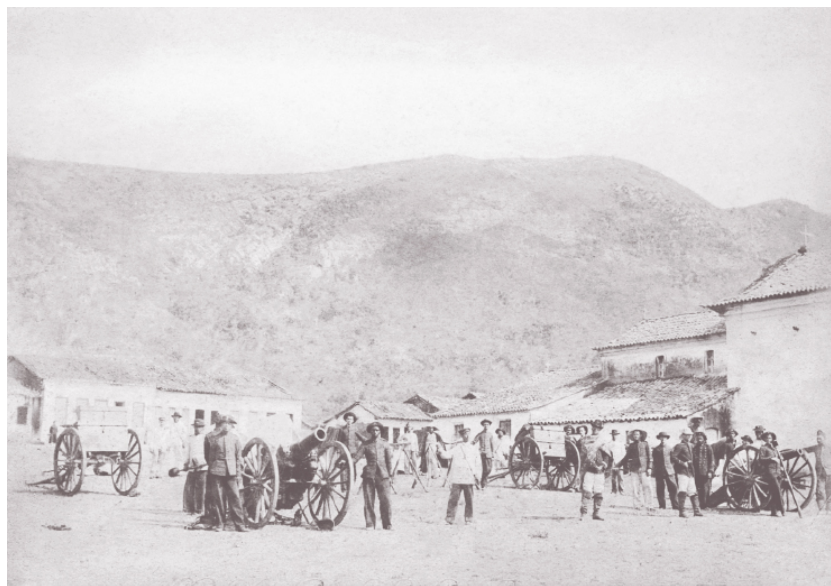
se afoitavam de perto com o inimigo, o diretor supremo da luta. A dezesseis léguas do centro desta, dirigia-a de fato, sem alardo, sem balancear alvitres estratégicos, atravessando os dias na convivência rude dos tropeiros em Monte Santo, entre os quais não raro surgia impaciente, de relógio em punho, e dava a voz de partida.

Porque cada comboio que seguia valia batalhões. Era uma batalha vencida. Punha entre os combatentes alentos de vitórias; e pouco a pouco destruía a estagnação em que se paralisara o assédio. É o que se colhia das últimas notícias.

De feito, o mês de setembro principiara auspicioso.

Logo em começo, no dia 4, uma bala de carabina havia abatido no arraial um cabecilha de valor. Baqueara junto às igrejas; e o açodamento com que os habitantes se precipitaram sobre o cadáver, e o levaram, delatava-lhe o prestígio.

A 6, sucesso de maior monta: caíram, uma após outra, as torres da igreja nova. O caso ocorrera depois de seis horas consecutivas de bombardeios. E fora inteiramente imprevisto.

Determinara-o mesmo circunstância desagradável: um engano na remessa das munições tendo levado ao arraial, ao invés de granadas, balas rasas de Krupp pouco eficazes no canhoneio, resolvera-se gastá-las logo, revessando-as, de vez, sobre as igrejas, até se acabarem.

E o resultado fora surpreendente, rememorado em duas ordens do dia entusiásticas. O exército ficara, afinal, livre das seteiras altíssimas de onde o fulminavam os sitiados, porque as duas torres assoberbando toda a linha do assédio, reduziam por toda a banda os ângulos mortos das trincheiras.

Desde 18 de julho revezavam-se nos seus campanários atiradores peritos – olhos percucientes devassando tudo – a que não se subtraía o menor vulto desviado do anteparo das casas.

Os comboios ao chegarem, dali recebiam, em cheio, no último passo, ao transporem o rio, antes da sanga em passagem coberta que os levava ao acampamento, descargas violentas.

As forças recém-vindas, a brigada auxiliar, o batalhão paulista e o 37º de infantaria, como vimos, do alto de suas arestas tinham recebido a primeira saudação ferocíssima do inimigo.

Haviam, afinal, caído. E ao vê-las baquear, uma após outra, imponentes, arrastando grandes panos de muro, desarticulando-se em grandes blocos em que vinham agarrados, tombando de borco, atiradores atrevidos – e batendo pesadamente no chão do largo, entre nuvens de poeira da argamassa esboroada, o exército inteiro, calando a fuzilaria, atroou os ares em alaridos retumbantes.

O comandante da 1ª Coluna caracterizou-o bem na ordem do dia correspondente ao feito:

> ... prorrompendo nessa ocasião a linha de segurança e forças em apoio no acampamento entusiástica e violenta vaia na jagunçada.[86]

A campanha era aquilo mesmo. Do início ao termo, uma corrimaça lúgubre. *Entusiástica vaia*...

Como quer que seja terminara o encanto do inimigo. O arraial enorme repentinamente diminuíra; e decaíra; e se acaçapara, parecendo ainda mais afundado na depressão em que se adensava, sem mais as duas balizas brancas que o indicavam aos pegureiros – muito altas e esbeltas, arremessadas no firmamento azul, branqueando nas noites estreladas, diluindo-se misteriosamente na altura, objetivando o misticismo ingênuo e pondo junto dos céus as rezas propiciatórias dos sertanejos rudes e crendeiros...

Fora, além disto, o acontecimento de mau agouro. No dia subsequente sobreveio maior desastre. Desde muito entrincheirados na Fazenda Velha, algumas dezenas de guerrilheiros zombavam dos canhões do coronel Olímpio – que se emparcavam no alto num rebordo da Favela. A dois passos da artilharia e dos contingentes que a reforçavam, tinham durante mais de dois meses tolhido a dilatação do cerco por aquela banda, a despeito da tormenta de disparos que lhes estrugia a cavaleiro. Numa situação dominante sobre o

grosso das linhas ajustadas à orla do povoado, enfiavam-nas de ponta a ponta, contribuindo muito para as baixas diárias que as rareavam, e emparelhando-se com as torres no devassar os mais bem escolhidos parapeitos ou abrigos. Mas no dia 7, às 10 horas da noite, foram, de improviso, suplantados. Animado pelos sucessos da véspera, aquele coronel, obediente ao que lhe determinara o comando da 1ª Coluna, abalou com uma força composta do 27º, sob o comando do capitão Tito Escobar, um contingente da 4ª bateria do 2º regimento, um outro do 5º regimento e uma boca de fogo. À frente e à retaguarda, seguiam ex-alunos das escolas militares. O coronel Olímpio dispôs o resto da sua pequena força em atiradores pelos dois flancos. Fê-la descer em silêncio os primeiros boléus das vertentes. Arrojou-a, por fim, num rolar de avalanche, pelo morro abaixo. Surpresos, derreando-se ao embate de trezentas baionetas repartidas em duas cargas laterais, tendo de permeio a metralha que os fulminava a queima-roupa, os jagunços mal resistiram, sendo de pronto desalojados das trincheiras de pedra, que ali tinham em torno à vivenda estruída da Fazenda Velha.

Durara cinco minutos a refrega.

Os adversários rechaçados, esparsos, perseguidos até ao cerro dos Pelados pela vanguarda, tombaram dali no rio, transpondo-o e embrenhando-se em Canudos.

A força teve apenas duas praças fora de combate.

Expugnada a posição, largo degrau sobre a vertente do morro, entre o alto do Mário anteriormente ocupado e o Vaza-Barris, aquele coronel armou a sua barraca no lugar onde expirara seis meses antes o chefe da 3ª expedição. Empregou-se todo o resto da noite em construir, reunindo as próprias pedras das trincheiras do inimigo, forte reduto de cerca de um metro de alto, orlando toda a borda avançada do socalco. E no outro dia, cedo, a "Trincheira Sete de Setembro" sobranceava o arraial. A periferia do sítio aumentara de uns quinhentos metros para a esquerda, na direção do sul, trancando inteiramente os dois quadrantes de leste.

Ora naquele mesmo dia, à tarde, ela se dilataria ainda mais, inflectindo a partir do ponto conquistado para o poente, até estremar a estrada do Cambaio, perto da confluência do Mucuim, abarcando toda a face de oeste.

Operara-se um movimento mais sério; talvez a ação realmente estratégica da campanha. Ideara-a, planeara-a e executara-a o tenente-coronel Siqueira de Meneses. Esclarecido por informações de alguns vaqueiros leais, aquele oficial, viera a saber das vantagens de uma outra estrada, a do Calumbi, ainda desconhecida, que correndo entre as do Rosário e do Cambaio, e mais curta que ambas, facilitava travessia rápida para Monte Santo, onde ia ter em traçado quase retilíneo, seguindo firmemente a linha norte-sul. E propôs-se explorá-la afrontando-se com os maiores riscos.

Realizou a empresa em três dias. Saiu no dia 4 de Canudos, à frente de quinhentos homens, que a tanto montavam, reunidos, os batalhões 22º, 9º e 34º, sob o imediato comando do major Lídio Porto. Varou pelo novo caminho

descoberto voltando, a 7, pelo do Cambaio, num movimento rápido, ousado, feliz, e de resultados extraordinários para o desenlace da guerra.

De feito, a nova vereda franca à translação das tropas e comboios e fechada aos jagunços, que a trilhavam de preferência nas suas excursões para o sul, encurtava de mais de um dia a jornada para Monte Santo. Era entre todas a mais bem preparada para reagir à invasão. Partia de Juá, onde bifurcava com a do Rosário, derivando à esquerda desta no rumo certo do norte, perlongando por muitos quilômetros o ribeirão das Caraíbas, ou cortando-lhe os meandros intermináveis. Avançava, invariável no rumo, tocando em pequenos sítios, até a um outro riacho de existência efêmera, o Caxomongó. Daí para a frente era uma estrada estratégica incomparável.

Alongando-se na direção de sudeste, a serrania de Calumbi flanqueia-a toda em largo trato, à direita, distante menos de trezentos metros. Um exército atravessando-a daria todo o flanco ao adversário que guarnecesse as encostas. – E ao deixar esta situação gravíssima cairia em outra pior. Porque o caminho, depois de galgar extensa lombada, se constringe, de repente, em angustura estreita. Nada denuncia o desfiladeiro breve e mascarado pelos esgalhos tortuosos dos pés de umburanas, que se alevantam perto. É uma muralha de mármore silicoso pouco acima do chão, à maneira de barbacã grosseira, aberta ao meio por uma diáclase, rachando-a em postigo estreito. Ali não havia trincheiras. Eram dispensáveis. As espingardas, estendidas na crista daquele anteparo natural, varreriam colunas sucessivas. E se estas vingassem transpô-lo, o que pressupunha rara felicidade contra antagonistas de tal modo abrigados e batendo-as a salvo, tombariam surpreendidas, logo aos primeiros passos, em terreno impraticável quase.

Um fato geológico vulgar nos sertões do Norte, substituía, em seguida, estes acidentes, no criar idênticos empecilhos. Assim, transposta a passagem, o solo descai para o sítio da Várzea, aparentando travessia fácil mas realmente dificílima para uma tropa nas agitações do combate. Larga camada calcária derrama-se por ali, aspérrima, patenteando notável fenômeno de decomposição atmosférica. Broqueada de infinitas cavidades tangenciando-se em bordas de quinas vivas e cortantes, sarjada de sulcos fundos de longas arestas rígidas e finas, feito lâminas de facas; erriçada de ressaltos pontiagudos; duramente rugosa em todos os pontos; escavando-se salteadamente em caldeirões largos e brunidos, patenteia impressionadoramente o influxo secular dos reagentes enérgicos, que longamente a trabalham. Corroeram-na, e perfuraram-na, e minaram-na as chuvas ácidas das tempestades, depois das secas demoradas. Ela reflete, imóvel e corroída, a agitação revolta das tormentas.

Pisando naqueles estrepes unidos e fortes, estraçoar-se-iam as mais resistentes botas e não haveria resguardos para topadas e tombos perigosíssimos. O combate seria inexequível em tal lugar, onde caminhantes tranquilos só conseguiam avançar a um de fundo, por uma trilha intermediária levando à Várzea, embaixo – ampla bacia lastrada de fragmentos de sílex e

cingida de caatingas espessas. De sorte que em ali chegando, os invasores seriam inteiramente circulados de balas. E dado que conseguissem avançar, ainda teriam adiante, transcorrido um quilômetro, o aniquilamento inevitável. A estrada desaparece caindo dentro do rio Sargento, de leito sinuoso e fundo, e bordas nas quais rompem em grandes placas luzentes de cor azul-escura as camadas superpostas de um talcoxisto, riscadas de veios brancos de quartzo, alongando-se em certos pontos horizontalmente, quase de uma margem à outra, e dando a impressão de se passar por dentro de enorme encanamento em ruínas, conservando ainda, em vários trechos, restos da antiga abóbada desabada. Este fosso extenso que, como os demais das cercanias, não é um rio, mas um dreno transitoriamente cheio pelos enxurros que ele canaliza para o Vaza-Barris, substitui o caminho numa longura de meia légua. De uma e outra banda, apontando-lhe às margens, viam-se as trincheiras dos jagunços, pouco espaçadas, cruzando-lhe por cima os fogos, enfiando-o de esguelha ou batendo-o em cheio em todas as voltas.

Os três mil homens da coluna Artur Oscar, não lograriam atravessá-lo. A marcha pelo Rosário fora a salvação. As antecedentes expedições, seguindo sucessivamente pelo Uauá, pelo Cambaio, por Maçacará e pelo Rosário, variando sempre na rota escolhida, tinham feito crer aos sertanejos que a última, adotada a mesma norma, tomaria pelo caminho do Calumbi, que ainda se não trilhara. E se tal sucedesse nem um soldado chegaria a Canudos. Um desastre maior agravaria a campanha. Tinham-se contornado por acaso, na mais completa insciência daquelas disposições formidáveis, dificuldades sérias.

O tenente-coronel Siqueira de Meneses, na sua rota admirável e feita com vantagem, porque os jagunços refluindo para o arraial haviam largado aquelas posições, foi guarnecendo os principais pontos da estrada até Juá. Daí enveredou para o Cambaio. Atravessou-lhe os entrincheiramentos desguarnecidos, onde deixou, ocupando-os, uma ala do 22º. Passou pela lagoa do Cipó, onde alvejavam ossadas, recordando os morticínios da expedição Febrônio. Surpreendeu, aí, alguns piquetes inimigos, apresando-lhes treze cargueiros. E foi surgir na confluência do Mucuim, tomando de surpresa duas trincheiras inimigas ali existentes.

O sítio ampliara-se. Rasgara-se à mobilização das forças estrada rápida e segura. O seu trecho principal desde o rio Sargento ao sítio de Suçuarana, passando pela Várzea e Caxomongó, foi logo guarnecido pelos 33º, 16º e 28º batalhões, da 2ª brigada e uma ala do Batalhão Paulista.

Canudos tinha agora circuitando-o, do extremo norte ao sul, na Fazenda Velha, e daí para o ocidente, na ponta da estrada do Cambaio, um desmedido semicírculo de assédio.

Restavam apenas aos jagunços, no quadrante de noroeste, veredas do Uauá e Várzea da Ema.

Prefigurava-se próximo o termo da campanha.

II

Os novos expedicionários abalando de Monte Santo pela estrada recém-aberta, levavam um temor singularmente original: o medo cruelmente ansioso de não depararem mais um jagunço a combater. Certo iam encontrar tudo liquidado; e sentiam-se escandalosamente traídos pelos acontecimentos.

Partira em primeiro lugar, a 13 de setembro, a brigada dos corpos policiais do Norte, e tal precedência, oriunda exclusivamente de motivos de ordem administrativa, doera fundo no ânimo dos que compunham a brigada de linha, que marcharia alguns dias mais tarde, com o general Carlos Eugênio.

É que os rebeldes decaíam tanto todos os dias, tão cheios de reveses e repelidos dos melhores pontos de apoio, e tão enleados nas malhas constritoras do cerco, que cada hora passada era para o heroísmo retardatário crudelíssimo diminuir nas probabilidades de compartir as glorificações do triunfo.

A brigada nortista fez, por isto, um avançar vertiginoso, tropeando pelos caminhos desde o primeiro alvor da antemanhã e estacando somente quando as soalheiras queimosas esgotavam a soldadesca. A de linha encalçou-a, copiando a mesma celeridade, marchando aforradamente, aguilhoada identicamente pelo anelo doido de se medir, ao menos num recontro fugitivo, com aqueles pobres adversários.

E arrojando-se pelos caminhos, os campeadores – nutridos, garbosos e sãos – lá se iam de abalada demandando a cidadela de barro, havia três meses varrida pelos canhoneios, rota pelos assaltos, devorada pelos incêndios e defendida por uma guarnição única.

Ao alcançarem o sítio da Suçuarana, seis léguas distante de Canudos, reanimavam-se. Chegavam até lá soturnamente reboando, os estampidos da artilharia. Em Caxomongó, se o vento era de feição, distinguiam mesmo o crebro crepitar dos tiroteios...

Entretanto nessa alacridade guerreira despontavam ainda inopinados sobressaltos. A luta sertaneja não perdera por completo o traço misterioso, que conservaria até o fim. Avantajando-se no sertão, os sôfregos lutadores, à medida que se sentiam cada vez mais longe entre as chapadas ermas, passando pelos sítios tristonhos e destruídos – em pleno deserto – tinham entre as fileiras aguerridas irrefreáveis frêmitos de espanto. Fui testemunha de um deles.

A brigada do coronel Sotero chegara no terceiro dia de marcha, a 15 de setembro, ao sítio de Caxomongó, à entrada da zona perigosa. A escala para quem vinha de Boa Esperança, numa várzea desimpedida rodeada de pinturescas serranias, ou da Suçuarana, à borda de uma ipueira farta, era estéril e lúgubre. O terreno, de grés vermelho e grosseiro, de estratos exageradamente inclinados de 45°, absorvendo logo, em virtude de tal disposição, as raras chuvas que ali tombam, engravescera a dureza da caatinga.

O sítio, um pouso miserável, surge à borda do rio, e este, um valo de ribanceiras a prumo, altas de três metros, inteiramente entupido de pedras de todos os tamanhos, inteiramente seco, desaparece logo metendo-se entre colinas pouco altas e nuas.

A tropa ali chegou em plena manhã. Os dois corpos do Pará, disciplinados como os melhores de linha, e o do Amazonas, com o uniforme característico que adotara desde a Bahia: cobertos, oficiais e soldados, de grandes chapéus de palha de carnaúba, desabados, dando-lhes aparência de numeroso bando de mateiros.

Apesar da hora matinal, como encontrassem água bastante numa cacimba próxima, profundíssima e escura, lembrando a boca de uma mina, acamparam. Era a última escala. No outro dia atingiriam o arraial. A paragem morta reanimou-se então, de súbito, cheia de tendas e barracas, armas em sarilhos, e a animação ruidosa de 968 combatentes. Pelas margens do rio alteavam-se ingaranas altas, cruzando-lhe as ramagens ainda enfolhadas sobre o leito. Armaram-se por ali fora, suspensas, à maneira de redouças oscilantes nos galhos flexíveis, dezenas de redes.

E o dia derivou tranquilamente.

Nada havia a temer-se.

Desceu a noite. Ouvia-se, muito longe, ao norte, soturno e compassado, rolando surdamente no silêncio, o bombardeio de Canudos...

O inimigo ali constrito não tinha mais alentos para aventurosas algaras nos caminhos. A noite, como o dia, derivaria na mais completa placidez. Mas dado que aparecessem, os jagunços viriam ao encontro de ainda não satisfeito anelo.

E a tropa adormeceu cedo, em paz... para despertar toda, às 10 horas da noite, num abalo único.

Detonara, no flanco esquerdo, um tiro. Uma sentinela do cordão de segurança que se estendera em torno dos abarracamentos, lobrigara ou julgara lobrigar vulto suspeito deslizando na sombra; e disparara a espingarda. Era, certo, o inimigo anelado. Vinha como viera sobre outros expedicionários, de improviso, num arranco atrevido, e subitâneo, e célere.

Então sobre os que ansiavam tanto a medir-se com ele passou, alucinadoramente, a visão misteriosa da campanha. Avaliaram-na de perto. Dominou para logo os batalhões a hipnose de um espanto indescritível; estridularam cornetas, gritos de alarmas, brados de comandos; inquirições ansiosas; despencaram das redes, caindo sobre o lastro do rio, oficiais

surpresos, pulando-lhe, às tontas, as bordas; esbarrando-se; caindo; precipitando-se – espadas desembainhadas, revólveres erguidos – entre as fileiras que se alinhavam num longo crepitar de estalidos de baionetas armando-se. E desencadeou-se o tumulto. Pelotões e companhias formando-se ao acaso; quadrados precipitadamente feitos como esperando cargas de cavalaria; secções de armas cruzadas prontas a carregarem contra o vácuo; e entre as secções, e os pelotões, e as companhias, parte dos combatentes pervagando, correndo, em busca da formatura embaralhada...

Transcorridos minutos, os lutadores, presos de uma emoção que jamais imaginaram sentir, aguardavam o assalto. A brigada aparecia como uma longa esteira, revolta e coruscante, na onda luminosa do luar tranquilo e grande, que abrangia a natureza adormecida e quieta.

E fora um rebate falso...

Ao amanhecer extinguiam-se os temores. Volviam à impaciência heroica. Prosseguiam rápidos. Rompiam, intrêmulos, por dentro do valo sinuoso do rio Sargento, que desbordava numa enchente repentina de fardas. Galgavam logo adiante o morro desnudo cujas vertentes opostas abruptamente caíam para o vale de Umburanas. E tinham, de surpresa, na frente e embaixo, distante dois quilômetros – Canudos...

Era um desafogo. Lá estavam as duas igrejas derruídas fronteando-se na praça lendária: – a nova sem torres, alteando as paredes mestras arrombadas, fendidas de alto a baixo, num muradal cheio de entulhos; a velha em ruínas e denegrida, sem fachada, erguendo um pedaço do campanário derruído, onde o fantástico sineiro tantas vezes apelidara os fiéis para a oração e para o combate. Em volta a casaria unida. Tinham chegado a tempo. Já agora não lhes faltaria a meia ração de glória disputada. Entravam ovantes pelo acampamento, num belo aprumo de candidatos à História, procurando o leito sanguinolento e fácil.

O acampamento mudara; perdera a aparência revolta dos primeiros dias. Era como um outro arraial despontando a ilharga de Canudos. Atravessando o leito vazio do Vaza-Barris, os recém-vindos enveredavam por uma sanga flexuosa; topavam, a meio caminho, à direita, entranhado em larga reentrância, vasto alpendre coberto de couro – o hospital de sangue; – e a breve trecho atingiam a tenda do comandante-geral.

Nesse trajeto viam-se dentro de um novo povoado.

Havia-se reconstruído o bairro conquistado. De uma e outra banda do caminho, erectas ao viés das encostas, arruadas ou acumuladas pelos vales diminutos, pintalgando, numerosas e esparsas, o tom pardo dos abarracamentos, sucediam-se pequenas casas de aspecto original e festivo – feitas todas de folhagens, tetos e paredes verdes de ramas de juazeiros, de

forma singularmente imprópria aos habitadores. Mas eram as únicas ajustáveis ao meio. A canícula abrasante, transmudando as barracas em fornos adurentes, inspirara aquela arquitetura bucólica e primitiva.

Nada que denunciasse, ao primeiro lance de vistas, a estadia de um exército. Tinha-se a impressão de chegar em vilarejo suspeito dos sertões. E encontrando-se os primeiros povoadores – homens à paisana, mal compostos, arrastando espadas e sobraçando espingardas; na maior parte cobertos de chapéus de couro com presilhas; descalços ou calçando alpercatas; e, num ou noutro ponto, mulheres maltrapilhas cosendo tranquilamente às portas ou passando arcadas sob achas de lenha, completava-se a ilusão. O estranho entrava a desconfiar que um engano na rota o havia desnorteado para o meio dos jagunços – até atingir a tenda do general, mais longe. Galgado o cerro em cujo sopé esta se erigia, chegava-se, no topo, à comissão de engenharia, em casebre que não fora destruído; e metido o olhar pelos resquícios das paredes espessadas de rachões de pedra, via-se, de perto, dali cem metros, a praça das igrejas. Estava-se sobre a encosta que tinha à base as paliçadas e palancas do trecho mais perigoso do sítio, centralizado pelo 25º batalhão – a *linha negra* – lado por onde entrara mais fundo nos flancos do arraial o assalto de 18 de julho. Volvendo à esquerda, sob o anteparo da linha descontínua de choupanas por ali dispersas, passava-se, dados mais alguns passos, pelo quartel-general da 1ª Coluna. Descia-se a vertente sul seguindo por um releixo coleante, tendo à meia encosta, noutro casebre exíguo, o da 2ª. Chegava-se à repartição do Quartel-Mestre-General e acampamento do Batalhão Paulista, embaixo, numa planura arenosa, que o Vaza-Barris alaga nas enchentes. Continuando a rota, depois de atravessar o leito daquele sob o abrigo do espaldão de pedra, abarreirando-o de uma margem à outra e guarnecido pelo 26º, alcançava-se a tranqueira extrema do cerco prolongada pelo 5º da Bahia distendido na acanaladura funda do rio da Providência. Dali duzentos metros, atentando para a esquerda contemplava-se, alcandorada no alto, bojando na corcova da Fazenda Velha, à maneira de um baluarte pênsil – a trincheira Sete de Setembro.

Percorrendo desse modo a cercadura dos entrincheiramentos, os novos expedicionários tinham, nítida, a situação, traduzindo-se o exame feito num diluente do otimismo anterior. Aquele segmento do sítio era ainda escasso se o defrontavam com a amplitude do arraial. Este surpreendia-os. Afeitos às proporções exíguas das cidades sertanejas, tolhiças e minúsculas, assombrava-os aquela Babilônia de casebres, avassalando colinas.

Canudos tinha naquela ocasião – foram uma a uma contadas depois – cinco mil e duzentas vivendas; e como estas, cobertas de tetos de argila vermelha, mesmo nos pontos em que se erigiam isoladas mal se destacavam, em relevo, no solo, acontecia que as vistas, acomodadas em princípio ao acervo de pardieiros compactos em torno da praça, se iludiam, avolumando-a desproporcionalmente. A perspectiva era empolgante. Agravava-a o tom misterioso do lugar. Repugnava admitir-se que houvesse ali embaixo tantas

vidas. A observação mais afincada, quando transitório armistício a permitia, não lograva distinguir um vulto único, a sombra fugitiva de um homem; e não se ouvia o rumor mais fugaz. Lembrava uma necrópole antiga ou então, confundidos todos aqueles tetos e paredes no mesmo esboroamento, – uma cata enterroada e enorme, roída de erosões, abrindo-se em voçorocas e pregueando-se em algares.

Que o observador, porém, não avultasse demais sobre o parapeito: as balas ressaltando a súbitas, de baixo, revelavam-lhe, de pronto, a população entocada. Bastava que um disparo qualquer, a qualquer hora, atroasse o alto do morro para que dali refluísse, inevitável, o revide imediato. Porque os jagunços se não tinham mais a iniciativa dos ataques replicavam com o vigor antigo. Exauriam-se sem perder o aprumo, timbrando no disfarçar quaisquer sintomas de enfraquecimento. Compreendia-se, no entanto, que este era completo. Objetivavam-no os próprios escombros em que se entaliscavam, ocultos. Além disso lá não estava apenas uma guarnição de valentes incorrigíveis. Havia mulheres e crianças sobre que rolavam durante três meses massas de ferro e de chamas, e elas punham muitas vezes no fragor das refregas a nota comovedora do pranto.

Dias antes um *shrapnel* arrojado da Favela, e que passara beirando as cimalhas da igreja nova, arrebentara dentro do casario anexo à latada das orações. E dali ascendera imediatamente uma réplica cruel perturbando os artilheiros do coronel Olímpio: um longo e indefinível choro; assonância dolorosíssima de clamores angustiosos, fazendo que o canhoneio cessasse à voz austera e comovida daquele comandante...

Assim, duplamente bloqueados, entre milhares de soldados e milhares de mulheres – entre lamentações e bramidos, entre lágrimas e balas – os rebeldes se renderiam de um momento para outro. Era fatal. A segurança do pleito já dera mesmo ensanchas a grandes temeridades. Um sargento do 5º de artilharia por duas vezes se aventurara, à noite, a atravessar todo o largo penetrando no templo em ruínas e atirando lá dentro duas bombas de dinamite, que não explodiram. Um alferes do 25º, dias depois, copiando-lhe o arrojo, lançara fogo aos restos da igreja velha, que ardera toda.

De sorte que os lutadores vindo noviciar na pendência desigual, cientes destas coisas, recaíam na preocupação primitiva: que o inimigo *in extremis* tivesse ainda fôlego para lhes facultar desdobrassem o destemor e a força. A musculatura de ferro das brigadas novas, ansiava a medir-se com o espernear da insurreição. Os que ali estavam havia tantos meses tinham glórias demais. Fartos, impando de triunfos e agora, mercê dos comboios diários, com a subsistência garantida, julgavam inútil despender mais vidas para que se apressasse a rendição inevitável. Quedavam numa mornidão irritante.

O acampamento, afora os intervalos, que se tornavam maiores, dos assaltos, tinha a placabilidade de uma pequena povoação bem policiada. Nada que recordasse a campanha feroz. Na sede da comissão de engenharia o general Artur Oscar, com a atração irresistível de um temperamento franco e jovial,

centralizava longas palestras. Discorria-se sobre assuntos vários de todo opostos à guerra: casos felizes d'antanho, anedotas hílares, ou então alentadas discussões sobre política geral. Enquanto observadores tenazes, num invejável apego à ciência, registravam, hora por hora, pressões e temperaturas; inscreviam, invariável, um zero na nebulosidade do céu; e consultavam muito graves o higrômetro. Na farmácia militar, estudantes em férias forçadas riam ruidosamente e recitavam versos; e pelas paredes ralas de todas as choupanas ridentes, de folhagens pintalgadas de flores murchas de juazeiros, transudavam vozes e risos dos que lá dentro não tinham temores, que lhes agourentassem as horas ligeiras e tranquilas. As balas que passavam, raras, repelidas pelas cristas dos cerros em trajetórias altas, eram inofensivas. Ninguém as percebia mais. Eram, indicava-o a precisão rítmica com que estalavam ou esfuziavam nos ares, lançadas por atiradores certos, que em Canudos parecia estarem apostados a lembrar os sitiantes que o sertanejo velava. Mas não impressionavam, embora algumas, em trajetórias baixas, batessem no pano das barracas em vergastadas rijas; como não impressionavam mais os tiroteios fortes, que ainda surgiam, às vezes, inopinadamente, à noite.

Acampamento dentro de Canudos

A vida normalizara-se naquela anormalidade. Despontavam peripécias extravagantes. Os soldados da linha negra, na tranqueira avançada do cerco, travavam, às vezes, noite velha, longas conversas com os jagunços. O interlocutor da nossa banda subia à berma da trincheira e, voltado para a praça, fazia ao acaso um reclamo qualquer, enunciando um nome vulgar, o primeiro

que lhe acudia ao intento, com voz amiga e lhana, como se apelidasse algum velho camarada; e invariavelmente, do âmago da casaria ou, de mais perto, de dentro dos entulhos das igrejas, lhe respondiam logo, com a mesma tonalidade mansa, dolorosamente irônica. Entabulava-se o colóquio original através das sombras, num reciprocar de informações sobre tudo, do nome de batismo, ao lugar do nascimento, à família e às condições da vida. Não raro a palestra singular derivava a coisas escabrosamente jocosas e pelas linhas próximas, no escuro, ia rolando um cascalhar de risos abafados. O diálogo delongava-se até apontar a primeira divergência de opiniões. Salteavam-no, então, de lado a lado, meia dúzia de convícios ríspidos, num calão enérgico. E logo depois um ponto final – a bala...

Os soldados do 5º de polícia, malgrado o ilusório abrigo dos espaldões de terra, que os acobertavam, matavam o tempo, em descantes mitigando saudades dos rincões do São Francisco. Se a fuzilaria apertava, pulavam de arremesso aos planos de fogo; batiam-se como demônios, terrivelmente, freneticamente, disparando as carabinas; e tendo nas bocas, ressoantes, cadenciadas a estampidos, as rimas das trovas prediletas. Baqueavam, alguns, cantando; e aplacada a refrega volviam ao folguedo sertanejo, ao toar langoroso das tiranas, aos rasgados nos machetes, como se fosse aquilo uma rancharia grande de tropeiros felizes, sesteando.

Toda a gente se adaptara à situação. O espetáculo diário da morte dera-lhe a despreocupação da vida. Os antigos lutadores andavam por fim pelo acampamento inteiro, da extrema direita à extrema esquerda, sem as primitivas cautelas. Ao chegarem aos altos expostos mal estugavam o passo ante os projetis, que lhes caíam logo à roda, batendo, ríspidos, no chão. Riam-se dos recém-vindos inexpertos, que transpunham os pontos enfiados, retransidos de sustos, correndo, encolhidos, quase de cócoras, num agachamento medonhamente cômico; ou que não refreavam sobressaltos ante a bala que esfuziava perto, riscando um assovio suavíssimo nos ares, como um *psiu* insidiosamente acariciador da morte; ou que não tolhiam interjeições vivas ante incidentes triviais – dois, três ou quatro moribundos, diariamente removidos dos pontos avançados.

Alguns estadeavam o charlatanismo da coragem. Um esnobismo lúgubre. Fardados – vivos dos galões irradiantes ao Sol, botões das fardas rebrilhando – quedavam numa aberta qualquer livremente devassada ou aprumavam-se, longe, no cabeço desabrigado de um cerro distante dois quilômetros do arraial, para avaliarem o rigor da mira dos jagunços em alcance máximo. Calejara-os a luta. Narravam aos novos companheiros, insistindo muito nos pormenores dramáticos, as provações sofridas. Os episódios sombrios da Favela com o seu cortejo temeroso de combates e agruras. Os longos dias de privações que vitimavam os próprios oficiais, um alferes, por exemplo, morrendo embuchado, ao desjejuar com punhados de farinha após três dias de fome. As lides afanosas das caçadas aos cabritos ariscos ou das colheitas de frutos avelados nos arbustos mortos. Todos os incidentes. Todas as minúcias. E

concluíam que o que restava fazer era pouco – um magro respigar no rebotalho da seara guerreira inteiramente ceifada – porque o antagonista desairado e frágil estertorava agonizando. Aquilo era agora um passatempo ruidoso, e nada mais.

A divisão auxiliar, porém, não podia ater-se a papel tão secundário: fazer trinta léguas de sertão, apenas para contemplar – espectadora inofensiva e armada dos pés à cabeça – o perdimento do arraial cedendo a pouco e pouco àquele estrangulamento vagaroso, sem a movimentação febril e convulsiva de uma batalha...

III

Mas o bloqueio, incompleto e com extenso claro ao norte, não reduzira o inimigo aos últimos recursos. Os caminhos para a Várzea da Ema e o Uauá estavam francos, subdividindo-se multívios pelas chapadas em fora, para a extensa faixa do São Francisco, atravessando rincões de todo desconhecidos, até atingirem os insignificantes lugarejos marginais àquele rio, entre Xorroxó e Santo Antonio da Glória. Por ali chegavam pequenos fornecimentos e poderiam entrar, à vontade, novos reforços de lutadores. Porque se dirigiam precisamente nos rumos mais favoráveis, atravessando vasto trato de um território que é o núcleo onde se ligam e se confundem os fundos dos sertões de seis estados, da Bahia ao Piauí.

Desse modo formavam aos sertanejos, a melhor saída, levando-os à matriz em que se haviam gerado todos os elementos da revolta. Em último caso, eram um escape à salvação. A população, trilhando-os, mal seria perseguida nas primeiras léguas, na pior alternativa. Abrigá-la-ia – impérvio e indefinido – o deserto.

Não o fez, porém, embora sentisse acrescida, em torno, a força dos adversários, coincidindo-lhe com o próprio deperecimento. Haviam desaparecido os principais guerrilheiros: Pajeú, nos últimos combates de julho; o sinistro João Abade, em agosto; o ardiloso Macambira, recentemente; José Venâncio e outros. Restavam como figuras principais Pedrão, o terrível defensor de Cocorobó, e Joaquim Norberto, guindado ao comando pela carência de outros melhores. Por outro lado, escasseavam os mantimentos e acentuava-se cada vez mais o desequilíbrio entre o número de combatentes válidos, continuamente diminuído e o de mulheres, crianças, velhos, aleijados e enfermos, continuamente crescente. Esta maioria imprestável tolhia o movimento dos primeiros e reduzia os recursos. Podia fugir, escoar-se a pouco e pouco, em bandos diminutos, pelas veredas que restavam deixando aqueles desafogados e forrando-se ao último sacrifício. Não o quis. De moto próprio todos os seres frágeis e abatidos, certos da própria desvalia, se devotaram a quase completo jejum, em prol dos que os defendiam. Não os deixaram.

A vida no arraial tornou-se então atroz. Revelaram-na depois miséria, o abatimento completo e a espantosa magreza de seiscentas prisioneiras. Dias de angústias indescritíveis foram suportados diante das derradeiras portas abertas para a liberdade e para a vida. E permaneceriam para todo o sempre inexplicáveis, se, mais tarde, os mesmos que os atravessaram não revelassem a origem daquele estoicismo admirável. É simples.

Falecera a 22 de setembro Antonio Conselheiro.

Ao ver tombarem as igrejas, arrombado o Santuário, santos feitos em

estilhas, altares caídos, relíquias sacudidas no encaliçamento das paredes e – alucinadora visão! – o Bom Jesus repentinamente a apear-se do altar-mor, baqueando sinistramente em terra, despedaçado por uma granada, o seu organismo combalido dobrou-se ferido de emoções violentas. Começou a morrer. Requintou na abstinência costumeira, levando-a a absoluto jejum. E imobilizou-se certo dia de bruços, a fronte colada à terra, dentro do templo em ruínas.

Ali o encontrou numa manhã Antonio Beatinho.

Estava rígido e frio, tendo aconchegado do peito um crucifixo de prata.

Ora, este acontecimento – capital na história da campanha – e de que parecia dever decorrer o seu termo imediato, contra o que era de esperar aviventou a insurreição. É que, gizada talvez pelo espírito astucioso de algum cabecilha, que prefigurara as consequências desastrosas do fato, ou, o que se pode também acreditar, nascida espontaneamente da hipnose coletiva, logo que a beataria impressionada notou a falta do apóstolo, embora este nos últimos tempos aparecesse raras vezes – se divulgou extraordinária notícia.

Relataram-na depois, ingenuamente, os vencidos:

Antonio Conselheiro seguira em viagem para o céu. Ao ver mortos os seus principais ajudantes e maior o número de soldados, resolvera dirigir-se diretamente à Providência. O fantástico embaixador estava àquela hora junto de Deus. Deixara tudo prevenido. Assim é que os soldados, ainda quando caíssem nas maiores aperturas, não podiam sair do lugar em que se achavam. Nem mesmo para se irem embora, como das outras vezes. Estavam chumbados às trincheiras. Fazia-se mister que ali permanecessem para a expiação suprema, no próprio local dos seus crimes. Porque o profeta volveria em breve, entre milhões de arcanjos descendo – gládios flamívomos coruscando na altura – numa revoada olímpica, caindo sobre os sitiantes, fulminando-os e começando o Dia do Juízo...

Desoprimiram-se todas as almas; dispuseram-se os crentes para os maiores tratos daquela penitência, que os salvava; e nenhum deles notou que logo depois, sob pretextos vários, alguns incrédulos, e entre eles Vila-Nova, abandonavam a povoação, tomando por ignoradas trilhas.

Saíam ainda em tempo. Eram os últimos que escapavam porque no dia 24 a situação mudou.

Logo ao alvorecer enquanto a esquerda da linha e os canhões da Favela iniciavam renhido ataque atraindo para aquele lado a atenção do inimigo, o tenente-coronel Siqueira de Meneses, seguido pelos 24º, 38º e 32º batalhões de linha, comandados pelo major Henrique de Magalhães, capitão Afonso Pinto de Oliveira e tenente Joaquim Potengi; o do Amazonas; a ala direita do de São Paulo, guiada pelo major José Pedro de Oliveira; e um contingente de cavalaria

ao mando do alferes Pires de Almeida – abalara para o segmento ainda desguarnecido do assédio, assaltando os pequenos contingentes que o guarneciam dentro das últimas vivendas, que se derramavam, esparsas, por aquela banda.

Os jagunços não contavam que fossem até lá. Era o ponto de Canudos diametralmente oposto à Fazenda Velha e mais distante da primitiva frente do assalto.

Via-se ali um subúrbio novo, as Casas Vermelhas, erecto depois do fracasso da 3ª expedição, e nele edificações mais corretas, cobertas, algumas, de telhas. Não estava guarnecido convenientemente. Faltavam-lhe as trincheiras-abrigos, que abrolhavam tão numerosas noutros pontos, e, circunstância na emergência desastrosa para os rebeldes, todas as vivendas pelo fato de serem as mais remotas se atestavam de mulheres e crianças.

A força tendo à vanguarda o 24º, marchando pelo leito do rio, caiu-lhes em cima e varejou-as em minutos. Como em geral acontecia, os guerrilheiros viram-se tolhidos na balbúrdia do mulherio medroso. Entretanto não cederam desde logo a posição. Recuaram, resistindo; e acompanhando-os os soldados foram embrenhando-se nas vielas.

Tomando a ofensiva, reeditavam episódios inevitáveis. Enfiavam as espingardas pelos tabiques de taipa, disparando-as, a esmo, para dentro; arrombavam-nos depois a coronhadas; e sobre a acendalha de trapos e móveis miseráveis, atiravam fósforos acesos. Os incêndios deflagravam, abrindo-lhes caminho. Adiante recuava o sertanejo, recuando pelos cômodos escusos. Aqui, ali, destacadamente uma resistência estupenda de um ou outro, jogando alto a vida. Um deles, abraçado pela esposa e a filha, no momento em que a porta da choupana se escancarou, estrondada em lascas, atirou-as rudemente de si: assomou de um salto ao limiar e abateu, num revide terrível, o primeiro agressor que deparou, um alferes, Pedro Simões Pinto, do 24º. Baqueou logo, circulado pelos soldados, a cutiladas. E ao expirar teve uma frase lúgubre: “Ao menos matei um...”.

Outro distraiu os soldados. Episódio truanesco e medonho: num recanto da saleta invadida, caído de banda, sem alento sequer para sentar-se, adelgaçado de magreza extrema, um curiboca velho, meio desnudo, revestido de esparadrapos, forcejava por disparar uma lazarina antiga. Sem forças para aperrá-la, levantava-a a custo. Deixava-a logo descair nos braços frouxos, desesperado, refegada a face ossuda, num esgar de cólera impotente. As praças rodearam-no um momento; e seguiram num coro estrepitoso de risadas.

Mas este resistir a todo o transe, em que entravam os próprios moribundos, cortou-lhes, afinal, o passo. Em pouco tempo tiveram treze baixas. Além disto o adversário recuava, mas não fugia. Ficava na frente, a dois passos, na mesma vivenda, no cômodo próximo, separado por alguns centímetros de taipa. Estacaram. Para não perderem o avançamento feito abarreiraram, com os móveis e destroços das casas, toda a frente da posição. Era o processo usual e obrigatório.

Defronte não havia terreno neutro. O jagunço ficava colado – indomável – na escarpa oposta do parapeito, vigilante, tenteando a pontaria.

Esta refrega, atroando ao norte, ecoava no acampamento, alarmando-o. Atestadas de curiosos, todas as casinhas adjacentes à comissão de engenharia formavam a plateia enorme para a contemplação do drama. Assestavam-se binóculos em todos os rasgões das paredes. Aplaudia-se. Pateava-se. Estrugiam bravos. A cena – real, concreta, iniludível – aparecia-lhes aos olhos como se fora uma ficção estupenda, naquele palco revolto, no resplendor sinistro de uma gambiarra de incêndios. Estes progrediam constrangidos, ao arrepio do sopro do nordeste, esgarçando-lhes a fumarada amarelenta, ou girando-a em rebojos largos em que fulguravam e se diluíam listrões fugazes de labaredas. Era o sombreado do quadro, abrangendo-o de extremo a extremo e velando-o de todo, às vezes, como o telão descido sobre um ato de tragédia.

Nesses intervalos desaparecia o arraial. Desaparecia inteiramente a casaria. Diante dos espectadores estendia-se, lisa e pardacenta, a imprimadura, sem relevos, do fumo. Recortava-a, rubro e sem brilhos, – uma chapa circular em brasa – um Sol bruxuleante, de eclipse. Rompia-a, porém, de súbito, uma lufada rija. Pelo rasgão enorme, de alto a baixo aberto, divisava-se uma nesga do arraial – bandos estonteados de mulheres e crianças correndo para o sul, em tumulto, indistintos entre as folhagens secas da latada. As baterias da Favela batiam-nos de frente. Os grupos miserandos, entre dois fogos, fustigados pela fuzilaria, repelidos pelo canhoneio, desapareciam, por fim, entaliscados nos escombros, ao fundo do Santuário. Ou escondiam-nos outra vez, promanando da combustão lenta e inextinguível e rolando vagarosamente sobre os tetos, os novelos do fumo, compactos, em cúmulos, alongando-se pelo solo, empolando-se na altura, num tardo ondular de grandes vagas silenciosas, adensando-se e desfazendo-se à feição dos ventos; chofrando a frontaria truncada da igreja nova, deixando lobrigar-se um pedaço de muramento esboroado, e encobrindo-o logo; dissolvendo-se adiante sobre um trecho deserto do rio; espraiando-se mais longe, delidos, pelo topo dos outeiros...

As vistas curiosas dos que pelo próprio afastamento não compartiam a peleja, coavam-se naquele cendal de brumas. E quando estas se adunavam impenetráveis, em toda a cercadura de camarotes grosseiros do monstruoso anfiteatro explodiam irreprimíveis clamores de contrariedades e desapontamentos de espectadores frenéticos, agitando os binóculos inúteis, procurando adivinhar o enredo inopinadamente encoberto.

Porque a ação se delongava. Delongava-se anormal, sem o intermitir das descargas intervaladas, o tiroteio cerrado e vivo, crepitando num estrepitar estrídulo de tabocas estourando nos taquarais em fogo. De sorte que por vezes pairava no ânimo dos que o escutavam, ansiosos, o pensamento de uma sortida feliz dos sertanejos, saindo pelas tranqueiras rotas ao norte. Os ecos dos estampidos, variando de rumos, torcidos em ricochete pelos flancos das colinas, subindo de intensidade no nevoeiro compacto, desviavam-se. Estalavam-lhes perto, à direita e à retaguarda, dando a ilusão de um ataque do

inimigo escapo e precipitando-se, em tropel, num revide repentino. Trocavam-se ordens precípites. Formavam-se os corpos de reserva. Cruzavam-se inquirições comovidas...

Ouvia-se, porém, longínquo, um ressoar de brados e vivas. Corria-se aos mirantes acasamatados. Retomavam-se os binóculos. Uma rajada corria, em sulco largo e límpido, pela cerração dentro, talhando-a de meio a meio, e desvendando de novo o cenário.

Era um desafogo. Vozeavam aclamações e aplausos. Os jagunços recuavam.

Por fim se viu, estirando-se até ao caminho do Cambaio, uma linha de bandeirolas vermelhas.

Estava bloqueado Canudos.

A nova chegou em pouco ao acampamento de onde largaram, à espora fita, correios para Monte Santo, levando-a, para que de lá o telégrafo a espalhasse no país inteiro.

Circuitava agora toda a periferia do povoado uma linha interrompida de tranqueiras, nos intervalos das quais não havia escoar-se mais um único habitante: a leste, o centro do acampamento; à retaguarda da linha negra, centralizada pela 3ª brigada; ao norte, as posições recém-expugnadas, alongando-se guarnecidas sucessivamente pelo 31º, ala esquerda do 24º, 38º, ala direita do Batalhão Paulista e o 32º, de infantaria, cortando as estradas do Uauá e a Várzea da Ema; em todo o quadrante do noroeste, guarnições espaçadas, ladeando o redente artilhado no extremo da vereda do Cambaio; a Favela e o baluarte dominante da Sete de Setembro, ao sul.

Ainda que em fragmentos, traçara-se a curva fechada do assédio real, efetivo.

A insurreição estava morta.

ÚLTIMOS DIAS

I O estrebuchar dos vencidos. Os prisioneiros.

II Depoimento de uma testemunha.

III Titãs contra moribundos. Em torno das cacimbas. Sobre os muradais da igreja nova.

IV Passeio dentro de Canudos.

V O assalto. Notas de um diário.

VI O fim. Crânio do Conselheiro.

VII Duas linhas.

I

Sucedeu, então, um fato extraordinário de todo em todo imprevisto.

O inimigo desairado revivesceu com vigor incrível. Os combatentes, que o enfrentavam desde o começo, desconheceram-no. Haviam-no visto, até aquele dia, astucioso, negaceando na maranha das tocaias, indomável na repulsa às mais valentes cargas, sem par na fugacidade com que se subtraía aos mais improvisos ataques. Começaram a vê-lo heroico.

A constrição de milhares de baionetas circulantes, estimulara-o, enrijara-o; e dera-lhe, de novo, a iniciativa nos combates. Estes principiaram desde 23, insistentes como nunca, sulcando todos os pontos, num rumo girante, estonteador, batendo, trincheira por trincheira, toda a cercadura do sítio.

Era como uma vaga revolta, desencadeando-se num tumulto de voragem. Repelida pelas tranqueiras avançadas de leste, refluía numa esteira fulgurante de descargas na direção do Cambaio; arrebentava nas encostas que ali descem, clivosas, para o rio; recebia, em cima e em cheio, a réplica das guarnições que as encimavam, e rolava, envesgando para o norte, acachoando dentro do álveo do Vaza-Barris, até se despedaçar de encontro às paliçadas que naquele sentido o represavam; volvia vertiginosamente ao sul; viam-na ondular, célere e agitante, por dentro do arraial, atravessando-o, e logo depois marulhar, recortada de tiros, na base dos primeiros esporões da Favela; saltava de novo para o leste, torcida, embaralhada, estrepitosa – e batia a esquerda do 5º da Bahia; era repelida: caía adiante sobre a barreira do 26º, era repelida; retraía-se daquele ponto para o centro da praça, inflectindo, serpeante, rápida, e quebrava-se, um minuto depois, sobre a linha negra; passava indistinta, mal vista ao clarão fugaz das fuzilarias, e corria mais uma vez para o norte, chofrando os mesmos pontos, repulsada sempre e atacando sempre, num remoinhar irreprimível e rítmico de ciclone... Parava. Súbita quietude substituía o torvelinho furioso. Absoluto silêncio descia sobre os dois campos. Os sitiantes deixavam a formatura do combate.

Mas repousavam alguns minutos breves.

Um estampido atroava na igreja nova, e viam-se-lhe sobre as cimalhas fendidas, engrimponados nas pedras vacilantes, vultos erradios, cruzando-se, mal firmes sobre escombros, correndo numa ronda douda. Tombavam-lhes logo em cima, revessadas de todos os trechos artilhados, lanternetas desabrolhando em balas. Não as suportavam. Desciam, em despenhos e resvalos de símios, daqueles muradais. Perdiam-se nos pardieiros próximos ao Santuário. E ressurgiam, inopinadamente, junto de um ponto qualquer da linha. Batiam-no, eram repelidos; atacavam as outras trincheiras anexas, eram repelidos; caíam sobre as que se sucediam, e prosseguiam no giro, arrebatados

na rotação enorme dos assaltos.

Os que na véspera desdenhavam o adversário entaipado naqueles casebres, assombravam-se. Como nos maus dias passados, mais intensamente ainda, jugulou-os o espanto.

Cessaram os desafios imprudentes. Determinou-se, de novo, que não soassem as cornetas. Só havia um toque possível – o de alarma – e este o inimigo eloquentemente o dava.

Despovoaram-se os cerros. Terminou o fanfarrear dos que por ali se estadeavam, desafiando tiros. Valentes de fama, premunidos de cautelas, fraldejavam-nos, às rebatinhas pelas passagens cobertas, curvando-se; e transpondo aos pinchos os pontos enfiados. Tornaram-se outra vez dificílimas as comunicações. Os comboios desde que apontavam ao sul, na crista dos morros, pela estrada do Calumbi, começavam a ser alvejados; desciam-nos precípites e alguns comboieiros vinham cair feridos no último passo, à entrada do acampamento.

A situação tornou-se, de repente, inaturável.

Não se compreendia que os jagunços tivessem ainda, após tantos meses de luta, tanta munição de guerra. E não a poupavam. Em certas ocasiões, no mais agudo dos tiroteios, pairava sobre os abarracamentos um longo uivar de ventania forte.

Projetis de toda a espécie, sibilos finos de Mannlicher e Mauser, zunidos cheios e sonoros de Comblain, rechinos duros de trabucos, rijos como os de canhões-revólveres, transvoando a todos os pontos: sobre o âmbito das linhas; sobre as tendas próximas aos quartéis-generais; sobre todos os morros até ao colo abrigado da Favela, onde sesteavam cargueiros e feridos; sobre todas as trilhas; sobre o álveo longo e tortuoso do rio e sobre as depressões mais escondidas; resvalando com estrondo pela tolda de couro da alpendrada do hospital de sangue e despertando os enfermos retransidos de espanto; despedaçando vidros na farmácia militar, anexa; varando, sem que se explicasse tal abatimento de trajetória, as choupanas de folhagens, a um palmo das redes, de onde pulavam, surpreendidos, combatentes exaustos; percutindo, como pedradas rijas, as paredes espessas dos casebres da comissão de engenharia e quartel-general da 1ª Coluna; zimbrando, em sibilos de vergastas, o pano das barracas; e fora das barracas, dos casebres, dos toldos, das tendas, estralando, ricochetando, ressaltando, desparzindo nos flancos das colinas, sobre as placas xistosas, quebrando-as e esfarelando-as em estilhas, numa profusão incomparável de metralha...

A luta atingia febrilmente o desenlace da batalha decisiva que a remataria. Mas aquele paroxismo estupendo acobardava os vitoriosos.

Chegaram no dia 24 os primeiros prisioneiros.

Voltando triunfante, a tropa, que a princípio colhera em caminho meia dúzia de crianças, de quatro a oito anos, por ali dispersas e tolhidas de susto, ao esquadrinhar melhor os casebres conquistados encontrara algumas mulheres e alguns lutadores, feridos.

Estes últimos eram poucos e vinham em estado deplorável: trôpegos, arrastados, exaustos.

Um suspenso pelas axilas entre duas praças, meio desmaiado, tinha, diagonalmente, sobre o peito nu, a desenhar-se num recalque forte, a lâmina do sabre que o abatera. Outro, o velho curiboca desfalecido que não vingara disparar a carabina sobre os soldados, parecia um desenterrado claudicante. Ferido, havia meses, por estilhaços de granada, no ventre, ali tinha dois furos, de bordos vermelhos e cicatrizados, por onde extravasavam os intestinos. A voz morria-lhe na garganta, num regougo opresso. Não o interrogaram. Posto à sombra de uma barraca continuou na agonia, que o devorava, talvez havia três meses.

Algumas mulheres fizeram revelações: Vila-Nova seguira, na véspera para a Várzea da Ema. Sentia-se já há tempos, fome no arraial, sendo quase todos os mantimentos destinados aos que combatiam; e revelação mais grave, o Conselheiro não aparecia desde muito.

Ainda mais, trancadas todas as saídas, começara para todos, lá dentro, o suplício crescente da sede.

Não iam além as informações. Os que as faziam inteiramente sucumbidos, mal respondiam às perguntas. Um único não refletia na postura abatida as provações que vitimavam os demais. Forte, de estatura meã e entroncada – espécimen sem falhas desses hércules das feiras sertanejas, de ossatura de ferro articulando em juntas nodosas e apontando em apófises rígidas – era, tudo o revelava, um lutador de primeira linha, talvez um dos guerrilheiros acrobatas que se dependuravam ágeis nos dentilhões abalados da igreja nova. Primitivamente branco, requeimara-se-lhe inteiramente o rosto, mosqueado de sardas. Pendia-lhe à cintura, oscilante, batendo abaixo do joelho, a bainha vazia de uma faca de arrasto. Fora preso em plena refrega. Conseguira derribar, num arremessão valente, três ou quatro praças, e lograria escapar se não caísse, tonto, ferido de esconso por uma bala na órbita esquerda. Entrou, jugulado como uma fera, na tenda do comandante da 1ª Coluna. Ali o largaram. O resfôlego precípite arguia o cansaço da luta. Alevantou a cabeça e o olhar singular que lhe saía dos olhos – um cheio de brilhos, outro cheio de sangue – assustava. Tartamudou, desajeitadamente, algumas frases mal percebidas. Tirou o largo chapéu de couro e, ingenuamente, fez menção de sentar-se.

Era a suprema petulância do bandido!

Brutalmente repelido, rolou aos tombos pela outra porta, escorjado sob punhos possantes.

Fora, passaram-lhe, sem que protestasse, uma corda de sedenho na garganta. E, levado aos repelões para o flanco direito do acampamento, o infeliz perdeu-se com os sinistros companheiros que o ladeavam no seio

misterioso da caatinga.

Chegando à primeira canhada encoberta, realizava-se uma cena vulgar. Os soldados impunham invariavelmente à vítima um viva à República, que era poucas vezes satisfeito. Era o prólogo invariável de uma cena cruel. Agarravam-na pelos cabelos, dobrando-lhe a cabeça, esgargalando-lhe o pescoço; e, francamente exposta a garganta, degolavam-na. Não raro a sofreguidão do assassino repulsava esses preparativos lúgubres. O processo era, então, mais expedito: varavam-na, prestes, a facão.

Um golpe único, entrando pelo baixo-ventre. Um destripamento rápido...

Tínhamos valentes que ansiavam por essas cobardias repugnantes, tácita e explicitamente sancionadas pelos chefes militares. Apesar de três séculos de atraso os sertanejos não lhes levavam a palma no estadear idênticas barbaridades.

II

Desvendemo-las rudemente.

Deponhamos.

O fato era vulgar. Fizera-se pormenor insignificante.

Começara sob o esporear da irritação dos primeiros reveses, terminava friamente feito praxe costumeira, minúscula, equiparada às últimas exigências da guerra. Preso o jagunço válido e capaz de aguentar o peso da espingarda, não havia malbaratar-se um segundo em consulta inútil. Degolava-se; estripava-se. Um ou outro comandante se dava o trabalho de um gesto expressivo. Era uma redundância capaz de surpreender.

Dispensava-a o soldado atreito à tarefa.

Esta era, como vimos, simples. Enlear ao pescoço da vítima uma tira de couro, num cabresto ou numa ponta de chiqueirador; impeli-la por diante; atravessar entre as barracas, sem que ninguém se surpreendesse; e sem temer que se escapasse a presa, porque ao mínimo sinal de resistência ou fuga um puxão para trás faria que o laço se antecipasse à faca e o estrangulamento à degola. Avançar até à primeira covanca profunda, o que era um requinte de formalismo: e, ali chegado, esfaqueá-la. Nesse momento, conforme o humor dos carrascos, surgiam ligeiras variantes. Como se sabia, o supremo pavor dos sertanejos era morrer a ferro frio, não pelo temor da morte se não pelas suas consequências, porque acreditavam que, por tal forma, não se lhes salvaria a alma.

Exploravam esta superstição ingênua. Prometiam-lhes não raro a esmola de um tiro, à custa de revelações. Raros as faziam. Na maioria emudeciam, estoicos, inquebráveis – defrontando a perdição eterna. Exigiam-lhes vivas à República. Ou substituíam essa irrisão dolorosa pelo chasquear franco e insultuoso de alusões cruéis, num coro hilar e bruto de facécias pungentes. E degolavam-nos, ou cosiam-nos a pontaços. Pronto. Sobre a tragédia anônima, obscura, desenrolando-se no cenário pobre e tristonho das encostas eriçadas de cactos e pedras, cascalhavam rinchavelhadas lúgubres, e os matadores volviam para o acampamento. Nem lhes inquiriam pelos incidentes da empresa. O fato descambara lastimavelmente à vulgaridade completa. Os próprios jagunços, ao serem prisioneiros, conheciam a sorte que os aguardava. Sabia-se no arraial daquele processo sumaríssimo e isto, em grande parte, contribuiu para a resistência douda que patentearam. Render-se-iam, certo, atenuando os estragos e o aspecto odioso da campanha, a outros adversários. Diante dos que lá estavam, porém, lutariam até à morte.

E quando, afinal jugulados, eram conduzidos à presença dos chefes militares, iam conformados ao destino deplorável. Revestiam-se de serenidade

estranha e uniforme, inexplicável entre lutadores de tão variados matizes, e tão discordes caracteres, mestiços de toda a sorte, variando, díspares, na índole e na cor.

Alguns se aprumavam, com altaneria incrível, no degrau inferior e último da nossa raça. Notemos alguns exemplos.

Um negro, um dos raros negros puros que ali havia, preso em fins de setembro, foi conduzido à presença do comandante da 1ª Coluna, general João da Silva Barbosa. Chegou arfando, exausto da marcha aos encontrões e do recontro em que fora colhido. Era espigado e seco. Delatava na organização desfibrada os rigores da fome e do combate. A magreza alongara-lhe o porte, ligeiramente curvo. A grenha, demasiadamente crescida, afogava-lhe a fronte estreita e fugitiva; e o rosto, onde o prognatismo se acentuara, desaparecia na lanugem espessa da barba, feito uma máscara amarrotada e imunda. Chegou em cambaleios. O passo claudicante e infirme, a cabeça lanzuda, a cara exígua, um nariz chato sobre lábios grossos, entreabertos pelos dentes oblíquos e saltados, os olhos pequeninos, luzindo vivamente dentro das órbitas profundas, os longos braços desnudos, oscilando – davam-lhe a aparência rebarbativa de um orango valetudinário.

Não transpôs a couceira da tenda.

Era um animal. Não valia a pena interrogá-lo.

O general de brigada João da Silva Barbosa, da rede em que convalescia de ferimento recente, fez um gesto. Um cabo de esquadra, empregado na comissão de engenharia e famoso naquelas façanhas, adivinhou-lhe o intento. Achegou-se com o baraço. Diminuto na altura, entretanto, custou a enleá-lo ao pescoço do condenado. Este, porém, auxiliou-o tranquilamente; desdeu o nó embaralhado; enfiou-o pelas próprias mãos, jugulando-se...

Perto, um tenente de estado-maior de primeira classe e um quintanista de medicina, contemplavam aquela cena.

E viram transmudar-se o infeliz, apenas dados os primeiros passos para o suplício. Daquele arcabouço denegrido e repugnante, mal soerguido nas longas pernas murchas, despontaram, repentinamente, linhas admiráveis – terrivelmente esculturais – de uma plástica estupenda.

Um primor de estatuária modelado em lama.

Retificara-se de súbito a envergadura abatida do negro aprumando-se, vertical e rígida, numa bela atitude singularmente altiva. A cabeça firmou-se-lhe sobre os ombros, que se retraíram dilatando o peito, alçada num gesto desafiador de sobranceria fidalga, e o olhar, num lampejo varonil, iluminou-lhe a fronte. Seguiu impassível e firme; mudo, a face imóvel, a musculatura gasta duramente em relevo sobre os ossos, num desempeno impecável, feito uma estátua, uma velha estátua de titã, soterrada havia quatro séculos e aflorando, denegrida e mutilada, naquela imensa ruinaria de Canudos. Era uma inversão de papéis. Uma antinomia vergonhosa...

E estas coisas não impressionavam...

Fizera-se uma concessão ao gênero humano: não se trucidavam mulheres e crianças. Fazia-se mister, porém, que se não revelassem perigosas. Foi o caso de uma mameluca quarentona, que apareceu certa vez, presa, na barraca do comando em chefe. O general estava doente. Interrogou-a no seu leito de campanha – rodeado de grande número de oficiais. O inquérito resumia-se às perguntas do costume – acerca do número de combatentes, estado em que se achavam, recursos que possuíam, e outras, de ordinário respondidas por um "sei não!" decisivo ou um "E eu sei?" vacilante e ambíguo. A mulher, porém, desenvolta, enérgica e irritadiça, espraiou-se em considerações imprudentes. "Nada valiam tantas perguntas. Os que as faziam sabiam bem que estavam perdidos. Não eram sitiantes, eram presos. Não seriam capazes de voltar, como os das outras expedições; e em breve teriam desdita maior – ficariam, todos, cegos e tateando à toa por aquelas colinas...". E tinha a gesticulação incorreta, desabrida e livre.

Irritou. Era uma virago perigosa. Não merecia o bem-querer dos triunfadores. Ao sair da barraca, um alferes e algumas praças seguraram-na.

Aquela mulher, aquele demônio de anáguas, aquela bruxa agourentando a vitória próxima – foi degolada...

Poupavam-se as tímidas, em geral consideradas trambolhos incômodos no acampamento, atravancando-o, como bruacas imprestáveis.

Era o caso de uma velha que se aboletara com dois netos de cerca de dez anos junto à vertente em que acampava o piquete de cavalaria. Os pequenos, tolhiços, num definhamento absoluto, não andavam mais; tinham volvido a engatinhar. Choravam desapoderadamente, de fome. E a avó, desatinada, esmolando pelas tendas os restos das marmitas, e correndo logo a acalentá-los, aconchegando-lhes dos corpos os frangalhos das camisas; e deixando-os outra vez, agitante, infatigável no desvelo, andando aqui, ali, à cata de uma blusa velha, de uma bolacha caída do bolso dos soldados, ou de um pouco d'água; acurvada pelo sofrimento e pela idade, titubeando de um para outro lado, indo e vindo, cambeteante e sacudida sempre por uma tosse renitente, de tísica, – constringia os corações mais duros. Tinha o quer que fosse de um castigo; passava e repassava como a sombra impertinente e recalcitrante de um remorso...

A degolação era, por isto, infinitamente mais prática, dizia-se nuamente. Aquilo não era uma campanha, era uma charqueada. Não era a ação severa das leis, era a vingança. Dente por dente. Naqueles ares pairava, ainda, a poeira de Moreira César, queimado; devia-se queimar. Adiante, o arcabouço decapitado de Tamarindo; devia-se degolar. A repressão tinha dois polos – o incêndio e a faca.

Justificavam-se: o coronel Carlos Teles poupara certa vez um sertanejo prisioneiro. A ferocidade dos sicários retraíra-se diante da alma generosa de um herói...

Mas este pagara o deslize imperdoável de ser bom. O jagunço, que salvara, conseguira fugir e dera-lhe o tiro que o removera do teatro da luta. Acreditava-

se nestas coisas. Inventavam-nas. Eram antecipados recursos absolutórios. Exageravam-se, calculadamente, outras; os martírios dos amigos trucidados, caídos nas tocaias traiçoeiras, ludibriados depois de cadáveres e postos como espantalhos à orla dos caminhos... A selvageria impiedosa amparava-se à piedade pelos companheiros mortos. Vestia o luto chinês da púrpura e, lavada em lágrimas, lavava-se em sangue.

Ademais, não havia temer-se o juízo tremendo do futuro.

A História não iria até ali.

Afeiçoara-se a ver a fisionomia temerosa dos povos na rumaria majestosa das cidades vastas, na imponência soberana dos coliseus ciclópicos, nas gloriosas chacinas das batalhas clássicas e na selvatiqueza épica das grandes invasões. Nada tinha que ver naquele matadouro.

O sertão é o homizio. Quem lhe rompe as trilhas, ao divisar à beira da estrada a cruz sobre a cova do assassinado, não indaga do crime. Tira o chapéu, e passa.

E lá não chegaria, certo, a correção dos poderes constituídos. O atentado era público. Conhecia-o, em Monte Santo, o principal representante do governo, e silenciara. Coonestara-o com a indiferença culposa. Desse modo a consciência da impunidade, do mesmo passo fortalecida pelo anonimato da culpa e pela cumplicidade tácita dos únicos que podiam reprimi-la, amalgamou-se a todos os rancores acumulados, e arrojou, armada até aos dentes, em cima da mísera sociedade sertaneja, a multidão criminosa e paga para matar.

Canudos tinha muito apropriadamente, em roda, uma cercadura de montanhas. Era um parêntese; era um hiato; era um vácuo. Não existia. Transposto aquele cordão de serras, ninguém mais pecava.

Realizava-se um recuo prodigioso no tempo; um resvalar estonteador por alguns séculos abaixo.

Descidas as vertentes, em que se entalava aquela furna enorme, podia representar-se lá dentro, obscuramente, um drama sanguinolento da Idade das Cavernas. O cenário era sugestivo. Os atores, de um e de outro lado, negros, caboclos, brancos e amarelos, traziam, intacta, nas faces, a caracterização indelével e multiforme das raças – e só podiam unificar-se sobre a base comum dos instintos inferiores e maus.

A animalidade primitiva, lentamente expungida pela civilização, ressurgiu, inteiriça. Desforrava-se afinal. Encontrou nas mãos ao invés do machado de diorito e do arpão de osso, a espada e a carabina. Mas a faca relembrava-lhe melhor o antigo punhal de sílex lascado. Vibrou-a. Nada tinha a temer. Nem mesmo o juízo remoto do futuro.

Mas que entre os deslumbramentos do futuro caia, implacável e revolta; sem altitude, porque a deprime o assunto; brutalmente violenta, porque é um grito de protesto; sombria, porque reflete uma nódoa – esta página sem brilhos...

III

O combate de 24 precipitara o desfecho. À compressão que se realizara ao norte, correspondeu, do mesmo modo vigoroso, outra, a 25, avançando do sul. O cerco constringia-se num apertão de tenaz. Entraram naquele dia em ação, descendo os pendores do alto do Mário, onde acampavam, num colo abrigado à retaguarda da Sete de Setembro, os dois batalhões do Pará e o 37º de linha. E fizeram-no de moto próprio, alheios a qualquer ordem do comando-geral.

Tinham motivos graves para aquele ato.

A derrocada de Canudos figurava-se-lhes iminente.

Da altura em que se abarracavam, no ângulo morto do boléu da vertente, examinavam-no a todo o instante; e viam arrochar-se embaixo a cintura do sítio; e ampliar-se, continuamente maior, a moldura lutuosa dos incêndios; e o povoado cada vez mais reduzido à grande praça deserta sempre, larga clareira onde por igual temiam penetrar os lutadores dos dois campos. Adiante, perto, estimulando-os, atroava o redente artilhado; embaixo, longe, crepitavam os tiroteios incessantes... e eles ali quedavam, inúteis, desdenhados pelas mesmas balas perdidas, que lhes zuniam por cima, muito altas, inofensivas.

De um momento para outro aquilo terminaria; e restar-lhes-ia a volta inglória – espadas virginalmente novas, bandeiras intactas, sem o rendado precioso das batalhas. Porque o general em chefe não encobria o propósito de não precipitar os acontecimentos num dispêndio inútil de vidas, quando a rendição em poucos dias era inevitável. Este intento, expresso sem rodeios, sobre ser mais prático, era mais humano. Mas implicava o renome guerreiro por se fazer dos que não tinham ainda combatido. Desairava-lhes a fama. Coagia-os ao constrangimento de receberem, grátis, as coroas antecipadamente bordadas nos estados nativos pelas mães, pelas esposas ou pelas noivas e pelas irmãs saudosas. E não puderam conter-se. Desceram ruidosamente as vertentes.

Travaram então um combate que foi uma surpresa, menos para os atacados que para o resto das linhas sitiantes. Desencadeara-se para os lados do Cambaio, secundado pela artilharia do coronel Olímpio da Silveira e, a breve trecho, cresceu com extraordinária intensidade.

Ao que se propalou depois, aqueles heróis impacientes, dirigidos pelos coronéis Sotero de Meneses e Firmino Rego, levavam o objetivo de tomar o arraial. Carregariam até ao rio. Transpô-lo-iam batendo-se sem parar, numa arrancada. Romperiam pela praça vazia. Enfiariam, a marche-marche, numa dispersão de cargas e baionetas, por aqueles becos fora. Varrê-los-iam. Pulariam os entulhos fumegantes, apisoando os matutos atônitos. E iriam tombar – numa explosão de aplausos – sobre a tranqueira do norte, entre as

guarnições surpreendidas e pasmas...

Era um golpe de audácia estupendo. Mas não conheciam os sertanejos. Estes tomaram-lhes vigorosamente o passo. Jarretaram-nos. Anularam-lhes, no fim de algum tempo, o intento. E vingaram-se sem o saberem. Porque havia, de feito, algo de dolorosamente insolente e irritante no afogo, na inquietação, na ânsia desapoderada, com que aqueles bravos militares – robustos, bem fardados, bem nutridos, bem armados, bem-dispostos – procuravam morcegar a organização desfibrada de adversários que desviviam há três meses, famintos, baleados, queimados, dessangrados gota a gota, e as forças perdidas, e os ânimos frouxos, e as esperanças mortas, sucumbindo dia a dia num esgotamento absoluto. Dariam a última punctura de baioneta no peito do agonizante; o tiro de misericórdia no ouvido do fuzilado. E cobrariam, certo, pouca fama, com a façanha.

Mas nem esta tiveram.

Apertara-se mais o cerco, é certo, mas sem que o resultado atingido ressarcisse os sacrifícios feitos: cerca de oitenta homens fora de combate e entre eles, ferido, o coronel Sotero, e morto o capitão Manuel Batista Cordeiro, do regimento do Pará.

Em compensação, dizia-se, fora enorme a perda do inimigo – centenares de mortos, centenares de casas conquistadas. Com efeito, a parte do arraial em poder daqueles reduzia-se agora a menos de terço – à orla setentrional da praça e casebres junto à igreja.

Onze batalhões (16º, 22º, 24º, 27º, 32º, 33º, 37º, 38º, de linha, o do Amazonas, a ala direita do de São Paulo, e o 2º, do Pará), mais de dois mil e quinhentos homens, tinham-se apoderado, nos últimos dias, de cerca de duas mil casas e comprimiam os sertanejos, atirando-os de encontro à vertente da Fazenda Velha ao sul, e a leste contra igual número de baionetas dos 25º, 7º, 9º, 35º, 40º, 30º, 12º, 26º, de linha e 5º de polícia.

Eram cinco mil soldados, em números redondos, excluídos os que permaneciam de guarda ao acampamento e guarnecendo a estrada de Monte Santo.

A população combatida tinha, ao invés das linhas frouxas de um assédio largo, um círculo inteiriço de 20 batalhões; e amoitava-se em menos de quinhentos casebres, ao fundo da igreja, na última volta do rio. Os incêndios reduziam-lhe, além disto, hora por hora, o campo. E embora as casas, com o seu madeiramento escasso, pouco alimentassem as chamas, estas progrediam devagar, no abafamento das fumaradas pardacentas, lembrando a combustão imperfeita de centenares de fornos catalães – nos densos rolos de fumo afuliginando o firmamento, espraiando-se pelos tetos, tornando ainda mais tristonho o cenário desolado e monótono. A artilharia dos morros pouco

atirava, exigindo as pontarias grandes resguardos porque o mínimo desvio ou variação das alças arrojaria as balas sobre os assaltantes.

Apesar disto, continuava inteiramente vazia a praça. Ninguém se abalançara ainda a tomar as casas que a limitavam pelo norte, perpendicularmente à latada; e dentro destas e das que se seguiam compactas, junto à igreja, se acolheram os últimos jagunços. Os mais afoitos guarneciam ainda os muramentos desmantelados do templo. Comandavam-nos chefes sem grande nomeada. Esses heróis anônimos, porém, dispuseram a sua gente para a morte e, voando a todos os pontos, alentavam resistência incompreensível, tomando todas as medidas que delongassem indefinidamente o desfecho.

Assim os lutadores, a partir de 26, se revezavam das trincheiras, de onde respondiam aos ataques, para outros misteres porventura mais pesados e sérios.

Preparavam junto ao Santuário o último reduto – uma escavação retangular e larga. Abriam o próprio túmulo. Batidos de todos os lados, iriam recuando, palmo a palmo, braço a braço, todos, para aquela cova onde se sepultariam, indomáveis.

Escavavam, buscando a água que lhes faltava, cacimbas profundas. As mulheres, e as crianças, e os velhos, e os enfermos, colaboravam nestes trabalhos brutos. Mal reprofundavam, porém, além de dois metros os estratos duríssimos, de modo a atingirem as camadas sobre que repousavam tênues lençóis, filtrados pelos últimos estagnados do rio. Alcançavam-nos, às vezes; para vê-los, uma hora depois, extintos, sugados na avidez de esponja da atmosfera exsicada. E começou logo a torturá-los a sede, avivada pelas comoções e pela canícula queimosa. O combate fez-se-lhes, então, um divertimento lúgubre, um atenuante a maiores misérias. Atiravam desordenadamente, a esmo, sem o antigo rigor da pontaria, para toda a banda, num dispêndio de munições capaz de esgotar o arsenal mais rico. Os que se encurralavam na igreja nova continuavam varejando os altos, enquanto os demais tolhiam de frente, a dois passos, os batalhões entranhados no casario. Aí se realizavam episódios brutais. A apertura do campo e o estreito das bitesgas impropriando o movimento às secções mais diminutas, davam à luta o traço exclusivo de uma bravura feroz. Alguns oficiais, ao avançarem, desapertavam os talins e jogavam a um lado a espada. Batiam-se a faca.

Mas a empresa tornara-se, ao cabo, dificílima. A constrição do sítio condensara nas casas os que as defendiam e estes, enchendo-as, opunham resistência crescente. Quando cediam num ou outro ponto, os vencedores tinham, ainda, inopinadas surpresas. A traça dos sertanejos colhia-os mesmo naquele transe doloroso.

Foi o que sucedeu ao ser conquistado um casebre, depois de tenazmente defendido. Os soldados invadiram-no atumultuadamente. E depararam um monte de cadáveres; seis ou oito, caídos uns sobre outros, abarreirando a entrada. Não se impressionaram com o quadro. Enveredaram pelos cômodos escuros. Mas receberam em cheio, pelas costas, partindo daquela pilha de

trapos sanguinolentos, um tiro. Voltando-se, pasmos, detonou-lhes outro, a queima-roupa, de frente. Sopitando o espanto, comprimidos na saleta estreita, viram então saltar e fugir o lutador fantástico, que adotara o estratagema profanador, batendo-se por trás de uma trincheira de mortos...

O lento avançar do assédio estacou, então, novamente. Imobilizava-o pela última vez o vencido. Ademais a situação não requeria maiores esforços. A vitória viria por si mesma. Bastava que se conservassem as posições. Fechadas todas as saídas e francamente batidas as cacimbas marginais do rio, o perdimento do arraial era inevitável, em dois dias no máximo – mesmo admitida a presunção de poderem, os assediados, por tanto tempo e naqueles dias ardentes, suportar a sede que os flagelava.

Mas a resistência duraria uma semana ainda. Porque aquele círculo maciço de batalhões começou de ser partido, intermitentemente, pelos sertanejos, à noite.

Na de 26 houvera quatro ataques violentos; na de 27, dezoito; nas dos dias subsequentes, um único, porque já não intermitiram, prolongando-se, contínuos, das seis da tarde às cinco do amanhecer.

Não visavam rasgar um caminho à fuga. Empenhando-se todos ao sul atendiam à conquista momentânea das cacimbas, ou gânglios rebalsados do Vaza-Barris. Enquanto o grosso dos companheiros se batia atraindo para o âmago do arraial a maior parte dos sitiantes, alguns valentes sem armas, carregando as borrachas vazias, aventuravam-se até à borda do rio. Avançavam cautelosamente. Abeiravam-se das poças esparsas e raras, que salpintavam o leito; e enchendo as vasilhas de couro volviam, correndo, arcados sob as cargas preciosas.

Ora, esta empresa, a princípio apenas difícil, foi-se tornando, a pouco e pouco, insuperável.

Descoberto o motivo único daqueles ataques, os sitiantes das posições ribeirinhas convergiam os fogos sobre as cacimbas, facilmente percebidas – breves placas líquidas rebrilhando ao luar ou joeirando, na treva, o brilho das estrelas...

De sorte que atingindo-lhes as bordas os sertanejos tinham, em torno e na frente, o chão varrido à bala.

Avançavam e caíam, às vezes, sucessivamente, todos.

Alguns antes que chegassem às ipueiras esgotadas, reduzidas a repugnantes lameiros; outros quando, de bruços, sugavam o líquido salobro e impuro; e outros quando, no termo da tarefa, volviam arcando sob os bogós repletos. Substituíam-nos outros, rompendo desesperadamente contra os tiroteios, afrontando-se com a morte. Ou, o que em geral sucedia, deixavam que se atreguasse a repulsa enérgica e mortífera e se descuidassem os soldados

vigilantes. Mas estes, conhecendo-lhes os ardis, sabiam que tornariam outra vez em breve. Aguardavam-nos, pontarias imóveis, ouvidos armados ao menor ruído, olhos frechando, fitos, as sombras, como caçadores numa espera. E divisavam-nos, de fato, transcorridos minutos, indistintos, vultos diluídos no escuro, na barranca fronteira; e viam-nos, descendo lento e lento por ela abaixo, de bruços, rentes com o chão, vagarosamente, num rastejar serpejante de grandes sáurios silenciosos; e viam-nos depois, embaixo, arrastando-se pelo esteiro areento do rio...

Seguravam as pontarias. Deixavam-nos aproximar-se, e deixavam-nos atingir os estagnados que eram o chamariz único daquela ceva monstruosa.

Então lampejava o fulgor das descargas subitâneas! Fulminavam-nos. Percebiam-se, adiante quinze metros, gritos dilacerantes de cólera e de dor; dois ou três corpos escabujando à beira das cacimbas; correndo outros, espavoridos; outros, feridos, em cambaleios; e outros desafiando o fuzilamento, pulando, sem resguardos agora, das barrancas – e velozes, terríveis, desafiadores – passando sobre os companheiros moribundos, arremetendo com a barreira infernal que os devorava.

Um único às vezes escapava, às carreiras. Transpunha a barranca de um salto, e perdia-se nos escombros do casario, levando aos companheiros alguns litros de água que custavam hecatombes. E era um líquido suspeito, contaminado de detritos orgânicos, de sabor detestável em que se pressentia o tóxico das ptomaínas e fosfatos dos cadáveres decompostos jazentes desde muito insepultos por toda aquela orla do Vaza-Barris.

Estes episódios culminaram o heroísmo dos matutos. Comoviam, por fim, aos próprios adversários.

Não raro, quando toda a linha de sítio, ao norte, estrugia os ares em descargas compactas, sem que se distinguissem os tiros singulares, num ressoar intenso lembrando o de represas repentinamente abertas, e o bombardeio as completava, tombando dos morros – os combatentes da linha central do acampamento, arriscando-se aos projetis perdidos, borrifados pela refrega, faziam-se espectadores de uma cena extraordinária.

Em muitos despontou, ao cabo, irreprimível e sincero entusiasmo pelos valentes martirizados. Não o encobriam. O quadro que se lhes oferecia imortalizava os vencidos. Cada vez que os contemplavam tinham, crescente, o assombro:

A igreja sinistra bojava, em relevo, sobre o casario em ruínas; e impávidos ante as balas que sobre ela convergiam, viam-se, no resplendor fugaz das fuzilarias, deslizando-lhe pelas paredes e entulhos, subindo-lhe pelas torres derrocadas ou caindo por elas abaixo, de borco, presos aos blocos disjungidos, como titãs fulminados, vistos de relance num coriscar de raios, aqueles rudes patrícios indomáveis...

IV

Percebia-se-lhes, contudo, hora por hora, a exaustão.

Durante o dia o povoado, silencioso, marasmava na estagnação do bloqueio. Nem um ataque, às vezes. A 28 de setembro não replicaram às duas salvas de vinte e um tiros, de bala, com que foi criminosamente saudada, pela manhã e à tarde, a data belíssima que resume um dos episódios mais viris da nossa história. Era o fim.

Faziam-se já no acampamento preparativos para a volta; soavam livremente as cornetas; andava-se à vontade por toda a banda; entravam impunemente os comboios diários e correios, levando, os últimos, para os lares distantes as esperanças e as saudades dos triunfadores; grupos descuidados seguiam perlustrando pelas cercanias; improvisavam-se banquetes; e à tarde, formadas à frente dos quartéis de vários comandos, tocavam, nas retretas, as fanfarras dos corpos.

Percorria-se, ao cabo, quase todo o arraial.

A 29 o general em chefe e o comandante da 2ª Coluna realizaram, com os estados-maiores respectivos, esse passeio atraentíssimo.

Seguiram a princípio pelo alto das colinas à direita do acampamento e, depois de uma inflexão à esquerda descendo por dentro de sanga flexuosa onde repontavam grandes placas de *filades* dando-lhe a feição de longa passagem coberta, avançavam até toparem as primeiras casas e, simultaneamente, esparsos, jazentes a esmo sobre montes de esteios, traves e ripas carbonizadas, os primeiros cadáveres insepultos do inimigo.

Tinha-se neste momento a impressão de uma entrada em velha necrópole que surgisse, desvendando-se de repente, à flor da terra. As ruínas agravavam a desordem das pequenas vivendas, construídas ao acaso, defrontando-se em bitesgas de um metro de largo, empachadas pelos tetos de argila abatidos. De sorte que a marcha se fazia adstrita a desvios tortuosos e longos. E a cada passo, passando junto aos casebres que ainda permaneciam de pé, oscilantes e arrombados, livres ainda das chamas, despontava ante o visitante atônito um traço pungente da vida angustiosa que se atravessara ali dentro.

Dizia-o, mais expressiva, a nudez dos cadáveres. Estavam em todas as posições: estendidos, de supino, face para os céus; desnudos os peitos, onde se viam os bentinhos prediletos; inflexos no último crispar da agonia; mal vistos, às vezes, caídos sob madeiramentos, ou de bruços sobre as trincheiras improvisadas, na atitude de combate em que os colhera a morte.

Em todos, nos corpos emagrecidos e nas vestes em pedaços, liam-se as provações sofridas. Alguns ardiam, lentamente, sem chamas, revelados por tênues fios de fumaça, que se alteavam em diversos pontos. Outros,

incinerados, se desenhavam, salteadamente, nítidos, esbatida a brancura das cinzas no chão poento e pardo, à maneira de toscas e grandes caricaturas feitas a giz...

Seguia-se. A marcha gradativamente se tornava mais penosa, através de entulhos sucessivos de um esterquilínio pavoroso. A soldadesca varejando as casas pusera fora, às portas, entupindo os becos em monturos, toda a ciscalhagem de trastes em pedaços, de envolta com a farragem de molambos inclassificáveis: pequenos baús de cedro; bancos e jiraus grosseiros; redes em fiapos; berços de cipó e balaios de taquara; jacás sem fundo; roupas de algodão, de cor indefinível; vasilhames amassados, de ferro; caqueiradas de pratos, e xícaras, e garrafas; oratórios de todos os feitios; bruacas de couro cru; alpercatas imprestáveis; candeeiros amolgados, de azeite; canos estrondados, de trabucos; lascas de ferrões ou fueiros; caxerenguengues rombos...

E nestes acervos, nada, o mais simples objeto que não delatasse uma existência miseranda e primitiva. Pululavam rosários de toda a espécie, dos mais simples, de contas policrômicas de vidro, aos mais caprichosos, feitos de ouricuris; e, igualmente inúmeras, rocas e fusos, usança avoenga tenazmente conservada, como tantas outras, pelas mulheres sertanejas. Sobre tudo aquilo, incontáveis, esparsos pelo solo, apisoados, rasgados – registros, cartas santas, benditos em caderninhos costurados, doutrinas cristãs velhíssimas, imagens amarfanhadas de santos milagreiros, verônicas encardidas, crucifixos partidos; e figas, e cruzes, e bentinhos imundos...

Em alguns lugares – um claro limpo, cuidadosamente varrido, um aceiro para que os incêndios não atingissem os entrincheiramentos. Varava-se mais facilmente por ali; penetrando fundo no casario e aproximando-se daqueles.

Topava-se, então, adiante, uma sentinela que recomendava em voz baixa prosseguir com cautela: o jagunço estava perto, menos de três metros, da outra banda da paliçada...

Os visitantes, generais, coronéis, até ao último posto, na ansiedade de quem contorna uma emboscada, avançavam agachados, heroicamente cômicos, céleres, de cócaras, correndo. Transpunham a linha perigosa. Quebravam dois ou três becos. Chegavam à outra trincheira: soldados imóveis, expectantes, mudos, ou conversando em cochichos. Reproduzia-se a mesma travessia com o coração e as pernas aos saltos, a mesma corrida ansiosa, até outra trincheira adiante: idênticos lutadores, cautos, silenciosos, estendidas ou enfiadas as carabinas pelos parapeitos, que os resguardavam.

Transcorridos quinhentos metros, volvia-se à esquerda deixando à retaguarda as Casas Vermelhas e tinha-se uma surpresa – uma rua, uma verdadeira rua, a do Monte Alegre, a única que merecia tal nome, alinhada, larga de uns três metros e alongando-se de norte a sul até à praça, cortando todo o arraial. Nela se erigiram as melhores vivendas, algumas casas de telhas e soalho, e entre estas a de Antonio Vila-Nova, onde dias antes se tinham encontrado restos de munições da coluna Moreira César.

Descia-se por ela em suave declive, divisando-se no extremo, na praça, um

lanço derruído da igreja. Mas a breve trecho estacava-se de encontro a outro entrincheiramento, onde se adensava maior número de combatentes. Era o último, naquele rumo. Dali por diante um passo mais era o espingardeamento certo. Toda a parte do arraial à direita e na frente estava ainda em poder dos habitantes. Os adversários acotovelavam-se. Ouvia-se, transudando das paredes de taipa, o surdo e indefinível arruído da população entocada: vozes precípites, cautas, segredando sob o abafamento dos colmos; arrastamentos de móveis; soar de passos; e uns como longínquos clamores e gemidos; e às vezes – notas cruelmente dramáticas! – gritos, e choros, e risos, de crianças...

Volvia-se dali para a esquerda, voltando ao ponto de partida, através das casas tomadas nas vésperas, e o passeio tornava-se amedrontador. Em todo este novo segmento da linha do sítio, definindo-lhe o avançamento máximo depois dos combates da última semana, não se tinham destruído os casebres. Derrubadas apenas as paredes interiores e as empenas, as coberturas de barro sucediam-se unidas ou pouco espaçadas, feito o teto de longuíssimo armazém abarracado. A barreira de esteios e vigas, canastras e trastes de toda a sorte, por detrás da qual se alinhavam os batalhões, progredia por ela dentro, torcida e longa, desaparecendo de todo numa distância de trinta metros, perdida na penumbra. Adivinhavam-se os soldados, a um lado, guarnecendo-a. Pelos recantos escuros, à retaguarda, lobrigavam-se os corpos dos jagunços mortos nos últimos dias, que fora perigoso queimar entre acervos de farrapos e estilhas de madeira, esparsos por toda a parte.

Impregnava o ambiente um bafio angulhento de caverna.

Era preciso valor para atravessar aquela espécie de túnel, em cuja boca, ao longe, mal se divisava um reflexo pálido do dia. Porque, a dois passos, ladeando-o, paralelamente, se estendia o entrincheiramento invisível do inimigo, interpostas as paredes fronteiras, enfrestadas. De sorte que o mínimo descuido, o mais rápido olhar por cima daqueles parapeitos de ciscalhos, era duramente pago. É que de parte a parte estavam as mesmas astúcias, avivadas dos mesmos ódios. Naquele sombrio finalizar da luta os antagonistas temiam-se por igual. Evitavam por igual o recontro franco. Negaceavam, estadeando as mesmas ardilezas e a mesma proditória quietitude. Imóveis largo tempo, um em frente ao outro, abrigados na mesma sombra, parecendo refletir a adinamia do mesmo esgotamento – espiavam-se, solertes, traiçoeiros, tocaiando-se. E não podiam encontrar melhor cenário para ostentarem, ambos, soldados e jagunços, a forma mais repugnante do heroísmo do que aquele esterquilínio de cadáveres e trapos, imerso na obscuridade de uma furna.

Seguia-se por ali envolto de um silêncio lúgubre. Percebiam-se os soldados esfrangalhados, imundos, sem bonés, sem fardas, cobertos de chapéus de couro ou de palha, calçando alpercatas velhas, vestidos com o mesmo uniforme do adversário. E acreditava-se que, com alguma presença de espírito, o sertanejo pudesse insinuar-se pelos rombos do tapume extenso, e aparecer entre eles, e achegar-se com a espingarda ao parapeito, e ali se quedar forrando-se às torturas do cerco, sem que o conhecessem – o que ademais era

facilitado pela mistura dos diversos batalhões. Nem o atraiçoaria palmar ignorância dos deveres ou exigências da vida militar, porque esta se extinguira por completo. Não havia revistas, formaturas, nem toques, nem vozes de comando. Distribuídos os cartuchos, cada um se encostava ao espaldão de cacaréus pronto ao que desse e viesse.

Distribuídas as rações diárias, fartas agora, cada um as preparava quando se lhe antojava ensejo. Aqui, ali, à retaguarda da linha ou dentro dos cubículos estreitos, sobre trempes de adobes ou pedras, chiavam as chaleiras aquentando água para o café; ferviam panelas; destacavam-se grandes quartos de boi, pendurados aos caibros, avermelhando no escuro, sobre braseiros, assando. Em torno, acocorados, carabinas sobraçadas, viam-se, em grupos, os combatentes que aproveitavam ligeira trégua para almoçar ou jantar. Dali corriam, não raro, em tumulto, jogando fora os canecos de jacuba ou nacos de churrasco, precipitando-se para a estacada quando, de súbito, estalava um tiro adiante e zuniam logo as balas esfuziantes, varando os tetos, estilhaçando ripas e traves, esbotenando paredes, emborcando caldeirões – espalhando soldados como um pé de vento sobre palhas. No parapeito, adiante, replicavam de pronto os que já lá estavam, atirando a esmo contra o tabique que defrontavam e donde partira a agressão. Imitavam-nos os companheiros laterais. Logo depois vibrava um abalo nervoso único, estendendo-se daquele ponto aos dois extremos, com uma trepidação vibrátil de descarga; e travava-se o combate, de improviso, furiosamente, desordenadamente, entre adversários que se não viam...

Baqueavam algumas praças, mortas ou feridas. Conquistavam-se dois ou três casebres mais – empurrando-se logo por diante toda a cangalhada de móveis, encurvando-se a tranqueira num ângulo saliente em talhante avançado. Volviam, prestes, os lutadores que mais se tinham avantajado, às posições primitivas. E o silêncio descia de novo, reinando outra vez o mesmo silêncio formidável: soldados mudos e imóveis, acaroados com a borda da tapada sinistra, expectantes, na tocaia; ou, ao fundo, em roda dos brasidos, reatando as merendas ligeiras, que tinham, às vezes, uns trágicos convivas – os moradores assassinados, estirados pelos recantos...

Deixava-se, por fim, este segmento sinistro do bloqueio, que trancava quase todo o quadrante do norte. Prosseguia-se, a céu aberto agora, em pleno dia, atravessando quintalejos pobres de cercas caídas e canteiros rasos, sem mais uma flor, e atravancados da mesma ciscalhagem indefinível, em montes. Sobre estes, corpos de sacrificados ainda: pernas surdindo inteiriçadas; braços repontando desnudos, num retesamento de angústia; mãos espalmadas e rígidas, mãos contorcidas em crispaduras de garras, apodrecendo, sinistras, em gestos tremendos de ameaça ou apelos excruciantes...

Deparavam-se novos viventes: gozos magríssimos, famélicos lebréus, pelados, esvurmando lepra, farejando e respigando aqueles monturos, numa ânsia de chacais, devorando talvez os próprios donos. Fugiam rápidos. Alguns cães de fila, porém, grandes molossos ossudos e ferozes, afastavam-se devagar,

em rosnaduras ameaçadoras, adivinhando no visitante o inimigo, o intruso irritante e mau.

Ia-se descendo sempre, até à sanga escavada, embaixo, correndo, em direção perpendicular à que se levava, para o Vaza-Barris, ao longe, para onde canalizava, nas quadras chuvosas, as águas das vertentes interopostas. Ali terminava, batendo contra o topo da colina, onde estava a comissão de engenharia, a parte do arraial expugnada a 18 de julho. Podia atingir-se diretamente o acampamento seguindo em frente, transpondo o valo, subindo e atravessando, a meia encosta, a bateria de Krupps emparcada ao fundo do quartel-general da 1ª Coluna; ou, num desvio longo, volvendo à direita, acompanhando o valo, perlongando a linha primitiva do assédio, descendo para o sul. A travessia era sem riscos. As casas – num desordenado arruamento às bordas daquele sulco de erosão, acompanhando-lhe o declive, caindo-lhe pelos ressaltos, envesgando-lhe pelas curvas vivas – tinham, na maioria, sido desmanchadas, salvante poucas, as melhores, onde se improvisavam salas de ordem das brigadas, quartéis e ranchos da oficialidade. Uma delas era digna de nota. Fora uma tenda de ferreiro. Mostravam-no ainda alguns gastos marrões, tenazes partidas e derruída forja fixa, de adobes. E aquela ferraria pobre do sertão, tinha uma bigorna luxuosa, do mais fino aço, que se fundira em Essen: um dos canhões tomados à expedição Moreira César.

Continuando a marcha topava-se a linha negra, nome que primitivos sucessos justificavam, mas agora inexplicável para quem vinha das sombrias trincheiras deixadas ao norte.

Seguia-se acompanhando-a pelo fundo de um fosso, até se abrir a meio caminho, à direita, um claro amplo – a praça das igrejas, deserta, achanada, varrida, fazendo avultar maior, mais dominador, mais brutal, mais sinistro, com os seus paredões incumbentes, fendidos de alto a baixo, com a sua fachada estupenda esboroando em monólitos, com as suas torres ruídas, e o adro entupido de blocos encaliçados, e a nave, lá dentro, vazia, escura, misteriosa – o templo monstruoso dos jagunços.

Dados mais alguns passos fronteava-se a igreja velha, inteiramente queimada, reduzida às quatro paredes exteriores.

Tinha-se nesse momento, à esquerda, o mais miserando dos campos-santos, centenares de cruzes – dois paus roliços amarrados com cipós – fincadas sobre sepulturas rasas.

Transpunha-se depois o Vaza-Barris; enfiava-se pelo sulco profundo do rio da Providência, percorrendo, em torcicolos, as fileiras dizimadas do 5º de polícia, reduzido ao terço do primitivo quadro – e chegava-se, no tombador da Favela, a uma clareira em declive. No alto o baluarte Sete de Setembro sobressaía em balcão, dominante. Percorria-se rapidamente aquele intervalo perigoso, alcançando-o.

Contemplava-se o arraial embaixo. Modificara-se-lhe, afinal, o aspecto – sombreado de largas manchas escurentas, de incêndios; erriçado de madeiramentos varando pelos rombos dos tetos; tumultuando em montões de

argila – num esmagamento completo, arruinado, queimado, devastado...

Apenas estreita fímbria da face norte da praça e o núcleo de casebres junto à latada e à retaguarda da igreja, se figuravam intactos. Mas eram em número diminuto, quatrocentos talvez, comprimidos em área reduzida. E os que neles se abrigavam certo não suportariam por uma hora um assalto de seis mil homens.

Valia a pena tentá-lo.

V

Foi o que fez o comando em chefe, contravindo ao propósito de aguardar a rendição sem dispêndio inútil de vidas, pelo enfraquecimento contínuo dos rebeldes.

Reunidos a 30 de setembro os principais chefes militares, concertaram nos dispositivos do recontro para o dia imediato. E, de acordo com os lineamentos do plano adotado, naquele mesmo dia à noite mobilizaram-se as unidades do combate, ocupando, assim, de véspera, as posições para a investida.87

O assalto seria iniciado por duas brigadas, a 3ª e 6ª, dos coronéis Dantas Barreto e João César Sampaio, a primeira endurada por três meses de contínuos recontros e a última, recém-vinda, de combatentes que ansiavam a medir-se com os jagunços. Aquela deixou, então, a sua antiga posição na linha negra, sendo substituída por três batalhões, 9º, 22º e 34º, e contramarchando para a direita, seguiu rumo à Fazenda Velha, de onde juntamente com a outra, formada dos 29º, 39º e 4º batalhões, se moveu até estacionar à retaguarda e flancos da igreja nova, objetivo central do acometimento.

Completariam este movimento primordial, outros, secundários e supletivos: no momento da carga, o 26º de linha, o 5º da Bahia e ala direita do batalhão de São Paulo, tomariam rapidamente posições junto à barranca esquerda do Vaza-Barris, à ourela da praça, onde se conservariam até nova ordem. À sua retaguarda se estenderiam em apoio os dois corpos do Pará, prontos a substituírem-nos ou a reforçarem-nos, segundo as eventualidades do combate. De sorte que este, iniciado à retaguarda e aos flancos da igreja, iria, a pouco e pouco, deslocando-se para a linha de baionetas que se cosia à barranca lateral do rio, na face sul da praça.

Era, como se vê, um arrochar vigoroso – em que colaborariam os demais corpos guarnecendo as posições recém-conquistadas e o acampamento. Interviriam na ação à medida das circunstâncias, ou quando tombassem diante das trincheiras e das barrancas as chusmas de inimigos repulsados.

Sobre tudo isto – preliminar preparatória e indispensável – um bombardeio firme, em que entrariam todos os canhões do sítio, batendo por espaço de uma hora a estreita área a expugnar-se. Somente depois que eles emudecessem, arremeteriam as brigadas assaltantes, de baionetas caladas, sem fazerem fogo, salvo se o exigissem as circunstâncias. Em tal caso, porém, devia ser feito na direção única da meridiana, a fim de não serem atingidos os batalhões jazentes nas posições próximas ao conflito. A 3ª brigada, ao toque geral partido do comando em chefe, de "infantaria avançar!", seguiria a marche-marche, procurando o flanco esquerdo da igreja, junto ao qual se estenderia distante cento e cinquenta metros; enquanto dois batalhões da 6ª, o 29º e o 39º,

investissem para a retaguarda daquela, e o 4º, transpondo também o Vaza-Barris, a acometesse pelo flanco direito. Os demais combatentes seriam, a não ser que o imprevisto determinasse ulteriores combinações, simples espectadores da ação.

E no amanhecer de 1º de outubro começou o canhoneio.

Convergia sobre o núcleo reduzido dos últimos casebres, partindo de longo semicírculo de dois quilômetros, das baterias próximas ao acampamento até ao redente extremo, da outra banda, onde findava a estrada do Cambaio. Durou quarenta e oito minutos apenas, mas foi esmagador. As pontarias estavam feitas de véspera. Não havia errar o alvo imóvel.

Dava-se, além disto, a última lição à rebeldia impenitente. Era preciso que, francamente desbravado o chão para o assalto, não sobreviessem mais surpresas dolorosas e ele se executasse, de pronto, fulminante e implacável, com os entraves únicos de um passo de carga sobre ruínas. Fizeram-se as ruínas.

Via-se a transmutação do trecho torturado: tetos em desabamentos, prensando, certo, os que se lhes acolhiam por baixo, nos cômodos estreitos; tabiques esboroando, voando em estilhas e terrões; e aqui, e ali, em começo dispersos e logo depois ligando-se rapidamente, sarjando de flamas a poeira dos escombros, novos incêndios, de súbito deflagrando.

Por cima – toldada a manhã luminosa dos sertões – uma rede vibrante de parábolas...

Não havia perder-se uma granada única. Batiam nas cimalhas rotas das igrejas, explodindo em estilhas, ou saltando em ricochetes largos, para diante, sobre o Santuário e a latada; arrebentavam nos ares; arrebentavam sobre a praça; arrebentavam sobre os colmos, esfarelando as coberturas de barro; entravam, arrebentando, pelos colmos dentro; basculhavam os becos enredados, revolvendo-lhes os ciscalhos; e revolviam, de ponta a ponta, inflexivelmente, batendo-o casa por casa, o último segmento de Canudos. Não havia anteparos ou pontos desenfiados, que o resguardassem. O abrigo de um ângulo morto formado pelos muros da igreja nova, antepostos aos disparos da Sete de Setembro, era inteiramente destruído pelas trajetórias das baterias de leste e oeste. Os últimos jagunços tinham, intacta, fulminando-os, sem perda de uma esquírola de ferro, toda a virulência daquele bombardeio impiedoso.

Entretanto, não se notou um grito irreprimível de dor, um vulto qualquer, fugindo, ou a agitação mais breve. E quando, se deu o último disparo, e cessou o fragor dos estampidos, a inexplicável quietude do casario fulminado fazia supor o arraial deserto como se durante a noite a população houvesse, miraculosamente, fugido.

Houve um breve silêncio. Vibrou um clarim no alto da Fazenda Velha.

Principiou o assalto.

Consoante as disposições anteriores, os batalhões abalaram, convergentes de três pontos, sobre a igreja nova. Seguiram, invisíveis, entre os casebres ou pelo talvegue do Vaza-Barris. Um único, pela direção que trilhava, se destacou à contemplação do resto dos combatentes, o 4º de infantaria. Viram-no atravessar a marche-marche, de armas suspensas, o rio; transpô-lo; galgar a barranca; aparecer, alinhado e firme, à entrada da praça.

Era a primeira vez que ali chegavam lutadores numa atitude corretamente militar.

Feito este movimento, aquele corpo marchou heroicamente, avançando. Mas desarticulou-se, dados alguns passos, num desequilíbrio instantâneo. Baquearam alguns soldados, de bruços, como se se preparassem para atirar melhor por trás dos blocos da fachada destruída; viram-se outros, recuando, fora da forma; distanciarem-se, arremetendo para a frente, outros; depois um enredado de baionetas entrebatendo-se, em grupos dispersos – erradios. E logo após, pelos ares ainda silenciosos, um estouro, lembrando arrebentamento de minas...

O jagunço despertava, como sempre, de improviso, surpreendedoramente, teatralmente e gloriosamente, renteando o passo aos agressores.

Estacou o 4º, batido de chapa pelos adversários emboscados à ourela da praça; estacaram o 39º e o 29º, ante descargas a queima-roupa, através das paredes ao fundo do Santuário; e, pela sua esquerda, imobilizou-se a carga da brigada Dantas Barreto. Fortemente atacada por um dos flancos esta teve que avançar naquele sentido, abandonando a direção inicial da investida, o que foi imperfeitamente conseguido por três companhias dispersas, destacadas do grosso dos batalhões.

Modificavam-se todos os movimentos táticos preestabelecidos. Ao invés da convergência sobre a igreja, as brigadas paravam ou fracionavam-se embitesgando nas vielas.

Durante cerca de uma hora os combatentes que contemplavam a refrega, no alto das colinas circunjacentes, nada mais distinguiram, fora da assonância crescente dos estampidos e brados longínquos – arruído confuso de onde expluíam, constantes, sucessivos, quase angustiosos, abafados clangores de cornetas. Desapareceram as duas brigadas, embebidas de todo na casaria indistinta. Mas contra o que era de esperar, os sertanejos permaneceram invisíveis e nem um só apareceu, correndo para a praça. Batidos entretanto por três lados, deviam, recuando por ali e precipitando-se na fuga, ir de encontro às baionetas das forças estacionadas nas linhas centrais e nas beiradas do rio. Era este, como vimos, o objetivo primordial do assalto. Falhou completamente. E o malogro valia por um revés. Porque os assaltantes, deparando resistências com que não contavam, paravam; entrincheiravam-se; e assumiam atitude de todo contraposta à missão que levavam. Quedaram na defensiva franca. Caíam-lhes em cima, desbordando dos casebres fumegantes e assaltando-os, os jagunços.

Apenas a igreja nova fora tomada e dentro da sua nave revolvida os soldados

do 4º, trepados em montões de blocos e caliça, embaralhavam-se, em tumulto, com os das companhias pertencentes à 3ª brigada. Este sucesso, porém, verificara-se inútil. A um lado, estrepitava, feroz, contínua, ensurdecedora, a trabucada dos guerrilheiros, que enchiam o Santuário.

E a praça, onde devia aparecer o inimigo repelido, ferretoado a baioneta, permanecia deserta.

Era urgente ampliar o plano primitivo do ataque, lançando no conflito novos lutadores. Do alto da Sete de Setembro partiu o sinal do comando em chefe, e logo depois o toque de avançar para o 5º da Bahia. Lançava-se o jagunço contra o jagunço.

O batalhão de sertanejos avançou. Não foi a investida militar, cadente, derivando a marche-marche, num ritmo seguro. Viu-se um como serpear rapidíssimo de baionetas ondulantes, desdobradas, de chofre, numa deflagração luminosa, traçando em segundos uma listra de lampejos desde o leito do rio até aos muros da igreja...

O mesmo avançar dos jagunços, célere, estonteador, escapante à trajetória retilínea, num colear indescritível. Não foi uma carga, foi um bote. Em momentos uma linha flexível, de aço, enleou o baluarte sagrado do inimigo. Coruscou um relâmpago de duzentas baionetas: o 5º desapareceu mergulhando nos escombros...

Mas a situação não mudou. Aquele fragmento revolto do arraial, para cuja expugnação pareciam excessivas duas brigadas, absorvera-as; absorvera o reforço enviado; ia absorver batalhões inteiros. Seguiram logo depois, o 34º, o 40º, o 30º e o 31º de infantaria. Duplicavam as forças assaltantes. Aumentou, num crescendo, o estrépito da batalha invisível; ampliaram-se os incêndios; ardeu toda a latada. Mas na espessa afumadura dos ares embruscados, branqueava, embaixo, a praça absolutamente vazia.

Ao fim de três horas de combate, tinham-se mobilizado dois mil homens sem efeito algum. As nossas baixas avultavam. Além de grande número de praças e oficiais de menor patente, baquearam mortos, logo pela manhã, o comandante do 29º, major Queirós, e o da 5ª brigada, tenente-coronel Tupi Ferreira Caldas.

A deste originara raro lance de bravura. Os soldados do 30º idolatravam-no. Era uma rara vocação militar. Irrequieto, nervoso e impulsivo, o seu temperamento casava-se bem à vertigem das cargas e à rudeza das casernas. Nesta campanha mesmo jogara várias vezes a vida. Fora o comandante da vanguarda a 18 de julho; e depois daquele dia saíra indene dos mais mortíferos tiroteios. As balas tinham-no até então poupado, arranhando-o, rendando-lhe o chapéu, amolgando-lhe a chapa do talim. A última fulminou-o. Entrou por um dos braços, soerguido para sustentar o binóculo com que contemplava o assalto, e traspassou-lhe o peito. Atirou-o em terra, instantaneamente, morto. O 30º procurou vingá-lo. Correu-lhe pelas fileiras um frêmito de pavor e de cólera, e depois trasmontou de um pulo a tranqueira em que se abrigava. Embateu contra os casebres entrincheirados, de onde partira o projetil e

arrojou-se a marche-marche, envesgando por uma viela em torcicolos. Não se ouviu um tiro. Soldados alvejados a queima-roupa, caíam por terra rugindo enquanto os companheiros lhes passavam por cima esbarrando contra as portas, arrombando-as a coronhadas, penetrando os cômodos escuros, travando-se, lá dentro em pugilatos corpo a corpo.

Esta arremetida, porém, das mais temerárias que se fizeram em todo o decorrer da luta, como as demais, reduziu-se ao primeiro ímpeto. Sopeou-a a tenacidade incoercível dos jagunços. O 30º, consideravelmente desfalcado, refluiu em desordem à posição primitiva.

Por toda a banda realizavam-se idênticos arremessos e idênticos recuos. O último estortegar dos vencidos quebrava a musculatura de ferro das brigadas.

Entretanto, pouco antes de nove horas, alentou-as a ilusão arrebatadora da vitória. Ao avançar um dos batalhões de reforço, um cadete do 7º cravara nas junturas das paredes estaladas da igreja a bandeira nacional. Ressoaram dezenas de cornetas e um viva à República saltou, retumbando, de milhares de peitos. Surpreendidos com o inopinado da manifestação, os sertanejos amorteceram e cessaram o tiroteio. E a praça, pela primeira vez, desbordou de combatentes. Muitos espectadores desceram, rápidos, as encostas. Desceram os três generais. Ao passarem pela baixada da linha negra, viram às encontroadas entre quatro praças, dois jagunços presos. Adiante e aos lados – agitando os chapéus, agitando as espadas e as espingardas, cruzando-se, correndo, esbarrando-se, abraçando-se, torvelinhando pelo largo – combatentes de todos os postos em delírios de brados e ovações estrepitosas.

Terminara afinal a luta crudelíssima...

Mas os generais seguiam com dificuldades, rompendo pela massa tumultuária e ruidosa, na direção da latada, quando, ao atingirem grande depósito de cal que a defrontava, perceberam surpreendidos, sobre as cabeças, zimbrando rijamente os ares, as balas...

O combate continuava. Esvaziou-se, de repente, a praça.

Foi uma vassourada.

E volvendo de improviso às trincheiras, volvendo em corridas para os pontos abrigados, agachados em todos os anteparos, esgueirando-se cosidos às barrancas protetoras do rio, retransidos de espanto, tragando amargos desapontamentos, singularmente menoscabados na iminência do triunfo, chasqueados em pleno agonizar dos vencidos, – os triunfadores, aqueles triunfadores, os mais originais entre todos os triunfadores memorados pela História, compreenderam que naquele andar acabaria por devorá-los, um a um, o último reduto combatido. Não lhes bastavam seis mil Mannlichers e seis mil sabres; e o golpear de doze mil braços, e o acalcanhar de doze mil coturnos; e seis mil revólveres; e vinte canhões, e milhares de granadas, e milhares de *shrapnels*; e os degolamentos, e os incêndios, e a fome, e a sede; e dez meses de combates, e cem dias de canhoneio contínuo; e o esmagamento das ruínas; e o quadro indefinível dos templos derrocados; e, por fim, na ciscalhagem das imagens rotas, dos altares abatidos, dos santos em pedaços – sob a

impassibilidade dos céus tranquilos e claros – a queda de um ideal ardente, a extinção absoluta de uma crença consoladora e forte...

Impunham-se outras medidas. Ao adversário irresignável as forças máximas da natureza, engenhadas à destruição e aos estragos. Tinham-nas, previdentes. Havia-se prefigurado aquele epílogo assombroso do drama. Um tenente, ajudante de ordens do comandante-geral, fez conduzir do acampamento dezenas de bombas de dinamite. Era justo; era absolutamente imprescindível. Os sertanejos invertiam toda a psicologia da guerra: enrijavam-nos os reveses, robustecia-os a fome, empedernia-os a derrota.

Ademais entalhava-se o cerne de uma nacionalidade.

Atacava-se a fundo a rocha viva da nossa raça. Vinha de molde a dinamite... Era uma consagração.

Cessaram as fuzilarias; e desceu sobre todas as linhas um grande silêncio de expectativa ansiosa... Logo depois correu um frêmito pela cercadura do sítio; espraiou-se pela periferia dilatada; passou, vibrátil, pelo acampamento; passou, num súbito estremeção, pelas baterias dos morros; e avassalou a redondeza, num trêmulo vibrante de curvas sismais cruzando-se pelo solo. Tombaram os dentilhões despegados das igrejas; desaprumaram-se paredes, caindo; voaram tetos e tetos; tufou um cúmulos de poeira espessando a afumadura dos ares; e, dentre centenares de exclamações irreprimidas, de espanto, retumbou a atroada de explosões fortíssimas. Parecia tudo acabado. O último trecho de Canudos arrebentava todo.

Os batalhões, embolados pelos becos, fora da zona mortífera das traves e cumeeiras que zuniam, em estilhas, sulcando para toda a banda o espaço, aguardavam que se diluísse aquele bulcão de chamas e pó, para o derradeiro acometimento.

Mas não o executaram. Houve ao contrário um recuo repentino. Batidos de descargas que não se compreendia como eram feitas daqueles braseiros e entulhos, os assaltantes acobertaram-se em todas as esquinas, esgueiraram-se pelas abas dos casebres e pularam, na maioria, para trás dos entrincheiramentos.

Adiante atordoava-os assonância indescritível de gritos, lamentos, choros e imprecações, refletindo do mesmo passo o espanto, a dor, o exaspero e a cólera da multidão torturada que rugia e chorava. Via-se indistinto entre lumaréus um convulsivo pervagar de sombras: mulheres fugindo dos habitáculos em fogo, carregando ou arrastando crianças e entranhando-se, às carreiras, no mais fundo do casario; vultos desorientados, fugindo ao acaso para toda a banda; vultos escabujando por terra, vestes presas das chamas, ardendo; corpos esturrados, estorcidos, sob tições fumarentos... E, dominantes, sobre este cenário estupendo, esparsos, sem cuidarem de ocultar-se, saltando sobre os braseiros e aprumando-se sobre os colmos ainda erguidos, os últimos defensores do arraial. Ouviam-se as suas apóstrofes rudes; distinguiam-se vagamente os seus perfis revoluteando por dentro da fumarada; e por toda a parte, salteadamente, a dois passos das linhas de fogo, aparecendo, improvisas,

fisionomias sinistras, laivadas de mascarras, bustos desnudos chamuscados, escoriados, embatendo-as, em assaltos temerários e doudos...

Vinham matar os adversários sobre as próprias trincheiras. Estes esmoreciam. Verificaram a inanidade do bombardeio, das cargas repetidas e do recurso extremo da dinamite. Desanimavam. Perderam a unidade da ação e do comando. Os toques das cornetas contrabatiam-se, discordes, interferentes nos ares, sem que ninguém os entendesse. Não havia obedecê-los, variando as condições táticas a cada minuto e a cada passo. As secções de uma mesma companhia avançavam, recuavam ou imobilizavam-se; subdividiam-se em todas as esquinas; misturavam-se com as de outros corpos; embatiam com as casas ou contornavam-nas, ou dispersavam-se aliando-se a outros grupos e reeditando, dados alguns passos, as mesmas avançadas e os mesmos recuos, e a mesma dispersão. De sorte que por fim se agitavam em bandos desorientados, em que se amalgamavam praças de todos os batalhões.

Aproveitando este tumulto, os jagunços fuzilavam-nos a salvo e sem piedade. A breve trecho os combatentes, que não tinham o anteparo dos espaldões, acumularam-se às abas das vivendas ainda intactas, ou alongaram-se, distanciados, pelos becos da parte conquistada – evitando a zona perigosa. Esta, porém, alastrava-se. Baqueavam combatentes para além das trincheiras; caíam inteiramente fora da órbita flamejante do combate e, como nos maus dias da primeira semana do assédio, a mínima imprevidência e o mais rápido afastamento daqueles abrigos frágeis eram uma temeridade.

O capitão-secretário do comando da 2ª Coluna, Aguiar e Silva, quando lhe passava por perto um pelotão em marcha, retirou-se por um instante do cunhal que o acobertava e, para animar o ataque, tirou entusiasticamente o chapéu, levantando um viva à República. Mas não pronunciou as últimas sílabas. Varou-o uma bala, em pleno peito, derribando-o.

O comandante do 25º, major Henrique Severiano, teve idêntico destino. Era uma alma belíssima, de valente. Viu em plena refrega uma criança a debater-se entre as chamas. Afrontou-se com o incêndio. Tomou-a nos braços; aconchegou-a do peito – criando com um belo gesto carinhoso o único traço de heroísmo que houve naquela jornada feroz – e salvou-a.

Mas expusera-se. Baqueou, malferido, falecendo poucas horas depois.

E assim por diante. O combate transformara-se em tortura inaturável para os dois antagonistas.

As nossas baixas avultavam. Os espectadores, atestando os mirantes acasamatados da colina extrema do acampamento, avaliavam-nas pela lúgubre procissão de andores, padiolas e redes que lhes passava de permeio, subindo. Saía da sanga, embaixo; derivava vagarosa na ascensão contorneando em desvios as casas por ali espalhadas; galgava o alto e prosseguia, descendo para o hospital de sangue, onde, à 1 hora da tarde, já haviam chegado cerca de trezentos feridos.

Mas aquela alpendrada de couro, cobrindo a reentrância que se abrigava entre colinas, não os continha. Os feridos entulhavam-na; desbordavam para

as abas das encostas envolventes, ao Sol, sobre as pedras; e arrastavam-se, disputando a sombra das barracas, até à farmacia anexa e pavilhão dos médicos, por onde se cruzavam, correndo, enfermeiros e médicos diminutos demais para os satisfazer a todos. Ao fundo do barracão, arrimados aos cotovelos, de bruços, os antigos doentes, e feridos dos dias anteriores, olhavam inquietos para os novos sócios de infortúnio. A um lado, sobre o chão duro, corpos rígidos francamente batidos pelo Sol, jaziam os cadáveres de alguns oficiais, o tenente-coronel Tupi, o major Queirós, os alferes Raposo, Neville, Carvalho e outros.

Soldados ofegantes e suarentos entravam e saíam intermitentemente, arcados sob padiolas. Despejavam-nas, volvendo, prestes, naquela azáfama fúnebre que ameaçava prolongar-se pelo dia todo. Porque até aquela hora a situação não melhorara. Persistia indecisa. Mantinha-se a réplica feroz dos adversários. Insistentes, imprimindo no tumulto a nota de uma monotonia cruel, reproduziam-se em todas as linhas os toques das cornetas, determinando as cargas; e estas realizavam-se, sucessivas, rápidas, impetuosas – pelotões, batalhões, brigadas, vagas de metal e flamas, fulgurando, rolando, arrebentando e detonando de encontro a represas intransponíveis.

As bombas de dinamite (foram arrojadas noventa nesse dia) estouravam de momento em momento, mas com absoluto insucesso. Adicionaram-se-lhes outros expedientes: latas de querosene derramadas por toda a orla da casaria, avivando os incêndios.

Este recurso bárbaro, porém, por sua vez, resultara inútil.

Por fim, às duas horas da tarde, se paralisou inteiramente o assalto; cessaram de todo as cargas; e no ânimo dos sitiantes, em franca defensiva nas posições primitivas, doíam desapontamentos de derrota. Defluindo da baixada, a leste da praça, continuou largo tempo a romaria penosa dos feridos, em busca do hospital de sangue. Em padiolas, em redes, ou suspensos pelos braços entre os companheiros, ascendiam exaustos, titubeantes, arrimando-se e cosendo-se às casas. E sobre eles, sobre as colinas, varrendo-as sobre os morros artilhados, varejando-os, sobre o acampamento todo, ao cair da tarde, ao anoitecer e durante a noite inteira, visando todos os pontos da periferia do assédio, sibilando em todos os tons pelos ares, da zona reduzidíssima onde se acantonavam os jagunços irrompiam as balas...

O combate fora cruento e estéril. Desfalcara-nos de quinhentos e sessenta e sete lutadores, sem resultado apreciável.

Como sempre a vibração forte da batalha amortecera a pouco e pouco, atenuando-se em tiroteios escassos; e toda a noite passou, velando-a, a tropa combalida na expectativa cruel de novos recontros, novos sacrifícios inúteis e novos esforços malogrados.

Entretanto a situação dos sertanejos piorara. Tinham, com a perda da igreja nova, perdido as últimas cacimbas. Cercavam-nos braseiros enormes, progredindo-lhes em roda e avançando de três pontos – do norte, leste e oeste – obstringindo-os no último reduto.

Mas à madrugada de 2 os triunfadores fatigados despertaram com uma descarga desafiadora e firme.

Nesse dia...

Translademos, sem lhes alterar uma linha, as últimas notas de um "Diário", escritas à medida que se desenrolavam os acontecimentos.[88]

> ... Chegam à 1 hora em grande número novos prisioneiros – sintoma claro de enfraquecimentos entre os rebeldes. Eram esperados. Agitara-se pouco depois do meio-dia uma bandeira branca no centro dos últimos casebres e os ataques cessaram imediatamente do nosso lado. Rendiam-se, afinal. Entretanto não soaram os clarins. Um grande silêncio avassalou as linhas e o acampamento.
>
> A bandeira, um trapo nervosamente agitado, desapareceu; e, logo depois, dois sertanejos, saindo de um atravancamento impenetrável, se apresentaram ao comandante de um dos batalhões. Foram para logo conduzidos à presença do comando em chefe, na comissão de engenharia.
>
> Um deles era Antonio, o "Beatinho", acólito e auxiliar do Conselheiro. Mulato claro e alto, excessivamente pálido e magro; erecto o busto adelgaçado. Levantava, com altivez de resignado, a fronte. A barba rala e curta emoldurava-lhe o rosto pequeno animado de olhos inteligentes e límpidos. Vestia camisa de azulão e, a exemplo do chefe da grei, arrimava-se a um bordão a que se esteava, andando. – Veio com outro companheiro, entre algumas praças, seguido de um séquito de curiosos.
>
> Ao chegar à presença do general, tirou tranquilamente o gorro azul, de listras e borlas brancas, de linho; e quedou, correto, esperando a primeira palavra do triunfador.
>
> Não foi perdida uma sílaba única do diálogo prontamente travado.
>
> – Quem é você?
>
> – Saiba o *seu doutor-general*[89] que sou Antonio Beato e eu mesmo vim por meu pé me entregar porque a gente não tem mais opinião e não aguenta mais.
>
> E rodava lentamente o gorro nas mãos lançando sobre os circunstantes um olhar sereno.
>
> – Bem. E o Conselheiro?...
>
> – O nosso bom Conselheiro está no céu...
>
> Explicou então que aquele, agravando-se antigo ferimento, que recebera de um estilhaço de granada atingindo-o quando em certa ocasião passava da igreja para o Santuário, morrera a 22 de setembro, de uma disenteria, uma *caminheira* – expressão horrendamente cômica que pôs repentinamente um burburinho de risos irreprimidos naquele lance

doloroso e grave.

O Beato não os percebeu. Fingiu, talvez, não os perceber. Quedou imóvel, face impenetrável e tranquila, de frecha sobre o general, o olhar a um tempo humilde e firme. O diálogo prosseguiu:

– E os homens não estão dispostos a se entregarem?

– Batalhei com uma porção deles para virem e não vieram porque há um bando lá que não querem. São de muita opinião. Mas não aguentam mais. Quase tudo mete a cabeça no chão de necessidade. Quase tudo está seco de sede…

– E não podes trazê-los?

– Posso não.[90] Eles estavam em tempo de me atirar quando saí…

– Já viu quanta gente aí está, toda bem armada e bem-disposta.

– Eu fiquei espantado!

A resposta foi sincera, ou admiravelmente calculada. O rosto do altareiro desmanchou-se numa expressão incisiva e rápida, de espanto.

– Pois bem. A sua gente não pode resistir, nem fugir. Volte para lá e diga aos homens que se entreguem. Não morrerão. Garanto-lhes a vida. Serão entregues ao governo da República. E diga-lhes que o governo da República é bom para todos os brasileiros. Que se entreguem. Mas sem condições; não aceito a mais pequena condição…

O Beatinho, porém, recusava-se, obstinado, à missão. Temia os próprios companheiros. Apresentava as melhores razões para não ir.

Nessa ocasião interveio o outro prisioneiro, que até então permanecera mudo.

Viu-se, pela primeira vez, um jagunço bem nutrido e destacando-se do tipo uniforme dos sertanejos. Chamava-se Bernabé José de Carvalho e era um chefe de segunda linha.

Tinha o tipo flamengo, lembrando talvez, o que não é exagerada conjectura, a ascendência de holandeses que tão largos anos por aqueles territórios do Norte trataram com o indígena.

Brilhavam-lhe, varonis, os olhos azuis e grandes; o cabelo alourado revestia-lhe, basto, a cabeça chata e enérgica.

Apresentou logo como credencial o mostrar-se duma linhagem superior. Não era um matuto largado. Era casado com uma sobrinha do capitão Pedro Celeste, do Bom Conselho…

Depois contraveio, num desgarre desabusado, insistindo com o Beatinho recalcitrante:

– Vamos! Homem! vamos embora… Eu falo uma fala com eles… deixe tudo comigo. Vamos!

E foram.

O efeito da comissão porém, foi de todo em todo inesperado. O Beatinho voltou, passada uma hora, seguido de umas trezentas mulheres e crianças e meia dúzia de velhos imprestáveis. Parecia que os jagunços realizavam com maestria sem par o seu último ardil. Com efeito, viam-se

libertos daquela multidão inútil, concorrente aos escassos recursos que acaso possuíam, e podiam, agora, mais folgadamente delongar o combate.

O Beatinho dera – quem sabe? – um golpe de mestre. Consumado diplomata, do mesmo passo poupara às chamas e às balas tantos entes miserandos e aliviara o resto dos companheiros daqueles trambolhos prejudiciais.

A crítica dos acontecimentos indica que aquilo foi, talvez, uma cilada. Nem a exclui a circunstância de ter voltado o asceta ardiloso que a engenhara. Era uma condição favorável, adrede e astuciosamente aventurada como prova iniludível da boa-fé com que agira. Mas mesmo que assim não considerassem, alentava-o uma aspiração de todo admissível: fazer o último sacrifício em prol da crença comum: devotar-se, volvendo ao acampamento, à sagração do martírio, que desejava, porventura, ardentemente, com o misticismo doentio de um iluminado. Não há interpretar de outra maneira o fato, esclarecido, ademais, pelo proceder do outro parlamentar que não voltara, permanecendo entre os lutadores, instruindo-os sem dúvida da disposição das forças sitiantes.

A entrada dos prisioneiros foi comovedora. Vinha solene, na frente, o Beatinho, teso o torso desfibrado, olhos presos no chão, e com o passo cadente e tardo exercitado desde muito nas lentas procissões que compartira. O longo cajado oscilava-lhe à mão direita, isocronamente, feito enorme batuta, compassando a marcha verdadeiramente fúnebre. A um de fundo, a fila extensa, tracejando ondulada curva pelo pendor da colina, seguia na direção do acampamento, passando ao lado do quartel da 1ª Coluna e acumulando-se, cem metros adiante, em repugnante congérie de corpos repulsivos em andrajos.

Os combatentes contemplavam-nos entristecidos. Surpreendiam-se; comoviam-se. O arraial *in extremis*, punha-lhes adiante, naquele armistício transitório, uma legião desarmada, mutilada, faminta e claudicante, num assalto mais duro que o das trincheiras em fogo. Custava-lhes admitir que toda aquela gente inútil e frágil saísse tão numerosa ainda dos casebres bombardeados durante três meses. Contemplando-lhes os rostos baços, os arcabouços esmirrados e sujos, cujos molambos em tiras não encobriam lanhos, escaras e escalavros – a vitória tão longamente apetecida decaía de súbito. Repugnava aquele triunfo. Envergonhava. Era, com efeito, contraproducente compensação a tão luxuosos gastos de combates, de reveses e de milhares de vidas, o apresamento daquela caqueirada humana – do mesmo passo angulhenta e sinistra, entre trágica e imunda, passando-lhes pelos olhos, num longo enxurro de carcaças e molambos...

Nem um rosto viril, nem um braço capaz de suspender uma arma, nem um peito resfolegante de campeador domado: mulheres, sem-número de mulheres, velhas espectrais, moças envelhecidas, velhas e moças indistintas na mesma fealdade, escaveiradas e sujas, filhos escanchados nos quadris desnalgados, filhos encarapitados às costas, filhos suspensos

aos peitos murchos, filhos arrastados pelos braços, passando; crianças, sem-número de crianças; velhos, sem-número de velhos; raros homens, enfermos opilados, faces túmidas e mortas, de cera, bustos dobrados, andar cambaleante.

Pormenorizava-se. Um velho absolutamente alquebrado, soerguido por alguns companheiros, perturbava o cortejo. Vinha contrafeito. Forçava por se livrar e volver atrás os passos. Voltava-se, braços trêmulos e agitados, para o arraial onde deixara certo os filhos robustos, na última refrega. E chorava. Era o único que chorava. Os demais prosseguiam impassíveis. Rígidos anciãos, aquele desfecho cruento, culminando-lhes a velhice, era um episódio somenos entre os transes da vida nos sertões. Alguns respeitosamente se desbarretavam ao passarem pelos grupos de curiosos. Destacou-se, por momentos, um. Octogenário, não se lhe dobrava o tronco. Marchava devagar e de quando em quando parava. Considerava por instantes a igreja e reatava a marcha; para estacar outra vez, dados alguns passos, voltar-se lançando novo olhar ao templo em ruínas e prosseguir, intermitentemente, à medida que se escoavam pelos seus dedos as contas de um rosário. Rezava. Era um crente. Aguardava talvez ainda o grande milagre prometido...

Alguns enfermos graves vinham carregados. Caídos logo aos primeiros passos, passavam, suspensos pelas pernas e pelos braços, entre quatro praças. Não gemiam, não estortegavam; lá se iam imóveis e mudos, olhos muito abertos e muito fixos, feito mortos. Aos lados, desorientadamente, procurando os pais que ali estavam entre os bandos ou lá embaixo mortos, adolescentes franzinos, chorando, clamando, correndo. Os menores vinham às costas dos soldados agarrados às grenhas despenteadas há três meses daqueles valentes que havia meia hora ainda jogavam a vida nas trincheiras e ali estavam, agora, resolvendo desastradamente, canhestras amas-secas, o problema difícil de carregar uma criança. Uma megera assustadora, bruxa rebarbativa e magra – a velha mais hedionda talvez destes sertões – a única que alevantava a cabeça espalhando sobre os espectadores, como faúlhas, olhares ameaçadores; e nervosa e agitante, ágil apesar da idade, tendo sobre as espáduas de todo despidas, emaranhados, os cabelos brancos e cheios de terra, – rompia, em andar sacudido, pelos grupos miserandos, atraindo a atenção geral. Tinha nos braços finos uma menina, neta, bisneta, tataraneta talvez. E essa criança horrorizava. A sua face esquerda fora arrancada, havia tempos, por um estilhaço de granada; de sorte que os ossos dos maxilares se destacavam alvíssimos, entre os bordos vermelhos da ferida já cicatrizada... A face direita sorria. E era apavorante aquele riso incompleto e dolorosíssimo aformoseando uma face e extinguindo-se repentinamente na outra, no vácuo de um gilvaz.

Aquela velha carregava a criação mais monstruosa da campanha. Lá se foi com o seu andar agitante, de atáxica, seguindo a extensa fila de infelizes...

Esta parara adiante, a um lado das tendas do esquadrão de cavalaria, represando entre as quatro linhas de um quadrado. Via-se, então, pela primeira vez, em globo, a população de Canudos; e, à parte as variantes impressas pelo sofrer diversamente suportado, sobressaía um traço de uniformidade rara nas linhas fisionômicas mais características. Raro um branco ou um negro puro. Um ar de família em todos delatando, iniludível, a fusão perfeita de três raças.

Predominava o pardo lídimo, misto de cafre, português e tapuia, – faces brônzeas, cabelos corredios e duros ou anelados, troncos deselegantes; e aqui, e ali, um perfil corretíssimo recordando o elemento superior da mestiçagem. Em roda, vitoriosos, díspares e desunidos, o branco, o negro, o cafuz e o mulato proteiformes com todas as gradações da cor... Um contraste: a raça forte e íntegra abatida dentro de um quadrado de mestiços indefinidos e pusilânimes. Quebrara-a de todo a luta. Humilhava-se. Do ajuntamento miserando partiam pedidos flébeis e lamurientos, de esmola... Devoravam-na a fome e a sede de muitos dias.

O comandante-geral concedera naquele mesmo dia aos últimos rebeldes um armistício de poucas horas. Mas este só teve o efeito contraproducente de retirar do trecho combatido aqueles prisioneiros inúteis.

Ao cair da tarde estavam desafogados os jagunços.

Deixaram que se esgotasse a trégua. E quando lhes anunciou o termo uma intimativa severa de dois tiros de pólvora seca seguidos logo de outro, de bala rasa, estenderam sobre os sitiantes uma descarga divergente e firme.

A noite de 2, ruidosamente, entrou sulcada de tiroteios vivos.

VI

Não há relatar o que houve a 3 e a 4.

A luta, que viera perdendo dia a dia o caráter militar, degenerou, ao cabo, inteiramente. Foram-se os últimos traços de um formalismo inútil: deliberações de comando, movimentos combinados, distribuições de forças, os mesmos toques de cornetas, e por fim a própria hierarquia, já materialmente extinta num exército sem distintivos e sem fardas.

Sabia-se de uma coisa única: os jagunços não poderiam resistir por muitas horas. Alguns soldados se haviam abeirado do último reduto e colhido de um lance a situação dos adversários. Era incrível: numa cava quadrangular, de pouco mais de metro de fundo, ao lado da igreja nova, uns vinte lutadores, esfomeados e rotos, medonhos de ver-se, predispunham-se a um suicídio formidável. Chamou-se aquilo o "hospital de sangue" dos jagunços. Era um túmulo. De feito, lá estavam, em maior número, os mortos, alguns de muitos dias já, enfileirados ao longo das quatro bordas da escavação e formando o quadrado assombroso dentro do qual uma dúzia de moribundos, vidas concentradas na última contração dos dedos nos gatilhos das espingardas, combatiam contra um exército.

E lutavam com relativa vantagem ainda.

Pelo menos fizeram parar os adversários. Destes os que mais se aproximaram lá ficaram, aumentando a trincheira sinistra de corpos esmigalhados e sangrentos. Viam-se, salpintando o acervo de cadáveres andrajosos dos jagunços, listras vermelhas de fardas e entre elas as divisas do sargento-ajudante do 39º que lá entrara, baqueando logo. Outros tiveram igual destino. Tinham a ilusão do último recontro feliz e fácil: romperem pelos últimos casebres envolventes, caindo de chofre sobre os titãs combalidos, fulminando-os, esmagando-os...

Mas eram terríveis lances, obscuros para todo o sempre. Raro tornavam os que os faziam. Aprumavam-se sobre o fosso e sopeava-lhes o arrojo o horror de um quadro onde a realidade tangível de uma trincheira de mortos, argamassada de sangue e esvurmando pus, vencia todos os exageros da idealização mais ousada. E salteava-os a atonia do assombro...

Fechemos este livro.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do

termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens-feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos.

Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem...

Ademais não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?...

E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antonio Beatinho que se nos entregara, confiante – e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa história?

Caiu o arraial a 5. No dia 6 acabaram de o destruir desmanchando-lhe as casas, 5 200, cuidadosamente contadas.

Antes, no amanhecer daquele dia, comissão adrede escolhida descobrira o cadáver de Antonio Conselheiro.91

Jazia num dos casebres anexos à latada, e foi encontrado graças à indicação de um prisioneiro. Removida breve camada de terra, apareceu no triste sudário de um lençol imundo, em que mãos piedosas haviam desparzido algumas flores murchas, e repousando sobre uma esteira velha, de taboa, o corpo do "famigerado e bárbaro" agitador. Estava hediondo. Envolto no velho hábito azul de brim americano, mãos cruzadas ao peito, rosto tumefacto e esquálido, olhos fundos cheios de terra – mal o reconheceram os que mais de perto o haviam tratado durante a vida.

Desenterraram-no cuidadosamente. Dádiva preciosa – único prêmio, únicos despojos opimos de tal guerra! – faziam-se mister os máximos resguardos para que se não desarticulasse ou deformasse, reduzindo-se a uma massa angulhenta de tecidos decompostos.

Fotografaram-no depois. E lavrou-se uma ata rigorosa firmando a sua identidade: importava que o país se convencesse bem de que estava afinal extinto, aquele terribilíssimo antagonista.

Restituíram-no à cova. Pensaram, porém, depois, em guardar a sua cabeça tantas vezes maldita – e como fora malbaratar o tempo exumando-o de novo, uma faca jeitosamente brandida, naquela mesma atitude, cortou-lha; e a face horrenda, empastada de escaras e de sânie, apareceu ainda uma vez ante aqueles triunfadores.

Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência dissesse a última palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura...

VII

É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades...

NOTAS À 2ª EDIÇÃO

Este livro, secamente atirado à publicidade, sem amparos de qualquer natureza, para que os protestos contra as falsidades que acaso encerrasse se exercitassem perfeitamente desafogados, conquistou – franca e espontânea – expressa pelos seus melhores órgãos, a grande simpatia nobilitadora da minha terra, que não solicitei e que me desvanece. Os únicos deslizes apontados pela crítica são, pela própria desvalia, bastante eloquentes no delatarem a segurança das ideias e proposições aventadas.

É o que demonstra esta resenha rápida:

> "… desabrigadas de todo ante a acidez corrosiva dos aguaceiros tempestuosos…" (p. 18)[92]

Viu-se nesta frase uma inexatidão e um dos imaginosos traços do meu apedrejado nefelibatismo científico.[93]

Ora, escasseando-me o tempo para citar autores, limito-me a apontar a página 168 da *Geologia* de Contejean sobre a erosão das rochas: "*des actions physiques et chimiques produites par les eaux pluviales plus ou moins chargées d'acide carbonique – principalement sur les roches les plus attaquables aux acides, comme les calcaires, etc.*".

Para o caso especial do Brasil, encontra-se ainda à página 151 do livro de Emanuel Liais, sobre a nossa conformação geológica, a caracterização do fenômeno que "*se montre en très grande échelle, sans doute à cause de la fréquence et de l'acidité des pluies d'orage*".

No entanto o crítico leciona: "Nem as chuvas causam erosões por conterem algumas moléculas a mais de nitro ou de amoníaco, senão pela rijeza da camada horizontal superior em relação às camadas moles inferiores, etc.".

Extraordinária geologia, esta…

> "… as favelas têm, nas folhas, de estômatos expandidos em vilosidades…" (p. 42)[94]

Apresso-me em corrigir evidentíssimo engano, tratando-se de noção tão

simples.

Leia-se: *nas folhas, de células expandidas em vilosidades*.

"É que a morfologia da terra viola as leis gerais do clima." (p. 52)[95]

Outro dizer malsinado. Impugna-o respeitável cientista:

> Penso que se a natureza combate os desertos, apenas o *facies* geográfico modifica as condições extrínsecas do meio. E se violência importa modificação, violar é desobedecer ao preestabelecido. Assim, não há violação contra as leis gerais dos climas, eis o que não padece dúvida.[96]

Inexplicável contradita, esta, que investe com todas as conclusões da meteorologia moderna! Basta saber-se que sendo as leis gerais de um clima as que se derivam das relações astronômicas – as próprias ondulações dos isotermos, indisciplinadamente recurvos, mas que seguiriam os paralelos se respeitassem aquelas leis, são um atestado da violação.

Nem precisávamos exemplificar o predomínio permanente das causas particulares ou secundárias na constituição climática de qualquer país. De Santos, cujo clima equatorial é uma anomalia em latitude superior à do trópico, à Groenlândia coberta de gelos fronteira às paragens benignas da Noruega, encontraríamos esplêndidos exemplos.

Ainda recentemente no belo livro sobre a psicologia dos ingleses, Boutmy assinala o fato de ter a Inglaterra, no paralelo de 52°, temperatura igual a 32° de latitude, dos Estados Unidos.

Quem quer que acompanhe num mapa o isotermo de 0°, partirá da frigidíssima Islândia, avançará para o sul, numa curva caprichosa, para a Inglaterra, que não tocará; torcerá depois para o extremo norte da Noruega; e volverá de novo ao sul e se aproximará, nos meses frios, de Paris e de Viena – que assim se ligam, malgrado latitudes muito mais baixas, à enregelada terra polar.

E o viajante que perlonga a nossa costa, do Rio à Bahia, demandando o equador, não vai também por uma linha inalterável, traduzindo geometricamente um regime constante, espelhado na uniforme opulência das matas que ajardinam o litoral vastíssimo?

Mas se parar em qualquer ponto e avançar para o ocidente, por um paralelo, pela linha definidora, astronomicamente, da uniformidade climática, deparará transcorridas poucas dezenas de léguas habitats inteiramente outros.

Não estão, nestes exemplos, que multiplicaríamos se quiséssemos, palmares violações das leis gerais dos climas?

Uma contradição apontada pelo mesmo crítico, diz ele:

> ... vejo à página 70[97] os dizeres categóricos: *Não temos unidade de raça. Não a teremos, talvez, nunca*. E à página 616[98] lá está a proposição de que em Canudos se atacava a *rocha viva da nossa raça*.

Nesse salto mortal de 616 – 70 = 546 páginas é natural que se encontrem coisas disparatadas. Mas quem segue as considerações que alinhei acerca da nossa gênese, se compreende que de fato não temos unidade de raça, admite também que nos vários caldeamentos operados eu encontrei no tipo sertanejo uma subcategoria étnica já formada (p. 108)[99] liberta pelas condições históricas (p. 112)[100] das exigências de uma civilização de empréstimo que lhe perturbariam a constituição definitiva.

Quer isto dizer que neste composto indefinível – o brasileiro – encontrei alguma coisa que é estável, um ponto de resistência recordando a molécula integrante das cristalizações iniciadas. E era natural que, admitida a arrojada e animadora conjectura de que estamos destinados à integridade nacional, eu visse naqueles rijos caboclos o núcleo de força da nossa constituição futura, a rocha viva da nossa raça.

Rocha viva... A locução sugere-me um símile eloquente.

De fato, a nossa formação como a do granito surge de três elementos principais. Entretanto quem ascende por um cerro granítico encontra os mais diversos elementos: aqui a argila pura, do feldspato decomposto, variamente colorida; além a mica fracionada, rebrilhando escassamente sobre o chão; adiante a arena friável, do quartzo triturado; mais longe o bloco *moutonné*, de aparência errática; e por toda a banda a mistura desses mesmos elementos com a adição de outros, adventícios, formando o incaracterístico solo arável, altamente complexo. Ao fundo, porém, removida a camada superficial, está o núcleo compacto e rijo da pedra. Os elementos esparsos, em cima, nas mais diversas misturas, porque o solo exposto guarda até os materiais estranhos trazidos pelos ventos, ali estão, embaixo, fixos numa dosagem segura, e resistentes, e íntegros.

Assim à medida que aprofunda o observador se aproxima da matriz de todo definida, do local. Ora o nosso caso é idêntico – desde que sigamos das cidades do litoral para os vilarejos do sertão.

A princípio uma dispersão estonteadora de atributos, que vão de todas as nuances da cor a todos os aspectos do caráter: Não há distinguir-se o brasileiro no intricado misto de brancos, negros e mulatos de todos os sangues e de todos os matizes. Estamos à superfície da nossa *gens*, ou melhor, seguindo à letra a comparação de há pouco, calcamos o húmus indefinido da nossa raça. Mas entranhando-nos na terra vemos os primeiros grupos fixos – o caipira, no Sul, e

o tabaréu, ao Norte – onde já se tornam raros o branco, o negro e o índio puros. A mestiçagem generalizada produz, entretanto, ainda todas as variedades das dosagens díspares do cruzamento. Mas à medida que prosseguimos estas últimas se atenuam.

Vai-se notando maior uniformidade de caracteres físicos e morais. Por fim, a rocha viva – o sertanejo.

Mas não fujo ainda a nova objeção, porque

> … se tivemos inopinadamente ressurgida e armada em nossa frente uma *sociedade velha*, *uma sociedade morta*, *galvanizada por um doudo*, se tivemos aquilo (continua o crítico) não se compreende como na guerra de Canudos se atacasse a "rocha viva da nossa raça".

Ao falar em sociedade morta, referi-me a uma situação excepcional da gente sertaneja corrompida por um núcleo de agitados (p. 206).[101] O mesmo paralelo feito na mesma página com estados idênticos de outros povos, delata-lhe o caráter excepcional. De modo algum enunciei uma proposição geral e permanente, senão transitória e especial, reduzida a um fragmento do espaço – Canudos – e a um intervalo de tempo – o ano de 1897.

Nada mais límpido. Encontraríamos perfeito símile nessa misteriosa isomeria, mercê da qual corpos identicamente constituídos, com os mesmos átomos num arranjo semelhante, apresentam todavia propriedades diversíssimas. Assim pensando – e que se não irritem demais as sensitivas do nosso meio científico com mais esta arrancada feroz de nefelibatismo – eu vejo, e todos podem ver, no jagunço um corpo isômero do sertanejo. E compreendo que Antonio Conselheiro repontasse como uma "integração de caracteres diferenciais, vagos e indefinidos, mal percebidos quando dispersos pela multidão" – e não como simples caso patológico, porque a sua figura de pequeno grande homem se explica precisamente pela circunstância rara de sintetizar de uma maneira empolgante e sugestiva, todos os erros, todas as crendices e superstições, que são o lastro do nosso temperamento.

> A própria caatinga ali assume aspecto novo. E uma melhor caracterização talvez a definisse mais acertadamente como a paragem clássica das caatanduvas, etc. (p. 229).[102]

Isto também sugeriu reparos. Prestadios amadores estremecendo por todas as

corolas da botânica apisoadas pelo meu nefelibatismo científico (eterno labéu!) puseram embargos ao dizer, doutrina (sic) errônea do livro.

E pontificaram: "*caatinga* (mato ruim) é o resultado não do terreno mas da secura do ar, ao passo que as *caatanduvas* são florestas cloróticas (mato doente) resultantes da porosidade e da secura do solo".[103]

Adorável objeção. Começa insurgindo-se contra o tupi; termina insurgindo-se contra o português.

Caatinga (mato ruim!)... Caatanduva (mato doente!)...

Florestas cloróticas... Clorose de uma planta significando, em vernáculo, o seu "estiolamento", isto é, alteração mórbida determinada pela falta da luz, são originalíssimas aquelas matas nas regiões brasileiras onde vegetam em pleno fustigar dos sóis!

Quanto à célebre doutrina, duas palavras. A discriminação dos aspectos da nossa flora, é ainda um problema que aguarda solução clara.

Observando que o aspecto principal da caatinga (mato branco) é o de um cerrado rarefeito e tolhiço; e que o da caatanduva (mato mau, áspero, doente) é o de uma mata enfezada e dura, tracei a frase combatida porque a flórula indicada, diversa da que prepondera no sertão, me despontou aos olhos realmente com a última aparência.

Notaram-se, em todas as páginas, termos que vários críticos caracterizaram como invenções ou galicismos imperdoáveis. Mas foram infelizes com os que apontaram. Cito-os e defendo-os.

> *Esbotenar* – esboicelar, esborcinar. (*Novo dicionário da língua portuguesa*, de Cândido Figueiredo.)
> *Ensofregar* – tornar sôfrego. (*Dicionário contemporâneo*, de Aulete.)
> *Preposterar* – inverter a ordem de qualquer coisa. (Id.)
> *Impacto* – metido à força. (Id.)
> *Refrão* – consideraram-no galicismo. Replico com a frase de um mestre, Castilho: "Eis o eterno refrão com que nos quebram o bichinho do ouvido".
> *Inusitado* – também se considerou francesismo. Em latim, *inusitatus*.

Não notaram outros. Antes considerassem à p. 296,[104] linha 6ª, a deplorável tortura de um verbo intransitivo que sucessivas revisões não libertaram; e outros que exigem mais séria mondadura.

> ... mercenários inconscientes. (p. VI)[105]

Estranhou-se a expressão. Mas devo mantê-la; mantenho-a.

Não tive o intuito de defender os sertanejos porque este livro não é um livro de defesa; é, infelizmente, de ataque.

Ataque franco e, devo dizê-lo, involuntário. Nesse investir, aparentemente desafiador, com os singularíssimos civilizados que nos sertões, diante de semibárbaros, estadearam tão lastimáveis selvatiquezas, obedeci ao rigor incoercível da verdade. Ninguém o negará.

E se não temesse envaidar-me em paralelo que não mereço, gravaria na primeira página a frase nobremente sincera de Tucídides, ao escrever a história da guerra do Peloponeso – porque eu também, embora sem a mesma visão aquilina, escrevi

> ... sem dar crédito às primeiras testemunhas que encontrei, nem às minhas próprias impressões, mas narrando apenas os acontecimentos de que fui espectador ou sobre os quais tive informações seguras.

Euclides da Cunha, 27/04/1903

SOBRE OS SERTÕES

NOTA DOS EDITORES

A presente edição oferece uma fortuna crítica que mapeia a recepção de *Os sertões*, com os principais textos que marcaram a trajetória da obra, desde os primórdios até a atualidade. Traz também a reprodução de algumas páginas das cadernetas de campo de Euclides da Cunha, sob a guarda do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, instrumento de trabalho que um engenheiro aprendia a levar sempre no bolso.[1] Completa o dossiê uma seleção das fotos de autoria de Flávio de Barros.

As dezesseis imagens aqui incluídas – de um total de setenta, atualmente preservadas no Museu da República (RJ) e no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia – integram o único conjunto conhecido de fotos da campanha. De Barros sabe-se pouco, e nem mesmo como recebeu o encargo que desempenharia na campanha. Já atuante em Salvador na década de 1890, Barros – que até então era retratista-pintor e passou a se autointitular "fotógrafo expedicionário" – acompanhou as tropas de reforço que chegaram a Canudos no dia 26 de setembro. Quando o contingente militar desembarcou, os conselheiristas já haviam sofrido graves reveses e, embora não fosse do conhecimento do Exército, Antonio Conselheiro estava morto. Ao fotógrafo coube o registro do corpo exumado bem como das glórias militares. Suas fotografias ficaram conhecidas quando três delas saíram na primeira edição de *Os sertões*.[2]

Fortalezas cyclopeas *sine calcis linimento.*

Os megalithos são a mobilisação da caverna ou o Templo-Tumulo, destacado da montanha. Em todas as regiões do mundo se encontram construcções deste typo, pedras colossaes erguidas, alinhadas, subordinadas a um molde constante e regular porq. a simplicidade dos elementos materiaes não permitte variedade nas suas combinações. Essas pedras enygmaticas — menhirs, dolmens, cromlechs — a que tão fundas e remotas tradicções se ligam na Europa, são ainda no Oriente e na Africa de uso actual. Mas como ver os povos vivos nos explicam os monumentos archeologicos porque sobre a terra se acham todos os estados ethnometricos da mesma forma que a natureza nos apresenta existentes todos os typos evolutivos da creação (accumulamos nós) todos os terrenos de todas as edades geologicas. (C. M.)

Socalcos de montanhas successivas...
Sebe — tapume de ramos para vedar o accesso á casa. *Sebe viva* vallado de arbustos que pegaram

[illegible] agora no fim de tudo em que que surprehende. Ha ~~tanto~~ tempo esta campanha... fica em casa no fim da festa, justamente quando vão servir os doces... Não! falta só um dia, vou até ao fim.

E faltava-lhe só um dia — e foi até ao fim o bravo e destemido soldado — uma bella existencia peraça, acalentada ao rythmo febril das cargas guerreiras, serena e varonil, uma vida que foi uma poesia de bravura tendo como ponto final uma bala de Mannlicher

O Homem ~~[illegible]~~

Summario — Vida animal exuberante prejudicando as funcções intellectuaes e moraes — Exageros da vida material — A capacidade athletica da raça corrigirá as influencias thermometricas? A alimentação — influencia de um solo arido — Vida nomade — Frugalidade explicada pela altura thermica — Imprevidencia pela vida. Eterno conflicto entre os elementos da vida individual e a existencia collectiva — Sociedade inconsistente — predominio das paixões pessoaes. Regimen pastoril, nomade. Aspecto attrahente das chapadas — incentivo á vida aventurosa — O deserto aspero e impenetravel — isolador ethnico; insulamento no deserto determinando a conservação dos velhos costumes e erros.

Immunidade para as febres palustres. A superstição ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~. Regressões para o typo indigena pela mistura de elementos extranhos. Predominio dos mais fortes. A côr. Aspecto. Caracteres physicos. Infantilidade. Imaginação viva — Reflexão estreita. Memoria feliz! Imprevidencia. Resistencia á dôr. O medo. Terror religioso. A moralidade. A alimentação. A habitação. Exemplos de delicadeza moral. Espirito vingativo. O roubo. As vaquejadas. Vocabulario. As santas missões! A coragem pessoal.

A natureza (estado hygrometrico)

Summario – A temperatura – O solo arido. Elementos geognosticos e geologicos. Região infecunda de steppe (1ª categoria de Hegel). Poucas chuvas – As seccas – Flora – Fauna – Fructificação incerta e temporaria – Rios e riachos de enchentes subitas, correndo entre gargantas, sem fertilisar a terra. Aspecto das chapadas e taboleiros. As catingas impenetraveis. Physionomia da terra. Transparencia do ar. Relevo do solo. A vegetação. O firmamento. As trovoadas e as chuvas. Impenetrabilidade da região. Estado hygrometrico. As paysagens. Disposição bizarra dos planos das chapadas. O Rosario. O Rancho do Vigario. Serra do Cambaio. Caypan. Cocorobo. Monte Santo. As seccas. Plantas providenciaes. Riqueza mineralogica. Uma observação de Martins. Da secca ao verde transição immensa e rapida. Um paraiso no deserto – surgindo e desapparecendo breve. As travessias. Fortalezas sine calcis linimento.

A natureza

Candombá – vegetal fibroso do qual se extrae um pó resinoso, egual ao breu que misturado com sebo e areia fazem uma massa impermeavel e dura com que se concertam canoas, bateiras etc. Esta madeira dá bonita luz, por isto a approveitam para fachos á noite.

Cunanan – arbusto sem folhas, commum nas catingas de Geremoabo – dá uma cera alva, com todas as qualidades da cera commum, com a qual faz o tabaréo grandes rolos que vende para illuminação de casas.

As raizes de Angico e yatobá prestam-se a untar eixos de rabecas.

Chique-chique – arbusto espinhoso semelhante ao mandacarú; alguns fazem do alvo miolo da planta, cuscuz.

[illegible]

Caruá – textil

[illegible]

Cunanan – o pó de leite, gottas de fogo

[illegible]

Vista parcial de Canudos ao poente, 1897. Canudos, Bahia.

Vista parcial de Canudos ao norte, 1897. Canudos, Bahia.

Vista parcial de Canudos ao sul, 1897. Canudos, Bahia.

Vista parcial de Canudos e rio Vaza-Barris, ao nascente, 1897. Canudos, Bahia.

Vista parcial de Canudos ao nascente e ao sul, 1897. Canudos, Bahia.

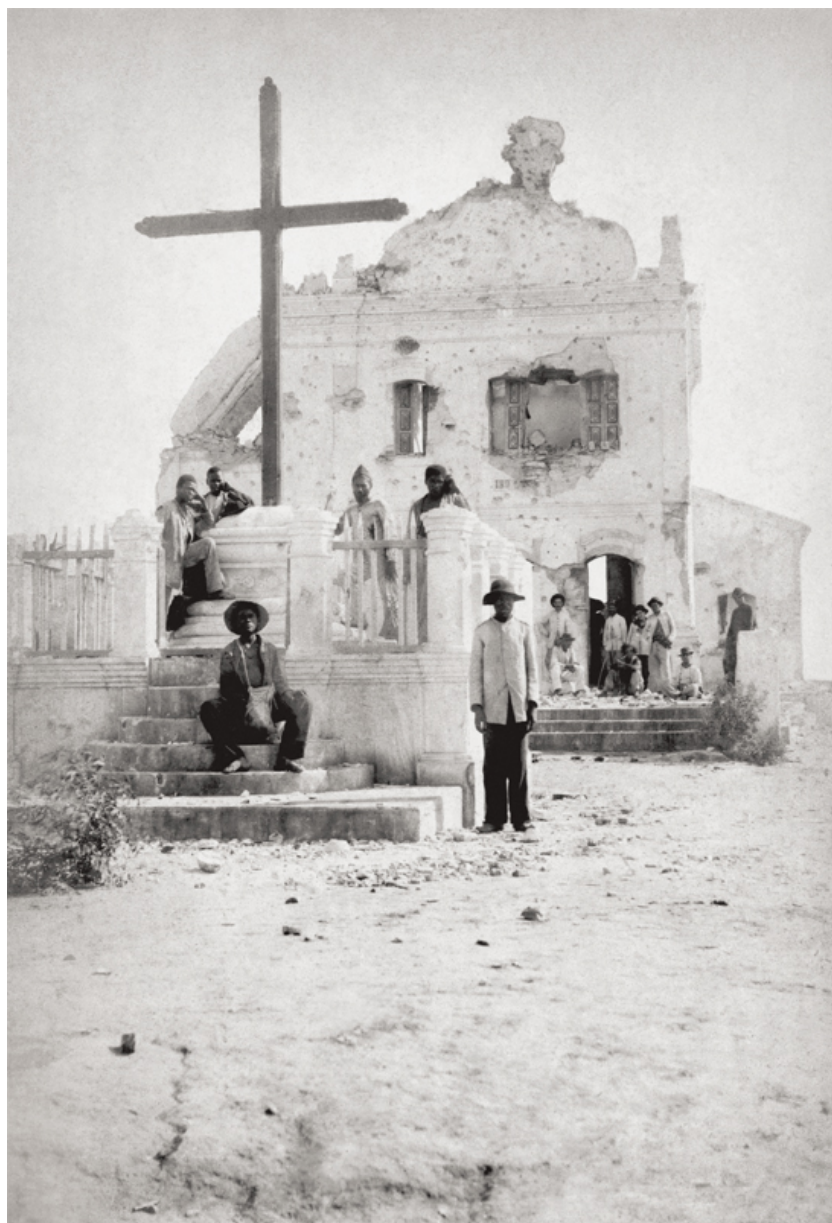
Rio Vaza-Barris ao sul, 1897. Canudos, Bahia.

12º Batalhão de Infantaria na trincheira, 1897. Canudos, Bahia.

30º Batalhão de Infantaria na trincheira, 1897. Canudos, Bahia.

24º Batalhão de Infantaria nas trincheiras, 1897. Canudos, Bahia.

Flanco esquerdo da Igreja do Bom Jesus, 1897. Canudos, Bahia.

Nova Igreja do Bom Jesus, 1897. Canudos, Bahia.

Antiga Igreja de Santo Antonio, 1897. Canudos, Bahia.

Cadáveres nas ruínas de Canudos, 1897. Canudos, Bahia.

Um jagunço preso, 1897. Canudos, Bahia.

Quatrocentos jagunços prisioneiros, 1897. Canudos, Bahia.

Bom Jesus Antonio Conselheiro, depois de exumado, 1897. Canudos, Bahia.

FORTUNA CRÍTICA

APRESENTAÇÃO

Desde o início, os estudos privilegiaram pendularmente dois polos: o livro de Euclides e a Guerra de Canudos. De 1902, quando sai *Os sertões*, até a metade do século, as análises ocupam-se mais do livro.

A partir das resenhas de periódicos que saudaram, com maior ou menor entusiasmo, o lançamento de *Os sertões*,[1] esta fortuna crítica reteve os artigos dos principais críticos literários da época, que influenciariam as leituras pelo meio século a seguir.

Esse seria o tempo decorrido até a mais importante guinada a se verificar nessa trajetória, e cujo estopim foi a tese de José Calasans, *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro* (1950). A partir daí, esse historiador enfatizaria o olhar interno sobre a Guerra de Canudos.

Publicando uma avalanche de delgados fascículos, sua maneira peculiar de enfrentar a matéria, no meio século seguinte o historiador e seus discípulos inverteriam o ângulo de visão e revelariam sucessivamente aspectos fundamentais que até então tinham ficado relegados ao esquecimento. Foi assim que Calasans pesquisou o campo, com escrúpulo e tenacidade, a partir de uma pioneira incursão de história oral, quando, ainda nos anos 1950, cometeu a façanha de entrevistar sobreviventes da guerra.

Escreveria inúmeros trabalhos sobre facetas mais obscuras. Os inícios da peregrinação do líder místico. A composição de seu séquito. As igrejas e cemitérios que edificou ou reparou. Os caminhos que palmilhou. As trajetórias pessoais dos principais canudenses. A participação de negros e índios. O papel desempenhado pelas mulheres. A poesia popular que se originou dos eventos de Canudos. A etimologia da palavra "jagunço". As idas e vindas da posição da Igreja. Os dois sermonários de Antonio Conselheiro. Além disso, a ele devemos a revelação de inúmeros documentos, pois era meticuloso no cotejo das informações, preocupando-se com a corroboração em mais de um testemunho, entregando-se à crítica de fontes e jamais delegando à fonte a responsabilidade que é do historiador.

José Calasans fincaria o padrão de um movimento renovador, procurando ventilar outros aspectos, que no processo tinham ficado ofuscados pelo brilho de *Os sertões*. Ressalte-se a prática antecipada da história oral e do cotidiano, bem como o realce devotado à crônica dos vencidos. Tudo isso viria contribuir para aos poucos mudar o caráter dos estudos.

Tornou-se obsoleta a hipótese de uma loucura coletiva que se apoderara de Antonio Conselheiro e contagiara seus adeptos, interpretação que predominara durante um bom tempo, inclusive em *Os sertões*, mas acabaria por cair em descrédito. O que ali ocorrera não era da ordem do patológico, que

implicaria desorganização e anarquia, mas ao contrário um esforço de inventar novas formas de vida em comum. Clichês pejorativos como os de "fanáticos" e "jagunços" tenderiam a desaparecer.

As pesquisas passaram a iluminar ângulos pouco explorados. O noticiário dos periódicos. As reportagens feitas pelos enviados especiais ao palco dos acontecimentos. Os livros escritos pelos participantes da guerra, sobretudo combatentes – imediatamente ou mais tarde, militares ou civis, contra ou a favor. As ordens do dia e outros papéis relativos à campanha. Os relatórios dos governos estadual e federal. As atas parlamentares. As cartas trocadas entre a Arquidiocese da Bahia e os vigários sertanejos. As prédicas do Conselheiro, conservadas em sermonários manuscritos. Os arquivos locais do Exército, até então secretos. A correspondência do barão de Jeremoabo, potentado que mandava em toda a região. Novas fontes poéticas, fossem populares,[2] fossem eruditas.[3] E assim por diante.

Dentre a volumosa recepção que teve o livro de Euclides e as polêmicas que suscitou, a posteridade reteve os pronunciamentos dos três maiores críticos literários da época: José Veríssimo, Araripe Jr. e Sílvio Romero. São eles que assentam as bases da crítica futura, sendo alguns de seus argumentos decisivos. Por exemplo, a falta de definição de um gênero, literário ou não, que permitisse classificar o livro como história ou como literatura. A riqueza léxica e estética do livro foi logo notada e anotada por eles, que às vezes denunciaram os excessos de Euclides, no cientificismo e no abuso dos termos técnicos. Outro ponto a assinalar refere-se aos conhecimentos enciclopédicos ostentados. De qualquer modo, são estudos seminais e que influenciariam tudo o que se seguiria.

Ao dividirmos os estudos em grandes blocos característicos, com uma fisionomia em comum ou um ar de parentesco, vemos que a segunda fase vai deslocar as perspectivas. Enquanto na primeira predomina a visão literária, a segunda vai desdobrar uma mirada nutrida nas ciências sociais. É Gilberto Freyre, com o cabedal que já acumulara como autor de *Casa-grande & senzala* – com sua mescla inimitável de história, antropologia, sociologia, psicologia individual e social, sem falar na sensibilidade propriamente literária que é sua marca registrada –, quem inaugura a nova tendência.

Homem, obra, contexto: eis o tripé em que repousa o estudo de Gilberto Freyre. Também presta grande serviço ao repassar, dispensando-se de citá-la diretamente, toda a crítica euclidiana até então, ponderando-a, aproveitando algumas achegas e demolindo outras. É o primeiro grande estudo completo e certamente definitivo.

Nessa fase, a das avaliações inspiradas nas ciências sociais, destacam-se a seguir nesta fortuna crítica o ponto de vista de Antonio Candido (1952); de Olímpio de Sousa Andrade – que vasculha os arquivos e publica todo um livro (1960) de história intelectual, com inéditos de periódicos e revelação de documentos; de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976), especialista em

messianismo e mandonismo, que constrói uma tipologia do jagunço; de Duglas Teixeira Monteiro, que opera um bem-vindo cotejo de Canudos com outras insurreições como o Contestado e o Juazeiro de Padre Cícero (1978); tudo isso coroado pelo livro de Franklin de Oliveira (1982), de inédita erudição, colocando a ênfase na história das ideias. De José Calasans (1986) estampa-se trecho de um trabalho em que, sem se atemorizar ante o prestígio de *Os sertões*, esquadrinha o que chamou de "Canudos não euclidiano", ou seja, a farta documentação que passa por fora do livro famoso.

A terceira fase, numa amostragem de novas tendências, está aqui representada por Antônio Houaiss (em depoimento de 1986, só publicado em 2009), Luiz Costa Lima (1997) e Roberto Ventura (2003). Antônio Houaiss oferece uma declaração de fã, guindando Euclides da Cunha a um papel fulcral em sua formação. Nisso representa inúmeros intelectuais que assumem o mesmo legado embora calando as razões. Luiz Costa Lima renova a tradição da ênfase na história das ideias e na erudição, dando especial atenção às fontes e às influências. Roberto Ventura, a exemplo de outros companheiros de geração, sai à cata de uma perspectiva diferente, no seu caso os estudos biográficos, em busca de uma interpretação original que sua morte deixaria inconclusa.

A linha evolutiva da fortuna crítica foi amparada por certas instituições, a começar pela Academia Brasileira de Letras, que promoveu a preservação do acervo de seu ilustre membro, dedicando-lhe exposições, estimulando estudos e publicações.

Iniciada pelo Grêmio Euclides da Cunha e sua revista, no Rio de Janeiro, a missão de manter a guarda dos estudos e arquivos euclidianos logo passaria para a égide da cidade paulista de São José do Rio Pardo, onde *Os sertões* foi escrito, mediante a fundação da Semana Euclidiana. Uma vez por ano os festejos incluem a "maratona", quando colegiais acorrem do país todo para responder a testes sobre a obra de Euclides. Entre conferências, mesas-redondas e debates, a celebração anual manteve sua continuidade durante meio século sobretudo devido à dedicação incansável de seu presidente Oswaldo Galotti. Este, por testamento, doaria seu acervo de maior colecionador de euclidiana à Casa de Euclides, naquela cidade, tornando-a uma meca para os pesquisadores.

Por seu lado, a Bahia tratou de desenvolver os recursos. José Calasans instituiu na Universidade Federal da Bahia o Núcleo Sertão, que congrega estudiosos e biblioteca, para o qual doou seu acervo de raridades sobre a Guerra de Canudos. A criação do Centro de Estudos Euclides da Cunha pela Universidade do Estado da Bahia expandiu as possibilidades, trazendo não só abertura documental para pesquisa e digitalização de seu hoje imenso acervo, com cerca de 30 mil documentos,[4] mas também trabalho comunitário. Numa nova concepção dessa herança, um campus avançado foi fundado na região e escrita a *Cartilha histórica de Canudos*,[5] dirigida às crianças em idade escolar e

oficialmente adotada como material didático para ensino fundamental e médio em Canudos. Em consequência, criou-se o Parque Estadual de Canudos (1986),[6] com objetivos de sondagens arqueológicas e de preservação ecológica.

Tendo em vista toda essa conjuntura nascente e promissora, outras vertentes certamente serão trilhadas em direção a rumos que ainda não foram previstos.

Abrem e fecham esta seleção dois estudos da autoria da organizadora da edição crítica. O primeiro é um ensaio que trata da análise interna do livro *Os sertões* e foi resultado da decantação da experiência do preparo da mencionada edição. O segundo é trecho de um livro que se ocupa da Guerra de Canudos, oferecendo uma interpretação própria e procurando mobilizar o que já foi recolhido em matéria de documentação, dados os grandes avanços feitos na área.

W.N.G.

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

Parece pouco plausível, mas Euclides da Cunha escreve *Os sertões* na contemporaneidade do grande romance realista brasileiro de Machado de Assis, que marca a maturidade deste e seus últimos anos de vida. Ambos foram participantes da cena literária simultaneamente pelo menos por uma década, como mostram as cartas que trocaram. E viriam a morrer com pequeno intervalo – Machado aos 69 anos, em 1908; Euclides aos 43, em 1909. Ainda assim, não se podem imaginar obras mais dessemelhantes.

Se, por um lado, o naturalismo igualmente já dera seus melhores frutos, por outro lado os primeiros sinais do modernismo, que faria sua rumorosa aparição em cena na Semana de Arte Moderna de 1922, não chegariam a alcançar Euclides em vida.

Por tudo isso, costuma-se colocar Euclides no pré-modernismo, sem dúvida na falta de melhor categoria. Quando se considera que o outro escritor de prosa do mesmo período que sobressai da média é Lima Barreto, a heterogeneidade se acentua desconfortavelmente.

Sobretudo naturalista e positivista, Euclides vai ser rejeitado pelo modernismo. A retórica do excesso, o registro grandíloquo, o tom altíssono só poderiam ser avessos ao espírito modernista.

Acrescente-se a isso sua preocupação pelo uso de uma língua portuguesa castiça e até arcaizante, ao tempo em que Mário de Andrade ameaçava todo mundo com seu projeto de escrever uma *Gramatiquinha da fala brasileira*.

No entanto, mal sabiam os modernistas que em Euclides contavam com um abridor de caminhos. As numerosas emendas a que submeteu as sucessivas edições de *Os sertões*, enquanto viveu, apontam para um progressivo

abrasileiramento do discurso. No longo processo de emendar seu próprio texto, a prosódia vai aos poucos ganhando da ortoépia, esta sim portuguesa, mostrando que o ouvido do autor ia desautorizando sua sintaxe e, principalmente, sua colocação de pronomes, anterior.

Ainda mais, o modernismo vai dar continuidade a algumas das preocupações de Euclides com os interiores do país e à macaqueação europeia nos focos populacionais litorâneos. Partilha igualmente com ele a reflexão sobre a especificidade das condições históricas do país, na medida em que já em *Os sertões* Euclides realizara um mapeamento de temas que se tornarão centrais na produção intelectual e artística do século XX, ao debruçar-se sobre o negro, o índio, os pobres, os sertanejos, a condição colonizada, a religiosidade popular, as insurreições, o subdesenvolvimento e a dependência. Aí fincam suas raízes não só o modernismo mas também o romance regionalista de 1930 e o nascimento das ciências sociais no país na década de 1940.

Muitas dessas preocupações não eram, evidentemente, exclusivas de Euclides, mas comuns às elites ilustradas nas quais ele se integrava e das quais vai se destacar ao escrever *Os sertões*. E de muitas delas até se pode dizer que ele as aprendeu na escola, pois a marca do militar é muito forte nesse livro.7 Este militar cedo se licenciou do Exército para nunca mais retornar, e sem dúvida, a partir de certo ponto, se sentia muito pouco à vontade na farda, como mostram suas cartas a amigos e familiares no período de decisão. Mas não se deve perder de vista que se trata do livro de um militar por *formação*, o que é fundamental para que se entendam tanto as origens de tais preocupações quanto a extraordinária reviravolta de consciência causada pela Guerra de Canudos, testemunhada de corpo presente.

O fato de Euclides ter feito seus estudos completos na Escola Militar do Rio de Janeiro, de onde saiu apto para se profissionalizar como engenheiro militar, pesa poderosamente em seus escritos. Essa era uma escola de ponta que, produzindo vanguardas, constituiria um foco modernizador e teria atuação marcante na política brasileira, sobretudo na década em parte da qual Euclides foi aluno.

Dentre os ex-alunos que se tornaram militares de profissão, destacam-se nomes ilustres como o duque de Caxias, comandante vitorioso da guerra contra o Paraguai, durante o Segundo Reinado, bem como os dois primeiros presidentes da República, marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Mas outros igualmente se notabilizaram em funções e papéis diferentes. André Rebouças se realizou como engenheiro e professor de engenharia, bem como em trabalhos empresariais durante o Império. Pereira Passos, o Haussmann do Rio de Janeiro, foi o responsável pela urbanização da capital, de que foi prefeito, no princípio do século XX. Benjamin Constant, de decisiva influência sobre seu discípulo Euclides, veio a ser ministro da Guerra da recém-proclamada República e em seguida ministro da Educação, bem como autor da primeira reforma de ensino republicana, de inspiração positivista. Candido

Mariano Rondon, idealizador do indigenismo brasileiro, fundou o primeiro Serviço de Proteção ao Índio, a que se dedicou durante toda a vida; também capitaneou a instalação das linhas de telégrafos que cingiram o país de sul a norte, através dos sertões. E ainda muitíssimos outros, que transformaram de várias maneiras os destinos do país.

O positivismo se casava tão conaturalmente com o abolicionismo e o republicanismo que o lema da nova bandeira vai ser, como é até hoje, *Ordem e Progresso*. Benjamin Constant pregava que o soldado deveria ser antes de tudo um cidadão armado, com uma missão ao mesmo tempo civilizatória, humanitária e moral. Esses princípios viriam mais tarde a se institucionalizar na reforma da Escola Militar, de que foi autor, em 1900. Ora, tal concepção tinha sido uma criação da Revolução Francesa, só que ao contrário: eram os cidadãos que se tinham armado para propagar os ideais revolucionários pelo mundo, para civilizar o mundo ainda oprimido pelo Antigo Regime, e não para militarizá-lo. Estava pronto para ser usado – como de fato o foi, até para legitimar a chacina dos pobres em Canudos – o mito da Revolução Francesa à moda da casa.

Um bando itinerante de crentes liderados por um pregador leigo, Antonio Conselheiro, depois de perseguido muitos anos por toda parte no interior dos estados do Nordeste,8 acaba por se refugiar numa fazenda abandonada, no fundo do sertão da Bahia, numa localidade chamada Canudos. Pequenos contingentes de tropas, enviados contra eles em mais de uma ocasião, foram rechaçados. Preparou-se então uma expedição maior, que passaria para a história como a terceira expedição, sob o comando do coronel Moreira César. Esse militar se distinguira na repressão à Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, já no período republicano, tornando-se conhecido pelo apelido de Corta-Pescoço. A expedição dirige-se a Canudos e, no primeiro ataque, bate em retirada com pesadas perdas, inclusive a de seu comandante, numa debandada geral, deixando cair peças de roupa, mochilas, armas e munições.

Foi o estopim para o alarma nacional, que começou com a depredação de quatro jornais monarquistas que ainda sobreviviam, um deles em São Paulo e três no Rio, continuou em atentados e resultou na convocação da quarta expedição. Esta reuniu tropas vindas de todos os estados do país sob o comando de nada menos que cinco generais e, a partir de certa altura, até um marechal, o ministro da Guerra, que se deslocou pessoalmente para lá.

O exame dos documentos e da imprensa da época mostra como foi feita a montagem dessa reação desmedida. Arquitetou-se uma representação de Canudos como o foco de uma contrarrevolução monarquista internacional, com sede em Nova York, Paris e Buenos Aires. Essa conspiração contaria com ramificações de toda sorte em território brasileiro, navios ao largo, rede de apoio logístico e mesmo treinadores estrangeiros no local.

É nesse clima que Euclides escreve dois artigos sobre o assunto, ambos intitulados “A nossa Vendéia”, publicando-os no jornal *O Estado de S. Paulo*. O

título foi tão feliz e oportuno que se alastrou, foi muito glosado e chegou a rotular provisoriamente *Os sertões*; mas, então, ele próprio já tinha aprendido, e duramente, que Canudos não era “a nossa Vendéia”, como também fora induzido a crer. De fato, não calhava mal naquele momento a lembrança da contrarrevolução católica oriunda da aliança entre nobres e camponeses que durante tantos anos fustigara a Revolução Francesa por dentro, enquanto as monarquias europeias atacavam de fora.

Entretanto, nos livros que publicou afora *Os sertões*, *Contrastes e confrontos* (1907), *Peru versus Bolívia* (1907) e *À margem da história* (1909), aqueles dois artigos não foram recolhidos. Tais livros são constituídos por coletâneas de artigos já publicados e pequenos estudos, de nível desigual, versando tópicos variados como política, fronteiras, literatura, história, quadros sociais, perfis, temas amazonenses e outros afins, inclusive seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito menos de um ano após a publicação de *Os sertões*. Talvez injustamente, a seu ver não acrescentavam muito a sua obra: amigos testemunharam seu aborrecimento por ser conhecido como o autor de um livro só.

Após a publicação de “A nossa Vendéia” em *O Estado de S. Paulo*, Euclides é imediatamente contratado por aquele jornal para fazer a cobertura da guerra como enviado especial. Viaja para Canudos em companhia do ministro da Guerra, marechal Macedo Bittencourt, comissionado como seu adido.

Dessa missão resultou a publicação de uma série de reportagens sobre a guerra, só muitos anos após sua morte recolhidas em livro, que seria o embrião de *Os sertões*. O colegial que escrevera quatro sonetos intitulados “Robespierre”, “Danton”, “Marat” e “Saint-Just”, alimentado com ideias francesas na Escola Militar, vai finalmente viver em pleno o mito da Revolução Francesa à moda da casa.

Após quatro expedições bélicas, a insurreição dos conselheiristas seria liquidada em 5 de outubro de 1897. Assinala-se então uma reviravolta de opinião. Mas é bom lembrar que com Canudos o fantasma de um retorno do Antigo Regime ficou exorcizado para sempre, e nunca mais foi manipulado como o fora por essa ocasião. A conspiração monarquista internacional esfumara-se no ar e em lugar dela, acionado a pretexto dela, ficara o massacre indiscriminado de gente pobre. Os mesmos líderes que clamavam pelo extermínio agora falam com emoção em crime. Os manifestos estudantis que antes eram cheios de ardor republicano agora protestam indignados. As Forças Armadas se viram cobertas de opróbrio. O arraial de Canudos fora arrasado, depois de empapado em querosene, a que foi ateado fogo com bombas de dinamite. Resistiria até o último homem tombar morto; alguns dias antes do fim fora negociada a retirada de cerca de trezentas pessoas: mulheres, crianças e velhos. Todos os prisioneiros válidos feitos ao longo da guerra tinham sido manietados e degolados, desde o início, ante a vista dos generais. É essa reviravolta de opinião que *Os sertões* expressará cinco anos mais tarde, quando de sua publicação, vindo a ser o maior *mea culpa* da literatura brasileira. Essa é a

nada desprezível razão para seu êxito imediato e fulminante, concretizado em edições sucessivas, juntamente com a eleição do autor para a Academia Brasileira de Letras e para o Instituto Histórico e Geográfico. E, pelo menos em certo nível – pois há outros, como veremos –, razão também de sua permanência na estima geral até hoje.

Se o embrião do futuro livro está na série de reportagens, todavia é ainda em escala muito modesta e nem de longe dá ideia do que acabará sendo. Pois ao mandar os primeiros relatos, Euclides, como todo mundo, inclusive os correspondentes de guerra dos outros periódicos, está convicto de que a República se encontra em perigo. Assina os telegramas com a saudação final: "Viva a República!", o que também era o grito de guerra das tropas quando avançavam para o ataque. Os canudenses seriam contrarrevolucionários que visavam derrubar a República, a qual, juntamente com a emancipação do cativeiro que imediatamente a precedera, era o primeiro passo efetivo no resgate do atraso brasileiro e no rumo da entrada do país no concerto das nações civilizadas. Como pode uma nação ser moderna se tem escravos e rei? Mas, à medida que a série avança, o autor torna-se mais reticente, menos ardoroso no entusiasmo republicano. E, mais curioso ainda, a série ficará incompleta: nunca foi publicada, nunca apareceu e nunca se apurou se afinal foi ou não escrita a reportagem que relataria os últimos dias da guerra e a chacina da vitória.

O livro, que Euclides levaria cinco anos a elaborar e para o qual faria detidos estudos, seria finalmente um enorme volume de mais de seiscentas páginas. Se compararmos as áreas do conhecimento que lá são mobilizadas com o currículo da Escola em seu tempo de aluno, verificamos que já estava familiarizado com boa parte delas. Como matérias de currículo, não teriam sido obrigatoriamente estudadas a fundo, conforme se percebe no livro, mas é com as vistas afinadas por esses saberes que Euclides avalia Canudos e a guerra.

Mas ainda não era suficiente. Aparecem no livro extensos estudos de história de Portugal e do Brasil, sobretudo no que diz respeito à colonização e ao povoamento, necessários para responder a suas indagações quanto à origem e formação da gente de Canudos. Concorrem igualmente noções de antropologia, de sociologia, de folclore, de religião e de psicologia social, esta última com ênfase no que os cientistas sociais do século XIX chamavam de comportamento anormal das multidões, preocupados como andavam com a primeira e vitoriosa revolução social de massas desencadeada nas ruas pela Revolução Francesa.

Assim considerado, o livro aparece como uma formidável enciclopédia em que teorias sobre as causas das secas que assolam o Nordeste ombreiam com interpretações psicocriminais da instabilidade nervosa dos mestiços, e a crítica às táticas desenvolvidas pelo Exército com análises de preceitos religiosos.

No fundo, *Os sertões* é uma narrativa da Guerra de Canudos, provinda de um

movimento messianista sertanejo confrontado pelas Forças Armadas, escrita com inúmeras reflexões sobre todas aquelas áreas do conhecimento. Uma apreciação do esquema básico do livro permite compreender melhor essa combinação. O esquema é decididamente determinista: a uma primeira parte intitulada "A terra" segue-se uma segunda intitulada "O homem" e uma terceira, mais longa e com subdivisões que se desdobram a partir do capítulo "A luta – preliminares".

Na primeira parte, "A terra", é examinada nas suas origens a constituição geológica do continente americano, com o foco restringindo-se cada vez mais até se concentrar sobre a região de Canudos. São estudados o solo, a flora, a fauna, o clima e as causas do fenômeno local das secas.

Na segunda parte, "O homem", é analisada a formação antropológica do brasileiro, resultante da confluência de três raças, que são, pela ordem de chegada, a indígena, a branca e a negra. As sucessivas vagas da colonização e do povoamento do país têm seu histórico traçado. Novamente apertando o foco são investigadas a população da região, com seus tipos e costumes, a religiosidade sertaneja e, finalmente, a trajetória pessoal do líder carismático do movimento, Antonio Conselheiro.

A terceira parte, cuja extensão corresponde ao dobro das duas anteriores somadas, narra a Guerra de Canudos, desdobrando-se em seis capítulos, intitulados "A luta – preliminares", "Travessia do Cambaio", "Expedição Moreira César", "Quarta expedição", "Nova fase da luta" e "Últimos dias".

Das duas primeiras partes seria lícito supor que não se tratasse de narrativas, devendo ser, por sua natureza, a primeira descritiva e a segunda analítica. Entretanto, são, desde a palavra inicial do livro, intensamente narrativas. Não cabe aqui o dissídio que Lukács apontou entre narrar ou descrever, a propósito do realismo-naturalismo europeu.[9] Não sendo um romance, *Os sertões* é naturalista e é narrativo. A análise literária dá conta de que em "A terra" é sobretudo à figura da prosopopeia ou antropomorfização dos elementos naturais, dotados de desígnios e sentimentos, que cabe a responsabilidade pelo caráter de narrativa; o que não é de todo alheio a manuais de geologia. Em "O homem", o assunto principal, a miscigenação, é narrado como um processo; o que tampouco é alheio a manuais de história. E os capítulos da luta como que deflagram retroativamente as duas partes iniciais, em que se encontram sistemas de metáforas prefigurando aquilo que vai ser episódio de crônica da guerra.

Entretanto, essa narrativa é *virtualmente* polifônica, no sentido demonstrado por Bakhtin a propósito de Dostoiévski e de seus romances *manifestamente* polifônicos.[10] Não há propriamente personagens, porque não há romance. O que temos aqui é um imenso diálogo a muitas vozes, mediadas pelo narrador. A massa de conhecimentos e de nomes de autoridades nesses conhecimentos com que Euclides enche as páginas de seu livro aparece em forma ou de citações ou, muito mais frequentemente, de paráfrases. A paráfrases seguem-se paráfrases, quase sempre em desacordo total ou parcial.

O andamento da narrativa, que procede por antíteses e não por sínteses, torna-se uma polifonia exasperada. Uma autoridade num dado saber disse algo a respeito de um assunto, e sua paráfrase aparece devidamente na continuidade da narrativa, para em seguida outra autoridade, que disse algo que é diverso ou contrário à anterior, achar-se também parafraseada. Extremando o procedimento, aproximamo-nos daquilo que Northrop Frye definiu como anatomia, ou seja, uma forma épica não romanesca com ênfase na dissecação analítica de ideias.[11] Pois são ideias, teorias, hipóteses, dogmas, opiniões, apaixonadamente ponderados, vindo a constituir não as personagens mas os actantes da narrativa. Tudo se passa sob as espécies de um simpósio cujos convivas estão ausentes mas em que suas ideias em entrechoque os substituem em presença viva nas páginas do livro. Às vezes controlando-as, às vezes perdendo o controle delas, a todas essas vozes sobrepõe-se a voz do narrador na primeira pessoa de um plural majestático.

O suporte desse polifonismo reside na intertextualidade. Toda a ciência da época – aquela que era acessível a um meio periférico e dependente como o brasileiro – é passada em minuciosa, mas não rigorosa, revista. É entre esses outros textos, jogando uns contra outros, manipulando-os e até invectivando-os, que se constrói o texto de *Os sertões*. O leitor desavisado vai encontrar dificuldade em precisar qual é, afinal, a teoria, ou a opinião, que o autor subscreve. Isso ocorre a cada página, quer o assunto tratado seja a causa das secas ou a superioridade do sertanejo: as teorias ou as opiniões, mesmo quando opostas, não se cancelam. A correção ou incorreção de sua ciência não vem ao caso. As duas leituras, a "certa" e a "errada", são possíveis, só que ambas coexistem no livro servindo ao mesmo princípio de construção literária.

Nas duas primeiras partes, a intertextualidade lança mão predominantemente de textos científicos e históricos. Na terceira parte, que é a crônica da guerra, a que Euclides presenciou fazendo anotações em sua caderneta de campo e escrevendo reportagens, os materiais mobilizados são as séries escritas por outros jornalistas, os livros sobre a guerra, editados antes do seu, os relatórios administrativos do governo, as ordens do dia militares. Também nesse caso as citações e as paráfrases são extensas e as opiniões contraditórias.

A postura do narrador – esse narrador que manejando a intertextualidade finge a apresentação de um simpósio de sábios – é peculiar. Intromete-se naquilo que está narrando, em tom conspícuo, e com alguma frequência apostrofa os autores e seus assuntos, sempre no plural majestático.

O narrador reveste a persona de um tribuno, discursando para persuadir.

A persona de um tribuno num texto narrativo introduz o gênero dramático e seu *pathos*. O narrador confronta os leitores com sua enfática persuasão. Abre-se um espaço entre as alturas da tribuna e o auditório, e esse espaço é homólogo do espaço dramático entre o palco e o público.[12] Não temos aqui a apresentação autoanuladora do narrador épico, que se apaga para que o narrado resplandeça, mas o gesticular patético do orador, afastado e elevado,

em confrontação, querendo convencer.

A tensão dramática nunca está ausente. A luta já é uma situação dramática por excelência. Mas a luta, óbvia numa guerra, e que toma a maioria das páginas, também contamina o tratamento literário das duas partes iniciais. As forças naturais estão em permanente conflito: a guerra entre os homens é uma instância do combate cósmico, onde a canícula e a seca atacam a vegetação, mas esta retruca com uma estratégia de resistência.

Se o dialogismo e a antítese pressupõem o conflito, a figura predileta do autor, o oximoro, compõe-se de extremos.[13] Substantivamente épico, sem dúvida, mas devendo muito ao dramático, *Os sertões* joga com esses dois gêneros literários e obtém desse encontro sua eficácia. O grande sintagma narrativo bíblico, que vai do Gênesis ao Apocalipse, aparece neste livro com pelo menos uma extraordinária distorção. O bloco inicial maior do Apocalipse bíblico relata o horror da aniquilação do mundo, da besta, do fogo do céu e do que sobe dos abismos, das pragas, da dizimação da humanidade. O último trecho, menor, é a Revelação sobre o que virá após o Juízo Final, com a epifania paradisíaca da Cidade de Deus, a Nova Jerusalém. Esta dispensa um templo, porque a cidade inteira já é a morada do Cordeiro. Construída de ouro e pedras preciosas, exatamente na forma de um quadrado resplandecente, contém os demais arquétipos, ou imagens literárias que aparecem repetidamente na tradição, do rio da água da vida e da árvore da vida.

Mas em *Os sertões* há uma dupla inversão, por isso mesmo mais maligna: a primeira parte do Apocalipse é narrada com as imagens invertidas da segunda parte. Ou seja, a parte do horror é narrada com as imagens da parte paradisíaca viradas ao contrário. Também esses arquétipos invertidos pertencem à tradição, e não foi o autor quem os inventou.[14] Assim, a inversão demoníaca dos arquétipos é duplicada. E por isso tudo está virado pelo avesso nesse Apocalipse, que não é paradisíaco, porém demoníaco, do inferno, dos mundos ínferos, do que é rejeitado pela razão, do que confunde o entendimento humano.

Em *Os sertões* há um rio central – o Vaza-Barris – que não mana porque não tem água. Em vez do jardim civilizado, obra do homem, centralizado pelo rio da água da vida e pela árvore da vida, ali está a vegetação da caatinga, arbustos e cactos sem a verdura, só garranchos e espinhos. Em vez do Cordeiro, em nível icônico, a cabra, o bode e os cães que devoram cadáveres; em nível simbólico, o bode expiatório coletivo, que são os canudenses assolados pela modernização do país. Em vez da Cidade de Deus, o labirinto emaranhado de casebres de taipa, edificado de terra e cor de terra, sem sequer o quadriculado das ruas confortador da mente humana. As relações sociais internas aos dois bandos empenhados no mútuo extermínio são as de uma horda congregada em torno de líderes sinistros. De um lado, “um falso apóstolo”, um “bufão arrebatado numa visão do Apocalipse”, um “doente grave”, um “doido”. Do outro, generais civilizados que autorizam a degola de prisioneiros amarrados. E a Cidade de Deus vai se tornar a cidade da morte, transfigurada em “necrópole

de insepultos", "vala comum", "matadouro" e "esterquilínio".

O palco do confronto é uma *wasteland* e seu elemento natural poético o fogo. Primeiro o dos tiros, depois o do incêndio deliberado; seus correlatos imagísticos são a seca, a temperatura escaldante, a seiva cáustica das plantas – tudo aquilo que queima.

Em vez de predominarem o ar em que resplandece a Cidade de Deus e a água que a fecunda, ali só há terra e fogo. Assim é que *Os sertões* constitui-se em narrativa desde a primeira palavra; mesmo aquilo que parece descrição, ou tem por objetivo aparente descrever, já é narração. Por aí começa a primeira parte de *Os sertões*, com sua mimese do Gênesis, seu andamento desmesurado, titânico, narrando o Caos parindo a Terra. Tudo ali é convulso e em movimento: as cordilheiras se desvencilham do magma ardente e se lançam para o alto; os estratos geológicos lutam entre si à procura de estabilização; os mares se apartam. Como se não bastasse, na região de Canudos o Gênesis ainda não terminou: os excessos da temperatura estão modificando incessantemente a própria morfologia dos minerais, o líquen está em vias de atacar a pedra para transformá-la em solo, e assim por diante.

Grande parte da eficácia literária desse início decorre da figura da prosopopeia, ou a busca do efeito de dotar de vida, de vontade própria e de movimento aquilo que é inerte e inorgânico, narrando-o como um sujeito vinculado a um verbo de ação.

Essa concepção de um Gênesis não pronto, porém em devir, é aplicada também ao sertanejo. Ele é uma espécie étnica ainda em formação, possivelmente a nova raça brasileira – o sertanejo: "a rocha viva de nossa nacionalidade" –, que ali está sendo exterminada antes que acabe de se formar; e esta é a grande tragédia. Evidentemente, isso entra em contradição com as teorias raciais do mestiço que Euclides longamente expõe e endossa.

A mimese do grande sintagma narrativo da Bíblia é ciosamente dissimulada sob o ostensivo esquema determinista de "A terra", "O homem", "A luta". E o olhar visionário, que apreende sob o esquema determinista as essências de revelação, faz as vezes de olhar do outro; não ininterruptamente, mas em brechas por onde ela fulgura. Nesses vislumbres, Antonio Conselheiro é "um pietista ansiando pelo reino de Deus". Quanto a Canudos, "ali era o céu", um "voltar-se à idade de ouro dos apóstolos" e uma "Jerusalém". O Exército é satanizado como "multidão criminosa e paga para matar", "mercenários inconscientes", "Anticristo", ponta de lança de "a lei do cão" e "mundiça" (imundície). A Guerra de Canudos é um "refluxo para o passado" e "um crime". Compreende-se pela inversão o grito canudense de provocação às tropas: "Avança! fraqueza do governo!". Muitas vezes dá para supor que era desse modo, na estrutura mais profunda, que os insurretos viam a si mesmos, a sua cidade e ao adversário. O arraial para eles era "o Belo Monte", com todas as suas implicações bíblicas e especialmente apocalípticas, que "o terror da história", no dizer de Mircea Eliade, estava transformando no seu contrário. Não estaria aí mimetizado o olhar do outro?

Quanto à vegetação da *wasteland*, de papel tão proeminente na narrativa, é a que lhe cabe: mirrada, sem folhas, agressivamente armada de espinhos e de secreções ardidas. A *wasteland* não tem o húmus que fertiliza, é só areia e pedra. Dois efeitos são montados através da metaforização narrativa dos vegetais.

O primeiro deles serve à instauração de uma analogia positiva comportando o elogio do vegetal, a sua resistência quase moral em meio tão adverso, com areia e pedra embaixo, sol abrasador em cima, e sem água. Essas plantas enfezadas e disformes não estão domadas. Ao contrário, são corajosas e ricas em ardis para a sobrevivência. Os vegetais, por sua aparência física, por seu caráter, pela natureza de plantas sociais que em parte têm, prefiguram o sertanejo e dele serão aliados, protegendo-o, enquanto repelem o invasor.

O segundo prepara esquemas de imagens fortes com base na analogia negativa. O mandacaru é fantasmagorizado em "espectro de árvore". As colônias de cabeça-de-frade, cacto rasteiro em forma de bola espinhenta, onde desabrocha uma única flor rubra, são assemelhadas a sangrentas cabeças decepadas rolando por ali, o que tem efeito de premonição da degola na parte final da narrativa, centenas de páginas adiante.[15] Os angicos ostentam uma "floração fantástica", feita de farrapos coloridos de restos de fardas que ficaram agarrados a seus garranchos, predominando o vermelho garance das calças, "como se a ramaria morta desabotoasse toda em fibras sanguinolentas". Renques de caveiras de soldados decapitados pelos canudenses margeiam os caminhos, sob a parafernália militar pendurada mais acima nos arbustos, a caatinga "desabrochando numa florescência extravagantemente colorida". E, para culminar, a visão demoníaca do cadáver do coronel Tamarindo empalado num galho, como Absalão, o filho rebelado do rei Davi: a árvore da vida inverteu-se na árvore da morte.

Quanto ao horto recluso, ou *locus amoenus*, imagem paradisíaca, é em sua forma invertida e através dele que o leitor é apresentado a Canudos, logo nas primeiras páginas. Num pequeno vale, entre arbustos, à sombra de uma quixabeira alta, está deitado um soldado: "Descansava... havia três meses", mumificado pelo calor e pela secura do ar. Acrescenta-se em seguida a imagem do cavalo também mumificado, meio de pé, preso pelas pedras da encosta, parecendo vivo quando o vento lhe agita a crina. São imagens da morte, sob a aparência duplamente enganosa da vida, por isso ainda mais horripilante que a morte.

O longo texto que constitui *Os sertões* pertence ao gênero épico na medida em que se realiza como uma narrativa em prosa. Seu segundo elemento de gênero, pela ordem de predominância, é o dramático, ao qual devemos o *pathos* do livro em registro apreciável e em vários níveis de elaboração de conflitos. Estes vão desde o "martírio secular da Terra" – fundando a analogia com o martírio da vegetação, do sertanejo e dos canudenses finalmente – até a exasperação dos oximoros e a matéria propriamente da guerra.

Combinando dialogismo virtual com intertextualidade, vemos o autor cedendo passo a um número imenso de vozes estranhas umas às outras,

emitindo uma discussão de ideias muitas vezes contraditórias. Trata-se de um diálogo *in absentia*, já que os interlocutores não estão ali de corpo presente, como personagens épicas, mas apenas como vozes que se fazem ouvir. É por isso que lemos algumas páginas com longas explicações antropológicas sobre as origens raciais do sertanejo, para mais adiante ler outras em que se diz exatamente o contrário. É o que podemos chamar de "pensamento oximorótico", pois o oximoro em Euclides não só orna como expressa a dificuldade real de alcançar uma síntese entre doutrinas contraditórias.

As longas paráfrases de inúmeros textos são colocadas em seguida umas às outras, devido à natureza da prosa como uma forma contínua. Unifica essas paráfrases o estilo do autor, que é o mediador. Mas essa unificação é apenas parcial, já que, em medida menor, os estilos desses outros textos são parodiados; e, no nível das ideias, elas permanecem sem concordância possível.

A síntese é impossível: a verdade do livro está em suas contradições. As ideias vão e voltam, o argumento que se expõe num dado passo é seguido de seu contrário, logo depois ou centenas de páginas adiante. Tudo isso mostra, no seu movimento de vaivém, a impossibilidade vivida pela inteligência brasileira de entender o fenômeno e de tomar um e um só partido. Essa dificuldade é de ontem e é de hoje. O livro narra o movimento da inteligência, que, no caso, é de seu autor, em demanda da síntese impossível reveladora da verdade.

Este é um daqueles livros em que é difícil, se não empresa vã, separar o autor do narrador. Primeiro, porque o narrador não se ficcionaliza, nem mesmo ao portar a persona do tribuno. É sempre a voz do autor – mesmo, embora às vezes só parcialmente, nas paráfrases – que estamos ouvindo, este autor que fala diretamente ao leitor em plural majestático. Depois, porque o tom panfletário de denúncia coloca ante nossos olhos um *tribuno da plebe* discursando, o tribuno Euclides da Cunha e não um narrador que seja seu sucedâneo ou porta-voz.

Some-se a isso sua curiosa posição de militar que se apaixona pelo inimigo e não pelo aliado. Apesar de sua intensa fascinação pelo heroísmo, seu desejo de ver o Exército como herói civilizador, sua adesão à teoria do herói de Carlyle – mais uma vez, contraditória com seu determinismo –, a mescla de admiração e compaixão que vem a ter pelo adversário sobreleva o restante. E a tarefa transforma-se numa missão: dar testemunho histórico daquilo que ele chama de "um crime": "misérias que eu vi mesmo / E em que fui grande parte", como diz Eneias ao iniciar o relato das desgraças sofridas pelos troianos, atendendo à solicitação de Dido.[16]

Homero mostrou na *Ilíada*, com isso marcando todo o desenvolvimento da literatura, a tragédia que é a ruína do inimigo e a dignidade do vencido massacrado: neste sentido se pode dizer que o tema de *Os sertões* é a *m¯enis*[17] ou a cólera. E se lá o que se canta é a cólera de Aquiles – o herói –, em *Os sertões* é Euclides quem canta sua própria cólera, o que é um notável deslocamento.

Mas, em ambos os casos, é um canto da *m¯enis*.

Assim, temos um *epos* trágico, impossivelmente sem herói – fundamento e razão de ser do gênero épico –, em que, pela mediação do dialogismo, o herói em demanda (e herói irônico) vem a ser o próprio autor. Olhar visionário, discurso inspirado e senso de missão se conjugam naquilo que se pode chamar de tom apostolar. O tribuno se hipostasia em apóstolo. Nas palavras de São João, autor do Apocalipse: "Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta, que dizia: O que vês, escreve-o num livro...". Para poder escrever seu livro, muitíssimos outros Euclides teve que ler e absorver, o que porventura se encontrará metaforizado no "livro amargo" do apóstolo São João:

"E tomei o livrinho da mão do anjo, e comi-o;
e na minha boca era doce como mel; e, havendo-o comido, o meu
ventre ficou amargo.
E ele disse-me: 'Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e
nações, e línguas, e reis"[18]

A modernidade de *Os sertões*, a tantos títulos nada moderno, nasce de seu ângulo distorcido. Temos aí um épico que também é trágico, um livro cientificista que se realiza como obra de arte literária, um esquema determinista que mimetiza a Bíblia, um Apocalipse com Gênesis porém sem redenção, uma demanda em que o herói é o autor, um diálogo escrito pelo simposiarca de convivas ausentes, um canto do bode entoado pelo verdugo. Toda essa ironia dificilmente terá sido deliberada. Ela nasce da conjunção infeliz de elementos que se repelem, e é disso que o livro tira sua melhor força. Há, também, ironia propositada, porém em nível mais imediato, como o escárnio constante de pretensões científicas, do estilo literário das ordens do dia militares, do pedantismo e da erudição alheios, do progresso que põe fé no "legislador Comblain [e no] argumento [...] moralizador – a bala".

Esse livro dá conta, por meio de examinar o seu avesso, do início do processo de modernização do país, ao qual é contemporâneo e do qual examina a face não eufórica.[19]

Quem padeceria como vítima do processo de modernização seria a plebe do Rio de Janeiro e aquela do sertão, expulsas ou pela polícia de Pereira Passos ou pelo Exército ilustrado. Deste, Euclides era membro, até por formação, membro deste Exército que aprendia na Escola Militar ser o portador da Revolução Francesa enquanto vanguarda do Terceiro Estado, e que se descobre de repente o algoz do Terceiro Estado. Assim, *Os sertões* vem a ser o *epos* da modernização que, examinando o seu avesso, deplora o preço dela, o que ela implica para a plebe em tal ordem de dores e perdas que acaba numa concepção do mundo às avessas, invertido e demonizado. A criança ferida que aparece nas últimas páginas, sorrindo com a face direita e com os ossos da caveira à mostra sob a face esquerda arrancada por um estilhaço de granada, pode ser emblematizada como a alegoria desse processo: ela é *a criação mais*

monstruosa da campanha.

Com tudo isso, nem é tanto de admirar a tramitação rápida do canto do bode expiatório entoado pelo verdugo para o bode exultório[20] em que se tornou o livro e, com ele, seu autor.

[1994]

JOSÉ VERÍSSIMO

O livro, por tantos títulos notável, do sr. Euclides da Cunha, é ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe ver e descrever, que vibra e sente tanto aos aspectos da natureza, como ao contato do homem, e estremece todo, tocado até ao fundo d'alma, comovido até às lágrimas, em face da dor humana, venha ela das condições fatais do mundo físico, as "secas" que assolam os sertões do norte brasileiro, venha da estupidez ou maldade dos homens, como a Campanha de Canudos.

Pena é que conhecendo a língua, como a conhece, esforçando-se evidentemente por escrevê-la bem, possuindo reais qualidades de escritor, força, energia, eloquência, nervo, colorido, elegância, tenha o sr. Euclides da Cunha viciado o seu estilo, já pessoal e próprio, não obstante de um primeiro livro, sobrecarregando a sua linguagem de termos técnicos, de um boleio de frase como quer que seja arrevesado, de arcaísmos e sobretudo de neologismos, de expressões obsoletas ou raras, abusando frequentemente contra a índole da língua, e contra a gramática das formas oblíquas em *lhe* em vez do possessivo direto, do relativo *cujo* e, copiosamente, de verbos por ele formados, e de outros modos de dizer, que, ainda quando filologicamente se possam justificar, não são, de fato, nem necessários, nem belos, antes, a meu ver, dão ao seu estilo um tom de gongorismo, de artificialidade, que certo não estava na sua intenção. Em uma palavra, o maior defeito do seu estilo e da sua linguagem é a falta de simplicidade; ora, a simplicidade que não exclui a força, a eloquência, a comoção, é a principal virtude de qualquer estilo. Mas este defeito é de quase todos os nossos cientistas que fazem literatura, até mesmo de alguns afamados escritores nossos, que mais sabem a língua, é quase um vício de raça, o qual no sr. Euclides da Cunha, por grande que seja, não consegue destruir as qualidades de escritor nervoso e vibrante, nem sobretudo o valor grande do seu livro.

Esse livro reconta os sertões, os seus habitantes e a Campanha de Canudos, de que o autor foi, parece-me, testemunha presencial, como oficial do nosso Exército. No seu livro, além da descrição, animada e vívida, da terra, e da história, contada com raro espírito de verdade, e não vulgar vigor dramático,

daquela campanha, intentou ele, segundo declara, esboçar, "ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil".

[1902]

ARARIPE JUNIOR

Anoréxico, literariamente falando, e desviado de assuntos estéticos, encetei a leitura do livro do sr. Euclides da Cunha nas piores condições em que se pode achar um homem diante de um forte volume de mais de seiscentas páginas.

Acrescia a espécie de plenitude gástrica, em que, a respeito da Guerra de Canudos, tinham-me deixado leituras anteriores. Estava saturado das narrações publicadas nas folhas diárias e em livros, tinha lido o trabalho do major Barreto Dantas, aliás uma boa exposição dos fatos, bem como as anedotas, um tanto petalógicas, do repórter Manoel Benício; e, por último, obtivera *Os jagunços* de Olívio Barros, romance histórico detestável. A última leitura que não consegui terminar, forçara-me a tomar *in petto* o compromisso de não mais prestar atenção às lendas de Antonio Conselheiro.

Não foi, portanto, sem espírito de hostilidade que percorri as primeiras páginas de *Os sertões*. Terminada, porém, a primeira parte, e lidas as páginas iniciais da segunda, uma revolução havia se operado em minha alma. O autor conquistara-a de modo violento e irretratável. Daí por diante não li mais, desfilei pelo livro afora dominado pela sensação que se experimenta, percorrendo paisagens abruptas, alcandoradas de presepes, de dentro de um comboio, em carreira vertiginosa e sem destino.

Lembrei-me, então, dos bons tempos em que, ainda menino, eu lançava-me perdidamente através dos romances enormes como *Monte Cristo*, de Dumas, ou os *Mistérios do povo*, de Eugênio Sue, de respiração opressa, sem tomar fôlego, para só parar na última página, e com a dolorosa saudade de quem abandona uma festa inolvidável.

Desabituado dessa emoção única e ininterrupta, tive a sorte de senti-la, como naquela época, restaurada pelo livro do sr. Euclides da Cunha.

Fechei *Os sertões* para libertar-me da sensação. Na memória, entretanto, ainda perdura um tumulto horrendo. O ressaibo como de um indizível pesadelo sentou-se no centro da imaginação e continua a dominá-la.

Criticar esse trabalho, dizia comigo mesmo, não é mais possível. A emoção por ele produzida neutralizou a função da crítica. E de fato, ponderando depois calmamente o valor da obra, pareceu-me chegar à conclusão de que *Os sertões* são um livro admirável, que encontrará muito poucos, escritos no Brasil, que o emparelhem – único, no seu gênero, se atender-se a que reúne a uma forma

artística superior e original, uma elevação histórico-filosófica impressionante e um talento épico-dramático, um gênio trágico como muito dificilmente se nos deparará em outro psicologista nacional.

[1903]

SÍLVIO ROMERO

Este, em nosso mundo literário, não é um sedento de notoriedade nem de justiça.

Dele se pode dizer que se deitou obscuro e acordou célebre, com a publicação d'*Os sertões*. Merecia-o.

O que mais despertou, para logo, a atenção dos leitores foi o estilo imaginoso, brilhante, marchetado de metáforas do escritor, além do assunto, que parecia longínquo, exótico, inesperado à grande maioria dum público sofrivelmente ignorante, como o do Rio de Janeiro e do Brasil em geral.

Aos espíritos mais sérios, porém, penso eu, manifestava-se, à primeira inspeção, o verdadeiro mérito do jovem autor: um grande talento formado fora do círculo das literatices da moda.

Duas coisas o mostravam de pronto: a trama das ideias, onde se sentia o vinco de certas doutrinas sérias acerca de questões brasileiras, e o interesse pela genuína população nacional, a grande massa rural e sertaneja, na qual palpita mais forte o coração da raça.

Não é só: a mesma escolha da matéria do livro de estreia e dos outros que se lhe seguiram era uma prova deste asserto.

É por isto que dentre os escritores que se formaram e cresceram a seu lado, um Oliveira Lima, um Graça Aranha, um Domício da Gama, um Rodrigo Otávio, um Magalhães de Azeredo, um Sousa Bandeira, a despeito das belas carreiras diplomáticas que, de anos a esta parte, têm andado a fazer, nenhum se lhe pode equiparar no valor intrínseco da obra, nem na influência por ela exercida.

Não é que se não tenham aqueles dignado a versar assuntos pátrios; ao contrário: todos têm, repetidas vezes, se ocupado de coisas nossas. É que lhes falta esse não sei quê de apaixonado e sentido em que se vaza a alma do povo.

Nos escritos desses autores notam-se, em dose que se não pode ocultar, uns amaneirados diplomáticos, umas atitudes e posições que podem interessar lá fora; mas cá dentro não agradam, por inquestionavelmente postiças.

Serão de muito bom gosto na Sorbona; aqui são de insosso sabor estrangeiro.

Mais acertado andou Aluísio de Azevedo, que, posto fora da pátria, quebrou a pena. Fez muito bem; aqui dentro é que se há-de viver e lutar. Quem desama a

terra e a sua gente, a ponto de preferir-lhe a máscara europeia, se fala de coisas nossas, é por mero diletantismo, como se se ocupasse do Japão ou de Cuba, do Canadá ou da Noruega. É o fato.

Não é que pretenda defender a extravagância de só considerar brasileira a obra que se ocupe de assunto nacional. Seria um absurdo de que estou preservado pelo simples bom senso.

A questão é do espírito, da alma, da visualidade interior e subjetiva do sentir nacional que se afugenta daqueles diplomatizantes das letras, essencialmente devotados às cortesanices d'estranhos...

[1903]

GILBERTO FREYRE

O Euclides que em 1897 se defrontava com os sertões era ainda um adolescente no incompleto da personalidade, no indeciso das atitudes. Um adolescente que vinha do litoral e de sua civilização, cheio de mãos esquerdas diante dos homens já feitos e das cidades já maduras da beira do Atlântico. Precisando do ermo para sentir-se à vontade. Precisando do deserto para acabar de formar-se no meio do inacabado da colonização pastoril, sem se sentir olhado, observado ou criticado pelos escritores convencionais do Rio de Janeiro. Estes que o aceitassem depois de formado a seu jeito – que não seria decerto o deles, escritores demasiadamente à francesa e à inglesa, uns – os melhores; outros "gregos" ou "helenos"; ainda outros castiçamente portugueses, os ouvidos cheios de algodão para não recolherem nenhuma estridência brasileira, nenhuma palavra brutalmente viva que viesse da rua, ou dos restos de senzalas, ou dos sobejos de índios que os compêndios de história do Brasil diziam ter habitado um dia não só os sertões como o litoral brasileiro.

Era o tempo em que o velho Machado, escondendo-se por trás de personagens sempre brancos, ioiôs sempre finos, se fazia adivinhar no *humour dos* seus romances – talvez os mais profundos que já se escreveram na língua portuguesa – quase um inglês tristonho desgarrado nos trópicos, embora resignado à doçura da vida suburbana de chá com torrada, partidas de gamão e modinhas ao piano, nos sobrados velhos e nas chácaras cheias de escravos e de árvores do Rio de Janeiro de dom Pedro II. O tempo em que Joaquim Nabuco ao retratar-se menino fidalgo no terraço da casa-grande de Massangana, em páginas de saudade profundamente viril que hão de ficar para sempre em nossa literatura, arredava da vista do leitor, com um pudor de memorialista vitoriano, o que parecesse mais cruamente brasileiro, só faltando fantasiar as jaqueiras exuberantes e quase obscenas de Pernambuco de olmos ascéticos de algum recanto do Norte, não do Brasil, mas da Inglaterra ou da Nova Inglaterra. O tempo de Coelho Neto, de Olavo Bilac, de dr. Francisco de Castro,

de B. Lopes, de Domício da Gama, de Alphonsus de Guimaraens, da estreia de Afrânio Peixoto, dos primeiros triunfos de Graça Aranha. O tempo em que Afonso Arinos descrevendo cenas dos sertões mineiros não conseguia se identificar com os aspectos mais antieuropeus da paisagem e da vida sertanejas, permanecendo diante delas o mesmo simpatizante que Eduardo Prado ou o visconde de Taunay.

Desgarrado do "equilíbrio helênico", do "*humour* inglês", da "elegância renaniana", um ou outro Sílvio Romero com os seus modos reiunos de matutão zangado, suas explosões de mau gosto de bacharel em direito influenciado pelo "germanismo" de Tobias, seu arrivismo de sergipano; mas ao mesmo tempo animado daquele "são brasileirismo" que já levantara obra crua mas monumental: a *História da literatura brasileira*. Um ou outro Raul Pompeia, arrepiando o português acadêmico com arrojos de estilo menos castiço, descasando substantivos e adjetivos convencionalmente unidos para juntá-los em combinações quase escandalosas de novas. Um ou outro Alberto Torres mais desembaraçado de doutrinas europeias nos seus estudos sobre a formação social do Brasil.

Ao helenismo do tempo, ao academismo renaniano, à imitação do *humour* inglês – que em Machado foi assimilação genial – Euclides não escaparia de todo. Há dele uma declaração expressiva: que se sentia ao mesmo tempo tapuia, celta e grego. Mas já era muito, em plena época de Coelho Neto e B. Lopes, admitir um escritor vitorioso no Rio de Janeiro que fosse um terço tapuio, e não completamente heleno.

O pretendido helenismo dificilmente se encontra em Euclides da Cunha. Se o autor se faz sentir em tantas cenas d'*Os sertões* quase no livro inteiro – é pela sua identificação – esta, sim, profunda – com a dor do sertanejo e com a tristeza – antes asiática ou norte-africana do que europeia – da vegetação regional; e nunca por superioridades sutis de "grego" ou "heleno" perdido entre os mandacarus. Aqueles mandacarus a princípio "tesos triunfalmente enquanto por toda a banda a flora se deprime"; depois "constantes, uniformes, idênticos"; mas resistindo sempre à "ardência do sol" e dos "areais queimosos" dos sertões. Mandacarus, xiquexiques, "cabeças-de-frade" – estas uns "deselegantes e monstruosos melocactos de forma elipsoidal" recortadas pelo estilista com requintes de purismo geométrico.

Era natural que nos "areais queimosos" dos sertões Euclides parasse para se retratar ossudo e romântico ao lado dos mandacarus, dos xiquexiques, das "cabeças-de-frade": o seu "reino" era aquele. O "reino" a que ele próprio se havia de referir uma vez, falando meio desdenhosamente de poetas. Dessas suas palavras se serviria um tanto irônico o geólogo John Casper Branner, com o aplauso do sr. Afrânio Peixoto, para fazer o elogio do poeta d'*Os sertões* e a crítica incisiva do seu livro: "o poeta é soberano no pequeno reino onde o entroniza a sua fantasia".

Os sertões foram, na verdade, o reino do poeta Euclides da Cunha. Sua Pasárgada, como diria Manuel Bandeira. Antes de Euclides a paisagem

brasileira tivera entre os poetas e os romancistas os seus simpatizantes e até entusiastas: o maior deles José de Alencar. O autor d'*Os sertões* foi o primeiro caso de verdadeira empatia. Simpatia só, não: empatia. Ele não só acrescentou-se aos sertões como acrescentou os sertões para sempre à sua personalidade e ao "caráter brasileiro", de que ficou um dos exemplos mais altos e mais vivos. Uma espécie de mártir.

Foi nos sertões que as centenas de mãos esquerdas do magricela desajeitado que já entortara uma espada num instante de fúria – e talvez centenas de penas noutros momentos de raiva menos espetaculosa – começaram verdadeiramente a se disciplinar sob uma vocação poderosa: a de escritor em função da "paisagem brasileira" que ficou sendo para ele mais do que a "imagem da República" – que também teve para Euclides um sentido místico – uma espécie de prolongamento da imagem materna e ao mesmo tempo da própria.

Impossível separar Euclides dessa paisagem-mãe que se deixou interpretar por ele, e pelo seu amor e pelo seu narcisismo, como por ninguém.

Na descrição dos sertões, o cientista erraria em detalhes de geografia, de geologia, de botânica, de antropologia; o sociólogo, em pormenores de explicação e de diagnóstico sociais do povo sertanejo. Mas para o redimir dos erros de técnica, havia em Euclides da Cunha o poeta, o profeta, o artista cheio de intuições geniais. O Euclides que descobrira na paisagem e no homem dos sertões valores para além do certo e do errado da gramática da ciência.

O poeta viu os sertões com um olhar mais profundo que o de qualquer geógrafo puro. Que o de qualquer simples geólogo ou botânico. Que o de qualquer antropologista.

O profeta clamou pelos sertões: deu-lhe um significado brasileiro, ao lado do puramente paisagístico, do indistintamente humano.

O artista os interpretou em palavras cheias de força para ferir os ouvidos e sacolejar a alma dos bacharéis pálidos do litoral com o som de uma voz moça e às vezes dura, clamando a favor do deserto incompreendido, dos sertões abandonados, dos sertanejos esquecidos.

[1943]

ANTONIO CANDIDO

Do ponto de vista sociológico, este aspecto d'*Os sertões* constitui um estudo de comportamento coletivo, preso à influência direta do meio e dos caracteres psicológicos da raça. Mas comportamento coletivo anormal, não apenas porque se trata de uma conjuntura de crise, como porque o autor enxerga, na condição psicossocial do sertanejo, uma constante por assim dizer de desvario,

devida ao ritmo intermitente, que assinala a sua existência. Mentalidade primitiva, homogeneidade cultural, sincretismo religioso, brutalidade dos elementos – combinam-se para proporcionar tal desvario, cuja válvula normal é o cangaço, mas que explode periodicamente em crise de misticismo.

Para Euclides, a população sertaneja é um bloco étnico e cultural; uma sociedade insulada em cujo corpo não se processou a divisão intensa do trabalho social, diferenciador e enriquecedor. Ora, sabemos que quanto mais homogênea a sociedade, tanto mais facilmente se estereotipa o comportamento, impondo-se os seus padrões, poucos e fortes, como norma coletiva. Na multidão, forma embrionária de sociedade, a homogeneidade é máxima, tornando-se máximas a coesão e a sugestibilidade. Para Sighele, e Tarde na primeira fase de suas ideias, a multidão era dotada de impulsos acentuadamente maus. Euclides parece convir com esta generalização falha, que já antes de aparecer o seu livro era contrariada pelo próprio Tarde e, no Brasil, por Nina Rodrigues. Vemos, com efeito, que ele trata a sociedade sertaneja como se fora imensa multidão. Dota-a das mesmas tendências, simplifica as suas disparidades, unifica-a como um bloco sólido na participação da mesma consciência coletiva. Em tal sociedade, as ondas de misticismo rompem a toda força, porque, como nas multidões, as forças conscientes são afogadas pela massa da emotividade desencadeada. Libertam-se os automatismos, derribado o controle vacilante da razão, e as tendências primitivas das etnias *inferiores*, contidas pelo equilíbrio instável da mestiçagem, irrompem furiosas.

Para explicar a figura do Conselheiro, analisa esses mecanismos de psicologia coletiva. A sua tese é que ele em si nada tinha de proeminente, pois que apenas encarnava, dando-lhe corpo, todo o psiquismo incoordenado das populações sertanejas. Mas exprimindo-as, reforçava o seu ímpeto, dava-lhe razão de ser mostrando-lhe como que o próprio retrato, sintetizado numa só pessoa. O quadro de Euclides é impressionante e grandioso, embora já não satisfaça às exigências de objetividade da ciência. Para traçá-lo, foi buscar elementos no arsenal rapidamente envelhecido da escola antropológica italiana, na psicologia das multidões e dos povos. Assim foi que superestimou as constantes mórbidas da personalidade, além de simplificar o problema da consciência coletiva e da liderança. Lendo-o, tem-se a impressão de que a sociedade sertaneja funcionava em bloco automático, à maneira de um monstruoso indivíduo. No calor da sua visão, tritura os possíveis coeficientes da variabilidade, afasta as discrepâncias, talha, simplifica, e nos dá um panorama quase onírico, de psicopatologia social. Além disso, estende os seus conceitos para além do sertão. Ao analisar as reações de opinião pública, no resto do país, procede com o mesmo arbítrio imperioso; não vê grupos, não discerne o contraponto da organização social: tudo, para ele, se apresenta sob as espécies de enorme multidão, simplificada, percorrida pelos arrepios da anormalidade coletiva. Mais ainda. Faltou-lhe visão sociológica em mais de um ponto; assim, não percebeu que Canudos, em vez de representar apenas um

fenômeno patológico, isto é, de desorganização social, significava também, se não principalmente, desesperada tentativa no sentido de uma nova organização social, uma solução que reforçasse a coesão grupal ameaçada pela interferência da cultura urbana.

Com tudo isso, porém, e talvez por causa disso tudo, a sua interpretação não é menos genial. Muito mais que sociólogo, Euclides é quase um iluminado. As simplificações que operou, na síntese das grandes visões de conjunto, permitem-lhe captar a realidade mais profunda do homem brasileiro do sertão. Por isso há nele uma visão por assim dizer trágica dos movimentos sociais e da relação da personalidade com o meio – físico e social. Trágica, no sentido clássico, de visão agônica em que o destino humano aparece dirigido de cima. O homem euclidiano é o homem guiado pelas forças telúricas, engolfado na vertigem das correntes coletivas, garroteado pelas determinações biopsíquicas: – e, no entanto, elevando-se para pelejar e compor a vida na confluência destas fatalidades. Semelhante visão não se confunde com o mecanicismo de muitos deterministas do seu tempo, ou anteriores a ele. Em Ratzel, ou em Buckle, não há tragédia: há jogo mútuo quase mecânico entre o homem e o meio. Em Euclides, porém, seu discípulo, podemos falar de sentimento trágico, porque nele as determinantes do comportamento humano, os célebres *fatores* postos em foco pela ciência, no século XIX, são tomados como as grandes forças sobrenaturais, que movimentam as relações dos homens na tragédia grega. Só o compreenderemos, pois, se o colocarmos além da sociologia – porque de algum modo subverte as relações sociais normalmente discriminadas pela ciência, dando-lhes um vulto e uma qualidade que, sem afogar o realismo da observação, pertencem antes à categoria da visão.

[1952]

OLÍMPIO DE SOUZA ANDRADE

Chegamos, pois, ao material de romance, ou melhor, a algum tanto de imaginação que, iniludivelmente, também existe em *Os sertões*.

A afirmação, embora referida em mais de um ponto, pode parecer contraditória e muito estranha ao leitor menos atento. Porque o que temos visto é um escritor fiel aos quadros que observou, aos fatos que relatou, sempre ajustado à interpretação rigorosa dos documentos escritos e orais de que se valeu.

Mas a estranheza se dissipa se nos lembrarmos de que o próprio Euclides deu a deixa para esclarecer definitivamente esse ponto, ao endossar a afirmação constante daquele trecho de Taine, com o qual encerrou a nota preliminar de *Os sertões*: não se limitaria à exatidão das suas datas nem copiaria

simplesmente os fatos, para não se distanciar do que sofregamente procurava no fundo das almas...

O fato é que, realizando o seu trabalho de fotomontagem e poesia, Euclides não ignorava, como hoje ensinam os mestres no gênero, que a história se faz através de fontes, pesquisas e documentos, mas que a sua elaboração participa da obra de arte, necessitando de imaginação para recriar o que aos poucos se extinguiu. E, assim, o sopro criador e fecundante que sentimos nas suas melhores páginas, ele o trouxe até nós através da sua linguagem nova, da sua experiência ousada relativamente ao espírito do seu tempo, mas também através da sua capacidade de transfigurar a realidade contingente em termos de arte, evidenciando em si mesmo a particularidade maior do romancista – que se encontra menos na capacidade de enredo do que na de caracterizar momentos, figuras humanas, dando-lhes existência própria.

Ainda que não nos detenhamos nas figuras do Conselheiro, do Pedrão, do Macambira, das beatas, de cada um dos componentes dos "agrupamentos bizarros" que caracterizavam Canudos, e nem nas figuras de muitos dos chefes militares do outro lado, muito teremos para ver, neste particular, em sucessivos lances de *Os sertões*.

Antes, entretanto, é de bom aviso observar que as primeiras alusões a romance, ficção, imaginação, relativamente a Euclides, pertencem a três dos primeiros juízes do seu livro perturbador, como já vimos. E que a primeira reação contra a descoberta – reação simples como a preocupação em torno dos "erros" gramaticais do escritor –, essa, ao que tudo indica, surgiu em 1918, em artigo da *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*, refutando outro, cuja autoria era atribuída a João Ribeiro, que defendia o livro de Dantas Barreto, vendo no de Euclides "um romance que, emendado em sucessivas edições, ficou infiel à verdade dos fatos".[21]

A asserção, fosse de quem fosse, não era de natureza a merecer maior exame, pela simples razão de Euclides nunca ter emendado o seu livro enquanto história, mas o opositor mostrava-se indignado, afirmando que *Os sertões* poderia ser tudo, menos romance, menos obra de imaginação, como se, pelo fato de o ser, o livro sofresse algum prejuízo e não tivesse nada a ganhar.

Muito diversa foi a opinião dos primeiros críticos do livro, como tem sido a de outros, dos que mais se recomendam em nossos dias.

Afrânio Coutinho o definiu como "uma obra de ficção, uma narrativa heroica, uma epopeia em prosa, da família de *Guerra e paz*, da *Canção de Rolando*, e cujo antepassado mais ilustre é a *Ilíada*", dizendo de Euclides que, tendo "formado seu espírito no clima do realismo, a sua objetividade participa da natureza do objetivismo estético e não histórico", para concluir que, a *Os sertões*,"não há modelo que se lhe possa comparar com exatidão, fato, aliás, que se passa com a maioria das obras-primas da humanidade, cada uma realizando-se segundo lei que é a sua própria e criando seu próprio padrão estrutural".[22]

Eugênio Gomes, assinalando as sugestões que não se esgotam em *Os sertões*, como nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, deu-nos, que conheçamos, três

estudos interessantíssimos sobre o livro, descendo em dois deles a detalhes de assaltos dos jagunços a peças de artilharia, que Euclides narrou de maneira um pouco diversa em manuscritos existentes na Biblioteca Nacional e no Instituto Histórico. E tudo quanto aponta é de natureza a nos aproximar cada vez mais da conclusão inevitável a respeito de *Os sertões*.“A imaginação envolveu inevitavelmente a sua estrutura, ainda porque essa obra não se fez apenas com a fria e rígida colaboração dos documentos, mas também com o cálido influxo da tradição oral, sabidamente suscetível de sofrer exageros e deturpações.”[23]

Nos apontamentos primitivos a que se refere Eugênio Gomes, os fatos sucedidos em 19 de janeiro de 1897, com os soldados do major Febrônio de Brito, foram contados com 145 palavras, que cresceram para 797 em redação posterior, mas acabaram por reduzirem-se a apenas 362 na primeira edição do livro. As transformações não ficaram aí, entretanto. Um brado de Febrônio apresentou-se em cada redação sob modos de ver levemente diversos, o número de jagunços surgiu reduzido na redação definitiva e a presença do seu chefe é apenas notada na segunda das três formas conhecidas daquele texto.[24] Dessa passagem – que poderia ainda ser cotejada com telegramas e atas assinados por Febrônio, que silenciam o episódio do canhão em si e são encontrados no livro de Macedo Soares –,[25] dessa passagem, Eugênio Gomes vai à análise de outra, a do filho do Macambira. Vê bem, comparando agora o texto definitivo com o da correspondência jornalística, que “no livro a narrativa sofreu redução de mais de uma centena de palavras, sem atingir a tonalidade geral, que se manteve a mesma”, observando ainda que “entre os dois textos, o do jornal e o do livro, a adjetivação apresenta modificações de caráter psicológico, especialmente quanto ao velho Macambira que, de *rude* chefe sertanejo, passa a *ardiloso cabecilha*”.[26]

São observações que condizem com algumas que já fizemos, principalmente quando analisamos os capítulos sobre o sertanejo, o jagunço e o gaúcho, todas ressaltando a importância de que se reveste a acolhida excepcional que Euclides deu ao trecho de Taine, como também aquela guinada, em certa parte do livro, largando a ciência para caminhar sozinho com suas próprias impressões, todas evidenciando que, não raro, a imaginação envolveu, na verdade, a estrutura da sua obra.

[1960]

MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ

De um modo geral, nas diversas regiões brasileiras, no início do povoamento, dominaram as parentelas em luta, o cenário local; mais tarde, principalmente depois da Independência, instalada a administração pública, os chefes de parentela ampliaram seu poder e se tornaram muitos deles importantes chefes

políticos; não houve propriamente uma mudança de estrutura político-econômica, e sim uma extensão do poder dos chefes. Não acabou a importância das parentelas, mas aliaram-se umas às outras e formaram grandes conjuntos, ou "partidos políticos".

A partir desse momento, dois tipos de "jagunços" aparecem, conforme o grupo de que se arvora em defensor: a) o "jagunço" parte integrante de um clã ou grupo de parentes, ao qual oferece lealmente seu braço de defensor; voltando ao trabalho de Wilson Lins, diz este que no médio São Francisco os chefes de família "lutavam sempre apoiados em carabinas empunhadas por filhos, cunhados, sobrinhos, compadres, afilhados e amigos", só em casos de extrema necessidade recorrendo a "jagunços mercenários"; b) o jagunço apoia um chefe político local, sendo que este se encontra à frente de vários grupos de parentelas aliadas por intercasamentos, por amizade ou por pactos de defesa mútua; narrando Wilson Lins as lutas políticas locais, diz que a vitória do Partido Conservador, em 1884, trouxe grandes perseguições aos liberais, "com assaltos a fazendas, onde a jagunçada do Partido Conservador matava o gado e incendiava as casas".27 Num e noutro caso, diferenciavam-se os jagunços engajados por dever de lealdade dos que recebiam uma paga, isto é, os mercenários.

Nesta conotação de "capanga", o termo parecia restrito a uma região, a Bahia.28 Um acontecimento histórico trouxe-o para o âmbito nacional, mundificando-lhe o significado: durante a Campanha de Canudos foram chamados "jagunços" os adeptos de Antonio Conselheiro. É este o sentido único que dá explicitamente Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, em 1960, além de "chuço", dizendo: "indivíduo do grupo de fanáticos e revolucionários de Antonio Conselheiro, na Campanha de Canudos – Bahia".29 Câmara Cascudo, por sua vez, registra os três significados – de arma, de capanga e de adepto de Antonio Conselheiro, sem dizer que algum deles sobrepuje o outro.

Realmente, ao folhear os documentos sobre a Campanha de Canudos, ressalta o abundante emprego do termo para nomear os fiéis do Bom Jesus Conselheiro, e isso tanto na obra de Euclides da Cunha quanto em outros autores. Porém, foi Euclides da Cunha que traçou realmente o retrato do "jagunço".30 O grande escritor travou conhecimento com o termo antes de chegar ao teatro da luta – sinal de que era já ele correntemente empregado nas notícias a respeito do movimento.

Foram estes os traços marcantes dos lutadores de Canudos: a) o "jagunço" é um "tabaréu", isto é, um habitante da caatinga e não um habitante de vilas e cidades; nestas são encontrados também crentes de Antonio Conselheiro, porém não são chamados de "jagunços"; b) o jagunço é um vaqueiro e se apresenta "vestido de couro curtido, das alpercatas sólidas ao desgracioso chapéu de abas largas e afeiçoado aos arriscados lances da vida pastoril"; nos cerrados "quase impenetráveis", caminha "zombando dos espinhos que não lhe rasgam sequer a vestimenta rústica"; c) o jagunço é um guerrilheiro astuto, audacioso e valente, "fulminando [o inimigo] do recesso das brenhas ou

abrigado pelos imensos blocos de granito...”; d) o jagunço é também crente fervoroso da santidade de seu chefe, “uma tradução justalinear quase do *iluminado* da Idade Média. O mesmo desprendimento pela vida e a mesma indiferença pela morte, dão-lhe o mesmo heroísmo mórbido e inconsciente de hipnotizado e impulsivo”.[31]

Nos documentos que pudemos consultar referentes ao movimento de Canudos, encontramos sempre estes mesmos traços, avultando a conotação de bravura e coragem como sinais distintivos destes guerreiros de “guerra santa”. A princípio, porém, isto é, nos documentos mais antigos, o termo “jagunço” era empregado no antigo sentido de valentão, apenas. Assim, no relatório enviado ao governo da Bahia pelo delegado da Vila de Itapicuru, em 1876, alarmado com o que acarretava ali a presença do Conselheiro e de sua gente, que nos arredores haviam fundado o Arraial do Bom Jesus, lê-se a seguinte descrição: “Realmente não tardou muito que os sectários do suposto profeta, abandonando a sua primitiva posição de simples adoradores do Bom Jesus, como ao Conselheiro denominavam, se convertessem todos numa legião de jagunços que foram praticando por aqueles arredores vários atos infringentes da lei”.[32] O termo é ainda utilizado no sentido de “briguentos” ou “valentões”, corrente na zona, e não ainda como sinônimo de “adeptos do Conselheiro”. Parece que depois de aguçado o conflito e desencadeada a luta, adquiriu o termo o significado de ardorosos combatentes, dedicados guerreiros e defensores do Conselheiro, com que aparece não apenas na obra de Euclides da Cunha, como também noutros escritos.[33] Salientemos entre eles o romance *O rei dos jagunços* – título significativo –, da autoria de Manoel Benício Fontenelle, um jornalista que, da Bahia, foi também enviado ao teatro da luta para reportagens.[34]

A dimensão religiosa se associa então ao termo, qualificando o valentão; o jagunço não era mais simplesmente um capanga, defensor de qualquer chefe local ou regional, era aquele que lutava para defender o “santo homem” ao qual se agregara, que combatia pela sua religião e em defesa da sua fé. A paga que recebia não era remuneração econômica terrena, era remuneração sobrenatural, sagrada – um lugar no Reino do Céu. Nesta perspectiva, o “jagunço” deixa de se confundir com o “capanga”, e com os sinônimos deste.

A dimensão religiosa não permaneceu restrita aos adeptos do Conselheiro, ao contrário do que diz textualmente Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; ao contrário, o termo se estendeu aos adeptos de outros movimentos messiânicos, isto é, aos indivíduos que, aderindo à pregação de um “beato” no Nordeste, ou de um “monge” no sul do país, lutaram em sua defesa. Além da religião, a luta se faz presente no significado que então tomou o conceito. A documentação sobre o Padre Cícero encerra, quanto à figura dos adeptos combatentes, a mesma definição encontrada em Euclides da Cunha, ressaltando a especificidade adquirida pelo termo. Antes de iniciada a luta, ele não aparece nos documentos; os fiéis do “Padim” são chamados então de “romeiros”, ou seja, os que vêm de mudança habitar na “cidade santa” sob a

proteção do Patriarca, ou mesmo os que simplesmente fazem a peregrinação a fim de pedir-lhe a bênção. No momento em que estoura o conflito entre Padre Cícero e o governo cearense, em que se desencadeia a luta do Padrinho contra Franco Rabelo, governador do Ceará, e as forças deste ameaçam Juazeiro, os defensores da "cidade santa" passam a ser chamados de "jagunços".[35]

[1976]

DUGLAS TEIXEIRA MONTEIRO

Não são muitas as indicações disponíveis sobre a vida social em Canudos, aliás, povoado de Belo Monte, nome que consta na primeira página do manuscrito de Antonio Conselheiro que será examinado à frente.

Euclides da Cunha refere-se às 5 200 casas do arraial, e isso, com a certeza de quem as viu contadas. Numa estimativa razoável, pode-se falar numa população que flutuava entre um mínimo de 20 e um máximo de 30 mil habitantes. O testemunho do barão de Jeremoabo, citado por Euclides,[36] diz da intensa imigração recebida de toda a Bahia e de estados vizinhos, mencionando ainda o despovoamento de muitas paragens, abandonadas em favor de Canudos por aqueles que, vendendo seus pertences, a buscavam para juntar-se ao Conselheiro.

A descrição que Euclides faz do casario do arraial[37] corresponde bem às designações pejorativas e de espanto que adota: "*urbs* monstruosa de barro", "cidade selvagem", um misto de "acampamento de guerreiros" e de "vasto *kraal* africano", "tapera colossal". Para ele, o arraial era a "objetivação daquela insânia imensa", "permitindo o corpo de delito direto sobre os desmandos de um povo". Entretanto, se de algum modo, talvez fosse possível, no caso, associar a morfologia urbana à ordem moral estabelecida, explicações menos profundas – quem sabe – seriam mais verdadeiras.

Que espécie de estrutura urbana seria de se esperar de grupos sertanejos secularmente habituados à dispersão das moradias, conforme o padrão rural brasileiro? Tratava-se de gente – certamente, em sua maioria – que jamais havia vivido, de modo sedentário, numa aglomeração tão grande. Exigir, na formação do povoado que se constituiu no curto período de quatro anos (1893-97), um plano; ou pensar a ausência aparente de qualquer plano, como reflexo de alguma espécie de delírio coletivo, é, seguramente, excessivo.

Ao referir-se ao padrão de construção das casas, com a estranheza de um viajante estrangeiro e civilizado, carregado de uma forte dose de etnocentrismo, Euclides acaba por descrever o que, nada mais e nada menos, é a habitação comum do sertanejo pobre.

Bem ao contrário do que Euclides insinua,[38] a população de Canudos era composta, predominantemente, por pessoas casadas e suas famílias: a

imigração fazia-se por grupos familiares.[39] Há indicações ainda de que o arraial não era, em absoluto, predominantemente, um “homizio de famigerados facínoras”,[40] nem um albergue de inválidos. Ao contrário: “Econômica e socialmente, eram em sua maioria, indivíduos de algumas posses – casa, terras, algum gado...”.[41]

Um quadro como esse é consentâneo com uma visão do arraial que o aponta como uma comunidade organizada segundo padrões que não destoam excessivamente da normalidade tradicional do sertão. Especificamente, é um quadro compatível com as indicações de que existia uma certa diferenciação social e econômica; de que eram bastante intensas as transações comerciais com o mundo circundante; de que as relações de tipo religioso com vigários estabelecidos em localidades vizinhas eram frequentes; e, finalmente, com as referências ao significado político-eleitoral que Canudos assumiu em certos períodos.

Ao lado da diferenciação social fundamentada em critérios religiosos, que se manifestava, por exemplo, pela existência de um pequeno grupo bem chegado ao Conselheiro (segundo uma indicação, designados como *apóstolos*),[42] e pela *Companhia do Bom Jesus* (também chamada *Guarda Católica*, ou *Santa Companhia*) – uma espécie de confraria e de guarda –, há referências à existência de uma parcela da população formada por gente de maiores recursos. Sobre isto, seguramente, assinala-se em Canudos a presença de, pelo menos, dois comerciantes prósperos – os irmãos Vilanova – cujo êxito comercial, atribuído pelos concorrentes de Monte Santo, Cumbe e Uauá ao fato de não pagarem impostos, despertava ressentimentos.[43] Abelardo Montenegro menciona a circulação de dinheiro do Império e da República, bem como de vales emitidos pelos irmãos Vilanova e aceitos nas vilas dos arredores, chegando mesmo a caracterizar o arraial como um “ativo centro de comércio”.[44] Ainda mais, havia no povoado uma população ocupada em trabalhos agrícolas, capaz de alguma produção alimentar, já que são mencionadas as parcelas de terra que recebiam os aderentes depois de entregar o que possuíam à comunidade.[45]

Fundamentado em depoimento de um dos irmãos Vilanova, o mesmo autor acima citado relata que os vigários de Pombal e de Cumbe disputaram a respeito da subdivisão das respectivas freguesias. O primeiro deles chegou mesmo a discutir com o Conselheiro a questão do eventual desmembramento da paróquia de Cumbe (onde ficava Belo Monte) e a incorporação da população de Canudos à jurisdição de Pombal. A razão da pendência ligava-se diretamente ao fato de que Canudos produzia bons rendimentos eclesiásticos.[46] Neste mesmo sentido, são conhecidas as condições sob as quais efetuou-se a visita pastoral de dois frades enviados pelo arcebispo da Bahia à vila. Honório Vilanova testemunhou as inocentes manifestações de alegria dos moradores que, sem o saber, recebiam um par de espiões, encarregados de colher dados para uma carta topográfica e sobre o modo de vida dos conselheiristas.[47] Em Canudos, eles pregaram, fizeram casamentos,

batizados e algumas centenas de confissões. Todavia, ocorreu que, no desempenho da parte política de sua missão ostensiva, insistiram de modo inábil a respeito do acatamento à ordem republicana vigente, o que, pela indignação e suspeita suscitadas, resultou na expulsão de que foram vítimas – segundo Euclides – sob o estrépito de vivas ao Bom Jesus e ao Divino Espírito Santo.[48]

Numa observação indicadora do quanto são relativos o isolamento e a marginalização usualmente atribuídos a Canudos, Euclides fala do que ocorria quando chegava a "quadra eleitoral". Então, os "grandes conquistadores das urnas [...] a exemplo de milhares de comparsas disseminados neste país [...] apelavam para o Conselheiro" e recrutavam capangas no arraial. "A nossa civilização de empréstimo arregimentava, como sempre o fez, o banditismo sertanejo."[49]

Em face de dados como estes, é o caso de se pôr em dúvida a convicção mais ou menos difundida segundo a qual, desde o princípio, o povoado de Belo Monte havia sido concebido por Antonio Conselheiro, e efetivamente experimentado pelos seus seguidores, como o "peristilo do céu", ou como a prefiguração de um Reino Milenarista.

[1978]

FRANKLIN DE OLIVEIRA

[...] Assistira ao entrevero, ao incêndio do arraial, fora testemunha da bravura dos sertanejos irredentos, emocionara-se com a crueldade do genocídio imposto aos canudenses, defrontara-se com um Brasil que não conhecia. Vira que a *Nossa Vendéia* era pura ficção. Assumiu um compromisso: defender os vencidos. Outra vez ao lado das vítimas. Em 1898 recolhe-se em São José do Rio Pardo, e começa a escrever *Os sertões*, que chamaria de o seu *livro vingador*. Não é um livro de defesa – declara – mas de ataque. E em 1902 o Brasil estremeceria ao impacto do libelo articulado por Euclides da Cunha.

Os sertões não é um ato de coragem apenas por ser um libelo. Também o é por motivo de fundamental importância: o da honestidade intelectual. Ao escrevê-lo, Euclides não hesitou em rever sua posição, corrigir seu erro. Antes de visitar Canudos, ele via a tragédia sertaneja de um ângulo reacionário. Considerava-a reação monárquica pura e simples. Fazia coro com os que preconizavam o seu esmagamento. Depois de testemunhar a luta dos sertanejos, de conhecer-lhes as condições de vida, de sabê-los proscritos da civilização, réprobos sociais, mudou radicalmente de posição. E escreveu o *livro vingador*. Coragem de não silenciar a verdade. Coragem de não se fazer omisso. Antes de *Os sertões*, apenas uma única voz de protesto havia surgido contra o selvagem massacre: o Manifesto dos Acadêmicos da Faculdade de

Direito da Bahia. Rui escreveu violentíssimo discurso em defesa dos sertanejos massacrados, discurso que deveria pronunciar no Senado. Meteu a viola no saco, apesar de belamente encordoada. E só depois, por vaidade literária, escreveria uma página sobre o *estouro da boiada*, para mostrar que esse assunto não era exclusivo de Euclides. (O discurso que não foi proferido, por motivos já hoje revelados, figura no volume XXIV das *Obras completas* de Rui, edição do MEC).

Em 1902, quando *Os sertões* foi publicado, a literatura brasileira atravessava um período letárgico. Só se poderá avaliar corretamente o significado e medir a importância da obra de Euclides situando-a no contexto da realidade literária daquele tempo. Tínhamos uma literatura, é verdade, mas de formação aluviônica. Era uma literatura dominada pelo mais atroz verbalismo, escassa de ideias, constituída quase só de livros destituídos de tensão espiritual – ignorava inclusive os problemas da artesania literária, pois que era, na sua quase totalidade, marcada pela improvisação, o despreparo técnico dos autores e, o que é pior, pela falta de consciência social. Machado era a grande exceção. Outra: Raul Pompéia.

Desvinculada da realidade brasileira, a imaginação dos autores não aderia aos fatos, não se esteava no objetivo e no concreto. Mesmo quando procurava raro ver o Brasil, era através de uma ótica artificial – o instrumento de transposição estética era falso. Dentro desse quadro precário, Euclides irrompeu como uma rebelião. O seu livro estava autenticamente encharcado de Brasil. A geografia, a geologia, a botânica, a zoologia, a paleontologia, a etnologia, a antropologia, a demografia e a história foram pela primeira vez incorporadas à representação literária do Brasil: à nossa literatura. Euclides fundou *a mimesis brasileira*. Para escrever *Os sertões* mergulhou em Gabriel Soares, Cardim, Aires do Casal, Antonil, Frei Vicente do Salvador, Couto de Magalhães, Caminhoá, Saint-Hilaire, Martius, Hartt, Lund, Léry, Thevet, Humboldt, Varnhagen, Capistrano, Rebouças, Ladislau Neto, Orville Derby, Teodoro Sampaio. Mobilizou toda uma gigantesca *brasiliana*, à qual os nossos escritores, até então, se mostravam impermeáveis ou insensíveis. Buscou saber em Gonzaga de Campos e Nina Rodrigues. Em Francisco Escobar.

Onde quer que existisse um ingrediente necessário à elaboração de sua obra, foi buscá-lo. Com esse material, enriquecido pelos dados da observação direta e da pesquisa de campo, preparou as fundações da obra colossal. Absorveu toda a ciência de seu tempo: a antropogeografia, a psiquiatria social etc. Buscou as correntes filosóficas que enformavam todas as províncias do pensamento da época. Um processo de aglutinação, de saturação do saber de seu tempo.

Há erros em *Os sertões*? Há. Roquette Pinto iniciou o processo de seu levantamento. Mas são erros de *interpretação* – contradições, deformações, provocadas pelo instrumentalismo científico de que Euclides se utilizou. Euclides errou quando se submeteu aos dogmas cientificistas de seu tempo, como os forjados por Ratzel, Buckle, Gumplowicz. Errava quando concluía

segundo eles. Mas acertava em cheio toda vez que seguia a sua intuição genial, toda vez que se desprendia do aparato científico usado sem senso crítico, ou quando dobrava-se à verdade que honestamente observara, rendendo-se à evidência viril dos fatos. A ciência de seu tempo era racista. Euclides navegou nessas águas. De onde o seu erro de considerar inferior gente que só era social e economicamente inferiorizada. Mas quando fez a apologia do mestiço – o sertanejo – derrogou todos os prejuízos cientificistas de seu tempo. O artista que nele havia, o poeta que ele era e o escritor íntegro que soube ser, e sua visão profética, salvaram-no. Sim, é preciso compor o elenco de seus erros, distorções e contradições, mas para creditá-los à ciência de seu tempo, não a ele. Porque, sob muitos aspectos, Euclides foi um antecipador. É preciso não esquecer, por exemplo, que Euclides foi o primeiro, entre nós, a proclamar as limitações da lógica formal. É preciso não ignorar e, sobretudo, respeitar o esforço sobre-humano em que ele sempre esteve empenhado, para rever continuamente as bases de seu pensamento.

Euclides propõe árduos problemas a quem os estuda. Problemas fascinantes.

Por que, por exemplo, numa época de verbalismo avassalador, ele, que escreveu um livro aderindo ao concreto, aderiu, também, ao verbalismo? Não parece uma contradição? Como resolvê-la? É que Euclides queria dar ao seu livro, como libelo que era, uma forte força atuante, uma imediata eficácia prática, um urgente poder operativo. Cavalgou, então, inclusive a retórica na sua marcha para o épico e para a acusação viril. Manejar o verbalismo era o meio de chegar mais rápido ao seu objetivo. Precisava da retórica para ser ouvido. Mas, aqui, e nisto que parece uma concessão à linha de menor resistência, interveio a sua grandeza. O seu verbalismo é picado pela cantárida do inaudito. Não é o verbalismo frouxo, ralo, reles, de quem não tem o que dizer e inflaciona a frase. É pletora verbal de quem tem muito a dizer e, por força da pressão expressiva, necessitava violar os padrões clássicos, subverter normas, inovar, renovar, revolucionar. Ou fazer o contrário: ressuscitar arcaísmos, em busca do insólito.

[1982]

JOSÉ CALASANS

Aconteceu em 1902. Euclides da Cunha publicou seu livro sobre a Campanha de Canudos, intitulado *Os sertões*. A obra do jovem engenheiro fluminense, aparecida cinco anos depois da luta sangrenta do interior da Bahia, recolocou em evidência os acontecimentos de 1897 e projetou, no cenário intelectual do Brasil, o nome de Euclides da Cunha, tenente reformado do Exército que, na condição de repórter de *O Estado de S. Paulo*, estivera no campo da luta,

assistindo os últimos momentos da heroica e suicida resistência dos jagunços. O “livro vingador”, segundo denominação do próprio Euclides, marcou época, tornando-se obra-prima da literatura nacional. Monopolizou a temática conselheirista. A partir de 1902, o estudo do episódio *Canudos* passou a ser exclusivamente feito via *Os sertões*. De modo geral, é acertado asseverar que assim sucedeu até às comemorações do cinquentenário do famoso ensaio, nos anos 50 do nosso século. Podemos considerar, por isto mesmo, que a historiografia relativa a Antonio Conselheiro e seu grupo messiânico compreende três importantes fases. A primeira, que vai de 1874 a 1902, desde o surgimento, no centro das então Províncias da Bahia e de Sergipe, do peregrino cearense, até a publicação do trabalho de Euclides da Cunha; a segunda, da hegemonia euclidiana, que se estende à década de 1950; a terceira e última, quando se iniciou uma revisão do assunto com pesquisas esclarecedoras, à luz de modernas contribuições de feição histórica e sociológica.

Na presente análise, vamos nos cingir às fontes anteriores ao período da guerra. Apresentamos os *Canudos* não euclidianos como parte de informações e comentários relativos a um momento importantíssimo da História do Brasil, a chamada “Guerra de Canudos”, de tanta significação na nossa vida social, política, cultural e militar.

Começaremos por 1874. É o ano do aparecimento de um misterioso personagem nos sertões da Bahia e de Sergipe, dizendo chamar-se Antonio dos Mares e proceder da Província do Ceará. A fonte primeira é um semanário sergipano, editado na cidade de Estância, intitulado *O Rabudo*, em seu nº. 07, de 22 de novembro de 1874. A referida gazeta está guardada na Biblioteca Pública de Aracaju (Sergipe), conforme informação do pesquisador Acrísio Torres de Araújo, a quem devemos o conhecimento do texto jornalístico. A descrição do tipo físico do “misterioso personagem”, sua falta de asseio, seus conselhos, seu forte poder de sugestionar os sertanejos, a ameaça que ele representava para a ordem pública, a necessidade do seu afastamento do meio rural, a obra material que começava a realizar com a restauração da pequena capela de Rainha dos Anjos, no município de Itapicuru (Bahia), tudo isso está mencionado no hebdomadário, editado por Manuel Lopes de Sousa, sem dúvida alguma o primeiro jornal a falar do futuro “rei dos jagunços”. *O Rabudo*, “periódico crítico, chistoso, anedótico e noticioso”, publicado aos domingos, dedica quase metade das suas quatro pequenas páginas, a Antonio dos Mares, que seus já numerosos seguidores chamavam “Santo Antonio dos Mares”. Anunciando transmitir opiniões de “pessoas de bom senso”, o jornalista de *O Rabudo* levanta a suspeita de haver o peregrino cometido algum crime, sendo a singularidade do seu modo de viver uma forma de penitência, senão um meio de fugir à ação da Justiça. Estava lançada, nas linhas do artigo, uma hipótese que se transformaria, com o perpassar do tempo, na tal “lenda arrepiadora”, do dizer de Euclides da Cunha, horrenda história do matricídio praticado por Antonio Vicente Mendes Maciel.

Não dispomos de elementos para rastrear o noticiário da imprensa, baiana

ou sergipana, referente a Antonio dos Mares, no citado ano de 1874. Há, porém, no Arquivo da Arquidiocese de São Salvador da Bahia, nas pastas relativas à correspondência dos vigários do nordeste baiano com o vigário capitular, inúmeros informes relativos aos entendimentos e desentendimentos de alguns párocos com Antonio Maciel ou Antonio Conselheiro, como passou a ser conhecido e mencionado, não havendo mais qualquer referência ao Antonio dos Mares do jornalzinho estanciano.

No documentário em apreço figuram ofícios dos padres João José Barbosa, vigário colado de N. Sa. da Conceição do Aporá, João Alves da Silva Paranhos, vigário colado de N. Sa. do Livramento do Barracão, Emílio de Santana Pinto, vigário colado do Divino Espírito Santo de Abrantes, além da correspondência do delegado de polícia de Abrantes, Joaquim Pereira de Azevedo, e do dr. João Bernardo de Magalhães, chefe de polícia da Bahia que trocou expediente com o vigário capitular, monsenhor Luís d'Armour.[50] Os papéis existentes no Arquivo do Arcebispado são fontes bem expressivas para se conhecer as atividades de Antonio Conselheiro nos anos de 1875 e 1876. No último dos dois anos, por ordem do chefe de polícia, o "messias" foi preso e levado à capital baiana, donde o enviaram, com escolta policial, para o Ceará, em face do boato de crime que ele teria cometido em sua terra natal.

A prisão do "Santo", em junho de 1876, na Vila de Itapicuru, focalizou o nome do Conselheiro na imprensa de Salvador. Tornou-se notícia de destaque. Sua chegada e partida para Fortaleza ganharam espaço nas colunas dos diários soteropolitanos. Sobre sua prisão, sua misteriosa pessoa, seus prosélitos, suas atitudes, seu comportamento perante o chefe de polícia, seu suposto crime, há muito que respigar no *Diário da Bahia* (27 de junho e 7 de julho), no *Jornal da Bahia* e no *Diário de Notícias*(6 e 7 de julho). É bem possível que a nota da *Folhinha Laemmert* [51] (Rio) tenha sua origem no noticiário baiano do ano anterior.

A notícia da conceituada *Folhinha* teria sido a primeira divulgada na capital do Império. A apresentação de Antonio Conselheiro à corte brasileira...

Sílvio Romero, em 1879, na *Revista Brasileira*, numa série de artigos sobre a poesia popular no Brasil, referiu-se a Antonio Conselheiro, também conhecido por Santo Antonio Aparecido, segundo o escritor sergipano. Julgamos que o ilustre folclorista houvesse conhecido pessoalmente o tal "missionário a seu jeito". Pelo menos teria tido informações transmitidas por pessoas de seu conhecimento que viram de perto o místico cearense. Em 1874, quando o periódico estanciano registrou a presença de Antonio dos Mares, que outro não era senão o próprio Antonio Conselheiro, Sílvio Romero, recém-formado em direito, exercia o cargo de promotor público da comarca de Estância. Perto da cidade do Piautinga ficava Lagarto, terra natal de Silvio, por onde andou o "Bom Jesus" em suas andanças sergipanas. Nada mais lógico, pois, que admitir o conhecimento do folclorista com o portador de folclore. Foi, aliás, sobretudo nesta situação de "portador de folclore", que o autor da *História da literatura brasileira* viu o andejo predicante. As informações de Sílvio Romero, depois

constantes do seu livro *Estudos sobre a poesia popular no Brasil*,[52] aparecido em 1888, foram bem aproveitadas por Euclides da Cunha. Apontemos algumas. Os apelidos Antonio Conselheiro e Santo Antonio Aparecido e duas quadras citadas como de origem popular. O informe da "doutrina" pregada pelo "messias", haurida na obra *Horas marianas*, livro que portava. A condenação do uso dos pentes de chifres, xales de lã, levando as mulheres à queima de tais objetos considerados luxuosos. O levantamento da igrejinha de Rainha dos Anjos. Sua passagem por Sergipe, onde fez adeptos. A circunstância de divergir dos "mendigos vulgares", porque somente aceitava o necessário para sua subsistência. O fato de conquistar com suas prédicas as populações que visitava. Em muitos pontos, o depoimento de Sílvio Romero coincide com os comentários de *O Rabudo*. Enquanto, porém, a gazetinha, de modo vago, admitia haver Antonio Conselheiro praticado um crime, o ilustre lagartense, de modo peremptório, tacha-o de "criminoso do Ceará". Durante muitos anos, como escreveu em 1897, ficou sem novas do fanático, Na 2ª edição dos *Cantos populares do Brasil*, consignou, em nota de pé de página: "Supúnhamos já falecido este tétrico fanático, quando agora aparece ele nos sertões da Bahia, à frente de um verdadeiro exército de crentes, a fazer depredações de todo gênero".[53]

Antonio Conselheiro, como já vimos, foi mandado para o Ceará, em 1876. Esteve em Fortaleza, seguindo, ainda preso, para a vila de Quixeramobim, terra de seu nascimento, onde poderia haver cometido o crime de que era indigitado. Nada havia contra ele. Foi, consequentemente, posto em liberdade. O jornalista Manoel Benício, em seu livro *O rei dos jagunços*, transcreveu os ofícios do chefe de polícia da Bahia ao seu colega do Ceará e deste ao juiz municipal de Quixeramobim, como também a resposta do mesmo inocentando Antonio Vicente Mendes Maciel, declarando que o mandara pôr em liberdade.[54] A resposta do juiz, Alfredo Alves Mateus, encerrava, oficialmente, a questão do crime, que continuaria, contudo, a se conservar na imaginação do povo.

Posto em liberdade, Antonio Vicente voltou à Bahia, passando a viver em terras do município de Itapicuru, daí saindo, frequentemente, para dar conselhos e realizar obras, construção de capelas e levantamento de muros de cemitérios, em diversos pontos da Bahia e de Sergipe. Teria retornado, consoante a tradição, exatamente no tempo por ele mesmo anunciado. Era um milagre. Estava de volta, num momento angustiado dos sertões nordestinos. Nos dias terríveis da seca de 1877, quando, dominados pelo flagelo, os sertanejos esperavam as soluções milagrosas. Faltam-nos dados para avaliar o papel do "Bom Jesus Conselheiro" na conjuntura. Teria construído alguns pequenos açudes, ouvimos alhures.

[1986]

ANTÔNIO HOUAISS

Creio que é um início de conversa com pouco compromisso, de maneira que me sinto à vontade para ser irresponsável (*risadas*). Poderia dar-lhes uma ideia da minha devoção, fazendo uma confissão autobiográfica. Conheci Euclides da Cunha quando eu tinha catorze anos, mais ou menos: evidentemente, numa palestra; alguém falava sobre Euclides da Cunha. E quem falava, ensejou a oportunidade de subsequentemente uns dois ou três outros falarem sobre o mesmo tema. Eu era apenas um aluno da Escola de Comércio Amaro Cavalcante, onde me formei como perito-contador. E nessa altura, sendo presidente do Grêmio Literário Castro Alves, não sei por que cargas-d'água tive o privilégio de convidar Edgar Süssekind de Mendonça para fazer para o alunado daquela escola despretensiosa, secundária, uma palestra sobre Euclides da Cunha. E sobre *Os sertões*, especificamente. Sei que dali, dessa palestra, devem ter nascido alguns euclidianos de grande devoção. Edgar Süssekind de Mendonça era um conhecedor profundo de *Os sertões*, tinha uma dicção admirável de clareza e ao mesmo tempo de emoção. E transmitiu a todos nós alguma coisa que foi impressionante, porque a biblioteca da escola possuía dois exemplares de *Os sertões* que durante uns dois anos foram permanentemente objeto de empréstimo. Até ao ponto de nosso grêmio ter que comprar uns exemplares extraordinários, para que os alunos pudessem consultar. Data daí o meu conhecimento de Euclides da Cunha, fortalecido depois pela presença de Francisco Venâncio Filho e por um terceiro conferencista, Pascoal Leme, ainda vivo, aos 83 anos, e que tem uma bela obra em que ocorre a referência, necessariamente, a Euclides da Cunha. Esses dois euclidianos de primeira água, Edgar e Venâncio, que sustentaram até a *Revista do Grêmio Euclides da Cunha – Por protesto e adoração*, é que me iniciaram na leitura de nosso autor. E obviamente a leitura que fiz naquele então deu-me apenas uma medida, ou duas. Primeiro, eu degustava a língua portuguesa, pela primeira vez, naquilo que ela tem de cadenciado, de rítmico, de racional, de... inebriante, tanto quanto, repito, o elemento de logicidade com que o homem pode enfrentar os seus problemas. Era talvez o primeiro livro de ensaísmo que eu lia, e sei que me marcou definitivamente. Creio que, dali para cá, algo me ficou de Euclides da Cunha perdurantemente. Mas o que foi belo, foi que Euclides da Cunha, efetivamente, ficou para nós como uma proposta de brasilidade. E uma brasilidade exatamente fecunda porque muito autocrítica! Quem lê Euclides da Cunha, desde o primeiro momento vê que há dois Brasis: um inclemente, e outro vítima das inclemências. Isto está patente em todos os momentos de Euclides da Cunha e talvez seja a própria proposta do livro ao dizer que, retardatários hoje, tenderão a desaparecer amanhã. Essa impressão ficou. E na medida em que correlatamente à leitura de Euclides, eu me fazia também um pouco precocemente um estudioso da língua, fui criando uma progressiva admiração por esse autor, não apenas por essa revelação de Brasil, e um Brasil rico pela sua contradição, mas também pela revelação da língua portuguesa. Confesso que até hoje esse aspecto da riqueza vocabular de Euclides da Cunha me fascina. E a adequação dessa riqueza constitui um elo de

permanente admiração, no meu passado e no meu presente. Naquele momento, os instrumentos de conhecimento da língua só podiam ser obtidos através não de obras de referência, mas de obras de literatura elas mesmas. O que mostra que esse indivíduo, que tivera uma formação de ciências exatas muito grande, era, seguramente, leitor de outras ciências, e de outras áreas, e de outras ficções. E que ele soube caldear tudo isso nessa obra maior, que é a grande obra dele, apesar de eu admirá-lo também nos muitos outros ensaios que escreveu, paralelamente, antes e depois de *Os sertões*. Então, esses dois componentes foram aqueles que me fizeram ser uma espécie de devoto de Euclides, e ao mesmo tempo um propugnador da leitura de Euclides. Fui professor durante um longo período da vida, e nunca deixei de trazer Euclides a debate. No ensino secundário, que exerci durante muito tempo, nunca deixei de ler longos e largos trechos de Euclides, e nunca deixei de ter a boa impressão de que os alunos, de um modo sistematicamente geral, o amavam e admiravam. Creio que muito leitor de Euclides da Cunha foi feito através dessa pregação. É verdade que eu usava esse método para com muitos outros autores. E, incontestavelmente, as reações variavam um pouco entre os poetas e os ficcionistas, e Euclides da Cunha fica a meio caminho dos dois! Ele é um ensaísta, que tem muito de ficção, no bom sentido da construção de hipóteses de trabalho, e que tem, de poeta, a apreensão de uma realidade que ultrapassa a sua palavra, e que é a realidade maior do Brasil. Dentro desse quadro é que me propus, ao longo da vida, a ir penetrando o texto de Euclides da Cunha, que sempre foi para mim, repito, matéria de um interesse enorme, sobretudo quando principiei a ver, nos tempos mais modernos, certas restrições voltadas para a pouca cientificidade de Euclides da Cunha. Nunca vi ninguém ser tão injustiçado a esse respeito quanto ele, porque, frequentemente, está-se querendo, em Euclides da Cunha, um tipo de conhecimento científico que a humanidade ainda não tinha, ao tempo em que ele escreveu o livro. De maneira que esse tipo de crítica me parece não apenas corrosiva, mas intrinsecamente impossível! Ela não cabe, pelo simples fato de o que se está querendo, é alguma coisa que as epistemes humanas ainda não haviam atingido. Então, esse sentido de injustiça para com uma criatura tão venerável me fez avançar mais ainda na convicção de que ele estava sendo demolido sem muita justa razão. Há um componente que eu gostaria de ressaltar por fim, e que é este: Euclides não foi objeto até hoje dos estudos que merecia. Euclides não foi objeto, inclusive, de uma tradição, quanto ao texto, à altura de sua dificuldade. E não estou fazendo nenhuma barretada porque seja ela a única mulher desta mesa-redonda, mas um dos passos fundamentais foi recentemente dado pela edição crítica de Walnice. Ela representa um momento a partir do qual certos estudos podem ser feitos com grande proveito sobre Euclides, porque ela desbastou a problemática textual, colocando, naturalmente, em evidência todos os enigmas que esse texto encerra, mas pondo à disposição do pesquisador os instrumentos necessários para, a partir daí, poder chegar a algo conclusivo nessa área.

LUIZ COSTA LIMA

Embora próxima, nem toda concepção pragmática da ciência há de constituir um cientificismo. Assim, só se dá quando persegue uma ambição totalizante. Como é usual no século XIX, o pragmatismo de Euclides é declaradamente cientificista.[55] Dentro de uma visada cientificista, a situação de desconhecido é tão só a etapa prévia e vencível do conhecido. Dentro dela, não há lugar para a *terra ignota*. No entanto, se o cientificismo nunca abandona *Os sertões*, nele também há a *terra ignota*. Ela já é nítida quando, depois de sobrevoar o litoral e se internar pelo sertão baiano, o narrador se aproxima da região de Monte Santo. É este “o estranho território” (I, 97), sempre evitado pelos bandeirantes, a “*terra ignota*” onde “reina a drenagem caótica das torrentes” (I, 96). Será nela que se fixará o ascendente do futuro jagunço e adepto de Conselheiro, formando o *isolat* humano que o autor procurará decifrar. Conforme veremos, por adotar o procedimento descritivo como o meio indispensável para o conhecimento, o recurso terá por meta sejam “as lindes de um deserto”, seja todo o continente do que tem permanecido sem memória. Por ambos os lados, como a sede do não sabido, a *terra ignota* se imiscuirá.

Numa primeira aproximação, a *terra ignota* é sujeita a bruscas alternativas, entre secas abrasantes e chuvas torrenciais. É o “martírio da terra” (I, 101), a suscitadora de ilusões sem conta, semelhantes a “majestosas ruinarias de castelos” (id., ibid.). Por enquanto apenas as apontando, essas ilusões, esparsamente mencionadas, se condensam na imagem da vida que ainda e tão só se prepara: “Acredita-se que a região incipiente ainda está preparando-se para a Vida: o líquen ainda ataca a pedra, fecundando a terra” (I, 104). Mas o narrador logo se dá conta do risco contido na cascata de imagens. Como um pecador, que se alarmasse com as oscilações de sua alma, as imagens o espantam e fascinam. Tanto reaparecem como são insistentemente cortadas. Seu incremento ameaçaria o “olho ciclópico” que procura conhecer e explicar tudo que vê. Já sabemos que para tanto a mão de Euclides traça para si a alternativa do lugar, central, reservado ao tema, e o lugar, marginal, reservado para passagens ornamentais e literárias. Mas a insistência com que “A terra” refere as ilusões parece indicar que a solução não era bastante. Não haveria mesmo outro modo além dos representados pela fantasia ritmada ou a observação presa a instrumentos de medida? Pequena passagem insinua uma terceira via:

> É a *silva aestu aphylla*, a *silva horrida*, de Martius, abrindo no seio iluminado da natureza tropical um vácuo de deserto. – Compreende-se, então, a verdade da frase paradoxal de Auguste de Saint-Hilaire: “Há, ali, toda a

> melancolia dos invernos, com um sol ardente e os ardores do verão!" (I,124).

Metonímia ou microcosmo dos sertões, a *terra ignota* exibe um estado físico tão agravado que parece comprometer a estabilidade das estações e, com ela, a possibilidade de uso do modelo científico-descritivo. Mas se a dúvida se deu, não se manifestou senão descritivamente:

> A luz crua dos dias longos flameja sobre a terra imóvel e não a anima. Reverberam as infiltrações de quartzo pelos cerros calcários, desordenadamente esparsos pelos ermos, num alvejar de banquisas; e oscilando à ponta dos ramos secos das árvores inteiriçadas, dependuram-se as tilândsias alvacentas, lembrando flocos esgarçados, de neve, dando ao conjunto o aspecto de uma paisagem glacial, de vegetação hibernante, nos gelos.. (I, 124-5).

A anotação de Saint-Hilaire ressoa na mente de Euclides e reverbera em frases descritivas. Mas essa é uma descrição *sui generis*, pois funciona como ponto equidistante entre o conhecimento cabal e a incerteza do objeto. A equidistância dissipa ou adia a dúvida e impede um mergulho que, em vez de ratificar a validez da ciência, permitisse examiná-la; não para negá-la mas para avaliar seus resultados e limites. Há limites para a ciência? O recurso da equidistância defende Euclides de se expor à pergunta. E, por não o cumprir, o ignoto apenas prepara o conhecido, que tinha a seu dispor uma estrada régia, aquela que se atualiza por descrições minudentes.

Recusada da cena visível, a *terra ignota* porém fermenta na subcena. Só a indicação gráfica de pausa mais larga separa a linha derradeira da última citação de passagem já definida como peça de antologia: "Mas no empalidecer de uma tarde qualquer, de março [...]" (I, 125). O que vale dizer: a literatura como ornato, o ornato da literatura é uma das manifestações possíveis que, enquanto recalcada, assume a subcena. Mais corretamente poder-se-ia definir esse tipo de ornamento – i.e., o não simplesmente ilustrativo – como uma torção da subcena. Pela torção literária, é esvaziada a tensão que quase se tornava insuportável – há uma ciência capaz de dizer de tão estranha terra, sujeita a tamanhas oscilações? Ao contrário, haverá limites para a ciência descritiva? – e, deste modo, o narrador se concede uma pausa. Concessão entretanto de efeito apenas passageiro. É assim que, mal termina a interpolação do ornato, logo reponta a dúvida quanto à validade da ciência. Ela agora se mostra de maneira até mais taxativa. Com a filosofia da história de Hegel, referida no começo da quinta seção, Euclides tem menos escrúpulos: suas categorias geográficas não dispõem de lugar para os sertões. As *terrae ignotae* são "barbaramente estéreis; maravilhosamente exuberantes..." (I, 129). A continuação tanto poderia ser a de que tal região ainda está por entrar nos

anais da verdadeira ciência da natureza como o questionamento dos modos como se pratica a ciência. Euclides não se atreverá à segunda. Ao contrário, sempre a denegará.

De nossa parte, seria cômodo e arbitrário criticá-lo por isso. A própria feitura d'*Os sertões*, realizado sem meios de pesquisa, sem equipes de colaboradores, sem recursos financeiros específicos, já fora um gesto de ousadia que beirava a loucura. Ser, apesar de tudo, uma obra assombrosa pareceria exigir que se relevassem suas falhas. Por essa ou outra razão, assim tem agido a maioria dos estudos euclidianos. Presidida por uma intenção louvável, tem ela entretanto colaborado em manter a *cena do recalque*. É por isso preferível adotar outro caminho e, destacando o fim do trecho que selecionamos, reconhecer que ele dá o que pensar. Assim dizemos porque, depois de se insurgir contra a pretensão geográfica de Hegel e mantida a força do denegatório, que mais restava a Euclides senão assumir uma meta modestamente pragmática? Ante essa natureza que "se compraz em um jogo de antíteses" (I, 129), Euclides, retornando ao posto de observador submisso, constata que, em tal terra, o homem se convertera em colaborador da destruição. Esse "terrível fazedor de desertos" (I, 131), se não era um antepassado dos "mercenários inconscientes" de agora, era ao menos hostil ao homem de ciência que Euclides procurava encarnar. Bloqueado, pois, pela denegação que inconscientemente se impusera, pela resistência da própria terra ao recurso descritivo que elegera e pela ação maléfica dos outros de sua mesma nação, a Euclides só parece restar a única porta da solução prática. Assim considerado, seu pragmatismo não era sequer da ordem das opções. Recorre pois ao exemplo histórico dos romanos na África e termina com a solução dos açudes, que, por sinal, já havia sido aventada, tornando ocioso o enorme esforço explicativo que despendera na elaboração de "A terra".

Tudo isso por certo deixa um gosto de frustração. A leitura mítico-carismática é mais compensadora. Mas por alguma razão que eu mesmo não consigo entender, não é esse o Euclides que me empolga senão aquele que transparece a partir das hesitações pouco reconhecidas, dos gestos de altivez logo abandonados, da exploração do que, malgrado ele próprio, se insurge contra suas explicações científicas e suas soluções pragmáticas, sejam açudes, seja a propaganda aberta pelo trajeto das balas. Pois é nesse recanto de restos que a indagação do país alcançava um esboço de formulação imprevisível.

[1997]

ROBERTO VENTURA

Euclides assumiu o mesmo tom de acusação que o escritor francês Émile Zola empregara para pregar a inocência do capitão Dreyfus. Responsabilizou, em *Os*

sertões, a Igreja, os governos federal e o estadual baiano e sobretudo o Exército pelo massacre dos habitantes de Canudos. Seu objetivo era, conforme escreveu na apresentação do livro, denunciar a guerra como fratricídio – matança entre irmãos, filhos do mesmo solo: "Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo".[56]

Ao denunciar a campanha como "crime", Euclides se distanciou da metáfora da Vendéia e da ideologia liberal-republicana. Entre os artigos de 1897 e o livro de 1902 interpõem-se sua cobertura ao vivo dos momentos finais da guerra e o contato não mediatizado pela propaganda republicana com a realidade de Canudos, o que produziu sua reviravolta de opinião.[57]

Retomou a história da campanha militar com um enfoque mais amplo do que nos artigos de jornal. Adotou uma perspectiva ensaística e historiográfica que buscava enfocar os fatores e leis gerais, transformando o tema no que chamou de variante de assunto geral: "Os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil". Manteve seu relato sob tensão constante: pelo assunto trágico da guerra, pelo tom épico da narrativa, pelo conflito entre a realidade observada e os modelos evolucionistas e naturalistas que adotava.

Traçou, em *Os sertões*, paralelos entre os dois lados do conflito, mergulhados no mesmo fanatismo e misticismo: entre o soldado e o jagunço, entre o litoral e o sertão, entre a República e Canudos. Para ele, o coronel Moreira César, comandante da terceira expedição, líder epiléptico dos jacobinos, é tão "desequilibrado" quanto Conselheiro, o messias delirante: ambos refletiriam a "instabilidade" dos primórdios da República. Mostrou como os soldados traziam, no peito, o retrato do marechal Floriano Peixoto, cuja memória saudavam com o mesmo entusiasmo doentio com que os jagunços bradavam pelo Bom Jesus. Criticou as jornadas jacobinas no Rio de Janeiro, em março de 1897, após a derrota da expedição Moreira César, quando uma multidão de "trogloditas" destruiu os jornais monarquistas aos gritos de "viva a República". Observa Euclides: "O mal era maior. Não se confinara num recanto da Bahia. Alastrara-se. Rompia nas capitais do litoral".

Euclides não opôs, assim, o litoral ao sertão. Viu um como reflexo do outro: a barbárie está por toda parte. Tal nota pessimista encontra expressão nas inúmeras imagens antitéticas que utilizou em *Os sertões*. Canudos é a "Tróia de taipa dos jagunços", aliteração que traz o registro épico à narrativa da guerra. O sertanejo é um herói monstruoso, "Hércules-Quasímodo". Conselheiro, um "pequeno grande homem, que entrou para a história, como poderia ter ido para o hospício".

Atacou a racionalidade urbana e suas pretensões civilizatórias, ainda que tenha encarado Canudos de forma negativa. Chamou a vila de "*urbs* monstruosa de barro" e de "*civitas* sinistra do erro", tida como dominada pela desordem e pelo crime. Canudos era, para ele, um "ajuntamento caótico e repugnante de casas", onde haveria o "amor livre" e o coletivismo de bens.[58]

Tal viés se deveu, em parte, ao contato com uma cidade semidestruída pelos

bombardeios e pelas privações da guerra. Foi tributário ainda de sua formação científica, que combinava evolucionismo e positivismo, e dos preconceitos raciais próprios à sua época, que traziam a crença na inferioridade dos grupos não brancos.

[2003]

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

[SEBASTIANISMO, MILENARISMO, MESSIANISMO]

A primeira providência para elucidar a questão da presença ou não destas características em Canudos é não as tomar em bloco indiferenciado mas tentar analisá-las em sua diversidade, por exemplo separando aquilo que emana do Conselheiro das crenças que seus fiéis nutrem.

Para a compreensão do quadro é indispensável a leitura do livro de sermões do Conselheiro, já publicado. O aparecimento desse livro em 1974 foi a primeira evidência insofismável de que o Conselheiro não era nem herético nem heterodoxo, como tudo fazia crer conforme os contemporâneos e os que tinham escrito sobre ele. O organizador da edição, ele mesmo católico e conhecedor da doutrina, logo expendeu seu laudo, ali mesmo na apresentação do livro.59

O volume, que leva o título barroco de *Tempestades que se levantam no Coração de Maria por ocasião do mistério da Anunciação*, consta de uma primeira parte com 29 mistérios mariais, cada um ocupando uma prédica, conforme o título indica. A segunda traz dez sermões, dedicados aos dez mandamentos da lei de Deus, a terceira textos das Escrituras Sagradas com comentários e a quarta prédicas de circunstância sobre a cruz, a missa, a confissão, o recebimento da chave da igreja de Santo Antonio, padroeiro do Belo Monte etc. Seguem-se o sermão sobre a República e a Despedida.

A teologia do Conselheiro, conforme as análises existentes, ressalta o papel de Maria na obra da salvação, por meio de tudo o que a relaciona com Jesus Cristo, seu Filho e seu Deus: Jesus Cristo é o Redentor e a Igreja é o único caminho para a salvação. Nada diverge do postulado pelo Concílio de Trento e pelo Vaticano I, e tem sua fonte mais imediata na *Missão abreviada*, sermonário popular novecentista originário de Portugal, instrumento para o apostolado leigo concebido pela Igreja e bastante difundido em nosso país à época. Os sermões do Conselheiro adaptam esse livro, resumindo, explicando, operando permutas e combinações de suas partes, mas deixando o modelo claramente reconhecível. O universo é hierarquizado, com todos em seus lugares desiguais, tendo o papa como chefe da ordem espiritual e o monarca como chefe da ordem temporal. A vida humana na Terra nada mais é do que um "ínterim" indispensável para a intervenção salvífica da redenção.

Outros pontos corroboram a configuração de um ideário conservador. Há ricos e pobres, cabendo aos primeiros dar assistência aos segundos por meio do exercício da caridade, que os segundos devem solicitar. A propriedade deve ser respeitada e o roubo proibido. A família é o modelo de funcionamento universal, rei e Deus sendo análogos ao pai para com os filhos. Judeus, maçons, protestantes e republicanos são os inimigos da Igreja, contra a qual pregam falsas doutrinas. O Diabo está atento e para não se condenar à danação o homem deve praticar a ascese, a oração e a penitência. A ressurreição só é mencionada uma vez, enquanto a ênfase recai sobre a morte em seu aspecto sacrificial.[60]

O único ponto em que a pregação do Conselheiro[61] destoa da posição conservadora, que recomenda manter a situação vigente com cada coisa no seu lugar, é no que diz respeito à escravidão. Nesse ponto, sua acusação ao caráter degradante da instituição e sua exaltação da princesa Isabel como a benemérita dos cativos não deixam dúvidas.

Quanto ao *sebastianismo* –[62] Antes de mais nada, é preciso lembrar que sebastianismo é como se nomeou originalmente um fenômeno no âmbito da história de Portugal, ocasionado pela morte dramática e prematura de D. Sebastião em Alcácer-Quibir (1578). A consequente perda de autonomia nacional, com a passagem do reino para a coroa espanhola, gerou intensos abalos que redundaram na espera do retorno de D. Sebastião para regenerar a vida no país. Data daí o surgimento de inúmeros dons sebastiões durante séculos e de sucessivas decepções, processo por muitos percebido como compensatório à decadência que se abateu sobre Portugal após o período áureo das navegações e dos descobrimentos.

Ressalte-se que o sebastianismo não tinha qualquer conotação de antirrepublicanismo, mesmo porque a República só adviria vários séculos depois. Ali se tratava de restauração, sim, mas da nacionalidade: voltar a ter um rei português e não espanhol, mas em qualquer caso um rei.

Se estendermos o termo, em seu sentido mais amplo, a todo movimento que aguarde o retorno de um monarca, morto ou vivo, teremos que examinar algumas evidências, como segue. Sem esquecer que o sebastianismo pode se apresentar como apenas uma particularização do messianismo, quando o messias é identificado a D. Sebastião.

A incidência mais célebre de sebastianismo em nosso país foi o episódio tantas vezes estudado de Pedra Bonita (1836-38),[63] em Pernambuco, onde D. Sebastião era a presença tutelar, conjurada à custa de sacrifícios humanos. Quando se começou a falar em Antonio Conselheiro e Canudos, várias vozes logo se alçaram utilizando o próprio termo "sebastianismo", aplicando-o ao novo fenômeno. O termo é culto, e é verdade que essas vozes eram de parlamentares e jornalistas, portanto vozes brancas, litorâneas e com certo perfil de classe, provenientes principalmente do Rio de Janeiro. Usavam-no exclusivamente como sinônimo de "monarquismo". Desde o primeiro momento, portanto, aplicou-se à Guerra de Canudos a pecha de

sebastianismo.

Já em Canudos praticamente não se encontra sinal de sebastianismo. Basta comparar com a sublevação do Contestado (1912-16),[64] de sebastianismo não só evidente como explícito na boca dos insurretos. Nessa “Guerra Santa”, São Sebastião, fusionado com D. Sebastião, era santo padroeiro, invocação no introito solene dos documentos, ao lado da Santíssima Trindade, e aparição habitual para os combatentes.

No mais notório dos sermões do Conselheiro, aquele proferido contra a República, está escrito que “o digno príncipe o senhor Dom Pedro III tem poder legitimamente constituído por Deus para governar o Brasil”. Portanto, não há dúvida de que se espera o retorno de um monarca, chamado apenas de “príncipe” nas cartas dos canudenses – no caso, vivo, pois o herdeiro presuntivo do trono, por nome Pedro, era o primogênito da princesa Isabel e neto de D. Pedro II.

Por outro lado, as numerosas testemunhas de vista, cujos relatos viemos examinando, jamais mencionaram D. Sebastião. Tampouco os sobreviventes entrevistados se referiram a esse rei nem a qualquer anelo sebastianista. É nos folhetos proféticos encontrados no arraial e reproduzidos em diversos autores que se fala na volta de D. Sebastião, o que é confirmado por versos da poesia popular.

Quanto ao *milenarismo* – Tomado no sentido estrito de um surto provocado pela iminência do fim do século ou do milênio, encontra-se ausente de Canudos. Antes, tudo indica que a comunidade conselheirista se colocasse *fora da história*, vivendo um “ínterim” atemporal.[65]

Mas os folhetos proféticos e os versos populares[66] mostram essa tendência, mesmo que apenas vestigial. Duglas Teixeira Monteiro fala da “corrente subterrânea escatológica” que percorre as insurreições religiosas, que acabam colocando sua visada no *fim das tempos*. Sabendo-se a importância que a *Missão abreviada* teve como fonte para os sermões do Conselheiro, vale lembrar que ela contém um capítulo inteiro dedicado ao Anticristo[67] e ao fim do mundo, o que apareceria com clareza nos folhetos proféticos e na poesia popular.

Quanto ao messianismo – Se considerarmos messianismo no sentido lato como todo movimento religioso que siga um líder carismático de quem emana a salvação, não pode haver dúvida de que disso se tratava.

Ainda aqui, o Conselheiro jamais afirmou que era o Messias, ou Jesus, ou Santo Antonio. Nos dois livros de sermões que deixou assina-se “o Peregrino – Antonio Vicente Mendes Maciel”, e neles não se encontra sequer uma insinuação nesse sentido. Testemunhas de vista tampouco lhe atribuíram tal identificação. Pedrão guardou a lembrança, que relatou a José Calasans, de um episódio em que um crente se ajoelhou ante o Conselheiro, que o repreendeu, dizendo: “Levante-se, que Deus é outra pessoa”.[68]

Mas sua grei sim, e aí são numerosos os depoimentos contemporâneos ou de sobreviventes, que a ele se referem como Santo Antonio, Santo Antonio Aparecido e Bom Jesus Conselheiro. Davam-lhe assim vivas ao começo e ao

fim das prédicas, quando chegava ou deixava povoados e fazendas. E em Canudos era usualmente saudado como Bom Jesus Conselheiro. Ao que tudo indica, essa foi sua derradeira renominação,[69] depois de responder sucessiva ou alternadamente aos apelativos de Irmão Antonio, Meu Pai, Nosso Pai, Santo Conselheiro.

Afora a Virgem Maria – culto de origem tridentina, e similar ao do padre Ibiapina –, a devoção pessoal do Conselheiro se endereçava a Santo Antonio e ao Bom Jesus. No caso do primeiro: era seu nome; nome de seu avô Antonio Maciel; nome e padroeiro de sua vila natal, Santo Antonio de Quixeramobim; orago da primeira igreja que construiu em Canudos; e padroeiro do Belo Monte. Até hoje, a mais concorrida festa anual de Canudos é a de 13 de junho, coroando uma trezena. No caso do segundo: topônimo do primeiro arraial que fundou nos idos de 1880, o de Bom Jesus, ao pé da capela de mesma invocação; orago da mais nova e maior igreja que construiu em Canudos; identificação e sincretismo entre ambos, cunhando o apelativo de Bom Jesus Conselheiro; e propriamente, como é óbvio, o Messias, o Salvador, o Redentor etc.[70]

Em suma: não há afirmação de Juízo Final explícito em nenhum momento, embora contemporâneos afirmassem que o Conselheiro pregava anunciando o fim do mundo –[71] de novo, a não ser nas profecias e nos versos. As cartas de canudenses convocando reforços falam apenas na guerra que se avizinha, aduzindo que é a última oportunidade de “morrer com nosso Conselheiro” e assim alcançar a salvação. Mas nessas mesmas cartas, das quais um exemplo é a supracitada de Ezequiel Profeta de Almeida, quando a esperança terrenal ainda imperava, a proposta é a de salvar-se em vida porque o resto do mundo, e não Canudos, é que se encontra votado à perdição. Pode-se inferir que houve uma fase em que predominavam as expectativas de vitória sobre o inimigo, seguida por outra em que os fatos as desmentiram. As alusões de prisioneiros e sobreviventes, quando diretamente interrogados, dão conta de que o Conselheiro não prometia a ressurreição, mas sim “salvar a alma”. É o que registram, entre vários outros, Euclides da Cunha, que assistiu ao interrogatório de Agostinho, de catorze anos, e o combatente Benedito T. Cordeiro, transcrevendo as respostas de Maria Leandra.[72] Pena é que para nós essa seja uma linguagem enigmática, e que tentemos decifrar o que nós, do mundo desencantado, já não entendemos. Para eles, que tiveram o mundo reencantado, não havia enigma: talvez mistério, mas no sentido teológico.

Aos poucos, a memória da Guerra de Canudos foi sendo reavivada nas mesmas paragens onde ocorrera. A Igreja Católica, penitenciando-se, interessou-se pela sorte dos moradores, por meio da Pastoral da Terra. Em 1984 faz-se uma ampla cerimônia, passando-se a rezar missa pelos mortos em 5 de outubro, data em que a guerra terminou. Afora a missa anual, e tendo em vista a crescente ocupação das terras da região por grilagem praticada pelos fazendeiros, desenvolveu-se o movimento do “Corta-cerca”, uma contestação à prática de cercar terras tradicionalmente desocupadas, tolhendo o direito

comunitário de apascentar livremente as cabras. Participantes do movimento foram presos e intimidados. Ante as acusações de subversão e as manipulações políticas dos poderosos proprietários, a Igreja acabou por desativar o programa.

Pouco depois, ao criar-se o Centro de Estudos Euclides da Cunha, da Universidade Estadual da Bahia, seus membros passaram a fazer trabalho comunitário em Canudos. Desse trabalho resultou a escrita de um livro didático, discutido a cada passo com a comunidade, que visava a uma reconstituição dos eventos desse ponto de vista. Foi assim que surgiu a *Cartilha histórica de Canudos* (1989), de autoria de Renato Ferraz, José Carlos da Costa Pinheiro e Manuel Neto, em coedição da prefeitura local e da Universidade Estadual da Bahia, desde então adotada como material didático de ensino fundamental e médio nas escolas de Canudos, onde o tema passou também a ser de inclusão obrigatória no currículo.

Cada vez mais, comenta-se a similitude do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com o dos conselheiristas. Eles mesmos reivindicam tais precursores, batizando, entre outros, um assentamento em Tangará da Serra (Mato Grosso) de "Antonio Conselheiro", e outro em Campestre (Goiás) de "Nova Canudos". Sem dúvida, a iniquidade socioeconômica que caracteriza a sociedade brasileira, na qual uns poucos possuem tudo e a maioria não possui nada, está na raiz tanto da Guerra de Canudos como do MST. Entretanto, certas diferenças também se observam. Primeiro, o MST reivindica aqui e agora, enquanto no Belo Monte apenas se aguardava a salvação da alma. Além disso, o MST vai ocupando terras, organizando protestos e penetrando ativamente na sociedade nacional, ao passo que os conselheiristas se recolheram a sua cidadela. Por último, o Belo Monte era regido pela religião, uma só e indiscutível, seu cimento de coesão social: o que não é o caso do MST. Estas são algumas das disparidades notadas por uma observação mesmo que superficial.

A lição principal que fica de uma guerra fratricida e desnecessária é a admiração pelo esforço desenvolvido por populações carentes de tudo para criar novas formas de vida em comum. De um modo ou de outro, engendraram uma estrutura alternativa de poder que as subtraía ao mando de fazendeiros, padres e delegados de polícia. No dizer de um militar que deixou seu testemunho, Antonio Conselheiro estava "fazendo da religião instrumento de governo".[73] E o psiquiatra que diagnosticou a distância a loucura do líder e de seus seguidores descortinaria "o segredo da bravura e da dedicação fanatizada dos jagunços que, de fato, se batiam pelo seu rei e pela sua fé".[74] Aparentada às guerras camponesas (Engels), às rebeldias pré-políticas (Hobsbawm) e aos movimentos utópicos regidos pelo princípio da esperança (Ernst Bloch), a Guerra de Canudos se ergue como um monumento a seus mortos, a perturbar a glorificação de nossa história. Ou, no verbo arrebatado de Euclides da Cunha:

> Não lhes bastavam seis mil Mannlichers e seis mil sabres; e o golpear de doze mil braços, e o acalcanhar de doze mil coturnos; e seis mil revólveres;

e vinte canhões, e milhares de granadas, e milhares de *shrapnels* e os degolamentos, e os incêndios, e a fome, e a sede; e dez meses de combates, e cem dias de canhoneio contínuo; e o esmagamento das ruínas; e o quadro indefinível dos templos derrocados; e, por fim, na ciscalhagem das imagens rotas, dos altares abatidos, dos santos em pedaços – sob a impassibilidade dos céus tranquilos e claros –, a queda de um ideal ardente, a extinção absoluta de uma crença consoladora e forte...[75]

[2001]

FONTES DOS TEXTOS

Walnice Nogueira Galvão, "Polifonia e paixão", *América Latina – palavra, literatura e cultura*, Ana Pizarro (org.). Campinas: Unicamp, 1994, vol. II.

José Veríssimo, "Uma história d'*Os sertões* e da campanha de Canudos (*Os sertões*, campanha de Canudos por Euclides da Cunha, Laemmert & C. editores)", *Juízos críticos –* Os sertões *e os olhares de sua época*, José Leonardo do Nascimento e Valentim Facioli (orgs.). São Paulo: Nankin Editorial / Editora Unesp, 2003, pp. 46-47.

Araripe Júnior, "*Os sertões* (Campanha de Canudos por Euclides da Cunha)", *Juízos críticos –* Os sertões *e os olhares de sua época*, José Leonardo do Nascimento e Valentim Facioli (orgs.). São Paulo: Nankin Editorial / Editora Unesp, 2003, pp. 55-56.

Sílvio Romero, "Euclides da Cunha", *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949, tomo V.

Gilberto Freyre, "Euclides da Cunha", *Perfil de Euclides e outros perfis*. São Paulo: Global, 2011, pp. 32-35. Direitos cedidos pela Fundação Gilberto Freyre.

Antonio Candido, "Euclides da Cunha sociólogo", *O Estado de S. Paulo*, 13/12/1952, in Vinicius Dantas (org.), *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2002, pp. 179-82. Direitos gentilmente cedidos por Antonio Candido.

Olímpio de Souza Andrade, *História e interpretação de* Os sertões. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002, pp. 438-42. Direitos gentilmente cedidos por Joaquim Marçal Ferreira de Andrade e Maria Aparecida Ferreira de Andrade Salgueiro.

Maria Isaura Pereira de Queiroz, "Jagunços", *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976, pp. 220-23. Direitos gentilmente cedidos pela família de Maria Isaura Pereira de Queiroz.

Duglas Teixeira Monteiro, "Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado", *História geral da civilização brasileira, III O Brasil Republicano, 2*

Sociedades e Instituições (*1889-1930*). Rio de Janeiro / São Paulo: Difel, 1978, pp. 61-64. Direitos gentilmente cedidos por Marianna Francisca Martins Monteiro.

Franklin de Oliveira, *A espada e a letra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, pp. 77-79.

José Calasans, "Canudos não euclidiano", *Cartografia de Canudos*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia / Conselho Estadual de Cultura EGBA, 1997, pp. 11-14. Direitos gentilmente cedidos por Maria Madalena Calasans.

Antônio Houaiss, "Depoimento", *Euclidianos e conselheiristas*. Walnice Nogueira Galvão (org.). São Paulo: Terceiro Nome, 2009, pp. 18-21. Direitos gentilmente cedidos pela Editora Terceiro Nome.

Luiz Costa Lima, "A terra ignota: indícios e sinais", *A terra ignota – A construção de* Os sertões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, pp. 151-55. Direitos gentilmente cedidos por Luiz Costa Lima.

Roberto Ventura, "*Os sertões* revisitados", *Euclides da Cunha – Esboço biográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 198-200. Direitos cedidos por Marcia Zoladz.

Walnice Nogueira Galvão, "Sebastianismo, milenarismo, messianismo", *O império do Belo Monte – Vida e morte de Canudos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001, pp. 105-11.

Todos os esforços foram feitos para contatar os detentores dos direitos dos textos da fortuna crítica e divulgar as fontes com precisão. Nem sempre, contudo, isso foi possível. Pedimos, assim, que aqueles que tiverem informações complementares ou correções, entrem em contato conosco para que possamos atualizá-las na próxima impressão.

VARIANTES E COMENTÁRIOS
WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

VARIANTES E COMENTÁRIOS

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

As variantes desta edição crítica referem-se às páginas do exemplar da 1a edição impressa: São Paulo, Ubu Editora, 2016.

INTRODUÇÃO

A edição crítica de *Os sertões* tem duplo objetivo. De um lado, preparar e comentar o texto crítico. De outro, efetuar uma análise comparativa das edições em vida do autor e das modificações por ele introduzidas em seus próprios textos.

Esta edição restaura e reproduz o exemplar da 3ª edição com as emendas apógrafas de Fernando Nery trasladadas das emendas autógrafas de Euclides num exemplar ora desaparecido. Aquele volume, que se encontra depositado na Academia Brasileira de Letras, será doravante referido abreviadamente por AP. Como de praxe, a ortografia foi modernizada.

O partido tomado foi o de efetuar a colação completa, sinal gráfico por sinal gráfico, da 1ª edição impressa, 2ª edição impressa, 3ª edição impressa e AP. Tal partido foi tomado depois que verificamos haver, ao contrário do que se supunha, numerosas modificações em todas elas. Esse é, portanto, o nosso estema, e o estema mais direto possível.

Tivemos à vista e levamos em conta todas as edições especiais feitas a partir do exemplar com emendas autógrafas (5ª e 12ª edições da Francisco Alves), da cópia do AP do Grêmio Euclides da Cunha (edições da Universidade de Brasília e da Cultrix) e do AP da Academia (28ª edição da Francisco Alves).

A colação de quatro textos de *Os sertões* – 1ª, 2ª, 3ª edições e AP – teve como resultado 180 páginas datilografadas de variantes. Havendo em média 33 variantes por página datilografada, o cálculo fornece o total de quase 6 mil variantes entre os quatro textos, não entrando no cômputo as correções gráficas e ortográficas, o que faria aquele total ultrapassar os 10 mil.

O dado de 2 600 emendas no AP já era conhecido e está registrado.[1] Como as emendas podem se aglutinar ou, ao contrário, se subdividir, e resultar em diferentes variantes, não se pode estabelecer uma correspondência exata entre número de emendas e número de variantes. Mas, de qualquer modo, todos esses números são indicativos e permitem concluir por uma elevada quantidade de modificações em cada um dos textos, sendo os mais emendados o da 2ª edição e o AP, enquanto o da 3ª, quase tão emendado quanto os outros dois, tem suas correções mais encaminhadas para uma uniformização gráfica. O texto da 3ª edição é também o que contém mais erros tipográficos, nem todos eles corrigidos no AP.

A primeira e mais geral conclusão que a colação dos quatro textos permite extrair é a seguinte: todos os textos foram minuciosamente emendados sem que exista nenhuma modificação de grande porte. Ou seja, não há eliminação ou acréscimo de capítulo nem de parágrafo, assim como não há seu

deslocamento de um lado para outro do texto. Não há acréscimo sequer de uma frase inteira, e só encontramos a supressão de uma única frase inteira, ainda assim curta. Na 1ª edição, o trecho: "... que não lhes replicavam. / Porque não havia como replicarem. A noite descera..." (p. 444), passa a "... que não lhes replicavam. A noite descera..." (p. 428),[2] na 2ª edição; a supressão é mantida nos demais textos.

Em número de palavras, ocorre uma supressão ligeiramente maior que essa. O trecho: "No dia 1º de Março, porque a alta se prolongou até a manhã de 2, precisamente na hora em que...." (p. 329, 1ª ed.; p. 318, 2ª e 3ª ed.), passa a "No dia 1º de Março, precisamente na hora em que....", no AP (p. 318).

Essas duas, que viemos de indicar, são as maiores supressões existentes nos quatro textos; e, juntando todas as maiores supressões, não somaremos uma dezena delas.

Quanto aos acréscimos, afora as notas de rodapé, que examinaremos à parte, são menores ainda. Nenhum deles chega a uma frase inteira. O maior talvez seja este, que não excede três palavras: na 1ª edição, "... que o adversário desdenhara, como a outras cousas de valor." (p. 406), passa a "... que o adversário desdenhara, como a outras cousas de valor para ele despiciendas." (p. 392, 2ª ed.; o acréscimo é mantido na 3ª ed. e AP). Um mero olhar ao AP, que é o único texto disponível onde as emendas são à mão sobre um texto impresso, à margem, e por isso muito visíveis, mostra que elas são todas pequenas, consistindo sobretudo em substituições e modificações, e não acréscimos ou supressões. A colação confirma o mesmo para os outros textos.

A grande figura da *emendatio* euclidiana é, portanto, a substituição. O maior número de emendas substitui uma palavra por outra, por sinonímia, numa exibição de riqueza léxica. As substituições extensas são, como os acréscimos e supressões, pouco frequentes. A maior substituição que há nos quatro textos é quase uma exceção, já que implica correção de dados, onde:

> (....) estando os outros dous corpos, 22º e 38º, comandados pelos majores Lydio Porto e Benedicto de Araujo. (p. 519, 1ª ed.)

passa a

> (....) estando os corpos comandados pelo major Lydio Porto e capitães Affonso de Oliveira e Tito Escobar. (p. 500, 2ª ed.; mantida na 3ª ed. e AP)

Ou esta outra, também das maiores, onde há substituição de trechos:

> Ao envez de um bate-estacas cujas pancadas fizessem penetrar os tubos, haviam (....) (p. 327, 1ª ed.; p. 316, 2ª e 3ª ed.)

passa a

> Ao envez de um bate-estacas que facilitasse a penetração da sonda, haviam (....) (p. 316, AP)

O mesmo ocorre nesta outra, onde:

> (....) soldados famintos e combalidos, cujos movimentos, ademais, perturbavam-n'os cerca de (....) (p. 288, 1ª ed.; p. 279, 2ª e 3ª ed.)

passa a

> (....) soldados famintos e combalidos, a que se aditavam cerca de (....) (p. 279, AP)

Em segundo lugar, após a substituição fica a modificação – que altera apenas parte de uma palavra ou da flexão verbal, sem substituí-la inteiramente –, que, a propósito de nosso autor, vem a assumir uma importância estilística considerável, como veremos. Estão nesse caso a transformação do particípio passado em gerúndio, sem alteração do verbo, a troca da próclise pela ênclise pronominal e a eliminação do sufixo *-ado* (*-ada*, *-ados*, *-adas*).

Um tipo de emenda que não pode deixar de ser mencionado é a mudança da virgulação e da paragrafação, de altíssima frequência nos textos que examinamos.

Nossa análise pormenorizada da colação inclui a uniformização gráfica e a ortográfica, as quais, nem por terem importância estilística menor, foram menos objeto de extraordinária preocupação na constituição do texto definitivo de *Os sertões*.

A presente tarefa pôde ser cumprida graças à preexistência das normas da Comissão Machado de Assis, a que procuramos ater-nos. Tivemos sempre à vista, do mesmo modo, as infelizmente escassas edições críticas de textos brasileiros, as quais, à falta de uma edição crítica anterior de Os sertões, junto com as edições especiais deste livro que antes mencionamos, foram preciosos auxiliares de trabalho.[3]

A LEGENDA DAS CORREÇÕES

Há tempos corre a versão de que Euclides, exasperado pelo excesso de erros gráficos de seu primeiro rebento livresco, teria, pessoalmente e à mão, corrigido exemplar por exemplar da 1ª edição.

Essa é a versão veiculada por Francisco Venâncio Filho em *Euclides da Cunha a seus amigos*, em nota de Fernando Nery à carta de Euclides datada de

19/10/1902 e dirigida a Francisco Escobar. A nota é a seguinte:

> Euclides, apavorado com a crítica gramatiqueira que lhe poderiam fazer por alguns descuidos de revisão, corrigiu, depois de impressos *Os sertões*, vários erros tipográficos (os mais graves) a nanquim e ponta de canivete, em cerca de mil exemplares (1ª ed.).[4]

Olímpio de Sousa Andrade acolhe a versão com reservas, sem contudo ter condições de se pronunciar definitivamente a respeito. Eis sua opinião, depois de comentar a carta e afirmar que não houve tempo para reduzir a edição “que foi de mil exemplares”: “Então foi que, segundo se conta, ele se dispôs a fazer em cada um dos volumes ainda em poder do editor, cerca de oitenta emendas a bico de pena e ponta de canivete....”.[5]

Mas nem por isso esse episódio tem deixado de intrigar os estudiosos da obra do autor e os bibliófilos, que costumam interrogar-se uns aos outros se tal ou qual correção esquisita se encontra ou não em seus respectivos exemplares da 1ª edição.

Em nosso exemplar de trabalho – que traz na folha de rosto a dedicatória: “Ao Seu Amigo Senhor Doutor Moysés / Marcondes – uma lembrança / de Bernardo Pinto d’Oliveira / 12 de Janeiro 1903” (com as abreviações por nós desenvolvidas) – efetivamente encontramos algumas correções, que queremos registrar para que outros estudiosos possam verificá-las em seus exemplares e contribuir para esclarecer esta questão.

As correções que encontramos são as seguintes:

1 | ACRÉSCIMO DE VÍRGULAS

Quatro vírgulas acrescentadas, desenhadas à mão em forma de gancho, feitas com tinta:

Verifica-se, assim (p. 6, última linha)
ligando, sem (p. 7, 3ª linha)
grave, mas são, com (p. 151, 15ª linha)

2 | ACRÉSCIMO DE ACENTO

á ourela (p. 48, 11ª linha)

3 | ACRÉSCIMO DE O

Um o em tipo menor, alceado, acrescentado à palavra “caberá”, numa tentativa de passá-la para o plural, a bem da concordância:

caberáo (p. 127, 8ª linha)

4 | ACRÉSCIMO DE S

Sete ss acrescentados a bem da concordância, em tipo menor, ocupando o espaço entre as palavras, que acabam ficando sem solução de continuidade; às vezes o tipo está ligeiramente rebaixado:

lhessuccedem (p. 12, 13ª linha)
Sulcam-nosnotas (p. 49, 8ª linha)
atravessal-osno estio (p. 51, 7ª linha)
atravessal-osno inverno (p. 51, 8ª linha)
desdobramentos que (p. 391, 24ª linha) [*o s se sobrepõe a uma vírgula anteriormente impressa no texto*]
asforravam (p. 391, 25ª linha)
asacompanhavam (p. 391, 28ª linha)

5 | ESPAÇOS RASPADOS

São numerosos os espaços raspados, tendo desaparecido completamente aquilo que estava impresso. Às vezes, quando o espaço é no sentido horizontal da linha, restou um espaçamento duplo entre as palavras. Possivelmente esteve em ação um *grattoir* (raspadeira), utensílio específico que se empregava para tal fim.

A | Na linha, após palavra

montanhosas [ ] (p. 27, 18ª linha)
dá-lhe [ ] (p. 47, 23ª linha)
caatinga [ ] (p. 40, 10ª linha)
cobiça-lhe [ ] (p. 47, 25ª linha)
que [ ] (p. 51, 9ª linha)
era [ ] (p. 83, 19ª linha)
collectivos, [ ] (p. 87, 9ª e 10ª linhas)
lhe [ ] (p. 125, 17ª linha)
feito [ ] (p. 307, 25ª linha)
colgada [ ] (p. 485, 20ª linha)

B | Acima da linha, sobre o a

graças a (p. 26, 18ª linha)
a pé (p. 131, 26ª linha)
a pique (p. 193, 16ª linha)
a pau (p. 199, última linha)
a palmo (p. 251, 28ª linha)
a pranchadas (p. 265, 27ª linha)
braço a braço (p. 287, 12ª linha)
como a outros (p. 307, 24ª linha)
tempos a tempos (p. 307, 31ª linha)
a galope (p. 329, 22ª linha)
a 27 (p. 403, 19ª linha)
a cavalo (p. 409, penúltima linha)
a história (p. 441, 5ª linha)

a 10 de agosto (p. 485, 20ª linha)
dia a dia (p. 513, 3ª linha)

Observa-se que algumas das locuções inquinadas por Euclides na carta mencionada a seguir, à p. 18, encontram-se nesta lista.6

O aproveitamento dessas correções na 2ª edição se fez de várias maneiras. Apenas quatro sofreram ainda outra alteração: a da p. 12, 13ª linha (*lhessucedem*, acréscimo de *s* ao *lhe*) tem o *lhes* suprimido; a da p. 391, 24ª linha (*desdobramentos que*, acréscimo de *s* a *desdobramento*, com sobreposição do s à vírgula anteriormente impressa), tem a vírgula suprimida; a da p. 307, 25ª linha (espaço raspado) tem o vocábulo *feito* substituído por *expressa*; e a da p. 51, 9ª linha (espaço raspado) tem o acréscimo do vocábulo *são* no espaço raspado. O acréscimo de *o* a *caberá*, na p. 127, 8ª linha, será integrado ao plural *caberão*.

Todas as demais correções são acolhidas sem alterações na 2ª edição, o que reforça a hipótese de que elas tenham sido feitas por instruções do autor, quando não por sua mão. Todavia, os ss e o o acrescentados não parecem manuscritos, mesmo quando examinados com uma lente; parecem antes impressos, ou feitos mediante um tipo móvel. O uso de um tipo de menor tamanho realça o fato de se tratar de uma correção e não de um erro por falta de espaço, o que aconteceria se se tivesse utilizado um tipo do tamanho padronizado na edição.

Afora nosso exemplar de trabalho, pudemos examinar outros dez exemplares da 1ª edição, que permitiram concluir o seguinte:

– nenhum dos exemplares examinados deixa de ter as mesmas correções;
– os exemplares se dividem em três categorias:
 · exemplares com todas as correções feitas à mão;
 · exemplares com vírgulas à mão, em forma de barra oblíqua, enquanto ss e o são impressos;
 · exemplares com vírgulas à mão, em forma de gancho (como em nosso exemplar de trabalho), enquanto ss e o são impressos;
– nos exemplares com correções exclusivamente à mão (primeiro caso), falta a correção da p. 12, 13ª linha.

DESCRIÇÃO DOS EXEMPLARES

1ª EDIÇÃO

Os sertões (*Campanha de Canudos*) por Euclydes da Cunha. Laemmert & C. – Editores. 66, Rua do Ouvidor, 66 – Rio de Janeiro. Casa Filial em S. Paulo, 1902, 637 pp., 16 × 23,5 cm.

– página de anterrosto: Os sertões
– reverso da página de anterrosto: Companhia Typographica do Brazil, Rua dos Inválidos 93
– pp. V (não numerada), VI e VII: "Nota preliminar"
– p. VII, no fim da "Nota preliminar": S. Paulo – 1901 / Euclides da Cunha
– p. 635 (não numerada): "Corrigenda"
– p. 637 (não numerada): "Índice"
– não há colofão

1 | ILUSTRAÇÕES
– entre pp. 2-3: encarte com mapa
título: Esboço geológico
– entre pp. 22-23: encarte fôlder com mapa
título: Esboço geográfico do sertão de Canudos
– entre pp. 42-43: encarte com desenho
título: Um trecho das caatingas
– entre pp. 72-73: encarte com mapa
título: Distribuição da flora sertaneja
– entre pp. 190-91: encarte fôlder com mapa
título: Canudos e suas cercanias
– entre pp. 546-47: encarte com fotografia
título: Monte-Santo (Base de operações)
– entre pp. 564-65: encarte com fotografia
título: Acampamento dentro de Canudos
– entre pp. 626-27: encarte com fotografia
título: As prisioneiras

2 | COMPOSIÇÃO
– cadernos in-8º numerados de 1 a 40 no pé da página, à esquerda; tem encarte

de um *in-fólio* inicial, contendo folha de anterrosto, folha de rosto e "Nota preliminar", fora da numeração
– papel de gramatura alta
– tipo Excelsior Claro, da família serifada
– corpo 10 (maior para "Nota preliminar" e menor para sumários, notas de rodapé, "Corrigenda" e "Índice")
– largura da mancha de página: 22 cíceros
– altura da mancha: 33 a 34 linhas
– altura da mancha para início de capítulo: 22 a 24 linhas
– espacejamento: 13
– folha de rosto: mancha em esboço de coluna simetricamente fraturada

3 | REVESTIMENTO[1]

A | Exemplar brochura
– capa: brochura em papel branco, ilustrada
– a mancha da capa tem esboço diferente da folha de rosto
– ilustração: moldura retangular pontilhada, nome do autor em "cursivo" de fantasia colocado assimetricamente à direita, título, subtítulo, editores; a ilustração é toda em verde, salvo o título, em vermelho
– dizeres da capa: Euclydes da Cunha / Os sertões / (Campanha de Canudos) / Laemmert & C. – Livreiros-Editores / Rio de Janeiro-1902
– quarta capa: emblema circular da tipografia, com os dizeres: Comp. Typographica do Brazil / Rua dos Inválidos 93 / – Rio de Janeiro – folha de guarda: branca, gramatura alta

B | Exemplar encadernado
– capa: encadernação em percalina, ilustrada
– a mancha da capa tem esboço diferente da folha de rosto
– cores: capa bege, ilustrações em bordô
– ilustração: nome do autor colocado assimetricamente à esquerda, título, subtítulo, vinheta em florão, editores; efeito sóbrio
– dizeres da capa: Euclydes da Cunha / Os sertões / (Campanha de Canudos) / Laemmert & C. – Rio de Janeiro
– dizeres da lombada: Euclydes da Cunha / Os sertões
– folha de guarda: bege, estampada

2ª EDIÇÃO

Os sertões (*Campanha de Canudos*) por Euclydes da Cunha. (2ª edição corregida). Laemmert & C. – Editores. 66, Rua do Ouvidor, 66 – Rio de Janeiro. Casa Filial em S. Paulo, 1903, 619 pp., 16 × 23,5 cm.

– página de anterrosto: Os sertões
– reverso da página de anterrosto: Companhia Typographica do Brazil, Rua dos Inválidos 93
– pp. V (não numerada), VI e VII: "Nota preliminar"
– p. VII, no fim da "Nota preliminar": S. Paulo – 1901. / Euclydes da Cunha.
– pp. 613-18: "Notas á 2ª edição"
– p. 618, no fim das "Notas á 2ª edição": Euclydes da Cunha / 27-4-903
– p. 619 (não numerada): "Índice"
– não há colofão

1 | ILUSTRAÇÕES
– entre pp. 2-3: encarte com mapa
título: Esboço geológico
– entre pp. 22-23: encarte fôlder com mapa
título: Esboço geográfico do sertão de Canudos
– entre pp. 42-43: encarte com desenho
título: Um trecho das caatingas
– entre pp. 72-73: encarte com mapa
título: Distribuição da flora sertaneja
– entre pp. 186-87: encarte fôlder com mapa
título: Canudos e suas cercanias
– entre pp. 526-27: encarte com fotografia
título: Monte-Santo (Base de operações)
– entre pp. 542-43: encarte com fotografia
título: Acampamento dentro de Canudos
– entre pp. 604-05: encarte com fotografia
título: As prisioneiras

2 | COMPOSIÇÃO
– cadernos *in*-8°. numerados de 1 a 39 no pé da página, à esquerda; o último caderno é incompleto, com apenas 12 páginas. Tem encarte de um *in-fólio* inicial, contendo folha de anterrosto, folha de rosto e "Nota preliminar", fora da numeração
– papel de gramatura média
– tipo Excelsior Claro, da família serifada
– corpo 10 (maior para "Nota preliminar" e menor para sumários, notas de rodapé, "Notas á 2ª edição" e "Índice")
– largura da mancha: 22 cíceros
– altura da mancha: 33 a 34 linhas
– altura da mancha para início de capítulo: 22 a 24 linhas
– espacejamento: 13
– folha de rosto: mancha em esboço de coluna simetricamente fraturada

3 | REVESTIMENTO

– capa encadernada em percalina, ilustrada

– a mancha da capa tem esboço diferente da folha de rosto

– cores: capa cinza, ilustrações cinza-escuro

– dizeres da capa: Euclydes da Cunha / Os / Sertões / Campanha / de Canudos / Segunda / Edição / 1903 / Laemmert & C. / Livreiros-editores / R. Ouvidor, 66, Rio de Janeiro / R. 15 de Novembro, 32, S. Paulo

– a capa é ilustrada com festões de flores e um ramo,[2] sendo os festões paralelos à borda das margens superior e inferior da capa, atravessando a lombada e indo até as seixas interiores. O ramo fica, verticalmente, do lado esquerdo. O efeito total é *art nouveau* e bastante sobrecarregado. A lombada tem dizeres horizontais, simetricamente distribuídos, os mesmos da capa, com exceção da referência aos editores, que sai assim: Laemmert & C. / Editores / Rio de Janeiro. A quarta capa leva, bem no centro, entre duas linhas, os dizeres: Comp. Typ. do Brazil, Inválidos, 93 Rio (afora as duas barras com festões de flores)

– folha de guarda vermelha, não impressa

– a composição da mancha é bastante assimétrica, devido à colocação do título na metade direita da página. Essa assimetria é acentuada pela elegante divisão do título em duas linhas, descentradas uma com relação à outra, de tal modo que OS fica acima das duas primeiras letras (SE) da palavra SERTÕES

3ª EDIÇÃO

Os sertões (*Campanha de Canudos*) por Euclydes da Cunha (3ª edição corregida). Laemmert & C. Livreiros – Editores. Rio de Janeiro – S. Paulo, 1905, 619 pp., 17 × 24 cm.

– página de anterrosto: Os sertões

– pp. V (não numerada), VI e VII: "Nota preliminar"

– p. VII, no fim da "Nota preliminar": S. Paulo – 1901 / Euclydes da Cunha

– pp. 613-18: "Notas á 3ª edição"

– p. 618, no fim das "Notas á 3ª edição": Euclydes da Cunha / 27-4-903

– p. 619 (não numerada): "Índice"

– não há colofão

1 | ILUSTRAÇÕES

– entre pp. 2-3: encarte com mapa

título: Esboço geológico

– entre pp. 22-23: encarte fôlder com mapa

título: Esboço geográfico do sertão de Canudos

– entre pp. 42-43: encarte com desenho

título: Um trecho das caatingas
– entre pp. 72-73: encarte com mapa
título: Distribuição da flora sertaneja
– entre pp. 186-87: encarte fôlder com mapa
título: Canudos e suas cercanias
– entre pp. 526-27: encarte com fotografia
título: Monte-Santo (Base de Operações)
– entre pp. 542-43: encarte com fotografia
título: Acampamento dentro de Canudos
– entre pp. 604-05: encarte com fotografia
título: As prisioneiras

2 | COMPOSIÇÃO
– cadernos *in-8º* numerados de 1 a 39, no pé da página, à direita; há mais um caderno incompleto, com 6 páginas, contendo folha de anterrosto, folha de rosto e "Nota preliminar", fora de numeração, colado ao 1º caderno; o último é incompleto, com apenas 12 páginas
– papel de gramatura média
– tipo Excelsior Claro, da família serifada
– corpo 10 (maior para "Nota preliminar" e menor para sumários, notas de rodapé, "Notas á 3ª edição" e "Índice")
– largura da mancha: 22 cíceros
– altura da mancha: 33 a 34 linhas
– altura da mancha para início de capítulo: 22 a 24 linhas
– espacejamento: 13
– folha de rosto: mancha em esboço de coluna simetricamente fraturada
– capitular em tipo da família Bodoni, corpo 21, negrito, incluído na mancha, deslocando as duas primeiras linhas de cada capítulo de quatro a seis espaços para a direita

3 | REVESTIMENTO
– capa encadernada em percalina cinza-escuro, ilustrada. Há também exemplares na cor bordô, em tudo o mais iguais
– dizeres da capa: Euclydes da Cunha / Os sertões
– uma vinheta *art nouveau* gofrada e gravada em preto, simétrica no sentido vertical porém assimétrica no horizontal, encerra o nome do autor e o título da obra, gofrados e gravados a ouro, com mais dois ferros; capa sóbria e discreta; na quarta capa não há nada
– lombada: dizeres (Euclydes da Cunha / Os sertões) gravados e gofrados a ouro, entre duas barras a ouro horizontais, a cerca de 2/3 de altura. Há duas vinhetas gofradas e gravadas a preto, diferentes uma da outra, uma abaixo e outra acima dos dizeres

Observação: Nenhuma das ilustrações é assinada. As fotografias são da autoria de Flávio de Barros, fotógrafo da quarta expedição; a coleção completa faz parte do acervo do Museu da República, no Rio de Janeiro. O desenho e os mapas não são assinados, e só aquele intitulado "Canudos e suas cercanias" tem atribuição de autoria à Comissão de Engenharia.

AP

O AP, contendo as emendas apógrafas trasladadas por Fernando Nery do exemplar com emendas autógrafas feitas por Euclides da Cunha, é um exemplar da 3ª edição com capa em percalina bordô, e está depositado na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

No reverso da folha de anterrosto há um autógrafo de Fernando Nery, que assim reza:

> As emendas feitas neste livro são do próprio Euclides da Cunha, que as lançou de seu punho em um exemplar da 3ª edição de "Os sertões", e foram por mim fielmente trasladadas para este exemplar. O exemplar emendado por Euclides é propriedade do Sr. Dr. Belisário Távora, tabelião nesta cidade. Foi o mesmo que serviu para a composição da 5ª edição (1914), e para a da 12ª (1933), por mim revista e anotada, e impressa pelo Sr. Paulo Azevedo, sócio da livraria Francisco Alves, proprietário de "Os sertões".
>
> Rio, 10 novembro 1934
> Fernando Nery.

Na folha de rosto e em outros locais do livro vão os carimbos da Academia Brasileira de Letras e de sua biblioteca.

As emendas são feitas segundo as convenções normais de uso nas gráficas. Mais numerosas nas margens externas, ou seja, na margem direita da página ímpar e na margem esquerda da página par, não deixam de invadir também as outras margens, embora com frequência bem menor.

Os sinais utilizados são os de supressão, acréscimo, separação, ligação, substituição, inversão da sequência, aproximação, fechamento e abertura de parágrafo, etc. Tais sinais aparecem tanto no texto quanto na margem, sendo que nesta ainda vem indicada a emenda a ser feita, ou seja, não só a sua espécie, mas o seu conteúdo. Os sinais manuscritos têm a remissiva no texto e a comissiva nas margens, como de hábito.

O fato de as comissivas não estarem sempre completas pode trazer problemas de interpretação. Apontaremos, por exemplo, aqueles causados pela falta de comissiva no sinal de inversão em caso de alteração de próclise para ênclise pronominal e vice-versa; trataremos o assunto mais detidamente no final desta parte.

A meticulosidade e o escrúpulo com que Fernando Nery se houve em sua tarefa são de se notar nos casos em que restou algum erro gráfico não apontado pelo autor. Nesses casos um pequeno algarismo arábico entre parênteses (1), à margem, remete a uma anotação no pé da página, onde se encontra a observação: "(1) Escapou a Euclides", ou: "(1) Sic. Distração de Euclides".

DISCREPÂNCIAS ENTRE AS EDIÇÕES

1 | NÚMERO DE PÁGINAS

A 1ª edição tem 637 páginas, mais folha de anterrosto, folha de rosto e "Nota preliminar" (num total de 8 páginas).

A 2ª e a 3ª edições têm 619 páginas, mais folha de anterrosto, folha de rosto e "Nota preliminar" (num total de 8 páginas).

2 | DISTRIBUIÇÃO DOS CAPÍTULOS

	NÚMERO DA PÁGINA								
	1ª EDIÇÃO			2ª EDIÇÃO			3ª EDIÇÃO E AP		
	Índice	Título	Início do texto	Índice	Título	Início do texto	Índice	Título	Início do texto
A terra	3	1	3	3	1	3	1	1	3
O homem	65	63	65	65	63	65	63	63	65
A lucta – preliminares	221	221	223	217	215	217	215	215	217
Travessia do Cambaio	259	257	259	249	249	251	249	249	251
Expedição Moreira César	301	299	301	289	289	291	289	289	291
Quarta expedição	371	369	371	357	357	359	357	357	359
Nova phase da lucta	537	537*	537	517	517*	517	517	517*	517
Ultimos dias	577	577*	577	556	556*	556	556	556*	556
Corrigenda	—	635	635	—	—	—	—	—	—
Notas á 2ª edição	—	—	—	613	613	613	—	—	—
Notas á 3ª edição	—	—	—	—	—	—	613	613	613
Indice	—	637	637	—	619	619	—	619	619

(*) Não tem título em página separada.

3 | NUMERAÇÃO DOS SUBCAPÍTULOS

A 1ª edição, e só ela, tem erros graves de composição que comprometem a numeração dos subcapítulos dos dois últimos capítulos, "Nova phase da lucta" e "Ultimos dias", perturbando sua correspondência com as subdivisões constantes dos sumários de cada capítulo; e um erro pequeno no capítulo "O homem".

O quadro é o seguinte, para o penúltimo capítulo:

NO TEXTO	SUMÁRIO (P. 369)
	NOVA PHASE DA LUCTA
IX Queimadas, povoação (....) (p. 537)	I – Queimadas. Uma diversão topographica. Fóra da Patria. Deante de uma criança. Na estrada de Monte Santo. Novas animadoras. Uma vaia enthusiastica... Trincheira Sete de Setembro. Estrada de Calumby.
II Os novos expedicionários (....) (p. 557)	II – Marcha da divisão auxiliar. Medo glorioso. Aspecto do acampamento. Em busca de uma meia ração de glória. O charlatanismo da coragem.
III Mas o bloqueio (....) (p. 569)	III – Embaixada ao céu. Complemento do assedio.

Dessa maneira, o texto passa diretamente de IX para II, sem que haja I: na realidade, deveria ser I onde está IX. A razão do erro é que o capítulo anterior, "Quarta expedição", termina pelo subcapítulo de número VIII, tendo sido, na sequência, atribuído o número IX ao que deveria ser o subcapítulo I do próximo capítulo, "Nova phase da lucta".

Vejamos agora o que ocorre no capítulo seguinte, "Ultimos dias":

NO TEXTO	SUMÁRIO (P. 369)
	ULTIMOS DIAS
I Sucedeu, então (....) (p. 577)	I – O estrebuchar dos vencidos. Os prisioneiros.
II Desde o combate (....) (p. 583)	II – Depoimento de uma testemunha.
III O combate (....) (p. 590)	III – Titans contra moribundos. Em torno das cacimbas. Sobre os muradões da Egreja nova.
VI Percebeu-se (....) (p. 599)	IV – Passeio dentro de Canudos.
*** Foi o que fez (....) (p. 607)	V – O assalto. Notas de um diário.
*** Não ha relatar (....) (p. 629)	VI – O fim. Craneo do Conselheiro.
V É que ainda (....) (p. 633)	VII – Duas linhas.

Neste último capítulo, a confusão é maior ainda. Aos sete subcapítulos numerados do sumário correspondem apenas cinco subcapítulos no texto. Os subcapítulos que deveriam ser numerados V e VI, no texto, são encimados apenas por três asteriscos, ficando fora da numeração. Ademais, uma gralha transformou em VI (depois de III e antes de V) o que deveria ser IV. Devido à falta dos originais, não podemos saber se o erro de composição já vinha de antes ou ocorreu apenas na impressão: qual seria a fonte do erro, Euclides, o sargento Augusto, que copiava os originais com sua caligrafia esmerada,[3] ou a gráfica?

Além disso, no capítulo "O homem" há dois subcapítulos consecutivos encimados pelo algarismo romano IV, o segundo deles por engano, em vez de V

(pp. 151 e 186).

Na 2ª edição esses erros são corrigidos, e a numeração dos subcapítulos passa a corresponder exatamente aos sumários.

4 | IRREGULARIDADES NA COMPOSIÇÃO DOS SUMÁRIOS

Os oito grandes capítulos não numerados em que se divide *Os sertões*, e que são os únicos que têm título próprio e figuram no "Índice", são precedidos de sumários no corpo do texto. Cada um desses sumários é subdividido em unidades numeradas por algarismos romanos, sem ponto na 1ª e 2ª edições e com ponto na 3ª edição, que correspondem aos subcapítulos ou subdivisões dos grandes capítulos, no texto. Por exceção, apenas o subcapítulo V do capítulo "Quarta expedição" tem título próprio ("O assalto"), nas três edições e no AP.

A primeira irregularidade que se observa diz respeito ao tamanho. Há sumários sumaríssimos, como o do capítulo "Ultimos dias", que acabamos de examinar, e há sumários extensos, como o do capítulo "O homem" – o qual, sendo também o mais longo dos capítulos, pois toma sozinho aproximadamente 1/4 do livro, tem seu sumário ocupando uma página inteira.

A segunda irregularidade é mais séria e vem a prejudicar a harmonia da composição. Com efeito, cada um dos cinco primeiros capítulos vem imediatamente precedido de seu sumário, colocado numa página separada. Mas os três últimos capítulos têm os seus sumários aglutinados na mesma página, deslocados portanto do local onde deveriam figurar. Em vez de cada um desses três sumários vir à frente do capítulo a que se refere, vêm todos juntos à frente do capítulo intitulado "Quarta expedição", que é o sexto, pela ordem (ver p. 369, 1ª ed.; p. 357, 2ª ed.; pp. 357-58, 3ª ed.; o AP não corrige a distribuição dos sumários).

Como é exatamente aí que incidem os erros de numeração de subcapítulo, que examinamos no item anterior, torna-se possível afirmar que essa irregularidade na distribuição dos sumários, não satisfatoriamente corrigida até o AP, inclusive, é responsável pela desordem de numeração na 1ª edição.

5 | AS NOTAS DE RODAPÉ E SUA NUMERAÇÃO

A numeração das notas de rodapé na 1ª edição é caótica. As 87 notas ora são indicadas por asteriscos entre parênteses, ora por algarismos arábicos também entre parênteses. Seria prático ver nisso dois critérios de numeração, a saber, quando há só uma nota na página ela vem indicada por asterisco e quando há mais de uma a numeração se faz com algarismos arábicos.

Estão no primeiro caso, ou seja, notas únicas na página indicadas por apenas um asterisco, as notas das páginas: 40, 48, 68, 75, 77, 88, 90, 93, 94, 96, 103, 108, 124, 125, 126, 128, 129, 131, 132, 156, 157, 158, 161, 168, 169, 173, 174, 177-78, 179, 186, 187, 196, 200, 203, 213, 215, 229, 231, 236, 245, 276, 277, 283, 287, 289, 319, 329, 357, 373, 374, 418, 429, 449, 489, 510, 534-35, 536, 550, 608, 621, 622, 623 e 631.

Estão no segundo caso, ou seja, mais de uma nota na página com indicação

mediante algarismos arábicos em sequência, as notas das seguintes páginas: 98 – (1), (2); 99 – (1), (2), (3); 104 – (1), (2); 107 – (1), (2), (3); 178 – (1), (2); 226 – (1), (2), (3); 235 – (1), (2), (3); 372 – (1), (2); e 400 – (1), (2).

Mas as notas (1) da p. 19 e (1) da p. 5, sendo únicas na página mas ainda assim numeradas, desmentem esses dois critérios.

A 2ª edição uniformiza a numeração das notas de rodapé, eliminando o uso de asterisco e empregando exclusivamente os algarismos arábicos, de 1 a n por página, sendo n nunca superior a 3. Esse critério único e não consecutivo será mantido na 3ª edição e no AP.

Isso, quanto à numeração. Por outro lado, a 2ª edição acrescenta mais duas notas de rodapé (pp. 148 e 228, 2ª ed.), completando um total de 89 notas.

Por sua vez, a 3ª edição adiciona duas novas notas (pp. 60 e 134, 3ª ed.), constituindo um total de 91 notas de rodapé doravante inalterado, e completa mais uma (p. 200, 1ª ed.; p. 196, 2ª e 3ª ed.).

Um último registro quanto à numeração das notas de rodapé: a 1ª edição emprega o asterisco (*) e o algarismo arábico entre parênteses (1); a 2ª edição, apenas o algarismo arábico entre parênteses (1); e a 3ª edição segue a 2ª mas modifica o corpo, empregando um algarismo menor alceado com parêntese só de fechar 1). O critério é sempre não consecutivo.

6 | ILUSTRAÇÕES

Há diferenças na numeração das páginas que encartam as ilustrações, entre a 1ª edição, de um lado, e a 2ª e 3ª, de outro. Essas diferenças, como vimos na descrição dos exemplares das três edições, mantêm inicialmente a mesma numeração para a 2ª e 3ª, mas distanciando-as da 1ª a partir das três primeiras ilustrações.

O motivo exclusivo disso é o maior número de páginas da 1ª edição. Na 2ª e 3ª, as ilustrações tiveram sua numeração cuidadosamente deslocada, de modo a que ficassem exatamente nos mesmos trechos do texto.

UNIFORMIZAÇÃO GRÁFICA

A uniformização gráfica do texto de *Os sertões* foi penosamente alcançada e exigiu considerável esforço para atingir um nível razoável através da 1ª, 2ª e 3ª edições.

Razão tem Antônio Houaiss quando, nos *Elementos de bibliologia*,[2] põe-se a deblaterar contra as aspas, devido às confusões a que podem levar. No caso de Os sertões, não foram poucos os problemas que as aspas causaram, de edição para edição; e se pode mesmo dizer que alguns não foram até hoje solucionados.

As três primeiras edições usam um par de aspas dúplices pontudas – as chamadas aspas francesas – de abrir e de fechar, ambas no mesmo nível, sobrepostas, na altura do tipo de caixa baixa sem as hastes. As aspas lá estão servindo para enfatizar termos técnicos grifados ou não (o texto utiliza um tipo "cursivo" para grifar), topônimos grifados ou não, assinaturas, estrangeirismos ou palavras estrangeiras, e citações. Mesmo quando, o que é mais raro, a citação vem destacada do texto pelo branco marginal e é impressa em corpo menor, ainda assim as aspas dúplices pontudas podem ocorrer só do lado esquerdo de cada linha, ou então só do lado esquerdo de cada início de parágrafo. É justamente contra essa multiplicidade de funções que Antônio Houaiss protesta.

Os algarismos também trouxeram muitos problemas tipográficos. Num livro que narra uma campanha militar, escrito por um engenheiro, só poderiam ser muito frequentes os números. Em primeiro lugar para indicar, como é de praxe, quatro expedições consecutivas, compostas por colunas, divisões, brigadas e batalhões, todos numerados, e com contingentes expressos em números. Por outro lado, o engenheiro se servia da bússola e registrava as posições com referência aos pontos cardeais, também representados convencionalmente por algarismos. E, versando matéria histórica, não poderia deixar de dar entrada em datas, a cada momento. Como se não bastasse, alguns dos canhões (dezenove, ao todo – ver p. 445, 1ª ed.) podiam ser designados por seu calibre; em vez de se dizer "o canhão Whitworth de 1700 quilos e calibre 32", dizia-se simplificadamente "o 32". Tudo isso, conjuntamente, vai dar margem a muita confusão tipográfica.

Vejamos agora edição por edição, lembrando que neste trecho de nossa análise não usaremos aspas, para não incorrer no mesmo erro acima apontado.

1ª EDIÇÃO

A | Aspas com outros sinais de pontuação

a) Os sinais de pontuação ficam após as aspas de fechar, como norma geral:

chegaram a “Pitombas”. (p. 335)
sítios de “Passagem”, “Canna-Brava”, “Brejinho”, “Mauary”, “Canché”, “Estrada Velha” e “Serra Vermelha”, chegou (p. 423)

b) Os sinais de pontuação pertencentes ao discurso direto ficam antes das aspas de fechar, exceto aqueles que pertencem à frase englobante, se houver:

“Viva o Bom Jesus!...” (p. 514)
saudação de paz: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!”, à qual (p. 215)

B | Aspas com chamada de nota de rodapé

a) A chamada de nota de rodapé combinada com aspas não obedece a qualquer norma; pode vir antes, no meio ou depois dos demais sinais de pontuação:

num só dia tropical (*)”. (p. 77)
e se escondem. (*)” (p. 75)
Confessa-o o general em chefe: (*) “Atacado (p. 418)

b) Na ausência de aspas, a chamada de nota de rodapé vem depois de todos os sinais de pontuação, mesmo se a frase continua:

repontavam os acontecimentos. (*) (p. 621)
páginas de Pedro Taques, (1) foram numerosas (p. 99)

C | Critérios para uso de aspas em citações

a) As aspas de fechar que realçam a citação podem ficar indiferentemente antes ou depois dos sinais de pontuação:

três mil portuguezes”. (p. 88)
dos brancos e dos pardos.” (p. 90)

b) Quando se trata de citação dentro de citação, não há distinção gráfica entre uma e outra, sendo empregado o mesmo sinal de aspas dúplices

pontudas de abrir; não é utilizado o recurso das aspas simples, ou outro:

se concedessem ao gentio terras ‹‹ainda mesmo as já dadas a outros de sesmaria visto que deviam ter preferência os mesmos índios ‹‹naturaes senhores da terra.››
Contribuio para esta tentativa. (p. 90)

c) O respeito à norma de que a citação seja sempre indicada por aspas não impede a superfetação pelo emprego de outros recursos, como o branco marginal não sistemático, o realce material do grifo, a repetição das aspas de abrir a cada parágrafo ou a cada linha; o mesmo ocorre com o diálogo, que pode até vir sem aspas:

c.1) branco marginal com o realce material do grifo e com aspas iniciais e finais:

> *"Piores qua na terra que peste..." (p. 82)*

c.2) branco marginal com aspas de abrir para cada parágrafo:

> Prenunciavam-no annos successivos de desgraças: (*)
> "... Em 1896 hade rebanhos mil correr da praia para o certão; então o certão virará praia e a praia virará certão.
> "Em 1897 haverá muito pasto e pouco rasto e um só pastor e um só rebanho.
> "Em 1898 haverá muitos chapéos e poucas cabeças (....) porque ha um só pastor e um só rebanho." (p. 174)

c.3) branco marginal com aspas de abrir para cada linha:

> pelo leito vasio do Vasa-Barris em fóra (....)
> "Dado o signal da carga ninguém mais procura evitar
> "a acção dos fogos do inimigo. Carrega-se sem vacillar
> "com a maior impetuosidade. Depois de cada carga cada
> "soldado procura a sua companhia, cada companhia o
> "seu batalhão e assim por deante." (p. 468)

d) A citação de versos, em que é compulsório o branco marginal devido à extensão menor das linhas, também não é uniforme. Há versos com aspas de abrir e de fechar no início e no final da citação, ou a cada linha; ou sem aspas; ou em corpo menor; ou com o realce material do grifo; ou com a combinação de dois ou mais desses recursos.

d.1) versos com branco marginal e aspas no início e no final da citação:

> "É tempo de muricy
> Cada um cuide de si... (p. 358)

d.2) versos com branco marginal, em corpo menor, com aspas de abrir no início de cada linha e aspas de fechar só no final da citação:

> “Vemos no reyno metter,
> “Tantos captivos crescer,
> “Irem-se os naturaes
> “Que, se assim for, serão mais
> “Elles que nós, a meu ver” (p. 92)

d.3) versos com branco marginal, em corpo menor, com aspas de abrir no início de cada linha e sem aspas de fechar no final da citação:

> “Sahio D. Pedro segundo
> “Para o reyno de Lisboa
> “Acabosse a monarquia
> “O Brazil ficou atôa! (p. 212)

d.4) versos com branco marginal, em corpo menor, sem aspas:

> Nas horas de Deus, amen,
> Não é zombaria, não!
> Desafio o mundo inteiro
> P’ra cantar nesta funcção! (p. 133)

d.5) versos com branco marginal e com o realce material do grifo, sem aspas:

> *Ê cou, mansaõ...*
> *Ê cou... ê caõ!..*[3] (*p. 129*)

2 | ALGARISMOS: NÚMEROS, NUMERAIS, GRAUS, PONTOS CARDEAIS, DATAS E NUMERAÇÃO DE NOTAS DE RODAPÉ

A | Numerais ordinais

Os numerais ordinais são indicados caoticamente. Ao algarismo ora se seguem o zero ou a alceados com ponto embaixo, ora o zero ou a alceados sem ponto embaixo, confundindo-se neste caso com os graus das medidas de latitude e longitude.

Às vezes as duas maneiras se encontram na mesma página, como é o caso da p. 406 (25º e 25º).

E ainda outras vezes pode acontecer que um erro gráfico transforme o ordinal em cardinal, como à p. 470:

> (....) cinco brigadas: a 1ª (....) composta de dous batalhões apenas, o 14 e o 30 (....); a 3ª (....) reunia o 5º, 7º, 9º e 25 (....)

quando a praxe do livro é utilizar só ordinais para designar as expedições, as colunas, as divisões, as brigadas, os batalhões.

Por sua vez, o calibre do canhão 32, corretamente referido por um numeral cardinal, vai ser motivo de erro quando aparece inserido num rol de batalhões, portanto entre numerais ordinais. É o que ocorre à p. 402, 1ª ed., causando uma correção errada para numeral ordinal (32°) à p. 388, 2ª ed.; o erro não é corrigido nem na 3ª edição nem no AP.

B | Numerais cardinais

a) Os numerais cardinais, quando não o são por erro gráfico, isto é, numerais ordinais que perderam a marca alceada, também se apresentam indiscriminadamente ora com ponto para indicar o milhar, ora sem esse ponto. Às vezes na mesma página, como à p. 511:

15.000 homens
100.000 [homens]
67.000 [homens]
mas
3000 fanáticos

Outros exemplos dessa indiscriminação:

1081 combatentes (p. 378)
7600 metros (p. 398)
12.800 metros (p. 398)
1.042 praças (p. 518)
5200 [casas] (p. 631)

b) Detecta-se uma tendência a não utilizar o ponto indicativo de milhar em algarismos com menos de 5 dígitos, ou seja, abaixo de 10 000; mas alguns casos desmentem-na, como é o exemplo acima das "1.042 praças".

c) Os numerais cardinais são indiscriminadamente grafados com algarismos ou por extenso, como por exemplo à p. 396, onde encontramos concomitantemente:

oito kilometros
quarenta e seis kilometros
mas
1933 soldados
432 praças

Outros exemplos dessa indiscriminação:

seis kilometros (p. 403)
18 kilometros (p. 403)
80 kilometros (p. 403)
70 leguas (p. 420)
cem, duzentos, trezentos tiros (p. 488)
cinco mil soldados (p. 630)

d) Detecta-se igualmente uma tendência a usar as formas por extenso quando se trata de generalizações, ficando os algarismos para as indicações mais precisas; mas tampouco chega a ser uma norma.

c | Latitude e longitude

A indicação abreviada de latitude e longitude, bem como de seus correlatos, os pontos cardeais, é também sujeita a uma extrema variação.

Como era de esperar, a primeira confusão que se faz é com os numerais ordinais:

13º. NE (p. 15)

As medidas de latitude e longitude aparecem ora corretas, ou seja, com o grau indicado pelo zero alceado, ora com o ponto embaixo do zero alceado, transformando-as em numerais ordinais, como no exemplo acima e no seguinte:

9º. 11' – 10º. 20' de lat. e 4º. – 3º., de long. O.R.J. (p. 10)

onde aparecem duas maneiras de errar a indicação de grau, uma com o costumeiro ponto embaixo do zero alceado, outra com o ponto antes do zero alceado.

Associadas às indicações de graus, as abreviaturas de pontos cardeais também oferecem uma boa gama de possibilidades de errar. Podem vir sem pontos (como aliás é a maneira inglesa, não considerada erro, embora o *Dicionário Aurélio* só acolha a variante com pontos), com pontos ou ainda uma com ponto e outra sem ponto.

N. O (p. 22) [*duas vezes*]
SE (p. 27)
NE (p. 27)
NO (p. 73)
S.E. (p. 74)
N.O. (p. 74)
N.E. (p. 74)

s.o. (p. 74)
e até seu sinônimo, s.w.12 (p. 80)

D | Datas

As datas não oferecem problema. Estão sempre com o dia e o ano em algarismos, o do ano sem ponto na divisão de milhar, e o mês por extenso, com inicial maiúscula, assim:

12 de Janeiro de 1897 (p. 273)

E | Numeração das notas de rodapé

A numeração das notas de rodapé não é consecutiva nem uniforme, empregando-se tanto um asterisco como algarismos arábicos até o máximo de três na mesma página. Asterisco ou algarismos vêm entre parênteses, em tipo de corpo padrão.

2ª EDIÇÃO

1 | ASPEAMENTO

A | Aspas com outros sinais de pontuação

a) Os sinais de pontuação, com exceção da vírgula, ficam após as aspas de fechar. Uma decisão infeliz coloca todas as vírgulas antes das aspas de fechar; resta uma ou outra após as aspas.

chegaram a “Pitombas”. (p. 324)
sítios de “Passagem,” “Canna-brava,” “Brejinho,” “Mauary,” “Canché,” “Estrada Velha” e “Serra Vermelha,” chegou (p. 408)
e as das “Minas de Prata”, eternamente (p. 95)

b) Como na 1ª edição.

B | Aspas com chamada de nota de rodapé

a) A chamada de nota de rodapé combinada com aspas passa a vir sistematicamente após as aspas de fechar, exceto nos casos em que precede a citação e por isso todos os demais sinais.

num só dia tropical.” (1) (p. 76)
e se escondem.” (1) (p. 74)
Confessa-o o general em chefe: (1) “Atacado (p. 404)

b) Como na 1ª edição.

c | Critérios para uso de aspas em citações

a) As aspas de fechar passam todas para depois do ponto-final.

tres mil portuguezes.” (p. 88)
dos brancos e dos pardos.” (p. 89)

b) Como na 1ª edição.

c) e d) Como na 1ª edição. Os recursos para indicar citação continuam, portanto, tão caóticos quanto na 1ª edição, valendo os mesmos exemplos. São introduzidas três modificações, duas das quais apenas concorrem para piorar o quadro. O exemplo da p. 358, da 1ª ed., agora à p. 345, 2ª ed., passa para corpo menor, enquanto o da p. 133, 1ª ed., agora à p. 131, 2ª ed., passa a corpo padrão. Essa troca indiferente evidencia a falta de critério. O exemplo da p. 128, 1ª ed., agora à p. 127, 2ª ed. tem suas reticências corrigidas para três pontos onde antes só havia dois.

2 | ALGARISMOS: NÚMEROS, NUMERAIS, GRAUS, PONTOS CARDEAIS, DATAS E NUMERAÇÃO DE NOTAS DE RODAPÉ

A | Numerais ordinais

A 2ª edição evidencia uma tentativa de uniformização dos numerais ordinais, posto que corrige uma grande quantidade deles passando o zero ou a alceados com ponto embaixo para zero ou a alceados sem ponto embaixo.

Infelizmente, sobraram ainda muitos com o ponto embaixo do zero ou a alceados, de modo que encontramos na 2ª edição os numerais ordinais grafados das duas maneiras, às vezes concomitantemente, como à p. 551:

24o
38o
32o
3ª.
24º.

B | Numerais cardinais

Como na 1ª edição.

C | Latitude e longitude

A indicação abreviada de latitude e longitude, bem como de seus correlatos, os pontos cardeais, continua sujeita a uma extrema variação, reincidindo em sua confusão com numerais ordinais, apesar de o erro ter sido notado e em alguns casos até corrigido. É o que ocorre com o exemplo que demos, à p. 15, 1ª ed., em que treze graus nordeste era indicado como numeral ordinal “13º. NE”, agora “13o NE” à p. 15, da 2ª ed.

Mas já o outro exemplo, o mais difícil de notação de latitude e longitude neste livro, continua a desafiar autor e revisores, aparecendo agora corrigido, e corrigido errado. Pois, se já estava errado na 1ª edição e todo composto com numerais ordinais em vez de graus, o que persiste nesta, agora traz o zero alceado em dois tipos diferentes; e, pior ainda, teve uma indicação de grau transformada erroneamente em minuto, passando 3° para 3'.

9º. 11' – 10º. 20' de lat. e 4.o – 3.', de long. O.R.J. (p. 10)

As abreviaturas de pontos cardeais continuam caóticas, como na 1ª edição.

D | Datas

As datas da 2ª edição, como as da 1ª, não oferecem problema. Continuam indicadas da mesma maneira, com o dia e o ano em algarismos, o do ano sem ponto na divisão de milhar, e o mês por extenso com inicial maiúscula.

Apenas destoa da norma a datação das "Notas á 2ª edição", que evidentemente não estavam na 1ª, e que usa a fórmula

27—4—903 (p. 618)

E | Numeração das notas de rodapé

Na 2ª edição uniformiza-se a numeração, sendo as notas indicadas exclusivamente por algarismos, desaparecendo os asteriscos. Este algarismo tem tamanho de corpo padrão, vem entre parênteses, não ultrapassa três por página. A numeração é não consecutiva, reiniciando-se a cada página.

3ª EDIÇÃO

1 | ASPEAMENTO

A | Aspas com outros sinais de pontuação

a) Os sinais de pontuação ficam depois das aspas de fechar; é corrigida a colocação das vírgulas antes das aspas de fechar, típica da 2ª edição.

chegaram a "Pitombas". (p. 324)
sítios de "Passagem", "Canna-brava", "Brejinho", "Mauary", "Canché", "Estrada Velha" e "Serra Vermelha", chegou (p. 408)

b) Como nas 1ª e 2ª edições.

B | Aspas com chamada de nota de rodapé

a) Como na 2ª edição. Mudou apenas o algarismo da nota, agora alceado

com parêntese exclusivamente à direita.

b) Na ausência de aspas, a chamada de nota de rodapé passa a vir antes dos sinais de pontuação, mesmo se a frase continua; excetuam-se os casos de reticências.

repontavam os acontecimentos[1)]. (p. 599)
páginas de Pedro Taques[2)], foram numerosas (p. 97)
a boiada *estoura*...[1)] (p. 128)

c | Critérios para uso de aspas em citações

a) As aspas de fechar são novamente deslocadas, agora para antes do ponto-final.

tres mil portuguezes". (p. 88)
dos brancos e dos pardos". (p. 89)

b) Como nas 1ª e 2ª edições.

c) e d) Como nas 1ª e 2ª edições. Os recursos para indicar citação continuam, portanto, tão caóticos quanto nas 1ª e 2ª edições, e sobreviverão ao AP, valendo os mesmos exemplos; são mantidas as três modificações da 2ª ; os números de página dos exemplos são os mesmos da 2ª edição.

2 | ALGARISMOS: NÚMEROS, NUMERAIS, GRAUS, PONTOS CARDEAIS, DATAS E NUMERAÇÃO DE NOTAS DE RODAPÉ

A | Numerais ordinais

A 3ª edição consegue finalmente uniformizar os numerais ordinais, grafando todos abreviadamente com zero ou a alceados sem ponto embaixo.

B | Numerais cardinais

Como nas 1ª e 2ª edições.

C | Latitude e longitude

A notação de grau está uniformizada e correta, com os graus indicados por o alceado sem ponto embaixo. Excetua-se a mais longa indicação de latitude e longitude (à p. 10), que continua errada, com a transformação de 3º em 3', e com pontos antes do zero alceado; o AP corrigirá apenas a indicação de minuto para grau.

As abreviaturas de pontos cardeais são extensamente uniformizadas, optando-se pela fórmula sem pontos, como se pode verificar nos vários

exemplos da p. 73, 3ª ed. Todavia, a uniformização não é completa, sobrando vários casos com um e dois pontos, como se pode ver à p. 22 da mesma edição.

D | Datas
Como nas 1ª e 2ª edições.

E | Numeração das notas de rodapé
Continuam, como na 2ª edição, indicadas exclusivamente por algarismos, porém em corpo menor alceado e com parêntese só de fechar, assim: 1).

AP
O AP não cuida de uniformização gráfica.

TERMOS TÉCNICOS, ESTRANGEIRISMOS E TOPÔNIMOS

Nosso autor usa e abusa do realce material do grifo, não só para termos técnicos e estrangeirismos, como até para palavras de uso corrente na língua portuguesa, contanto que, neste caso, ele as entenda como termos técnicos. Assim, por exemplo, vocábulos tão correntes quanto "mulato" ou "gaúcho" levam o realce material do grifo quando estão sendo tomados em seu caráter técnico.

Isto se deve a um procedimento típico do autor, que é até mais do que estilístico, relevando quase do método científico. Cada vez que inicia um assunto novo, efetua uma espécie de levantamento vocabular delimitando a área que agora estudará. Quando vai passar a falar da Amazônia, por exemplo (pp. 77 ss., 1ª ed.), começam a salpintar o texto os vocábulos grifados do campo semântico agora mobilizado, e lá encontramos: *furos, paranamirins, igapós, igarapés, regatões, tejupás, friagem* etc.

Quando vai passar a estudar o espinhoso problema da raça, o primeiro padrão fincado para demarcar a nova área consta de vocábulos grifados: *homo americanus, homo afer, gens*, mas também *mulato, mameluco, curiboca* e *cafuz* (pp. 65 ss., 1ª ed.).

Quando inicia o exame da vegetação da caatinga (pp. 38 ss., 1ª ed.), vão aparecer grifados: *steppe, estivando* (ou seja, como ele mesmo explica, "em vida latente" no "cauterio das seccas"), *caapões, anacardium humilis, cajuys, caroás, As nopaleas e cactus* (o primeiro substantivo aportuguesado e o segundo não; a concordância errada; o grifo exagerado inclui artigo e conectivo), *favellas, cauterium, catingueiras, alecrins-dos-tabuleiros, canudos-de-pito, mandacarús* (*cereus jaramacarú*), etc.

Assim sendo, nem todos os vocábulos grifados são termos técnicos e nem todos os termos técnicos estarão grifados. Além disso, os mesmos vocábulos às vezes aparecem grifados, às vezes sem grifo, com ou sem aspas; é o caso de *thalweg*, "thalweg", thalweg, por exemplo, nas três primeiras edições e no AP.

O autor também não fazia muita cerimônia com termos técnicos e

estrangeirismos, em mais de um sentido. Ou seja, aportuguesa-os quando isso lhe convém; dá-lhes invariavelmente um plural português acrescentando o morfema do plural s; não os grifa mesmo quando não aportuguesados; inicia os substantivos comuns alemães com minúscula; põe hífen em expressões latinas; e às vezes, por tudo isso, erra concordância ou grafia, como veremos a seguir. No rol abaixo, separamos um exemplário ilustrativo dos vários procedimentos do autor.

ad-hoc; *agreste*; *anacardium humilis*, nas 1ª, 2ª e 3ª edições, emendado para *anacardia humilis* no AP, quando deveria ser *anacardium humile*; *araxá*; *bancklings*, em vez de *Bänklinge*, bastardos, no alto-alemão moderno; *banquises*; *bejabans*; blockauss, em vez de *Blockhaus*; *caapões*; *caapuera*, *caapoêras*, a segunda corrigida já na 2ª edição para *caapueras*; *caatanduva*; *caatingas*, grifado em sua primeira aparição no texto e sem grifo inúmeras outras vezes depois; *caiçaras*, *caitaras*, esta segunda forma na mesma página que a anterior, ocorrendo da 2ª edição em diante, inclusive; "*caldeirões*"; *campeião* e *campião*, para cavalo, ambas na 1ª edição, uniformizadas para *campião*, na 2ª edição, e campeão quando não grifado; *campos geraes*, *geraes*; *canhembora*; *canon(s)*, que nem é *cañón*, do espanhol, nem a forma inglesa *canyon*, mais usada em português; *caruara*; *cauterium*; *chouan(s)*; *civitas*; *cunanam*, *cunanan(s)*, a primeira forma na 1ª edição, corrigida para a segunda na 2ª edição; *demonopathas*; "Dezmil", erro que nem o AP corrige; *desertus austral*, quando deveria ser *australis*; *dgis*, que deveria ser *dji* ou *ji*, segundo a fonte da grafia de Euclides, O *tupi na geografia nacional*, de Teodoro Sampaio, enquanto a grafia fonética hoje seria *yi*; *divortium aquarum*; *dike(s)*; *el-dorado*; *facies*, facies, invariavelmente com concordância indevida no masculino; *falaises*, *feldmarechaes*; felsdspath; *flaults*, em vez de *faults*, falha geológica, do inglês, erro que sobrevive a todas as edições; *flintglass*; *folk-lore*; *frankisk*; *gens*; *gneissgraniticas*; *gneissicos*; guerrilheiro-thug; *habitat(s)*; *hachich*; Hilae, que deveria ser *Hylaea*; *homo afer*; *homo americanus*; *Imanus*, vindo diretamente das páginas de O *noventa e três*, de Victor Hugo; *in extremis*; *in paribus*; *in situ*; ipueiras; *kyries*, Kyries; *landlord*; *Legio Fulminata*; *llanos*, llanos, *Llanos*; loghans, em vez de *loggans* ou *logans*; *magna pars*; *manageability of nature*; *mandacarús*; *mandacarús* (*cereus jaramacarú*), a partir dessa ocorrência o vocábulo latino *cereus*, *-ei* passando a ser usado no singular com concordância no plural, e sem grifo; mannlicher, manulicher, *manulixe*, a segunda forma corrigida conforme a primeira já na 2ª edição, perdendo-se o dado de fala que também aparece nas outras reportagens sobre a guerra de Canudos; *massapé*; *norma verticalis*; *oueds*, transliteração francesa do vocábulo árabe aqui preferida à transliteração inglesa *wadi*, sinal histórico de predomínio cultural; os pampas, a forma no feminino ocorrendo apenas uma vez e apenas no AP; *perfectionistas*; *plateaux*, plateaux, platós, os dois primeiros sempre com concordância no singular; *pora-pora-eyma*; *Prima-Petri*; *Pro pace*; "*sambaquis*"; savanahs; schrapnell(s), sem grifo e com grafia errada, pois deveria ser *shrapnel*; *silva horrida*, *sylva*

horrida, a primeira sendo correta, mas a segunda assim ficando até o AP, inclusive; *simoun*; *sine calcii linimenti*; *steeple-chase*; *steppe*, steppes, sempre com concordância no feminino, exceto numa única emenda no AP, que passa o vocábulo para o masculino; *Stundistas*; *Sturmisch*, faltando o trema; *sui-generis*; *sylva* (em vez de *silva*) *aestu aphylla*; *taboleiros*; *tapuyretama*; *Terra ignota*; *thalweg(s)*, "*thalweg*", thalweg; *travessões*; *ultimatums*; *ultra equinotialem non peccavi*, em vez de *ultra aequinoctialem non peccari*; *urbs*; *via sacra*, *via-sacra*; *vis a tergo*; *wigwan*, em vez de *wigwam*; Withworth, Whitwort, Withort, as duas últimas sendo exceções, enquanto a primeira é regra, com erro de grafia, em vez de *Whitworth*.

Quanto aos topônimos, tampouco obedecem a um só critério. Tanto aparecem grifados como não grifados, entre aspas, ou com os dois realces simultaneamente. Um topônimo pode aparecer de diversas maneiras, às vezes até na mesma página. Sua ortografia é igualmente variável. Ocorrem, por exemplo, New York e Buenos-Ayres na 1ª edição, para depois o primeiro ganhar um hífen na 2ª edição. Também aparecem paralelamente Monte Santo / Monte-Santo, Ouro Preto / Ouro-Preto, S. Francisco / São Francisco, Tietê / Tieté. Como nunca foram objeto de uma uniformização, nem sequer no AP, continuaram sendo impressos dos mais diversos modos. Em nossa opinião, o topônimo não necessita de outro realce que a inicial maiúscula. Dessa maneira, fizemos a uniformização gráfica de todos os topônimos do livro, adotando sua ortografia atual.

O critério geral que utilizamos para estrangeirismos e termos técnicos foi, quanto à ortografia, seguir a lição dos dicionários Aurélio e Houaiss para todos os estrangeirismos que já estão hoje incorporados à língua, retirando-lhes o grifo, exceto quando este tem a função estilística que mencionamos; os demais permanecem grifados. Retiramos o hífen das expressões latinas. Corrigimos os erros de grafia, tal como foram apontados acima, mas mantivemos os de concordância, mesmo porque alguns eram de uso geral entre os autores da época, como por exemplo o feminino *facies* com concordância no masculino (ver Machado de Assis, Raul Pompeia). No caso de *bancklings*, cuja grafia correta é *Bänklinge*, optamos por *bänklings*, para não desfigurar o procedimento normal do autor de acrescentar o morfema português do plural *s* a vocábulos de várias línguas que fazem o plural de outras maneiras. De resto, o autor se apropria do comportamento habitual da língua, que faz o mesmo.

UNIFORMIZAÇÃO ORTOGRÁFICA

A uniformização ortográfica é a grande tarefa a que a 2ª edição se propõe.

Embora incompleta e deixando inconsistências que sobreviverão à 3ª edição e mesmo ao AP, nem por isso o feito é menor, quando se verifica o extraordinário número de vocábulos que esta edição corrige: quase não se altera mais ortografia na 3ª e no AP.

Por outro lado, não se pode deixar de registrar que, ainda assim, tanto convivem numa mesma edição as formas sincréticas, quanto uma mesma correção pode ser feita em direções opostas, de uma edição para outra. Tentaremos indicar essas inconsistências, para respeitar a especificidade que cada edição tem dentro de um *animus corrigendi* do autor.

Para ilustrar as dificuldades que os textos apresentam, devidas às oscilações do autor, dos revisores e do próprio momento histórico que então vivia a língua portuguesa do Brasil, começaremos exemplificando com as diferentes ocorrências de um mesmo vocábulo.

O vocábulo *suçuarana* (grafia atual) ocorre poucas vezes em *Os sertões*. Ainda assim, nas poucas vezes em que ocorre, ele é objeto de opções diversas e até contraditórias. Vamos acompanhar o caso página por página.

1ª edição	2ª edição
sussurana (p. [illegible])	é corrigido (p. [illegible])
sussuarana (pp. 201, 245 e 336, respectivamente)	é corrigido para (pp. 206, 252 e 348)
sussuarana (pp. 480 e 537)	não é corrigido e continua igual
"Sussuarana"	não é corrigido e continua igual (pp. [illegible])

Como as demais edições não alteram essas modificações, repetindo a 2ª edição, podemos concluir o seguinte:

· nenhuma das edições, inclusive o AP, apresenta uma e uma só grafia desse vocábulo;

· há simultaneamente três critérios quanto à grafia do vocábulo: corrigir *sussurana* para *sussuarana*; ao contrário, corrigir *sussuarana* para *sussurana*; não corrigi-lo e deixá-lo como está;

· na última ocorrência trata-se de um topônimo, que, por sua natureza, não deve ser corrigido; mas poderia ser utilizado como padrão ortográfico, o que tampouco se dá;

· a distribuição da frequência das duas formas, sendo aproximadamente

equitativa, não permite definir uma preferência do autor.

É claro que nossa opção para a edição crítica é banal, ou seja, a grafia atualmente em vigor. Mas não podemos deixar de apontar essas correções disparatadas, mais complexas que um mero sincretismo corrente na época.

Todas as nossas conclusões quanto à ortografia, portanto, se ressentem de muitas dúvidas quanto à maior ou menor frequência das grafias preferidas, principalmente no caso de palavras que são muito usadas. Quando, por exemplo, podemos afirmar com segurança que uma palavra muito repetida no texto, *paysagem*, na 1ª edição, é sistematicamente corrigida para *paizagem* na 2ª edição, trata-se de uma exceção. E assim, com muita precaução e sem nunca afirmar que esgotamos todas as ocorrências, é que devem ser tomadas as análises que a seguir faremos a respeito das correções ortográficas de *Os sertões*.

1 | ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Quase não há acentuação gráfica, nem mesmo para proparoxítonos; as poucas que existem, ainda assim são oscilantes. Damos a seguir apenas alguns exemplos, onde podemos observar que acentos existentes na 1ª edição são retirados na 2ª, enquanto outros são acrescentados.

Os seguintes vocábulos têm sua acentuação alterada da 1ª para a 2ª edição:

> aldêas; cangussu; cêdo; céo / céu; céus; flores; forma; gaucho / gaúcho; heróe; juxtapoem; lagoa; máu; núa; paramo; povôa-a; prégando; recuo; rememoramos; retêm; séde; sêde

passam a

> aldeas / aldeias; cangussú; cedo; ceu / céu; ceus; flôres; fórma; gaucho; heroe; juxtapõem; lagôa; mau; nua; páramo; povoa-a; pregando; recúo; rememorámos; retem; sede / séde; sede

Mesmo a questão do timbre aberto ou fechado do pretérito perfeito – tão interessante nas edições críticas de dois autores coevos, Raul Pompeia e Machado de Assis, e um predecessor, Manuel Antônio de Almeida, que o empregam sistematicamente com o timbre aberto indicado por acento agudo – aqui é uma exceção. A ausência do acento aberto, aliás, mostra uma opção pelo fato de prosódia e não pela ortoépia portuguesa.

A indicação da crase mediante acento é esporádica, como já vimos no início desta introdução, e quase sempre nem correta nem corrigida; mas isso não destoa dos coevos e predecessores.

2 | OSCILAÇÃO DE S / Z INTERVOCÁLICO OU FINAL

Os seguintes vocábulos com *s* intervocálico na 1ª edição trocam-no para *z* na 2ª edição:

> avisinhar; convisinhos; frisante; frisarem; frisemos; horisonte; lisa; paysagem; pesar; pesquisa; represar; resar; tresentos; vesados; visinhos

passam a

> avizinhar; convizinhos; frizante; frizarem; frizemos; horizonte; liza; paizagem; pezar; pesquiza; reprezar; rezar; trezentos; vezados; vizinhos

Os seguintes vocábulos com *z* intervocálico na 1ª edição trocam-no para *s* na 2ª edição:

> bemfazejo; celebrizou; centralizou; cruzadas; escandalizando; mobilizações; organizadora; razo; tezo; tranzido

passam a

> bemfasejo; celebrisou; centralisou; crusadas; escandalisando; mobilisações; organisadora; raso; teso; transido

Na 1ª edição, *através* e *grez* passam a *atravez* e *gres* na 2ª edição.

3 | OSCILAÇÃO DE X / S

Os seguintes vocábulos simplificam o *x* da 1ª edição em *s* na 2ª:

> ajuxta; explendores; expontaneamente; extranhos; extremes

passam a

> ajusta; esplendores; espontaneamente; estranhos; estremes

Mas *escusado* e *estase* na 1ª edição passam a *excusado* e *extase* na 2ª.

4 | OSCILAÇÃO DE TERMINAÇÃO -IU / -IO E -EU / -EO

A norma da 1ª edição é a terminação *-iu* para a 3ª pessoa singular de alguns verbos em *-ir*. Os que estão fora da norma são corrigidos na 2ª edição:

> assumio; cahio; contribuio; erigio; insurgio; interveio; persistio; progredio

passam a

> assumiu; cahiu; contribuiu; erigiu; insurgiu; interveiu; persistiu; progrediu

Céo, na 1ª edição, passa a *ceu* / *céu*, na 2ª.

5 | INICIAL S IMPURO
É desdobrado na 2ª edição o *s* inicial impuro dos seguintes vocábulos:

> stagnados; stoicismo; stoico; stratos / stractos

passam a

> estagnados; estoicismo; estoico; estratos

Mas *spathas* e *stygmas* assim se mantêm.

6 | OSCILAÇÃO Y / I
Simplificam o *y* em *i* os seguintes vocábulos, da 1ª para a 2ª edição:

> lagrymas; paysagem; tapuya; tupy

passam a

> lagrimas; paizagem; tapuia; tupi

Mas *misteriosa* na 1ª edição passa a *mysteriosa* na 2ª edição.

7 | SEPARAÇÃO VOCABULAR
A separação vocabular é alterada da 1ª para a 2ª edição nos seguintes casos:

> a cerca; a demais; d'ahi / dahi; de baixo; de balde; de vagar; em baixo; em quanto; sobre maneira / sobre-maneira; telhavã

passam a

> acerca / ácerca; ademais; dahi; debaixo; debalde; devagar; embaixo; emquanto; sobre maneira; telha vã

Mas, pelo menos num caso, *ademais* (p. 254, 1ª ed.) passa a *a demais* (p. 247, 2ª ed.).

8 | SINCRETISMO EN / EM E IN / IM INICIAL

Os seguintes vocábulos são alterados da 1ª para a 2ª edição:

empecilhos; encinerados; endireitara; incandesce; intibia

passam a

impecilhos; incinerados; indireitara; encadesce; entibia

9 | TERMINAÇÃO ÊA / ÉA / ÉIA E EA / EIA

Os seguintes vocábulos têm essas terminações alteradas da 1ª para a 2ª edição:

aldêas; areas; idéal; idéiaes; idéias; potenciais

passam a

aldeas; areias; ideal; idéaes; idéas; potenciaes

Deve ser todavia lembrado o seguinte:
– a correção de *potenciais* para *potenciaes* é uma adequação à norma do livro, onde este último final prevalece, mesmo na 1ª edição;
– há ocorrências de *ideal* e *idéal* persistindo sincreticamente em todas as edições.

10 | FORMAS SINCRÉTICAS EM OU / OI, O / U E E / I PRETÔNICOS

Este caso é dos mais complicados, porque o próprio autor, ou os revisores, mantém o sincretismo mas também efetua correções de uma opção para outra e vice-versa.

Assim, são alterados da 1ª para a 2ª edição os seguintes vocábulos:

arreando; adeante / adiante; adeantado / adiantado; adoudado / adoidado; cobiça; creado; creanças / crianças; corregindo / corrigindo; doudo / doido; dous / dois; edade / idade; igual; igualmente; egreja; lugar / logar; lugarejo; veeiros / veieiros

passam a

arriando; adeante; adeantado; adoudado; cubiça; creado; creanças; corrigindo; doudo; dous; edade; egual; egualmente; igreja; logar; logarejo; veieiros / veeiros

Essas palavras ocorrem muitas vezes no texto (com exceção de *arreado* e *cobiça*), podendo ser sincréticas em cada edição: há correções no sentido indicado, sem que predomine uma das formas. Assim, por exemplo, *veeiros* em todas as edições é corrigido para *veieiros* no AP (p. 5), mas *veieiros* na 1ª edição (p. 224) é corrigido para *veeiros* na 2ª (p. 218), permanecendo as duas correções contraditórias.

11 | GRUPOS CONSONANTAIS

Em alguns casos os grupos consonantais são simplificados:

> aggrupando-se; attrictando; exggottados [*numa única ocorrência*]; suppletiva; tutella

passam a

> agrupando-se; attritando; exgottados; supletiva; tutela

Enquanto outros são desdobrados:

> argilas; luta / lucta; resplandecente

passam a

> argillas; lucta; resplandescente

12 | SINCRETISMO DA TERMINAÇÃO VERBAL AE / AI

Este é o caso mais complicado de correção ortográfica, devido à multiplicidade de opções.

As formas sincréticas ocorrem já na 1ª edição, onde se encontram indistintamente *cae* e *cahe*, corrigidos para *cai* e *cae* na 2ª edição. É o caso também de seus compostos *decae* e *descae*. A 2ª edição corrige-as para *cai*, embora restem sem correção muitas formas em *cae*.

Vae é corrigido para *vai*, na 2ª edição.

O AP restaura parcialmente algumas terminações em AE.

13 | H INTERVOCÁLICO

As flexões do verbo *cair* apresentam tendencialmente uma preferência pelo *h* intervocálico. Ocorrem na 1ª edição *cahira*, *cahisse*, *cahindo*, que persistem nas demais edições. *Caido*, na 1ª edição, é corrigido para *cahido*, na 2ª edição. *Caiam*, na 1ª edição, continua igual na 2ª edição. *Attrahir*, na 1ª edição, passa a *attrair*, na 2ª.

14 | FORMAS CONTRACTAS

A 2ª edição procura desfazer a contração da preposição *em* com o artigo

indefinido *um* / *uma* ou com o numeral *um* / *uma*, acentuando tendência de grafia já presente na 1ª edição, onde se registram alguns *n'um*, *n'uma* etc. A 2ª corrige *num* e *numa* para *n'um* e *n'uma*, embora também possa ocorrer o contrário (p. 34, 1ª ed.: *n'um*; p. 34, 2ª ed.: *num*).

Do mesmo modo, a 2ª edição realça o pronome oblíquo da 3ª pessoa singular, separando-o mediante um apóstrofo:

> transformam-na; dão-nas; realisam-na

passam a

> transformam-n'a; dão-n'as; realisam-n'a

Mas não é um procedimento sistemático; restam até o AP, por exemplo, *batiam-nos* (p. 553) e *escondiam-os* (p. 553). O AP vai esporadicamente reforçar a tendência à separação do pronome oblíquo, porém sem sistematização.

15 | PECULIARIDADES VOCABULARES

Embora não saibamos a quem atribuir certas ortografias, se ao autor, se aos revisores, se à língua da época, e até mesmo, em alguns casos, a possíveis erros tipográficos, há os seguintes vocábulos com sua ortografia alterada da 1ª para a 2ª edição, assim persistindo nas demais:

> alarme; aperceber [*compostos e derivados apenas em parte*]; cançaço; carcova; cathecismos; contorneante; cumulos; desbarato; enchada; entorroada; esbotelando; infanteria; obcessão; pittoresco; protagonista; trespassou-lhe; zanagos

passam a

> alarma; perceber; cansaço; corcova; catechismos; contornante; cumulus; desbarate; enxada; enterroada; esbotenando; infantaria; obsessão; pintoresco; protogonista; traspassou-lhe; zanagas

Encontramos *alarma* e *catechismo* como formas também preferidas por Raul Pompeia, conforme a edição crítica citada. No caso de *contorneante* na 1ª edição, que passa a *contornante* na 2ª edição, ocorre igualmente a emenda ao contrário, quando *contornando* nas três primeiras edições passa a *contorneando*, no AP.

Permanecem sincréticos, incluindo alguns da lista acima:

> cerro / serro; cócaras / cócoras; desbarate / desbarato; doido / doudo;

infletir / inflectir; moita / mouta; registo / registro; sombrero / sombreiro; torvelino / torvelinho

3ª EDIÇÃO

Após a grande tarefa uniformizadora realizada pela 2ª edição, praticamente nada mais resta a fazer no setor ortográfico para a 3ª edição e para o AP. Restaria escoimar o texto das incoerências que sobraram após a aplicação de critérios às vezes tão rigorosos e que alteraram tanto a ortografia do texto. Mas a fixação ortográfica foi feita na 2ª edição, e, embora a 3ª e o AP emendem intensamente o texto, as emendas propriamente de ortografia são uma minoria. A 3ª e o AP acatam e repetem as opções da 2ª, com raras exceções, como abaixo:

2ª EDIÇÃO	3ª EDIÇÃO
baioneta	bajoneta
cordeal	cordial
hombrêa	

AP

As emendas ortográficas do AP são relativamente mais numerosas que as da 3ª edição. Como vimos, a 2ª edição empreende e encerra a tarefa da uniformização ortográfica. Os erros e incoerências que restaram, e que poderiam ter sido corrigidos na 3ª ou mesmo no AP, não o foram; às vezes, o AP restaura a lição da 1ª edição.

Dois dos problemas mais complicados – o da terminação verbal AI / AE e o da contração do pronome oblíquo enclítico – sofrem no AP uma nova tentativa, infelizmente também gorada, de solução. No primeiro caso, o AP restaura parcialmente a terminação AE, como na 1ª edição. No segundo caso, ao contrário, o AP contradiz a lição da 1ª edição e enfatiza a da 2ª, desmanchando a contração do pronome oblíquo enclítico mediante interferência de um apóstrofo: *recortam-nas*, *alentam-na*, *mostram-no*, *substituem-nas*, *fitam-nas*, *sulcam-nos*, *corrigiram-no*, *ligavam-os*, na 1ª edição, passam a *recortam-n'as*, *alemtam-n'a*, *mostram-n'o*, *substituem-n'as*, *fitam-n'as*, *sulcam-n'os*, *corrigiram-n'o*, *ligavam-n'o*, no AP.

Porém, e infelizmente, como dissemos, as correções apenas ortográficas quase cessam do capítulo intitulado "Quarta expedição" em diante, com a consequência de ficar aumentado o caráter caótico dessas duas emendas.

Outras correções ortográficas no AP dizem respeito a pequenas opções duvidosas. Como já vimos, no item de peculiaridades vocabulares, convivem na 1ª edição *contorneante* e *contornando*, o primeiro sendo corrigido para *contornante* na 2ª edição, o segundo sendo corrigido para *contorneando* no AP. É mais um caso de correção contraditória. Das duas vezes que emprega a expressão *á espora feita*, desde a 1ª edição, uma vai ser corrigida para *á espora*

fita no AP, enquanto a outra permanece como está. Duas vezes *quietude* foi corrigido para *quietitude* no AP; e *coruscar* das três primeiras edições passa a *coriscar*, também no AP, mas apenas algumas vezes.

Decididamente, as correções ortográficas não são o forte do AP, que, como veremos, se ocupa prioritariamente com emendas gramaticais ou propriamente estilísticas.

Na edição crítica, nosso partido foi:

· de modo geral, fazer valer a ortografia atual;

· nos casos de sincretismo, em respeito à fase viva da língua de que são testemunhas, eles serão todos mantidos, como recomendam as normas da Comissão Machado de Assis;

· nos demais casos, optamos sempre por uma lição conservadora, ainda segundo as mesmas normas, para respeitar as possíveis preferências do autor e seu direito à originalidade.

A EMENDATIO EUCLIDIANA

AS PAUSAS DO DISCURSO

O estilo euclidiano lança mão de longos períodos, constituídos frequentemente pelas figuras da amplificação e da enumeração, e de marcante hipotaxe. A adjuntos se acrescentam outros adjuntos, entrecortando o período de vírgulas, instaurando dúvidas quanto à concordância. O leitor se interroga o que rege o quê e o que concorda com quê, afinal. Esse é um problema com que também o autor se deparou, e que é responsável por muitas oscilações de emendas que são feitas e refeitas ou até mesmo desfeitas, de edição para edição.

Contrastando com os períodos longos, entrecortados de vírgulas, o autor lança mão de períodos curtos, constituindo parágrafos, como recurso enfático. Esse procedimento estilístico é mais visível na 1ª edição, que se caracteriza por uma excessiva virgulação e por uma paragrafação paroxística. Esses são dois traços distintivos da 1ª edição, quando confrontada com as demais.

Em consequência, a 2ª edição entrega-se à supressão sistemática de um grande número de vírgulas, em torno de mil, das quais uma pequena parte será restaurada no AP, inclusive as possíveis caídas de fim de linha. Ainda assim, uma característica do estilo do autor e que não é considerada de bom português persiste, qual seja, a de separar com uma vírgula o sujeito de seu predicado.

Quanto à paragrafação exagerada, ela é de intenção retórica. Aos grandes blocos sem parágrafos seguem-se vários parágrafos contendo poucos vocábulos, e que enfatizam o que se quer dizer. Estes três períodos, hoje reunidos num só, eram assim na 1ª edição:

> O bombardeio se resumiu num tiro.
>
> A granada partiu, levemente desviada do alvo, e foi arrebentar numa das junturas em que se engastava a pedra.
>
> Dilatou-a. Abriu-a de alto a baixo. (p. 283, 1ª ed.)

A 2ª edição procede sistematicamente à eliminação do espaço em branco indicador de abertura de parágrafo, tornando *Os sertões* um livro constituído por muito menos parágrafos do que tinha inicialmente, na 1ª edição. Praticamente não há página que não tenha pelo menos um parágrafo, antes aberto, fechado; e muitas vezes meia dúzia deles. Damos como exemplo o capítulo intitulado "Travessia do Cambaio", que é paradigmático desse

emprego excessivo da paragrafação. Essa parte é exageradamente paragrafada na 1ª edição e exageradamente desparagrafada na 2ª, com ecos até na 3ª e no AP, que ainda fecham mais alguns parágrafos. Como resultado, o autor foi obrigado a abrir novos parágrafos no AP, às vezes até os mesmos, mas agora poucos, formando blocos de sentido maiores. O efeito no AP é melhor do que o excesso de fragmentação da 1ª edição e do que o excesso de compactação da 2ª e 3ª.

Para se ter uma ideia mais clara desse excesso de paragrafação inicial, a que se segue um excesso de desparagrafação, aqui vão alguns dados referentes ao mencionado capítulo: a 2ª edição fecha pouco mais de uma centena de parágrafos, antes abertos na 1ª edição; a 3ª fecha ainda aproximadamente outros quarenta e o AP uma dezena.

Por esses dados, que se referem apenas a um dos oito capítulos em que se divide *Os sertões*, facilmente se estima abeirar-se do milhar o número de parágrafos que, abertos na 1ª edição, são fechados nas demais, porém com frequência muito maior na 2ª edição.

Essa é a chave da diferença no número de páginas das três primeiras edições. A 1ª edição tem 637 páginas, ou seja, 18 a mais que a 2ª e a 3ª, que têm ambas 619 páginas, incluindo seis páginas de notas, que não figuravam na 1ª. Devemos lembrar ainda as duas notas de rodapé adicionadas à 2ª edição, a que se somam mais duas e a completação de outra na 3ª.

As três primeiras edições mantêm um mesmo modelo, embora cada uma delas tenha composição tipográfica própria. Por isso, a diferença se deve exclusivamente ao excesso de paragrafação da 1ª edição, que é portanto muito mais espalhada que as outras duas. Acrescente-se, embora seja uma diferença mínima, um fato que mencionamos, o de que o capítulo "Ultimos dias" tem na 1ª edição um erro de composição devido ao qual dois de seus subcapítulos estão aglutinados, sem divisão. Isto dá uma diferença, por falta do espaço em branco entre o término de um e o início de outro subcapítulo, de pouco mais de uma página, como se pode verificar na 2ª edição, que corrige o erro.

TROCA DA ÊNCLISE PELA PRÓCLISE (pronome SE)

Esta emenda, embora pareça simples, é das mais ricas de consequências na *emendatio* euclidiana. Consiste na troca da próclise pela ênclise do pronome oblíquo da 3ª pessoa (SE) acompanhando verbos essencialmente e acidentalmente pronominais. Conta-se perto de uma centena dessas trocas, efetuadas em sua maioria na 2ª edição e, em menor medida, no AP. Aparentemente insignificante e caprichosa, essa pequena troca de posição do pronome significa uma opção por uma prosódia mais brasileira e mais distante da ortoépia portuguesa.

Na época, ia acesa a querela entre legitimistas e separatistas;[1] o cavalo de batalha dessa querela foi justamente a colocação de pronomes. Euclides, como é sabido, forma entre os primeiros, no respeito à lição dos clássicos

portugueses. Nosso autor sempre foi tido por escritor castiço e até arcaizante. No entanto, esta emenda o desmente. Fosse Euclides tomando um partido, fosse a língua falando através dele, o fato é que esta emenda abrasileira seu discurso por todos os títulos tão português.

Essa interessante questão foi levantada por Afrânio Coutinho a propósito de Raul Pompeia, na edição crítica de *O Ateneu*, já mencionada. O editor crítico, ao deparar com a grande quantidade de próclises de Raul Pompeia trocadas por ênclises na impressão de *O Ateneu* em Paris, aventou a hipótese da interveniência de um revisor português "corrigindo" a linguagem dos escritores brasileiros na época.

Assim como Raul Pompeia já está usando a forma brasileira de colocar pronomes, Euclides, de uma edição para outra, vai transformando sua colocação inicial portuguesa em colocação brasileira. Restam, é claro, inúmeras ênclises no livro. O que a emenda faz é impedir que a ênclise seja predominante, como o era na 1ª edição.

O movimento contrário, isto é, próclises emendadas para ênclises, é praticamente insignificante, mal ultrapassando uma dezena de casos. Em alguns, a emenda vai e volta, transformando próclises em ênclises e estas novamente em próclises, e vice-versa, de uma edição para outra.

se alteiam (p. 145, 1ª ed.)
alteiam-se (p. 143, 2ª ed.)
se-alteiam (p. 143, 3ª ed. e AP)

se fixava (p. 103, 1ª ed.)
fixava-se (p. 101, 2ª ed.)
se-fixava (p. 101, 3ª ed. e AP)

Note-se, nos exemplos acima, que a emenda é incompleta, levando a erro gráfico. Provavelmente, supomos – e a levarmos em conta signos de revisão convencionais, em que uma linha ondulada passando por baixo de um vocábulo e por cima de outro é sinal para trocá-los de lugar –, a comissiva deixou de retirar o hífen da 2ª edição, que permaneceu, agora em erro gráfico, na 3ª, e foi esquecido no AP.

Mas o contrário também ocorre:

se alastravam (p. 223, 1ª ed.)
se alastravam (p. 217, 2ª ed.)
alastravam se (p. 217, 3ª ed. e AP)

se via (p. 486, 1ª ed.)
se via (p. 468, 2ª ed.)
via se (p. 469, 3ª ed.)

se via (p. 469, AP)

onde o erro gráfico é o mesmo, só que ao inverso: como a primeira versão emendada não tem hífen, a seguinte erradamente também não tem.

A conclusão é que provavelmente a remissiva usada não é a mais recomendável, já que, quando se trata de verbos com pronomes ligados por hífen em posição enclítica e que perdem o hífen na posição proclítica, induz aos dois tipos de erro gráfico.

Como se não bastasse, no último exemplo usado há mais uma dificuldade. No texto do AP se encontra a remissiva indicando que *via se* da 3ª edição deve ser emendado para *se via*; mas na margem inexiste a comissiva correlata, ficando a emenda incompleta.

Portanto, acolher ou não a emenda seria uma questão de opção, pois nada nos garante que o emendador não tenha desistido de fazê-la, por isso não desenhando a comissiva na margem. Mas, por outro lado, verificamos que o AP, único texto com emendas em signos de revisão de que dispomos, não costuma usar a comissiva na margem nos casos de inversão de posição relativa de vocábulos. E usa apenas a remissiva no corpo do texto, mesmo nos casos em que não se trata de verbos com seu pronome, mas de duas palavras inteiramente diferentes. Então, a opção por acatar a emenda se justifica tendo em vista o conjunto da prática do emendador.

Como se viu, entretanto, a prática defeituosa induz em erros que sobreviveram ao AP, causando problemas até hoje.

ELIMINAÇÃO PARCIAL DE VOCÁBULOS

1 | ADIANTE / DIANTE

Na 1ª edição usa-se largamente *adiante* / *diante*, em construção ou pleonástica ou repetitiva. A 2ª edição elimina muitas dessas ocorrências; mas, pelo grande número que sobrevive ao AP, pode-se avaliar o que havia de exagero em seu uso.

Na 2ª edição, cerca de setenta *adiante* / *diante* são eliminados, aproximadamente um terço dos quais só suprimidos, enquanto os restantes são substituídos. Quase sempre a substituição é por outro locativo, como *na frente*, *defronte*, *à frente*, *distante*, *além*, *mais longe* ou *próxima*. Mas também há substituições insólitas, como *às pressas* ou *depois disto* ou *batendo*.

Há uma grande irregularidade ou assimetria na distribuição espacial dos vocábulos eliminados. Substituição e supressão apresentam-se pouco frequentes no começo do livro, para se intensificarem a partir do capítulo “A lucta – preliminares”.

A eliminação de *adiante* / *diante* pode decorrer da tendência do autor a utilizar o vocábulo repetidamente. Isto é, tendo-o usado uma primeira vez, tende a usá-lo imediatamente mais vezes. Em consequência, vão aparecer aglomerados e, quando isso ocorre, o emendador ou deixa um só retirando os outros, ou retira todos (por substituição ou por supressão). Um exemplo:

> (....) tiveram, logo adiante, entre as mattas que vão de Macahubas a Assuaruá, novas paragens opulentas, attrahindo-os para o amago das terras.
>
> Devassaram-nas até nova barreira, o rio São Francisco. Transpuzeram-na, por fim.
>
> Adiante, indefinido, se lhes antolhou, cavado nos chapadões, esse maravilhoso valle do rio das Eguas, tão aurifero que o ouvidor de Jacobina, em carta dirigida á rainha Maria II (1794) affirmava "que as suas minas eram a cousa mais rica de que nunca se descobriu nos dominios de Sua Magestade."
>
> Naquele ponto se abeiravam das lindes de Goyaz.
>
> Não deram mais um passo adiante. (pp. 224-25, 1ª ed.)

Nesse curto trecho ocorrem três *adiante*, em aglomeração por proximidade. No AP, restará apenas um, o primeiro do trecho; o segundo será substituído por *na frente* e o terceiro por *além*.

Por outro lado, as supressões mostram sobejamente que o emprego do vocábulo é pleonástico, pois ele pode ser suprimido sem fazer falta.

Lembramos, todavia, que em pelo menos alguns casos trata-se do extremo dos extremos, pois o vocábulo incriminado aparecia como complemento dos verbos *prosseguir*, *seguir*, *continuar*, *tanger*, etc.

2 | CUJO (-A, -OS, -AS)

O pronome relativo *cujo* é eliminado do texto em mais de meia centena de suas ocorrências, mediante substituição; as supressões são raras. José Veríssimo chamou a atenção do autor para o uso excessivo desse pronome, bem como para o de *lhe*, em artigo de jornal logo após a aparição do livro.[2] Cerca de metade dessas emendas é obra do AP, enquanto a outra metade se distribui equitativamente entre a 2ª e a 3ª edições. Como em todas as cismas do autor a respeito de algum vocábulo ou construção gramatical, repetimos que a eliminação não acarreta seu desaparecimento do texto, mas sim uma drástica diminuição.

A grande maioria das substituições se faz pelas formas analíticas dos pronomes relativos e suas locuções, como *que*, *qual*, *de que*, *de quem*, *do qual*, *da qual, dos quais, das quais, no qual, na qual, nos quais, nas quais*. Alguns são substituídos pelo advérbio *onde*, pela preposição *de*, e pelos pronomes possessivos *seu*, *sua*, *seus*, *suas*.

Esta emenda, a exemplo das eliminações de *lhe* e da troca da ênclise pela próclise, acentua o uso de formas mais coloquiais e menos aportuguesantes.

O zelo do autor contra este pronome relativo vai ao ponto de desmembrar uma frase em duas, cortando-a exatamente onde está a palavra acoimada para obter seu desaparecimento:

> Para logo conteirados os canhões da divisão Salomão, a metralha explodiu no matagal rasteiro, cujos arbustos dobraram acamando-se, como à passagem de ventanias ríspidas. (p. 324, 3ª ed.)

passa a

> Para logo conteirados os canhões da divisão Salomão, a metralha explodiu no matagal rasteiro. Os arbustos dobraram acamando-se, como à passagem de ventanias ríspidas. (p. 324, AP)

Outro exemplo:

> Esta solução única foi favorecida pelo adversário, cujo ataque no fim de uma hora se amorteceu e afinal cessou inesperadamente. (p. 397, 3ª ed.)

passa a

> Esta solução única foi favorecida pelo adversário. O ataque no fim de uma hora amorteceu-se e afinal cessou inesperadamente. (p. 397, AP)

Mais um exemplo, em que um ponto e vírgula resolve a questão:

> Desvendava-se, a pouco e pouco, a região silenciosa e deserta: comoros despidos ou chapadas breves cujas caatingas deciduas, *pintando*, já em Julho, em grandes nodoas pardo-escuras, revelavam o alastramento vagaroso da secca. (p. 455, 3ª ed.)

passa a

> Desvendava-se, a pouco e pouco, a região silenciosa e deserta: comoros despidos ou chapadas breves; caatingas decíduas, *pintando*, já em Julho, em grandes nodoas pardo-escuras, a revelarem o alastramento vagaroso da secca. (p. 455, AP)

Esses três são apenas exemplos, e não os únicos casos.

Uma última observação: há casos em que, de três ocorrências na mesma página, duas são eliminadas; em outros, várias ocorrências na mesma página persistem; e ainda outros em que uma única ocorrência é eliminada, embora nas páginas próximas não haja outra.

3 | DILATADO (-A, -OS, -AS)

Esse vocábulo sofre também de excesso de uso. Mas seu destino é curioso: ele é sistematicamente eliminado mediante interessantes e variadas substituições só na parte inicial do texto, e depois disso nunca mais o vocábulo é incomodado. Não chega a uma dezena de casos essa substituição encetada com afã mas não levada a cabo, exclusivamente pela 2ª edição e pelo AP, mas bem mais por esta última. As emendas vão das primeiras páginas até apenas pouco mais de um terço do livro.

No conjunto de vocábulos empregados para a substituição, a variedade é tão grande que só uma vez se encontra uma repetição. As emendas são: *dominantes*, *longo(s)*, *estendida*, *elíptica*, *sem fins*, *grande* e *indefinidos*.

4 | ESTRADA(S)

O vocábulo *estrada*, sempre que se refere aos caminhos da região de Canudos, é substituído por sinônimos, mas não quaisquer sinônimos, e sim apenas aqueles que aumentam a precisão do texto. O autor, na qualidade de engenheiro militar, em vários trechos afirma, com base em Jomini, que a maior dificuldade da campanha é a intendência, ou o apoio logístico, devido à falta de estradas. E descreve como grandes proezas as passagens abertas pela Comissão de Engenharia chefiada pelo tenente-coronel Siqueira de Meneses. Então, ele sabia bem, tecnicamente, o que é uma estrada. E se nas três primeiras edições usou abundantemente esse vocábulo, no AP troca-o por sinônimos que acentuam a precariedade delas, como caminhos, veredas e trilhas: estradas é que não eram. É então uma emenda que objetiva a precisão.

Não são muitos casos, e mal chegam a uma dezena. Todas as trocas são feitas no AP.

Tampouco hesitou diante de substituições que acarretassem mais modificações. Trocar *estradas* por *caminhos*, num trecho em que já se fala em *trilhas*, *veredas* e *caminho*, em menos de uma página, exigiu sete outras modificações de artigos e particípios a bem da concordância:

> (....) as estradas: a do Uauá, estrangulada entre os pendores fortes do Caypan; a de Geremoabo, insinuando-se nos desfiladeiros de Cocorobó; a do Cambaio, acidentada, investido com as vertentes do Calumby; e a do Rosário. (p. 187, 3ª ed.)

passa a

> (....) os caminhos: o do Uauá, estrangulado entre os pendores fortes do Caypan; o de Geremoabo, insinuando-se nos desfiladeiros de Cocorobó; o do Cambaio, em aclives, investindo com as vertentes do Calumby; e o do Rosário. (p. 187, AP)

Observação: houve também a correção de *investido* para *investindo*.

Essas substituições não são feitas no texto todo, começando a quase um terço dele e indo até perto de seu fim. Ou, mais exatamente, desde o subcapítulo V do capítulo “O homem” até o final do penúltimo capítulo. Desse modo, um capítulo e meio no início e mais um no fim do livro ficam fora dessa emenda sistemática mas não total.

5 | ESTRANHO (-A, -OS, -AS)

Este é um caso de substituição bem realizada, no sentido de ganhar o texto em precisão e matiz de significado mediante a multiplicação do significante.

Em dezena e meia de casos distribuídos ao longo de todo o livro, com apenas duas repetições, o vocábulo é substituído por uma gama variada de outros, que vão do *enorme* ao *pequeno*, passando por *terrível*, *diverso*, *selvagens*, *angustioso*, *extensa*, *singulares*, *extravagantes*, *completa*, *excepcional*, *desconhecido*, *desordenado* e mesmo uma supressão. As emendas ocorrem todas na 2ª edição.

De fato, *estranho*, enquanto adjetivo, é vago, pouco preciso e encobre falta de clareza. O objetivo colimado aqui é exatamente o da precisão.

6 | GALHADA(S)

Embora de frequência menor no texto, este vocábulo é substituído perto de uma dezena de vezes, com o objetivo de diminuir sua incidência e aumentar sua sinonímia. Os sinônimos são: *esgalhos*, *ramalho*(*s*), *caatinga*, *ramagens*, *macegas*, com repetições.

As substituições são obra do AP.

7 | LHE(S)

A multiplicidade de usos e funções do pronome oblíquo de 3ª pessoa (LHE, LHES) encontra uma boa amostragem em *Os sertões*, onde, mais do que seu uso, se verifica o seu abuso, para o qual José Veríssimo também alertou o autor, no artigo anteriormente citado.

O estilo de Euclides emprega excessivamente esse pronome, o que é comprovável em seu livro mesmo após a exaustiva mondadura que simplesmente o suprimiu (o que prova seu caráter expletivo) ou então o substituiu pelo pronome possessivo *o seu*, *a sua*, *os seus*, *as suas*.

Essa eliminação de *lhe*, por supressão e por substituição, é obra da 2ª edição, só por acaso havendo ainda mais alguma efetuada até o AP.

Essa é uma emenda que vai no mesmo sentido da que anteriormente examinamos, a troca da ênclise por próclise, porque, enquanto forma analítica substituindo a sintética, é sinal de escrita brasileira e até mesmo coloquial. Veja-se, por exemplo, como a frase perde nitidamente seu recorte português e se torna mais brasileira:

> se lhe não salvaria a alma (p. 584, 1ª ed.)
> não se salvaria a sua alma (p. 562, 2ª ed.)

Mas, por um movimento muito comum nas emendas de edição para edição, como já vimos, o AP restaura algumas das lições da 1ª edição. Assim, o AP traz:

> não se lhes salvaria a alma (p. 562, AP)

que nem é a elegante solução portuguesa de anteposição dos pronomes átonos à negação, e de ambos ao verbo (lembre-se o título dos três volumes do legitimista Candido de Figueiredo, O *que se não deve dizer*), e tampouco é a solução mais coloquial da 2ª e da 3ª.

No pequeno subcapítulo VI, penúltimo do livro, em apenas duas páginas e meia, como se pode ver pela numeração dos exemplos, três vezes se faz a mesma eliminação de *lhe* mediante a sua substituição pelo pronome possessivo:

> tarefa de lhes descrever os últimos momentos (p. 630, 1ª ed.)
> tarefa de descrever os seus últimos momentos (p. 608, 2ª ed.)

> firmando-lhe a identidade (p. 631, 1ª ed.)
> firmando a sua identidade (p. 610, 2ª ed.)

> em lhe guardar a cabeça (p. 632, 1ª ed.)
> em guardar a sua cabeça (p. 610, 2ª ed.)

Embora a substituição pelo pronome possessivo seja a mais frequente, também se encontram excepcionalmente outros substitutos, como por exemplo a forma analítica do objeto indireto:

> árvores lhe são velhas companheiras (p. 252, 1ª ed.)
> árvores são para ele velhas companheiras (p. 245, 2ª ed.)

Também se encontra a passagem da forma sintética à forma analítica, voltando depois à forma sintética, tendo sido esquecido o hífen:

> dando-lhe (p. 125, 1ª ed.)
> dando a ele (p. 124, 2ª ed.)
> dando lhe (p. 124, 3ª ed. e AP)

Como é de praxe em nosso autor, o fato de haver uma firme opção de emenda que é exaustivamente realizada – como neste caso, em que mais de centena e meia de *lhe* são eliminados, ou por substituição ou por supressão – não obsta a que ele faça algumas poucas emendas no sentido exatamente contrário. Exemplificaremos com os *lhe* que consideramos expletivos, porque foram

supressos intensamente sem que fizessem falta; alguns deles são restaurados nas outras edições, conforme a lição da 1ª.

exsicar-se-lhe (p. 251, 1ª ed.)
exsicar-se (p. 244, 2ª ed.)
exsicar-se (p. 244, 3ª ed.)
exsicar-se-lhe (p. 244, AP)

A supressão de *lhe* que consideramos expletivo ocorre extensivamente, em cerca de metade dos casos de emenda, como por exemplo em:

descendo-lhes (p. 439, 1ª ed.)
descendo (p. 423, 2ª ed.)

apareceu-lhes (p. 439, 1ª ed.)
apareceu (p. 423, 2ª ed.)

tornara-se-lhes (p. 454, 1ª ed.)
tornara-se (p. 438, 2ª ed.)

Seguiam-se-lhes (p. 483, 1ª ed.)
Seguiam-se (p. 465, 2ª ed.)

8 | POVOADO(S)

A substituição de *povoado* é bem menos feliz. Cerca de uma dezena e meia desse substantivo é trocada por sinônimos no AP, e apenas da metade para o fim do livro. Pode-se observar que o problema era o excesso de uso. Todavia, a substituição é das mais inimaginativas. Por três vezes a troca é por *vilarejo*(*s*), numa delas vindo a ficar a quatro linhas de distância de outro, anterior. Em todos os outros casos aparece invariavelmente o vocábulo *arraial*(*-ais*). Assim, o excesso de uso de um vocábulo transformou-se no excesso de uso de outro, seu sinônimo.

9 | SOLDADO(S)

Este vocábulo, de alta frequência no texto devido à matéria narrada, foi objeto de cerca de uma dezena de substituições no AP, e mesmo uma supressão. Além de ter uma abundante sinonímia ao longo do livro, estas substituições também visam a uma maior variedade de expressão. Os sinônimos utilizados são: *antagonistas*, *expedicionários*, *praças*, *praças de pré*, *companheiros*, *reiuno* e *adversários*, com repetições.

Como seria de esperar, a ocorrência do vocábulo incide sobre os dois terços finais do livro, ou seja, de “A lucta – preliminares” em diante. As substituições são feitas no AP.

Quanto à eliminação dos vocábulos acima examinados, que se destacam das demais substituições e supressões por serem os mais sistematicamente retirados do texto, ainda que sempre apenas parcialmente, é de notar que alguns deles terminam em *-ado* (*-ada*, *-ados*, *-adas*). Este sufixo será alvo de uma eliminação sistemática, feita no AP, conforme veremos a seguir. A terminação nesse sufixo é um motivo concorrente para provocar a substituição ou mesmo supressão de alguns dos vocábulos que acabamos de examinar.

ELIMINAÇÃO DO SUFIXO -ADO (-A, -OS, -AS)

A eliminação do sufixo *-ado* (*-a*, *-os*, *-as*) é a grande obra do AP, quando se comparam suas emendas com as das edições anteriores. De altíssima frequência no AP, ultrapassa de longe qualquer outra; à vista dessa, as demais emendas aparecem como esporádicas e avulsas.

O objetivo dessa eliminação do sufixo é um só: diminuir poderosamente o eco.

Assim, por exemplo, à p. 186 do AP estão anotados à margem em sequência ininterrupta os vocábulos *estendida*, *constrito*, *distantes*, *solitária*, *A uma banda*, que substituem *desdobrado*, *apertado*, *afastadas*, *isolada*, *A um lado*. Com poucas linhas de diferença (p. 28, AP), *esbraseada*, *de pancada*, *pesadas*, *calcinadas* são substituídos respectivamente por *vermelha*, *de súbito*, *espessas*, *incendidas*, destruindo o eco sem que uma só terminação se repita. À p. 76 do AP, "... baixadas apauladas transmudadas...." passa a "... brejos apaulados transmudando-se....", onde a precisão cede o passo à eufonia, e a emenda, ao eliminar o eco, introduz mesmo um pleonasmo.

Esta emenda, portanto, confere uma riqueza extraordinária à camada sonora do texto, substituindo sistematicamente a monotonia do eco por uma enorme quantidade de outros sufixos.

Tal efeito é obtido mediante os seguintes recursos:

1 | POR SUBSTITUIÇÃO INTENSIVA DE DIFERENTES VOCÁBULOS, INDEPENDENTEMENTE DA CATEGORIA GRAMATICAL E, EM CASOS EXTREMOS, ATÉ MESMO IMPLICANDO MUDANÇA DE SENTIDO; ALGUNS EXEMPLOS DO AP:

achapeado / de chapéu de couro (p. 476)
acabrestado / [illegible] (p. 115)
acobreado / [illegible] (p. 476)
[illegible] / feita (p. 9[illegible])
[illegible] / vigoroso (p. 46)
[illegible] / [illegible]idas (p. 87)
encarnado / de carne e osso (p. 190)
[illegible] / às [illegible] (p. 75)
complicado / difícil (p. 605)

pêntpebrarnb(pd8)
aerteirmada r (p. 299)
torturaodo (p. 23)
valados (p. 23)

B | Seja transformando o particípio passado em gerúndio; alguns exemplos do AP:

abeiraddo-se (p. 78)
aberraddo (p. 493)
acamaddo-se (p. 46)
acobertaddo-se (p. 434)
ampliaddo-se (p. 183)
apinhaddo-se (p. 187)
arqueaddo-se (p. 483)
associaddo-se (p. 13)
caracterizaddo-se (p. 219)
debruaddo-se (p. 479)
desvendaddo-se (p. 578)
emaranhaddo-se (p. 167)
empinaddo-se (p. 308)
entaladdo-se (p. 393)
evaporaddo-se (p. 136)
extraviaddo-se (p. 512)
gargarejaddo (p. 495)
iniciaddo-se (p. 80)
isoladdo-se (p. 509)
recortaddo-se (p. 58)
sotopostdo-se (p. 364)
transmudaddo-se (p. 42)

Esta última emenda, dentro do quadro das eliminações do sufixo, constitui o grupo mais coerente, pois sistematicamente transforma o particípio passado em gerúndio. Esta transformação implica uma opção quanto ao aspecto verbal, categoria que diz respeito à duração. No particípio passado, a ação ou estado está terminada, enquanto no gerúndio ela se apresenta em continuidade.

É, portanto, no sentido de uma presentificação do epos que esta emenda opera: tudo está acontecendo no momento da leitura, e não no passado. Assim, esta emenda contribui, e em larga medida, para o efeito de ler-se o processo enquanto ele está ocorrendo, o que é também uma estratégia de envolvimento do leitor. Quando associamos esta emenda às imagens dinâmicas, ou de movimento, tão características do autor, e à metamorfose de elementos inanimados em sujeitos a que se atribuem sentimentos e iniciativas, percebemos o quanto esta emenda concorre fortemente para esse efeito

global.

88 2ª, 3ª abandonadas ao
89 1ª as estranhas formações
91 1ª Lund – se
93 1ª anteriores, que

PÁGINA 20

97 1ª ¶ Mal estudado
98 1ª geográfica – porque
98 2ª, 3ª cordilheiras dilatadas do
101 1ª, 2ª, 3ª amplas ou
102 1ª mas dorsos
103 2ª, 3ª e complanados inscritos
107 2ª, 3ª variegando, sem
110 2ª, 3ª chapadas, imitando
111 2ª, 3ª tanto, têm perturbado aos
112 2ª de Cabral, mais
112 1ª Gorda, alongando-se
115 2ª rechãs, que
118 2ª, 3ª recentes; e no
119 2ª, 3ª sobrepujando-as ou
123 2ª, 3ª planuras alçadas, extensas
124 2ª, 3ª abruptas, cuja forma ressalta como oriunda do
125 2ª para ali, há séculos, as
126 1ª foram, pouco a pouco, reprofundando-as
129 2ª, 3ª planos alteados. E
130 2ª, 3ª variaram na molduragem: aqui

PÁGINA 21

131 1ª apontam rijamente
131 2ª apontam rijamente sobre
135 2ª, 3ª nível os
136 2ª, 3ª *menhirs* colossais ou
138 2ª coliseus, em ruínas
140 1ª lembram aquelas desconformes
146 2ª ¶ É a
152 2ª, 3ª Açuará [*Corrigimos para* Açuruá]
153 2ª, 3ª paisagens, na
163 2ª perturbado
164 1ª norte, nos

PÁGINA 22

169 1ª Paraguaçu – e
169 2ª Paraguaçu e
171 1ª ¶ Transmuda-se
173 2ª, 3ª montanhas desbastadas, e
175 2ª indicando, do mesmo passo, a
179 1ª ¶ Último
180 2ª, 3ª Itiúba, reúne-lhe
185 2ª desvendar, adiante, no
189 ponto, estaca
192 2ª, 3ª trecho, de
200 2ª, 3ª cabeceiras, é
200 2ª, 3ª desmesurado degrau

37 1ª justapõe-se
28 2ª, 3ª atual. A [do século XIX.]
35 1ª ¶ Continuando
38 1ª ¶ Observa-se
39 2ª, 3ª anos, sucedendo-se
43 2ª, 3ª permanece inabordável. ¶ Impressionado
54 1ª ¶ E como
54 1ª como há muito

PÁGINA 46

77 1ª ¶ Porque
78 1ª e talvez
80 1ª interiores, que
82 1ª ¶ Atraído
82 1ª por elas, o
84 2ª passagem, célere, por
85 2ª, 3ª desnudos cuja irradiação intensa lhe
86 1ª chuvas, e como que o repelem, de
86 2ª, 3ª chuvas, e como que o repele, de
90 1ª variantes, – cordas
95 1ª secas, repousa

PÁGINA 47

99 2ª elevada, esclarece
100 1ª sempre, entre
110 1ª datas, fixadas
104 1ª ¶ Sendo
110 2ª orográfica se anteponha
116 2ª superior, na
117 2ª ínfimo, no
127 1ª Apruma-se, a maior e a mais
129 2ª, 3ª entrechocadas, num
130 2ª, 3ª violentos, confundidas as lufadas, alteiam-se

PÁGINA 48

135 1ª numerosos testemunhos
137 2ª, 3ª volvem, repulsadas, ás
138 2ª, 3ª condensadas
139 1ª que, a princípio, não
140 1ª espaços, com
145 2ª, 3ª ribeirões encachoeirados; adensando-se
147 2ª, 3ª passa velozmente a galhada das
152 1ª ¶ A drenagem
153 2ª, 3ª estabelece mais
153 1ª vez desolados, áridos

PÁGINA 49

167 1ª desdobra-se-lhe adiante léguas
173 2ª mimosas enfezadas ou eufórbias
178 1ª ¶ É que
181 1ª matas, ali
182 1ª ¶ Transmudam-se
183 2ª, 3ª tabos, formados pelos
187 2ª, 3ª distendidos

47 1ª imperceptivelmente num

PÁGINA 59 – V

5 1ª, 2ª, 3ª tolhiça ou
8 1ª, 2ª, 3ª os pampas desmedidos
10 1ª, 2ª, 3ª trombas esmagadoras, de
11 1ª, 2ª, 3ª inundações não
13 1ª, 2ª, 3ª rudimentar de
13 1ª, 2ª, 3ª ciperáceas reviçando

PÁGINA 60

49 2ª que parte
53 2ª, 3ª originar
40 ¶ 1ª Os vales
44 1ª, 2ª, 3ª blocos amontoados – de
45 1ª ligam-se, em curvas mais suaves, aos
45 2ª, 3ª se ligam, em curvas mais suaves, aos
46 ¶ 1ª Cai a
46 2ª, 3ª soalheiras que estuam anula-se
47 ¶ 1ª Novos
48 1ª, 2ª, 3ª transparência dos ares salienta
59 1ª, 2ª, 3ª posta, como mediadora entre
60 1ª, 2ª, 3ª as estepes mais áridas

PÁGINA 61

64 ¶ 1ª Desdobram-se
65 ¶ 1ª, 2ª, 3ª Expressos
68 1ª, 2ª, 3ª da depressão
72 1ª, 2ª, 3ª num remoinhar
73 1ª, 2ª, 3ª desnudando-a brutalmente. ¶ Esta
75 1ª, 2ª, 3ª embora já permaneça feito hipótese
78 1ª, 2ª, 3ª morre, e
78 1ª, 2ª, 3ª pólos desolados, a
79 ¶ 1ª Sob esta
81 1ª, 2ª, 3ª únicas, cria uniformidade
83 ¶ 1ª A fatalidade
84 3ª inferiores a de
90 1ª que a repuxa
92 1ª, 2ª, 3ª traço, rarefeito
93 1ª, 2ª, 3ª escalvadas, e
93 1ª lento descair para

PÁGINA 62

96 1ª, 2ª, 3ª Mas, todas
98 ¶ 1ª Em luta
100 1ª adversos mas
111 1ª, 2ª, 3ª liquens, de cujos restos repontam as lecídeas
112 1ª frágeis —; e
113 1ª, 2ª, 3ª as estepes
114 1ª, 2ª, 3ª crescendo, espelhando sucessivas
119 1ª retrospecção – em
120 1ª ciência – emergindo, geologicamente
120 2ª, 3ª ciência, emergindo, geologicamente
127 1ª nós nomeadamente

300 Firmara-se, há muito, o 1ª
300 Firmara-se, desde muito, o 2ª
300 de Monteiro Mascarenhas 1ª, 2ª, 3ª, AP

PÁGINA 107

306 Lancastro 1ª, 2ª, 3ª, AP
306 fundada 1ª, 3ª
309 se sucederam 3ª
309 Nos 3ª, AP
310 ¶ É evidente 1ª
313 para apontar da 2ª, 3ª
313 história intenso povoamento 1ª
313 história farto povoamento 2ª, 3ª
314 amalgando-se 1ª, 2ª, AP
315 de lhe dirimir a influência 1ª
316 jesuítas foram calcados pelo mesmo 1ª, 2ª, 3ª
317 Cumbe, Bom 1ª, 2ª, 3ª
326 mestiçagem, no 1ª, 2ª
327 bárbara agitado pelas 1ª, 2ª, 3ª
328 irrompiam, no 1ª
331 ¶ Causas 1ª
337 ¶ A custo 1ª
339 capelas ou paróquias em 1ª, 2ª, 3ª

PÁGINA 108

344 mestiça, que 1ª
349 ¶ Como 1ª
350 país estranho. ¶ A carta 1ª
353 diverso. A carta 2ª, 3ª
356 motivos, mais frisante e inelutável, sobreleva-se 1ª, 2ª, 3ª
359 ¶ Vimos-lhe 1ª
359 fisionomia estranha: a 1ª
360 território, crispado em serranias 1ª, 3ª
362 acompanham, orlando-a, a 1ª
362 acompanham orlam a 2ª, 3ª, AP
363 ¶ Esta 1ª, 3ª
369 pedras, queimado pelas 1ª, 3ª
370 ¶ Ali 1ª

PÁGINA 109

377 dezenas. A 1ª, 2ª, 3ª
377 ¶ A *tapui-retama* 1ª
378 ¶ As suas 1ª
380 ¶ As *bandeiras* 1ª
383 ¶ Deixavam-na 1ª
388 ¶ Sem nos 1ª
401 *Língua Nacional* 1ª, 2ª, 3ª, AP

PÁGINA 110

412 firmassem, ali, com 1ª, 2ª
413 E ali ficassem 1ª
415 tudo, divorciadas dos 1ª, 2ª, 3ª
417 lugares, observa 1ª
417 uniformidade raro perturbada entre 1ª, 2ª, 3ª

373 1ª triste, serve
375 2ª Caderno, *Lendas*
375 1ª, 3ª *Lendas e Canções*.

PÁGINA 126

377 2ª adormentado. ¶ Encanchado
377 1ª, 3ª adormentado. Escanchado
379 2ª, 3ª desgracioso
382 1ª, 3ª zambica malhado, em
383 1ª mais adiante, mascarado
387 1ª, 3ª touro alentado, inveja
388 2ª redondeza cujas
393 1ª, 3ª lentos, à toada merencória da
394 1ª monótono, ¶ Ê
396 1ª *Êcou, mansaõ...*
397 1ª *Êcou... ê caõ!* [*O aboio saiu com os dois tis deslocados; ver Juvenal Galeno, O boiadão, in* Lendas e canções populares. *Ceará: Tipografia de João Evangelista, 1865, pp. 124-28. Id., ibid., 2ª ed. aumentada com as "Novas lendas e canções" e precedida de juízos críticos. Ceará: Gualter R. Silva Editor, Livraria e Papelaria Fortaleza, 1892, pp. 121-25.*]

PÁGINA 127

414 1ª ¶ É um
415 1ª, 3ª revoltos, misturados e embolados
416 1ª, 3ª aqueles pesados corpos
419 2ª desbordam, de repente, as
419 1ª repente, as
427 1ª, 3ª retilíneo, em
428 1ª ásco monstruoso
428 1ª, 3ª informe e indescritível de
429 2ª ¶ E sobre
429 1ª, 3ª tumulto arrodeando-o ou
434 1ª vaqueiro. ¶ Já se
435 1ª têm aliado, em
435 2ª, 3ª têm aliado em caminho os
436 1ª ¶ Renova-se
439 1ª flancos, senão
440 1ª, 3ª afrouxe o estaque
442 1ª aliado...

PÁGINA 128

453 2ª, 3ª seca, requintam na ociosidade
453 1ª preguiça abençoada. ¶ Seguem
453 2ª, 3ª preguiça abençoada. Seguem
458 1ª, 2ª rudes, apagadas tradições
458 2ª, 3ª das remotas quadras
459 2ª árabes, de
460 1ª, 3ª toda, deslumbrada na
460 1ª nasceu e onde
461 2ª, 3ª interessante, realizada á
462 1ª, 3ª com seus
463 1ª, 3ª matutos deslumbrados. ¶ Nem
467 1ª ¶ Baldos
469 1ª ¶ Encourados
472 1ª ¶ Nas choupanas

93 1ª infelizmente mais

PÁGINA 171

38 1ª ¶ Estes
41 1ª, 2ª ¶ Antônio
42 1ª ¶ Arrastou
43 1ª, 2ª ¶ Percorrera-o
46 1ª ¶ Sabia
50 1ª ¶ E atravessaram
52 1ª profeta. [*Espaço.*] V

PÁGINA 172 – V

1 2ª IV
2 1ª, 2ª, 3ª capelas arruinadas. ¶ Já
9 1ª extensão" (1) cujos tubos eram naturalmente
9 2ª extensão" (.) cujos tubos eram naturalmente
10 1ª vicejantes, em
10 1ª cópia, á
10 1ª beirada
11 1ª, 2ª obscuro – cujo nome
14 1ª ¶ Estava
15 1ª, 2ª, 3ª pousos, e
18 1ª ¶ O aldeamento
20 1ª, 2ª, 3ª ampliado
22 1ª, 2ª, 3ª sagrado, murado pelas montanhas
23 1ª governo execrado. ¶ A
25 1ª, 2ª, 3ª Padre V. F. P. [*Padre Vicente Ferreira dos Passos, antigo vigário da freguesia de Jeremoabo. Ver José Calasans, "Canudos – origem e desenvolvimento de um arraial messiânico", in* Anais do 7 º Simpósio de Professores de História. *Belo Horizonte,1974.*]

PÁGINA 173

30 1ª povoadores. ¶ Vinham das
30 2ª, 3ª povoadores. Vinham das
43 1ª, 2ª, 3ª Assim – se mudavam lares
46 1ª, 2ª, 3ª outros lugares remotos
47 1ª ¶ Os raros
48 1ª, 2ª, 3ª tornadas naquele
48 1ª, 2ª, 3ª sertão, encontravam grupos
50 1ª, 2ª, 3ª lugar, abençoado. Isoladas
51 1ª aliadas
57 1ª, 2ª, 3ª ¶ Documento

PÁGINA 174

63 1ª, 2ª, 3ª ¶ O povoado
68 1ª ¶ Substituía-as
69 1ª casebres, feitos
71 1ª, 2ª, 3ª orientadas
72 1ª construído febrilmente
76 1ª, 2ª, 3ª recepção, e
79 1ª, 2ª gauleses, de
79 1ª ¶ Traíam
80 1ª edificações, em
80 1ª evolutivas, objetivam
83 1ª ¶ O mesmo

84 2ª, 3ª algum modo
84 modo mais
86 2ª, 3ª cômodos apertados, lobrigava
88 banquinhos, com
89 2ª caixas, de
93 2ª, 3ª caruá. No fundo
95 2ª, 3ª imagens cujas linhas duras objetivavam a [*Emenda errada no* AP, *sobrando um "a" à margem,com remissiva entre "duras" e "objetivavam".*]

PÁGINA 175

100 2ª, 3ª forte,
101 2ª, 3ª longo,
102 3ª cheios, pela
103 2ª metade, de
105 2ª, 3ª completas, da de
106 2ª, 3ª escumilha, á
107 2ª, 3ª barra, como uma
108 2ª, 3ª latrina famigerada ou
112 2ª que, – a
113 2ª igrejas – nada
114 2ª, 3ª amplíssima, desdobrada pelas
115 colinas, destinada
115 abrigar, por
119 2ª, 3ª chofre, apertado numa
120 sul, abarcando-o
121 Emoldurava-o, uma
122 2ª, 3ª serranias afastadas, sem
123 2ª, 3ª mate, rasgadas
127 encosta, se via isolada, em
127 encosta, via-se isolada, em
127 (3ª). via-se isolada, em
129 2ª, 3ª Num lado, perto
130 2ª, 3ª arruinada

PÁGINA 176

131 diante, progredindo
131 abarcava
132 ¶ Ali iam ter
134 2ª rolam, acachoando, afluentes
134 efêmeros, tendo, os
137 embatia, ao sul, contra
138 dominado, no ocidente, pelas
138 2ª, 3ª lombadas
141 ¶ As montanhas
141 longínquas, fechavam-se
142 abriam-se-lhes
143 2ª, 3ª passavam as estradas: a do
144 2ª, 3ª estrangulada
145 2ª, 3ª Caipã, a de
146 2ª, 3ª Cocorobó; a do Cambaio, acidentada, investido com
146 2ª, 3ª cerco,
148 2ª, 3ª pendendo, ligadas a
150 chegavam, sucessivas, caravanas
150 ¶ Vinham
152 caminho, divisando, afinal, o

39 2ª sortearam-no
39 1ª ¶ De feito
40 1ª ¶ Estes
43 1ª ¶ Bateram
47 1ª, 2ª, 3ª Açuará [*Corrigimos para Açuruá, conforme linhas abaixo, de acordo com o livro citado.*]
49 1ª Transpuseram-na, por fim. ¶ Adiante, indefinido
49 2ª, 3ª Transpuseram-na, por fim. Na
50 1ª, 2ª, 3ª chapadões, esse maravilhoso
52 1ª Jacobina, em
52 1ª, 2ª, 3ª, AP D. Maria
56 1ª passo adiante. Ultimara-se
56 1ª, 2ª, 3ª uma missão deplorável
59 1ª ¶ A nossa
60 1ª heróis, adquirida

PÁGINA 209

61 1ª ¶ Fez-se
61 1ª, 2ª, 3ª interior: ao lado da sociedade
62 1ª, 2ª, 3ª caracterizada
65 1ª vaqueiro, estale
68 1ª ¶ Nascendo
69 1ª diversificara resume
71 1ª ¶ E a terra
74 1ª ampara-o, de
75 1ª dá-lhe, grátis, em
77 1ª incontáveis na
78 1ª natural, por isto, que
78 2ª, 3ª natural por isto que
78 1ª passado, a
79 1ª Francisco, começasse
80 1ª, 2ª, 3ª todas narrativas
81 1ª, 2ª, 3ª emocionantes que
82 2ª, 3ª formam se
85 1ª ¶ Todo
87 1ª ¶ Dali
87 1ª, 2ª, 3ª algaras arrojadas alugando
89 1ª Província do Brasil” pelo

PÁGINA 210

96 1ª, 2ª culminando-as
103 1ª obscuro povoado tem, ali, a
103 2ª, 3ª daqueles povoados tem
106 1ª ¶ É[illegible]a, ¶ A sua
108 1ª, 2ª, 3ª gruta caprichosa, cujo interior recorda a
109 1ª te[illegible]do, pendidos dos tectos, grandes
115 1ª, 2ª, 3ª que em considerável cópia jazem no
116 1ª observa, de
117 1ª, 2ª, 3ª singular. Facas
120 1ª bandoleira. ¶ Cai, genuflexo, fronte
120 2ª, 3ª bandoleira. Cai genuflexo, fronte
122 1ª cabo, cumpre
124 1ª, 2ª famoso, em cuja coronha
125 1ª, 2ª lembram
125 1ª ¶ Sai
126 1ª, 2ª, 3ª tributo pago. Amatula-se

42 1ª muitíssimo desfalcado. Entretanto
43 1ª, 2ª, 3ª quinhentos e
46 1ª mínimo em
46 1ª real cumpria
50 1ª Conselheiro, sugeriam
52 1ª, 2ª da invasão. ¶ Ainda
52 3ª da invasão. Ainda
55 1ª vila, acotovelavam
56 1ª ¶ Uma

PÁGINA 245

60 1ª combate, em
61 1ª ¶ Assim
63 1ª, 2ª ¶ Abandonando
66 1ª, 2ª ¶ Desarmava-se
67 1ª, 2ª ¶ Afrontava-se
70 1ª, 2ª, 3ª tais incorreções se
70 1ª, 2ª, 3ª outras
70 1ª, 2ª, 3ª completa incompreensão da
74 1ª há rastrear-se-lhe a
77 1ª, 2ª, 3ª de seções, de
78 1ª ¶ Adstrito
84 1ª, 2ª, 3ª dessa subordinação a
84 1ª, 2ª, 3ª das velhas noções clássicas
88 1ª ¶ Entre
90 1ª batina em
92 1ª vem estonteador de
94 1ª ¶ Eram
94 1ª, 2ª ¶ Contra

PÁGINA 246

96 1ª, 2ª ¶ Não havia
96 1ª, 2ª, 3ª havia mesmo a
97 1ª ¶ A luta
103 1ª, 2ª ¶ Função
105 1ª ¶ Nela
105 1ª surgir tumultuariamente
105 2ª, 3ª surgir tumultuariamente fundidas
108 1ª combate. A expedição, marchando
108 2ª, 3ª combate. A expedição marchando
115 1ª inermes, carregando
115 1ª ¶ Ora
116 1ª ¶ Por mais
119 1ª, 2ª, 3ª temperamento, agindo
122 1ª, 2ª, 3ª revolto de uma
123 1ª corajoso diante do
126 1ª, 2ª ¶ Assim
127 1ª anormais, era

PÁGINA 247

133 1ª isoladas. ¶ Tal disposição além
133 2ª, 3ª isoladas. Tal disposição além
134 1ª atear-lhes
137 1ª facultava-lhes

137 ¶ 1ª Embora
140 1ª, 2ª, 3ª circunstância da ocasião, impunha-se
145 1ª vitória do
150 ¶ 1ª Partiam
159 1ª f[illegible]teis, sombreado de

PÁGINA 248

161 1ª, 2ª, 3ª atingir
167 ¶ 1ª Ascendiam
167 1ª sapadores adiante reparavam
170 1ª tropa, cujas condições de sucesso residiam na
173 ¶ 1ª Torna-se
174 1ª onde descem os
175 ¶ 1ª, 2ª A bacia
177 ¶ 1ª, 2ª, 3ª A expedição
179 ¶ 1ª, 2ª Foi uma
179 ¶ 1ª O acampamento
181 ¶ 1ª, 2ª Felizmente
182 1ª, 2ª, 3ª franco do norte
184 ¶ 1ª As estradas
185 1ª alcançando-se
190 ¶ 1ª Tornava-se
191 1ª, 2ª, 3ª a passagem; restos
191 1ª fogueiras, á
191 1ª caminho, e
192 ¶ 1ª, 2ª Em Mulungu
193 ¶ 1ª Alarmou-se
193 1ª, 2ª, 3ª Tinham-se revelado, próximos
195 ¶ 1ª Os soldados
195 1ª, 2ª, 3ª dormiram sob as armas
195 ¶ 1ª, 2ª Em
197 1ª objetivo, que
201 ¶ 1ª, 2ª Isto valia

PÁGINA 249

202 ¶ 1ª, 2ª, 3ª Prosseguir
202 1ª léguas adiante, era
203 ¶ 1ª Era
209 1ª Jesuíno. ¶ Este norteou as
209 2ª, 3ª Jesuíno. Este norteou as
215 ¶ 1ª Demarcavam

PÁGINA 250 — III

3 1ª sucessivos lembrando
5 1ª São vulgares
6 ¶ 1ª, 2ª As lendas
12 1ª, 2ª, 3ª institutos, em cujos recintos se
13 ¶ 1ª Frios
15 1ª pasmos, diante de ¶ “serras
21 1ª, 2ª, 3ª cuja ossatura se
24 1ª, 2ª, 3ª *Revista do Inst. Hist. e Geog. do Brasil.*

PÁGINA 251

28 1ª dentro, uma

PÁGINA 258

26 1ª, 2ª, 3ª foi aferroada por
26 2ª por todos os lados! ¶ Reeditou-se
26 3ª ¶ Reeditou-se
27 ¶ Abandonando
30 1ª fosse sinal
31 2ª, 3ª disparo fosse sinal
33 1ª, 2ª, 3ª réplica, feita logo
35 ¶ O arremesso
38 1ª, 2ª velozes, nas
43 1ª frente, mamaluco
43 2ª, 3ª frente mamaluco
44 1ª, 2ª, 3ª asas – cuja envergadura
44 1ª, 2ª, 3ª sobressaía
45 1ª, 2ª ¶ Este
46 1ª, 2ª, 3ª ¶ Perdeu-se-lhe
46 1ª ¶ Mas não
55 1ª ¶ Animou
57 1ª ¶ E a

PÁGINA 259

61 1ª, 2ª ¶ As cousas
62 1ª ¶ Apenas
63 1ª, 2ª ¶ Novamente
68 1ª morte, há muito
68 1ª ¶ Renovavam
70 1ª, 2ª ¶ Volviam
73 1ª peripécias, num reproduzir fatigante
75 1ª bater; vencido
78 1ª, 2ª, 3ª golpes, forças
80 1ª, 2ª, 3ª ousa avançar
81 1ª, 2ª aferradamente para a frente, deslocando
83 1ª talvez, na
88 1ª, 2ª, 3ª combalidos, cujos movimentos, ademais, perturbavam-nos cerca
92 1ª impôs-se, urgente, inevitável.
92 1ª, 2ª, 3ª ¶ Reunida
92 1ª Reunida, em plena refrega, a

PÁGINA 260

103 1ª, 2ª, 3ª ¶ A tropa
105 1ª ¶ Tingira-se
106 1ª batendo-lhe de chapa a superfície
112 1ª ¶ Mas o
112 1ª investir, de arranco, com
115 1ª ¶ Algum
117 1ª e prevendo
121 1ª ¶ A meio
122 1ª, 2ª ¶ Atirando
125 1ª, 2ª ¶ Ora
127 1ª, 2ª ¶ Os jagunços
128 1ª apercebiam
130 1ª, 2ª, 3ª Dr. Everard Albenazzi [*Dr. Edgar Henrique Albertazzi. Ver José Calasans, “As memórias do dr. Albertazzi”*. Jornal da Bahia, *12/03/1963*.]

PÁGINA 261

134 1ª, 2ª, 3ª mortos – feito uma
135 1ª ¶Um assombro
135 1ª sombreou, então, nos
138 1ª, 2ª, 3ª Precipitaram-se, debandados, desapoderadamente
138 1ª desapoderadamente para
139 1ª originando um alarme espantoso
142 1ª, 2ª ¶Quebrou-se
152 1ª, 2ª, 3ª encerrá-las naquelas
152 1ª Subiu, com
153 1ª fiéis, para
153 1ª, 2ª, 3ª andaimes da
161 1ª ¶A desordem

PÁGINA 262 – V

5 1ª conquistando, a
6 1ª armas, todas
10 1ª, 2ª, 3ª ¶Os soldados
12 1ª enfraqueciam-lhes
15 AP cercavam sobre feixes
16 1ª e diante desta
21 1ª ¶Legítimo
21 1ª se acolchetavam

PÁGINA 263

26 1ª aprumando-se com
27 1ª sílex, á
32 1ª abrigasse, neste
33 1ª, 2ª, 3ª táticos e nem mesmo a
33 1ª, 2ª, 3ª clássica disposição em
36 1ª, 2ª, 3ª pendera inteiramente a
40 1ª, 2ª, 3ª como os soldados, em
41 1ª penetraram, de novo, nas
42 1ª ¶Ali
43 1ª, 2ª, 3ª gargantas ou
44 1ª, 2ª, 3ª encosta, feito um releixo
44 1ª releixo, sobre
44 1ª, 2ª, 3ª sobre abismos
44 1ª entalando-se, mais adiante, entre
46 1ª, 2ª, 3ª huços e estirados sobre
50 1ª, 2ª, 3ª entre a multidão
52 1ª, 2ª, 3ª Não caíam mais
52 1ª mais, em chusma, sobre
53 1ª altos deixando
54 1ª ¶Esta
55 1ª, 2ª ¶O Curiboca
55 1ª, 2ª, 3ª curiboca cuja lazarina se partira ou
56 1ª, 2ª, 3ª torno e
56 1ª ¶Ali
58 1ª desencadearam

PÁGINA 264

62 1ª declive e despenhando-se
67 1ª ¶As fadigas

desastre, avolumando
se criara
tinha renome
¶ Os heróis
Digo, ou
¶ De figura
frágil, agravava-lhe

PÁGINA 275

inexpressiva, mórbida
Nada absolutamente traía
provas naquele
firme pálido
se lhe expandia
cólera, e
deixando-a, sempre, fixamente
viam custavam a admitir
brilhante ou
¶ Não tinha
¶ Naquela
se entrechocavam
¶ Era
vingativo e ambicioso
¶ Um único
homem percebeu-os ou decifrou-os bem
Lápis X, AP
seria, porém, imperdoável
entretanto imperdoável
¶ Assim
desequilibrado em cuja alma
se esvaía

PÁGINA 276

a serenidade partia-se-lhe rota
¶ E se
acompanhar-lhe a vida
desdita, feição original
interessante, feito numa sucessão
interessante, expressa numa sucessão
tolhida a tempo
dera-lhe relevo á energia
¶ Um jornalista

PÁGINA 277

com, cujos assentamentos havia já, averbados
¶ E foi
o atentado acarretou-lhe
combate, semelhava um
¶ Nos dias
¶ A sua
¶ Em 1893
Floriano, destacou-o, armado
discricionários, para
com

…da. Esta

Santuário, pequena

¶ Quedava

¶ Erguia

PÁGINA 289 – II

tropas, a

¶ Eco consoante

ordem de detalhe.

que

o tenente-coronel

voz de ensarilhar

de coluna de marcha.

PÁGINA 290

noite, a

¶ Mas não

¶ A surpresa

¶ Retumbaram

fundo, ao

comandante, retido, numa

próxima, por

Cajazeiras, duas

secando ao Sol, as

incêndios, quando se não alastram estes, espontaneamente, no

caso não se alastram estes, espontaneamente, no

Completa-se, então, a

PÁGINA 291

tal, que

Cumbe, ao

Glória, ao

Jeremoabo, a leste

leste a

Conto, a

absorvendo-lhes

punha salteadamente flexíveis

espinheirais que

¶ Procurou-se

¶ A operação

porém, cujos efeitos

bater estacas, cujas pancadas fizessem penetrar os tubos, haviam

léguas na frente. ¶ A

PÁGINA 292

curvados pelas armas

interregno, território

inimigo… ¶ Porque o tropear

inimigo. ¶ Porque o tropear

desbatiam

como, e

afogavam, imperceptíveis

Arrebanhavam-nos – em

desvios, olhares felinos afeitos às tocaias – os

¶ Abatidos
¶ Seguiam
Mas por fim pararam
¶ Foi uma
¶ Enregelada
¶ Cinzas
precípite fuga. ¶ Ficaram
precípite fuga. Ficaram
fazia afinal alcançado
sem cair durante
¶ Aquele
cercanias: uma
arbustos ou
redoiços: fronteando

PÁGINA 293

pouco afastada, a
¶ Estava
março, porque a alta se prolongou até a manhã de 2, precisamente
naquele aguaceiro, de
despenteada, armas
soldados a desencontradas vozes
acaso, atrapalhadamente. ¶ E
acaso, atrapalhadamente. E
naquela disparada, era
reunidos os batalhões, formaram, marchando para
acampando, dentro
José Américo C. de Souza Velho [*Coronel José Américo Camelo de Souza Velho, proprietário, entre outras, da fazenda Ilha, primo do barão de Jeremoabo. Ver José Calasans, “Cartas de um antijagunço”*. A Tarde, *série “Quase biografias de jagunços”, Salvador, 03/10/1882*.]

PÁGINA 294

adrede modelado a
quilômetros e
¶ Como
disposições
¶ Ali
¶ Apresentaram-lhe
¶ Surgeria
¶ Desse
¶ A tropa
exploradores, montados

PÁGINA 295

fortemente vincada de
bromélias; riçada de
regatos de leitos em caixão derivando
paragens
¶ O solo
repelira-os; permanecendo
¶ Em roda
se expandia o
se lhes estiram
engalhadas nuas

743 disparando, apontadas ao
744 que a precediam
749, 3ª ¶ Uma
750 cavalo, junto
751 rebatida
753, 3ª flancos, circulada pelos
757, 3ª prosseguir imediatamente, vencendo

PÁGINA 360

764 ¶ A expedição
766, 3ª único comboio, dividira-se
771, 3ª ânsia desesperada da
777, 3ª inúmeras e
785 ¶ Os expedicionários
786, 3ª perseguidora, contra
789, 3ª disperso, na
790, 3ª emboscada com
791, 3ª fileiras embaralhadas, quando
792 bombardeio, que
792 que estrugia a
792 correu, vertiginoso
793 chão, como

PÁGINA 361

802, 3ª projetados, sem
803, 3ª região desconhecida sobre
804 réplica, alvejando
804 encostas, era
808 prosseguirem para diante, aventurando-se
810 perigosa, aguardando
811 única, foi
812, 3ª adversário, cujo ataque no fim
812, 3ª amorteceu
812 cessou, inesperadamente
813, 3ª desenvolvida
814, 3ª direita e tendo
814, 3ª que tomara posição pela madrugada; a
814 artilharia, alinhada adiante, sobre
814, 3ª artilharia alinhada próxima
816 rápido, centralizada pelo Withwort
816, 3ª rápido centralizada pelo Withwort
816, 3ª cuja vanguarda fora entregue ao 30º do
818 batalhão, quando
822, 3ª desenvolvido
826 sanga, menos

PÁGINA 362

832, 3ª ¶ Porque inopinada
834, 3ª lhes dera
837 adormecidos... ¶ Era uma placidez enganadora, porém. Os
838, 3ª haviam realizado o plano que
839 ¶ Tendo
840, 3ª restava-lhes de
841 ¶ No dia imediato, assaltariam

405 2ª …madas, cuja disposição
416 1ª, 2ª anteriormente esboçamos: surgindo
416 3ª anteriormente esboçada: surgindo
423 2ª …empenharam
426 2ª ¶ Os batalhões
426 1ª, 3ª desdobrados
427 1ª, 3ª impetuosamente pelas lombadas das
428 2ª ¶ Galgaram-nas
428 2ª E…ram-lhes, adiante e em
432 2ª ¶ O campo
433 2ª, 3ª adversário: galgado qualquer
435 1ª, 2ª num emaranhado de
441 1ª, 3ª dispersas pelas lombadas, partiam
444 2ª esmagada diante de um
445 1ª, 2ª no topo, estacara
445 2ª estacara diante de

PÁGINA 381

448 1ª, 2ª, 3ª sucessivamente dous
450 1ª, 2ª, 3ª grandemente desfalcada, ás
451 2ª imprevista, aquela
459 1ª, 2ª ¶ O campo
463 2ª alcançavam-lhes
463 1ª, 2ª ¶ Batidos
466 2ª reproduzirem, adiante, a
469 2ª ¶ O comandante
471 2ª ¶ O do
473 1ª, 2ª, 3ª mortífero recontro de
480 2ª ¶ Estas

PÁGINA 382

485 2ª nova. ¶ Estava
489 1ª, 2ª ¶ S…madas
491 2ª lugar. ¶ Tudo, porém, delatava
503 2ª ¶ Um piquete
509 2ª …ultimando
509 1ª, 2ª, 3ª uma jornada de
511 2ª caráter estranho da
515 1ª, 2ª, 3ª esperançada

PÁGINA 383

519 2ª ¶ A nova
531 2ª descendo-lhes
532 2ª apareceu-lhes
532 1ª, 3ª notificando-lhes, a mandado do
534 2ª ¶ A nova
536 2ª ¶ Este
538 1ª coluna. ¶ Diante do novo recado, e das informações
538 2ª coluna. Diante do novo recado, e das informações
539 2ª novo recado, e

PÁGINA 384

554 1ª, 3ª danificados ou saqueados pelos
556 2ª ¶ Firmou-se

53 1ª, 2ª toda a ordem [*Espaço.*] IV

PÁGINA 385 — IV

2 1ª, 2ª horrores mas
3 1ª franco, o
12 1ª ¶ O heroísmo
15 1ª, 2ª, 3ª vencidos; impiedosos
17 1ª, 2ª, 3ª ¶ De sorte
18 1ª, 2ª quando carecessem
18 1ª soldados, não
18 1ª, 2ª subtraírem
20 1ª, 2ª, 3ª militas; cuja urdidura dramática se recama por

PÁGINA 386

27 1ª, 2ª, 3ª unidos porque
28 1ª, 2ª, 3ª impertérritos porque
29 1ª, 2ª, 3ª encurralados, recalcados á bala
31 1ª, 2ª, 3ª no amontoado das
37 1ª, 2ª, 3ª ¶ A primeira
41 1ª, 2ª, 3ª de desalentados sob
50 1ª toda a parte
51 1ª, 2ª, 3ª enxurrada
54 1ª ¶ Aquela
54 1ª sangue era
56 1ª ¶ Considerando-a
59 1ª Apagavam-se, uma a uma, as
60 1ª, 2ª, 3ª retumbantes. Ali estavam

PÁGINA 387

69 1ª polícia quarenta
69 1ª, 2ª Fora e voltara
73 1ª, 2ª, 3ª perigosa estrada do
74 1ª, 2ª sertanejos ou
77 1ª, 2ª tempo aparelhara aqueles com
82 1ª, 2ª, 3ª vitoriosos alarmados, que
83 1ª replicavam. ¶ Porque não havia como replicarem. A
85 1ª, 2ª, 3ª fileiras enleadas. Um

PÁGINA 388

100 1ª, 2ª, 3ª se verificaram
107 1ª, 2ª, 3ª tinham arrastado o
107 1ª, 2ª, 3ª se antolhava
112 1ª, 2ª, 3ª cargueiros, lançados por
122 1ª inteiramente a
125 1ª ¶ De sorte
127 1ª emparcada adiante, a
127 1ª, 2ª, 3ª do povoado. Punha-se

PÁGINA 389

132 1ª acampamento, até
145 1ª, 2ª, 3ª mestras, acumulados nas
150 1ª ¶ Rugiu
151 1ª ¶ Perdiam-se, adiante, nos
153 1ª, 2ª proveio principalmente

PÁGINA 399

482 2ª desdobrava-se-lhes adiante, á
486 2ª ¶ Compartia
490 2ª conjecturas. ¶ Presa, porém, nos
494 2ª, 3ª sentindo agravada a
494 2ª precária a
495 2ª ¶ Surgiam
500 2ª comando em chefe, cuja absolvição
503 2ª tinha-lhe
503 2ª cargo, a confiança
504 2ª, 3ª ¶ E empunhando
511 2ª ¶ Não havia
513 2ª ¶ Um deles

PÁGINA 400

529 2ª, 3ª Perturbavam-se, então
530 2ª, 3ª ¶ E contavam
532 2ª ¶ 6 mil
536 2ª, 3ª ¶ Nada
537 2ª, 3ª ruínas desoladas, ermas
539 2ª, 3ª ondulada
543 2ª tinha-se, adiante, o
542 2ª, 3ª [illegible]
549 2ª acendiam

PÁGINA 401

553 2ª, 3ª Mas, lentas, intervaladas
556 2ª, 3ª notas suavíssimas
557 2ª ¶ O sineiro
562 2ª, 3ª rastilho pelo povoado. Alastrava-se
562 2ª praça e deflagrando dali para
562 2ª, 3ª praça e deflagrando
563 2ª, 3ª norte, abrangia-as
564 2ª ¶ Fazia
564 2ª ¶ O silêncio
565 2ª, 3ª descia, logo, subitamente, sobre
565 2ª soldados apercebiam, então
565 3ª soldados percebiam, então
572 2ª, 3ª tinham, na maioria, mal apagadas na
575 2ª ¶ As próprias
579 2ª, 3ª ¶ Tudo
579 2ª, 3ª Aceitam mesmo a
581 2ª núcleo, de
581 2ª chumbo, mais
582 2ª, 3ª rapidamente que
582 2ª camisa, de
585 2ª, 3ª ¶ Tais fatos

PÁGINA 402

591 2ª ¶ No dia
592 2ª pelo
595 2ª Havia, permanente
595 2ª espíritos, o
598 2ª, 3ª emboscadas e os

22, 2ª, 3ª efêmeros em cujos leitos
22, 2ª, 3ª seixos, tênues
24, 2ª, 3ª atmosfera exsicada, no
24, 2ª pressentia

PÁGINA 429

53, 1ª, 2ª ¶ Assim
37, 2ª, 3ª impropriados
47, 2ª grupos, esparsas
48, 2ª, 3ª caminhantes isolados. ¶ Os
53, 2ª dissolvendo-se pelas estradas. ¶ Alguns
53, 3ª dissolvendo-se pelas estradas. Alguns
55, 2ª, 3ª ficar, enervados, á
56, 2ª, 3ª de cansaço – enquanto
58, 2ª batiam atrevidamente os
60, 2ª, 3ª espinhos

PÁGINA 430

63, 2ª ¶ A ferocidade
66, 2ª, 3ª mesma estrada que
66, 2ª, 3ª haviam atravessado, impávidos
71, 2ª, 3ª insinuando-se, estrangulada, entre
73, 2ª, 3ª reviam-lhe, assombrados, os
76, 2ª caminho, debruadas de
77, 3ª debruadas
78, 2ª, 3ª recordando
91, 2ª, 3ª mantas encarnadas – como
94, 2ª, 3ª montanhas desbastadas pelos
95, 2ª, 3ª mostra, rompente, a

PÁGINA 431

103, 2ª paupérrimas portas
103, 2ª, 3ª portas, escancaradas para
104, 2ª, 3ª descolmadas, vazias
109, 2ª, 3ª vãos dos telhados – olhos
110, 2ª macegas; ou
113, 2ª, 3ª escuros, esfomeados, rechiantes
113, 2ª ¶ Arrimavam-se
120, 2ª ¶ Os mais
125, 2ª, 3ª líquido somente renovado de
126, 2ª chuvas passageiras

PÁGINA 432

132, 2ª ¶ Vinham
137, 2ª ¶ A turba
139, 2ª montaria
141, 2ª ¶ Depois
144, 2ª ¶ Enquedavam-se
149, 2ª ¶ Viam-se
153, 2ª ¶ E a
159, 2ª alucinações estranhas. ¶ A
161, 2ª espoletas
162, 2ª, 3ª zurra inopinada; e

PÁGINA 450 — VIII

¶ Reconhecida
operações, como imediato representante, um
secretário dos
armado, repentinamente
generalizou
massa. As tropas
¶ Nessa
¶ A antiga
ardente, a
longamente afastados, os
raça, volviam
¶ A Bahia
¶ Transfigurou-a

PÁGINA 451

¶ As inúteis
que lhes nasciam nas fendas das muralhas
que lhes rugiam nas ameias
dirigidos
com
combatentes comandados
tenente do estado-maior de 1ª classe Cândido
oficiais, repartidos
seguiu
frente, sob
Guerra, constituíram uma
gosto, foi gasto em

PÁGINA 452

plebeia, se
[illegible]
¶ Tinha
políticos baralhavam aquelas, retraía-se cautelosamente
de lado. Não
partidário

PÁGINA 453

decretos, velhos
Quem se lhe abeirasse
longas tiradas cruelmente
intermináveis detalhes sobre
Ordem e
flamívomos e oradores
¶ Ouviu-os
indiferente ou contrafeito
¶ Não sabia
disto
Recém-chegados
dispensando
pudessem apenas á vista o
¶ Eram
¶ Foi numa
impressionador. ¶ Imaginem-se

esperanças e desalentos
ondulação adiante, via-se
longo, extremado por um alvo – a
¶ Perto
caligrafia aleijada e

PÁGINA 466

¶ Eram
mascarando-as [*Hersílio Ângelo recomenda a lição* mascarando-as, *conforme a 12ª ed., preparada por Fernando Nery, e conforme* mascarras, *vocábulo empregado pelo autor, à p. 537 desta edição*.]
camisas, enfiava
outra demarcada pelos postes
do povoado. Salta-se
transpõe-se
logo adiante, á
¶ Viam-se
¶ Sentiam-se
sensação amargurada de
estava, adiante, para

PÁGINA 467

chapadas, em cujo extremo, ao
pátria cujos filhos lhe procuravam o âmago armados
despedaçando-lhe as entranhas
montanhas desabadas, escancelado em
montanhas desabadas, escancelada
¶ A realidade
¶ Os novos
povo estranho de
haviam chegado a
fuzilarias; haviam cessado os
intento que

PÁGINA 468

denunciar afrouxamento
feitos, acompanhadas dos
cruzavam-se-lhes
quepe de soldado, apanhado
que encobria
rosto procurando
rasgos
sem lhe destruir
jurídico perturbados

PÁGINA 469

granada. ¶ Lançadas na
¶ Respondia
¶ E as
capim de enfiada, quase
¶ Num dado
momento, ao
Chamblain, interrompeu
Chamblain interrompeu
¶ Tomou-a

531 bordas, se viam as
515 ¶ A marcha
505 fora-lhes

PÁGINA 481

519, 2ª, 3ª Cabumbi, ainda não trilhado. E
520 ¶ Um desastre
524, 2ª, 3ª insucesso, porque
528, 2ª, 3ª Capoé, em cuja beira alvejavam
533 ampliara-se e rasgara-se
538 segura, cujo trecho
538, 2ª, 3ª grande, desmesurado semicírculo

PÁGINA 482 — II

19, 2ª, 3ª alcançou-a
20, 2ª, 3ª afogueado de
22, 2ª, 3ª tornados, folgados e
24, 2ª, 3ª meses, esboroada pelos

PÁGINA 483

27, 2ª, 3ª rebaixado, longamente espaçados, os
33, 2ª, 3ª rapontavam
34 ¶ A luta
35 até ao fim
35 ¶ Avantajando-se
42 ¶ A escala
42 linha da Boa
42, 2ª, 3ª várzea desafogada rodeada
44 ¶ O terreno
44, 2ª, 3ª avermelhado
44 grosseiro de
45, 2ª, 3ª de camadas exageradamente inclinadas
48, 2ª, 3ª alado
49, 2ª, 3ª pouco altas
50 logo adiante metendo-se
51, 2ª, 3ª pouco elevadas e
58, 2ª, 3ª entrada de
59 ¶ Era
59 última parada. ¶ No outro
59, 2ª, 3ª última parada. No outro
60, 2ª, 3ª ¶ A paragem
60, 2ª, 3ª sobrio, decorada de

PÁGINA 484

62 ¶ Pelas
62 alteavam
62, 2ª, 3ª ocas, esgalhadas, cruzando-lhe
70, 2ª, 3ª encurralado não
70 completa quietude. ¶ Mas
70, 2ª, 3ª completa quietude. Mas
72 parecessem os
74 paz. Mas despertou toda
75 pânico. ¶ Estourara-lhe, pelo flanco
75, 2ª, 3ª pânico. ¶ Estourara, no

PÁGINA 499

202 1ª, 2ª tranqueiras, em cujos intervalos não
203 1ª, 2ª, 3ª haste
203 1ª, 2ª, 3ª acampamento, á
204 1ª, 2ª, 3ª negra, centralizada
204 1ª, 2ª, 3ª norte, as
207 1ª Várzea
208 1ª, 2ª, 3ª noroeste guarnições
209 1ª, 2ª, 3ª da estrada do
211 1ª, 2ª, 3ª que fragmentada, traçara-se

PÁGINA 501 — ÚLTIMOS DIAS

3 1ª, 2ª O
3 1ª, 2ª prisioneiros. II. – Depoimento
5 1ª, 2ª testemunha. III. – Titãs
8 1ª, 2ª nova. IV. – Passeio
10 1ª, 2ª Canudos. V. – O assalto
12 1ª, 2ª diário. VI. – O fim
14 1ª, 2ª Conselheiro. VII. – Duas

PÁGINA 503 — I

4 1ª, 2ª, 3ª das, indomável
6 1ª, 2ª, 3ª mais inopinados ataques
8 1ª ¶ Começaram
16 1ª, 3ª diversas para
19 1ª, 2ª paliçadas, que
21 1ª, 2ª, 3ª agitada
20 1ª, 2ª, 3ª do povoado, atravessando-o
23 2ª, 3ª, da
23 1ª, 2ª repelida; caía
25 1ª, 2ª, 3ª serpeando

PÁGINA 504

29 1ª, 2ª, 3ª quietude
33 1ª aproava, adiante, na
35 1ª correndo, numa
36 1ª Tombavam-lhes, logo
36 1ª revessados
38 1ª, 2ª ¶ Desciam
39 1ª, 2ª, 3ª Repontavam, inopinadamente
42 1ª se lhe sucediam
47 1ª imprudentes. ¶ Foi determinado de
47 2ª, 3ª imprudentes. Foi determinado, de
49 1ª inimigo dava-o eloquentemente. ¶ Despovoaram-se
51 1ª, 2ª, 3ª de cuidados, fraldejavam-nos
52 1ª curvando-se e
53 1ª transpondo, aos pinchos, os
53 1ª Tornaram-se, outra vez, dificílimas
54 1ª montavam, ao
60 1ª ¶ E não

PÁGINA 505

69 1ª, 2ª, 3ª mais abrigadas; resvalando

573 …elegantes e
574 …ui, ali
575 …riosos, os circulavam, díspares
579 …entos de

PÁGINA 547

591 …entrou

PÁGINA 548 – VI

1ª*
5 …etas e
6 …arquia já
12 predispunham
13 ¶ Chamou-se

PÁGINA 549

43 …iança, diante dos
45 de lhes descrever os últimos
49 …ertigem. ¶ Ademais
51 …contassem mulheres
55 …colhidos

PÁGINA 550

63 …espalhado algumas
67 azul, de
73 …mando-lhe a identidade
78 …n lhe guardar a cabeça
80 …spada jeitosamente
84 Que a

PÁGINA 551 – VII

1ª
5 Fim

APÓS A PÁGINA 551

1 CORRIGENDA
Escaparam á revisão vários enganos: *as vezes, á pranchadas, a maneira de, á outros e identicos; suplectivo, pittoresco, paysagem, lugar, obcessão, expontaneo, escusado, encombente*, (por *incombente*), *igual*, etc.; alguns sem serem erros, perturbam a uniformidade graphica: *mobilizar, centralizar, organizar, razo*, etc. Uns e outros, de prompto percebidos pelo leitor, dispensam as correcções correspondentes. Apontemos apenas estes: À p. 10 – leia-se *quasi abarcaria a Hollanda* e não *abarcaria a Hollanda*. À p. 83 – *Fenton* – e não – *Fulton*. À p. 96 – *Bruzzo Spinosa* – e não – *Bruno Spinosa*.

PÁGINA 553

3 NOTAS À 3ª EDIÇÃO
[*Estas notas saem inicialmente na 2ª ed., com o título "Notas á 2ª edição" e se repetem na 3ª ed. e* AP *com o título "Notas á 3ª edição".*]

PÁGINA 554

28 …3ª, AP

PÁGINA 559

22, 3. Ao

(*Dicª Contº, de Aulete*)

INTRODUÇÃO

1 Euclides da Cunha, *Os sertões*, edição didática preparada por Alfredo Bosi, com cotejo e estabelecimento de texto por Hersílio Ângelo. São Paulo: Cultrix, 1973, p. 23.

2 Usaremos nas citações o sinal de interpontuação (....), ou seja, quatro pontos entre parênteses, para indicar trecho suprimido.

3 Edições críticas de: *O Ateneu*, por Afrânio Coutinho (in *Obras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / mec, 1981, v. ii); *Memórias póstumas de Brás Cubas*, pela Comissão Machado de Assis (Rio de Janeiro: inl, 1960); *Memórias de um sargento de milícias*, por Teresinha Marinho (Rio de Janeiro: inl, 1969) e por Cecília de Lara (São Paulo: ltc, 1978). Para autores modernos, ver edição crítica de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, por Telê Porto Ancona Lopez (Rio de Janeiro / São Paulo: ltc / scct, 1978), e edição fac-similar das obras de Antônio Alcântara Machado, *Pathé-Baby*, *Brás, Bexiga e Barra Funda* e *Laranja da China*, por Cecília de Lara (São Paulo: Convênio imesp / daesp, 1982).

4 Francisco Venâncio Filho, *Euclides da Cunha a seus amigos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938, p. 79, e *A glória de Euclides da Cunha*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940, p. 63. Ver "Epistolário" in *Euclides da Cunha: obra completa*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1966, v. ii, que incorpora as cartas anteriores e acrescenta mais 25.

5 Olímpio de Sousa Andrade, *História e interpretação de* Os sertões. São Paulo: EdArt, 1966, 3ª ed, p. 299.

6 Foi preciosa a contribuição de Erthos Albino de Souza para o estudo dos espaços raspados, bem como para outras achegas ao longo do trabalho.

DESCRIÇÃO DOS EXEMPLARES

1 Nosso exemplar de trabalho tem o miolo perfeito, mas perdeu a capa e recebeu outra encadernação. Conhecemos dois tipos de capa original: brochura e encadernação em percalina. Examinamos um exemplar do primeiro tipo na coleção José Mindlin e um do segundo tipo na coleção Bernard de Bonneval. Ambos estão em perfeito estado, tendo o primeiro recebido ainda uma encadernação externa para fins de proteção, em marroquim pleno, verde, com cinco nervuras, guardando intacta a capa original. A descrição de revestimento da 1ª edição é feita com base nesses dois exemplares.

2 O que não poderia ser menos alusivo ao texto.

3 Francisco Venâncio Filho, op. cit., p. 75.

UNIFORMIZAÇÃO GRÁFICA

1 Antônio Houaiss, Elementos de bibliologia. Rio de Janeiro: inl / mec, 1967, v. ii, pp. 117 ss.

2 Só há dois pontos após o ponto de exclamação; o deslocamento dos dois tis será corrigido na 2ª edição.

3 Não é erro: o rumo de sudoeste pode ser abreviado ou s.o. ou s.w., segundo a mesma fonte.

A EMENDATIO EUCLIDIANA

1 Edith Pimentel Pinto, O português do Brasil. Rio de Janeiro: ltc / Edusp, 1978.

2 José Veríssimo, Estudos de literatura brasileira, 5ª série. Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia / Edusp, 1977, p. 45. O artigo foi publicado em 03/12/1902, no Correio da Manhã.

Euclides respondeu, acatando essas e outras reprimendas, mas rejeitando as referentes a termos técnicos, em carta datada de Lorena, 03/12/1902.

VARIANTES

1 Foi mantida a ortografia original. [N. E.]

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional
Abram Szajman
Diretor Regional
Danilo Santos de Miranda

Conselho Editorial
Ivan Giannini
Joel Naimayer Padula
Luiz Deoclécio Massaro Galina
Sérgio José Battistelli

Edições Sesc São Paulo
Gerente Marcos Lepiscopo
Gerente adjunta Isabel M. M. Alexandre
Coordenação editorial Cristianne Lameirinha, Clívia Ramiro, Francis Manzoni
Produção editorial Ana Cristina Pinho
Coordenação gráfica Katia Verissimo
Produção gráfica Fabio Pinotti
Coordenação de comunicação Bruna Zarnoviec Daniel

Rua Cantagalo, 74 – 13º/14º andar
03319-000 – São Paulo SP Brasil
[11] 2227-6500
edicoes@edicoes.sescsp.org.br
sescsp.org.br/edicoes
/edicoessescsp

Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Cunha, Euclides da [1866-1909]
Os sertões: Euclides da Cunha
Edição crítica e organização: Walnice Nogueira Galvão
Fortuna crítica: Vários autores; Fotos: Flávio de Barros
São Paulo: Ubu Editora / Edições Sesc São Paulo, 2016

ISBN 978-85-7126-000-9

1. Literatura brasileira: crítica I. Galvão, Walnice Nogueira
II. Título.

CDD 869.4

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira: crítica 869.4

UBU EDITORA
Largo do Arouche 161 sobreloja 2
01219-011 São Paulo SP
[11] 3331 2275
ubueditora.com.br
ubu@ubueditora.com.br

NOTAS

1 Em. Liais. [Salvo indicação contrária, todas as notas da presente edição são do autor.]

2 Veja-se a bela indução de Tyndall.

3 *Verde* e *magrém*, termos com que os matutos denominam as quadras chuvosas e as secas.

4 Carta de Pedro Barbosa Leal ao conde de Sabugosa.

5 "... é digno de mencionar-se o forte declive para o mar que existe nos terrenos do sertão, onde correm os seus rios... Logo que cai uma chuva nesses pedregosos tabuleiros, de rara vegetação, as águas seguem incontinente pelos sulcos ou regos, produzindo verdadeiras avalanches que tudo destroem em sua paisagem..." I. Joffily, *Notas sobre a Paraíba*.

6 Respectivamente, produtos do negro e do branco; do branco e do tupi (*cari-boc*, que procede do branco); do tupi e do negro.

Abrange-os, como termo genérico, embora de preferência aplicado ao segundo, a palavra *mameluco* ou melhor *mamaluco*. *Mamâ-ruca*, tirado da mistura. De *mamâ* – misturar – *ruca* – tirar.

7 Dr. João Severiano da Fonseca, *Viagem ao redor do Brasil*.

8 Draenert, *O clima do Brasil*.

9 *Corografia brasílica*, p. 195.

10 João Francisco Lisboa.

11 Diogo de Campos Moreno, *Livro que dá razão do Estado do Brasil*.

12 João Ribeiro, *História do Brasil*.

13 Carta do coronel Pedro Barbosa Leal ao conde de Sabugosa, 1725. Veja-se F. A. Pereira da Costa, *Em prol da integridade do território de Pernambuco*, e Pedro Taques, *Nobiliarquia paulistana*.

14 Todos os animais buscam com sofreguidão esses lugares, não só mamíferos como aves e reptis.

O gado lambe o chão atolando-se nas poças, bebe com delícia aquela água e come o barro. *Escragnolle Taunay*.

Tratando dos lugares a montante da barra do rio Grande, diz Aires de Casal: "Há várias lagoas peguenas em maior ou menor distância do rio, todas de água mais ou menos salobra, em cujas margens o calor do sol faz aparecer sal como geada".

A água destas lagoas (e mesmo a doce) filtrada por uma porção da terra adjacente em cochos de pau ou de couro finamente furados e exposta em tabuleiros ao tempo em oito dias cristaliza ficando sal alvo como marinho.

Quase todo esse sal sobe para o centro de Minas Gerais. *Corografia brasílica*, ii, p. 169.

15 João Ribeiro.

16 *Nobiliarquia paulistana*.

17 Dr. João Mendes de Almeida, *Notas genealógicas*, p. 258.

18 Diz o professor Orville Derby: "Conforme Antonil as descobertas na região de Caeté foram anteriores às do rio das Velhas ou de Sabará e neste caso é de presumir que foram feitas por mineiros de Ouro Preto – passando para o oeste das cabeceiras

do Santa Bárbara, ou talvez, por baianos vindos do norte. A importância que tiveram certos baianos nos acontecimentos de 1709 e a referência de Antonil ao capitão Luís do Couto, que da Bahia foi para esta paragem com três irmãos 'grandes mineiros' favorecem esta última hipótese", etc. *Os primeiros descobrimentos de ouro em Minas Gerais*.

19 *Quilombola*, negro foragido nos quilombos. *Canhembora* (*cãnybora*), índio fugido.

É singular a identidade da forma, significação e som destas palavras que surgindo, a primeira na África e a segunda no Brasil, destinam-se a caracterizar a mesma desdita de duas raças de origens tão afastadas!

20 José Freire de Monteiro Mascarenhas, *Os orizes conquistados*.

21 Livro 3º, pat. gov. fl. 272.

22 Segundo Couto de Magalhães, decompõe-se este belo vocábulo em *ara*, dia, e *echá*, ver, avistar. *Araxá* – lugar de onde se avista primeiro o Sol; por extensão, terras altas dos chapadões do interior.

23 Lugar despovoado, estéril.

24 *Tapui-retama*, região do Tapuia.

25 Teodoro Sampaio, *Da expansão da língua tupi e do seu predomínio na geografia nacional*.

26 Pastagens sem cerca, às vezes muito afastadas dos sítios. Têm o nome particular de logrador quando, mais próximas, estão em lugares aprazíveis.

27 Subescrevendo as cartas repugna-lhe a fórmula vulgar: *amº e criado*; substitui-a ingenuamente por outra: *seu amigo e vaqueiro F*.

Às vezes noticiando um desastre, um extravio da boiada, é de uma concisão alarmante:

"Patrão e amigo.

Participo-lhe que a sua boiada está no *despotismo*. Somente quatro bois deram o couro às varas. O resto *trovejou no mundo*!"

28 Nome dado ao ferrão alongado, aguilhada.

29 *Aboiar* – cantar à frente do gado; toada pouco variada e triste, serve para guiar e pacificar as reses e sobre estas exercer muita influência quando saudosa e em viagem. Juvenal Galeno, *Lendas e canções populares*.

30 *Estourar*, *arrancar*, ou *arribar* a boiada, são sinônimos do mesmo fato que nos sertões do Norte reproduzem, talvez mais intensas, as *disparadas* dos pampas.

31 *Encamisada* – (ant.) assalto noturno em que as tropas vestiam camisões por disfarce. C. Figueiredo, *Novo dicionário da língua portuguesa*.

32 *Famanaz do desafio* – grande repentista.

Choradinho e *baião* – danças vulgares no Norte.

Despontar o dia – o primeiro gole de qualquer bebida no começo da função.

Destalado, *brabo e corado, bala e onça*, *destabocado* e outros – são termos comuns significando todo o indivíduo forte, hábil, etc.

Serenar na dança – dançar muito vagarosamente, sem fazer barulho com os pés.

Ralhar na viola – tocar ruidosamente com habilidade.

A denominação *teimosa*, dada à cachaça, é de uma filosofia adorável. Nada diz melhor a atração que ela exerce sobre aqueles valentes e o desejo nunca realizado que eles têm, de evitá-la.

33 "Conta-se que no Ceará fizeram esta experiência diante do naturalista George Gardner; mas o sábio fazendo observações meteorológicas, e chegando a um

resultado diferente do atestado pela santa, exclamou em seu português atravessado: *Non! non! Luzia mentiu*...". Sílvio Romero, *Estudo sobre a poesia popular no Brasil*.

34 *A memória sobre o estado da Bahia*, publicação oficial feita em 1893, pormenoriza a fundação de Monte Santo.

Sobre a *Pedra Bonita*, leia-se o livro de Araripe Júnior, *O reino encantado*, onde o acontecimento, brilhantemente romanceado, se desdobra com todos os seus aspectos emocionantes.

35 Coronel João Brígido dos Santos.

36 Manuel Ximenes falando em suas memórias destes dois infelizes, diz que nunca tinham dito mal deles, nem os próprios inimigos, que acusaram a seus filhos; e põe em dúvida mesmo a participação destes nos roubos aludidos.

37 Manuel Ximenes, *Memórias*.

38 Coronel João Brígido, *Crimes célebres do Ceará*. *Os Araújos e Maciéis*.

39 *Folhinha Laemmert*, de 1877.

40 *De jejunio*.

41 *Marc-Aurèle*.

42 Os dizeres destas profecias estavam escritos em grande número de pequenos cadernos encontrados em Canudos.

Os que aí vão foram, lá mesmo, copiados de um deles, pertencente ao secretário do comandante em chefe da campanha.

43 "Quando por ali passamos (no Cumbe, em 1887) achava-se na povoação um célebre *Conselheiro*, sujeito baixo, moreno, acaboclado, de barba e cabelos pretos e crescidos, vestido de camisolão azul, morando sozinho numa desmobiliada casa, onde se apinhavam as beatas e afluíam os presentes com os quais se alimentava...

... O povo costuma afluir em massa aos atos do *Conselheiro*, a cujo aceno cegamente obedece e resistirá ainda mesmo a qualquer ordem legal, por cuja razão os vigários o deixam impunemente *passar por santo* tanto mais quanto ele nada ganha e ao contrário, promove os batizados, casamentos, desobrigas, festas, novenas, tudo mais em que consistem os vastos rendimentos da Igreja." Tenente-coronel Durval Vieira de Aguiar, *Descrições práticas da província da Bahia*.

44 Uma moral excessivamente rígida!...

45 Circular dirigida, em 16 de fevereiro de 1882, ao clero baiano pelo arcebispo D. Luís.

46 Ofício dirigido em novembro de 1886 ao chefe da polícia da Bahia pelo delegado de Itapicuru.

47 Padre V. F. P., vigário de Itu. Informações manuscritas (1898).

48 Barão de Jeremoabo.

49 Montanus ne prenait même pas la peine d'interdire un acte devenu absolument insignifiant, du moment que l'humanité en était à son dernier soir. La porte se trouvait ainsi ouverte à la débauche. – Renan, *Marc-Aurèle*, p. 215.

50 Sílvio Romero, *Estudos sobre a poesia popular no Brasil*. O escritor transcrevia aquelas quadras em 1879, precedendo-as com o seguinte comentário: "Era um missionário a seu jeito. Com tão poucos recursos fanatizou as povoações que visitou, que o tinham por *Santo Antonio Aparecido*". Já em 1879!...

51 Vide relatório de Fr. João Evangelista do Monte Marciano.

52 Conservamos os originais destas quadras cuja ortografia alteramos em parte.

53 Acompanhe-se o *Relatório* de Frei Monte Marciano.

54 Vide *Descrições práticas da província da Bahia* pelo tenente-coronel Durval Vieira de Aguiar.

55 Caetano Pinto de Miranda Montenegro, vindo em 1804 de Cuiabá ao Recife, andando 670 léguas, passou pela barra do Rio Grande, e no relatório que enviou ao visconde de Anadia, diz, referindo-se àqueles lugares que "em nenhuma parte dos domínios portugueses a vida dos homens tem menos segurança". (Liv. 16. *Corr. da Corte*, 1804-1808)

56 "Quem precisa de jagunços no rio São Francisco manda-os contratar nesse grande viveiro. O clavinote com a munição é o preço; o mais arranjam facilmente conforme o valor da impunidade que a influência do patrão oferece." Tenente-coronel Durval, *id*.

57 Derivado de *cangaço*, complexo de armas que trazem os malfeitores. "O assassino foi à feira debaixo do seu *cangaço*, dizem os habitantes do sertão." Franklin Távora, *O Cabeleira*.

58 Mensagem do governador da Bahia ao presidente da República – 1897.

59 Pormenor curioso: a força seguiu a 12, ao anoitecer, para não seguir a 13, dia aziago. E ia combater o fanatismo...

60 *Ficar vário* – diz-se do viajante que perde o rumo na uniformidade das chapadas.

61 *Pombeiro – positivo*, camarada.

62 *Caatanduva*, *cahiva*, mato ruim (*caa*, mato; *ahiva*, mau). Beaurepaire Rohan, *Dicionário de vocábulos brasileiros*.

63 *Terras grandes* – frase vaga com que os matutos designam o litoral que não conhecem. Com ela abrangem o Rio de Janeiro, a Bahia, Roma e Jerusalém – que idealizam próximas umas de outras e muito afastadas do sertão. É o resto do mundo, a civilização inteira, que temem e evitam.

64 Vide a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. As instruções régias de 24 de fevereiro de 1775 ao capitão-general das Minas.

65 Vide tomo 10, e outros, da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.

66 Tenente-coronel Durval de Aguiar, *Descrições práticas*, etc.

67 Dr. Albertazzi, médico da expedição.

68 Os incidentes desta jornada, devo-os ao depoimento fidedigno do dr. Albertazzi.

69 Dr. Edgar Henrique Albertazzi.

70 Espécie de palanque sobre o qual se espera a caça.

71 Coronel da Guarda Nacional, José Américo C. de Souza Velho, dono dos sítios de "Caimbê" e "Olhos d'Água". Foi quem aconselhou a estrada à expedição.

72 Dr. Fortunato Raimundo de Oliveira.

73 *Gazeta de Notícias*.

74 O *País*.

75 O *Estado de S. Paulo*.

76 *Jornal do Brasil*.

77 *Ju-etê* – espinho grande – por extensão: espinheiral, grande espinheiro.

78 Tenente-coronel Siqueira de Meneses. Artigos publicados em O *País*, com o pseudônimo *Hoche*.

79 Ordem do dia nº 118.

80 Ordem do dia do general Savaget.

81 Emídio Dantas Barreto, *Última Expedição a Canudos*. Porto Alegre: Franco e

Irmãos Editores, 1898. Revisto, ampliado e republicado em 1912 sob o título *Destruição de Canudos*.

82 Emídio Dantas Barreto, op. cit.

83 *La Nación*, Buenos Aires, 30 de julho.

84 "Quartel-general do comando em chefe – Campo de combate em Canudos, 17 de agosto de 1897 – Ordem do dia nº 102 – Reorganização das forças em operações no interior do estado.

Nesta data passa a ter a seguinte organização a força do meu comando: 14º batalhão de infantaria sob o comando do capitão do 32º Antonio da Silva Paraguaçu; 22º sob o comando do major do mesmo corpo Lídio Porto; 24º sob o comando do major do mesmo corpo Henrique José de Magalhães; 38º sob o comando do capitão do mesmo corpo Afonso Pinto de Oliveira, todos da arma de infantaria, constituindo a 1ª brigada, sob o comando do coronel do 14º Joaquim Manuel de Medeiros; 15º sob o comando do capitão do 38º José Xavier de Figueiredo Brito; 16º sob o comando do capitão do 24º Napoleão Felipe Aché; 27º sob o comando do capitão do 24º Tito Pedro Escobar; 33º sob o comando do capitão José Soares de Melo, constituindo a 2ª brigada, sob o comando do coronel do 27º Inácio Henrique de Gouveia; 5º comando pelo capitão Leopoldo Barros e Vasconcelos, do mesmo corpo; 7º sob o comando do capitão do mesmo corpo Alberto Gavião Pereira Pinto; 25º sob o comando do major Henrique Severiano da Silva; 34º comandado pelo capitão Pedro de Barros Falcão, constituindo a 3ª brigada, sob o comando do tenente-coronel do 25º Emídio Dantas Barreto; 5º regimento de artilharia, comandado pelo capitão do mesmo João Carlos Pereira Ibiapina; bateria do 2º regimento sob o comando do 1º tenente do 5º batalhão de posição Afrodísio Borba e bateria de tiro rápido comandada pelo capitão do 1º de posição Antonio Afonso de Carvalho, constituindo a brigada de artilharia, sob o comando do coronel do 5º regimento Antonio Olímpio da Silveira, cujas brigadas ficam fazendo parte da 1ª Coluna, sob o comando do general de brigada João da Silva Barbosa; 9º batalhão de infantaria, sob o comando do capitão do 31º José Lauriano da Costa; 26º do comando do capitão do 40º Francisco de Moura da Costa; 32º sob o comando do major do mesmo corpo Florismundo Colatino dos Reis Araújo Góis; 35º comandado pelo capitão Fortunato de Sena Dias, constituindo a 4ª brigada, do comando do coronel do 32º Donaciano de Araújo Pantoja; 12º de infantaria do comando do capitão do 31º Joaquim Gomes da Silva; 30º comandado pelo capitão Altino Dias Ribeiro; 31º sob o comando do major do mesmo corpo João Pacheco de Assis; 40º sob o comando do major Manuel Nonato Neves de Seixas, constituindo a 5ª brigada do comando do tenente-coronel do 30º Antonio Tupi Ferreira Caldas, as quais formarão a 2ª Coluna sob o comando interino do coronel Joaquim Manuel de Medeiros, passando a comandar interinamente a 1ª brigada o major do 16º Aristides Rodrigues Vaz.

O contingente de cavalaria, comandado pelo alferes do 1º de cavalaria João Batista Pires de Almeida, fará parte da 1ª brigada e à disposição deste comando com o contingente de engenharia e o 5º corpo de polícia – *Artur Oscar de Andrade Guimarães*, general de brigada."

85 4º, 5º, 7º, 9º, 12º, 14º, 15º, 16º, 22º, 23º, 24º, 25º, 26º, 27º, 28º, 29º, 30º, 31º, 32º, 33º, 34º, 35º, 37º, 38º, 40º de linha; 5º da Bahia; 1 de São Paulo; 2 do Pará; 1 do Amazonas. Ao todo 30.

Adite-se: 5º regimento de artilharia; bateria do 2º regimento da mesma arma; uma bateria de tiro rápido; um esquadrão de cavalaria; o 4º corpo de polícia baiana e o

batalhão patriótico “Moreira César”, dos comboios.

86 “Quartel-general do comando da 1ª Coluna. – Canudos, 6 de setembro de 1897. Ordem do dia nº 13.

Para conhecimento das forças sob o meu comando publico o seguinte:

Determinado hoje aos comandantes das bocas de fogo que bombardeassem as torres da igreja nova, pontos escolhidos pelo inimigo para nos tirotear com mais eficácia, fazendo-nos muitas baixas por mortes e ferimentos e resguardados de nossas pontarias, tive a satisfação de ver em seis horas consecutivas despenharem-se as torres, devido aos certeiros tiros dirigidos pelos 2º tenentes Manuel Félix de Menezes, Frutuoso e alferes H. Duque Estrada Macedo Soares, se bem se achasse com parte de doente o primeiro.>

Louvo portanto esses bravos oficiais, que ainda mais uma vez deram prova de sua perícia na direção dos canhões que comandam, acrescendo mais ter-se o 2º tenente Manuel Félix apresentado pronto, estando com parte de doente, entusiasmado com o efeito que produziu não só este como a todo o exército, que observava com interesse o efeito de artilharia, prorrompendo nessa ocasião a linha de segurança e forças em apoio no acampamento entusiástica e violenta vaia na jagunçada, e ter sido esse oficial o primeiro a iniciar o bombardeio e o último a atirar sobre a torre da direita, tendo o alferes Duque Estrada disparado o último sobre a da esquerda, conseguindo derribá-la” etc.

87 Segundo os mapas dos batalhões havia, no dia 30 de setembro, 5 871 homens sob as armas.

88 Estas notas, esboçadas durante o dia no acampamento e completadas à noite, no alto da Favela – têm o valor da própria incorreção derivada do tumulto em que se traçaram.

89 A extravagante denominação é textual. Devem recordar-se dela todos os que assistiram à interessante conferência. Ademais no que aí vai escrito só se altera a prosódia do sertanejo refratário aos rr, ll, etc. A reprodução do diálogo é integral.

90 Um traço do falar energético dos sertões, este sistema de negativa.

91 Trecho da parte de combate, do comandante da 1ª Coluna: “... pelo que ordenei que se retirasse daquela cova com todo o cuidado, o defunto, e o levassem para a praça e assim se poder melhor verificar a identidade de pessoa: tendo-se reconhecido ser o do famigerado e bárbaro Antonio Vicente Mendes Maciel (vulgo *Bom Jesus Conselheiro*), como consta da ata lavrada; mandei-o fotografar para terem certeza de ser ele, aqueles que o conheceram”.

92 Nesta edição, p. 29. [n. e.]

93 *Revista do Centro de Letras e Artes*, de Campinas, nº 2, de 31 de janeiro de 1903.

94 Nesta edição, p. 51. [n. e.]

95 Id., p. 62. [n. e.]

96 *Correio da Manhã*, de 3 de fevereiro de 1903.

97 Nesta edição, p. 79. [n. e.]

98 Id., p. 536. [n. e.]

99 Id., p. 110. [n. e.]

100 Id., p. 113. [n. e.]

101 Id., p. 192. [n. e.]

102 Id., p. 217. [n. e.]

103 *Revista do Centro de Letras e Artes*.

104 Nesta edição, p. 275. [n. e.]
105 Id., p. 11. [n. e.]

---

1 Olímpio de Souza Andrade, Caderneta de Campo. Rio de Janeiro: Cultrix, 1975.

2 Cícero Antônio F. de Almeida, "O sertão pacificado ou o trabalho de Flávio de Barros no front". *Cadernos de Literatura Brasileira – Euclides da Cunha*, vol. ii, *Cadernos de Fotografia Brasileira – Canudos*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2002.

---

1 *Juízos críticos: Os sertões – Campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1904. *Juízos críticos – Os sertões e os olhares de sua época*, José Leonardo do Nascimento e Valentim Facioli (orgs.), ed. revista e aumentada. São Paulo / Campinas: Nankin / Unesp, 2003.

2 Manuel Pedro das Dores Bombinho, *Canudos, história em versos*, Marco Antonio Villa (org.). São Carlos: Hedra / Edufscar, 2002.

3 Euclides da Cunha, *Poesia reunida*, Leopoldo M. Bernucci e Francisco Foot Hardmann (orgs.). São Paulo: Unesp, 2009.

4 *Índice remissivo – Documentação histórica sobre Canudos*. Bahia: Centro de Estudos Euclides da Cunha, Uneb, 1996.

5 Renato Ferraz, José Carlos da Costa Pinheiro e Manoel Neto, *Cartilha histórica de Canudos*. Salvador / Canudos: Uneb / Prefeitura de Canudos, 1986.

6 Edivaldo M. Boaventura, "Parque Estadual de Canudos: criação e evolução", *Revista Canudos*, ano 1, n. 1. Bahia: Centro de Estudos Euclides da Cunha, Uneb, dez. de 1996.

7 "No por azar várias de las obras que registran la protesta rural fueran escritas por militares o escritores vinculados al ejército. La explicación es obvia: quien llevó a cabo la represión em todo el continente fué el ejército, ya porque ejerciera directamente el poder ejecutivo (caso de Mexico, Uruguay, Colombia), ya porque fuera el sósten principal de los gobiernos civiles (caso de Argentina y Brasil). Em cualquiera de los casos, quien llevó adelante el proyecto modernizador y pude hacerlo viable fue el ejército, lo que es posible razonar de otro modo: solo la fuerza represiva de que disponia el ejército era capaz de imponer el modelo modernizador, ya que implicaba uma reestructuración económica y social que castigaria ingentes poblaciones rurales, forzandolas a uma rebelión desesperada". Angel Rama, *La crítica de la cultura en América Latina*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985, p. 354.

8 Armando Souto Maior, *Quebra-Quilos – Lutas sociais no outono do Império*. São Paulo: Companhia Editora Nacional / mec, 1978; José Calasans, *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1950 (reed., 2002).

9 Georg Lukács, "Narrar ou descrever", *Ensaios sobre literatura*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1965. Ver também três ensaios de Antonio Candido sobre o naturalismo, publicados anteriormente em revistas e recolhidos em livro: "Degradação do espaço", "O mundo-provérbio" e "De cortiço a cortiço", em *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

10 Mikhail Bakhtin, *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981. Id., *The dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press, 1981.

11 Northrop Frye, *Anatomia da crítica*. São Paulo: Cultrix, 1973. Id., *The Great Code*. Toronto: Penguin, 1990 (1ª ed., 1982); Id., *Words with power*. Toronto: Penguin, 1992

(1ª ed., 1990); Robert Alter, *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

12 E. Staiger, *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

13 Augusto Meyer, *Preto no branco*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

14 Northrop Frye, *Anatomia da crítica*, op. cit.

15 Luciano Diniz Borges, *O jardim de Euclides*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 1982.

16 Virgílio, *Eneida*, trad. Odorico Mendes. São Paulo: Atena. Canto ii, vs. 6-7. A citação completa é:

"– Mandas-me, ó rainha, / Renove a dor infanda: o como os Dânaos / D'Ilio a pujança e o reino lamentável / Derrocaram: misérias que eu vi mesmo / E em que fui grande parte. Ao relatá-las / Dolope ou Mirmidon, de Ulisses duro / Há soldado que as lágrimas estanque?" (vs. 3-9)

17 Northrop Frye, op. cit., Ver Chantraine, *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*, verbete *me¯nis*: "Sans de colére durable, justifiée par un désir de vengeance légitime, dit surtout des dieux, des héros morts, mais aussi d'humains, parents ou suppliants".

18 Apocalipse 1, 10-11 e 10, 8-11.

19 Antonio Dimas, *Tempos eufóricos* (Análise de *Kosmos*: 1904-1909). São Paulo: Ática, 1983; Flora Süssekind, *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986; Id., *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; Jeffrey D. Needell, *A* belle époque *tropical*.São Paulo: Companhia das Letras, 1993; Nicolau Sevcenko, *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1983; Vários autores, *Sobre o pré-modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

20 Expressão utilizada por Paulo Emílio Salles Gomes para caracterizar o sentido compensatório do subdesenvolvimento atribuído no Brasil a certos feitos. Ver, de sua autoria, *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 38.

21 Francisco Venâncio Filho, "Coisas velhas", *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*, 15/08/1918.

22 Afrânio Coutinho, "*Os sertões*, obra de ficção", *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 12/10/1952.

23 Eugênio Gomes, "À margem de *Os sertões*", *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 08/08/1953.

24 Id., ibid., 25/07/1953.

25 Henrique Duque Estrada de Macedo Soares, *A guerra de Canudos*. Rio de Janeiro: Tipografia Altina, 1902, pp. 9-18

26 Eugênio Gomes, "À margem de *Os sertões*", op. cit., 08/08/1953.

27 Wilson Lins, *O médio S. Francisco*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1960, p. 85.

28 Ver também: Walfrido Moraes, *Jagunços e heróis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

29 Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Cia. Distribuidora de Livros, 1960, p.693.

30 Euclides da Cunha, *Os sertões*, 13ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves,

1936.
31 Euclides da Cunha, *Canudos* (*Diário de uma Expedição*). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939, p. 172.
32 Aristides A. Milton, *A campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902; J. da Costa Palmeira, *A campanha do Conselheiro*. Rio de Janeiro: Calvino Filho Editora, 1934, pp. 17-20.
33 Ver a excelente documentação reunida por Walnice Nogueira Galvão, *No calor da hora*. São Paulo: Ática, 1974.
34 Manoel Benício, *O rei dos jagunços* (*crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos*). Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1899.
35 Lourenço Filho, *Joaseiro do Padre Cícero*. São Paulo: Melhoramentos, s.d.; Leonardo Motta, *Cantadores*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1961, pp. 98-105; 157-81.
36 Euclides da Cunha, *Os sertões*. São Paulo: Cultrix, 1973, p. 140.
37 Id., pp. 141-44.
38 Id., p. 150.
39 Maria Isaura Pereira de Queiroz, *O mandonismo local na vida política brasileira*. São Paulo: ieb, 1969, p. 207.
40 Euclides da Cunha, op. cit., p. 146.
41 Maria Isaura Pereira de Queiroz, op. cit., p. 208.
42 Id., p. 210.
43 Abelardo Montenegro, *Fanáticos e cangaceiros*. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1973, p. 133.
44 Id., ibid.
45 Maria Isaura Pereira de Queiroz, op. cit., p. 210.
46 Abelardo Montenegro, op. cit., pp. 132 e 136; Euclides da Cunha, op. cit., pp. 135 e 156.
47 Abelardo Montenegro, op. cit., p. 137.
48 Euclides da Cunha, op. cit., pp. 156-59
49 Id., ibid., p. 147; Maria Isaura Pereira de Queiroz, op. cit., pp.216-17.
50 *Gabinete Arquiepiscopal. Correspondência das Repartições Públicas*, xvi (*1874-1880*). Também *Correspondência do Arcebispado* (*1874-1877*).
51 Euclides da Cunha, *Os sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 7ª ed., 1923, p. 164.
52 Sílvio Romero, *Estudos sobre a poesia popular no Brasil*. Rio de Janeiro / São Paulo: Livraria Clássica de Alves Cia., 2ª ed. aum., 1897, p. vii.
53 Sílvio Romero, *Cantos populares do Brasil*. Rio de Janeiro / São Paulo: Livraria Clássica de Alves Cia., 2ª ed. aum., 1897, p. vii.
54 Manoel Benício, *O rei dos jagunços*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comércio, 1899. pp. 44-46.
55 É neste sentido que entendo a reflexão de Mandelshtam: "Como um imenso olho ciclópico, a capacidade cognitiva do século xix voltava-se para o passado e para o futuro. Nada exceto a vista, vazia e vazia, com a única paixão de devorar qualquer objeto, qualquer época. [...] A essência da atividade cognitiva do século xix é a projeção" (Mandelshtam, 1922, p. 641).
56 *Os sertões* (1902), p. 86 [p. 11 deste volume].
57 Walnice Nogueira Galvão, *Sacos de gatos*: ensaios críticos. São Paulo: Duas

Cidades, 1976.

58 *Os sertões* (1902), pp. 232-39 [pp. 174 e 180 deste volume].

59 Ataliba Nogueira, *Antonio Conselheiro e Canudos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

60 José Luiz Fiorin, *A ilusão da liberdade discursiva – Uma análise das prédicas de Antonio Conselheiro* (Dissertação de mestrado [polic.], usp, 1980); Id."O discurso de Antonio Conselheiro", *Religião e sociedade*, nº 5, jun 1980); em F. Benjamin de Souza Netto, "Antonio Conselheiro e Canudos: resenha bibliográfica" Simpósio, Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos. São Paulo, nº 13, *ago 1975*; Id. Duglas Teixeira Monteiro, "Um confronto entre Canudos, Juazeiro e Contestado", neste volume, p. 655.

61 O cotejo entre a *Missão abreviada* e os sermões do Conselheiro foi feito por José Calasans em "Canudos não euclidiano", neste volume p. 663, e por José Luiz Fiorin nos dois trabalhos citados.

62 Oliveira Martins, *História de Portugal*. Lisboa: Guimarães, 1991, 20ª ed.; João Lúcio de Azevedo, *A evolução do sebastianismo*. Lisboa: Livraria clássica, 1947; Antonio Sérgio, "Por uma interpretação não-romântica do sebastianismo", *Ensaios*, tomo i, Coimbra: Atlântida, 1949, 2ª ed.; Eduardo Lourenço, *Mitologia da saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999; Jacqueline Hermann, *No reino do desejado – Contribuição ao estudo do sebastianismo português*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

63 Maria Isaura Pereira de Queiroz, *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus / Edusp, 1965.

64 Duglas Teixeira Monteiro, *Os errantes do novo século*, op. cit.

65 Sobre a ideia de "ínterim atemporal" ver Duglas Teixeira Monteiro, "Um confronto entre Canudos, Juazeiro e Contestado", neste volume p. 655.

66 Sobre os versos populares sebastianistas ver José Calasans, *O ciclo folclórico do Bom Jesus Conselheiro*. Bahia: Tip. Beneditina, 1950; "abc de Canudos". Salvador: Cadernos Antonio Vianna, Comissão Baiana de Folclore, 1969; "A Guerra de Canudos na poesia popular". Salvador: Centro de Estudos Baianos, ufba, Reedições 1 – nº 14, 1989.

67 A referência ao Anticristo e ao fim do mundo na *Missão abreviada* está nos trabalhos de José Calasans, citados anteriormente.

68 José Calasans, "Canudos não euclidiano", neste volume p. 663.

69 Sobre as renominações do Conselheiro ver José Calasans, *O ciclo folclórico de Bom Jesus Conselheiro*, op. cit.

70 Eldon Canário, "Festejos de Santo Antonio, o padroeiro de Canudos", *Revista Canudos*, Centro de Estudos Euclydes da Cunha, Uneb, ano 1, nº 1, dez. 1996; Equipe Pastoral de Canudos, "Festejos de Santo Antonio em Canudos", ibid.

71 José Calasans, "Aparecimento e prisão de um messias", in Cartografia de Canudos. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia / Conselho Estadual de Cultura, 1997.

72 Euclides da Cunha, *Diário de uma expedição*. Walnice Nogueira Galvão (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2000; e Benedito T. Cordeiro, "Canudos – Limiar do inferno". *Revista do Clube Militar*. Rio de Janeiro, nº 147 e 148, 1957 e 1958.

73 Constantino Nery, A. 4ª expedição contra Canudos. Pará: Tip. Pinto Barbosa, 1898.

74 Nina Rodrigues, "A loucura epidêmica de Canudos – Antonio Conselheiro e os

jagunços". *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, 1897.
75 Página 535 deste volume.